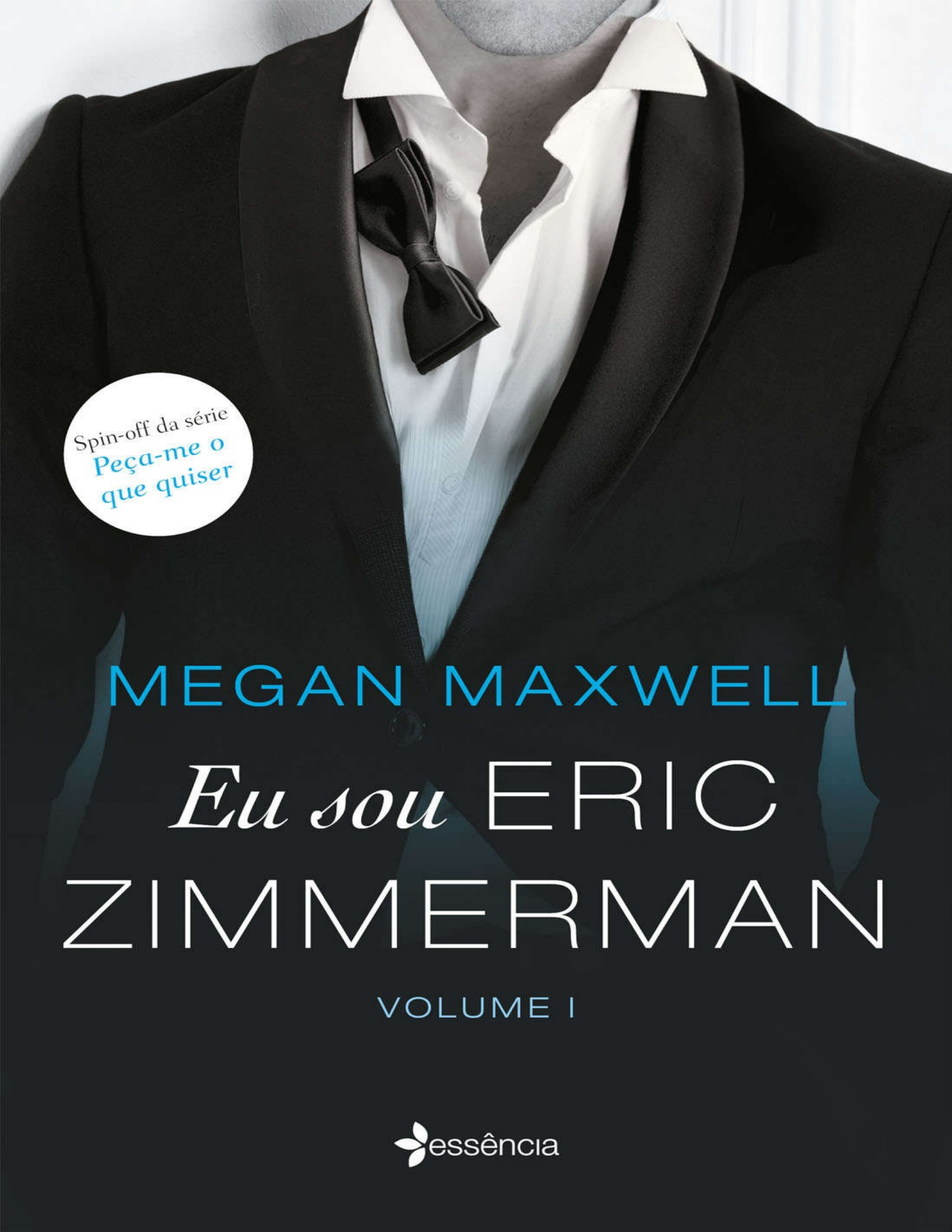


MEGAN MAXWELL

Eu sou ERIC ZIMMERMAN

VOLUME I

essência

Eu sou ERIC ZIMMERMAN

MEGAN MAXWELL

Eu sou ERIC ZIMMERMAN

VOLUME I

Tradução
Sandra Martha Dolinsky

essência

Copyright © Megan Maxwell, 2017
Copyright © Editorial Planeta, S.A., 2018
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018
Todos os direitos reservados.

Título original: *Yo Soy Eric Zimmerman*

Preparação: Roberta Pantoja

Revisão: Andréa Bruno

Diagramação: departamento de criação da Editora Planeta do Brasil

Capa: adaptação do projeto original de Jorge Cano

Imagens de capa: Freya photographer / Shutterstock

Adaptação para eBook: Hondana

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Star Books Digital

Maxwell, Megan

Eu sou Eric Zimmerman / Megan Maxwell; tradução de tradução de Sandra Martha Dolinsky. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

ISBN: 978-85-422-1278-1987
Título original: Yo soy Eric Zimmerman

1. Literatura espanhola 2. Literatura erótica I. Título II. Dolinsky, Sandra Martha

18-0327 CDD 863

Os personagens, eventos e acontecimentos apresentados nesta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

2018
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar
Ed. Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

A Esther, amiga e editora, uma pequena fada-madrinha loura que realiza desejos. Obrigada por surgir em minha vida, porque, sem você, não teriam sido possíveis muitas das coisas maravilhosas que estão acontecendo comigo. E, claro, a minhas Guerreiras e Guerreiros, que sabem tão bem quanto eu que o amor não há de ser perfeito, e sim verdadeiro, e que amar não é só querer mas também compreender. Espero que se apaixonem por Eric!

MEGAN

1

Louras…

Morenas…

Ruivas…

Altas…

Baixas…

Magras…

Cheinhas…

Todas… Gosto de todas as mulheres sexualmente ativas. Adoro seus corpos, suas curvas e seu jeito de curtir o sexo e enlouqueço quando se entregam completamente a meus desejos.

Enquanto tomo um drinque no Sensations, um bar de Munique que frequento com regularidade e que tem um ambiente bem liberal, noto que todas me observam.

Sou um macho alfa!

Todas querem que eu as deixe nuas.

Todas me desejam entre suas coxas. Todas morrem de vontade de ser escolhidas esta noite.

Os clientes assíduos do Sensations sabem muito bem por que estão ali. Gostam de sexo ardente, inflamado e cheio de tesão e querem curti-lo de mil maneiras. E eu sou um deles.

A minha direita, falando com algumas pessoas, está a linda mulher com quem me diverti há duas noites. Não lembro seu nome… mas e daí?

A poucos metros, a minha esquerda, vejo uma amiga de Björn, uma mulher fogosa, disposta a tudo, com quem passamos muitos bons momentos. Também não lembro como se chama.

Nossos olhares se cruzam, e sorrimos. Sem dúvida, ambos somos predadores sexuais e nos reconhecemos com um simples olhar.

Mas minha noite acaba quando vejo Rebeca, minha ex, aparecer.

Caralho!

Peguei essa vadia maldita na cama com meu pai meses antes de ele falecer e, embora no começo a baixaria dos dois tenha doído, reconheço que sem Rebeca – a quem eu chamo de Betta – estou melhor.

Quanto a meu pai, prefiro não pensar nele. O que ele fez foi errado. Betta estava comigo, ele não respeitou isso, e, se nossa relação já era ruim, a partir daquele momento passou a ser nula. E a morte dele nem sequer me afetou. Ele nunca se comportou como um pai, e não se pode sentir falta do que nunca se teve.

Assim que me vê, Betta caminha em minha direção. Caralho!

Ela se aproxima com seu acompanhante e nos cumprimentamos com frieza.

Instantes depois, quando o homem que está com ela se afasta para conversar com uns conhecidos, Betta me olha e murmura:

— Por Deus, Eric, desemburra.

Eu lhe dirijo um olhar de recriminação; sua presença me incomoda.

— Não fale comigo — sibilo.

— Mas, Eric…

— Afaste-se de mim — interrompo. — Como tenho que dizer isso?

Rebeca me desafia com o olhar; eu a conheço, ela é capaz de deixar nervosa até a mais tranquila das pessoas.

— Achei que talvez você quisesse brincar comigo esta noite — diz ela, então.

Eu a observo boquiaberto. Depois do que ela e meu pai fizeram, não encosto a mão nessa daí nem com uma vara.

— Não — respondo simplesmente.

— Você sempre gostou de me oferecer… — insiste.

Bufo. Esse tempo já passou. Tomo um gole da minha bebida e, então, digo com secura:

— Só de pensar me dá nojo.

Ela afasta o cabelo do rosto, mexe o pescoço de maneira sedutora e murmura:

— Eric…

— Betta, chega!

— Eric… você e eu… Sexo ardente e sujo, se quiser…

Enojado, praguejo em pensamentos e balanço a cabeça, enquanto a fito com severidade.

— Nunca mais na vida tocarei em você.

A seguir, quando por fim ela se dá conta de que não vai atingir seu objetivo,

dá meia-volta e se afasta.

Mal-humorado, olho em volta e observo as mulheres no salão. Deleito-me contemplando seus corpos, mas, então, meus olhos se dirigem ao lugar onde está Betta e vejo uma mulher passar a mão delicadamente na perna de minha ex até se perder debaixo da saia.

Rebeca me olha, busca uma cumplicidade que em outros tempos existiu, mas que ela nunca recuperará e, quando morde o lábio inferior, sei que é porque os dedos da mulher alcançaram seu sexo e brincam com ele. Eu a conheço bem, e suas expressões são como um livro aberto para mim.

Paro de observá-la, não me interessa, e encontro o olhar de uma mulher que está no fundo do salão. Peitos grandes, bumbum avantajado, rosto bonito e, sem dúvida, vontade de se divertir. Fixo o olhar nela e a convido a se aproximar. Se tem algo que sei é que não sou desses que vão atrás das mulheres. Eu escolho. Seleciono. Tenho a sorte de poder fazer isso.

Estou bebendo quando a mulher de peitos grandes se aproxima do balcão e se apresenta:

— Meu nome é Klara.

Meus olhos percorrem seu corpo; seus mamilos estão durinhos.

— Eric — cumprimento-a.

Iniciamos uma conversa sem sentido sobre o lugar, e, de repente, ela pega minha mão e a coloca sobre seu decote tentador. Sorrio, enfio a mão por baixo do vestido, acaricio seus seios e sinto seus mamilos duros e prontos para mim.

Sem dizer nada, pego sua mão e nos dirigimos a um quarto coletivo.

Quando entramos, há pessoas fazendo sexo de mil maneiras diferentes. Prazer, tesão, suspiros… É o *quarto express*, um lugar para satisfazer desejos sem precisar tirar a roupa.

A minha direita vejo duas mulheres e um homem em poltronas e, a minha esquerda, dois homens. Avisto uma poltrona livre, sigo até ela e, depois que a mulher se senta, não digo nada, e ela abre o zíper de minha calça.

Depois de lavar meu pênis com água, sinto-a envolvê-lo com sua boca úmida e quente antes de começar a chupá-lo e sugá-lo.

Que prazer… é completamente inebriante!

Seguro sua cabeça com as mãos, fecho os olhos e curto. Só curto.

O prazer que me proporciona é intenso; sem dúvida, ela sabe muito bem o que faz.

Bem… gosto de mulheres experientes.

Estou aproveitando a chupada incrível quando nossos olhos se encontram e decido que quero mais. Sem dizer nada, eu a levanto e a viro. A seguir, ergo seu vestido, abaixo sua calcinha, lavo seu sexo e, depois de pôr depressa um

preservativo, penetro nela com força, decidido, e os pelos de meu corpo se arrepiam.

Curtimos…

Arfamos…

A coisa de que mais gosto no mundo é transar, e, no momento em que meu corpo e o dela estremecem e ambos gritamos ao chegar ao clímax, sei que lhe proporcionei o mesmo prazer que ela a mim.

Quando terminamos, sem palavras nem beijos, lavamo-nos e saímos do quarto. Nós nos despedimos com uma piscadinha, ela volta para o fundo do salão e eu para o balcão. Estou morrendo de sede.

Estou pensando em meus problemas quando ouço:

— A noite parece animada.

Ao levantar o olhar encontro Björn, meu melhor amigo. É um homem como eu, solteiro e sem compromisso, que frequenta o Sensations para curtir o sexo puro e simples.

Cumprimentamo-nos e Björn pede uma bebida ao garçom. Apoia os cotovelos no balcão e, a seguir, diz, dirigindo-se a mim:

— Hoje recebi as HQS de colecionador do Capitão América, aquelas que disputei naquele leilão que Dexter me indicou e que ganhei.

Ao ouvir isso, sorrio. Björn é fanático por HQS e discos de vinil antigos.

— São as que você estava esperando do México? — pergunto.

Ele assente, então ergo o copo e brindo com ele:

— Parabéns, amigo!

Ele sorri, toma um gole da bebida, assim como eu, e pergunta:

— Algo interessante esta noite?

Olho para ele e digo, baixando a voz:

— Betta está aqui…

— Que horror! — diz ele, fazendo-me rir.

Björn sabe o que aconteceu entre ela e meu pai.

— Foi tudo bem hoje na leitura do testamento? — pergunta ele.

Ao pensar nisso, respondo:

— Não.

Meu amigo me olha. Ninguém me conhece melhor que ele.

— Eric… imagino o que aconteceu, e é normal. Ele era seu pai, e…

— Um pai que vai para a cama com a namorada do filho não é um bom pai — protesto.

Björn assente; entende o que eu digo.

— Não, não é — afirma. — Mas, quanto à Müller…

— Não sei se estou interessado na empresa dele.

— Pois deveria se interessar — insiste ele. — A Müller é sua empresa! Não seja tolo, não deixe que a raiva pelo que aconteceu o faça desperdiçar todos os anos que você trabalhou lá.

Eu sei que ele tem razão, mas replico:

— Não quero ficar falando disso.

Björn assente e não diz mais nada. Depois de alguns segundos, murmuro:

— Hervie veio com uma prima sueca peituda que parece bem ardente. Gerard está com aquelas amigas com quem fomos a Belgrado aquele fim de semana, e Ronald nos convidou para participar de um *gangbang* com a mulher dele.

Vejo-o sorrir, satisfeito com o que acabo de dizer.

— Lembra do meu amigo Sam Kauffman? — pergunta ele.

— Sim.

— Casou.

Ao ouvir isso, suspiro.

— Coitado… meus pêsames.

Ambos sorrimos. Se temos certeza de alguma coisa é de que o casamento não está em nossos planos.

— O caso é que ele está aqui hoje com a mulher — prossegue Björn —, no quarto 3, e ambos querem brincar…

Olho para meu amigo. Não sei como é a mulher de Sam Kauffman.

Ao entender meu olhar, Björn afirma depressa:

— Belos peitos, bumbum grande perfeito que eu experimentei, muito ardente.

Agrada-me ouvir isso. Confio em seu critério.

— Você disse quarto 3? — pergunto.

Ele sorri, assente, e nos dirigimos para lá.

Enquanto atravessamos o Sensations, muitas mulheres e homens nos param e nos cumprimentam. Pode não pegar bem dizer isso, mas Björn e eu somos dois machos alfa e todos querem brincar conosco, e nós, que temos consciência disso, gostamos de escolher.

Assim que atravessamos a cortina que separa o salão dos quartos, estamos diante do número 3. Abro a porta e, quando entro, vejo uma mulher que nunca vi na vida, nua, sobre a cama redonda. Como disse Björn, seus peitos são colossais e ela tem um belo corpo. Então, Sam, seu marido, caminha até nós e, depois de nos cumprimentar, murmura:

— Eu gosto de olhar enquanto comem minha esposa.

Björn e eu observamos a mulher, que, com um sorriso, indica que está de acordo. Sem hesitar, tiramos a roupa em busca de jogos e prazer.

Uma vez nu, vou para a cama e, enquanto Björn se aproxima com seu membro na mão para passá-lo pelo rosto dela, eu a encaro e, tocando-lhe as pernas, exijo:

— Abra.

Excitada, ela faz o que lhe peço.

Passo as mãos por suas pernas; são macias. Ao chegar às coxas, afasto-as de forma decidida e, quando seu sexo úmido fica aberto diante de mim, olho para o marido, que nos observa.

— Lave-a para mim — peço.

Sam joga água na vagina dela e depois a seca com uma toalha branca e limpa. Quando termina, abro as dobras do sexo bonito e quente de sua mulher, deixando seu clitóris exposto e dou algumas lambidas suaves.

Ela enlouquece. A respiração de Sam se acelera e, a partir desse instante, curtimos um jogo ardente e excitante.

Pensando em meu próprio prazer, depois de pôr um preservativo, introduzo minha firme ereção na fenda dela. Ela se mexe sob meu corpo e, quando a fito, seus olhos me pedem que a beije; mas não o faço. Eu não beijo qualquer uma. Se há algo que sei é que gosto de sexo ardente e, às vezes, selvagem. Gosto de dar e receber prazer com mulheres, mas minha boca e meus beijos são algo muito meu, algo excessivamente íntimo e pessoal.

Björn ataca de novo a boca da mulher com seu membro, e o marido dela se masturba vendo o que acontece. Durante alguns minutos cada um busca seu próprio prazer, enquanto ela, totalmente entregue, grita, arfa e se abre para nós.

Prazer…

Tesão…

Diversão…

Aproveito o que está acontecendo, divirto-me, e, quando chego ao clímax e me retiro, o marido rapidamente a lava de novo, querendo que agora Björn ocupe meu lugar e ela volte a gemer enlouquecida.

Quando, minutos depois, meu amigo chega ao orgasmo e sai dela, Sam, satisfeito com a brincadeira, pega um tubo de lubrificante. A seguir, beija sua mulher na boca e, depois de trocar algumas palavras com ela, vira-a na cama e, afastando-lhe as nádegas, passa lubrificante.

Björn e eu ficamos olhando. Dá tesão.

Então, Sam introduz um dedo no ânus dela, depois dois… três, e mais uma vez a mulher arfa quando ele dá um tapinha em seu bumbum redondo.

— Ela está pronta para vocês — sussurra o homem, olhando para mim.

A fim de curtir o manjar que ele me oferece, ponho um novo preservativo, posiciono-me de joelhos atrás dela e, no momento em que o marido separa as

nádegas dela para me dar acesso, coloco meu pênis duro em seu ânus e pouco a pouco a penetro.

Nossa… que delícia!

A mulher grita, se remexe e arfa, satisfeita enquanto eu a seguro e a como.

Uma… duas… três… doze vezes afundo nela e ela curte enquanto eu a possuo. Sentindo sua entrega, dou um tapinha em seu bumbum já vermelho, enquanto seu marido lhe pede, exige, que se entregue a mim por completo.

Ela obedece, e sinto seu corpo amolecer em minhas mãos enquanto a penetro sem parar e Sam olha para nós e sussurra coisas no ouvido dela.

Querendo participar da brincadeira, Björn se enfia embaixo do corpo dela, que está de quatro na cama. Com destreza, meu amigo se coloca em posição e, segundos depois de olhar para mim, a mulher é penetrada anal e vaginalmente por ambos, enquanto o marido se masturba observando-nos.

Nosso jogo é sexo duro, sexo forte, sexo sem medo.

Gostamos de sexo quente e, em particular, depois do que aconteceu com Betta, decidi que é melhor ficar sozinho que acompanhado e que as mulheres são um mero entretenimento para mim.

Durante horas, meu bom amigo Björn e eu gozamos do prazer consensual entre adultos, até que, já mais de meia-noite, dou a farra por encerrada, despeço-me dele e volto para casa.

No caminho, curto a sensação de liberdade que andar de moto me proporciona. Quando chego à casa que divido com meu sobrinho Flyn, subo até meu quarto, tomo um banho e me enfio na cama sem pensar em mais nada.

2

No sábado, fim da tarde, quando Flyn e eu estamos jogando PlayStation na sala de jantar, as portas se abrem e aparecem minha irmã Marta e minha mãe, Sonia. Assim que as vejo, sei que vamos discutir.

Depois de pausar o jogo, Flyn olha para elas e resmunga:

— Inferno… o que vocês querem?

— Dê-me um beijo agora mesmo, sem-vergonha, e não faça essa cara — censura-o minha mãe. — Cada dia parece mais seu tio resmungão… Pelo amor de Deus, será que todos os homens desta família têm que ser uns broncos?!

— Mamãe… — protesto.

Flyn me olha com orgulho. Entre mim e ele existe uma conexão maravilhosa que nenhum dos dois permite que alguém quebre.

— Mamãe, o que é aconteceu? — pergunto, contrariado.

Marta joga sua bolsa no sofá e murmura:

— Ah… meu irmãozinho, você é sempre tão simpático!

— Marta, quer calar a boca?! — replico.

— Calar a boca, ela? — murmura Flyn.

Marta, que é um turbilhão de loucura desenfreada, aproxima-se do menino e, depois de lhe dar um tapa na nuca, sibila:

— Cale-se você, fedelho.

Flyn resmunga. Pede-me ajuda com o olhar e, ao ver que não digo nada, dirige-se a minha mãe:

— Vó, estávamos jogando uma partida muito importante, é um torneio… O que aconteceu?

Minha mãe sorri. Ela adora nosso pequeno coreano-alemão. Dando-lhe um beijo na cabeça, explica:

— Flyn, sua tia e eu precisamos falar com Eric.

— Agora? — protesta o menino.

— Sim.

— Mas, vó, eu disse que estamos no meio de um torneio… Não pode ser em outra hora?

— Não. Não pode. Tem que ser agora — afirma minha irmã.

Flyn pragueja. Eu o conheço melhor que ninguém e sei que, se não o detiver, ele vai dizer algo inapropriado. Então, peço:

— Flyn, vá para seu quarto.

— Mas…

— Eu chamo você para continuar quando elas forem embora. Esta é nossa noite de homens e ninguém vai nos atrapalhar. Prometo!

Ele resmunga, contrariado por haverem interrompido nosso momento, e, de má vontade, sai da sala para ir a seu quarto.

Assim que ficamos só os três, minha irmã debocha:

— Noite de homens? Era só o que faltava para esse maldito fedelho.

— Marta… filha… — protesta minha mãe.

Minha irmã se contorce, olha para nós e insiste:

— Eu amo esse menino tanto quanto vocês, mas ele é um mal-educado e, ou nós nos metemos no assunto, ou daqui a uns anos ele será um adolescente insuportável.

Não digo nada. Melhor ficar calado.

Todo o mundo sabe que Flyn só respeita a mim.

— Eric, até quando você vai ficar adiando sua consulta com o médico? — pergunta minha irmã.

Suspiro. Pensar nisso é a última coisa que quero.

Infelizmente, sofro de uma doença herdada do maldito do meu pai, um glaucoma, que é uma alteração do nervo óptico que provoca visão embaçada, náuseas, vômitos e terríveis dores de cabeça.

“Obrigado, papai!”

Nunca quero falar disso. É algo que só diz respeito a mim, odeio compaixão.

— Querido, precisa ir fazer esses exames — murmura minha mãe em seguida.

— Eu sei, mamãe.

— E, se sabe, por que não vai? — pergunta Marta.

Olho para minha irmã. Além de ser uma intrometida, Marta é enfermeira.

— Essa sua cara de mau não me convence — murmura —, a mim você não assusta. Nunca vai se dar conta disso, metido?

Praguejo.

Ela é insuportável.

Minha mãe, espanhola orgulhosa que é, quando a vê ficar assim, diz que é a única da família que puxou seu gênio. Esse seu jeito de ser tão combativa, tão guerreira, tão… espanhola me irrita demais. Dirijo-me a Marta:

— Que tal você fechar essa boquinha um pouco?

Ela me olha, sorri como sempre faz para me irritar e solta:

— Impossível! Orangotangos como você me obrigam a abri-la.

— Marta! — protesta minha mãe.

Mas minha irmã, que continua sorrindo, pisca para ela e replica:

— Mãe, seu menininho louro precisa de uns tapas e, se eu os tiver que dar, darei! Não estou a fim de sempre baixar a cabeça diante dele como ele está acostumado a que todos façam. Não tenho medo de você, entendeu, cabeça-dura?!

Minha mãe suspira, e eu suspiro e sibilo:

— Marta, eu amo você, mas, às vezes, juro que a mataria.

— Atreva-se!

Nós nos olhamos…

E nos desafiamos…

Minha irmã é única e singular. Desde pequena adora me irritar.

— Marta, pelo amor de Deus — intervém minha mãe —, viemos falar com Eric, e não discutir com ele.

Vejo Marta sorrir. Inconscientemente, isso faz com que eu sorria também, principalmente quando ela diz:

— Mãe, Eric não seria Eric se não reclamasse e não discutisse comigo.

Ouvi-la dizer isso me faz amá-la.

Somos como a noite e o dia, talvez porque ela seja filha do segundo casamento de mamãe. Hannah, nossa irmã mais velha, falecida, era quem impunha a paz entre nós, era quem ficava repetindo que éramos irmãos e devíamos nos amar e respeitar. E, embora façamos isso, a grande maioria das vezes, não podemos evitar discutir.

Quando aconteceu o problema com Betta e meu pai, Marta ficou ao meu lado.

Não me deixou nem um segundo sozinho, sempre lhe serei grato por isso, embora eu discutisse com ela também.

Simona, a mulher que, junto com o marido, cuida de minha casa e me ajuda com Flyn, entra para deixar uma jarra de limonada e copos e depois se retira. Minha mãe rapidamente serve três copinhos e nos entrega.

— Querem falar de mais alguma coisa? — pergunto em seguida.

Minha mãe e Marta se olham. Essas duas! Então, minha irmã dirige-se a nossa mãe:

— Comece você, porque, se eu falar, vai dar confusão.

Minha mãe suspira, aproxima-se de mim e diz:

— Filho, eu sei que, depois da leitura do testamento, a empresa que…

— Mamãe, não estou a fim de falar da Müller. Além do mais, talvez eu a venda.

— Você é um idiota! — grunhe Marta.

— Mas, filho…

— Mamãe, não quero nada que venha dele.

— Que venha dele? — sibila minha mãe. — Eric, não me irrite. A Müller foi fundada por mim e por seu pai, só que ele sempre foi machista e egocêntrico demais para aceitar isso. Quando nos separamos, eu exigi metade da empresa, mas só consegui quarenta e cinco por cento, e agora a Müller é sua, filho… sua!

— Ei! Mesmo que seja pequena, tenho uma parte de mamãe — protesta minha irmã.

Minha mãe olha para ela, depois para mim e prossegue:

— Eric, você trabalhou a vida toda nessa empresa. Sei que gosta de novos desafios e que às vezes seu pai o detinha. Mas, agora, não haverá ninguém que o detenha, e…

— Mamãe…

— Eric, quer fechar essa sua boca grande e deixar a mamãe falar? — interrompe minha irmã.

Indignado, dirijo-me a Marta e digo, cerrando os dentes:

— Boca grande é a sua.

— Puta que pariu, vocês dois! — reclama minha mãe.

Depois, olha para mim e insiste:

— Eric, meu querido, seja sensato… Você conhece a Müller melhor que ninguém. Sei que sofreu com o que aconteceu entre seu pai e aquela sem-vergonha, mas precisa se recuperar e ser esperto.

— Já me recuperei, mamãe, do que está falando?

Ela começa a andar pela sala enquanto diz:

— Espero que você não se feche para a vida, querido, porque se apaixonar é maravilhoso, e desejo que você se apaixone. Quero que encontre alguém que o mereça e o faça incrivelmente feliz, e…

— Mamãe — interrompo —, pare com essas bobagens. Não acredito no amor e tenho coisas mais importantes a fazer.

— Filho…

— Mamãe, não!

Então, ela se cala. Minha irmã me lança um olhar recriminador e, quando vou acrescentar algo, minha mãe volta ao ataque:

— Tudo bem, não vamos falar de amor, mas a Müller é sua…

— Mamãe…

— Filho — insiste ela —, a Müller é uma empresa em alta. Tem filiais na Espanha, entre outros países, que funcionam muito bem, e você sabe que estamos para inaugurar uma em Londres. Você sempre ficou em segundo plano porque seu pai assim queria, mas, agora, você é dono da empresa e precisa visitar o escritório da Espanha…

— Mamãe… não me pressione.

— Não estou pressionando, filho. Só estou dizendo que precisa ir à Espanha.

Ouvir isso me tira do sério.

Apesar de ser espanhol por parte de mãe, meus genes são totalmente alemães. Não tenho nada de minha mãe. Ela é morena, tem olhos pretos e é maluca como minha irmã Marta, ao passo que eu sou louro, tenho olhos azuis, sou muito, muito sério e tenho pouco senso de humor, como meu pai. Pensar em ir à Espanha, onde as pessoas sorriem mais que respiram, me deixa irritado, então insisto:

— Se é preciso ir à Espanha, vá você. Vai se entender com eles melhor que eu.

Ela me olha e suspira.

— Você que tem que ir, Eric. Não seja cabeça-dura. Você é o chefe!

— Caralho, mamãe…

— Você disse *caralho*? — repreende Marta. — Mamãe, Eric tem que pôr uma moeda no pote.

— Santo Deus! — grito ao ouvi-la. — Como você é chata, Marta!

Minha irmã ri. Como é encrenqueira!

— Eric, por favor — continua minha mãe. — Para mim foi muito importante seu pai abrir escritórios na Espanha. Gosto de saber que há famílias em meu país que se sustentam graças à Müller e quero que continue sendo assim.

Suspiro.

— Mamãe, meu temperamento não tem nada a ver com o dos espanhóis; não acha melhor você ir?

— Não, Eric, nem pense nisso! — replica ela. — Justamente por seu temperamento eles vão respeitar mais você. Vamos, filho, prometa a sua velha mãe que não vai vender a Müller e que irá para a Espanha.

— Mamãe, por favor, não comece a fazer drama — resmunga Marta.

Mas ver como minha mãe olha para mim me faz ceder. Eu sei que ela e Björn têm razão em relação à empresa. Por fim, digo:

— Tudo bem, mamãe. Prometo continuar com a Müller e ir ao escritório geral de Madri assim que puder.

Minha mãe sorri, sente-se vitoriosa.

Para não dizer nada inapropriado, bebo um gole de limonada, e então Marta diz:

— Muito bem… e agora que já estão de acordo sobre o negócio da empresa e que para o cabeça-dura de meu irmãozinho ficou claro que a Müller é parte de nossa vida, que tal falarmos de Flyn? Porque ou você faz alguma coisa depressa, ou esse pirralho não vai completar dez anos, porque vou matá-lo.

Suspiro. Gostando ou não, minha irmã tem razão. Flyn é um garoto problemático.

— Sinto dizer isso, porque adoro esse menino, mas acho que um internato militar seria o melhor para ele aprender disciplina — sugere minha mãe.

Não gosto de ouvir isso. Flyn é um menino rebelde que precisa de mãos firmes.

— Nem pensar. Esqueça esse negócio de internato — respondo.

Minha mãe assente. Sei que, no fundo, ela não gosta da ideia tanto quanto eu.

— Tudo bem. Vou esquecer, mas o que faremos? — insiste ela.

Para mim é demais ver o olhar dessas duas esperando que eu lhes dê uma solução, por isso digo, furioso:

— Está vendo, mamãe? Não posso ir à Espanha. Flyn precisa de mim ao seu lado.

Ela gesticula – é a rainha da gesticulação – e, olhando para mim, sibila:

— Claro que Flyn precisa de você ao seu lado, mas, filho, isso não significa que deva descuidar de seu trabalho. Você acabou de prometer que iria a Madri. Já mudou de ideia?

— Não, mamãe. Claro que não.

Minha mãe sorri. É uma enrolona…

— Simplesmente fale com ele e deixe bem claro que tem que mudar de atitude — diz ela. — Você é o único a quem ele ouve, o único que respeita, mas isso não pode continuar. Por favor, seja duro, ou, no fim, teremos um problemão enorme!

Gostando ou não, minha mãe tem razão.

— Tudo bem, mamãe, vou conversar com ele — assinto.

Ela sorri, me dá um abraço, mas eu nem me mexo. Então, quando se separa de mim, sibila:

— Pelo amor de Deus, filho… como você é alemão!

Ouço-a dizer isso a vida toda.

Sim, sou frio. Sou alemão.

Não sou como ela nem como Marta – nem sequer como Hannah – que são felizes trocando beijinhos e se abraçando o tempo todo.

Quando minha mãe se afasta de mim, vejo que Marta e ela se entreolham e sentencio:

— Agora não.

— Agora sim — replica Marta e, postando-se diante de mim, acrescenta: — Eu te amo, seu cabeça-dura, mesmo sendo mais frio que um iceberg. E quero que vá fazer seus exames, você sabe que tem que fazer, que não é muito cuidadoso com as revisões…

— Marta — interrompo-a, erguendo a voz. — Chega!

Minha irmã, que não costuma me dar ouvidos, está pronta para prosseguir quando vejo que minha mãe a segura pelo braço e diz, olhando para mim:

— Filho, será que você não entende que nos preocupamos com você?

As duas me olham. São as mulheres mais importantes de minha vida e, quando vejo uma lágrima correr pelo rosto de minha mãe, fico péssimo. Contudo, não me mexo, fico com os pés colados no chão. Minha irmã faz um gesto para que a abrace, mas, como continuo sem me mexer, ela é quem me abraça e diz:

— Você não sabe quanto agradeço por seu pai não ser o meu, porque não gostaria nem um pouco de ter esses genes frios e horrorosos que você tem.

Seu comentário me faz sorrir. Então me aproximo, abraço-as e dou um beijo rápido nessas cabecinhas loucas.

— Prometo ir fazer os exames, falar com Flyn e assumir a Müller — concordo, por fim. — Fiquem tranquilas que hoje conseguiram o que queriam.

Minha mãe sorri, me dá outro beijo e, pegando sua bolsa, anuncia:

— Muito bem. Agora sua irmã e eu vamos jantar.

Marta abre os braços, gesticula tanto ou mais que minha mãe para que eu lhe dê um beijo e, quando vê que não me mexo, solta uma gargalhada e diz, aproximando-se:

— Vamos, iceberg, dê-me um beijo e continue brincando de troglodita com nosso sobrinho encapetado. Vocês se merecem.

Quando elas vão embora, olho meu celular. Recebi um convite de Harald para ir a sua casa hoje à noite; uma festinha particular. Mas declino. Hoje é a minha noite dos homens com Flyn e nada nem ninguém no mundo vai estragá-la.

3

A bordo do jatinho particular da Müller eu me sinto bem. Usei este avião mais que meu pai e, mesmo estando a caminho de Madri, estar a bordo é relaxante.

Penso em minha mãe, em sua insistência para eu ir à Espanha e em quando me chama de “alemão frio”. Recordar isso me faz sorrir, especialmente porque, se me mostro frio diante dos outros, é para que não me machuquem. Na frente de todos sou frio e distante, mas a verdade é que na intimidade sei que posso ficar vulnerável.

Quando aterrissamos no aeroporto de Barajas, desço do jatinho e um carro particular está a minha espera.

Enquanto vamos para o escritório central da Müller, olho pela janela e noto a alegria que os espanhóis irradiam simplesmente com o olhar. Seu jeito de caminhar, de respirar, de se comportar… mostra que estão vivos, e isso me deixa inquieto. Eles fazem perguntas demais, demonstram interesse demais pela vida alheia, e isso me sufoca.

Quando chego ao escritório da Müller, as mulheres com quem cruzo me olham com curiosidade. Não sabem quem eu sou.

Subo para a sala de reuniões e durante horas faço reuniões-surpresa com os diversos departamentos da empresa, para me inteirar de tudo. Até que, por fim, me dão cinco minutos de paz e ligo para Mónica Sánchez, uma mulher que trabalha na Müller e com quem tive algo mais que reuniões quando ela foi a Munique.

Um toque… dois, e depois ouço:

— Escritório de Mónica Sánchez. Aqui quem fala é a secretária dela, Flores, em que posso ajudar?

— Bom dia, Flores. Meu nome é Eric Zimmerman. Gostaria de falar com sua chefe.

— Um momento, sr. Zimmerman.

Não se passam nem dois segundos e a voz de Mónica diz:

— Eric, que alegria falar com você!

— Mónica… Mónica, vamos almoçar?!

— Claro…

Marco com ela às duas da tarde na recepção, desligo o telefone e continuo atendendo aos chefes de departamento.

Quando faltam cinco para as duas, dou por encerradas as reuniões e me dirijo ao elevador. Estou faminto e ansioso para sair do escritório.

Por sorte, o elevador chega logo e, como os funcionários ainda não me conhecem, passo totalmente despercebido. Fico no fundo, respondendo a várias mensagens que tenho no celular, entre elas, umas de Dexter, um grande amigo mexicano.

Mas, de repente, o elevador dá uma sacudida e para entre dois andares.

Caralho!

As luzes de emergência se acendem e umas mulheres começam a gritar, assustadas.

Que azar!

As mulheres já fazem um escândalo quando ficam nervosas…

E ainda por cima espanholas!

Durante alguns instantes eu as observo. Todas falam, gesticulam, e eu não me mexo.

Com um pouco de sorte, não vão nem perceber que estou aqui.

Mas se passam os segundos e o elevador continua parado. Caralho!

Começa a fazer calor, e algumas começam a se descontrolar. De repente, no meio de todo esse caos, uma voz feminina chama minha atenção.

Com curiosidade, eu me estico para vê-la e avisto um belo cabelo escuro. Não vejo mais nada.

As outras mulheres continuam histéricas e a da voz bonita as tranquiliza. Observo essa, cujo rosto não vejo, fazer um rabo de cavalo alto no cabelo e o prender graciosamente com a ajuda de uma caneta.

Eu me estico mais… mais… e, por fim, vejo que ela não é muito alta. Está passando uma garrafinha de água para uma das histéricas. Depois, distribui chicletes de morango e tira um leque da bolsa.

Eu a observo com curiosidade e, sem saber por quê, dou um passo à frente e, segurando-lhe o cotovelo, pergunto:

— Você está bem?

A jovem nem me olha, continua abanando-se e sussurra com desembaraço:

— Bem, prefere que eu minta ou diga a verdade?

Acho engraçada sua resposta e o jeito com que movimenta o leque.

— Prefiro a verdade — respondo.

De repente, ela se vira para me olhar, esbarra em mim e, dando um passo para trás, encara-me com o cenho franzido. Por fim, vejo-a de frente e fico feliz. Não é linda, mas tem belos olhos escuros e um nariz gracioso.

— Cá entre nós — diz ela —, nunca gostei de elevadores e, se as portas não se abrirem em breve, vou ter um troço…

Sem saber por quê, sorrio e lhe pergunto:

— Um troço?

— Aham…

— O que é *ter um troço*?

A jovem suspira, faz a expressão mais engraçada que já vi na vida e, olhando para mim, responde sem parar de se abanar:

— Na minha língua, é perder a compostura, ficar louca. Acredite, você não vai querer me ver nessa situação. Se eu não tomar cuidado, começo a espumar pela boca e minha cabeça gira como a da menina de *O exorcista*… É um belo espetáculo! Quer um chiclete de morango?

Espumar pela boca?!

Menina de *O exorcista*?!

É sério que estou ouvindo o que estou ouvindo e essa mulher trabalha em minha empresa?

Mesmo assim, surpreso com sua espontaneidade, aceito o chiclete, agradeço e, sem saber por quê, em vez de enfiar o chiclete em minha boca, o enfio na dela.

Ela o aceita, surpresa, e, em seguida, abre um sorriso maroto, pega outro chiclete e o enfia em minha boca sem mais nem menos.

Incrível!

Ambos sorrimos, e então ela pergunta:

— Você é novo na empresa?

Ela não sabe quem eu sou.

— Não — respondo.

O elevador começa a se mover repentinamente, com um solavanco, e as outras mulheres gritam assustadas. A jovem que está diante de mim se segura em meu braço e, tão assustada quanto as outras, torce-o, até que o elevador para de novo. Então, ela me solta e sussurra, apressada:

— Desculpe… desculpe…

Notando o sobressalto, acalmo as outras mulheres e, por fim, murmuro para a jovem de cabelo escuro:

— Calma. Está tudo bem.

Nesse instante, ela abre a bolsa de novo, pega uma nécessaire e um espelhinho. Ela se olha e sussurra:

— Merda, merda! Estou ficando cheia de brotoejas!

Em seguida, afasta o cabelo que lhe cai sobre o pescoço e, olhando para mim, explica:

— Quando fico nervosa aparecem essas manchas na minha pele, está vendo?

Eu a observo, incrédulo.

Seu pescoço está cheio de manchas vermelhas. Ao perceber que vai levar a mão ao pescoço para se coçar, a detenho:

— Não. Se fizer isso, vai piorar.

Então, lembro que, quando eu era pequeno e tinha coceira, minha mãe soprava minha pele e, sem cerimônias, faço o mesmo com ela. Sopro seu pescoço, até que a garota se afasta de mim, incomodada. Soltando o cabelo, ela diz:

— Tenho duas horas de almoço e, se não sairmos daqui, não vou poder comer!

Ao ouvi-la, sinto necessidade de lhe assegurar que vai, sim. Eu sou o chefe! Como não vai almoçar, se está presa no elevador contra sua vontade?

Então, ela me pergunta de onde sou, e respondo:

— Alemanha.

Ela sorri e debocha:

— Boa sorte na Eurocopa!

Tudo bem, eu sei por que ela diz isso. Mas nunca gostei de futebol, então respondo com indiferença:

— Não me interesso por futebol.

Quando digo isso, ela me olha como se estivesse vendo o monstro do lago Ness e, por fim, diz com certa arrogância:

— Pois não sabe o que está perdendo. — E, aproximando-se de mim, sussurra: — De qualquer maneira, ganhando ou perdendo, aceitaremos o resultado.

Ao sentir sua respiração perto de meu ouvido, uma sensação estranha toma meu corpo e dou um passo para trás para me afastar dela e parar de fitá-la.

O que está acontecendo comigo?

Essa jovem conseguiu me intimidar com sua desenvoltura.

Logo a mim?

Eric Zimmerman?!

Surpreso, eu a observo me ignorar totalmente e olhar para a frente.

Passam-se alguns segundos e, de repente, as luzes se acendem, todos aplaudem e o elevador volta a funcionar.

Quando finalmente chegamos ao térreo e as portas se abrem, algumas

pessoas saem correndo. Como gostam de um drama! Estou observando-as quando ouço:

— Eric, meu Deus!

Ao olhar para a voz, vejo que se trata da exuberante Mónica, a mulher com quem marquei de almoçar. Como sempre, ela está maravilhosa. Nem um fio de cabelo fora do lugar. Eu me aproximo e a tranquilizo, mostrando-lhe que estou bem.

Então, olho para a jovem que me distraiu no tempo que ficamos presos no elevador e que me deixou nervoso como um adolescente e percebo que está vermelha como um tomate. O que deu nela? Tomando-lhe o braço, digo:

— Obrigado pelo chiclete, srta…

Ela me olha e continua vermelha. Então, Mónica diz:

— Judith. É minha secretária.

Ah, agora entendo por que ela está tão vermelha. Acaba de entender na boca de quem enfiou um chiclete.

— Então, é a srta. Judith Flores, não é? — digo, recordando a ligação.

— Sim — responde ela, quase sem voz.

Durante alguns segundos, me permito observar descaradamente essa jovem, até que, por fim, Mónica insiste para irmos almoçar. Contudo, antes, viro a cabeça e dirijo a Judith um último olhar.

Que graça!

Saímos da Müller, e Mónica me leva a um bom restaurante. Quando entendo o que ela deseja, sem hesitar, marco de nos encontrarmos à noite. Vai ser incrível.

4

Depois de uma noite em minha suíte do hotel Villa Magna curtindo a ardente e desinibida Mónica, chego bem cedo ao escritório. Nós, alemães, acordamos muito cedo. Vou diretamente à lanchonete, onde tomo dois cafés.

Como o café dos espanhóis é forte!

Um pouco depois, vejo Judith. Olho para ela, que não me cumprimenta.

Será que saber quem sou a deixa envergonhada?

Eu a observo protegido por meu jornal. Sem dúvida, ela tem um sorriso delicioso e um corpo miúdo mas tentador. Durante um bom tempo, evita meus olhos, até que nossos olhares por fim se encontram; ela bebe o último gole de café e vai embora.

Parte da manhã se resume a reuniões e mais reuniões. Na Alemanha, tenho a Müller sob total controle, mas, na Espanha, não sei de muitos detalhes, e vou ter que me virar para saber se precisarei fechar alguns escritórios.

Em vários momentos, cruzo com Judith, mas ela continua me ignorando, algo que volta a chamar minha atenção, pois estou acostumado a ter as mulheres me seguindo com o olhar em busca de sexo e, às vezes, de algo mais.

Mas não; ela não me olha, e isso começa a me irritar.

À tarde não tenho nenhuma reunião, mas, ciente de que a antiga sala de meu pai fica em frente à mesa da srta. Flores, decido me instalar nela.

Ao entrar, o aroma do perfume de meu pai inunda minhas narinas e rapidamente abro as janelas. Quero que seu cheiro desapareça, como ele desapareceu de minha vida em todos os sentidos.

Assim que me sento à mesa, começo a revirar as gavetas e encontro uma foto de minha mãe, minha irmã Hannah e eu. Surpreso, olho a foto, e a fúria me

invade ao lembrar de um pai que preferiu o trabalho e as mulheres à família.

Com carinho, olho minha irmã Hannah, a mãe de meu sobrinho Flyn, e sinto meu coração se apertar. Continuo sentindo sua falta todos os dias e sei que Flyn também. Mas, enquanto eu viver, meu filho – pois para mim ele já é meu filho – me terá por inteiro, não como aconteceu comigo e meu pai.

Ouço um telefone tocar; é o de Judith. Ela atende com rapidez, e vejo que toma nota sorrindo.

Durante horas fico na sala de meu pai, absorto nas coisas dele, quando, de repente, a porta se abre. É Mónica. Com um sorrisinho, ela se aproxima e, encarando-me, diz:

— Pretende dormir aqui?

Olho para o relógio, surpreso, e, ao ver que são quase nove da noite, levanto a cabeça para olhar para a mesa de Judith. Vejo que está vazia.

— Os funcionários já foram? — pergunto.

— Há horas.

Levanto-me e observo Mónica, que com seu sorriso me diz tudo, então proponho:

— Janta comigo?

Ela assente e depois murmura, dando uma piscadinha:

— Claro que sim.

Isso me faz sorrir. Mónica sabe pouco de minha vida. Nas poucas vezes que foi para a Alemanha, nunca a introduzi em meus jogos sexuais no Sensations nem a apresentei a meus amigos. Sei diferenciar muito bem trabalho de diversão, e ela é uma diversão do trabalho que curto quando estou a fim, só isso.

Jantamos no restaurante que ela indica e comemos maravilhosamente bem. Depois vamos diretamente para meu hotel. Entramos em minha suíte, preparo uns drinques na sala e, quando lhe entrego o dela, sinto que está ansiosa para que eu a dispa.

Depois que cada um bebe um gole da bebida, tiro a jaqueta dela, desfaço o laço da blusa e, ao abaixar sua saia, sorrio ao ver sua lingerie. Sua aparência interior nada tem a ver com a exterior. Quando dou um tapinha em seu bumbum tentador e mordo a tira de sua calcinha fio dental vermelha, ela diz, dengosa:

— O que você quiser, do jeito que quiser.

Fico encantado. Tiro a roupa e ponho um preservativo, momento em que ela aproveita para pegar um saquinho de dentro da bolsa.

— Vamos usar seu presente… — sussurra, abrindo-o.

Satisfeito, pego o plugue anal que dei de presente a Mónica da última vez que ela esteve em Munique. Deitando-a no sofá da sala, enfio-o em sua boca e murmuro:

— Chupe.

Ela obedece, e começo a brincar com seu ânus. Ela tem um cuzinho maravilhoso. Quando introduzo o plugue nele, murmuro, fitando-a:

— Lindo.

Noto que minhas palavras a excitam.

Ela está totalmente lubrificada, então coloco a ponta de meu pênis duro em sua fenda e a penetro de uma vez.

Minutos depois, como em outras ocasiões, busco meu próprio prazer e sinto que ela busca o dela enquanto me deixa agir. Acelero as investidas, segurando-lhe os quadris, e lhe dou uns tapas que a fazem gritar. Seus gritos são sublimes. Pensando em mim e em meu próprio prazer, curto o momento, até que chego ao clímax. Depois de uma última investida, saio dela. Nesse instante, Mónica se vira, tira o preservativo, fica de joelhos diante de mim e enfia meu pau na boca.

Que mulher gostosa!

Sinto tanto prazer que meu corpo treme. Seguro sua cabeça e fodo sua boca. Ela chupa e suga com prazer, até que em poucos minutos estou pronto de novo.

A fim de continuar brincando, Mónica se levanta, pega minha mão e me faz sentar na poltrona. A seguir, com destreza, coloca em mim um novo preservativo com a boca e, quando termina, se agacha de costas para que eu veja que o plugue anal continua no lugar.

— Quer tocá-lo? — murmura.

Fascinado, começo a girá-lo e o enfio e tiro, enquanto ela, imóvel, curte o que estou fazendo.

Nossas bebidas já devem estar quentes, mas estou com sede e lhe peço que prepare alguma coisa.

Satisfeita, ela obedece e prepara dois uísques com gelo. Quando me entrega o copo, estou tão acelerado que, depois de dar um gole, levanto-me, levo-a até a cama do quarto onde não durmo, ponho-a de quatro e, depois de lhe tirar o plugue do ânus, sem contemplações, coloco a ponta de meu pênis duro nele e empurro.

Mónica grita. Ela se remexe sob meu corpo, mas seu ânus, já dilatado, rapidamente me abriga. E durante horas aproveitamos o doce prazer do tesão.

Quando ela vai embora, sorrio, satisfeito. Não há mulher que resista a mim, e, na verdade, gosto muito disso.

5

Passam-se os dias e Judith chama cada vez mais minha atenção, especial-mente porque não me dá bola.

Ela é a única que não me olha com olhares lânguidos nem dá piscadinhas em busca de algo mais, e isso me irrita e me faz querer cruzar com ela o tempo todo. No entanto, não sei como, cada vez que existe a possibilidade de nos encontrarmos, ela desaparece como em um passe de mágica, o que me deixa desesperado.

Durante esses dias, em várias ocasiões almoço e janto com meus amigos Frida e Andrés, que estão em Madri a trabalho. Eles me levam a vários lugares de ambiente liberal, onde curto sexo selvagem com diferentes mulheres sem nem sequer perguntar seus nomes.

Numa tarde, quando volto do almoço, ao entrar no corredor dos escritórios, sinto o perfume de Judith. Descobri que ela usa Aire, da Loewe. Estou sentindo seu cheiro quando a ouço cantar, e a verdade é que canta mal demais. Mas vou atrás dela.

A voz vem dos arquivos que ficam entre a sala de Mónica e a minha. Assim que a vejo, sorrio e a escuto cantar. Sua voz não é nada melódica, mas ver o sentimento que ela coloca na música que fala das cores branca e preta me faz sorrir. Até que, por fim, digo:

— Judith, você canta muito mal.

Ela se sobressalta. O susto é tamanho que ela deixa cair no chão uma das pastas que estava segurando.

Logo me agacho para pegá-la, mas ao mesmo tempo que ela, e zás! Batemos a cabeça um no outro. Rapidamente ela tira os fones de ouvido e se

desculpa:

— Sinto muito, sr. Zimmerman.

Levo a mão a sua testa com preocupação. Devo tê-la machucado. Ao ver que está vermelha, murmuro:

— Não foi nada. Você está bem?

Ela assente. A seguir, tenta se afastar, mas eu a impeço. É a primeira vez que a tenho tão perto desde o dia do elevador, e não pretendo deixá-la ir embora. Segurando-lhe o braço, pergunto:

— O que estava cantando?

— Uma música — diz. E, ao ver que estou esperando algo mais, acrescenta: — "Blanco y Negro", da Malú, senhor.

Não sei que canção é essa…

Não sei quem a canta…

Mas, ao ver sua mudança de atitude, pergunto:

— Agora que sabe quem eu sou me chama de *senhor*?

A cara que ela faz é uma graça.

Linda. Encantado, dou um passo para a frente. Ela dá um para trás.

Está me evitando?

Desde quando uma mulher se afasta de mim?

Inacreditável!

Dou outro passo em sua direção e ela retrocede de novo.

Sei que não estou agindo bem. Nunca seduzi uma mulher sem que ela me desse entrada. Nunca precisei disso; mas essa… essa é diferente.

— Você gostava mais de mim quando não sabia quem eu era — murmuro, meio confuso.

— Senhor, eu…

— Eric. Meu nome é Eric.

Seu cheiro…

Sua proximidade…

Seu olhar…

Tudo nela me atrai e, mesmo sentindo que me evita, sem permissão, tiro a caneta que prende seu cabelo, que cai como uma cascata sobre seus ombros.

Espetacular!

Desejo essa mulher em minha cama, e a desejo agora!

Mas ela não facilita.

É escorregadia, muito escorregadia.

Então, de repente, ouvimos Mónica e Miguel, outro funcionário da Müller, entrar na sala ao lado.

— Ande, venha aqui e deixe-me ver o que está usando hoje debaixo da saia

— ouço Miguel dizer.

Ora, ora, Mónica e Miguel…

Tento não sorrir.

Na Alemanha, também brinco no escritório com certas mulheres. Mas a expressão de constrangimento de Judith não tem preço. Ao ver seu desespero, sussurro, sem me afastar nem um milímetro dela para não sermos descobertos:

— Calma. Vamos deixar que se divirtam.

Quando digo isso em seu ouvido, sinto um calor. Fico duro. Eu é que gostaria de estar me divertindo com a mulher que está a minha frente. De repente, noto que respiramos acelerado, enquanto testemunhamos os dois se beijando com loucura e deleite.

Curioso, olho de novo e vejo o jovem passar a mão em Mónica com propriedade. Então, passo a mão pela cintura de Judith, que não tem como escapar de mim, e pergunto:

— Excitada?

Ela me olha.

Sinto que vai me dar um tabefe a qualquer momento, e isso me excita ainda mais. Achando graça, insisto:

— O futebol a excita mais que isso?

Ela me fuzila com o olhar, mas, por um segundo, demonstra que está excitada com o que está acontecendo.

Instantes depois, de repente, ouvimos um suspiro descontrolado; curiosos, olhamos pela fresta da porta. Sem dúvida, a curiosidade de ver o que está acontecendo é mais forte que nós. Vejo Mónica sentada em cima da mesa, de pernas abertas, com a boca de Miguel entre elas.

Nossa!

Judith suspira, fica inquieta, está constrangida, e eu, que estou gostando muito de tudo isso, sussurro em sua orelha:

— Eu daria tudo que tenho para que fosse você em cima daquela mesa. Eu passaria a boca por suas coxas para depois enfiar a língua dentro de você e possuí-la.

Assim que acabo de falar, sei que passei dos limites.

Essa jovem não está acostumada comigo, mas, ao perceber que não se afasta de mim, me aproximo mais um pouco dela e, enfeitiçado por seu cheiro e pela necessidade que tenho de possuí-la, ponho a língua para fora e, sem hesitar, passo-a por seu lábio superior.

Hmmm, uma delícia!

Ousado, sigo o percurso e passo a língua em seu lábio inferior. Sem poder me conter, dou-lhe uma mordidinha e, ao ver que ela abre sua boca doce, não

hesito e, embora não seja de beijar, introduzo a língua nela para prová-la, para degustá-la.

Maravilhosa!

No começo, ela não mexe a língua, mas, quando de repente o faz e pressiona seu corpo contra meu peito, tenho a impressão de que vou explodir de prazer.

O que está acontecendo comigo?

Não quero me afastar de sua boca.

Aprecio o beijo como nunca e, quando nos afastamos uns milímetros para respirar, pergunto:

— Janta comigo?

Ela me olha com seus olhões pretos e, surpreendentemente, rejeita meu convite. Mas não. Não vou permitir isso. Sou Eric Zimmerman, então afirmo:

— Sim. Vai jantar comigo.

— Não.

Ao ouvir de novo sua negação, pisco.

Nunca uma mulher me rejeitou.

Falamos em sussurros enquanto ela continua se negando a jantar comigo. Com desejo, torno a beijá-la.

Esses lábios…

Esse sabor…

Essa suavidade…

Sem dúvida, essa mulher tem que acabar em minha cama de qualquer maneira.

Durante alguns instantes, penso em possuí-la nesse arquivo, mas, como não sei como ela reagiria, decido esperar. Será melhor em meu hotel.

Eu me afasto dela devagar, pego meu BlackBerry e, sem olhar para ela, começo a digitar. Instantes depois, Mónica e Miguel concluem o que estavam fazendo e saem da sala. Ao ver isso, Judith diz:

— Ouça, sr. Zimmerman…

Mas não lhe permito continuar. Ponho meu dedo sobre seus lábios, mesmo correndo o risco de levar uma mordida e, dando meia-volta, digo com frieza enquanto saio do arquivo:

— Tudo bem, vamos manter a formalidade. Passarei para pegá-la em sua casa às nove. Esteja bem bonita, srta. Flores.

Ouço-a suspirar.

Acho isso engraçado, ainda mais quando ela passa por mim acalorada e sem dizer nada.

Sigo-a com o olhar.

Sua expressão de raiva me faz recordar minha mãe. Espanhola, tinha que ser!

Imagino que ela acha que vai escapar de meu convite. Mas não, não pretendo permitir isso. Pego meu celular, escrevo algo e aperto “Enviar”. Segundos depois, ela me olha pelo vidro com raiva. Deve ter lido a mensagem que lhe mandei, que diz:

> Eu sou o chefe e sei onde você mora. Nem se atreva a não estar pronta às nove em ponto.

Seu olhar me faz rir.

Sua raiva também.

E quando, segundos depois, ela pega sua bolsa e vai embora, me sento em minha poltrona sem entender por que estou perseguindo pela primeira vez na vida uma mulher que parece não querer nada comigo.

Meu celular toca e, ao tirá-lo do bolso, vejo que é minha mãe.

— Olá, mamãe.

— Filho, tudo bem?

— Sim, tudo bem. Não se preocupe.

Ela ri e depois pergunta:

— Então? Os espanhóis já devoraram você?

Agora quem sorri sou eu. Apoiando a cabeça no encosto da poltrona, murmuro:

— Mamãããeee…

— Por Deus, filho, você é metade espanhol!

— Mamãããeee…

— Tudo bem… tudo bem… — Ela ri e, mudando o tom, acrescenta: — Liguei para falar sobre Flyn: já arrumou confusão de novo na escola!

— O que ele fez desta vez?

— Enfiou um rato na gaveta da mesa da srta. Schäfer. Imagine o que aconteceu quando ela a abriu.

Praguejo em pensamentos. Flyn me prometeu que se comportaria bem.

— Você o castigou? — pergunto.

— Claro. Está sem PlayStation e sem televisão, e não quer falar comigo.

Balanço a cabeça com um suspiro.

— Quando você volta? — pergunta minha mãe.

Reflito. Talvez minha estadia na Espanha se estenda mais que o previsto,

então respondo, tentando convencer a mim mesmo:

— Mamãe, tenho muitas coisas para fazer aqui e…

— Pelo amor de Deus, Eric, preciso de você aqui com Flyn!

Praguejo, rosno e, por fim, sibilo:

— Mamãe, decida. Eu disse que não queria vir para a Espanha e você me obrigou e, agora que estou aqui, quer que eu volte. O que é que há com você?

Ela resmunga, como sempre, mas depois sussurra:

— Você tem toda a razão, filho. Não há quem me entenda. Tudo bem, não se preocupe com nada, e menos ainda com Flyn. Eu darei um jeito nele até você voltar.

— Vou ligar daqui a pouco para falar com ele — digo.

Quando desligamos, olho para o teto, pensando no que fazer. Devo voltar à Alemanha ou ficar na Espanha?

6

À tarde, depois de passar pelo hotel Villa Magna e falar seriamente por telefone com meu sobrinho sobre seu comportamento, tomo um banho. Tenho um jantar com uma mulher interessante em um lugar que Frida e Andrés me levaram e quero me divertir.

Na hora marcada, Tomás, o motorista, me pega no hotel com uma BMW vermelha e me leva à casa de Judith, em um bairro que nada tem a ver com o meu em Munique.

Ao chegar, o carro para em fila dupla e eu desço para ir até a portaria. Espero que não me enrole e que esteja pronta. Olho o relógio: nove em ponto. Gosto de pontualidade. Aperto o botão do interfone e, quando ouço sua voz, digo:

— Srta. Flores, estou esperando. Desça.

Em seguida volto para a BMW. Percebo que estou impaciente, e isso me surpreende. E, quando a vejo chegar com um vestido simples verde, vou até ela, dou-lhe um beijo tímido no rosto e digo:

— A senhorita está muito bonita.

Ela não responde. Abro a porta do carro e ela entra.

Uma vez lá dentro, noto que ela não está muito comunicativa, e não costumo conversar muito com as mulheres. Falo com elas apenas o estritamente necessário.

Finalmente, consigo fazê-la falar, mas acabamos discutindo. Até que pouco a pouco ela volta a ser a garota que conheci no elevador.

— Por favor… me chame de Judith ou Jud. Vamos deixar a formalidade para o horário comercial. Tudo bem, você é meu chefe e lhe devo respeito, mas me incomoda jantar com alguém que me chama pelo sobrenome.

Acho isso engraçado. Às vezes, janto com mulheres que nem sei como se chamam porque delas só me interessa o corpo.

— Acho perfeito — digo, por fim —, desde que você me chame de Eric.

Ela assente. Estende a mão e, com um lindo sorriso, diz:

— Tudo bem, Eric, prazer em conhecê-lo.

— Digo o mesmo, Jud.

Ambos sorrimos.

Quando o carro para, parece que chegamos a um entendimento. Segundos depois, Tomás abre a porta para nós. Seguro de mim, desço do veículo, ofereço a mão a Judith e ela desce. Levanto os olhos e leio "Moroccio". É o nome do restaurante.

O maître, que me conhece do último dia em que estive aqui com meus amigos, me cumprimenta. É gentil comigo, mas noto a curiosidade com que olha para Judith. Depois de abrir uma cortina, ele nos leva a um reservado luxuoso iluminado por velas, com uma linda poltrona e uma mesa redonda com duas cadeiras.

Quando ele nos deixa a sós, puxo uma das cadeiras como um cavalheiro e ela se senta. Noto que ela observa com curiosidade tudo a seu redor.

Comenta que passou mil vezes em frente a esse restaurante, mas que é a primeira vez que entra. Acho isso engraçado. Acho que vou surpreendê-la.

Com segurança, aperto um botão verde na lateral da mesa e imediatamente aparece um garçom com um excelente vinho.

Depois que ele nos serve e se retira, convido Judith a prová-lo; mas, ao ver sua expressão, pergunto e descubro que ela não gosta de vinho e adora uma Coca-Cola bem gelada.

Olho para ela boquiaberto. Prefere uma Coca-Cola a um excelente vinho?

Sem dúvida, essa mulher não tem paladar.

Contudo, decidido a ampliar seus gostos, sugiro que experimente. Ela por fim concorda e, olhando para mim, diz:

— É bom. Melhor do que eu esperava.

Assinto. Fico feliz de ouvir isso e, querendo agradá-la, pergunto:

— Quer que peça uma Coca-Cola?

Ela nega com a cabeça e, então, a cortina se abre de novo e aparecem dois garçons com vários pratos.

Durante um bom tempo curtimos o prazer que a comida nos oferece.

Os cozinheiros do Moroccio são excepcionais, e a companhia de Judith é agradável.

— O que é aquilo? — pergunta ela de repente.

Olho para onde ela aponta e, ao ver uma luz laranja acesa, digo:

— Algo que talvez eu lhe mostre depois da sobremesa.

Ela sorri, aceita o que digo e continuamos jantando.

Quando chegam as sobremesas, sinto vontade de ficar perto dela e me levanto. Arrasto minha cadeira e me sento ao seu lado. Jud me olha, surpresa, e eu, pegando uma colher de sobremesa, corto um pedaço de sua torta, passo-a pelo sorvete e exijo:

— Abra a boca.

Ela me olha espantada, mas, vendo o que lhe ofereço, faz o que lhe peço. Eu introduzo encantado a iguaria em sua linda boca.

Hmmm… excitante!

Quando engole, por sua expressão, sei que gostou.

— Está gostoso? — pergunto.

Ela assente, e eu sussurro com desejo:

— Posso provar?

Judith torna a assentir. Contudo, é ela que eu quero provar, e não a sobremesa. Aproximando minha boca da dela, chupo seu lábio superior, depois o inferior e, após uma leve mordidinha, minha língua entra em sua boca sinuosa. Adoro sua ingenuidade.

Jud não se afasta e isso me incentiva. Ponho a mão sobre seu joelho e, lenta e pausadamente, vou subindo até chegar à parte interna de suas coxas. São macias. Muito macias. Minha viagem prossegue e chego a sua calcinha.

Que sensação maravilhosa!

Sinto o calor que ela exala…

Sinto-a alterada…

Sinto seu desejo…

Mas preciso ser prudente por ora e, afastando-me dela, sussurro:

— Eu tiraria sua roupa todinha aqui mesmo.

Minhas palavras mexem tanto com ela que agora é sua vez de me beijar, e eu a deixo. Permito que o faça, e até me surpreendo. Desde quando eu beijo com tanta vontade?

Deliciosa, sua língua quente se mexe em minha boca e me mostra como ela está ardendo, como a deixo acesa. Excitado, pergunto:

— Até onde você está disposta a chegar?

Ela me olha, obviamente confusa, e responde:

— Até onde chegarmos.

Ora… gosto de sua resposta. Certo de que já estou com ela onde quero, insisto:

— Tem certeza?

Agitada, ela responde com um fio de voz:

— Bem, não curto sadomasoquismo.

Achando graça de suas palavras, que me mostram como ela é inocente em

relação a sexo, passo as mãos por baixo de suas pernas e, puxando-a, sento-a sobre as minhas. Quero-a ao meu lado, bem pertinho, para aquilo que lhe desejo mostrar.

— Quer saber o que significa essa luz laranja?

Ela assente, curiosa, e eu, pronto para lhe mostrar um mundo de luxúria que imagino que desconheça, aperto um dos botões na lateral da mesa e, instantes depois, as cortinas que estão abaixo da luz laranja se abrem, mostrando um vidro escuro que pouco a pouco vai clareando, até nos permitir ver duas mulheres fazendo sexo em cima de uma mesa.

Com os olhos fixos em Judith, observo sua expressão de surpresa e, sem lhe dar tempo, aperto outro botão e os gemidos das mulheres começam a ecoar com força no reservado.

Durante alguns segundos ambos as contemplamos em silêncio, até que ela pergunta:

— Por que estamos olhando isso?

Sussurrando, respondo enquanto beijo seu pescoço:

— Todo mundo tem um lado *voyeur*. O fato de olhar algo supostamente proibido ou excitante nos encanta, nos estimula e nos faz querer mais.

A respiração de Judith se acelera. Sem lhe dar trégua, aperto outro botão e as cortinas do lado esquerdo se abrem. A seguir, o vidro fica claro e vemos dois homens e uma mulher. Ela está deitada em um sofá, enquanto um dos homens mordisca seus seios e o outro a penetra.

A respiração de Jud se acelera cada vez mais. Sua inocência me excita. Eu a observo e penso ouvir a pulsação de seu coração acelerado.

Tum-tum… Tum-tum…

Conversamos em sussurros.

Seus comentários deixam claro que ela teve experiências sexuais com outros homens, e me divirto vendo seus olhos e sua boca, que delatam como está surpresa, nervosa e excitada.

Com grande curiosidade, ela observa o trio e eu a observo.

Sua presença, sua inquietude e seu rubor são o mais excitante para mim nesse momento. De repente, surpreendendo-me, ela me pede para ir embora.

Ir embora? Por quê? São apenas onze da noite.

Tento dissuadi-la, mas ela insiste, pressiona, e, no fim, decido atendê-la. Se não quer ficar comigo, por que vou ficar com ela?

Contrariado, aperto os botões e os vidros ficam escuros de novo, os gemidos desaparecem e as cortinas voltam a seu lugar inicial.

Essa mulher não está preparada para o que eu necessito, e não tenho tempo para lhe ensinar, nem para bobagens. Assunto encerrado.

Antes de sair do Moroccio, falo com o maître e peço que guarde meu reservado porque vou voltar. Saímos do restaurante e Tomás está nos esperando. Em silêncio levamos srta. Flores para sua casa.

No caminho, sem me importar por ela estar ao meu lado, ligo para Mónica e lhe pergunto onde está. Minha noite não vai acabar ali. Se Judith não quer sexo, outra vai querer!

Ao chegar ao destino, como sou um cavalheiro, eu a acompanho até a porta. Ela me olha. Sei que está cogitando se me convida ou não para entrar, mas isso não me interessa. Seu tipo de sexo tedioso não é o que desejo. Quando chegamos à porta, a fim de realizar meus próprios planos, digo:

— Foi um jantar muito agradável, srta. Flores. Obrigado por sua companhia.

A seguir, beijo-lhe a mão com frieza e vou embora. Tenho planos e sei que a mulher com quem marquei vai me dar prazer. Isso é certo!

Uma hora depois, estou no Moroccio com a Mónica, observando uma mulher chupar seus seios enquanto eu a masturbo.

7

Quando acordo no hotel, depois de uma noite quente e erótica, meu celular toca. Falo com Andrés e Frida e decido tirar o dia de folga. Para isso sou o chefe!

Andrés e Frida são, além de Björn e Dexter, meus melhores amigos.

Encontro-os no meio da manhã e vamos almoçar na Casa Lucio, um lendário restaurante muito bonito que não se pode deixar de ir quando se está visitando Madri.

Depois de pedir bifes de contrafilé, Frida pergunta, dirigindo-se a mim:

— Como foi ontem à noite no Moroccio?

Tomo um gole do excelente vinho e respondo:

— Boa.

Andrés sorri e, olhando para mim, diz:

— Continua achando que os espanhóis perguntam demais?

Ao ouvir isso, sorrio. Sei por que ele está dizendo isso. Respondo:

— Sem dúvida, os espanhóis são curiosos demais e fazem muitas perguntas. Prefiro os alemães. Aqui fazem gracinha com tudo e, às vezes, apesar de falar um espanhol perfeito, não os entendo!

Meus amigos riem, e acrescento:

— Outro dia, fiquei preso no elevador com várias pessoas e uma garota me disse que, quando fica nervosa, começa a espumar pela boca e vira a menina de *O exorcista*. Dá para acreditar?

Andrés e Frida soltam uma gargalhada, e ela acrescenta:

— Pois eu adoro os espanhóis. São tão divertidos e extrovertidos que me enchem de vitalidade.

Penso em Judith, que, sem dúvida, é cheia de vitalidade. Contudo, depois do desfecho decepcionante da noite anterior, esqueço-a e pergunto:

— Algum outro bom lugar por aqui?

Sem que eu precise dar detalhes – todos sabemos do que estou falando –,

Andrés diz:

— Wonderland.

Frida suspira e, dando uma piscadinha para seu marido, aponta:

— Ele gostou tanto desse lugar que hoje à noite vamos repetir.

— Isso é um bom sinal — afirmo.

— Mas, como o Sensations, não existe! — declara Andrés.

Durante um bom tempo nos deleitamos com os pratos que nos servem. Tudo está delicioso, tenro, saboroso. Tenho um excelente almoço com meus amigos.

Depois que acabamos, passeando pela região próxima ao restaurante, vejo uma floricultura e compro umas flores para Mónica. Tivemos uma noite excitante e, cavalheiro que sou, mando entregá-las. Em seguida, entramos em uma sex shop. Frida quer comprar um brinquedinho, e Andrés e eu a acompanhamos.

Sempre que entro em uma sex shop, olho tudo, curioso. É incrível a quantidade de coisas que existem para aproveitar o sexo. De repente, vejo alguns objetos que me chamam a atenção e os compro. Sei a quem dá-los de presente.

A seguir, ligo para Tomás, o motorista, e digo que leve o pacote à Müller, aos cuidados de Judith.

Passo o resto da tarde com Frida e Andrés, e de última hora decido fazer uma ligação.

Um toque… dois, e, quando ouço a voz de Judith, pergunto:

— Abriu o pacote que lhe mandei?

Ela não responde. Acho que ficou surpresa.

— Estou ouvindo você respirar — insisto. — Responda.

Por fim, ela responde. Explica que o recebeu, mas que não quer aceitar nenhum presente meu. Como o que ela diz não me interessa, peço:

— Por favor, abra-o.

Consigo convencê-la e, pelo telefone, ouço-a rasgar o papel, seguido de sua exclamação de espanto. De novo a surpreendi!

— O que é isto? — pergunta com voz de espanto.

Sorrio. Comprei dois vibradores. Um pequeno e discreto e outro um pouquinho maior. Adoraria poder observar a cara dela ao vê-los.

— Você disse que estava disposta a tudo — replico.

Ela hesita, dá desculpas, e eu insisto:

— Você vai gostar, pequena, eu garanto. Um é para casa e outro para levar na bolsa e usar em qualquer lugar e em qualquer momento. Estarei em sua casa às seis. Vou lhe mostrar para que servem.

Como eu esperava, ela nega rapidamente. Não quer que eu vá, mas

nenhuma mulher resiste a mim. Repito que estarei na casa dela às seis.

Desejo vê-la e lhe ensinar um pouco mais sobre sexo. Essa morena que gosto de chamar de *pequena*é curiosa, e algo me diz que vai adorar aprender.

Despeço-me de Frida e Andrés e vou para o hotel tomar um banho. Não estou acostumado ao calor grudento de Madri. Quando saio do banheiro, o celular apita. Pego-o depressa e leio:

Ontem à noite senti sua falta no Sensations.

Ao ver de quem é, solto um palavrão. Não gosto de receber mensagens de Betta. Fico puto!

Não sei como lhe dizer que me esqueça. Mas, como não estou a fim de pensar nisso, visto-me. Chamo o motorista e ele me pega na porta do hotel.

No caminho, penso em comprar alguma bebida de que Judith goste, e o motorista para em um Vips. Compro uma garrafa de Moët Chandon rosé. Nunca falha!

Volto para o carro e, em meia hora, chego em frente à casa dela.

Olho o relógio: seis em ponto. Aperto o interfone.

— Quem é?

— Jud, sou eu, Eric.

Passados alguns segundos, insisto:

— Vai abrir?

Ouço o barulho da porta se abrindo. Despeço-me de Tomás com um aceno e entro. Quero me divertir. Quando chego à porta dela, toco a campainha. Ela não abre, então toco de novo. O que ela está fazendo?

Espero com paciência, imaginando que deve estar acabando de vestir uma lingerie fina, sexy e delicada para mim.

No entanto, passam-se segundos. Confuso pela demora, franzo a testa, bem na hora que ela finalmente abre. Nada de lingerie fina. Ao vê-la ofegante, pergunto:

— Você estava correndo?

Ela não responde. Olho para ela… olho… olho.

A diferença que vejo entre ela e as mulheres com quem costumo ficar é que, enquanto as outras se desmancham para me agradar, para ficarem lindas e

sensuais, essa garota é natural, tão natural que está até usando uma pantufa do Bob Esponja. Sem poder evitar, debocho, secamente:

— Adorei sua pantufa.

Dito isso, entro na casa e olho em volta.

Não é muito grande, mas bonita e colorida. Jud tem bom gosto para decoração. Fico surpreso quando vejo que um gato vem em minha direção.

Um animal em casa?

Não gosto muito de animais, e menos ainda dentro de casa. Eles e eu não nos damos bem. Contudo, sem saber por quê, me agacho e o toco, e o gato parece agradecer minha deferência.

Sob o olhar atento de Jud, continuo acariciando o animal. Se isso fizer que ela vá para a cama comigo, vou acariciá-lo o quanto for necessário. Quando me canso, entrego a ela a garrafa de rótulo rosa e digo em tom autoritário:

— Aqui, linda. Abra, ponha em um balde de gelo bem cheio e pegue duas taças.

Ela desaparece, séria.

Concluo que não gosta de minhas ordens, mas ela não diz nada. Em silêncio, sigo-a até a cozinha. Enquanto ela lê o rótulo rosa da garrafa, digo, passando a mão por sua cintura:

— Você disse que gostava de morango. No aroma desse champanhe predomina o morango silvestre. Você vai gostar.

Ela não me olha.

Por quê?

Ansioso para ter seus olhos nos meus, faço-a se virar. Ela fica com as costas apoiadas na geladeira. Satisfeito, faço algo que já notei que lhe agrada, que é passar minha língua por seu lábio superior. Contudo, quando ela acha que vou passar a língua por seu lábio inferior, o desejo é mais forte que eu e a beijo.

Caralho… gosto de beijá-la!

Ela não protesta. Permite, gosta. Tenho vontade de continuar descobrindo coisas, então pergunto:

— Onde está o que lhe dei hoje?

Ela indica e, sem soltá-la, caminho até onde está o pacote.

Ao ver que ela não retirou da embalagem nenhum dos dois presentes, solto-a com frieza, rasgo o papel e, já com os brinquedinhos nas mãos, encaro-a. Enxergando curiosidade em seus olhos, sussurro:

— Pegue o champanhe e as taças.

Volto para a cozinha. Enfio os brinquedos embaixo da torneira para lavá-los, depois os seco e, fitando-a, pego-lhe a mão e digo, ciente de minha impaciência:

— Leve-me a seu quarto.

Pela mão, ela me guia até uma porta; abre-a e diante de nós aparece um dormitório excessivamente colorido. Por que tem que ser tudo tão colorido?

No entanto, minha impaciência aumenta e esqueço as cores. Não vejo a hora de curti-la, então, sentando-me na cama, sussurro:

— Tire a roupa.

Meus olhos e os dela se encontram, e, de repente, vejo neles algo que não me agrada. Ela diz:

— Não.

Sem acreditar, repito:

— Tire a roupa.

Ela torna a fazer não com a cabeça. Por que nega meu pedido?

Seu olhar desafiador me deixa revoltado.

Nenhuma mulher me nega sexo. Como não estou a fim de implorar, porque não preciso disso, me levanto e sibilo:

— Perfeito, srta. Flores.

A partir desse instante entramos em uma discussão absurda. Então, ouço-a dizer:

— Quando estiver disposto a se comportar como um homem e não como um ser todo-poderoso que não sabe ouvir não, talvez eu ligue para você.

Olho para ela boquiaberto.

Está sendo grossa comigo?

Talvez ligue para mim?

Quem essa mulher pensa que é para falar assim comigo?

Louco da vida, olho para a porta. Decido ir embora quando, de repente, sinto sua mão na minha. E, sem saber por quê, puxo Jud para mim e a beijo.

Adoro devorar sua boca! É deliciosa…

Chupo seus lábios com deleite, com prazer. Ela começa a tirar a roupa e, ao ver isso, não consigo me mexer.

O que está acontecendo comigo?

Por que me sinto um pouco assustado?

Quando a vejo só de lingerie, percebo que essa mulher me atrai mais do que quero reconhecer, e, quando puxo seu sutiã e enfio seu mamilo rosado na boca, algo em mim se quebra em mil pedaços e murmuro:

— Você é linda.

Depois, deito-a na cama e a observo. Aqueço-a para o que está por vir, sabendo que tenho que me comportar. Essa mulher não está acostumada ao que eu gosto e quero agradá-la.

Suas bochechas estão vermelhas, acesas, e seus olhos estão brilhantes e

excitados. E mais ainda quando separo suas pernas pouco a pouco para deixá-la diante de mim, exposta e vulnerável.

Ciente de meu poder sobre as mulheres, cravo meus olhos azuis nela enquanto tiro a camisa e lhe mostro que, nesse instante, quem manda sou eu.

Ver seu nervosismo me estimula. Pegando um dos brinquedinhos que comprei, eu me ajoelho entre suas pernas. Adoro seu cheiro, seu sexo é maravilhoso. Observando aquilo que quero dentro de minha boca, sussurro:

— Quando um homem dá a uma mulher um aparelhinho desses, é porque quer brincar com ela e fazê-la vibrar. Deseja que ela se desmanche em suas mãos e aproveite plenamente os orgasmos, e deseja saboreá-la por inteiro. Nunca esqueça. Isto é um vibrador para seu clitóris. Agora, feche os olhos e abra as pernas para mim. Garanto que você vai ter um orgasmo maravilhoso.

Ela não se mexe. Estremece. Noto que está assustada e, tranquilizando-a, sussurro:

— Jud, você confia em mim?

Nós nos olhamos durante alguns segundos e ela, por fim, assente. Beijo-a e, deitando-a, me perco entre suas pernas, beijando a parte interna de suas coxas e sentindo-a vibrar. A seguir, cheio de desejo, introduzo os dedos em sua fenda quente.

Caralho… seu calor é delicioso!

E, sem poder esperar nem mais um segundo, coloco a boca sobre sua ardente umidade. Acho que quem vai desmaiar agora sou eu. O sabor dela é delicioso, e sua pele, algo fora do comum.

Adoro…

Fico transtornado…

Surpreso…

Mexo a boca sobre sua vulva em busca do clitóris e, quando o encontro, sugo-o sem piedade, e ela se remexe de prazer em minhas mãos. E, abrindo-se como uma flor, arfa só para mim.

Deliciosa…

Delicada…

Insuperável…

Essa mulher, que não tem experiência com o tipo de sexo que me excita, de repente está me deixando louco. Tento conter o anseio que sinto de fazer mil e uma coisas com ela. Pego um dos aparelhinhos que lhe dei e murmuro, colocando-o sobre seu clitóris:

— Pequena, você vai gostar.

E ela gosta…

Fica encantada…

Enlouquecida…

E o melhor de tudo é que me deixa louco também.

Ouvir seus gemidos, sentir o calor de seu corpo e ver sua entrega me faz perder a razão, e curto… curto demais, enquanto brinco com o aparelhinho em seu clitóris e ela se agita de prazer em minhas mãos. O cheiro adocicado do sexo se espalha ao redor de nós.

Meu coração se acelera ao ouvi-la, sinto-a estremecer e olho para ela no momento em que solta um profundo gemido. O prazer a enlouquece e, querendo dar-lhe tudo, apoio o vibrador em um ponto de seu clitóris que a excita tanto que Jud se arqueia para receber mais e mais.

Ela está linda, tentadora, e, quando sua boca toma a minha com exigência, sem saber por quê, murmuro um apaixonado:

— Peça-me o que quiser.

Um beijo frenético nos excita, nos consome, quando ela pressiona seu corpo contra o meu e, encarando-me, exige:

— Preciso de você dentro de mim agora!

Sua urgência é a minha.

Seu desejo é o meu.

Ela explica que toma pílula, mas, mesmo assim, ponho um preservativo para evitar problemas. Colocando suas pernas sobre meus ombros, eu a possuo.

Deus, que prazer!

Judith é quente, cativante, irresistível. Quando afundo totalmente nela e a ouço arfar, sussurro:

— Assim, pequena, assim. Abra-se para mim.

Ela arqueia os quadris em busca de profundidade. Suas mãos me agarram com desejo e seu olhar me mostra que quer ferocidade. E eu, que também quero isso, dou-lhe.

Uma… duas… três… nove vezes entro e saio dela de forma resoluta.

O prazer é extremo enquanto ambos nos deixamos levar pelo momento. Arfando, me movimento sobre ela com uma série de rápidas investidas. Quando ela tira as pernas de meus ombros, murmuro:

— Olhe para mim, pequena. Quero que sempre olhe para mim, entendeu?

Ela assente, excitada, e eu, instigado por um sentimento desconhecido até esse momento, afundo de novo dentro dela e curto. Sinto prazer como nunca, até que sinto que ela chega ao clímax. E depois de mais duas investidas, eu também.

Nus e desorientados depois desse primeiro round incrível, respiramos com dificuldade. Isso que acabou de acontecer me deixou desconcertado, para o bem. Rolando para o lado para não a machucar com meu peso, pergunto:

— Tudo bem, Jud?

Ela assente e eu respiro aliviado. Agrada-me saber que ela gostou e que não fui brusco demais.

Em um ato reflexo, olho o relógio que uso no pulso e, pensando em Andrés e Frida, levanto-me e me visto, enquanto ela debocha por ontem à noite a Alemanha ter perdido o jogo de futebol contra a Itália, coisa que não me interessa, na verdade.

Estamos conversando quando, de repente, ao notar que estou vestido, Judith pergunta:

— Vai repetir com minha chefe?

Olho para ela, surpreso, e, ao ver sua cara depois do que disse, percebo que leu o cartão que acompanhava as flores que mandei para Mónica no escritório.

— Eu sabia que você era curiosa — replico —, mas não a ponto de ler os cartões que não são para você.

— O que você pensa é indiferente para mim — diz ela, fitando-me.

Satisfeito com a visão que ela me oferece nua sobre a cama, digo:

— Não deveria ser indiferente, pequena. Sou seu chefe.

Ninguém em sã consciência responderia ao que eu disse, mas ela me surpreende e se levanta, põe a calcinha e sai do quarto, afirmando:

— Pois é indiferente, seja você meu chefe ou não.

Observo-a sair sem poder acreditar.

Por acaso ouvi bem?

Surpreso com sua desfaçatez, sigo-a até a cozinha, onde começamos uma discussão absurda. Depois, ela me convida a ir embora de sua casa, mas não lhe dou ouvidos. Quero que fique claro que estou ali única e exclusivamente por sexo. Sou um homem que sabe o que quer, e ela tem sorte em me ter. Mas, então, a morena maluquinha solta:

— Como você é metido! Arrogante! Vaidoso e pretencioso! Quem você pensa que é? O umbigo do mundo e o homem mais irresistível da Terra?

Desconfiado, olho para ela enquanto seguro um “Mas é claro!”.

O que é que deu nela?

Por acaso não aceitou meu presente, não gostou do sexo e não se divertiu comigo?

Deixo claro que estou ali para brincar com seu corpo, para lhe mostrar como usar um vibrador, e ela se irrita. Explode. Grita.

Observo-a gesticular, praguejar, resmungar. Nisso é como minha mãe, bem espanhola. E, quando acaba toda sua ladainha de palavras feias e mordazes, pergunto, sério:

— Quer que eu coma você?

Ela olha para mim.

Olha-me de uma forma que me desconcerta, pois não sei se me deseja ou se quer quebrar minha cabeça ao meio.

— Jud, responda — insisto.

De repente, ela assente. O tesão do momento é mais forte que ela. Disposto a ter seu corpo outra vez, faço-a virar. Vamos até um aparador, onde a apoio e, arrancando-lhe a calcinha com um puxão, ponho um preservativo que tiro da carteira, abaixo a calça e a cueca e, ao senti-la estremecer, ordeno em seu ouvido:

— Afaste as pernas.

Com luxúria, acaricio seu bumbum moreno e redondo e lhe dou dois tapinhas, que me deixam a mil. Até que o desejo me vence e, depois de me colocar na entrada de sua vagina úmida, com uma forte investida, penetro-a, e ambos gememos.

Com força, seguro-a com as duas mãos pela cintura. Essa pequena, desafiadora e inexperiente, está me deixando louco. Querendo deixar bem claro que, embora ela pense que sou um egocêntrico vaidoso, eu sou o melhor, e a como. Como-a com prazer, enquanto ela arfa e ambos estremecemos.

— Mais? — pergunto, dando-lhe outro tapinha.

Completamente entregue a mim, Judith geme:

— Sim… sim… Quero mais.

Durante alguns segundos fico sussurrando em seu ouvido. Falo coisas que a deixam louca. Peço-lhe que me diga o que deseja e, quando ela responde, minha paixão se aviva de tal maneira que, com cada investida, a levanto do chão, até que ela chega ao orgasmo, e eu a sigo com prazer.

Atraído por seu cheiro, beijo seu pescoço com deleite, e então com uma frieza que parece a minha ela se afasta de mim de repente.

Acalorado e sedento, sigo-a. Jud entra no banheiro, fecha a porta. Eu me sento na cama. Satisfeito, bebo champanhe gelado com cheiro de morango.

Paciente, ouço a água do chuveiro correr e reflito se entro ou não. No fim, decido não entrar. O chuveiro é algo muito íntimo e pessoal, e não quero essa intimidade nem com ela nem com ninguém.

Quando ela sai do banheiro, sua cara de raiva me surpreende. Outra vez brava?

E, sem saber realmente o que fazer, pego-lhe a mão e pergunto:

— Quer que eu fique com você?

Ela puxa a mão e deixa claro que não. Depois de trocarmos algumas palavras mais fortes, sibilo:

— Ah! As espanholas e seu maldito gênio. Por que vocês são assim?

Quando digo isso, sinto seu olhar ficar sombrio.

Tentadora!

Sua raiva me provoca certo prazer, mas, como não estou a fim de discutir, termino de abotoar a calça e digo:

— Tudo bem, pequena, vou embora. Tenho um compromisso. Mas voltarei amanhã, à uma. Levo você para almoçar e, em troca, você me mostra um pouco de Madri, que tal?

Judith me olha. Levanta o queixo e, sem dar o braço a torcer, replica:

— Não. Que outra espanhola lhe mostre Madri. Eu tenho coisas mais importantes para fazer que turismo com você.

Observo-a, contrariado. O que pode ser melhor que eu? E sem lhe dar trégua, puxo-a para mim, passo a língua por seu lábio superior e afirmo com segurança:

— Amanhã à uma da tarde passo para pegá-la. E não se fala mais nisso.

Ela suspira. Não gosta que lhe deem ordens.

Eu espero sua negativa, mas, por alguma estranha razão que não compreendo, dessa vez ela não diz nada. A seguir, puxo-a comigo até a porta e murmuro, em tom de deboche:

— Tenha uma boa noite, Jud. E, se sentir minha falta, já tem com que brincar.

Dito isso, dou-lhe um beijo possessivo na boca e saio decidido.

Uma vez na rua, vejo que Tomás já está me esperando e, quando entro no carro, ele pergunta:

— Teve uma boa tarde, sr. Zimmerman?

Ao ouvir isso, assinto e, pensando na morena descarada que me tira do sério, declaro:

— Sim, Tomás, uma tarde muito divertida.

8

Na manhã seguinte, depois de uma noite interessante com meus amigos no Wonderland, decido alugar um carro. Não quero motorista. Prefiro ficar sozinho com Jud para conhecer um pouco Madri. Animado, mando-lhe uma mensagem:

Lembre-se: à uma, passo para pegá-la.

Estou olhando para a frente quando meu celular apita. Leio:

Não pretendo sair.

Boquiaberto, observo a mensagem. Caralho, que espanholinha! Mas, como nunca ninguém me deu bolo, respondo:

Pequena, não me deixe irritado.

Imaginar sua expressão ao ler a mensagem me domina. Insisto:

Para o seu próprio bem, espero você à uma.

Quando envio a mensagem, deixo o celular em cima da mesa para tomar banho e ele apita de novo:

Para o seu bem, sr. Zimmerman, não venha. Não estou de bom humor.

Ah, não… isso não vou permitir. Escrevo:

Srta. Flores, está querendo me irritar?

Dessa vez, não solto o telefone. Essa morena está me mostrando que é respondona. Sua resposta não demora a chegar:

O que quero é que me esqueça.

Como diria minha mãe, puta que me pariu! Mas ela captou por completo minha atenção, e respondo:

Você tem duas opções. A primeira é me mostrar Madri e aproveitar o dia comigo. A segunda, irritar-me, e eu sou seu chefe. Você decide.

Assim que a envio, percebo que meu abuso de autoridade é intolerável. Das vezes que transei com alguma mulher do trabalho nunca tive que empregar tais termos, elas simplesmente queriam. Mas com essa cabeça-dura preciso.

Judith me faz ficar atento ao telefone e, ao ver que ela não responde, envio mais duas mensagens, até que por fim recebo uma dela que diz:

À uma estarei pronta.

Muito bem. Era isso que eu queria. E vou para o chuveiro.

As horas passam e me vejo fitando o relógio desejando que a uma hora chegue. Acabo optando por calça jeans e camisa preta. Será um dia informal.

Faltando cinco minutos para a uma, já estou aguardando em frente à portaria dela. À uma em ponto aperto o interfone.

Espero… espero… mas ela não atende. Praguejo, desconfiado. Se ela me deixar ali plantado, juro que vou fazê-la pagar. Aperto outra vez. Minha impaciência aumenta, e então ouço:

— Alô?

Eu me tranquilizo na hora e simplesmente respondo:

— Desça. Estou esperando.

Então, afasto-me da portaria e me apoio no carro para que ela goste de minha aparência quando me vir. Conheço meu potencial, sei que as mulheres morrem por mim.

Mas, quando ela aparece, os olhos estão completamente arregalados e, ignorando-me, pergunta, fitando o carro:

— É seu?

Ora, o automóvel a impressiona mais que eu; isso me incomoda. Nunca competi com um carro. E então ela diz:

— Posso dirigir?

Nego. Não. Aqui quem dirige sou eu. Mas ela insiste:

— Ora, vamos. Não seja desmancha-prazeres, deixe. Meu pai tem uma oficina, garanto que sei dirigir.

Olho para ela. Ela me olha. Suspiro e, contrariado pelo fato de o carro ser o objeto de sua devoção, respondo:

— Mostre-me Madri, e, se você se comportar bem, talvez depois eu lhe deixe dirigir.

Ela fica animada. Aplaude e até dá um gritinho.

Espanholas!

Cinco minutos depois, guiado por ela, entramos no trânsito de Madri. Está um dia bonito e, embora a companhia me agrade, a música está no último volume. Reclamo:

— Está surda?

Judith me olha, sorri e responde com um suspiro:

— Não… não estou surda, mas um pouco de vida à música dentro de um carro é bom.

“Vida à música?”

E quando, além da suposta “vida”, ouço-a cantar, suspiro.

— Que foi? Você nunca canta? — pergunta ela.

Cantar, eu?

Pelo amor de Deus, mas que bobagem é essa?

Não respondo. Não vale a pena. Mas ela, como boa espanhola, insiste com suas perguntas e, quando vê que não tenho a menor intenção de responder, diz:

— Música é algo maravilhoso da vida. Minha mãe sempre dizia que a música amansa as feras e que as letras de muitas canções podem ser tão significativas para o ser humano a ponto de nos ajudar a esclarecer muitos sentimentos.

Acho isso engraçado.

Acho que ela acabou de me chamar de *fera* e nem percebeu. Agora o curioso sou eu: pergunto e descubro que sua mãe morreu de câncer anos atrás. Lamento por isso.

Sem nenhum tipo de vergonha, Judith canta todas as canções que tocam no rádio. Embora eu não queira sorrir, sinto meus lábios se curvarem.

Ela sabe todas as letras?

Faz anos que não saio com uma mulher para passear; nem com Betta eu fazia isso. Mas, aqui estou, em companhia de uma jovem inexperiente no tipo de sexo de que gosto, que se sente mais atraída pela Ferrari que dirijo que por mim e que não para de cantar a todo volume, como uma louca, enquanto entramos em um estacionamento.

Depois de estacionar o carro, passeamos durante horas por diversas áreas de Madri. Sinto uma necessidade louca de segurar a mão dela. Ela permite, sem dar importância, e eu curto essa sensação estranha e rara.

Judith me leva para almoçar no restaurante italiano de uns amigos dela. Enquanto beliscamos muçarela com tomate, eu a escuto falar e, maravilhado, perco-me em seu sorriso. Acho que é a garota com o sorriso mais lindo que eu já vi. Depois de pensar bem, digo:

— Quero lhe fazer uma proposta.

Ela sorri e, sapeca, sussurra:

— Hmmm… conhecendo você, aposto que é indecente.

Balanço a cabeça com frieza e me apresso a esclarecer que se trata de trabalho.

Tenho que viajar pela Espanha visitando os escritórios da Müller e sua ajuda me cairia muito bem. Ela sabe falar e escrever alemão perfeitamente e eu precisaria que, depois das reuniões, ela enviasse as atas à Alemanha.

No começo, Judith diz que não e sugere que eu proponha a Miguel: ele era secretário de meu pai. Mas recuso. Quero que ela me acompanhe.

Ela me rejeita. Destaca mil impedimentos, mas eu insisto. Não pretendo me dar por vencido, até que a faço entender que o que busco é trabalho e seriedade, não sexo. Então, ela pergunta, olhando para mim:

— Nos hotéis, quartos separados?

Assinto.

Em nenhum momento me ocorreria dividir um quarto, nem com ela nem com ninguém.

— Claro. Ambos teremos nosso próprio espaço. Você tem até terça-feira para pensar. Nesse dia precisarei de uma resposta ou procurarei outra secretária.

Judith assente. Quando trazem uma enorme pizza, ela esquece minha proposta e se concentra por completo na comida.

Surpreendente!

Ao sairmos do restaurante, pego de novo sua mão. Preciso desse contato com ela. Jud sorri, e, então, pergunto:

— Quer ir para meu hotel?

Nós nos olhamos…

Nos provocamos…

Depois de eu lhe dizer onde estou hospedado, ela pergunta com um sorriso sapeca:

— Vai me deixar dirigir?

Praguejo. Será que só a Ferrari lhe interessa?

Contudo, ao ver seu sorriso e os olhos cintilantes, pergunto:

— Você foi boazinha?

Judith assente com graça e afirma:

— Muito boazinha.

Ela deixa claro que vai cantar ao volante, e não posso lhe negar esse capricho. Então, quando chegamos ao carro, entrego-lhe as chaves e sorrio ao vê-la gritar e pular, feliz.

É sério que dirigir esse carro provoca nela esse estado de felicidade?

Primeiro, a Ferrari; depois, a pizza… o que será, a seguir, que vai lhe chamar mais a atenção que eu?

Três segundos depois, já estou arrependido de ter lhe dado as chaves. Judith arranca, põe o rádio no volume máximo e me proíbe de tocá-lo. Agarrado ao banco, deixo que ela pegue uma estrada sinalizada como M-30 e curta o carro.

Se isso a faz feliz, por que não?

9

Um bom tempo depois, paramos em frente ao hotel Villa Magna e um manobrista vem levar o veículo.

De mãos dadas, chegamos de elevador ao último andar, à suíte royal. Ao entrar, observo-a olhar ao redor, encantada. É evidente que ela não está acostumada ao luxo.

Sem detê-la, permito que ande pela suíte. Ao ver que é composta de dois quartos e uma sala, ela pergunta:

— Por que você usa uma suíte dupla?

Ela é observadora e, sem dúvida, perguntona.

— Porque em um quarto eu brinco e no outro durmo — respondo.

Ela assente, sem perguntar com quem mais eu brinco. Nesse instante, batem à porta. Um garçom entra e digo:

— Traga morango, chocolate e um bom champanhe francês. A seu critério.

Quando o homem vai embora, Judith abre as portas da varanda e sai para olhar a vista. Eu a sigo e, quando a abraço, ela murmura:

— Eric, posso perguntar uma coisa?

Sua constante curiosidade chama poderosamente minha atenção. Assinto.

— Por que você vai tão depressa?

Olho para ela, suspiro e lhe explico que se vou depressa é porque, em se tratando dela, não quero perder nada. E acabo perguntando se está com o vibrador que lhe dei na bolsa. Mas não, não está.

Censuro-a com o olhar, enfiando a mão dentro de sua calça jeans e sua calcinha. Introduzo o dedo nessa fenda quente e úmida de que tanto gosto, tiro-o e murmuro, levando-o a sua boca.

— Quero que você saiba que sabor tem. Quero que entenda por que estou louco para devorar você de novo.

Com uma sensualidade que me deixa sem respiração, Judith introduz meu

dedo em sua boca e chupa, degusta-o me olhando nos olhos, e eu sinto sua maravilhosa excitação.

Incrível!

Minutos depois, batem de novo à porta. Vou abrir e o mesmo garçom de antes entra com um carrinho de vidro. Depois de abrir o champanhe, ele serve duas taças e vai embora. Judith continua na varanda. Olho-a. Observo-a. Está linda e tentadora, e decido dar mais um passo. Mando uma mensagem a minha amiga Frida. Se ela quiser vir sozinha, sem Andrés, adorarei incluí-la em meu jogo. Depois, pego as taças, vou para a varanda, entrego uma a Judith e brindamos.

Durante um bom tempo nos beijamos, provocando-nos, até que o desejo me vence e exijo:

— Vamos para o quarto.

Ao entrar, a enorme cama king size grita, convidando-nos a usá-la. Como sei quanto ela gosta de música, vou até o aparelho de som e ponho algo relaxante. Judith me olha, e eu, sentando-me na cama com minha taça, pergunto:

— Está preparada para brincar, pequena?

Ela me olha – Deus, como me olha! – e depois assente animada.

Está tranquila e segura, então me levanto, abro uma gaveta e pego vários lenços pretos de seda, uma câmera de vídeo e umas luvas.

Seus olhos me seguem; ela está tão ansiosa quanto eu. Eu me aproximo dela, pouso a mão em seu bumbum redondo e murmuro:

— Você tem uma bundinha linda. Quero comê-la.

Assim que digo isso, noto sua reação. Ela tem medo.

Sem sombra de dúvida, nunca praticou sexo anal. Para tranquilizá-la e lhe mostrar que não sou um animal, sussurro:

— Calma, pequena. Hoje não vou penetrar seu lindo bumbum. É excitante saber que serei o primeiro, mas quero que você goste. Então, quando o fizermos, será pouco a pouco, estimulando-a para que você sinta prazer, não dor. Confie em mim.

Ela me olha e assente, mostrando que confia em mim. Então, indicando-lhe a câmera, digo:

— Hoje vamos brincar com os sentidos. Vou pôr esta câmera em cima deste móvel para filmar tudo. Assim, depois poderemos ver juntos o que fizemos. O que acha?

Judith responde que não gosta de filmagens e rapidamente lhe digo que quem menos tem interesse que alguém veja sou eu, por ser quem sou. No fim, ela aceita que eu grave e coloco a câmera.

Quando termino, faço-a tocar os lenços.

— O que você vai sentir quando estiver nua na cama é a mesma suavidade que sentiu ao tocá-los.

Ela assente, acaricia meu rosto e murmura, olhando para mim:

— Adoro seus olhos. Seu olhar.

Não digo nada. Nunca fui romântico. Prossigo:

— Além de cobrir seus olhos, como sei que você confia em mim, vou amarrar suas mãos e prendê-las na cabeceira da cama para que não possa me tocar.

Quando vejo que ela vai protestar, ponho um dedo sobre seus lábios e, com um sorriso torto, sussurro:

— É seu castigo, srta. Flores, por ter esquecido o vibrador.

Ela sorri.

Deus, que sorriso!

A seguir, ponho as luvas macias e a toco, provoco-a, excito-a. Então, ela tira a roupa, exceto a lingerie. Aproxima-se de mim. Eu apoio a testa em sua barriga e aspiro profundamente para que o cheiro de seu sexo me invada por completo.

Maravilhoso!

Tirando as luvas, pego-a pela cintura e a sento sobre mim. Empalo-a com meu pau – que prazer! E, enquanto passo a boca por cima de seu sutiã com avidez, murmuro:

— Está pronta para brincar do que eu quero?

Com os olhos fechados, ela afirma:

— Sim.

Gosto de sua resposta e insisto, aproximando-me de sua boca:

— Pronta para o que for?

Ela pousa as mãos em minha cabeça. Seus dedos afundam em meu cabelo… Hmmm, como é agradável sentir seu toque.

— Para tudo — responde —, exceto…

— Sadomasoquismo — finalizo, abrindo seu sutiã para deixar seus seios livres.

Levo-os à boca com vontade, para chupá-los e sugá-los.

Seus mamilos duros tocam minha boca enquanto ela, montada em mim, balança os quadris em busca de prazer.

— Ofereça-me seus seios.

Ela me olha, confusa. Não entende. Não sabe o que é se oferecer, até que, deixando-se levar pelo instinto, segura seus seios e, com uma sensualidade divina, leva-os a minha boca.

Mas, quando vou mordiscá-los, ela os afasta, brinca comigo. Satisfeito por vê-la assim, travessa, dou um doce tapinha em seu bumbum virginal.

Zás!

Saltam faíscas entre nós. Dou-lhe outro tapinha.

Zás!

Eu gosto de controlar. Adoro mandar. Gosto de dirigir no sexo. Então, ela cede a meus tapas e leva os seios a minha boca para que eu possa mordiscá-los.

Aproveito, degusto, até que ordeno:

— Levante-se.

Então, sento-me no chão.

Tiro sua calcinha com puro deleite, pouso as mãos em seus quadris e a faço flexionar os joelhos para que seu sexo depilado fique totalmente exposto para mim.

Apetitoso!

Seu cheiro me deixa louco. Sem que eu precise falar, ela entende que quero sua umidade em minha boca; então, agacha-se e a entrega a mim, oferecendo-se.

Judith se deixa guiar com facilidade enquanto eu degusto esse manjar salgado que ela guarda entre as pernas e me excito mais e mais a cada lambida.

Maravilhado e satisfeito, aperto-a contra minha boca e ao mesmo tempo minha língua inquieta se introduz nela mil vezes e sugo seu clitóris apetitoso e inchado em busca da loucura e dos suspiros que ela me oferece.

As sensações, os estremecimentos e o regozijo me dominam quando, com os dentes, pego seu clitóris suculento e o puxo, com cuidado, mas decidido.

Judith grita.

Crava as unhas em meus ombros. Estremeço.

O prazer que isso me provoca me faz tremer como nunca.

O que está acontecendo comigo?

Paro um instante, olho para ela e, sem entender o motivo de meus tremores, exijo:

— Deite na cama, Jud.

Ela obedece e, ao nos olharmos, sussurro:

— Abra as pernas para que eu possa ver o que desejo.

Ela faz o que peço. Suas pernas tremem por causa da excitação. Depois, passando a mão pelo interior de suas coxas sedosas, murmuro quase sem voz:

— Assim, pequena… assim… mostre-me tudo.

Ansioso por possuí-la, eu tiro a roupa e deixo o celular em cima da cama.

Depois, pego um lenço, sento em cima dela e, juntando-lhe as mãos, amarro-as. Beijo-a e as levanto acima da cabeça para amarrá-las à cabeceira.

Excitado com o jogo, pego o outro lenço e o coloco sobre seus olhos. Com ela do jeito que desejo, guloso, levo a boca até seus mamilos e meus dedos a sua morna umidade.

Maravilhado por tê-la do jeito que eu gosto, prossigo meu caminho e, quando dou um beijo delicado em seu lindo monte de Vênus, ela abre as pernas.

Abre-as para mim sem que eu lhe ordene, e isso me enlouquece. Minha boca vai em busca de seu clitóris já volumoso, e ela se contorce, excitada. Arqueia-se, amarrada por mim.

Nesse instante, meu celular se ilumina. Ao olhar, vejo que é Frida. Ela está na porta da suíte. Levantando-me com cuidado, dou uma última mordidinha no monte de Vênus de Judith e aumento o volume da música. Sem tempo a perder, saio do quarto nu, vou até a porta e, quando abro, Frida me olha. Sorrindo, tira o casaco preto e sussurra, mostrando-me que está seminua:

— Já estou aqui, pronta para brincar.

Assinto, com prazer, dou-lhe um beijo no rosto e murmuro:

— Vamos, estou impaciente. E, lembre-se, não fale, apenas curta e faça-a curtir enquanto ela pensa que sou eu.

Ela assente com um sorriso e pergunta:

— É alguém especial?

Para mim, especial só minha família e meus amigos diretos. Respondo:

— Não. Simplesmente mais uma mulher.

Frida assente e não diz mais nada. Depois, entramos juntos no quarto. Quando vê Judith na cama, nua e amarrada, sorri e se dirige a ela, animada.

Frida é uma jogadora experiente. Ela e seu marido, Andrés, são parte do grupo de meus grandes amigos na Alemanha. E se há algo de que Frida gosta é do clitóris de uma mulher. Ela fica louca brincando com eles, e eu quero que enlouqueça Jud.

Ela sobe na cama, em silêncio, põe as luvas e começa a percorrer o corpo de Jud, enquanto eu observo e aproveito o espetáculo. Principalmente quando, como era de esperar, Frida se lança em busca de seu clitóris. E quando o encontra, mordisca-o, suga-o, e Judith grita.

Eu suspiro.

Ela se arqueia! É delicioso vê-la curtir, entregar-se, e acho que vou explodir quando, ardente de prazer, ela busca mais e mais.

Judith treme, tenta fechar as pernas, mas Frida não lhe permite. Sem falar, faz que separe de novo as coxas para dessa vez morder os pequenos lábios. Jud arqueia as costas, geme e, então, entrego a Frida um consolo metálico. Minha amiga o umedece com a boca e, olhando para mim, o introduz pouco a pouco na vagina de Judith.

Eu mordo a mão, nervoso, enquanto com a outra acaricio meu pênis duro. Isso que está acontecendo me excita como nunca. Quando Frida começa a mexer o consolo, Judith geme, e minha amiga passa sua mão livre pelo bumbum dela.

Olho para a boca de Jud, essa boca doce, esses lábios aveludados, e sinto uma grande necessidade de beijá-la. Contudo, não devo: se eu fizer isso, ela vai descobrir o jogo, e quero que dure um pouco mais.

Frida tira o consolo da vagina de Jud, úmido dos fluidos, e começa a passá-lo pelo ânus. Judith treme tanto quanto eu. Tenho plena consciência de que desejo ser o primeiro a profanar esse cuzinho virgem.

Por fim, peço o consolo a Frida, que me entrega, enquanto continuo me tocando. Estou duro, teso e pronto para Jud. Frida volta a pousar a boca no sexo dela para devorá-la com autêntica paixão uma última vez, e, de repente, Judith deixa escapar um grito de prazer e saem de sua vagina fluidos, que minha amiga chupa com intensidade.

Sem dizer nada, ordeno a Frida que acabe e vá embora. Dou-lhe um beijo nos lábios e, quando ela sai, rasgo a embalagem de um preservativo e murmuro, colocando-o:

— Adoro seu sabor, pequena. Abra as pernas para mim.

Obediente, ainda de olhos vendados, afasta-as. Incapaz de esperar nem mais um segundo, encaixo meu corpo no dela e, quando sinto que ambos trememos de excitação, murmuro:

— Peça-me o que quiser.

Judith arfa. Espero que ela diga algo, que fale. Mas, como não diz nada, insisto:

— Peça-me o que quiser. Fale ou não vou continuar.

Agitada pelo momento, ela exige:

— Me penetre!

Ao ouvi-la, sorrio. O que eu costumo ouvir em momentos assim é “Me foda!”, não “Me penetre!”. Mas, sem dúvida, Jud não é mulher de usar certas palavras, em razão do que os outros possam achar dela. No entanto, como não quero pensar nisso agora, sussurro:

— Perfeito, pequena…

Agora é minha vez. A partir desse momento, eu me deixo levar.

Estou duro como uma pedra, e a vontade que sinto de comê-la e de fazê-la gritar de prazer é descomunal. De joelhos em cima da cama, seguro seus quadris e afundo nela com força, uma vez, e outra… e outra… Seus gritos, seus gemidos e seu jeito de se abrir para mim me mostram que gosta do que faço. Querendo mais, invisto como um animal.

Não sei quanto tempo dura esse assalto, só sei que o gozo é pleno quando ela, depois de um gemido sensual, me faz entender que chegou ao clímax. E, minutos depois, esgotado, suado, mas satisfeito, eu também gozo.

Caio ao seu lado na cama, ambos respiramos com dificuldade. Mesmo

assim, necessitado de seu sabor, eu a beijo, exijo um bom beijo e, quando me dou por satisfeito, solto-lhe as mãos com cuidado e beijo seus pulsos. Depois, retiro o lenço de seus olhos e, quando nossos olhares se encontram, pergunto:

— Tudo bem, pequena?

Ela assente entre assustada, surpresa e satisfeita com tudo. E para lhe permitir alguns minutos sozinha, me levanto e vou ao banheiro. Quero tomar um banho.

Ao entrar no belo banheiro do hotel, observo meu corpo no espelho.

Sou muito afortunado!

A seguir, abro a torneira do chuveiro e, quando a água começa a cair, pego um pouco de papel higiênico e embrulho o preservativo que já retirei. Estou jogando-o no lixo quando a porta do banheiro se abre. É Judith. Contrariado, pergunto:

— O que está fazendo aqui?

Ela me olha, paralisada, e diz:

— Estou com calor e queria tomar um banho.

Tanta intimidade me incomoda. Quero meu próprio espaço, e nele não entra nem ela nem ninguém.

— Eu pedi para você tomar banho comigo? — rosno.

Assim que digo isso, sinto que me excedi. Judith não merece que eu fale assim. Quando ela vai dar meia-volta, seguro sua mão e, depois de escutar suas duras palavras, por fim, digo:

— Desculpe, Jud… Tem razão. Desculpe meu tom.

Mas minhas desculpas não fazem efeito, e ela tenta escapar. Nesse momento, eu a levanto e a enfio dentro do enorme chuveiro. A água nos encharca enquanto ela se debate. Excitado, sussurro:

— Vire-se.

Furiosa, ela se nega, mas sinto que sua raiva diminuiu. Aproximo minha boca para beijá-la, mas ela faz algo estranho com o pescoço e se afasta de mim.

— O que está fazendo? — pergunto, contrariado.

Judith me olha, aperta os olhos e sibila:

— A cobra.

— A cobra?

Ela assente de novo. Percebe meu desconcerto, porque esclarece:

— Na Espanha, quando alguém vai lhe beijar e você se afasta, dizemos *fazer a cobra*.

Ora, ora…

Quer dizer, então, que essa mulher acabou de fazer comigo o que eu fiz a vida toda com as mulheres. Então, sorrindo, enquanto ela relaxa e passa as

pernas ao redor de minha cintura, pergunto:

— Se eu a beijar, vai fazer a cobra de novo?

Ela e eu no chuveiro…

Isso é novo para mim.

Judith está tão excitada quanto brava, e eu duro como uma pedra. E, quando acho que vai dizer alguma coisa bonitinha, ela solta, surpreendendo-me:

— Não… se você me foder.

Ela disse *foder*! Incrível!

Vermelha como um tomate, ela me olha enquanto a água do chuveiro cai sobre nós. Depois, ela parece se animar de repente e, enquanto esfrego meu membro duro em seu sexo, pergunto com cautela:

— O que você me pediu, pequena?

Sem hesitar, ela insiste:

— Me foda!

Gosto de ela ter dito “me foda!” em vez de “me penetre”; isso me excita, mostra que a srta. Flores está pouco a pouco entrando em meu jogo. E, sem preservativo, fodo-a! Ao sentir o toque sedoso de sua pele, meu corpo se revoluciona de uma maneira que surpreende até a mim mesmo, e me deixo levar.

Ela é miúda, e eu um sujeito grande, e posso segurá-la nos braços enquanto faço o que me pede. Entre suspiros, ela me chama de “garanhão”. Rimos e nos movimentamos em busca de nosso próprio prazer. Os corpos pedem mais e mais, e nosso instinto animal aflora como os cogumelos quando chove.

O som de nossa respiração se acelera enquanto mergulhamos um no outro com veemência e loucura.

— Olhe para mim. Se gosta dos meus olhos, olhe para mim — exijo.

Ver seu lindo rosto e sentir o prazer a consumindo é um luxo.

Gosto de olhar para ela, gosto de possuí-la, e quero que olhe para mim, que me possua e curta tanto quanto eu. A loucura a faz fechar os olhos e, dando-lhe um tapinha na nádega, faço que os abra de novo.

— Olhe para mim — insisto. — Olhe para mim, sempre.

Agarrando-se em meus ombros, essa mulher que está me fazendo perder o controle me olha enquanto seu corpo se acopla ao meu. O prazer é extremo, é delicioso, é incrível. E, quando a sinto cravar as unhas em minha pele, um profundo gemido sai de sua boca.

— Sim… assim — peço —, goze para mim.

Judith me dá o prazer de gozar para mim.

Quando sinto que vou explodir dentro dela, apesar de saber que ela toma pílula, saio e, apertando-a contra mim, deixo-me levar.

Três minutos depois, abro um pouco mais a torneira da água fria e brinco

com ela embaixo do chuveiro enquanto me pergunto desde quando sou tão brincalhão.

10

Estou me sentindo estranho.

Minha relação com as mulheres sempre foi baseada em sexo, mas passo quase o dia todo com Judith. E o estranho é que me sinto bem, muito bem.

Ela é engraçada, inteligente, e acho que o que mais me atrai nela é que não me dá razão o tempo todo. Quando não concorda comigo em algo, diz, e isso me fascina.

Depois de nosso banho, quando me surpreendi com o meu bom humor com ela, voltamos para a cama, onde fazemos amor com carinho. E, estranhamente, eu aproveito e não fico entediado.

Jud é uma mulher ardente e, cada vez que transamos, eu me surpreendo, não só por quanto gosto, mas também pelo jeito como ela curte e por ver como é insaciável. Tão insaciável quanto eu.

Felizes, comemos morango com chocolate e bebemos champanhe. Ao ouvir o toque de um e-mail chegando no notebook sobre a mesinha, ela olha para mim e pergunta:

— Está sempre conectado?

Olho para o computador e afirmo:

— Sim, sempre. Preciso estar a par dos assuntos da empresa o tempo todo.

Em seguida, me levanto, checo o e-mail e vejo que é de Dexter. Sorrio e decido responder mais tarde. Volto para a cama. Quando a vejo colocar outro morango com chocolate na boca, murmuro:

— Pelo que vejo, você adora chocolate.

— Sim. Você não?

Dou de ombros. Não é algo que ame, e, devido a minha doença nos olhos, não é muito recomendável.

— Você mora sozinho na Alemanha? — pergunta ela em seguida.

Sua pergunta me surpreende. Não desejo ficar excessivamente íntimo dela,

então não respondo. Se de algo tenho certeza é de que, depois do que aconteceu com Betta, não pretendo permitir que nenhuma outra mulher entre em minha vida. Brincar com elas e aproveitar o sexo é o bastante.

Judith parece perceber o que penso e, sem insistir no assunto, aponta para a câmera de vídeo e pergunta:

— Continua gravando?

Eu digo que sim. Ela sorri, sei que está curiosa para ver o que está gravado, e quero que ela veja o que aconteceu. Como vai encarar o fato de Frida e eu termos brincado com ela?

Ela leva outro morango com chocolate à boca e, curiosa, propõe:

— Vamos ver?

Assinto. Quero ver sua reação.

Em seguida, levanto-me da cama, pego um cabo em minha maleta, conecto-o à câmera e à tevê. Depois de pegar um pequeno controle remoto e sentar-me junto a ela na cama, pergunto:

— Pronta?

— Claro.

Sem hesitar, dou *play* e ambos aparecemos na imagem.

Durante um tempo rimos nos observando na tela. Sinto sua respiração se acelerar quando me vê amarrando-a na cama e cobrindo seus olhos.

Nós nos olhamos e nos beijamos, e eu sorrio sabendo o que está por vir.

Com curiosidade, observo sua expressão mudar quando Frida aparece em cena. Judith pestaneja. Está confusa. Olha para mim e eu não digo nada.

O vídeo continua…

Frida se coloca entre as pernas de Jud…

Frida lhe arranca gritos de prazer…

Frida introduz nela o consolo metálico que lhe dou. Então, Jud sussurra:

— O que…?

Não a deixo falar. Ponho um dedo sobre seus lábios e a obrigo a olhar para a tela. Não quero que perca nada.

Excitado, olho o vídeo. O que vejo é excitante. Pecaminoso. Duas mulheres em uma cama e eu dirigindo a cena. Uma amarrada por mim e outra cumprindo minhas ordens.

Judith, excitada, não tira os olhos da tevê, e algo me diz que quando vir Frida sair do quarto vai ficar furiosa. O momento não tarda a chegar e, quando Frida sai da suíte, ela me olha, furiosa, e diz:

— Por que permitiu isso?

Sua voz está trêmula. Ela não esperava ver isso.

— O que foi, Jud? — respondo com tranquilidade.

Exaltada, ela se levanta da cama e grita, olhando para mim:

— Uma mulher! Uma desconhecida… ela… ela…

Com firmeza, eu a interrompo e esclareço:

— Você disse que estava disposta a tudo menos sadomasoquismo, lembra?

Desconcertada, ela me olha. Não sei o que ela pode estar pensando.

— Mas… mas tudo entre mim e você… não entre… — insiste ela.

— Tudo exceto sadomasoquismo é… tudo, pequena.

Então, ela começa a andar pelo quarto como uma leoa enjaulada e, com fúria nos olhos, exclama:

— Nunca disse que queria fazer sexo com uma mulher.

Tudo bem, em parte ela tem razão. Recostando-me na cama, assinto:

— Eu sei…

Minha reação fria a surpreende. Boquiaberta, ela insiste:

— Então?

A partir desse instante, começamos a discutir.

Ela me diz o que pensa, o que sexo significa para ela, e eu lhe digo o que penso e o que sexo significa para mim. Não chegamos a um entendimento. Ambos pronunciamos a palavra *sexo*, mas não a sentimos do mesmo modo.

Então, quando ela se cansa de me ouvir, solta:

— Você é um convencido!

Pronto… de novo com isso. Quando lhe digo algo que ela não aceita, rapidamente volta com o mesmo assunto e continuamos discutindo. Até que, cansado, sibilo:

— Gostando ou não, você é como a maioria da humanidade. O problema é que essa humanidade se divide entre os que não se rendem aos convencionalismos e usufruem o sexo com normalidade e sem tabus e os que o veem como um pecado. Para muitos, a palavra *sexo*é tabu! Perigo! Para mim, *sexo*é sinônimo de diversão, prazer, excitação! E o que mais me irrita em suas palavras é que sei que você gostou da experiência. Curtiu o vibrador, a mulher que esteve entre suas pernas, inclusive de ter dito a palavra *foder*. Seu problema é que nega isso. Você mente para si mesma.

Irada, ela não responde.

Vai buscar sua roupa, veste-se depressa e, quando acaba, diz:

— Não se pode mudar o que aconteceu; mas, a partir deste momento, o senhor volta a ser o sr. Zimmerman e eu, a srta. Flores. Por favor, quero recuperar minha vida normal e, para isso, o senhor precisa ficar longe de mim.

Sem dizer mais nada, ela dá meia-volta e vai embora.

Não me mexo.

Não proíbo que se vá. Não pretendo ir atrás dela.

Eu sou Eric Zimmerman e nunca vou atrás de uma mulher.

11

Essa noite, depois do que aconteceu, combino de tomar um drinque com Frida e Andrés.

Ao me ver, ela fala da garota com quem brincamos em meu quarto. Mas não quero falar desse assunto, e Frida não o menciona mais.

Depois de comer algumas entradas em um restaurante, meus amigos propõem irmos beber alguma coisa em um lugar de ambiente liberal chamado El Cielo.

Eu aceito com prazer. Quero conhecer locais em Madri.

O clube a que vamos é relativamente novo; é possível perceber por suas instalações. Ao entrar, meus amigos cumprimentam um casal e a seguir nos apresentam. São uns amigos que, como eles, têm uma casinha em um lugar maravilhoso chamado Zahara de los Atunes, um povoado situado no sul da Espanha.

Enquanto conversamos no balcão, noto que várias mulheres me olham e me desejam. Não me conhecem. Sou novo ali, além de louro, grande e bonitão.

Tudo bem… como diria minha irmã, eu me amo mesmo! Frida, que também nota, sussurra:

— Alguma chama sua atenção?

Depois de passar os olhos por aquelas que morrem de vontade de que eu lhes tire a calcinha, respondo:

— Não. Ainda não.

Minha amiga sorri. O garçom traz nossas bebidas. Sem saber por quê, a srta. Flores cruza minha mente. Lembrar de nós dois rindo no chuveiro quando ela me chamou de *garanhão* ou brincando com os morangos em cima da cama, inconscientemente, me faz sorrir.

O que estou fazendo pensando nela?

Instantes depois, uma mulher muito atraente se junta a nós. Seu nome é

Manuela. De imediato, noto que se sente tão atraída por mim como eu por ela. E, quando os outros propõem entrar em um reservado, aceito. Por que não?

Passo as três horas seguintes fazendo sexo.

Manuela é ardente e, se estou curtindo o que estou fazendo, por que a maldita Judith surge em meus pensamentos de vez em quando?

De madrugada, quando chego ao hotel, estou tão irritado por tê-la em minha cabeça que, depois de um banho, vou até o notebook que está sempre ligado e escrevo:

> **De:** Eric Zimmerman
> **Data:** 1º de julho de 2012, 04h23
> **Para:** Judith Flores
> **Assunto:** Confirmação de proposta
> Cara srta. Flores,
> Sinto muito se minha companhia algumas horas atrás lhe desagradou, e tudo que isso implica. Mas devemos ser profissionais, de modo que, lembre-se, preciso de uma resposta à proposta que lhe fiz.
> Atenciosamente,
> Eric Zimmerman

Releio a mensagem várias vezes.

É basicamente profissional e, como tal, espero que ela a leia.

Dou “Enviar” e vou para a cama, onde fico virando de um lado para o outro. Quando consigo pegar no sono, já está amanhecendo.

Acordo duas horas depois, checo meu computador e vejo que não há resposta de Judith. Olho o celular e penso em ligar para ela, mas me seguro.

Por que estou tão conectado a ela?

Inquieto, ando de um lado para o outro e chego à conclusão de que preciso encarar tudo com mais calma e, especialmente, dar-lhe espaço para ver se quer ou não falar comigo. Por sorte, nunca tive que ir atrás de uma mulher, e essa não

vai ser a primeira vez.

Depois de checar os e-mails de trabalho e responder a Dexter, desço à academia do hotel. Correr na esteira sempre me relaxa.

Está vazia. Além de mim, dois homens e uma mulher, que corre em outra esteira. O tempo passa, os homens vão embora e ficamos apenas eu e a mulher.

Em silêncio, cada um continua com seus exercícios, até que ela se aproxima e me oferece uma garrafa de água gelada. Aceito com prazer. Ela diz que se chama Aifric, é irlandesa e está viajando a trabalho.

Uma hora mais tarde estou no quarto dela, entre suas pernas, fazendo-a gritar de prazer.

Depois do encontro furtivo com a executiva, volto a minha suíte e vou direto para o chuveiro. Em seguida, decido pedir comida e trabalhar um pouco. Então, chega um e-mail.

De: Judith Flores
Data: 1º de julho de 2012, 16h30
Para: Eric Zimmerman
Assunto: Re: Confirmação de proposta
Caro sr. Zimmerman,
Como disse, devemos ser profissionais. Minha resposta a sua proposta é NÃO.
Atenciosamente,
Judith Flores

Incrédulo, leio de novo.

Ela disse não? Para mim, Eric Zimmerman? Furioso, digito:

De: Eric Zimmerman
Data: 1º de julho de 2012, 16h31
Para: Judith Flores
Assunto: Seja profissional e pense bem
Cara srta. Flores,
Às vezes, precipitar-se não é bom. Pense bem. Minha oferta

continuará de pé até terça-feira. Espero que aproveite o domingo e que seu time ganhe a Eurocopa.
Atenciosamente,
Eric Zimmerman

Como fiz anteriormente, releio a mensagem e, convencido de que é profissional, dou “Enviar”. É tudo que posso fazer.

A seguir, fecho o notebook. Furioso, levanto-me e vou para a varanda.

Passo um bom tempo observando o burburinho das ruas de Madri. De repente, ouço alguém bater à porta.

Penso em Judith. Será ela?

Vou depressa abrir a porta e me encontro diante da executiva com quem estive horas antes. Ela traz uma garrafa de champanhe e duas taças.

— Que tal se curtirmos um pouco mais o domingo? — diz.

Com um sorriso, assinto e pergunto:

— O de antes foi pouco?

Charmosa, ela torce os lábios e replica:

— Não. Mas quero mais.

Como não tenho nada melhor para fazer, convido-a para entrar e fecho a porta. Essa mulher, alta como eu, não tem nada a ver com aquela que no dia anterior saiu irada deste mesmo quarto.

— Onde fica sua cama? — pergunta ela.

Penso nos dois quartos e, indicando o da direita, o que não usei com Judith, digo:

— Ali.

Segura de si, ela assente, dá uma piscadinha e diz:

— Vamos.

Concordo, mas, depois, recordo que antes preciso fazer uma coisa.

— Vá você — digo. — Já vou.

Decidido, pego o consolo metálico e uns preservativos e me dirijo ao quarto onde ela me espera.

Uma vez ali, tiro a garrafa das mãos dela e, enquanto a abro, pergunto:

— O que deseja de mim, Aifric?

Ela, que já está se despindo, olha para mim ao ver o consolo.

— Sexo.

Assinto. Sei perfeitamente que foi para isso que ela veio.

— Eric, não quero carinhos — acrescenta —, só quero que me foda com tesão. Estou farta de transas papai-mamãe de cinco minutos com meu marido. Dez anos casada com o mesmo homem é um tédio, ainda mais com um marido como o meu.

Não quero saber mais nada. Não me interessa a vida dela. Sabendo que ela pode ser uma boa candidata para saciar a raiva que sinto, seguro-a e a puxo.

Quando ela vai me beijar, viro o rosto. Ao ver como me olha depois de fazer a cobra, como diria Judith, murmuro:

— Já disse que não gosto de beijos.

Aifric sorri. Virando-a, eu a apoio no encosto do sofá do quarto. Arranco sua fina calcinha e, com ela em minhas mãos, murmuro:

— E, fique tranquila, comigo pode esquecer o papai-mamãe.

Sua respiração se acelera. A seguir, abro um preservativo, coloco-o e pergunto:

— Então… sexo forte?

Ela sorri e assente.

— Foda-me como quiser e faça-me gozar como uma cadela.

Ao dizer isso, ela deixa seu cu totalmente nu e a minha disposição. Sem hesitar, introduzo um dedo nele. Eu o movimento, ela estremece, e pergunto:

— É isso que você quer, não é?

Aifric assente.

Sei o que ela procura.

Tiro o dedo de seu ânus e, a seguir, introduzo dois. Ela arfa de prazer. Depois os tiro, me coloco na entrada de seu cu, e enfio meu pau com uma única investida certeira.

Caralho, que delícia!

Ela arfa, mexe as pernas para se posicionar melhor e murmura:

— Sim… assim. Bem forte. Foda-me!

Curtindo, bombeio em seu cu, acelerando o ritmo. Aifric pede mais.

— Estou fodendo você do jeito que pediu — sussurro em seu ouvido. — Com força, com dureza, com ímpeto… Gosta?

Ela grita, assente, mostra que gosta. A seguir, pego o consolo metálico e o introduzo em sua vagina.

— Ah… ah… — ela exclama, ofegante. — Foda-me… use-me…

Durante horas, curtimos um sexo selvagem e até sujo. Aifric deseja isso, e eu estou disposto a lhe dar o que quer.

Quando, depois de uma última transa, ela vai embora, entro no chuveiro.

Mas a lembrança da srta. Flores torna a me assaltar, e solto um palavrão.

***

Às sete da noite saio do hotel decidido a falar com a mulher que não consigo tirar da cabeça e esclarecer algumas coisas com ela. Não quero motorista. Não quero Ferrari. Então, pego um táxi e peço que me leve até o bairro de Judith.

Durante o trajeto, penso no que vou dizer, mas, ao chegar, fico atônito ao vê-la deixar o prédio com um sujeito muito sorridente.

Aonde ela vai? Quem é esse?

Observo-a boquiaberto e, sem sair do táxi, peço ao motorista que siga o veículo em que os dois entram. Pouco tempo depois, chegamos a uma região de bares, onde eles estacionam e descem. Eu faço o mesmo.

Disfarçadamente, eu os sigo a distância, ciente de que estou fazendo a maior bobagem que já fiz na vida.

Por que diabos a estou seguindo?

No entanto, sem poder voltar atrás, continuo e vejo o sujeito a pegar pela cintura e algumas vezes a beijar.

Quem diabos é esse sujeito?

Com as mãos suadas, observo-os entrar em um bar, mas fico do lado de fora. Não sei o que fazer. Nunca fui atrás de uma mulher e não sei o que estou fazendo. Mas o caso é que aqui estou, e não quero ir embora.

De repente, entra um grande grupo de gente e decido me infiltrar nele. O lugar é grande, está lotado. De imediato percebo que a maioria está com a camiseta da seleção espanhola e recordo que Judith me falou da final Espanha-Itália.

Semioculto entre as pessoas que cantam e se divertem, eu a localizo e a vejo cantar como uma louca com a bandeira da Espanha pendurada no pescoço e as cores vermelho, amarelo, vermelho pintadas na cara.

Está linda!

Estou contemplando-a, concentrado, quando chega outro sujeito, cumprimenta-a e fica conversando um bom tempo com ela. Gosto de observar Jud sem que ela perceba, é divertido. Mas, cada vez que seu acompanhante se aproxima e a abraça, algo dentro de mim se acende.

Por que ele é tão desagradável?

O jogo começa e, nos primeiros quinze minutos, todos gritam. A Espanha faz um gol. Quando faz outro, o sujeito a beija no pescoço. Caralho! Isso não me agrada nem um pouco.

Enquanto Judith assiste ao jogo, observo que ele não tira os olhos dela. Está

o tempo todo atento a ela e, sendo homem, sei bem quais são suas intenções. Não gosto disso.

No intervalo do jogo, tenho que me esconder depressa. Enquanto faz gracinhas para o chato que a fica beijando, ela quase me vê, mas, por sorte, sou mais rápido que eles e me escondo atrás de uns caras. Sinto-me o ser mais ridículo do planeta.

Que diabos estou fazendo?

Começa o segundo tempo e praguejo quando o chato a beija de novo depois de um gol, mas minha paciência chega ao limite quando um novo gol da Espanha faz ela se jogar nos braços dele e o beijar descaradamente.

Caralho!

A atitude de Judith me deixa louco.

Por que o está beijando?

Fico furioso de ver que ela entrega sua boca tentadora a outro. Quando, rindo, entram no banheiro masculino, fico parado como um imbecil pensando se entro também ou não.

Espero. Hesito… Não sei o que fazer!

Se eu entrar e ela me vir, que explicação posso dar?

Eles passam dezessete minutos dentro do banheiro e, quando saem, mal-humorado e sem que me vejam, vou embora.

Chega de fazer papel de trouxa!

12

Não consigo dormir.

A maldita srta. Flores se enfiou incompreensivelmente em minha cabeça, e, cada vez que fecho os olhos, vejo sua boca e a daquele desconhecido se unindo e soltando faíscas.

Na manhã seguinte, entro na lanchonete da Müller e a vejo.

Seu sorriso me diz que está feliz, de papo furado com os colegas, e imagino que sua felicidade se deve ao fato de a Espanha ter sido campeã da Eurocopa.

Vejo alguns chefes de departamento, vou até eles e começamos a conversar sobre trabalho. Ela está a poucos metros de mim, rindo e se divertindo.

Sentamo-nos para tomar um café, e, decidido, fico onde possa observá-la.

De onde estou, vejo Miguel e Jud conversarem, e ele, com familiaridade, ajeita uma mecha do lindo cabelo preto dela atrás da orelha. Disfarçando para que ninguém saiba o que estou pensando, olho para eles e sinto de novo as mãos suadas.

Outra vez?

E, como não estou a fim de continuar olhando o que não devo nem me convém, me levanto e saio da lanchonete.

Chega de bobagens!

Quando chego a minha sala, examino vários papéis que estão sobre a mesa e espero Judith se acomodar em seu lugar. Mas ela demora. Demora mais do que eu gostaria. Mas, quando chega acompanhada de Miguel, sem poder evitar, mando-lhe uma mensagem pelo celular:

Namorando em horário de trabalho?

Ela a lê, mas não responde. E, quando a vejo levar a mão ao pescoço,

escrevo de novo:

Não se coce, ou as brotoejas vão piorar.

Ela lê e me olha. Aperta os olhos, e intuo que o que me está dizendo mentalmente não é muito bonito. De repente, vejo Mónica se aproximar dela, falar alguma coisa e, depois, dar meia-volta e entrar rebolando em minha sala.

— Bom dia, Eric — cumprimenta.

Ela se senta na minha frente e conversamos sobre trabalho, enquanto eu observo disfarçadamente Judith e Miguel, que conversam sentados a suas respectivas mesas.

Esclarecidos certos pontos, Mónica se levanta e, depois que sai com Miguel, ficamos Judith e eu, sozinhos, cada um a sua mesa, separados por um vidro.

Durante alguns minutos disfarço, mas, quando não aguento mais, peço a ela que venha a minha sala.

Sua expressão ao entrar é séria. Rapidamente, ela pergunta:

— Pois não, sr. Zimmerman?

— Feche a porta, por favor.

Ela suspira. É evidente que está incomodada. Quando fecha a porta, eu lhe dou os parabéns por ter ganhado a Eurocopa. Ela assente, e então digo:

— Quem era o sujeito que você beijou e com quem ficou dezessete minutos no banheiro masculino?

Ela me olha boquiaberta e boquiaberto fico eu com minha indiscrição.

Que diabos acabei de fazer?

Mas, ao ver que ela não responde, insisto, e ela sibila, furiosa:

— Isso não lhe diz respeito, sr. Zimmerman.

Ela tem razão. O que estou fazendo?

Porém, incapaz de conter os milhares de perguntas sem resposta que tenho na cabeça, em vez de me calar, volto ao ataque:

— O que há entre você e Miguel, o caso de sua chefe?

Judith pisca sem acreditar. A seguir, depois de soltar pela boca tudo que lhe vem à mente – porque, verdade seja dita, que boquinha tem essa espanhola! –, dá meia-volta, furiosa, abre a porta e sai da sala decidida.

Eu a observo…

Eu a olho…

Não vou permitir que ela saia assim e, com a superioridade que me outorga

o fato de ser o chefe dela, pego o telefone de novo, ligo e, quando ela atende, exijo:

— Srta. Flores, venha a minha sala já!

Como um raio, ela se levanta – embora sua expressão demonstre que está irada e ofendida – e, quando entra, antes que fale qualquer coisa, digo:

— Traga-me um café, puro.

Surpresa, ela sai de novo e, quando volta e deixa o café na mesa, para provocá-la, digo:

— Não uso açúcar. Traga-me adoçante.

Vejo-a sair da sala vermelha de raiva. Ela está se controlando. Sabe que sou seu chefe e tenho a faca e o queijo na mão. Minutos depois, volta com o sachê de adoçante e, antes que o deixe em cima da mesa, ordeno:

— Coloque meio sachê no café e mexa.

Estou levando-a ao limite, eu sei. Seus olhos me dizem, o jeito como me olha e como retorce a boca enquanto aperta os punhos.

Será capaz de me dar um soco?

Em silêncio, ela faz o que eu pedi. Quando termina, antes que se mexa, digo para não sair da sala. Levanto-me, contorno a mesa, apoio-me com os braços cruzados diante dela e sussurro em um tom conciliador:

— Jud…

— Para o senhor é srta. Flores, se não se importa.

Olho para ela com seriedade. Não gosto que fale assim comigo, mas não quero que saia da sala. Seguindo suas instruções, digo:

— Srta. Flores, aproxime-se.

Ela se nega.

Repito. Ela dá um passinho, mas acrescenta:

— Sr. Zimmerman, não vou me aproximar mais. Demita-me se isso o fizer se sentir o rei do universo, mas não pretendo me aproximar mais do senhor. E, se passar dos limites, vou denunciá-lo por assédio.

Hmmm… vai me denunciar por assédio?

Sua negativa redobra a vontade que sinto de tê-la perto de mim. Ignorando as advertências que minha parte racional grita, afasto-me da mesa, abro as portas do arquivo e, pegando-a pelo braço, entramos.

Quando tenho certeza de que estamos a salvo dos olhares indiscretos dos outros funcionários, pego-a entre meus braços e a beijo. Espero que me dê uma bofetada, que resista, que fique irada, mas ela não faz nada disso. Quando paro de beijá-la, sibilo, fitando-a:

— Mal consegui dormir pensando em você e no que estava fazendo com aquele sujeito ontem à noite.

Seu olhar é frio – não tanto quanto o meu –, e ela replica:

— Com minha vida e meu corpo faço o que quiser, sr. Zimmerman.

E, depois de me dar um empurrão para me afastar, acrescenta:

— Não sou uma bonequinha dessas a que deve estar acostumado a dar ordens. Não me toque nunca mais ou…

A partir desse instante, entramos em uma discussão absurda que não vai beneficiar nenhum dos dois, até que a vejo coçar o pescoço e, inconscientemente, o sopro. Isso parece acalmar a ambos. Murmuro em seu ouvido:

— Desculpe por tê-la deixado nervosa. Desculpe, pequena.

Seus olhos e os meus se conectam. Seu olhar me diz que posso beijá-la de novo, que posso tocá-la, que posso me aproximar e, sem hesitar, faço tudo isso. Um beijo leva a outro. Nenhum dos dois fala sobre o que aconteceu no hotel. A temperatura de nossos corpos sobe depressa. Quando enfio a mão dentro de sua calcinha, sinto-a vibrar e murmuro, extasiado:

— Você está molhadinha para mim.

Judith arfa, permite-me introduzir mais a mão e, então, o dedo dentro dela, e sinto que perdi a cabeça.

Ela é macia, quente, apetitosa, desafiadora.

Com o joelho, faço-a abrir as pernas e introduzo dois dedos, afundando-os nela.

A sensação é, no mínimo, atordoante. Sinto seus quadris se moverem em busca de um prazer que estou disposto a lhe dar.

Sei que não estou agindo bem.

Sei que sou seu chefe e que isso é abuso de poder.

Mas também sei que ela gosta, de modo que a masturbo no arquivo. Enquanto a seguro roçando minha boca na sua, exijo:

— Goze para mim, Jud.

Nossos olhos estão conectados e sinto um ardor imenso, infinito. Quero despi-la, despir-me e possuí-la de mil maneiras, mas, como isso não é possível agora, sussurro:

— Vamos, Jud, deixe-se levar.

E ela se deixa.

A umidade entre suas pernas que molha minha mão me mostra que está deixando-se levar, e, então, um profundo gemido de satisfação rompe o instante e a sinto estremecer.

Sei que atingi meu propósito. Quando tiro as mãos de sua calcinha, olho para ela e digo com certa frieza:

— Você me deve um orgasmo, pequena.

E a beijo. Adoro beijá-la.

A seguir, solto-a, temos que recuperar a compostura. E, fitando-a, pergunto:

— Voltou a pensar em minha proposta?

— Ontem já lhe respondi, disse que não aceito.

Sua recusa me deixa louco. Está deixando-se levar pela raiva, como eu em outras ocasiões. Insisto, mas ela continua recusando. Finalmente, digo:

— Vou aceitar sua recusa. Outra vai concordar.

Assim que digo isso, sei que agi errado de novo. E, ao ver como me olha, dou meia-volta e saio do arquivo. Não quero continuar enfrentando seu olhar sombrio.

Judith demora alguns segundos para sair. Imagino que esteja se recompondo. Quando sai, sentado a minha mesa, digo:

— Eu disse que lhe dava até terça-feira para responder, e assim será. Agora, pode voltar ao trabalho. Se precisar de você de novo, eu chamo.

Vermelha – não sei se pelo que aconteceu ou se pela raiva de não poder me mandar à merda –, ela sai da sala, pega sua bolsa e vai embora. Quase vou atrás dela, mas me contenho. Sou o chefe.

Quando ela volta, dez minutos depois, Mónica e Miguel já haviam retornado. A seguir, Judith e ele começam a conversar. Furioso, observo-a sorrir por algo que ele diz.

Por que ela não sorri assim comigo?

Pouco depois, Mónica entra em minha sala, põe sobre a mesa documentos que lhe pedi que corrigisse. Satisfeito por ela ter resolvido a papelada, convido-a para almoçar.

Sem olhar para Judith, saio com ela da sala. Aproveito sua companhia enquanto comemos. No entanto, o cheiro de Jud, que continua em minha mão, não me deixa esquecê-la.

***

Quando voltamos ao escritório, ela não está em seu lugar. Imagino que esteja almoçando.

Mas, meia hora depois, Miguel volta e ela não. Fico incomodado. Não sei onde está e não quero pensar que continua com raiva.

Duas horas mais tarde, depois de ter ligado um milhão de vezes para Jud sem obter resposta, saio do escritório e digo ao motorista que me leve à casa dela.

Quando chego, dou muita sorte, porque um vizinho está saindo, de modo que entro sem avisar. Bato à porta, Judith abre, e fico sem palavras.

Ela está diante de mim completamente abatida, os olhos e o nariz vermelhos de chorar. O que aconteceu? Assustado pela possibilidade de eu lhe haver causado esse mal-estar, pergunto:

— O que aconteceu, Jud?

Seu rosto se contrai. Aperta os olhos, sua boca treme e ela começa a chorar.

Não… não… não… isso eu não aguento.

A dor de Judith se instala diretamente em meu coração. Abraço-a, consolo-a e, quando por fim se acalma, ela sussurra:

— Trampo, meu gato, morreu.

E então volta a chorar, com uma dor que, reconheço, toca meu coração.

Eu me lembro de Trampo daquela tarde que estive na casa dela. Animais não me apaixonam, nem sequer me despertam ternura, mas era o gato dela e entendo que sua morte a deixe de coração partido.

Durante horas tento acalmá-la, mas Judith está inconsolável. Não consegue dizer duas palavras seguidas sem chorar.

À meia-noite, ela parece mais calma. Estou com dor de cabeça, mas, fitando-a, murmuro:

— Jud… Jud… Por que não me disse? Eu teria acompanhado você e…

Ela me explica, então, que sua irmã Raquel esteve o tempo todo ao seu lado e isso me deixa aliviado. Não sabia que ela tinha irmãos e me alegra saber.

— Você está bem? — pergunta ela de repente, olhando para mim.

Ao ver a preocupação em seu olhar por tudo que ela está passando, tento sorrir. Às vezes, a doença que tenho me causa dores de cabeça terríveis, e ela deve ter notado.

— Fique tranquila — respondo —, é uma leve dor de cabeça.

— Se quiser, tenho aspirina.

Suas palavras me fazem sorrir. Dando-lhe um beijo, murmuro:

— Não se preocupe, vai passar.

Judith sorri. Que sorriso mais lindo ela tem!

— Gostaria que você ficasse aqui comigo — diz ela —, mas sei que não é possível.

— Por que não é possível? — pergunto, surpreso.

Ao ouvir minha pergunta, ela para de sorrir e diz:

— Não quero sexo.

Eu assinto.

Nunca fui tão condescendente com nenhuma mulher que não fosse de minha família. Por mais terrível que seja o que digo, sei que sou bastante frio com todas. Não permito que nenhuma se aproxime de meu coração, principalmente depois do que aconteceu com Betta. Não sei como, mas esta

menina conseguiu rachar levemente minha couraça.

— Vou ficar aqui e não tentarei nada enquanto você não pedir — declaro.

Ela me olha, surpresa. Até eu me surpreendo.

É sério que vou ficar com ela sem pedir nada em troca?

Ainda estupefato, eu me levanto, estendo a mão e a levo até seu quarto. Tiro os sapatos e a roupa e, só de cueca, me enfio na cama. Judith me olha, é evidente que está surpresa. Então, ela se despe na minha frente e coloca uma blusa de alcinha e um shortinho do Taz.

Que tentação!

A seguir, abre uma caixinha redonda. Pega um comprimido e me explica que é a pílula. Por último, deita-se ao meu lado. Feliz, passo um braço por baixo de seu pescoço, puxo-a para mim e, dando-lhe um beijo na ponta do nariz, murmuro:

— Durma, Jud… durma e descanse.

Em silêncio, esgotada, ela fecha os olhos até adormecer.

Eu, porém, fico observando-a durante horas sem entender como pude chegar a esse ponto. O que estou fazendo ali, abraçando-a, quando deveria estar possuindo-a?

13

É a primeira vez que estou na cama com uma mulher de pijama enquanto ela dorme. Isso é novo para mim.

Cochilo duas horas e, por fim, me levanto. Ela continua nos braços de Morfeu. Que sono profundo!

Mando uma mensagem para Tomás, meu motorista, pedindo que passe no hotel e me traga roupa limpa. Meia hora depois, ele chega à casa de Judith. Atendo-lhe sem fazer barulho.

Depois que ele sai, visto-me. Ela continua dormindo. Tiro uma foto dela com meu celular. Está linda.

Quando ela finalmente se mexe e abre os olhos, digo:

— Bom dia!

Ela se levanta sobressaltada e me olha. Sua mente está processando o que estou fazendo ali. Ela observa minha roupa e percebo que nota que não é a mesma. Esclareço que Tomás me trouxe outra há uma hora.

Depois de perguntar por minha dor de cabeça e eu lhe dizer que estou bem, ela se levanta e eu a sigo. Judith entra na cozinha, e a vejo olhar as coisas do falecido Trampo, que estão em cima do balcão. Então, faço-a dar meia-volta e ordeno:

— Para o banho!

Enquanto ela está no banheiro, sem hesitar, enfio em uma sacola as coisas do gatinho. Quanto menos ela as vir, melhor. Depois, leio o jornal que Tomás me trouxe e, quando ela aparece, digo:

— Hoje você me acompanha a Guadalajara. Tenho que visitar o escritório de lá. Não se preocupe com nada. A empresa já foi comunicada.

Ela não responde. Toma um café e, quando vejo que seus olhos procuram algo que não vai encontrar, aproximo-me e, sem tocá-la, como prometi, pergunto:

— Está melhor?

Ela assente com os olhos úmidos. Sem dúvida, as recordações a invadem. Mas ela engole o choro. Afastando o cabelo do rosto, declara:

— Quando quiser, podemos ir.

Às dez e meia chegamos a Guadalajara. Durante três horas, falo com Enrique Matías sobre produtividade e uma infinidade de coisas. Tenho que ficar a par da situação na Espanha. Judith toma nota de tudo com diligência enquanto ele e eu conversamos, e eu lhe agradeço. No entanto, quando a vejo digitar uma mensagem no celular, quase lhe pergunto para quem é, mas consigo me segurar. Não devo controlar sua vida.

Na volta, paramos em Azuqueca de Henares e comemos um cordeiro maravilhoso, que quase fica atravessado em minha garganta quando recebo mensagens de minha mãe e de minha irmã reclamando de Flyn e de Betta me perguntando onde estou.

Às quatro, chegamos a meu hotel. Jud fica tensa, então esclareço que só quero trocar de roupa para poder passar a tarde em sua companhia. Ela assente, mas acrescenta que tem compromisso às seis e meia. Eu decido acompanhá-la, especialmente quando fico sabendo que é um segundo emprego.

Sério que essa garota trabalha na Müller e em outro lugar?

Pagamos tão mal assim?

No hotel, o ascensorista nos leva diretamente à cobertura. Jud fica na sala. Minutos depois, saio do quarto vestindo calça jeans e camiseta vermelha. Ela me olha, percorre meu corpo com seus lindos olhos escuros. Fico excitado, mas não digo nada.

Dez minutos depois, estamos de novo no carro com Tomás.

Temos que ir à casa de Judith para que ela troque de roupa. E, depois de ela vestir uma calça jeans e prender o cabelo, saímos apressados.

Outra vez no carro, ela diz a Tomás aonde quer ir. Quando chegamos à porta de uma escola, descemos. Eu olho em volta, surpreso. Jud pega minha mão e me puxa com pressa. Sigo-a até uma porta onde diz “Ginásio”. Ao atravessá-la, vejo umas meninas gritando e dirigindo-se a ela:

— Treinadora! Treinadora!

Treinadora?! Ela é treinadora? De quê?

Estou fitando-a quando algumas meninas chegam para abraçá-la. Ela parece ler meus pensamentos e diz:

— Sou treinadora de futebol feminino da escola de minha sobrinha.

Assinto, surpreso, e a vejo se afastar com as meninas. Então, percebo que as mães me olham com curiosidade. Segundos depois, Jud volta com uma jovem e uma menina e diz:

— Raquel, este é Eric. Eric, esta é minha irmã, e a macaquinha que está sentada em meu pé direito é minha sobrinha Luz.

Encantado, cumprimento-as, e então a menininha diz, dirigindo-se a mim:

— Por que você é tão alto?

Sua pergunta me faz rir. Respondo:

— Porque comi muito quando era pequeno.

Vejo Jud e sua irmã sorrirem, e a menininha volta a atacar:

— Por que você fala estranho? Tem algum problema na boca?

Sem dúvida, essa menina é uma espanhola perguntona em potencial. Agachando-me, respondo:

— Porque sou alemão e, embora saiba falar espanhol, não consigo disfarçar meu sotaque.

Ela sorri, olha para mim e diz:

— Que surra que os italianos deram em vocês outro dia. Mandaram vocês para a casinha.

Não sei do que ela está falando, até que vejo a rápida reação da irmã de Jud, que leva a menininha embora, e me dou conta de que estava se referindo a futebol.

— Não se pode negar que é sua sobrinha — sussurro, achando graça. — É direta igual a você.

Rimos e, quando as meninas a cercam de novo, Judith se afasta. Observo o carinho que tanto as crianças como suas mães têm por ela. Percebo que, mais que um treino, isso é tipo uma festa para ela. O ano letivo acabou e, sem dúvida, elas querem agradecer por ter sido tão boa treinadora. Isso me deixa orgulhoso. Quando ela se aproxima com dois copos de plástico cheios de Coca-Cola, digo-lhe como estou surpreso.

Conversamos durante alguns minutos. Jud me explica que odeia que lhe deem ordens, que a manipulem, mas que, não sabe por quê, permite que eu o faça. Fala sobre o que aconteceu entre Frida e ela no hotel dias atrás e reconhece que, embora tenha se incomodado, quando se lembra da situação fica excitada. E que domingo até se masturbou pensando no que aconteceu entre ela e minha amiga.

Surpreso e feliz, escuto-a, até que ela sussurra, gesticulando com graça:

— E, por favor, está eximido da proibição de me tocar. Beije-me e diga alguma coisa, senão vou morrer de vergonha pela quantidade de coisas loucas que acabei de dizer.

Assinto, satisfeito. Gosto de sua sinceridade. Sussurro:

— Você está me deixando excitado, pequena.

Depois, digo tudo que sei dela. Não é muito, mas, para mim, é suficiente.

Eu lhe prometo que, a partir desse instante, o sexo será sempre consensual, que não vou surpreendê-la de novo e pergunto se vai aceitar a proposta que lhe fiz para me acompanhar pelos escritórios da Müller na Espanha.

Ela sorri, mas não responde. Mostra-me que sabe pouco de mim e, quando menciona meu pai, a faço prometer que não tornará a fazê-lo. Em seguida, explico que falo tão bem o espanhol porque minha mãe é espanhola, que tenho trinta e um anos e que sou solteiro e sem compromisso.

Ela parece gostar tanto do que lhe conto quanto gostei do que minutos antes ela me contou.

Então, de repente, diz:

— Sr. Zimmerman, aceito sua proposta. Já tem acompanhante.

Ouvir isso me deixa feliz. É incompreensível, mas a verdade é que me deixa imensamente feliz.

14

Na quinta-feira, às seis da manhã, passo em sua casa para pegá-la e irmos ao aeroporto. Sorrio ao ver sua cara quando entramos em meu jatinho particular.

Fica impressionada!

Observo Judith tocar todos os botões que vê no avião. Tenho que fazer um esforço para não rir ao vê-la emocionada como uma menina.

Ao chegar a Barcelona, um carro nos pega no aeroporto El Prat e nos leva até o bonito e moderno hotel Arts.

Chegando ao último andar, levam-nos a duas lindas suítes. Ao vê-la tão animada, deixo que vá sozinha para seu quarto. O trato era que cada um tivesse seu próprio espaço, e assim há de ser.

Entro em minha suíte, vou para a varanda e observo o lindo mar azul. A mulher que está na suíte ao lado passou de srta. Flores a Judith e, às vezes, Jud.

Quanto mais tempo passamos juntos, mais a procuro, e isso me surpreende; não só por me sentir tão à vontade ao seu lado mas também porque, enquanto estou com ela, meus olhos não pousam em nenhuma outra mulher.

Estou pensando nisso quando recebo várias mensagens de Betta e de minha irmã.

Sem hesitar, ligo para Marta. Depois de falar com ela e saber que Flyn andou aprontando de novo, desligo e suspiro. Meu sobrinho parece não querer aprender.

Olho o relógio. Tenho vontade de saber o que Judith está fazendo, mas não quero invadir sua privacidade. Então, pego o telefone e ligo para ela.

— Como é sua suíte?

Ela está encantada.

— Daqui a meia hora espero você na recepção. Não esqueça os documentos — digo.

Desligo e decido tomar um banho rápido. Estou precisando.

Vinte e oito minutos depois, já estou na recepção. Encontro Amanda Fisher, uma executiva loura que trabalha na Müller faz tempo e com quem saio às vezes. Cumprimento-a, e estou falando com ela quando Judith aparece. Digo em alemão:

— Amanda, esta é minha secretária, srta. Flores.

Ambas se olham, e prossigo:

— Srta. Flores, a srta. Fisher veio de Berlim. Ficará uns dias conosco. Amanda é responsável por ver a possibilidade de fornecermos nossos medicamentos no Reino Unido.

Nesse instante, um homem se aproxima e diz que o veículo está esperando. Sem perder tempo, as duas mulheres e eu nos encaminhamos para a enorme limusine preta.

Dentro do carro, com a cumplicidade dos anos, Amanda e eu conversamos e rimos, enquanto de soslaio observo Judith, que olha pela janela, um tanto incomodada.

Ao chegar ao escritório central em Barcelona, o diretor, Xavi Dumas, vem nos receber. Vejo que fica muito contente ao ver Judith. Será que existe algo entre eles?

Depois, ela vai para a sala de reunião com a secretária dele, enquanto eu cumprimento os demais presentes que nos esperam. Após as apresentações pertinentes, entramos todos na sala e eu me acomodo à cabeceira da mesa. Abro meu notebook e começa a reunião.

Depois de um tempo, entediado, olho para Judith, que está muito atenta a tudo o que é dito. Está séria, e decido lhe mandar um e-mail.

De: Eric Zimmerman
Data: 5 de julho de 2012, 10h38
Para: Judith Flores
Assunto: Sua boca
Querida srta. Flores,
Algum problema? Sua boca a delata.
P.S. Você é a mulher mais sexy da reunião.
Eric Zimmerman

Assim que dou “Enviar”, olho para ela e evito sorrir ao vê-la arregalar os

olhos ao lê-lo. Depois, observo-a digitar e, logo, recebo:

De: Judith Flores
Data: 5 de julho de 2012, 10h39
Para: Eric Zimmerman
Assunto: Estou trabalhando
Caro sr. Zimmerman,
Eu lhe agradeceria se me deixasse trabalhar.
Judith Flores

Acho engraçado e respondo:

De: Eric Zimmerman
Data: 5 de julho de 2012, 10h41
Para: Judith Flores
Assunto: Brava?
Suas palavras me deixam desconcertado. Está brava com alguma coisa?
P.S. Esse terninho fica ótimo em você.
Eric Zimmerman

Envio o e-mail e torno a observá-la disfarçadamente. Quando o lê, se remexe na cadeira, incomodada, e não responde. Fico inquieto e torno a digitar:

De: Eric Zimmerman
Data: 5 de julho de 2012, 10h46
Para: Judith Flores
Assunto: Você decide
Eu a advirto, srta. Flores, de que se não responder a meu e-mail em cinco minutos, vou interromper a reunião.

P.S. Você está de fio dental por baixo da saia!
Eric Zimmerman

Evitando sorrir, envio o e-mail. Vejo-a arregalar os olhos ao lê-lo.

Ela é soberba!

Sorri.

Jud me desafia com o olhar.

Não acredita que eu faça uma coisa dessas. Quando entendo que ela não tem intenção de responder, esquecendo o profissional que sempre sou no trabalho, digo, olhando para meu notebook:

— Senhores, acabei de receber um e-mail a que tenho que responder imediatamente. Um contratempo, peço-lhes desculpas por isso. — Levanto-me e acrescento: — Poderiam fazer a gentileza de me deixar a sós por alguns minutos com minha secretária? E, por favor, por nada neste mundo quero que sejamos interrompidos. Ela avisará quando tivermos acabado.

A seguir, todos se levantam e saem. Sinto os olhos surpresos de Judith sobre mim. Amanda, que é a última a sair, diz, olhando para mim:

— Estarei ali fora.

Quando ficamos a sós, um de frente para o outro, fecho meu notebook, acomodo-me em minha cadeira e, fitando Jud, que não tira os olhos de mim, peço:

— Srta. Flores, venha aqui.

Com rapidez ela se levanta, aproxima-se e, baixando a voz, sussurra:

— Como você pôde fazer isso?

Levanto uma sobrancelha. Eu faço o que quero o tempo todo.

— Eu lhe dei cinco minutos — respondo.

— Mas…

— Foi você que interrompeu a reunião — declaro.

— Eu?!

Satisfeito, pego sua mão e a puxo para mim. Coloco-a entre minhas pernas para que se sente na mesa e, quando a vejo olhar ao redor, murmuro:

— A sala não tem câmeras, mas não é à prova de som. Se você gritar, todos vão saber o que está acontecendo.

Ela me olha, incrédula. Sinto uma necessidade imperiosa de beijá-la, então, me aproximo, ponho a língua para fora, passo-a por seu lábio superior, depois pelo inferior e, depois de uma leve mordidinha, Judith abre a boca e a beijo. Devoro-a.

Excitado, me levanto e, ainda beijando-a, deito-a em cima da mesa e levanto-lhe a saia. Minhas mãos sobem apressadas por suas coxas e, quando chego à calcinha, tiro-a e murmuro:

— Hmmm… Que bom saber que está de fio dental.

Seu calor me mostra que está entregue. Quando ela abre as pernas para mim, pergunto:

— Aquilo que eu disse para carregar sempre com você está em sua bolsa?

Ela faz um biquinho e sussurra:

— Deixei no hotel.

Com carinho e desejo, acaricio a parte interna de suas coxas enquanto a faço se sentar. E, deixando-a tão excitada quanto eu, murmuro:

— Lamento, pequena. Tenho certeza de que da próxima vez não vai esquecer.

Ela me olha, e lhe dou um tapinha no bumbum quando a tiro da mesa. Fitando-a com seriedade, digo:

— Srta. Flores, temos que continuar a reunião. E, por favor, não torne a interrompê-la.

Por sua expressão, vejo que ela não gostou do que acabou de ouvir. Acrescento:

— Quando terminarmos, quero você nua no hotel. Por enquanto, fico com seu fio dental.

Judith pragueja, reclama por causa da calcinha, mas finalmente se dirige à porta e a abre.

Um minuto depois, a reunião continua.

15

A reunião se estende além da conta e, quando voltamos ao hotel, não estou de bom humor. Vou ter que mudar algumas coisas que meu pai fez.

Saímos da limusine, e pergunto com delicadeza:

— Srta. Flores, gostaria de jantar comigo e Amanda?

Espero que ela aceite. A trato formalmente para que Amanda não saiba o que há entre nós, mas ela, surpreendendo-me, responde:

— Muito obrigada pelo convite, sr. Zimmerman, mas tenho outros planos.

Outros planos?

Que negócio é esse de outros planos? E com quem?

Ofendido por sua insolência, assinto sem dizer nada, e ela vai embora. Combino com Amanda mais tarde no hall do hotel para irmos jantar.

Subo a minha suíte e penso em passar na de Judith, mas, no fim, não vou.

Não pretendo implorar que jante comigo.

Ela que implore!

Se há algo que tenho de sobra são mulheres e, se ela não quer me acompanhar, Amanda o fará. Ela morre de vontade de ir para a cama comigo depois de um jantar.

Contudo, o jantar é uma agonia.

Amanda me cansa e, pela primeira vez, a última coisa em que penso é em levá-la a meu quarto. Assim, quando acabamos de jantar, aproveito que recebo uma mensagem de minha mãe pedindo-me que ligue para ela e me livro de Amanda dizendo que tenho que encontrar uma pessoa.

Quando ela vai embora, um tanto contrariada, vou até o quarto de Judith. Bato à porta, espero e, quando não atende, uso uma cópia do cartão que tenho comigo para poder entrar na suíte dela. Como era de supor, ela não está. Solto um palavrão.

Durante alguns minutos, fico esperando, mas, por fim, mal-humorado, saio

do quarto e vou para a recepção. Dali a verei chegar.

Espero… espero, espero e me desespero. Por fim, ligo para o motorista que contratamos e decido dar uma volta por Barcelona em uma limusine branca.

Depois do passeio, quando volto ao hotel, sem sair da limusine, ligo para o quarto de Jud, mas ela não atende. Ligo para o celular, e ela também não atende.

Onde diabos ela está?

Estou pensando nisso quando um táxi para em frente ao hotel e a vejo sair. Como sempre, está linda, com um vestido branco curto e sandálias de salto alto.

— Judith! — chamo.

Ela para, vira-se e, quando nossos olhares se encontram, do interior da limusine demonstro que não estou muito contente.

Eu lhe pergunto por onde andou e ela me recorda que lhe permiti escolher entre jantar ou não com Amanda e comigo. Praguejo, ela tem razão.

Será que eu deveria ter ordenado?

Contrariado, abro a porta da limusine e a convido para entrar. Ela entra.

Peço ao motorista que dê partida e Jud e eu começamos a discutir. Como diz essa canção de que ela tanto gosta, se eu digo *branco,* ela diz *negro*. Até que, depois de saber que a estou esperando há horas, ela relaxa e diz:

— Eric… desculpe.

Mas estou irado e replico:

— Não se desculpe. Procure se comportar como uma mulher adulta. Acho que não estou pedindo demais.

De novo temos opiniões diferentes. Entrar em uma discussão com ela é fácil, e compreendo que comigo também. Então, para encerrar a questão, pergunto:

— Está de calcinha normal ou fio dental?

Ela me olha. Acho que não foi boa ideia lhe perguntar isso.

— E o que lhe interessa o que estou usando? — replica e depois exclama olhando para mim: — Pelo amor de Deus! Estamos discutindo e você me pergunta se estou de calcinha ou fio dental?!

Tento sorrir para que ela suavize esse seu gênio espanhol; e parece que meu sorriso dá resultado.

Fico sabendo que foi jantar com uma amiga chamada Miriam, e minha expressão se suaviza. Olhamo-nos. Desejamo-nos. E, agora, ciente de que ela não vai levar a mal o que digo, murmuro:

— Dê-me sua calcinha.

Judith continua um pouco receosa, mas, no fim, tira a calcinha e me entrega. Coloco-a no bolso da calça e, fitando-lhe os seios, murmuro:

— Vejo que está sem sutiã.

Ela sorri. Faço-a se sentar em frente a mim na limusine e, acariciando-lhe as coxas com desejo, sussurro:

— Adoro sua maciez.

Satisfeito por vê-la receptiva, levanto seu vestido até enxergar seu tentador monte de Vênus depilado e lhe abro as pernas. A visão é excepcional. Recostando-me no banco, peço-lhe, sensual:

— Mantenha-as abertas para mim.

Judith fica excitada ao me ver olhar o que tanto desejo. Quando o carro para, sei que chegamos ao Chaining, um lugar onde já estive e aonde pedi ao motorista que nos levasse.

Quando saímos da limusine, vejo-a esticar o vestido. Sente-se insegura sem calcinha, mas não digo nada. Entramos no lugar. Apoiando a mão em seu bumbum redondo, incito-a a continuar caminhando até o balcão.

Quando chegamos, fito as pessoas a nossa volta e digo:

— Seu mau comportamento desta noite merece um castigo.

Surpresa, ela sussurra:

— Sr. Zimmerman, gosto muito de você, mas caso se atreva a tocar um fio de cabelo meu de uma forma que eu considere ofensiva, garanto que vai se arrepender.

Sorrio. Ela não sabe de que castigo estou falando. Esclareço:

— Pequena, meus castigos não têm nada a ver com o que você está supondo. Não se esqueça disso.

O garçom nos serve bebidas. Bebemos sedentos e, quando acabamos, digo:

— Siga-me.

Atravessamos uma porta e entramos em outra sala. O Chaining é um clube liberal de Barcelona. Pedimos outras bebidas no balcão e, a seguir, pego um banquinho e convido Jud a se sentar.

Ela se senta, e a beijo. Adoro sua boca. Quando me afasto um pouco, ao vê-la de pernas cruzadas, sussurro:

— Abra as pernas para mim, Jud.

Ela me olha, surpresa. Olha ao redor. Está sem calcinha e, se fizer o que estou pedindo, ficará exposta, e não só diante de mim. Contudo, percebendo meu jogo, ela obedece e as abre como lhe peço.

Sem dúvida, ela pode ser uma excelente jogadora.

Satisfeito, pouso as mãos em suas coxas, aproximo minha boca da sua e murmuro sobre seus lábios:

— Adorei.

Então, sinto sua pele se arrepiar e, em seguida, a minha também. Não sei se vou conseguir dar-lhe o castigo.

Feliz pelo que essa mulher me faz sentir, passo as mãos pela parte interna de suas coxas macias e, colando minha boca em sua orelha, sussurro:

— Fique tranquila, pequena. Estamos em um clube de suingue e aqui todo mundo veio fazer a mesma coisa.

De repente, sinto-a ficar paralisada.

Isso é algo totalmente novo para ela. Quando giro o banquinho em que está sentada, ela olha ao redor. Há vários homens no balcão nos observando desde que entramos. Judith é gostosa, é uma mulher bonita e tentadora e quero protegê-la, mas, ao mesmo tempo, é excitante pensar em oferecê-la.

— Todos estão querendo enfiar a mão embaixo de seu vestido — sussurro em seu ouvido. — Pela expressão deles, posso ver que estão morrendo de vontade de chupar seus mamilos, de tirar sua roupa e, se eu deixar, de comer você até fazê-la gozar. Não vê a cara deles? Estão excitados e querem pegar seu clitóris com os dentes para fazê-la gritar de prazer.

Enquanto digo isso, vou ficando duro como uma pedra.

Imaginar-me despindo e oferecendo essa mulher a esses sujeitos me excita como nunca me excitou com nenhuma outra. E, de repente, percebo que quero controlar tudo que diz respeito a Judith.

Surpreendo a mim mesmo protegendo-a como nunca fiz com ninguém. Ao ver seu peito subir e descer, agitado devido a minhas palavras, prossigo, excitado:

— Você disse que queria que eu lhe contasse tudo de que gosto, pequena, e é disso que gosto. Fetiche. Estamos em um clube particular de sexo, onde as pessoas transam e se deixam levar por seus desejos. Aqui, as pessoas perdem totalmente a inibição e só pensam em brincar e ter prazer.

Judith se agita. Percebo como está nervosa. Vai coçar o pescoço, mas eu a impeço. Sopro nele e sussurro:

— Em lugares como este, as pessoas oferecem seu corpo e seu prazer em troca de nada. Alguns fazem troca de casais, outros buscam um terceiro para fazer *ménage* e outros, simplesmente, participam de alguma orgia. Neste clube há vários ambientes, e agora estamos na antessala do jogo. Aqui a pessoa decide se quer brincar ou não e, especialmente, escolhe com quem.

Ela assente enquanto escuta com atenção o que digo. Depois, quer saber o que há por trás de uma das portas, e eu explico. Então, ouço-a arfar. Controlando meus impulsos, sussurro:

— Pequena… eu nunca farei nada que você não aprove. Mas quero que saiba que seu jogo é meu jogo. Seu prazer é o meu, e você e eu somos os únicos donos de nossos corpos.

— Que poético — debocha ela, irritada.

Bebo minha bebida. Estou nervoso.

Sempre que estou em um clube desses com uma mulher, não preciso de normas. Sempre somos livres para fazer o que quisermos, mas com Judith sinto que não é assim. Com ela quero esclarecer pelo menos dois pontos. Com ela não quero equívocos. Digo:

— Escute, Jud. Quando estivermos em lugares como este ou acompanhados de mais gente entre quatro paredes, haverá duas condições entre nós. A primeira é: nossos beijos são só para nós. Concorda?

— Sim.

— E a segunda é o respeito. Se algo a incomodar ou incomodar a mim, temos que dizer. Se não quiser que alguém a toque, penetre ou chupe, você deve dizer, e eu rapidamente vou fazer parar. E vice-versa, *okay*?

Ela assente de novo.

Vejo o pavor e a curiosidade em seus olhos. Com a segurança que me dá o fato de estar no controle da situação, passo a mão por seu sexo úmido para excitá-la ainda mais e murmuro:

— Você está encharcada… suculenta… receptiva. Acha excitante estar aqui?

— Sim…

Sem pudor, ponho sua mão sobre minha ereção. Quero que ela veja como estou duro por ela. Depois de beijá-la com ardor, sussurro:

— Vou virar o banquinho para mostrar você a esses homens. Não feche as coxas e não desça o vestido.

Excitado, giro-a enquanto um estranho sentimento de posse cresce dentro de mim.

Com deleite, observo esses homens olharem a mulher que está ao meu lado. Perceber Judith como algo meu me deixa a mil. Betta nem nenhuma outra me fez sentir o que sinto agora.

Começo a acariciar suas coxas e as abro para mostrar a esses sujeitos o que é meu, só meu, e que só provará quem eu quiser.

Enquanto penso nisso, acho estranho. Desde quando tenho esse sentimento de posse?

Excitado, introduzo um dedo em seu sexo em frente a eles e o movimento para dentro e para fora. Judith arfa, agita-se, abre as coxas ainda mais. Sentindo-a trêmula, pergunto:

— Gosta que olhem você?

Ela assente. Eu insisto:

— Gostaria que um ou vários desses homens e eu fôssemos a um reservado com você e a despíssemos?

Judith arfa e aperta meu dedo com seus músculos internos.

— Eu abriria suas pernas e a ofereceria a eles — prossigo. — Eles lamberiam você e a tocariam, enquanto eu a seguro e…

Sinto sua vagina se contrair com o que eu digo.

Gosto disso.

Gosto de vê-la tão receptiva. Incapaz de evitar, beijo-a. Beijo-a enquanto meu dedo continua entrando e saindo dela. Judith curte, sem se importar que os homens observem.

Satisfeito, aproveito. Enfio dois dedos dentro dela e os movimento, enquanto de soslaio noto que os homens estão tão excitados quanto eu. Jud fica louca e, quando acho que vou fazê-la explodir se não parar, usando toda a minha força de vontade, tiro os dedos do lugar onde quero me perder e digo:

— Meu castigo por seu comportamento de hoje será que não fará nada do que eu propus. Ninguém a tocará. Eu não vou comer você e vamos agora mesmo para o hotel. Amanhã, se você se comportar bem, talvez eu suspenda o castigo.

Ela me olha irritada.

Não entende o que estou fazendo. Mas, se a questão é entender, nem eu me entendo.

Sem dizer mais nada, ajeito seu vestido, fecho suas pernas, limpo as mãos com umas toalhinhas de linho que ficam em cima do balcão e a faço descer do banquinho.

Quando saímos do bar, seu olhar acusador me fuzila. Mas não me deixo intimidar.

Em silêncio, fazemos o caminho de volta ao hotel e, quando chegamos em frente a seu quarto, olho para ela e sibilo com frieza:

— Boa noite, Jud. Durma bem.

Quando ela entra na suíte, fecho a porta e me apoio nela. Minhas forças estão esmorecendo.

Caralho!

Quero entrar.

Quero despi-la.

Quero fazê-la gritar de paixão.

Mas, por fim, dou meia-volta, vou para meu quarto e, tirando minha ereção para fora, alivio-me como posso, senão vou explodir.

16

No dia seguinte, o motorista me leva com Amanda e Judith a outra reunião. Observo que Jud está de calça comprida e mal me olha.

Será que ainda está brava por ontem à noite?

Às sete, quando voltamos ao hotel, ela se despede de mim e de Amanda e vai para seu quarto. Isso me deixa inquieto. Não quero que ela escape como no dia anterior, portanto, depois de me livrar de Amanda, subo até o último andar.

Diante de sua porta, penso se devo usar minha cópia da chave, mas, por fim, decido bater. Acho que é melhor.

Judith abre e nos olhamos com firmeza. Entro e fecho a porta e, depois de tirar o paletó, jogo-o no chão, afrouxo a gravata e, tomando-a nos braços, murmuro:

— Meu Deus, pequena… como a desejo…

O sentimento é mútuo. Depois de um ardente primeiro assalto, vêm mais outros. Claro que falamos sobre o que aconteceu na noite anterior e sei que ela quer provar e brincar.

Às quatro da madrugada, acordo ao seu lado. Ela está nua e enroscada em meu corpo. Observo-a. Até que uma pontada repentina na cabeça deixa claro que ou tomo logo o remédio ou dali a duas horas terei uma dor de cabeça de matar pelo resto do dia.

Contrariado por ter que sair do quarto dela, me levanto, me visto e, depois de lhe dar um beijo doce no ombro, dirijo-me a minha suíte, onde logo tomo o comprimido de que preciso e descanso.

***

Às dez da manhã, querendo que ela se levante, mando-lhe uma mensagem. É sábado e temos o dia livre para nós.

Acorde.

Espero com prudência uma hora, não quero sufocá-la, e de novo estou batendo em sua porta. Ela abre e eu a cumprimento contente:

— Bom dia, pequena.

Ela sorri, animada. Sem tempo a perder, proponho que passemos o dia juntos. Judith aceita e eu digo, satisfeito:

— Ótimo! Vou levá-la para almoçar em um lugar maravilhoso. Pegue o biquíni.

Sinto-a feliz.

Sinto-a descontraída.

E quando a ouço cantar uma música de letra sedutora que está tocando na rádio e que nunca ouvi na vida, pergunto:

— O que está cantando?

— Não conhece essa música?

Nego com a cabeça.

Não sou muito musical, menos ainda em espanhol. Ela diz que a banda se chama La Quinta Estación. Sorrio e, satisfeito ao vê-la tão descontraída, pergunto:

— A letra diz algo como “morro de vontade de beijá-la”, não?

Ela assente. E, sentindo-me o sujeito mais idiota do mundo, sussurro:

— Pois é exatamente isso que acontece comigo neste momento, pequena.

Jud sorri, eu a pego entre meus braços e a beijo… beijo e beijo. Beijar essa mulher se tornou um dos grandes prazeres de meu dia a dia.

Quando chegamos à recepção do hotel, um jovem funcionário se aproxima e me entrega umas chaves, que mostro a Judith. Sei que gosta de carros, e ela logo me pergunta ao ver o chaveiro:

— Lotus?!

Assinto e aponto o lado de fora. De repente, ouço-a gritar:

— Meu Deus, um Lotus Elise 1600!

Acho engraçada a expressão dela. Fitando-a, pergunto:

— Srta. Flores, além de entender de futebol, também entende de carros?

Ela assente e sorri de um jeito que me desarma.

— Meu pai tem uma oficina mecânica em Jerez — explica.

Achando graça, observo-a olhar o Lotus e respondo a suas perguntas. A seguir, jogo-lhe as chaves e digo:

— É todo seu, pequena.

Ela pula de alegria, mas contém o impulso de me abraçar no hall do hotel.

Em seguida, vamos para a rua e, quando entramos no carro, vejo Amanda ao longe. Ela nos olha. Observa-nos. Mas não me importo. Não lhe devo explicação.

Judith dá partida, acelera e olha para mim, enquanto pelos alto-falantes do veículo ouvimos “Kiss”, de Prince.

Divertindo-me, contemplo a jovem que virou minha cabeça. Ao vê-la cantar e dançar sem vergonha alguma, reviro os olhos. E, de repente, ouço-a dizer:

— Segure-se, garoto.

Durante um bom tempo ela dirige e aproveita a experiência. O carro é uma maravilha, roda suave como seda. Falamos sobre viagens, e ela me confessa que um dos seus sonhos é ir à Riviera Maya. Acho graça. Fui milhões de vezes.

Vamos em direção a Tarragona, mas, de repente, ela pega uma estrada estreita que não está em muito boas condições. Quando a advirto de que vamos furar um pneu, ela exclama, animada:

— Cale-se, desmancha-prazeres!

Mas o desmancha-prazeres não se enganou, e o pneu fura.

Fico louco.

Não gosto de imprevistos e, ainda por cima, está um sol horroroso para ter que trocar um pneu.

Que merda! Do jeito que sou branco, com certeza vou me queimar. Praguejo ao ver que o pneu em questão é o dianteiro esquerdo. Então, ela diz:

— Tudo bem, furou o pneu. Mas, calma, nada de pânico. Se o estepe estiver onde deve estar, eu o trocarei em um piscar de olhos.

Sem vontade de sorrir, olho para ela.

As mulheres com quem costumo sair não sabem apertar um parafuso, mas aqui está a espanhola pedindo calma a um homem como eu porque vai trocar sozinha o maldito pneu.

Inédito!

Ignorando-a, pego o estepe e sujo as mãos. Caralho! Solto-o no chão e sibilo, contrariado:

— Pode sair do caminho?

Ela me olha… não aguento sua arrogância. Responde sem se mexer:

— Não, não posso sair do caminho.

Caralho… caralho, quando ela fica assim, me tira do sério.

— Jud, você acabou de estragar um lindo dia. Não piore as coisas — digo.

Mas o que lhe digo entra por um ouvido e sai pelo outro. Ela ignora a mim e a meu mau humor e sibila:

— Você está estragando o lindo dia com seus maus modos e sua cara de raiva. Caralho, foi só um pneu que furou! Não seja tão exagerado.

Como era de esperar, começamos a discutir. Precisa ver como somos bons nisso! E, quando já estou farto, rosno:

— Muito bem, espertinha. Agora você vai trocar o pneu sozinha.

Irado, procuro a sombra de uma árvore que vejo a alguns metros e a deixo sozinha com o pneu.

Ela que se vire!

Durante um bom tempo, observo-a colocar o macaco e fazer força para levantar o carro, enquanto um sol inclemente e, sem uma gota de água para beber, bate direto nela.

Ela transpira.

Vejo gotas de suor caindo de sua testa no chão, mas ela não se rende.

Que cabeça-dura!

Seu amor-próprio é mais forte. Por fim, me compadeço e me aproximo. Suavizando o tom, sussurro:

— Tudo bem, você já provou que sabe fazer isso sozinha. Agora, por favor, vá para a sombra, eu termino de pôr o pneu.

Olhamo-nos…

Desafiamo-nos…

Mas, por fim, ela cede. Está vermelha como um tomate por causa do sol.

Dez minutos depois, quem está pingando de suor sou eu, mas consegui. Entro no carro, dirijo até ela devagar e, quando entra, saio da estradinha à procura de um posto de gasolina.

Precisamos de água!

Quando chegamos ao posto, discutimos de novo.

Como sempre, se eu digo *branco*, ela diz *preto*. Até que, farto, saio do carro irritado e entro na loja. Se não beber água, acho que vou desmaiar.

Depois de comprar duas garrafas grandes de água gelada e uma Coca-Cola, saio e a vejo refrescando o carro com uma mangueira. Quando me vê, sem aviso prévio, aponta a mangueira para mim e me encharca.

Caralho… caralho!

Não tenho senso de humor para essas brincadeiras.

Contudo, ao ver como ela me olha, sei que devo encarar tudo com humor nesse momento. Soltando a água e a Coca-Cola no chão, corro até ela e digo:

— Muito bem, menina, você pediu!

Consigo tirar a mangueira dela e a encharco inteira, como ela fez comigo. Rindo, ela grita, eu rio, corremos e nos molhamos, sem nos importar se alguém está olhando. Nunca vivi um momento tão descontraído como esse na frente dos outros. Curtindo, rindo, beijando e molhando Judith.

Quando desligam a água, solto a mangueira. Ela, que é uma escandalosa,

cai na gargalhada. Colando meu corpo ao seu, beijo-a e depois murmuro:

— Algo tão inesperado como você está dando emoção a este alemão amargurado.

Judith sorri e docemente sussurra:

— É mesmo?

Eu assinto, encantado, sorrio, beijo-a e pergunto:

— Por onde você andou a minha vida inteira?

Um beijo leva a outro, uma carícia a outra e, por fim, encharcados, entramos no carro e eu lhe entrego as chaves de novo. Quero que ela dirija.

Chegamos a Sitges um pouco mais secos. Estacionamos e, quando descemos do veículo, exijo sua mão.

Caminhando juntos, como um casal qualquer, e chegamos ao lindo restaurante que prometi. Curtimos o almoço.

Ela é um bom garfo!

À tarde, tomamos um banho de mar e brincamos na água como crianças. Depois nos jogamos sobre as toalhas e, mais tarde, nos sentamos em uma varandinha para beber alguma coisa.

Pergunto a ela o que quer beber e vou até o bar. Enquanto espero, olho em sua direção e a vejo falar ao telefone. Com quem está falando?

Assim que me servem as bebidas, volto à mesa. De novo, ela está ao telefone. Deixo sua Coca-Cola com bastante gelo diante dela. Para mim, pedi uma cerveja.

Judith ri. Logo vejo que está falando com um tal de Fernando.

Corroendo-me de curiosidade, quando ela desliga, pergunto:

— Quem é Fernando?

— Um amigo de Jerez. Queria saber quando vou para lá.

Imagino que está falando de suas férias de verão. Insisto:

— Um amigo… muito amigo?

Ela sorri e responde, descontraída:

— Vamos chamar de amigo.

Contudo, ao ver como olho para ela, pergunta:

— Que foi? Você não tem amigas?

Sua expressão risonha me faz perceber que estou fazendo papel de bobo. Por que fui perguntar uma coisa dessas?

Judith é só uma mulher com quem estou me divertindo por alguns dias,

trabalhando e fazendo sexo, nada mais. Depois de trocar mais algumas palavras sobre seus amigos e os meus, digo:

— Você está certa, Jud. Aproveite a vida e o sexo.

Ela me olha. Não diz nada, e eu também não.

Essa noite, quando voltamos ao hotel, fazemos amor como dois selvagens.

17

Minha cabeça está me matando.

A dor é insuportável.

Discuti com minha irmã, como sempre, por causa de Flyn e, ainda por cima, o representante da região de Ourense não preparou nada do que lhe havia pedido.

Caralho… caralho!

Judith tenta interceder na reunião, sei que faz isso de boa-fé, mas minha raiva é tão grande que no fim acabo descontando nela.

A viagem de volta ao hotel é caótica. Amanda não para de reclamar, Jud nem me olha e minha cabeça vai explodir.

Quando chegamos, peço a Amanda que saia do carro e, dirigindo-me a Judith, sibilo, sério:

— Que seja a última vez que você fala em uma reunião sem que eu lhe peça.

Ela vai dizer algo, mas não estou a fim de escutá-la. Protesto:

— No fim, Amanda tem razão: sua presença aqui não é necessária.

— O que essa imbecil diz pouco me importa — solta ela com soberba.

Sua rebeldia às vezes me deixa louco. Furioso, rosno:

— Mas talvez importe a mim.

Uma nova pontada de dor cruza minha cabeça. Toco-a e esfrego os olhos. Então, ela diz:

— Está com uma cara péssima. Está com dor de cabeça?

O fato de ela se preocupar comigo me deixa enternecido, mas estou tão irritado e com tanta dor que simplesmente respondo:

— Boa noite, Judith. Até amanhã.

Ela me olha.

Eu não me mexo. Por fim, Jud sai do veículo e, sem olhar para trás, entra no

elevador.

Saio do carro e praguejo. Não tenho filtro quando me sinto mal, mas ela não merece que eu fale assim.

Sou um idiota!

Já na calçada, Amanda se aproxima.

— Vamos, você tem que tomar seu remédio.

Assinto sem dizer nada. Subimos para meu quarto e vou direto à nécessaire que guardo no banheiro. Ali estão os medicamentos de que necessito. Depois de tomar três comprimidos, volto para a sala e me sento.

Amanda rapidamente fecha as cortinas da sala para que não entre luz e murmura, tocando meus ombros:

— Relaxe… relaxe.

Uma hora depois a dor já desapareceu. Enquanto olho para o teto sentado na poltrona da suíte, Amanda, de joelhos diante de mim, percorre meu pênis com deleite e eu não a detenho.

No dia seguinte, quando acordo, estou sozinho em minha cama. Depois de me divertir com Amanda na noite anterior, mandei-a para seu quarto. Olho o relógio, é hora de levantar. Entro no chuveiro e, quando saio, pego meu celular e escrevo:

8h30 na recepção.

Envio para Judith e Amanda.

Às 8h25, já estou no hall, vestindo terno cinza-claro e camisa branca. Só espero que o dia seja melhor que o anterior. Então, vejo Judith aparecer.

— Bom dia! — cumprimenta.

Sem olhar para ela, já que não sinto orgulho do que aconteceu na noite anterior com Amanda, respondo:

— Bom dia, srta. Flores.

Então, Judith recebe uma mensagem no celular e, de soslaio, vejo-a sorrir. Volto-me para ela e, enquanto digita, vejo que é uma mensagem de Fernando.

Ora, parece que o tal de Fernando lhe escreve com frequência.

Fico puto, de mau humor de novo, como no dia anterior, e minha pior versão de mim mesmo vem à tona.

Estou começando a não entender nada. Não quero nada sério com Jud, eu

mesmo imponho barreiras, mas ver que ela fala com outro me deixa irado!

O que está acontecendo comigo?

Passam-se os minutos, já são mais de oito e meia quando ouço sons de saltos altos ecoando. Quando olho, vejo Amanda aparecer apressada. Está animada. Na noite anterior, eu lhe dei o que queria.

— Desculpe o atraso, Eric — diz. — Tive um problema com minha roupa.

— Não se preocupe. O atraso valeu a pena. Dormiu bem?

De soslaio, noto que Judith está atenta a nossa conversa. Amanda responde:

— Sim. Dormi um pouco.

Saímos do hotel. Continuo irritado com Judith porque ela continua trocando mensagens com o tal de Fernando. Chegamos à limusine e, depois que Amanda entra, olho para Jud e digo:

— Srta. Flores, vá na frente com o motorista, por favor.

Sei que esse golpe a afeta. Seu olhar me diz, mas ela responde:

— Como quiser, sr. Zimmerman.

A seguir, perco-a de vista, mas me sinto péssimo. O que acabei de fazer?

Por que afasto de mim a mulher que quero que esteja ao meu lado?

Por que fico bravo com ela por causa do tal de Fernando se eu e Amanda…?

A viagem de carro com Amanda, que tenho que ficar tirando de cima de mim o tempo todo, parece eterna. Quando chegamos, antes de eu descer do carro, percebo que Judith já saiu.

Saio e cumprimento Jesús Gutiérrez, diretor do escritório, e o resto da diretoria, e lhes apresento Amanda.

Durante a reunião, faço Judith se sentar na minha frente. Não vejo graça ao vê-la tão alegrinha com um daqueles sujeitos. Quando a reunião acaba, ela sai rapidinho. Vejo-a entrar em um carro que não é o meu e pergunto:

— Aonde vai, srta. Flores?

Judith me olha – posso ver a fúria em seus olhos – e responde com um sorrisinho:

— Ao restaurante, sr. Zimmerman.

Insisto que pode ir na limusine conosco, mas ela recusa. Fico louco. Não suporto quando não faz o que eu digo.

No restaurante, ela se senta longe de mim, sem que eu possa evitar. Vejo-a rir, conversar e se divertir com aquele sujeito, e não posso fazer nada. Sinto o

mundo se abrir sob meus pés. Eu provoquei isso.

À tarde, quando acaba a reunião, despedimo-nos de todos e nós três voltamos à limusine. Dessa vez, Judith entra na frente sem que eu diga nada, e me sinto péssimo.

Por que me comporto tão mal com ela?

Já no hotel, antes que eu possa sair do carro, Judith desaparece.

Amanda, olhando para mim, sussurra:

— Que gênio tem essa sua secretária!

Assinto sem dizer nada.

Já em minha suíte, fico dando voltas como um louco. Quero falar com Judith, preciso falar com ela, mas sei que, se eu ligar, vamos discutir. Portanto, decido tomar um banho. Isso sempre me ajuda a espairecer.

Depois, visto-me, pego o celular e digito:

Venha a meu quarto.

Mando a mensagem para Judith e sua resposta não tarda a chegar:

Vá à merda.

Fico exasperado com sua resposta.

Caralho, essa espanholinha!

Ninguém fala comigo desse jeito. Pego a cópia da chave de seu quarto – que peço em todos os hotéis –, vou até lá, abro a porta e paro na frente dela, que está sentada e se surpreende ao me ver entrar.

Sem dizer nada, pego-a pelo braço, puxo-a e a beijo.

Ela não está de salto alto, é baixinha. Baixinha demais para mim, mas não me importa. Eu a puxo contra meu corpo e a sinto fria. Não responde. Não me deseja. Mas insisto. Meus beijos se repetem mil e uma vezes e, no fim, ela responde e pressiona seu corpo contra o meu.

Ótimo!

Com desejo, desabotoo a saia enquanto a empurro para a parede. Quando

meus dedos chegam dentro de sua calcinha e acaricio seu clitóris, fico louco.

Judith se entrega a minhas mãos. Andamos pelo quarto em busca de prazer; ela gosta do que faço com ela e um doce suspiro sai de sua boca.

Quando sinto que está pronta, abaixo o zíper da saia, que cai no chão. Ajoelho-me a seus pés e, levando o nariz a sua calcinha, aspiro seu perfume, esse aroma inebriante como nenhum outro.

Tiro sua calcinha e minha boca captura o que anseio.

Seu sabor me deixa louco!

Ela se remexe sob minha boca e mordisco seu clitóris doce e inchado. Sinto-a tremer, e tremo também. Assim ficamos vários minutos, até que me levanto do chão e a levo ao encosto do sofá.

Sem pensar em nada, viro-a, recosto-a sobre ele e, depois de mordiscar suas nádegas, dou-lhe uns tapinhas.

Nenhum dos dois diz nada. Por fim, abro suas pernas, imobilizando-a, e, passando meu membro por seu ânus e vagina, murmuro:

— Vou comer você, Jud. Hoje você me deixou louco e vou comer você do jeito que passei o dia todo pensando em fazer.

Ouço-a arfar; sua respiração está acelerada. Sinto que está excitada, tanto ou mais que eu. Então, com uma estocada certeira, penetro-a e ela grita.

— Preciso ouvir seus gemidos agora! — exijo.

E os ouço. E como ouço.

Exigente, pego-a pela cintura e a penetro sem parar, com dureza, com rudeza, com urgência.

Com cada investida sinto-me afundar nela…

Cada grito dela é um grito meu…

E quando noto que ela arqueia o corpo em busca de uma penetração mais profunda, enlouquecido, dou-lhe o que quer e, então, quem treme e grita sou eu. Sinto nossos fluidos deslizarem por nossas pernas enquanto, a cada investida, levanto Judith do chão e a pressiono com desespero.

Assim ficamos vários minutos, até que ela chega a um furioso clímax no momento em que a espremo contra o encosto do sofá. A seguir, saio dela, consumido, e rego escandalosamente seu bumbum com minha essência.

Esgotados, nem nos mexemos, e nossa respiração ecoa pelo quarto. Judith não me olha, o que acho estranho. E quando o faz, depois de alguns segundos, sibila:

— Saia daqui. É meu quarto.

Sem entender a razão disso, olho para ela, que exclama:

— Quem você pensa que é para entrar em meu quarto? Quem pensa que é para me tratar desse jeito? Acho que… acho que você se enganou comigo. Eu

não sou sua puta…

Boquiaberto, pergunto:

— Como é?!

Ela se agita, furiosa, pragueja, solta impropérios em espanhol que não sei nem o que significam e, por fim, olhando para mim, rosna:

— Eu não sou sua puta para você entrar e me foder sempre que lhe der na telha. Para isso você já tem Amanda, a maravilhosa srta. Fisher, que está disposta a continuar fazendo por você tudo que quiser. Quando ia me dizer que tem um caso com ela? Qual é? Você já estava planejando sexo a três sem me consultar?

Suas perguntas me deixam sem resposta. Nunca tive que dar explicações a ninguém, nem mesmo a Betta, e não sei o que responder. Então, com frieza, dou meia-volta e desapareço do quarto.

Não estou a fim de permitir que ninguém fale comigo como ela está falando. Furioso, vou para a suíte de Amanda e trepo com ela a meu bel-prazer.

Duas horas depois, volto a meu quarto e abro o notebook.

Olho meus e-mails e decido que se Judith quer ficar brava com o que aconteceu, que fique. Em nenhum momento ela me disse não. Não fui a seu quarto fazer amor com doçura, fui foder!

Durante um bom tempo me dedico aos e-mails, mas estou inquieto. Sei que é por causa do que aconteceu, mas não pretendo pedir-lhe desculpas.

Uma hora mais tarde, vou para a cama e passo grande parte da noite fitando o teto sem conseguir dormir por culpa do que aconteceu.

Sou um animal!

18

Às sete da manhã, decido sair da cama e ir correr. Estou precisando.

Quando volto, suado, vou direto para o chuveiro. Penso de novo em Judith. Ela não deu sinal de vida, mas não vou pressioná-la.

À uma, desço para o restaurante e encontro Amanda.

É sexta-feira, e não temos nenhuma reunião marcada, portanto almoçamos com tranquilidade. Não procuro pela srta. Flores; ela deve saber o que faz.

Durante o almoço, como sempre, Amanda se insinua. Vejo em suas palavras e em seus olhos que quer mais do que lhe dei na outra noite, mas eu não estou a fim. Continuo irado e, quando terminamos, volto sozinho para meu quarto. Contudo, no caminho, passo pela frente do de Jud e me aproximo.

Devo bater?

Hesito, reflito, mas, no fim, ao recordar suas palavras duras, vou embora.

Mesmo assim, às três da tarde não aguento mais seu silêncio e ligo para ela. Não atende ao telefone. Ligo uma dúzia de vezes, mas, como ela continua não atendendo, decido ir a seu quarto. Abro de novo com minha cópia da chave e fico sem palavras quando, em cima da cama, encontro um bilhete que diz:

> *Sr. Zimmerman,*
> *Voltarei domingo à noite para continuar o trabalho. Se estiver demitida, avise-me para eu não perder a viagem.*
> *Atenciosamente,*
> *Judith Flores*

Ela foi embora?

Como assim, foi embora?

Furioso, olho o relógio e, depois de pensar alguns segundos, saio do quarto

e vou atrás de Amanda. Quero saber se ela sabe de alguma coisa. Então, fico sabendo que na noite anterior, antes de eu ir ver Judith, Amanda foi a seu quarto e não lhe disse coisas muito bonitas.

Caralho… caralho!

Agora entendo melhor a raiva de Jud.

Ligo para uma empresa de aluguel de carros. Uma hora depois, vou para Madri.

Depois de dirigir mais rápido do que deveria, chego ao bairro dela. Estaciono e vou até a portaria de seu edifício. Decidido, toco o interfone, mas ela não atende. Fico louco. Ligo para seu celular. Também não atende.

Onde será que se meteu?

Irritado, afasto-me da portaria e, de repente, vejo-a no fim da rua. Olho fixo para ela e vejo que está com um braço enfaixado.

O que aconteceu?

Sem perceber que a estou observando, ela chega ao edifício. E, quando pega a chave para abrir a porta, me aproximo depressa por atrás e sibilo:

— Nunca mais vá embora sem avisar.

Quando digo isso, ela se vira, olha para mim com os olhos inchados e, levantando o braço enfaixado, murmura:

— Eu me queimei com o ferro e está doendo horrores.

Saber que ela está sentindo dor me deixa arrasado.

Saber que ela está sofrendo me faz sofrer. Esquecendo a raiva e ciente de como me reconforta tê-la encontrado, murmuro:

— Meu Deus, pequena, venha aqui.

Sem hesitar, ela se aproxima. A discussão do dia anterior fica esquecida. Abraço-a, até que nos olhamos e eu lhe dou um beijinho, que tem sabor de glória.

Subimos a seu apartamento e conversamos sobre o que aconteceu no dia anterior. Enquanto a escuto, meu coração se acelera. Sem que eu perceba, essa jovem está impregnando-se em minha pele e, como diz a canção que aprendi a amar depois de tanto ouvir Jud cantar, estou começando a levá-la na cabeça.

Ao ver sua cara de dor, decido ligar para Andrés. Ele é médico. Meu amigo aparece meia hora depois e vem sem Frida. Ao ver Judith, ele me olha, e eu lhe devolvo um olhar de advertência. Ele sorri e examina Judith. Acaba aplicando-lhe uma injeção de calmante e, a seguir, entrega-lhe um cartão com seu número de telefone. Ela o pega e o guarda em um aparador. Então, eu, sentindo necessidade de deixar uma coisa clara, pego-a pela cintura e, dirigindo-me a meu amigo, digo:

— Se ela precisar de você, eu ligo.

Andrés sorri e assente.

Ele e Judith se despedem e acompanho meu amigo até a porta. Uma vez sozinhos, ele sussurra com ironia:

— Que negócio é esse de se ela precisar eu ligo?

Não respondo, só olho para ele. Andrés acrescenta:

— Não posso acreditar!!!

Ao ouvi-lo, suspiro.

— Não diga bobagens.

Mas Andrés continua:

— Sim… sim, bobagens. Você está…

— Andrés, pare!

Meu amigo vai embora. Olho para Judith e, ao vê-la deitada no sofá com os olhos fechados, fico nervoso. Ela é pura vitalidade e energia, e vê-la assim me deixa inseguro. Porém, preciso conter meus medos e a deixo descansar.

Enquanto isso, eu a observo. E, de repente, tomo consciência de que ela se tornou alguém muito especial para mim e que talvez Andrés tenha razão. Desejo estar com ela, quero protegê-la, sua dor é minha dor… E rapidamente compreendo que preciso acabar com isso. Tenho que voltar para a Alemanha e me afastar, antes que ela sofra.

Transtornado, pego meu celular, ligo para Tomás, o motorista de Madri, e peço que nos traga comida. Quando ela se sentir melhor, com certeza, vai querer comer.

Em silêncio, sento em uma poltrona ao seu lado e a observo descansar.

Sem me mexer, contemplo-a querendo que ela acorde, que sorria e que solte uma das suas. Mas ela está dormindo, descansando, e preciso respeitá-la.

Uma hora depois, toca a campainha. Eu me levanto para abrir. É Tomás trazendo o que encomendei. Ao me virar, encontro o olhar de Judith.

— Pedi algo para jantar — digo. — Não se mexa, eu cuido de tudo.

A seguir, vou para a cozinha – uma cozinha que não é minha e que não controlo.

Depois de abrir vários armários, localizo os pratos, os copos e os talheres. Pegando dois de cada, volto para a sala. Ajeito as coisas mais ou menos e volto para a cozinha para pegar as caixinhas de comida chinesa. Sei que ela gosta, com certeza vai comer.

Quando acabo de colocar a mesa, vejo Jud olhando para mim, achando graça. Ela murmura:

— Mãe do céu, Eric, tem comida para um batalhão! Podia ter dito a Andrés que ficasse para jantar.

Ao ouvir isso, nego com a cabeça. Andrés é um grande amigo, mas, nesse

instante, não quero dividi-la com ninguém.

Agora ela parece estar mais desperta e menos dolorida, e fico mais tranquilo. Ainda mais quando a vejo comer com vontade.

Enquanto jantamos, mantemos uma conversa cordial. Até que, incapaz de não mencionar algo que ela me disse na noite anterior quando estava furiosa, olho para ela e peço:

— Nunca mais diga que eu a considero minha puta, por favor, Jud. Fico arrasado de pensar que você acha isso de mim.

Ela assente. Explica por que disse aquilo, e eu a escuto e tento entendê-la.

Minutos depois, conto como fiquei preocupado quando vi que ela havia ido embora sem se despedir.

— Se não me despedi foi para evitar chamar você de babaca ou algo pior — defende-se.

Acho engraçado ouvir esse termo, que conheço porque minha mãe o utiliza às vezes na Alemanha quando quer insultar alguém sem que a pessoa perceba.

— Pode chamar, se precisar — replico.

Rindo, continuamos conversando. Depois de colocar uma trufa em sua boca, digo:

— Cancelei as reuniões da semana que vem, deixei-as mais para a frente. Vou voltar para a Alemanha. Há um assunto que tenho que resolver e não pode esperar — sussurro, disposto a me afastar dela.

Ela assente sem dizer nada e, depois, pergunta se ficarei com Amanda. Não me conta o que ela lhe disse ontem à noite, mas, ao ver sua expressão, aponto:

— Amanda é uma colega de trabalho e uma amiga. Só isso. Hoje de manhã ela confessou que foi ao seu quarto e…

— Você passou a noite com ela? — pergunta.

— Não — respondo depressa.

Judith assente e, sem afastar seus olhos dos meus, insiste:

— Brincou com ela ontem à noite?

Não quero mentir para ela. Recosto-me no sofá e afirmo:

— Isso sim.

Então, vejo seus olhos escurecerem. Antes que diga mais alguma coisa, incito-a a se divertir com outros. Mesmo assim, enquanto falo, sinto meu estômago revirar.

Conversamos… conversamos… conversamos…

Eu digo que ela é encantadora e que merece alguém especial e, surpreendentemente, ela diz que esse alguém sou eu. Eu?!

Boquiaberto, escuto-a dizer que eu a trato bem e que me preocupo com ela. Mas eu, que não quero nada parecido com amor, esclareço que nosso lance é só

sexo. Apenas sexo. Contudo, Judith nega e garante que há algo mais entre nós.

Não… nem pensar!

Tento fazê-la entender que nós fodemos, não fazemos amor, mas ela não dá o braço a torcer. Insiste que nosso jeito de fazer amor é assim, e não quer entender que eu chamo isso de foder.

No entanto, eu nego. Recuso-me a acreditar que entre nós possa haver algo que não seja só sexo. Até que ela olha para mim e solta:

— Babaca! Neste momento, você está se comportando como um verdadeiro babaca.

Como sempre, começamos a discutir.

Conversamos sobre sexo, jogos, fetiches, algo que sei que para ela é demais, mas que, para mim, às vezes é pouco.

— O que quer fazer comigo? — pergunta ela por fim.

Ao ouvir isso, respondo:

— De tudo, Jud, com você quero fazer de tudo.

E ao ver como me olha, prossigo:

— Esse é o problema. Não posso permitir que você se apegue a mim.

Olhamo-nos durante alguns segundos. Não sei o que estou fazendo nem dizendo, quando solto:

— Posso ficar com você esta noite?

Caralho! O que estou fazendo?

Ela assente. Seus olhos estão marejados. E, sentindo-me o pior homem do mundo, enxugo suas lágrimas.

Sem dizer nada, estendo a mão, vamos para seu quarto e, por fim, fazemos o que eu pretendia não fazer.

Ela monta em mim, e eu, sem tapinhas, com cuidado para não machucar seu braço, aceito o jogo.

Um jogo *light*.

Judith chega ao clímax, eu não. E, como sei que ela já me conhece, ao vê-la olhar para mim, explico:

— Era a isso que eu me referia. Para o sexo ser prazeroso eu preciso de muito, muito mais.

Limpo a ela e a mim, ajudo-a a pôr o pijama do Taz e nos deitamos na cama. Tentamos descansar.

Várias horas depois, enquanto ela dorme, eu me levanto. Estou com dor de

cabeça e vou pegar minha carteira. Por sorte, tenho um comprimido, que não hesito em tomar.

Depois, pego o iPod dela, ponho os fones de ouvido e escuto sua música. Não conheço a maioria das canções, mas, quando tocam algumas das que já a ouvi cantarolar, alegro-me.

Estou escutando música, absorto, quando Judith aparece e se senta ao meu lado. Só isso já me faz sorrir.

Conversamos. Ela me pergunta se há algum problema e eu explico que estou com dor de cabeça. Então, toca aquela música que ela canta com frequência e digo:

— Gosto dessa música.

Ela tira um dos fones de meu ouvido, coloca-o e, ao ouvir a voz da cantora, responde:

— Eu também. A letra me lembra nós dois.

Fico paralisado.

Temos uma música?

Caralho! A situação vai de mal a pior.

Por que temos que ter uma música?

Eu nunca tive música nenhuma com mulher nenhuma.

Sentados um ao lado do outro, conversamos enquanto ela come trufas. Até que, de repente, ela senta em cima de mim.

— O que está fazendo, Jud? — pergunto.

— O que você acha?

Ao ver seus olhos marotos, acrescento:

— Estou com dor de cabeça, menina…

Mas ela não leva minhas palavras muito a sério. Dá-me um beijo ardente cheio de paixão. Murmuro:

— Jud…

— Eu desejo você — insiste ela.

— Jud, agora não.

Não lhe importa o que eu diga.

Ela vence minha vontade, e, finalmente, permito que mexa os quadris sobre mim com delírio. Procuro ser suave, ter cuidado, mas ela, com seu olhar, com seus movimentos, exige mais. E, quando me deixo levar, sinto que ela fica muito excitada… muito excitada.

Fora de controle, fazemos amor, fodemos como se não houvesse amanhã. E a partir desse instante brincamos, provocamo-nos e nos divertimos.

Judith está brincalhona e eu estou feliz, muito feliz. Então, ela murmura, olhando para mim bem de perto:

— Adoro seus olhos. São lindos.

— Eu os odeio — respondo, devido às preocupações que me provocam.

Jogos…

Carícias…

Tesão…

Judith me mostra como pode ser intensa e me faz imaginar coisas imensamente excitantes. E aceito com prazer quando ela introduz o meu pau na boca e me chupa com verdadeira devoção.

Inigualável!

Satisfeito, fodo sua boca enquanto ela me dá tapinhas no bumbum que me deixam louco e que me incitam a me movimentar mais e mais. Estremeço, vibro e, sentando-a sobre mim, a penetro.

Mexemo-nos…

Suspiramos…

E então ela murmura, olhando em meus olhos.

— É isso que eu quero… Brincar de tudo que você quiser, porque seu prazer é também o meu, e eu quero experimentar tudo com você.

— Jud…

— Tudo… Eric… tudo.

Suas palavras demonstram o que ela está disposta a fazer por mim. Enlouquecido, entro em seu corpo com força enquanto ela arfa, grita e se encaixa em mim por completo.

O que ela diz, o que deseja, é o que eu desejo, e pela primeira vez eu me assusto ao saber disso.

19

Estar com Judith é diferente, divertido, apaixonante, enriquecedor. Ela me faz ver a vida com outras cores e eu lhe agradeço, porque sei que, quando voltar à realidade, tudo será novamente cinza e monótono.

Na madrugada de domingo estou mal. Tentando não fazer barulho, vou ao banheiro e vomito. Como ignorei minha doença no dia anterior e não tomei a medicação de que necessito, cheguei ao extremo. Quando Judith, alarmada, aparece no banheiro, peço-lhe que saia e ela obedece.

Com o estômago mais calmo, saio do banheiro e vejo que ela está me esperando, preocupada. Vamos juntos até a sala e, quando me sento, ela pergunta:

— O que você tem?

Não estou a fim de dar explicações, portanto simplesmente digo:

— Alguma coisa deve ter me caído mal ontem à noite.

Ela me oferece um chá de camomila, mas eu, transtornado e com dor, sibilo:

— Por favor, apague a luz e vá dormir.

Minha irritação se torna palpável. Ela me chama de resmungão, vai embora e apaga a luz. É disso que eu preciso.

A dor e a angústia vão desaparecendo. Por sorte, estou começando a me sentir melhor. E, quando ela acorda, pela manhã, cumprimento-a na cama com um sorriso e ela fica feliz com minha melhora.

Levantamo-nos e Jud insiste em me levar a uma feira de Madri chamada El Rastro, que só acontece aos domingos. Concordo sem reclamar. Quero aproveitar meus últimos momentos com ela, porque, quando eu partir – embora seja difícil –, não voltarei.

Não lhe posso prometer o que ela deseja de mim e, embora não diga, por seu jeito de me olhar, sei que deseja algo que não lhe posso dar. Não quero

compromisso. Não quero nenhuma obrigação e, claro, meu objetivo na vida não é casar e ter filhos.

Isso não combina comigo!

El Rastro é uma loucura. Está cheio de todo tipo de gente, todo mundo se empurrando. Fico agoniado, mas, ao ver Jud contente, sou incapaz de contrariá-la e me deixo levar.

Quando a vejo em uma barraca fitando uns brincos de prata, compro-os para ela. Segundo Jud, quarenta euros é caro, mas para mim isso não é nada. Em troca, em outra barraca, ela me compra uma camiseta que traz escrito: *O Melhor de Madri… você*.

Rio ao vê-la.

Não costumo usar camisetas com esse tipo de mensagem, mas não posso recusar seu presente. E, quando ela insiste que eu troque a camisa que estou usando pela camiseta, no meio da rua, concordo, divertido.

O que essa mulher está fazendo comigo?

Durante o dia tiramos várias fotos com o celular. Quando vemos umas luminárias hippies lilás clarinho, fico encantado e as compro. Uma é para Judith e outra para mim. Vamos colocá-las em nossos respectivos quartos, na Espanha e na Alemanha, assim, recordaremos esse lindo fim de semana. Pouco mais que isso.

Saímos daquele lugar sufocante como um casal comum. Sofro ao ver que alguém esbarra com força no braço dela. Fico preocupado, mas Jud diz que está bem. Consigo convencê-la a pegarmos um táxi até El Retiro.

Assim que chegamos, proponho irmos a um restaurante, mas ela prefere comer sanduíches ao ar livre.

De novo, não me parece uma boa ideia.

Prefiro uma mesa, uma toalha e uma cadeira confortável, e não comer sentado no chão. Mesmo assim, como não quero contrariá-la, concordo, e ela compra sanduíches de *tortilla*. Por fim, sentamo-nos na grama e, enquanto comemos ao ar livre, percebo que sua ideia é mil vezes melhor que a minha. Mas odeio as formiguinhas que, subindo por minha calça, tentam pegar sua parte do banquete.

Quando acabamos de comer, brincando, ela passa batom e peço que carimbe um beijo em minha luminária. Vou adorar ter seus lábios nela. E, embora pareça mentira, ela consegue passar batom em mim para que eu carimbe a sua.

Estamos rindo quando ela me pergunta se o motivo de eu ter que voltar à Alemanha com urgência é uma mulher. Eu nego. Ela espera uma explicação, mas não dou. Não quero lhe contar a verdade. Não quero que saiba que estou fugindo

dela.

Estou pensando em como lhe explicar quando ela acrescenta:

— Ah, sim, já sei… quem sou eu para perguntar…

Vê-la contrariada me dói. Não quero fazê-la acreditar em algo que nunca vai acontecer. Entendendo que seus sentimentos por mim foram mais longe do que eu esperava, digo, fitando-a:

— Preciso que você me prometa que vai sair com seus amigos e se divertir. E que vai ficar de novo com aquele sujeito com quem esteve no banheiro daquele bar e com esse tal de Fernando, de Jerez. Quero que o que aconteceu entre nós fique como algo que aconteceu e nada mais. Não quero que você dê importância…

— Por que isso agora? — interrompe ela, incomodada.

Mas eu insisto. Quero que ela se sinta livre para fazer o que quiser, sem pensar em mim, porque comigo nunca terá nada, exceto puro sexo. Preciso que ela compreenda isso. Quando por fim ela parece entender e vou beijá-la, ela se afasta. Pergunto, tentando sorrir:

— Acabou de me fazer a cobra, srta. Flores?

Ela assente. Eu protesto.

— Neste momento lhe pareço um babaca?

Jud me olha. Fico louco quando ela me olha desse jeito.

— Sim — diz —, no sentido mais estrito da palavra, sr. Zimmerman.

Deito-me na grama ao seu lado.

Ficamos olhando as copas das árvores. Pego sua mão, ela não a puxa.

Tenho que partir. Tenho que voltar para a Alemanha e, por nada neste mundo, quero que ela sofra por mim, porque Jud não merece isso.

Quando meu celular toca, sei que é Tomás para dizer que está nos esperando. Em silêncio, vamos para a saída do El Retiro, onde combinei com ele. Entramos no carro e vamos para a casa dela.

Quando chegamos ao edifício, pego sua luminária, beijo os lábios mais tentadores e bonitos que já vi na vida e, afastando o cabelo de seu rosto, digo:

— Sempre que eu olhar a minha luminária, vou me lembrar de você, pequena.

Judith assente… Olha para mim…

Não sei se vai chorar, mas desce do carro.

Durante alguns segundos nos fitamos e sorrimos.

Sabemos que isso é um adeus. Por fim, fecho a porta.

Frieza. Isso é o melhor.

20

Quando chego à Alemanha, Norbert me espera no aeroporto. É ele que, com sua mulher, Simona, cuida do dia a dia da casa onde vivo com Flyn.

Uma vez em casa, ainda dentro do carro, cumprimento minha irmã Marta, minha mãe e meu sobrinho.

Ao me ver descer, Flyn corre até mim e me abraça, feliz. Pergunta:

— Por que demorou tanto para voltar?

Bagunço seu cabelo com carinho e, dando-lhe um beijo na testa, respondo:

— Tinha muito trabalho.

Depois de cumprimentar minha mãe e minha irmã, os três vão para a sala de jantar degustar a comida maravilhosa que Simona nos preparou e subo até meu quarto e deixo a sacola que carrego na mão.

Durante toda a viagem em meu jatinho particular, a luminária que agora tiro da sacola me acompanhou. E não pude parar de olhar para os lábios de Judith carimbados nela.

Com carinho, toco-os e sorrio sem saber por quê.

Não liguei para ela nem ela para mim. E agradeço por isso, porque acho que ambos devemos seguir nossos caminhos – caminhos que não têm nada a ver um com o outro.

— Tio, você vem?

Levanto os olhos e vejo Flyn entrar em meu quarto. Viro a luminária para que ele não veja os lábios de Judith. Quando Flyn vai perguntar algo, advirto:

— Proibido mexer, *okay*?

Meu sobrinho assente, não diz mais nada, então me levanto e vamos juntos para a sala de jantar.

***

O almoço com minha família é divertido.

Minha mãe, como boa espanhola que é, tem mil assuntos, e Marta a acompanha, ao passo que Flyn e eu as escutamos em silêncio.

— Bem, e como foi nos escritórios? — pergunta minha mãe.

— Bem — afirmo.

Ela me olha, suspira e insiste:

— E no escritório central de Madri?

Irremediavelmente, penso em Judith.

— Bem — afirmo mais uma vez.

— Irmãozinho, você pode ser um chefe muito bom, mas comunicação familiar não é seu forte — debocha Marta.

Olho para minha irmã. Sua resposta é bem ao estilo de Jud, e sorrio. Então, ao perceber isso, ela pergunta:

— Você está sorrindo?

Sem poder evitar, assinto.

— Sim, Marta, estou sorrindo. Eu sei sorrir!

Minha mãe e ela se entreolham, surpresas.

— Eu sabia que ir para a Espanha lhe faria muito bem — afirma minha mãe.

— Voltou todo animado — solta Marta com uma gargalhada, fazendo-me rir de novo.

Flyn, que é sério como eu, olha para mim e, quando vai dizer algo, eu me antecipo:

— Tem algo para me contar sobre a escola?

A partir desse instante, minha irmã e minha mãe tornam a tomar as rédeas da conversa. Sempre que viajo, Flyn se comporta mal. Quando fico sabendo de tudo, olho para meu sobrinho e sibilo:

— Você está de castigo. Sem PlayStation pelas próximas duas semanas.

— Não é justo! — lamenta ele.

Observo-o, boquiaberto. Antes que minha mãe proteste, faço-a se calar e rosno:

— O que não é justo é você ainda não saber se comportar com sua avó e sua tia, isso sem falar na escola e com a babá. Que história é essa de ir mal em três provas e enfiar um rato na gaveta de Fräulein Schäfer? E digo mais: se continuar assim e for reprovado, ano que vem vai para um colégio interno e só vai sair no Natal, entendeu?

Ele assente. Não diz mais nada. Tem medo desse tipo de colégio e é o único argumento que posso usar para colocá-lo na linha quando ele extrapola.

Quando o garoto acaba de comer, bravo com nós três, pede licença para sair

da mesa.

Ficamos só os adultos, e então minha irmã fala do que precisa ser feito em meus olhos – que, para ser sincero, não sei nem como se pronuncia. Tudo esclarecido, as duas vão embora e eu vou dar uma volta de moto.

Preciso espairecer.

Preciso parar de pensar na jovem espanhola que, sem que eu lhe desse permissão, tocou levemente meu coração.

21

Na terça-feira, ao voltar do médico, surpreendo-me ao receber uma mensagem de Judith. É breve, ela pergunta como estou. Não sei se devo responder. Por fim, decido ignorá-la. É o melhor para nós dois.

À tarde, espero Flyn na porta da escola e vamos ao cinema.

Durante duas horas nos divertimos assistindo a um filme. Depois vamos jantar no restaurante de Klaus, pai de meu amigo Björn. Ele é um homem incrível que sempre que nos vê nos trata com respeito e carinho.

— Este rapaz está cada dia mais alto e mais bonito — afirma.

Olho para Klaus com afeto enquanto Flyn vai cumprimentar um dos garçons. Pergunto:

— Sabe se Björn virá aqui esta noite?

— Pelo que sei, sim — diz.

Assinto, satisfeito. Sempre gosto de ver meu bom amigo. A seguir, Klaus nos acomoda na mesa de sempre. Flyn e eu nos sentamos e nos trazem as bebidas. A seguir, servem também a comida.

Durante mais de meia hora, Flyn e eu conversamos. Sobre a escola, videogames e seus poucos amigos. Ele não é um menino com muitas amizades e, às vezes, penso se isso não é culpa minha. O garoto me imita e seu comportamento não é o mais apropriado para um garoto de sua idade. De repente, ouço alguém dizer:

— Ora, ora, ora, quem está aqui?

Levanto os olhos e encontro Björn. Flyn, que o adora, sorri ao vê-lo.

Como era de esperar, meu amigo se senta conosco à mesa para comer algo e logo está participando da conversa. Quando acabamos de jantar, incentivado por Klaus, meu sobrinho vai com ele para o balcão. Enquanto o observo, Björn me pergunta:

— Como foi na Espanha?

— Bem. Tudo bem — respondo, apressado.

Ele sorri, toma um gole de sua bebida e sussurra:

— E as espanholas?

Dessa vez, quem sorri sou eu.

— Excitantes — afirmo.

Sorrimos os dois. Embora eu pense em Judith, não a menciono. Tenho certeza de que se Björn a conhecesse, também cairia de joelhos a seus pés.

Durante um tempo conversamos sobre trabalho, até que ele pergunta:

— Quando vai se internar para fazer os exames nos olhos?

— Amanhã — respondo com um suspiro. — Segundo Marta, ficarei vários dias sem enxergar direito, mas, depois, vou me sentir mais aliviado.

— Certeza que sim — afirma meu bom amigo, observando-me.

Nesse instante, entram duas lindas mulheres no restaurante e eu sorrio ao vê-las.

— Eu não esperava encontrar você aqui com Flyn e marquei com elas — sussurra Björn.

— Fez bem, amigo — assinto.

Ele, que é um *gentleman*, cumprimenta-as com um sorriso e depois me pergunta:

— Que tal levarmos Flyn para casa e depois você vem para nossa festinha particular?

Reflito. A oferta é tentadora, mas não quero deixar o menino.

— Vá você e aproveite por nós dois — respondo.

— Tem certeza?

— Absoluta.

As mulheres vêm para nossa mesa. Já nos conhecemos. Já brincamos em várias ocasiões no Sensations. Depois de nos cumprimentarmos, elas acabam indo embora com Björn.

Assim que saem, Klaus, que ficou em um segundo plano, aproxima-se e sussurra:

— Espero que um dia meu filho ponha a cabeça no lugar como você.

Isso me faz sorrir. Não sou o melhor exemplo de nada para ninguém. Mas não quero contrariar esse homem por quem tenho tanto carinho e afirmo:

— Certamente um dia vai, Klaus. Com certeza.

Quando chego em casa, acompanho Flyn até seu quarto e depois passo por meu escritório. Abro o computador e procuro uma música. Quero escutar a que Jud disse que a fazia pensar em nós.

Encontro-a e a escuto várias vezes. Quanto mais a escuto, mais sinto Jud ao meu lado. Mas também é uma tortura saber que isso nunca poderá acontecer.

Passo a música para meu celular, checo meus e-mails e, surpreendentemente, encontro outro de Judith. Só de ler seu nome, já sinto o coração se acelerar. Fico nervoso. Depois de ler o e-mail vinte vezes, como fiz com a mensagem de manhã, decido não responder. Tenho que ser forte e não lhe dar falsas esperanças. Ela não merece isso.

No dia seguinte, depois de deixar Flyn na escola, dirijo-me ao melhor hospital de Munique acompanhado de minha mãe e minha irmã. Depois de me internar, eles me obrigam a deitar e, ao meio-dia, me levam ao centro cirúrgico para fazer os exames.

Quando acordo, já é tarde.

Não enxergo porque estou com uma venda nos olhos, mas sinto que minha irmã e minha mãe estão ao meu lado.

Quando o médico aparece, diz que foi tudo bem e que isso evitará muitas dores de cabeça. Não falo nada. Não estou a fim.

Não estou de muito bom humor e, embora minha mãe e Marta tentem fazer gracinhas, não acho graça e acabo discutindo com elas.

À noite, peço alta. Não aguento nem mais um segundo no hospital.

Quando chego em casa, obrigo minha mãe a ir para a sua. Não quero que fique o dia todo respirando em minha orelha. Só o que me conforta é escutar certa música ininterruptamente.

Simona e Norbert me informam que estarão disponíveis para tudo que eu necessite, e sei que é verdade. Ninguém como esses dois para saber do que eu preciso a cada momento.

Passam-se dois dias e, quando retiram a venda de meus olhos, não vejo com clareza. É impossível focar, e isso me desespera. Minha irmã me pede paciência, mas eu já sabia que isso aconteceria.

Björn, Frida e Andrés me visitam, e Dexter me liga do México. Todos estão preocupados, mas digo que estou bem. Só preciso de uns dias para me recuperar por completo.

Passam-se mais três dias e, por fim, quando acordo, consigo focar meus olhos. A primeira coisa que vejo é a luminária que trouxe de Madri com os lábios de Jud de um lado. Gosto de sentir que tenho o controle de minha vida de

novo e, assim que me levanto da cama, pego o notebook. Preciso saber de uma coisa e logo encontro o que procuro. Judith tornou a escrever, mas, dessa vez, a única coisa que diz é: “Babaca!”.

Ler isso me dá vida e, sem saber por quê, sorrio.

Sorrio como um babaca.

Uma hora depois, tomo um café e fico dando voltas pelo escritório. Estou nervoso, ansioso e, embora já consiga focar o olhar, minha aparência é terrível devido aos hematomas ao redor dos olhos.

Com essa cara não posso ir a lugar nenhum. Sei que tenho que esperar; ter paciência e esperar. Mas a inquietude me vence e, pegando o telefone, digito um número. Depois de cumprimentar quem atende, digo:

— O nome dela é Judith Flores e trabalha na Müller, no escritório de Madri. Quero saber o que ela faz, aonde vai e com quem se relaciona. Vou lhe mandar uma foto dela para que a localize imediatamente.

Desligo. Não sei se agi mal ou bem. Só sei que preciso ter notícias dela, e o único jeito é contratando um detetive que me forneça informações.

Elas não demoram a chegar. Recebo várias fotos dela no cinema com amigos, mas as que mais chamam minha atenção são as dela dançando e rindo com uma taça na mão.

Será que já me esqueceu?

Contrariado ao ver como se diverte e sentindo necessidade de lhe contar que sei o que ela anda fazendo, não hesito e digito no notebook:

> **De:** Eric Zimmerman
> **Data:** 21 de julho de 2012, 20h31
> **Para:** Judith Flores
> **Assunto:** Linda dançando
> Alegra-me vê-la feliz, e mais ainda saber que você está cumprindo o que prometeu.
> Atenciosamente,
> Eric Zimmerman

Sem pensar duas vezes, dou “Enviar” e, imediatamente, me arrependo.

O que estou fazendo?

A resposta de Judith chega no dia seguinte, de manhã. Quando vejo sua

mensagem fico feliz, mas, conforme a leio, sei que não vou gostar do conteúdo dos arquivos anexos.

De: Judith Flores
Data: 22 de julho de 2012, 08h11
Para: Eric Zimmerman
Assunto: Noite satisfatória
Para você ver que estou cumprindo o que prometi.
Atenciosamente,
Judith Flores

Mesmo com medo de ver as fotografias anexas, as abro. Vejo Judith beijando um sujeito na cama. Sinto minha alma desfalecer. Furioso, fecho o computador com um soco.

Não quero ver mais nada.

Nesse instante, meu celular toca. Irritado, atendo.

— E aí, cara! Como anda?!

Ouvir a voz de Dexter me faz sorrir levemente.

— Bem… estou bem.

Durante alguns minutos, conversamos e, como sempre, meu amigo trata tudo com humor. Contudo, quando vê que não faço perguntas sobre o que está contando, diz:

— Agora mesmo você vai me contar o que está acontecendo.

— Não está acontecendo nada, Dexter…

— Ah, sim, amigo. A mim você não engana. Aconteceu alguma coisa com seus olhos?

— Não… está tudo certo.

— Problemas na Müller?

— Não…

— Então, já sei. É uma mulher. É isso, cara?

Não respondo. Não quero falar disso. Mas Dexter me conhece e diz:

— Você sabe que não gosto de me intrometer nesses assuntos, mas, se ela merecer, dê-lhe uma chance. Nem todas são como a idiota da Betta. Também existem mulheres lindas a quem vale a pena amar. Eric, faça o favor de se dar uma chance na vida. Você pode…

Sei por que ele está dizendo isso. Infelizmente, depois de sofrer um

acidente, ele ficou preso a uma cadeira de rodas. Mas, evitando me aprofundar no assunto, afirmo:

— Prometo que farei isso. E agora, me diga, quando nos vemos?

22

O tempo passa e a cada dia estou mais restabelecido. E meu rosto está melhor.

Judith não me escreveu mais, nem eu para ela. Mas continuo recebendo diariamente um relatório de seus passos. Vai trabalhar, vê a irmã e a sobrinha e sai com amigos. Vejo-a sorrir, curtir, dançar, e quero dar com a cabeça na parede por não estar ao lado dela.

Um dia, estou cantarolando a linda música que me faz recordar Jud quando o detetive me informa que ela foi para Jerez, para a casa do pai.

Não é em Jerez que mora o tal de Fernando?

Recebo novas fotos dela com o pai e com outras pessoas que não conheço. Então, entre todas elas, reconheço o sujeito do bar no dia da Eurocopa e percebo que é o mesmo da maldita foto que ela me mandou.

Isso me deixa furioso e peço detalhes sobre ele a meu informante. Horas depois, fico sabendo que se chama Fernando e é policial.

O sujeito das fotos e do bar é o tal de Fernando!

Caralho!

Como um leão enjaulado, fico dando voltas pela casa. Dou um mergulho na piscina interna e, por fim, vendo que os hematomas desapareceram de meu rosto, vou à casa de minha mãe.

— Que alegria vê-lo por aqui, querido — cumprimenta ela, feliz. — Você está bem? A cabeça dói, meu amor?

Dou-lhe um beijo e digo que estou bem. Sem esperar nem mais um segundo, falo:

— Mamãe, você precisa cuidar de Flyn, porque vou à Espanha.

Ela me olha, pisca e pergunta:

— Vai à Müller de novo?

Eu não deveria mentir para ela, mas minto. Caso contrário, ela vai me encher de perguntas.

— Tenho várias reuniões que não posso mais adiar. Não sei quanto tempo vou ficar, por isso acho que é melhor que… — respondo.

— Eric Zimmerman — interrompe ela —, não se atreva a me dizer o que é ou não melhor para meu neto, entendeu?

Olho para ela. Ela olha para mim, e murmuro:

— Mamãe…

— Eric, eu criei você, Hannah e Marta, e garanto que também sei criar Flyn, por mais rebelde que seja. Portanto, vá aonde tem que ir que eu cuido de tudo. E faça o favor de se calar e não ficar me dando conselhos de que não necessito.

Minha mãe e seu gênio espanhol!

É inútil contestá-la, de modo que assinto.

— Tudo bem, mamãe. Não se fala mais nisso.

No dia seguinte, depois de me despedir de Flyn, que está bravo comigo por ter que ficar com a avó, vou para o aeroporto e pego meu jatinho particular. Durante as horas de voo, minha impaciência aumenta, e fico pensando que estou indo tentar uma oportunidade com alguém que, como diz Dexter, vale a pena, e não paro de me perguntar se ela vai aceitar.

Assim que o avião aterrissa na Espanha, um funcionário se aproxima e me entrega as chaves de uma moto.

Seguro do que estou fazendo e com o endereço do lugar aonde tenho que ir, pego a moto e me dirijo a Jerez. Quando chego em frente à casa da família de Judith, sinto minhas mãos suadas.

E se ela não quiser mais saber de mim?

Mas, disposto a enfrentar isso e tudo que for necessário, pego o celular e escrevo:

Bebe alguma coisa comigo?

Dou “Enviar” e espero a resposta com impaciência. Mas ela não chega, e insisto:

Você sabe que não sou paciente. Responda.

Espero… espero e espero, então recebo:

Estou de férias.

Sorrio.
Ela acha que estou em Madri. Quero que saiba que não, então respondo:

Eu sei. Muito bonita a porta vermelha da casa de seu pai.

O silêncio toma conta do telefone de novo e, então, ouço uma porta se abrir. Levanto o olhar e a vejo, bonita como sempre. Vendo que ela não me vê, toco a buzina da moto, desmonto e tiro o capacete.

Durante alguns segundos nos olhamos; sei que ela sentiu minha falta tanto quanto eu a dela. Então, de repente, ela corre em minha direção e se joga em meus braços. E, enquanto tento evitar um tombo devido a sua efusividade, só posso dizer:

— Pequena… senti sua falta.

É evidente que ambos estamos muito nervosos.

Judith me convida para entrar em sua casa e eu aceito, encantado.

Ela me oferece um copo de água. Depois de vários beijos, tenho que conter meus instintos para não a despir ali mesmo. Segundos depois, quando ela desaparece pelo corredor para trocar de roupa, não a sigo. E ela não me convida a fazê-lo.

Então, ouço seu celular apitar em duas ocasiões e leio o nome de Fernando na tela. Fico louco, mas contenho meus impulsos e espero. Logo, Judith volta vestindo top e calça jeans, e, como se nada fosse, comento:

— Você recebeu duas mensagens de Fernando.

Noto que ela fica incomodada ao ouvir isso, e eu, incapaz de aguentar nem mais um segundo sem beijá-la, pego-a e a beijo de forma possessiva.

Meu Deus, como senti saudades dessa boca macia, desse sabor.

Um beijo leva a outro e chegamos à cozinha, onde, incendiado por sua essência, pego-a e a coloco em cima do balcão. Sei que devo respeitá-la, tenho ciência de que estamos na casa do pai dela, mas, quando ela abre minha calça e enfia as mãos em seu interior para me tocar, todo meu auto-controle vai por água abaixo. Arranco a calça dela, ponho um preservativo, coloco o pênis na entrada

de seu sexo úmido e, com um louco e único movimento, entro nela e faço o que desejo e o que ela me pede.

Como ela é pequena, posso pegá-la no colo para movimentá-la como eu quiser. E desfrutamos as investidas de nosso corpo exigente para dar e obter prazer, até que o clímax nos alcança e, para não cairmos, apoio as costas dela na geladeira enquanto recuperamos o fôlego.

Já recompostos e depois de recolhermos as coisas que caíram no chão durante nosso arroubo, saímos. Noto que ela observa a moto com que cheguei.

— É sua? — pergunta.

Não respondo, limito-me a lhe dar o outro capacete. Ela me informa que não tem medo de moto, mas respeito por elas.

Passeamos pelas ruas de Jerez, que é um lugar lindo. Depois paramos para comer alguma coisa no restaurante de Pachuca, uma mulher que Judith conhece. Como é de esperar, o atendimento é excelente. Quando ficamos sozinhos, olho para ela e murmuro:

— Sou um babaca.

Ela assente. Adoro sua cara.

— Exato — declara. — É mesmo.

Afirmo com a cabeça. Não falo o que sei de Fernando, mas sei que não agi bem com ela.

— Quero que saiba que fiquei louco quando recebi seu último e-mail — digo.

— Você mereceu.

— Eu sei…

— Eu fiz o que você me pediu: curtir a vida, sair com os amigos…

Tem razão. Ela fez o que eu pedi. E depois de deixar claro que não gostei de ela brincar com outro sem minha presença, pergunto:

— Você me perdoa?

Judith me olha – Deus, como me olha! – e, por fim, murmura:

— Não sei. Preciso pensar, Iceman.

Pergunto, surpreso:

— Iceman?!

Ela sorri e explica:

— Às vezes, sua frieza o transforma no homem de gelo, o Iceman!

Rimos. Quando me pergunta por que não liguei para ela durante todo esse tempo, depois de pensar profundamente, só lhe prometo que isso não vai mais acontecer.

Seu celular toca de repente e vejo que é Fernando de novo.

— Atenda, se quiser — digo.

Mas ela recusa. Desliga o celular e, imediatamente, isso me faz feliz.

Ela está me colocando em primeiro lugar.

Quando acabamos de comer são quase quatro e quinze da tarde – o tempo voou! –, e Judith propõe:

— Quer conhecer o circuito de Jerez?

Rindo, digo que estou mais a fim de outra coisa e lhe conto sobre a casa que aluguei para ficar perto dela. Ela se surpreende. Mas, quando diz que combinou de encontrar seu pai no circuito e me convida a conhecê-lo, não posso negar e vamos juntos para lá.

Quando chegamos, um homem explica que o pai de Jud está nos boxes. Ela me guia até lá, mas não o encontramos. Então, descemos da moto e decidimos esperá-lo.

Em um dado momento, percebo que ela observa a moto.

— Quer que eu a ensine a pilotar? — pergunto.

Sua expressão de surpresa me faz sorrir, principalmente quando ela diz:

— Ah… não sei.

Sua carinha é engraçada.

— Não vou deixar você cair — insisto.

Meio insegura, mas decidida, Judith monta na moto. Entre outras coisas, explico que as marchas ficam no pé esquerdo e ligo o motor, que tem um ronco ótimo.

— A Ducati tem esse ronco — aponto. — Forte e duro. Ande, engate a primeira e…

Mas a moto morre. É normal. Aprender a pilotar moto exige paciência e tempo. Enquanto ligo o motor de novo, digo:

— É como um carro, querida…

E, ao dizer isso, percebo que acabei de chamá-la de *querida*.

Quando foi que chamei uma mulher de querida?

Mas não quero dar importância demais a isso, e prosseguimos, até que a moto morre de novo.

Durante um tempo repetimos a operação várias vezes. Quando ela engata a primeira e consegue rodar uns metros, fica emocionada. Corro para ela.

— Se frear só com o freio dianteiro, pode cair.

— Tudo bem — responde ela, encantada.

Repetimos o processo mais uma vez. Sinto que Judith está cada vez mais

corajosa, mas freia pior. Se continuar assim, vai acabar caindo. Como não quero que aconteça nada com ela, digo:

— Vamos, desça da moto.

Ela se recusa. Quer aprender.

Eu prometo que continuaremos outro dia, mas ela continua obstinada.

— Só mais uma vez, está bem? — pede.

— Só uma.

Cedo. Não lhe posso negar isso.

De repente, ela diz:

— Por que está tão preocupado?

Explico que é porque não quero que aconteça nada com ela, e Jud sorri. Por que está sorrindo?

Com cuidado, ela arranca, engata a primeira e segue devagar, e eu caminho ao lado dela. Então, ela chama meu nome e replica:

— Eric, fique sabendo que a angústia que você está sentindo neste minuto não se compara à que eu senti por você nessas duas semanas. E agora, veja isto!

Então, ela engata a segunda e a Ducati sai em disparada. Meu coração se acelera. Não posso detê-la, e ela vai cair!

De repente, engata a terceira com habilidade e vai diretamente para o circuito. Fico a observando como um bobo.

Sério que ela sabe pilotar e estava me zoando?

Meio espantado e meio bravo, observo-a pegar as curvas, até que desaparece de minha vista. Sento-me em um degrau, inquieto.

Aonde essa louca foi?

Não vejo graça nenhuma em não controlar a situação e menos ainda em ela estar pilotando essa moto. É perigoso!

Nesse momento, meu celular vibra. Olho para ver quem é e, com desgosto, vejo que é Betta. Não atendo. Não quero saber dela.

Continuo esperando inquieto a volta de Judith, mas os minutos se fazem eternos. Até que a vejo aparecer no fundo do circuito e me levanto. A toda velocidade, ela vem até onde estou. Não me afasto, e ela freia bruscamente, a moto patina, mas ela a controla. Então, tira o capacete com arrogância e, olhando para mim como só ela sabe fazer, solta:

— Ora, Iceman, realmente achou que a filha de um mecânico não saberia pilotar uma moto?

Sua arrogância me deixa louco, mas, incapaz de dizer qualquer coisa, me aproximo e a beijo com desejo e preocupação. De repente, ouço uma voz às minhas costas.

— Sabia que quem estava correndo pela pista era minha moreninha.

Judith e eu nos separamos imediatamente. Olho para trás e vejo um homem que deduzo ser seu pai.

— Papai — diz ela —, este é um amigo, Eric Zimmerman.

O homem e eu nos olhamos.

Sua cara de bonachão me faz recordar o pai de Björn. Trocamos um aperto de mão.

— Prazer em conhecê-lo, sr. Flores — digo.

Ele sorri, aperta minha mão e replica:

— Pode me chamar de Manuel, rapaz, ou terei que chamá-lo por esse sobrenome estranho que você tem.

Soltamos uma gargalhada. Ele parece se divertir ao saber que a filha me enganou fazendo-me acreditar que não sabia pilotar uma moto. Então, descubro que Judith, além de ser campeã de motocross em Jerez, é também campeã regional de caratê.

Boquiaberto, encaro-a até que seu pai nos mostra a moto de Jud, uma Ducati Vox Mx 530 2007. Ela liga a moto e, olhando para mim, diz, marota:

— Já disse que adoro o som forte e duro da Ducati, baby?

Sua carinha marota…

Seu sorriso irônico…

E o descaro com que me olha me fazem simplesmente sorrir e saber que estou onde quero estar.

23

Nos dias seguintes não me afasto de Judith. Eu a convenço a ficar comigo na casa que aluguei. Ficamos até as tantas da madrugada conversando e fazendo sexo nesse lugar maravilhoso.

Os amigos do pai de Judith são escandalosos mas gentis comigo, embora saiba que me chamam de Frankfurt. Que mania que os espanhóis têm de mudar o nome de todo mundo! Rindo, Judith me explica que me chamam assim por causa das salsichas alemãs… Eu assinto e não digo nada. Para quê, se vão me chamar assim do mesmo jeito…

Betta continua me ligando. Insiste, mas eu não atendo. Não me interessa saber nada dela e já não sei mais como fazê-la entender.

Minha mãe e minha irmã também me ligam.

Flyn continua aprontando. Furioso por seu comportamento em minha ausência, falo com ele e lhe dou uma bronca. Digo que sua conduta está deixando muito a desejar de novo e que estou bravo com ele.

Algumas tardes, Manuel, pai de Judith, e eu vamos pescar. Nós dois gostamos de pescar e desfrutamos tanto nossas conversas quanto nossos silêncios. Sem dúvida, nos entendemos.

Mas minha tranquilidade é alterada quando, depois de alguns dias, ouço Judith e o pai falando sobre a inscrição em um evento de motocross do qual ela participa todos os anos em um lugar chamado Puerto Real.

Fico inquieto. Perco o sono, a paz e a tranquilidade, mas não digo nada. Não sou ninguém para proibi-la de nada.

No dia da corrida, não acordo de bom humor. O fato de Judith praticar esportes radicais não me deixa nada feliz. Tento fazê-la entender minha preocupação, mas ela ri.

Fico puto!

Tento fazê-la mudar de ideia, não quero que fique pulando como uma louca

na moto, mas é impossível. Eu me considero cabeça-dura, mas ela ganha de mim.

Estamos falando disso antes de sair quando aparece o tal de Fernando. Aproximando-se, ele diz com um tonzinho irônico:

— Ora, ora, minha linda motociclista jereziana.

O comentário me irrita, mas não digo nada. Nunca fui ciumento e não vou começar a ser agora, sobretudo porque não tenho direito algum sobre Judith.

— Fernando, este é Eric — apresenta ela. — Eric, este é Fernando.

O sujeito e eu nos olhamos. Fica claro que não nos gostamos. Apenas assentimos com a cabeça.

Quando chegamos ao lugar onde vai acontecer a corrida, minha contrariedade é evidente. Judith conhece todo mundo, todos a cumprimentam, e não me agrada vê-la sorrir para desconhecidos e os abraçar. Desagrada-me profundamente.

Minha irritação aumenta e, quando ela aparece com seu macacão vermelho de couro e suas proteções e pergunta "Não estou sexy?", praguejo. Meu estômago se revira.

As lembranças dolorosas do que aconteceu com minha irmã Hannah voltam em um turbilhão, e tento detê-las. Judith não é minha irmã e, evidentemente, não pratica o mesmo esporte radical. Olho para ela sem vontade de gracinhas, quando Fernando se aproxima e diz:

— Linda, acelera e deixe todos sem fala.

Caralho… cada vez gosto menos desse sujeito! Judith sorri e dá uma piscadinha:

— Farei isso.

Odeio que a chame de *linda*…

Odeio que ela pisque para ele…

Mas odeio ainda mais o fato de ele a incitar a acelerar a moto.

Ele e eu trocamos outro olhar. Voltamos a deixar claro a contrariedade que sentimos na presença um do outro. Então, com duas cervejas na mão, ele pergunta, olhando para mim:

— Aceita?

Não respondo; não quero nada dele.

E, então, ele acrescenta:

— Tome. Esta cerveja é inteirinha para você. A outra é para mim. Não compartilho nada.

Oh…

Não gosto nem um pouco desse comentário e do modo como esse imbecil olha para mim. Mesmo assim, me calo. É melhor não dizer o que penso. Mas ele

prossegue:

— Sabia que “nossa garota” é especialista em saltos e derrapagens?

“Nossa garota”?

Como assim “nossa garota”?!

Olho para o outro lado. Tento disfarçar minha irritação, mas, se ele continuar assim, vai engolir os dentes depois do soco que vou lhe dar.

Judith e ele falam com intimidade, e o fato de ele saber esse tipo de coisa sobre ela me tira do sério; não por ele saber, mas por seu jeito de insinuar que sabe.

Três minutos depois, Fernando se afasta e, contrariado, pergunto a Judith:

— Para que isso de “nossa garota” e de dividir a cerveja?

— Não sei — responde ela, sem jeito.

Mas eu sei.

Esse sujeito sente algo por Judith que me irrita e, graças a seu trabalho como policial, deve ter investigado sobre mim e encontrado informações confidenciais.

Estou pensando nisso, transtornado, quando Jud, alheia a meu estado de ânimo, me dá um beijo rápido e sai com sua moto.

Atordoado pela angústia, posiciono-me para ver a corrida. Minhas mãos estão suando. Nunca gostei de correr riscos desnecessários, e menos ainda que ela corra.

Segundos depois, quando dão a partida, meu coração se aperta ao vê-la correr e pular como uma louca em cima da moto.

O que ela está fazendo?

Eu me controlo. Aguento o máximo que posso, até que a tensão de meu corpo torna-se insuportável, e vou até o pai dela.

— Manuel, vou embora — anuncio.

— Vai embora? — pergunta ele, surpreso.

Trêmulo e alterado pelo que estou vendo, explico:

— Lamento, mas não posso ver isso. Tenho medo de que ela se machuque.

Ele assente, sorri e diz:

— Fique tranquilo, rapaz, minha moreninha é muito boa nisso. Tome uma cervejinha e…

— Não, não quero beber — interrompo.

Manuel me olha. Acho que está tentando ler meus pensamentos.

— Diga a ela que estarei na casa de Jerez, esperando-a — digo.

Então, o homem toca meu ombro com carinho e acrescenta:

— Vá tranquilo, minha moreninha sabe muito bem o que faz.

Assinto. Assim espero. Dou meia-volta, vou até minha moto e volto para

Jerez. Ao chegar, tomo um banho para controlar o nervosismo e, depois, abro o notebook e checo meus e-mails.

O telefone toca.

Alarmado, acho que pode ser Judith e atendo depressa. Praguejo ao ver o nome de Betta na tela.

— Quer fazer o favor de parar de me ligar?! — grito.

E, sem dizer mais nada, desligo, transtornado. Ela não torna a ligar.

Passam-se as horas. Judith não chega nem liga, e minha irritação aumenta a cada minuto.

Ligo para minha mãe. Quero saber como está Flyn.

Enquanto falo com ela, ouço tocarem na cancela. Vou correndo abrir e vejo Judith com um troféu na mão chegando em sua moto. Quando chega perto de mim e derrapa, levantando uma nuvem de poeira em minha cara de mau humor, me despeço de minha mãe, desligo e ouço Jud dizer:

— Você perdeu. Perdeu minha vitória.

Sem responder, dou meia-volta e entro em casa. Estou irritado.

A partir desse instante, começamos uma de nossas discussões. Entre Fernando e seus comentários e o perigo desnecessário que correu nessa maldita competição. Estou excessivamente irritado, e ela me recrimina.

Discutimos. Não ouvimos um ao outro. Transtornado, inquiro, fitando-a:

— O que houve entre você e Fernando?

— Algo. Mas não teve importância.

Incitado pelo que minha mente imagina e sem entender o que está acontecendo comigo, grito:

— Algo? Que algo é esse?!

A discussão se intensifica.

Não sei por que estou agindo assim.

Ela tem um passado, assim como eu. Mas, talvez, o que me enfureça seja que esse passado é recente.

Olhamo-nos.

Estamos tensos. Até que, por fim, ela dá meia-volta, pega suas coisas e sai de casa. Ouço-a ligar a moto.

Paralisado, fico sozinho no meio da sala.

O que estou fazendo? Por que estou descontando nela meus ciúmes?

Por que estou descontando nela a morte de minha irmã?

Então, pego as chaves de minha moto e vou atrás dela.

Quando a vejo diante do portão fechado, desligo o motor e me aproximo.

— Como você pode ser tão frio? — solta ela.

— Com prática.

Minha resposta a deixa exasperada. Gesticula. Acho que está xingando todas as gerações passadas da minha família. Quando ela começa a falar, tento acalmá-la. A culpa é toda minha. Não aceitei o fato de ela gostar de motocross. E, incapaz de não abrir meu coração para ela, digo:

— Jud, minha irmã Hannah morreu há três anos praticando um esporte radical. Ela era como você, jovem, cheia de energia e vitalidade. Um dia, me convidou para ir com ela e seus amigos fazer *bungee jump*. Estávamos nos divertindo, até que a corda dela… e… eu… eu não pude fazer nada para salvar sua vida.

Deus, como dói me lembrar da minha irmã.

Acaba comigo!

Dói não poder abraçá-la, não poder falar com ela, não a sentir viva. Hannah era uma das melhores coisas de minha vida e, quando ela morreu, parte de mim se foi com ela.

Minhas palavras conseguem fazer com que Judith olhe para mim. Acrescento:

— Esse é o verdadeiro motivo pelo qual não consegui assistir ao que você estava fazendo.

Imediatamente Jud me abraça. Sua expressão, cheia de ternura e amor, me reconforta. Suas palavras também.

Era disso que eu precisava. Tentando suavizar o momento, dou-lhe um beijo nos lábios e murmuro:

— Vamos voltar para casa, campeã, comemorar sua vitória como se deve.

Rindo, voltamos. Estacionamos nossas respectivas motos à porta e entramos beijando-nos na sala.

Tiramos parte da roupa, mas querendo tê-la em minha cama, pego-a no colo e a levo diretamente para o quarto.

Com as janelas abertas, nos despimos completamente. Não tem como nos verem, mas, se virem, que se dane.

Quando tiro a calcinha dela, sorrio ao ver a surpresa que ela preparou para mim e que me deixou sem fala quando a vi pela primeira vez. Murmuro ao me agachar e ler:

— “Peça-me o que quiser”.

Sorrio ao sussurrar essa frase deliciosa que ela tatuou na pele para sempre acima de seu lindo monte de Vênus. Ela diz:

— Ficou surpreso, não é?

Assinto, encantado. Fico louco em saber que ela fez essa tatuagem por mim. Beijando-a, afirmo:

— Gosto tanto dela quanto de você.

Judith sorri. Eu também.

Um gemido escapa de sua boca quando passo a língua com desejo por cima da frase tatuada. É deliciosa, suave, sensual.

Levanto-me.

Quando Judith está sem salto, sou mais de uma cabeça mais alto que ela. Gosto disso, acho fascinante.

Enfeitiçados, nos olhamos, nos beijamos, nos provocamos.

Acho que o que está acontecendo entre nós é uma verdadeira loucura, mas sou incapaz de me conter. Quando a pego no colo e introduzo meu pau em seu corpo quente, sussurro, encarando-a:

— Pequena… peça-me o que quiser.

24

No dia seguinte, proponho irmos à casa de uns amigos em Zahara de los Atunes e ela concorda. Então, bem cedinho, vamos para lá de moto.

No caminho, visitamos cidadezinhas como Puerto Real, Conil, Vejer de la Frontera e Barbate.

Que maravilha de lugares!

Ela conhece todos muito bem. Depois de almoçar, passear e mergulhar em várias praias, à tarde seguimos viagem para Zahara de los Atunes.

Ao anoitecer, chegamos diante de um enorme portão de metal preto, e aperto a campainha. Segundos depois, a porta se abre e entramos. Estacionamos a moto e descemos. Diante da porta branca da casa, surgem meus amigos Frida e Andrés com o filhinho, Glen, no colo.

Eu os apresento a Judith e ela reconhece Andrés como o médico que a examinou quando ela se queimou com o ferro, mas não lembra que foi Frida quem brincou com ela no hotel de Madri. Acho engraçado, mas decido me calar. Frida também.

À noite, na solidão de nosso quarto, faço amor com ela com carinho e delicadeza. Judith consegue despertar em mim coisas que nem eu mesmo conhecia. Curto como nunca antes na vida enquanto murmuro:

— Jud… Jud… o que você está fazendo comigo?

Na manhã seguinte, quando acordo, ela dorme profundamente. Observo-a durante alguns minutos tentando entender por que quero tanto protegê-la. Por fim, me levanto. Preciso comer alguma coisa.

Quando chego à cozinha, Frida e Andrés estão tomando o café da manhã. Ao me ver, ele brinca:

— Ora, ora, chegou o homem apaixonado.

— Não diga bobagens, Andrés — sibilo, com humor.

Nós três rimos, e Frida pergunta, dirigindo-se a mim:

— Já lhe disse que eu sou a mulher do hotel?

— Não. Por enquanto, não disse nada.

Ela balança a cabeça e diz:

— Ou você conta ou conto eu, você já sabe que…

— Calma — interrompo-a —, vou contar.

Frida assente, Andrés sorri. Eu me sento com eles para tomar o café da manhã.

Pouco depois, chegam os pais de Frida para pegar o pequeno Glen.

À noite, saímos os quatro para jantar. Quando voltamos, Frida e Andrés me dizem que estarão no quarto de jogos, mas eu recuso o convite. Acho que Judith ainda não está pronta para isso.

No dia seguinte, acordo antes de Jud de novo e desço para tomar o café da manhã com meus amigos. Pouco depois, ela se junta a nós.

Às duas da tarde, vamos para Cádiz. Fomos convidados a uma festa à fantasia e precisamos comprar a indumentária exigida.

Depois de um dia maravilhoso em uma cidade que me fascina e de comer um peixinho frito delicioso, à noite voltamos para Zahara e decidimos dar um último mergulho na piscina. Está calor.

Judith, que ignora a que tipo de mergulho meus amigos e eu nos referimos, sobe para o quarto para pôr o biquíni. Então, Frida sussurra:

— Acho que você devia falar com ela.

Assinto. Sei que ela tem razão.

— Vou falar. Enquanto isso, controlem-se um pouco.

— Ei, amigo — replica Andrés. — Não me dê ordens em minha própria casa.

Sorrio, fazemos um high-five e digo:

— Tem razão. Tudo bem, o problema é meu e eu é que tenho que resolver.

Quando Judith desce com seu lindo biquíni, entramos os quatro na piscina. Brincamos, beijamo-nos, mas, quando enfio a mão por baixo de seu biquíni, ela sussurra, olhando para mim:

— Eric, não faça isso! Eles podem ver.

Vendo sua ingenuidade, sou incapaz de não a beijar. E, depois de um beijo

tórrido e cheio de desejo e paixão, murmuro:

— Fique tranquila, pequena. Andrés e Frida não vão ficar chocados.

Judith olha para Andrés bem no momento em que ele está desamarrando o biquíni de Frida, que fica boiando na piscina. Então, ela me olha boquiaberta quando Frida sai da piscina e se senta na borda. Andrés vai por trás de Jud e a pega pela cintura.

É evidente que meus amigos estão nos convidando para brincar.

Mas, ao ver os olhos assustados de Jud, nego com a cabeça e imediatamente Andrés e Frida dão uma piscadinha e desaparecem no interior da casa.

Ficamos sozinhos. Noto que ela está tensa e murmuro:

— Calma, pequena. Comigo você nunca fará nada que não queira.

Ao me ouvir dizer isso, não me reconheço.

Eu não sou assim. Sou um jogador experiente e quero jogar.

Quanto tempo aguentarei essa estranha situação?

Estou pensando nisso quando Judith me pergunta:

— Eles… fazem os mesmos jogos que você?

Assinto.

Não quero nem devo mentir para ela.

Conversamos.

Respondo a suas perguntas e a advirto de que na festa para a qual compramos as fantasias as pessoas vão para jogar, mas que ninguém vai obrigá-la a fazer nada, menos ainda ela estando comigo. Digo-lhe isso porque quero que ela saiba onde vai se meter.

Saímos da piscina e entramos na jacuzzi. Quando a água esfria, ficamos calados. De repente, ela me pergunta o que eu gostaria de ter feito na piscina.

É estimulante ouvir isso.

Se está perguntando é porque tem curiosidade. Quando lhe conto que Frida é a mulher que esteve conosco no hotel, ela se surpreende. Sussurro:

— Adoro ver duas mulheres se possuindo, mas também gosto de desfrutá-las e dividi-las com outros homens.

— E você se imagina me dividindo com outro homem?

Fico excitado ao ouvir isso e afirmo:

— Se você quiser… sim.

Gosto de olhar para ela e sentir sua curiosidade. Então, minutos depois, arrisco e digo:

— Venha comigo.

De mãos dadas, entramos na casa, percorremos um corredor e logo ouvimos os gemidos de Andrés e Frida. Judith aperta minha mão. Sem abrir a porta, proponho:

— Andrés e Frida estão lá dentro. Quer entrar?

Ela não afasta o olhar do meu. Está nervosa.

— Desde que você não saia de perto de mim — responde por fim.

Enfeitiçado pelo que essa mulher desperta em mim, e com um sentimento de posse que nunca tive, murmuro, beijando-a:

— Nunca duvide disso, querida. Você é minha.

Decidido, e sem soltar a mão dela, abro a porta da sala azul, onde no centro há uma enorme cama redonda. Meus amigos estão fazendo um 69 no lugar que chamam de *quarto de jogos*. Quando nos veem, interrompem. Então, olho para a mulher cuja mão seguro firmemente e sinto seu nervosismo. E ela diz:

— Quero jogar.

Ouvi-la dizer isso me deixa mais duro ainda. Beijo-a, ciente de que o passo que ela está dando é por mim. Então, vejo Andrés se levantar da cama e se colocar atrás de Judith, mas sem a tocar.

Ele espera meu consentimento e, quando assinto, ele solta a parte de cima do biquíni de Jud. Em um instante os pequenos seios dela estão na minha frente e desejo lambê-los. Fitando minha garota, digo:

— Andrés, tire a parte de baixo do biquíni.

Isso aumenta ainda mais meu tesão.

Meu Deus… tudo isso é novo e especial para mim!

Meu amigo faz o que lhe peço, e Judith não o impede.

Nunca senti nada como o que estou sentindo nesse instante.

O olhar de Jud me deixa louco, principalmente quando Andrés pergunta:

— Posso tocá-la?

Olho de novo para minha garota.

Sinto que está ansiosa, assustada, mas, ao ver que ela dá seu consentimento, dou o meu, sem hesitar. Satisfeito, observo e aprecio Andrés acariciar a mulher que está virando minha vida do avesso.

Frida se aproxima de nós. Ela também quer brincar.

Ao ver o desejo e o calor nos olhos de Judith, ponho-me de lado. Como jogadora experiente, Frida se agacha em frente às pernas dela, toca-as e pede que as afaste. Jud obedece e, rapidamente, Frida leva a boca diretamente ao desejo úmido dela.

Tremo…

Curto…

Se já me excitava só de pensar em fazer essas coisas com ela, agora nem se fala!

Ver o que estou vendo e sentir a entrega de Judith me deixa duro como pedra; então, ela suspira, entregue ao prazer. E eu, levando minha boca à sua,

murmuro:

— Isso… assim… aproveite para mim.

Quase explodindo, toco Frida para chamar sua atenção. Dando meia-volta, ela tira minha dura ereção de minha sunga e a chupa com gosto, enquanto vejo meu amigo morder os mamilos de Judith. Enfeitiçado, consigo murmurar:

— Vamos para a cama.

Uma vez ali, não posso deixar de contemplar meu grande desejo se tornando realidade.

Judith é linda. É uma deusa. Depois de lhe entregar um brinquedinho desses que Frida tem em cima da cama, peço-lhe que se dê prazer para mim.

Frida e ela se deitam com seus brinquedinhos nas mãos e se masturbam para nós. Observo Judith arfar, excitada como nunca na vida.

O que Jud está vivendo, o que está experimentando, o que está sentindo é novo para ela. E, pelo modo como a percebo ter prazer, sei que está gostando tanto quanto eu.

Prestes a explodir, ponho um preservativo sem tirar os olhos dela e, quando sinto que não aguento mais, exijo:

— Andrés, ofereça-me Jud.

Rapidamente, ele a coloca sobre suas pernas e, passando os braços por baixo das coxas dela, abre-a para mim.

A imagem que vejo é excitante, provocante, um tesão.

Judith, nua sobre Andrés, totalmente exposta para mim. Só para mim.

Satisfeito, eu me aproximo e, olhando-a nos olhos, introduzo meu membro duro nela.

Caralho, que prazer!

Entro e saio dela sem parar, com firmeza, com propriedade, com exigência, enquanto ouço seus suspiros, seus gemidos, seus gritinhos, e murmuro sem deixar de encará-la:

— É assim vou oferecer você a outros homens. Vou abrir suas coxas para lhes dar acesso sempre que eu quiser, está bem?

Ela arfa, se contorce e exclama com prazer:

— Sim… sim…

Entro e saio, afundo nela, enquanto Andrés mantém suas coxas abertas para mim e eu aproveito esse momento incrível. Nem no melhor dos meus sonhos mais eróticos teria imaginado sentir algo como o que sinto com Judith.

Já estive entre as pernas de centenas de mulheres em busca de prazer.

Já ofereci e me ofereceram centenas de mulheres, mas o que estou vivendo nesse instante com ela é novo, mágico e especial.

Andrés olha para mim e sorri.

Que filho da mãe!

Ele já me disse muitas vezes que só gostava desses encontros quando Frida estava junto, mas eu nunca tinha entendido. Até agora.

De repente, dividir isso com Jud se tornou a melhor experiência de minha vida e algo me diz que a partir desse momento nada mais será igual.

25

Quando acordo, no dia seguinte, em nosso quarto em Zahara, estou inquieto.

Na noite anterior, dormimos tarde sem falar sobre o que havia acontecido e preciso conversar. Preciso saber se ela está bem e, especialmente, se não fez nada contra sua vontade.

Betta me manda mais mensagens – que pesadelo! Sem lê-las, apago-as. Não me interessam.

Essa mulher está me tirando do sério com sua insistência. Se ela continuar assim, vamos ter um grave problema. Mas procuro esquecê-la e preparo uma bandeja com café da manhã para Jud. Frida e Andrés debocham de mim.

— Amigo, o que está acontecendo com você? — implica Andrés.

Sorrio. Não sei explicar.

— Você está me assustando, Eric — sussurra Frida. — Nós nos conhecemos há muito tempo e nunca vi você preparar café da manhã para ninguém, nem para Betta nem para aquela imbecil com quem você ficou há anos, Ginebra.

Ouvir esses nomes me incomoda. Tanto Betta quanto Ginebra aprontaram comigo. Ao ver minha cara, Frida diz:

— Tudo bem… eu não devia ter mencionado essas cadelas.

Sorrio com seu último comentário. Quando termino de preparar a bandeja, Andrés põe uma flor nela e diz:

— Isto não pode faltar se quiser impressioná-la.

Saio da cozinha com um sorriso nos lábios. Ao entrar no quarto e ver Judith acordada, cumprimento:

— Bom dia, moreninha.

Ela sorri. Seu pai é o único que a chama assim. E agora eu também.

Encantada, ela abre espaço para mim na cama e tomamos café da manhã. Ambos estamos de bom humor. Por fim, pergunto:

— Pequena, como você está?

Ela me diz que está bem e, antes que eu pergunte de novo, diz que tudo o que fez na noite anterior foi por livre e espontânea vontade. Relaxo. A última coisa que eu queria era ouvir o contrário.

Um beijo…

Dois…

Sete…

Conversamos sobre o que aconteceu.

É excitante recordar, falar disso, e ela diz que quer ser oferecida de novo à noite na festa, mas sempre comigo ao seu lado. Com um sorriso que acaricia minha alma, ela diz que aquilo que antes via como algo de certo modo sujo e depravado, agora, depois de experimentar e gostar, vê de uma maneira diferente.

E me faz rir quando diz, baixinho, que, embora o momento romântico seja bom, a hora do sexo selvagem a enlouquece, e que se deu conta de que adora foder. Gosto de ouvir isso.

Agrada-me o fato de sua percepção de certas coisas haver mudado. Depois de mais dois beijos, enquanto Jud fantasia com aquilo que quer provar ao meu lado, acabo dando-lhe o que ela me pede e eu anseio.

Depois do almoço, quando Frida e Andrés vão descansar, Judith e eu vamos ao jardim ler. O dia está lindo, um sol inclemente, mas está divino à sombra.

Enquanto lemos, ouvimos música no iPod de Jud; de repente, toca a música que ela considera nossa. Sem hesitar, cantarolo. De soslaio, vejo que ela me olha, surpresa por me ouvir cantar.

— Você sabe a letra? — pergunta.

Achando graça, olho para ela.

Quando voltei para a Alemanha, procurei as músicas de que ela gosta.

— Procurei a música — respondo.

— Por quê?

Então, ciente do que vou dizer e de que temos uma música nossa, digo, arcando com todas as consequências:

— Porque escutar esta canção me faz lembrar de você.

Depois de uma tarde maravilhosa de sol e piscina, curtindo ao lado de Judith coisas simples, vamos nos arrumar para a festa. As garotas vão de melindrosa, e nós de gângster.

Jud está linda com o vestido e o cabelo e maquiagem que Frida fez, e intuo

que vai causar um grande alvoroço. Uma mulher jovem, sexy e bonita é alvoroço certo. E, de repente, não vejo muita graça nisso.

Às nove e meia, depois de deixar o carro no estacionamento lotado, entramos na linda mansão ambientada nos anos 1920.

Sem soltar a mão de minha garota, eu a apresento aos anfitriões, Maggie e Alfred, e a várias pessoas que conheço. Noto que todo mundo a olha com interesse. Sem dúvida, morrem de vontade de estar entre suas pernas.

Em certo momento, vejo-a coçar o pescoço. Isso significa que está ficando nervosa, então tento acalmá-la. Por sorte, consigo. As manchas começam a desaparecer, mas me chama de babaca, entre outras lindezas, quando me conta que ouviu falar de mim no banheiro e eu digo que espero que tenham sido coisas boas e excitantes.

De mãos dadas, andamos pela casa.

Quero mostrar a Judith a área onde todos fazem sexo com liberdade. Não posso esquecer que tudo isso é novo para ela. Quando chegamos à porta, ela de repente se abre e ouço:

— Eric, que alegria vê-lo!

É Björn. Sorrindo, afirmo:

— Não sabia que você estava por aqui.

Ele me conta que decidiu tirar umas pequenas férias em Cádiz. Quando o vejo olhar para Judith com curiosidade, seguro forte a mão dela para que ele saiba que é alguém especial para mim e digo:

— Judith, este é Björn, um grande amigo. Björn, esta é Judith, minha garota.

Björn me olha boquiaberto.

Sem dúvida, *minha garota* o surpreendeu!

Ele não esperava que eu a apresentasse assim. O safado, aproximando-se dela, dá-lhe dois beijinhos e diz:

— É um prazer, Judith. Hmmm… sua pele é muito macia.

Ao ouvi-lo, levanto o queixo, mas, ao ver seus lábios se curvarem, com o mesmo tom de voz dele, afirmo:

— Ela toda é macia e deliciosa.

Sem precisar dizer mais nada, meu amigo e eu nos entendemos. Sabendo que não há ninguém melhor que ele para brincar com fetiches, erotismo e sensualidade, fito-o e ele rapidamente assente.

Somos ambos jogadores experientes. Sei que ninguém vai me respeitar como ele. Abrindo de novo a porta pela qual ele saiu, pergunta:

— Vamos entrar?

Sem hesitar, entramos no lugar pouco iluminado. Sinto Judith apertar minha

mão. Ela está assustada. Por isso, puxo-a para mim e, levando a boca a seu ouvido, murmuro:

— Calma, pequena… fique calma.

Ela assente e sorri.

Sem soltá-la, vamos até um pequeno balcão e Björn serve três taças de champanhe. Pergunto a Judith se acha que meu amigo é um bom companheiro para jogar e ela o observa.

Björn é um homem muito solicitado pelas mulheres. Como eu, é um macho alfa, mas eu sou louro de olhos claros e ele é moreno, um bem-sucedido advogado de Munique.

— Tudo bem eu oferecer você para ele? — pergunto.

Ela aceita. Björn nos entrega nossas taças e, com o olhar, lhe informo a decisão de Jud. As palavras são desnecessárias entre nós. Mas, quando ele vai beijá-la na boca, detenho-o e esclareço:

— A boca e os beijos dela são só meus.

Ele assente, sorri e me pergunta em voz baixa:

— Ela é sua garota?

— Sim — afirmo com segurança.

Björn sorri de novo.

Filho da mãe!

Então, proponho que nos sentemos.

Judith está nervosa. Ao nosso redor as pessoas fazem sexo com total liberdade. É a primeira vez que ela se vê em uma situação assim. Deixo-a curtir. Estamos em frente ao sofá, e ela se senta entre nós dois. Eu levo a boca a seu ouvido e pergunto:

— Excitada?

Ela assente, bem no momento em que Björn põe uma das mãos no joelho dela e começa a acariciá-lo. Ficamos assim alguns minutos, até que peço:

— Jud, tire a calcinha.

Ela logo obedece. Levanta-se, tira a calcinha e se senta de novo entre nós. Pego a calcinha da mão dela e peço outra vez:

— Abra as pernas, pequena.

Sua respiração se acelera.

Sei que o que lhe peço a deixa excitada, e ela as abre sem titubear. Abre-as para mim.

Curioso, observo meu amigo passar as mãos pelas lindas pernas dela até roçar seu sexo.

Hmmm… excitante!

Björn olha para mim. Eu assinto, e ele, enfiando primeiro um dedo e depois

dois, começa a masturbá-la diante de mim. Jud fecha os olhos, entregando-se ao prazer.

Olho para ela e desfruto seu prazer.

Então, Björn, excitado, propõe uma dupla penetração, mas tiro essa ideia da cabeça dele. Judith ainda não está pronta para isso. Deixo claro que será só vaginal.

Vê-la nessa situação e ouvir seus gemidos me deixa louco. Faço-a levantar e desabotoo seu vestido, que cai a seus pés. Ela fica totalmente nua para nós e para tudo que eu quiser.

Judith é deliciosa!

Estou beijando seu pescoço quando, sentindo sua excitação, murmuro:

— Ofereça seus seios a ele.

Dito isso, ela os junta com as mãos e os leva até a boca de meu amigo, oferecendo-se.

Björn os aceita, encantado. Lambe-os, degusta-os, saboreia-os, enquanto eu a masturbo e a faço vibrar. Mas, quando sinto que ela vai atingir o clímax, detenho-a e peço que suba no sofá e ofereça a Björn sua essência. Meu amigo se deita e ela obedece. Com um erotismo que me deixa impressionado, ela lhe oferece o ardor que tem entre as pernas.

Que calor!!!

Com sensualidade, em cima do sofá, ela aproxima sua fenda da boca de meu amigo e ele a devora com prazer, enquanto eu observo e fico excitado com o que vejo e sinto.

Qualquer homem que não esteja acostumado a jogar assim veria isso como algo sujo, pecaminoso e inapropriado. As pessoas que, como eu, praticam esse tipo de jogos veem tudo como algo limpo, consensual e muito prazeroso.

Judith é ingênua, curiosa. Sua expressão indica isso, fala por ela. Sinto desejo de beijá-la e o faço com paixão, enquanto Björn assola sua vagina e eu absorvo seus suspiros e seus tremores.

Prazer…

Tesão…

Excitação…

Tudo isso nos envolve. Satisfeito, murmuro:

— Você é meu prazer… dê-me mais, pequena.

Assim que digo isso, Judith solta um gemido muito significativo. Sei que Björn a está levando ao clímax com a boca e exijo:

— Isso, linda. Grite e goze para nós.

E ela goza. E como goza.

Seus gritos de prazer atraem os olhares de todos ao redor. E eu, feliz,

observo os rostos, gostando de ver o que isso provoca neles.

Tesão!

Depois de um último suspiro que indica que minha garota chegou ao céu, faço-a descer do sofá, recolho seu vestido e sua calcinha do chão e, junto com Björn, vamos para o outro quarto.

Uma vez ali, largo a roupa, sento na cama e faço Judith se sentar sobre mim. A seguir, abro suas pernas e a ofereço de novo a Björn.

Ela estremece. Sua excitação aumenta, e eu, encantado, beijo seu pescoço enquanto sussurro:

— Mais… eu quero mais.

Com sensualidade, ela abre mais as pernas. Ela se oferece por completo a Björn, que, quando vai pôr de novo a boca no sexo dela, para e, com um sorriso, olha para mim e pergunta:

— O que está escrito nessa tatuagem?

Encantado, vou responder quando Judith, que fala perfeitamente alemão, responde:

— Peça-me o que quiser.

Meu amigo olha para mim. Por sua expressão, vejo que ele gostou, e eu sussurro:

— É uma coisa nossa.

Surpreso, ele assente e, com a boca, leva-a de novo ao sétimo céu enquanto eu curto seus suspiros, seus gemidos, pensando que dali a alguns minutos quem vai possuí-la sou eu.

Excitado, enlouquecido, levo a boca a seu ouvido e, enquanto seu corpo se contrai de prazer, sussurro:

— Isso, Jud… na intimidade, quero que você esteja sempre a minha disposição. Eu sou seu dono, e você, minha dona. Só eu posso oferecê-la. Só eu posso abrir suas pernas para os outros. Só eu…

— Sim… só você. Brinque comigo — suspira ela, entregue a mim.

O calor aumenta.

— Quero que você explore e quero explorá-la — sussurro. — Quero foder você e quero que outros a fodam. Quero tanto de você, querida, que dá até medo.

Minhas palavras a deixam louca, posso perceber.

E, quando não aguento mais, ordeno a meu amigo que pare, levanto com ela no colo e, depois de deixá-la no chão, Björn e eu nos despimos.

Judith nos observa em silêncio, mordendo o lábio inferior. E, então, meu amigo diz:

— Deite-se na cama e abra as pernas, linda.

Ela olha para mim e obedece. Eu subo na cama e murmuro, depois de olhar

para sua tatuagem excitante:

— Peça-me o que quiser.

Quero que ela peça. Quero realizar seus desejos. Então, ela se dirige a mim e diz:

— Quero que Björn me foda enquanto você me oferece, me beija e nos observa. Sei que você vai gostar. E, quando ele gozar, quero que você me foda do jeito que eu gosto.

Ouvi-la dizer isso liberta minha alma e meu coração.

Ela está no jogo tanto quanto eu. Dando-lhe um beijo lascivo e ardente, exijo de meu amigo:

— Foda-a.

Quando digo isso, sinto todos os pelos de meu corpo se arrepiarem. Nunca senti um prazer igual.

Com olhos curiosos, observo Björn curtir o corpo de minha garota. Ele chupa seus mamilos, mordisca-os, enquanto seus dedos entram em sua fenda úmida. Ele diz:

— Você está encharcada. Sua boceta está me deixando louco.

Essa linguagem vulgar é excitante nesse momento. Então, Björn sussurra, fitando-a:

— Vou comer você, linda. Vou fodê-la na frente de seu homem e ele vai abrir você para mim e segurá-la para que não se mexa.

Ela arfa, mal podendo respirar. Nessa situação, essas palavras são abrasadoras.

Então, eu abro as dobras do sexo de minha mulher e observo Björn penetrar nela.

Meu Deus! É incrível. O tesão é mais forte que eu.

A conexão que sinto com Judith nesse instante é impressionante, principalmente quando nossos olhos se encontram. Enfeitiçado enquanto ofereço seu sexo, meu amigo dá prazer a nós dois com suas ações. Sorrio ao ver Judith totalmente entregue.

Não sei quanto tempo passa, até que Björn sai dela. E, depois de jogar um pouco de água nela para refrescá-la e lavá-la, diz com o olhar que agora é minha vez.

Satisfeito, terrivelmente excitado, me aproximo dela. Enfio os dedos em sua fenda quente e a masturbo enquanto murmuro:

— Menina… você está toda aberta e receptiva. Gosta disso, não é?

Ela assente, arfa e exige:

— Foda-me!

Ouvi-la pedir isso me deixa louco e, sem hesitar, introduzo um dedo em seu

ânus apertado e o movimento. Seus olhos, velados de tesão, me deixam louco. Quando tiro o dedo de seu cu, pego minha dura ereção e penetro sua vagina de uma estocada só, fazendo-a gritar.

Sua exclamação demonstra que está gostando, então penetro nela como um louco, faço o que ela me pediu e a fodo. Fodo-a com desejo, com urgência e paixão, enquanto Björn a segura pelos ombros para que não se mexa. Mas, de repente, fico com ciúmes ao ver que ela olha com desejo para o pênis de meu amigo.

O que ela está fazendo?

— Não. Olhe para mim — ordeno.

Por sorte, meu amigo percebe. Soltando-a, sai discretamente do quarto e nos deixa sozinhos.

Intensifico minhas estocadas. Estou com tanto tesão que acho que vou explodir. Ao vê-la entregue por completo, enfio de novo um dedo em seu ânus apertado. Ela fica louca, grita mais ainda e, com o olhar, me diz que não pare, que continue até não poder mais. E faço isso, até que caio, esgotado, sobre ela.

Ficamos assim alguns segundos, até que ordeno:

— Vista-se. Vamos embora.

Judith pega seu vestido. Ao ver que estamos sozinhos, pergunta:

— Onde está Björn?

Eu respondo irritado e ela, contrariada, pergunta:

— Por que você está bravo?

Olho para ela, recordando como olhava para o pênis ereto dele, com vontade de enfiá-lo na boca. E, quando jogo isso na cara dela, ela sibila, desconcertada:

— Não sei, Eric. Acho que era o calor do momento.

De novo trocamos palavras duras. E quando, por fim, me dou conta de que sou um babaca por pensar algo que não tem nada a ver, ela exclama:

— Babaca! Isso é o que você é, um verdadeiro babaca.

Eu lhe peço desculpas. Ela tem razão!

Tenho consciência de meu erro, mas sua fúria espanhola está a mil e já não há quem a detenha.

Ela me diz tudo que se pode imaginar. No fim, decido beijá-la. Talvez isso a acalme. E, para minha sorte, consigo acalmá-la. O beijo a apazigua e durante um bom tempo ficamos abraçados no quarto enquanto lhe peço desculpas.

Mais tarde, quando Jud já está descontraída de novo e esqueceu minha pisada na bola, saímos do quarto e, posteriormente, da sala de jogos. Ao chegar ao salão principal, Björn se aproxima com bebidas na mão. Pegando-as, digo a ambos que isso não tornará a acontecer.

Björn e ela sorriem. Eles me perdoam. Sei que esse sentimento de posse em relação a Jud é novo para mim e tenho que aprender a administrá-lo.

Mais tarde, quando voltamos para casa depois da festa, Jud está feliz.

Sua felicidade é minha felicidade. Mas, quando ela comenta certas coisas excitantes que chamaram fortemente sua atenção, rindo, murmuro:

— Meu Deus, eu criei um monstro!

26

Quatro dias depois da noite excitante, Frida e Jud decidem sair só as duas para tomar uns drinques. Não vejo muita graça, mas não quero ser a nota dissonante, então me calo e fico em casa com Andrés.

Ele é um excelente anfitrião. Quando elas saem, conversamos e jogamos umas partidas de xadrez, de que ambos gostamos muito.

Estamos fitando o tabuleiro em silêncio quando Andrés pergunta:

— O que está acontecendo, Eric?

Levanto o olhar. Sabendo ao que ele se refere, murmuro:

— Nada.

Ele sorri, recosta-se na cadeira e, olhando para mim, insiste:

— Eu conheço você faz tempo e nunca o vi tão entregue a uma mulher como está a Judith.

Agora sou eu quem se recosta. Assinto. Bebo um gole de uísque e declaro:

— Tudo bem, reconheço. Judith me faz sentir coisas diferentes.

— Que coisas?

Ao ver o interesse de meu amigo, sem hesitar, respondo:

— Eu não saberia explicar, mas sinto que de repente muitas coisas ganharam sentido. E não só no plano sexual.

Andrés assente. Bebe um gole de sua bebida e diz:

— Lembra que conversamos, há algum tempo, sobre encontrar uma pessoa especial na vida?

Faço que sim com a cabeça e ele prossegue:

— Ainda me lembro de quando Frida apareceu em minha vida.

— Não dá para esquecer, ela atropelou você! — brinco.

Rimos. Então, ele acrescenta:

— Juro que, quando a conheci, eu não conseguia parar de pensar nela. No começo, suas preferências sexuais me escandalizaram, mas acho que estar com

ela, entender e curtir nossa sexualidade e ter Glen foi a melhor coisa que me aconteceu na vida.

Sorrio. É um prazer saber que minha amiga está com alguém que a ama e a valoriza como mulher e como pessoa.

— Você acha que Judith pode ser essa pessoa especial para você? — pergunta ele.

Sem saber por quê, sorrio.

Está mais que claro que Judith entrou como um turbilhão em minha vida e está fazendo com que eu me comporte de um jeito que nunca imaginei que me comportaria.

— Não sei — respondo —, mas gosto muito dela.

— Amigo, acho que você está perdido!

Rimos, e eu acrescento:

— Jud consegue me tranquilizar como ninguém nunca conseguiu. Ela me faz sorrir só de olhar para mim. O sexo com ela adquiriu outra dimensão. A vida ao lado dela é divertida, mas seu gênio espanhol é terrível… me tira do sério!

Andrés sorri, eu também.

Falar sobre sentimentos nunca foi meu forte, mas recordo algo que o próprio Andrés disse no dia de seu casamento com Frida e digo:

— Acho que estou começando a entender aquela frase brega que você me disse um dia.

— Que frase?

— Aquela que dizia que o amor é como o vento: não se vê, mas se sente.

Sorrimos de novo. As palavras são desnecessárias, portanto continuamos jogando xadrez.

Já de madrugada, ouvimos um carro chegar. Devem ser as garotas. Saímos para recebê-las e notamos que estão alteradas. Elas nos contam que uns sujeitos no povoado tentaram abusar delas, mas Judith conseguiu se defender.

Fico inquieto.

Furioso.

Fico louco ao ver os nós dos dedos de Jud vermelhos por ter tido que se proteger de uns imbecis. Fitando-a, sibilo, disposto a ir até eles e matá-los:

— Entre no carro, Jud.

No entanto, todos conseguem me acalmar e tiram essa ideia de minha cabeça.

***

Vários dias depois, Andrés encomenda uma paella em um quiosque da praia e

descemos para comer. Está deliciosa, mas mal consigo aproveitá-la, pois meu celular não para de tocar. Minha irmã, que quer falar de meu sobrinho, e Betta estão acabando comigo.

Quando acabamos de comer, deitamos debaixo dos guarda-sóis.

O dia está espetacular, mas meu telefone continua tocando. Betta não para. Quando leio uma de suas mensagens, minha paciência explode e peço a Andrés que me leve de volta ao chalé.

Maldita!

Ao me ver saindo, Judith se levanta depressa e começa a recolher suas coisas. Quer voltar comigo para casa, mas eu a detenho.

Preciso de um tempo para resolver alguns problemas. Como não consigo convencê-la, grito, fora de mim:

— Droga! Já falei para você ficar.

Mas, assim que digo isso, sei que extrapolei.

Não tenho direito de falar assim com ela. Brigamos, discutimos. Mesmo assim, não permito que ela volte comigo para o chalé. Não quero.

No fim, meus amigos conseguem impor a paz entre nós e convenço Judith a ficar, emburrada, com Frida.

Quando entramos no carro, Andrés me olha e diz:

— Juro que não entendo você. Eu respeito, mas não entendo por que Judith não podia voltar com você.

Contrariado, observo-a se deitar de novo ao lado de Frida na praia.

— Betta está na porta de sua casa. Acha que é motivo suficiente? — digo.

— Caralho! — diz Andrés.

Ao chegar ao chalé, vejo um carro estacionado e digo a meu amigo:

— Vou descer aqui. Pode ir, se quiser.

— Não. Vou esperar.

Quando desço, a porta do outro carro se abre e Betta aparece. Como sempre, ela é a personificação do glamour.

— Eric…

Furioso, me aproximo dela e, sem tocá-la, sibilo:

— Quero que você vá embora daqui e se afaste de mim, entendeu?

— Eric… escute!

Mas eu não quero escutar. Não tenho nada para falar com ela. Irado, com dor de cabeça por causa da tensão, acrescento:

— Betta, você está me levando ao limite.

— Eric, quem é a mulher que está aqui com você e que o acompanhou à festa de Maggie?

Surpreso com a pergunta, rosno:

— Não lhe interessa.

— Interessa, claro que interessa! Você é…

— Eu não sou nada para você! — grito, fora de mim. — Você foi para a cama com meu pai, caralho! E a partir desse instante você mesma acabou com tudo que havia entre nós.

Betta me olha. Os olhos se enchem de lágrimas.

— Vá embora — repito. — Afaste-se de mim, você e eu nunca mais ficaremos juntos.

— Eric…

Ela tenta me abraçar, mas consigo me livrar dela.

— Eu te amo, Eric… por favor… por favor… — grita ela.

Ouvir Betta suplicar não comove nem um pouco meu coração. Afastando-me dela, ameaço:

— Ou você vai embora ou chamo a polícia. Você decide!

Ela pondera, não quer ir embora, mas, por fim, dá meia-volta, entra no carro e parte.

Quando ela desaparece de minha vista, sinto que minha dor de cabeça piorou consideravelmente. Vou até Andrés, que continua no carro, e digo:

— Vamos entrar.

— Sua cara está péssima — murmura ele.

Levo a mão às têmporas, sinto que minha cabeça vai explodir. Sussurro:

— Preciso tomar meu remédio e ficar no escuro.

Uma vez dentro de casa, meu amigo apressadamente me dá um copo de água e vou para meu quarto. Pego minha nécessaire no banheiro e tomo vários comprimidos. Quando saio do banheiro, vejo que Andrés, que sabe de meu problema, fechou as cortinas do quarto.

— Deite um pouco — diz ele.

Faço isso. Preciso me acalmar e deixar o remédio fazer efeito.

Quando acordo, não sei quanto tempo se passou, mas, por sorte, estou melhor. Ao sair do quarto, ponho os óculos escuros e vou direto para a piscina, onde encontro minha pequena tomando sol e ouvindo música no iPod.

Quando chego ao seu lado, ela não me olha nem fala comigo. Está chateada e eu não digo nada. Mas, depois de um tempo, vendo sua passividade, tiro um dos fones dela e digo:

— Olá, moreninha.

Com aspereza, ela arranca o fone de minha mão. Continua brava.

Decido me sentar tranquilamente em frente a ela para fitá-la. Se ela tem gênio forte, eu também. Então, ela diz em um tom carregado de raiva:

— Para seu próprio bem, pare de olhar para mim.

Sorrio. Acho sua raiva engraçada. Quando ela se levanta, eu a imito. Sem imaginar que ela me empurraria, caio totalmente vestido dentro da piscina.

Fico puto. Como se atreve?

Esse maldito gênio espanhol está começando a me alterar.

Então, ela se afasta sem olhar para mim.

Furioso e encharcado, saio da piscina e vou para nosso quarto. Ao entrar no banheiro para tirar a roupa molhada, exclamo, olhando-a:

— Jud, o que é que há com você?

Ela não quer falar. Afasta-se de mim, mas eu insisto. Seguro-a e ela sibila, furiosa:

— Você é idiota? Não vê que está me irritando ainda mais?

Fito-a.

Desafio-a.

Ela me chamou de *idiota*, em vez de *babaca*?

Quero abraçá-la e fazê-la relaxar. Depois de trocar algumas palavras com ela, tento beijá-la. E, ao ver que se esquiva, pergunto, surpreso:

— Outra vez a cobra?

Ela me olha e, por sorte, sorri e replica:

— Sim. E, se não se afastar, além da cobra, vai levar um tabefe.

Agora quem sorri sou eu.

Ela me rejeita, grita, diz que vai me bater e… eu rio?

Indiscutivelmente, essa mulher me faz de gato e sapato.

Pego-a pela cintura e a deito na cama. Beijo-a, e a toalha que cobre seu corpo se perde pelo caminho, assim como sua raiva. E ela responde com paixão a meus beijos ardentes.

Rindo, nós nos provocamos, nos desafiamos, e, então, ela pergunta, olhando para mim:

— Você está bem, Eric?

Assinto. Minha doença é a última coisa em que quero pensar. Mas ela insiste, e eu digo:

— Você é linda.

Jud me olha, sorri e, apontando o dedo para mim, replica:

— Não me venha com gracinha, Eric, e responda. O que está acontecendo? Acabei de ver em sua nécessaire vários frascos de comprimido…

Caralho! Caralho!

Pensei que ela não havia notado. Mas, interrompendo-a, insisto:

— Você é a mulher mais bonita e interessante que já conheci.

Tento mudar de assunto, mas é impossível.

Judith é cabeça-dura, imensamente cabeça-dura, e pergunta de novo pelos frascos de comprimido. E, como era de esperar, acabamos discutindo. Somos bons nisso.

— Chega, Jud — sibilo por fim. — Não quero continuar falando.

Mas ela insiste. Não se cansa. Não aguento mais ouvi-la, de modo que levanto a voz e rosno:

— Eu disse chega! Chega de drama por hoje.

— Drama? Do que você está falando?

Sei que eu deveria ter ficado de boca fechada.

Ela não é a insuportável da Betta.

Ela é Judith, a mulher que está me fazendo ver que a vida pode ser mais bonita do que jamais pensei. Sei que preciso melhorar meu comportamento, mas não consigo.

Conversamos sobre nós, nossa relação, e cobramos coisas bobas um do outro. Fico exausto de escutar suas queixas. Não sou uma criança para ser repreendido por tamanha bobagem.

Como permito que ela fale assim comigo?

Jud continua, é frenética. Começa a soltar palavrões terríveis, que me incomodam. No fim, como não estou a fim de suportar mais, dou um soco na parede e sibilo:

— Isto é um erro. Um erro imperdoável de minha parte. Eu devia ter deixado você continuar com Fernando ou com quem quisesse.

Ela não entende minha reação. Nem eu mesmo entendo quando digo:

— Pegue suas coisas. Você vai embora.

Boquiaberta, ela olha para mim. Não pode acreditar.

— Você está me expulsando? — pergunta.

Quando a ouço e vejo sua reação, percebo o grande erro que estou cometendo, mas meu orgulho ou minha própria obstinação é mais forte que eu, e insisto que vá embora porque não a suporto.

Dentro de mim algo grita que tenho que me retratar, que não posso permitir que ela vá embora. E, derrubando algumas barreiras, consigo dizer o que penso. Chamo-a de querida, digo que ela é especial para mim, mas ela é cabeça-dura, extremamente cabeça-dura, e não escuta o que digo. Só grita e xinga como o pior dos caminhoneiros e me culpa por tudo.

— Não sou sua querida — diz. — Se eu fosse, você não falaria como falou comigo e seria sincero. Explicaria quem são Marta e Betta. Explicaria por que

não posso mencionar seu pai e, acima de tudo, diria para que são esses malditos remédios que você mantém em sua nécessaire.

Sinto-me péssimo ouvindo suas palavras. Desesperado, sussurro:

— Jud… por favor. Não torne as coisas mais difíceis.

Ela continua guardando as coisas em sua mochila e, olhando para mim, grita, sem se importar em como eu possa me sentir:

— Seu babaca egocêntrico, só pensa em você… só em você e em você!

Fico arrasado de ouvi-la falar assim, mas sinto que ela tem grande parte de razão.

Sempre pensei só em mim depois que Ginebra, a primeira mulher que foi importante para mim, me abandonou. Então decidi me proteger. Nunca mais permiti que partissem meu coração como ela o fez e, embora tenha tido um relacionamento de anos com Betta, entre nós nunca houve amor. Não de minha parte, pelo menos.

Mas Judith, essa mulher que eu mal conheço, me…

A porta do quarto se abre e Andrés e Frida aparecem, alarmados por nossos gritos. Perco completamente o controle, grito, xingo… e, quando Frida tira Jud do quarto, meu amigo exclama, olhando para mim:

— Pelo amor de Deus, quer fazer o favor de se acalmar?!

Transtornado, magoado, fico andando de um lado para o outro e sibilo:

— Isto é um erro. Não sei o que estou fazendo com ela. Tenho que acabar com isso o quanto antes.

Andrés suspira e, sem sair do lugar, insiste:

— Você disse que ela era especial. Que podia ser… sua mulher.

Sento-me na cama, fora de mim. Minhas mãos tremem. Meu corpo treme. Pensar que a expulsei e que agora ela não quer me escutar acaba comigo. Olhando para Andrés, sussurro:

— Não sei o que estou fazendo.

Andrés balança a cabeça, olha para mim e diz:

— Vou buscá-la e lhe dizer que suba. Vocês têm que conversar. E, por favor, relaxe.

Em silêncio, vejo-o sair do quarto. Tento controlar o tremor de minhas mãos.

Eu me levanto, caminho até a porta e, então, ouço as duras palavras de Judith. Ela se recusa a falar comigo, não quer saber de mim e pede encarecidamente que chamem um táxi.

Desolado, saio do quarto e vou para onde estão todos.

Jud continua esbravejando com imensa frieza. O que ela diz machuca. E, ao ver sua expressão decidida depois de trocarmos umas palavras, olho para minha

amiga e digo:

— Frida, por favor, chame um táxi.

Dou meia-volta e desapareço dali. Por mais que me doa, se ela quer ir embora, que vá. Nunca prendi uma mulher ao meu lado e com ela, por mais que me atraia, não vai ser diferente.

Entro de novo no quarto e apoio as costas na porta fechada. Sinto minhas mãos tremendo outra vez. Estou nervoso, muito nervoso.

Não quero que ela vá embora. Não quero perdê-la de vista. Mas somos diferentes demais para ficar juntos e acredito que, embora doa, é melhor para os dois que nos separemos.

Dizem que polos opostos se atraem, mas, em nosso caso, atraem-se para colidir. Para colidir com dureza.

Dez minutos depois, da janela do quarto, vejo Frida e Andrés se despedindo dela. Quando o táxi parte e desaparece de vista, deito-me na cama e sinto meu coração congelar uma vez mais.

27

Minha volta a Munique é estranha. Muito estranha.

Quando entro no jatinho particular e decolo de Jerez, sinto que estou deixando algo na Espanha, mas não quero aceitar que talvez seja meu coração.

Nos dias seguintes, vou com meu amigo Björn a todas as festas particulares a que sou convidado e faço sexo com todas as mulheres que quero. Tento esquecer Judith.

Também tento intermediar a relação entre minha mãe, minha irmã e Flyn. Eles são incapazes de conversar, de dialogar. Armando-me da pouca paciência que costumo ter, por fim, entre gritos e recriminações, consigo fazer que se entendam.

Algumas noites, enquanto tomo uísque em meu escritório, em certos momentos me permito pensar em Judith. Penso na jovem que virou minha vida do avesso e a quem decidi voltar a chamar de srta. Flores.

Onde será que está?

O que estará fazendo?

Recordar seus olhos, seu sorriso, sua loucura me deixa louco, e sua imagem volta a mim enquanto estou lendo uma matéria que diz que o verdadeiro amor chega de duas maneiras. A primeira é quando você encontra sua alma gêmea e a segunda, quando encontra seu polo oposto.

Inevitavelmente, isso me faz sorrir com amargura. Sem dúvida, o jornalista está enganado!

De forma puramente masoquista, na intimidade, escuto nossa música mil vezes e sinto, como diz a letra, que a levo em minha mente com desespero. Mas não, nosso caso é impossível e irei esquecê-la.

Ninguém fala ou grita comigo, nem me recrimina, nem exige nada de mim como ela fez. Não, não posso permitir que uma mocinha caprichosa e boca-suja vire minha vida do avesso.

Eu sou Eric Zimmerman, um homem poderoso, e ninguém pode comigo. Nem ela.

Frida e Andrés voltam das férias com o pequeno Glen e combinamos de almoçar com Björn no restaurante de Klaus. Frida nos mostra fotografias das férias e, em algumas, aparece Judith. Vê-la me machuca, mas não posso evitar olhar. Esse sorriso maroto, esses olhos escuros me… Meu Deus! Tenho que sair da mesa.

Estou falando com Klaus no balcão quando Björn se aproxima. Espera seu pai se afastar para atender a uns clientes e me pergunta:

— O que aconteceu?

— Nada…

— Eric, eu te conheço! — insiste.

Assinto, praguejo e, por fim, murmuro:

— É a srta. Flores… Judith…

— A moreninha de Zahara, uma graça.

— Exato — afirmo com raiva ao ver que ele se recorda perfeitamente dela.

Fitamo-nos em silêncio.

Deixo claro que não quero que se aproxime dela se por acaso um dia a encontrar, e Björn assente. Ele me respeita.

— Eu achava que era alguém especial — acrescento —, mas me enganei.

Meu amigo me olha.

— Você sabe que não acredito que existam pessoas especiais — responde.

Sorrimos e, sem conseguir me controlar, digo:

— Se Andrés o ouvir, vai dizer que é porque ninguém ainda tocou seu coração.

— Meu coração está bem guardado — afirma ele.

Ficamos em silêncio uns instantes e, então, meu bom amigo diz:

— Quer falar dessa mulher?

Reflito. Não sei nem o que quero. Por fim, respondo:

— Não. Hoje não.

Passando a mão em meu ombro, Björn diz:

— Então, vamos voltar para a mesa. Conversamos quando você quiser.

Quando nos sentamos de novo, as fotos das férias já desapareceram. Ninguém menciona Judith e posso relaxar.

Mas, quando chego em casa e vejo a luminária com os lábios dela em meu criado-mudo, suspiro. Tiro a roupa e, inevitavelmente, me masturbo pensando

nela.

Dez minutos depois, decido tomar banho. Enquanto a água escorre por meu corpo, penso se devo entrar em contato com o detetive que seguiu Judith da outra vez, mas desisto. Quanto menos eu souber dela e quanto antes a tirar da cabeça, melhor.

Meu dia a dia é complicado, muito complicado. Qualquer coisa me faz lembrar dela.

Mas não. Isso não é possível, então tento esquecê-la da única forma que sei: divertindo-me com outras mulheres. No entanto, para minha desgraça, já não gosto como antes, e, enquanto penetro o corpo delas em busca de prazer, tenho plena consciência de que não há ninguém que se compare a ela.

O verão acaba, o ano letivo de Flyn começa e eu me concentro ainda mais em meu trabalho. Desde que tomei o controle da Müller, ela se revalorizou no mercado empresarial, e isso me enche de orgulho. Pelo menos isso estou fazendo direito.

Em primeiro de setembro vou para a Espanha, especificamente para Madri, mas decido não passar no escritório central para evitar a tentação.

Fico hospedado no hotel de sempre e dali vou aos vários escritórios.

Amanda Fisher me atende quando a chamo. Entre outras coisas, ela é uma excelente profissional e me ajuda nas reuniões. Agradeço a ela por isso.

Em nosso tempo livre, curtimos nossos jogos na cama. Ela é ardente e desinibida. Sempre gostei disso. Mas tudo muda quando, certa noite, abro o notebook e leio:

> **De:** Judith Flores
> **Data:** 3 de setembro de 2012, 23h16
> **Para:** Eric Zimmerman
> **Assunto:** Está melhor?
> Olá, Eric,
> Sinto ter ido embora daquele jeito. Fui impulsiva e lhe peço desculpas.
> Espero que você esteja melhor. Eu ligaria para você, mas não quero incomodar. Por favor, me ligue e me dê a oportunidade

de pedir perdão olhando em seus olhos. Faria isso por mim?
Eu te amo e sinto sua falta.
Mil beijos,
Jud

Enquanto leio o e-mail, meu coração se acelera.

Suas palavras, acrescidas desse “Eu te amo e sinto sua falta”, são o bálsamo de que preciso. Contudo, ciente de que minha relação com ela nunca daria certo por nossa incompatibilidade de gênios, fecho o computador e ligo para Amanda. Cinco minutos depois ela está nua e de pernas abertas em minha cama, disposta a fazer absolutamente tudo que eu quiser.

No dia seguinte, depois de uma noite aliviando minha frustração com Amanda, encontramo-nos no hall do hotel e vamos para Toledo. Temos uma reunião que dura o dia todo. Na volta, abro o e-mail e leio:

De: Judith Flores
Data: 4 de setembro de 2012, 21h32
Para: Eric Zimmerman
Assunto: Sou insistente
Certa vez, você me disse que o melhor de me pedir perdão era ver minha cara quando o perdoava e a possibilidade de estar comigo. Não acha que eu posso querer o mesmo de você?
Um beijinho, dois ou três… ou o que quiser.
Moreninha

Sorrio e vou para o chuveiro.

Vinte minutos depois, leio o e-mail de novo e seguro o impulso de responder. Nessa noite não ligo para Amanda e, pensando na srta. Flores, adormeço.

***

No dia seguinte, pegamos o AVE, um trem maravilhoso que nos leva para Valência em uma hora e meia. Temos várias reuniões e, à tarde, durante uma delas, recebo um novo e-mail:

De: Judith Flores
Data: 5 de setembro de 2012, 17h40
Para: Eric Zimmerman
Assunto: Olá, bravinho

É evidente que você está bravo comigo. Tudo bem… eu aceito. Mas quero que saiba que não estou brava com você. Faça uma boa viagem! E espero que o tratem bem nos escritórios, mesmo que tenha decidido ir com outra, e não comigo.

Beijo,
Jud

Leio o e-mail e fecho o notebook. Se não o fechar, não vou prestar atenção na reunião.

Por que essa mulher não me deixa em paz?

À noite, quando voltamos de Valência, vou ao quarto de Amanda trepar com ela.

No dia seguinte, depois de várias reuniões em uma das salas do hotel de Madri, saio do chuveiro e meu computador apita. Sei que é um e-mail.

De: Judith Flores
Data: 6 de setembro de 2012, 20h14
Para: Eric Zimmerman

Assunto: Adivinhe quem é

Hoje, quando falei com minha chefe ao telefone, ouvi sua voz ao fundo. Você não imagina como fiquei contente. Pelo menos sei que ainda está vivo! Espero que esteja bem. Saudades.

Beijinhos,

Jud

Com um sentimento estranho, leio de novo o e-mail.

Receber essas pequenas pílulas dela é gostoso, mas me deixa arrasado. Ela diz que me ama, que tem saudades, mas, por que não vem me ver se sabe onde estou? Por que não me diz essas coisas olhando em meus olhos?

Confuso, vou até a recepção, onde marquei com Amanda. Vamos jantar e depois brincar em um lugar de ambiente liberal.

Os e-mails de Judith continuam chegando, um por dia.

Ela me fala de sua vida, de seus amigos, de suas idas e vindas, me manda beijos, lembranças… e eu não respondo. Não consigo. Quero esquecê-la e sei que ignorá-la é um bom jeito de conseguir.

Mas, quando um dia recebo um que diz só “Babaca!”, não posso evitar rir. Imaginá-la com seu cabelo preto e seu olhar escuro me dizendo isso com ênfase me faz sorrir como um idiota. Decido voltar imediatamente para a Alemanha, senão vou acabar cedendo.

Passam-se os dias e, em razão de compromissos profissionais, tenho que voltar à Espanha. Feliz ou infelizmente, tenho que passar meu aniversário, dia 21 de setembro, nesse país.

Depois de uma manhã cheia de reuniões no hotel, quando ficamos a sós, Mónica me dá os parabéns. Ela sabe que é meu aniversário e me conta que organizou um jantar com uns amigos em comum.

Não estou a fim de fazer nada, mas decido ir. Não posso dizer não, menos ainda quando se trata de um jantar no Moroccio. Sem dúvida, a diversão está

garantida.

Às oito e meia, Mónica e eu chegamos ao lugar com alguns amigos, dois homens e uma mulher. Todos sabemos que tipo de restaurante é esse e queremos nos divertir.

Durante o jantar, apertamos os botões na mesa em várias ocasiões e, ao ver os vidros mudarem de cor, primeiro assistimos a duas mulheres se possuindo e depois um magnífico ménage de dois homens e uma mulher.

Quando acabam e as cortinas se fecham, estamos comentando o que vimos quando um garçom entra com um bolo de morango e chocolate. Deixando-o sobre a mesa, ele diz, com discrição, enquanto me entrega um envelope:

— É de sua mulher.

Boquiaberto, olho para ele. Minha mulher?!

Curioso para saber de quem é o bilhete, observo Mónica e os outros mexendo no bolo e abro o envelope.

> *Caro sr. Zimmerman,*
> *Obrigada por me mostrar um lugar tão especial e pelo jantar a dois que compartilhamos em sua homenagem. Foi maravilhoso, e a sobremesa, como sempre, soberba. A propósito, feliz aniversário.*
> *A garota dos e-mails-fantasmas*

Sem poder acreditar, leio de novo o bilhete. Levanto-me depressa, saio do reservado e procuro o garçom que me entregou o papel junto com o bolo.

— Onde está a mulher que lhe deu este bilhete?

Ele indica um reservado situado à direita.

Ao que parece, minha mulher está jantando com um homem. Com o coração saindo do peito, vou direto para lá. Mas, quando abro, só resta dela seu cheiro, o maravilhoso odor de seu perfume e de sua pele. Praguejo, transtornado.

Como ela pôde ter a pouca vergonha de jantar aqui e dizer que é minha mulher?

Volto a meu reservado, onde meus amigos estão se divertindo.

Rindo, Mónica passa chocolate nos mamilos e a mulher os chupa, enquanto todos observamos e elas curtem. Quando começa o jogo ardente, invento uma desculpa; não estou a fim de brincar. Depois de me despedir de um deles e pedir que avise os outros, saio do reservado e do Moroccio.

Já na rua, pego meu celular, procuro um nome na agenda e escrevo, irritado:

Obrigado pelos parabéns, sra. Zimmerman.

Depois de enviar a mensagem, pego um táxi. Não conheço bem Madri e não sei voltar ao hotel a pé.

No trajeto, penso na srta. Flores e em seu descaramento.

Minha mulher? Mas que falta de vergonha!

Estou pensando nela quando sinto algo dentro de mim explodir em mil pedaços. Olhando para o taxista, peço que mude de rota.

Quando chegamos diante do edifício dela, pago a corrida e desço do táxi.

Durante alguns minutos, caminho pela rua de um lado para o outro, ciente de que, se eu entrar na casa dela de novo, será muito difícil sair.

Meus sentimentos por Judith são mais fortes que a minha razão. Quando vejo um vizinho sair do edifício, corro para entrar. Preciso surpreendê-la.

Sem pressa, mas sem pausa, chego a sua porta. E, depois de me convencer de que este é o lugar onde quero estar, bato à porta. Ela abre. Sem conseguir mudar minha expressão dura – embora por dentro esteja me desmanchando –, pergunto:

— Sra. Zimmerman?!

Meu Deus! Ela está linda. Encantadora.

Sei que minha expressão é dura, brava, terrível, mas não consigo relaxar. Em seguida, ela, que estava tirando a maquiagem, diz:

— Tudo bem, sou péssima.

Incrédulo, e ao mesmo tempo encantado por tê-la na minha frente, pergunto:

— Você ousou dizer no Moroccio que era a sra. Zimmerman?

Dou um passo para a frente, Judith dá um passo para trás e, com uma expressão graciosa, sussurra:

— Sim… desculpe… desculpe, mas eu precisava irritar você.

Sua resposta me surpreende. Irritar-me? Ela queria me irritar? Definitivamente, acho que essa mulher é louca de verdade.

— Irritar?! — repito.

E, quando me explica que fez isso para que eu, furioso, fosse até sua casa e, assim, ela pudesse falar comigo, meu coração explode em mil pedaços e minha razão me diz que chega de chamá-la de srta. Flores e de lutar contra meus próprios sentimentos. Ela é Judith, minha Jud, minha pequena… e a abraço.

Preciso dela. Eu a amo, a admiro.

Ela é imensamente especial para mim e ficar longe dela foi difícil – para não dizer impossível.

Nós nos beijamos…

Nós nos abraçamos…

E, entre beijos, digo que preciso falar com ela.

Judith assente. Diz que vamos conversar, mas em outro momento.

Ela tira minha camisa e, quando enfia as mãos por dentro de minha cueca… caralho! Um prazer extremo percorre meu corpo. Murmuro:

— Se continuar me tocando, não vou aguentar nem dois segundos… Você ainda toma pílula?

Ela assente, sorri, provoca-me e eu, enlouquecido, fora de mim, tiro sua roupa, rasgo sua calcinha e murmuro, enfeitiçado, fitando a tatuagem que tanto adoro:

— Peça-me o que quiser.

Curtimos…

Desfrutamos…

Nós nos saboreamos…

Sinto que os dias que passamos separados foram complicados para os dois.

— Vou foder você, querida — sussurro.

Quando vejo que ela assente, acabo de tirar minha roupa. Conversaremos depois.

Já nu e entregue a ela, coloco a ponta de meu pênis latente em sua entrada úmida e, com paixão, faço-a total e completamente minha enquanto ela, gemendo, se remexe e me dá um tapinha no bumbum, pedindo mais.

Vendo-a exigente, seguro-a, possessivo, e penetro nela com força. Não queremos sexo light, queremos sexo ardente, forte e passional. Fitando-a nos olhos, sussurro as coisas sujas que quero fazer com ela. E ela concorda, encantada.

Jud grita, se contorce em meus braços, suspira, enquanto eu, cheio de desejo, afundo meu pênis nela sem parar, disposto a recuperar os dias perdidos.

Em determinado momento, diminuo o ritmo e pergunto, curioso:

— Alguém tocou você durante esses dias?

Ela não responde. Só me olha. Afundo nela e, ao ouvi-la gritar, exijo:

— Diga a verdade: quem fodeu você esses dias?

Mas ela continua não respondendo. Dou-lhe um tapinha no bumbum, e ela pergunta:

— E você?

Agora sou eu quem olha para ela. Ela mexe os quadris, faz-me arfar e insiste:

— Você brincou esses dias?

— Sim — afirmo, categórico.

— Com Amanda?

— Sim. E você? — repito.

Jud me olha. Sabe que é hora de dizer a verdade.

— Com Fernando — responde.

Ouvir o nome desse sujeito e saber que ele a tocou me deixa com ciúmes. Tantos ciúmes quanto sei que ela sente de Amanda. Movimentando o corpo, encaixamo-nos um no outro.

A loucura toma conta de nós dois enquanto nos possuímos com ímpeto, com força, com desejo, e, entre suspiros, Jud confessa que esteve na porta do hotel e me viu com Amanda. E também que se masturbou para Fernando e se ofereceu para ele.

Furioso, fecho os olhos. O sentimento de posse que tenho por ela é mais forte que eu. Nunca senti algo assim. Mas, ciente de que por nada neste mundo quero me afastar dela e que o que conta para nós é a partir deste momento, seguro-a pelos quadris e sussurro, acelerando o ritmo:

— Você é minha e só quem eu quiser vai tocar você.

Uma… duas… sete…

O prazer nos invade.

Oito… nove… catorze…

Deixamo-nos levar pelo momento. Mas, de repente, Jud se joga para trás e meu pênis abandona seu corpo. Olhando para mim, ela sibila:

— Eu só serei sua se você for meu e só for tocado por quem eu quiser.

Aceito. Aceito sem reservas. Levando minha boca à sua, beijo-a.

Sou dela, como ela é minha.

Não tenho dúvidas.

Não questiono.

É o que eu quero. Entrando nela de novo, sussuro com minha boca na dela:

— Sou seu, pequena, seu.

Inevitavelmente, o clímax nos arrasta como um tsunami. Depois de uma última investida em que deixo minha vida nela, sei que encontrei minha mulher.

A mulher da minha vida.

28

No sábado, sou o homem mais feliz da face da Terra. De novo minha pequena está comigo e curto seus beijos e sua companhia. Satisfeito, observo no pulso a pulseira de couro e prata que ela me deu. Não sou de usar pulseirinhas, mas, por ela, não pretendo tirá-la.

Cada vez que tento falar sério, Judith não deixa. Está feliz como eu e, satisfeita, me beija, me toca, me faz sorrir. Só quer me encher de carinho, como eu a ela, e acabamos fazendo amor.

Contudo, em um dado momento, quando nós dois estamos mais tranquilos, olho para ela e digo:

— Jud… Temos uma conversa pendente, lembra?

Sua cara de assustada me faz sorrir. Sinto que ela tem os mesmos medos que eu, mas insisto:

— É importante conversarmos, eu lhe devo isso.

— Deve? — pergunta ela, surpresa.

Com carinho, acaricio seu rosto.

— Sim, querida…

Ela se concentra em mim, eu me sento nos pés da cama e, quando vou falar, Jud exclama de repente:

— Meu Deus! Você é casado?

Sorrio.

— Não.

— Vai se casar com Betta? Com Marta? — insiste.

Perceber seus medos e inseguranças me faz ver que o que eu sinto não é tão estranho. Com um sorriso, digo:

— Não, querida. Não é nada disso.

E, sem mais demora, falo de Betta. Conto que foi a mulher com quem dividi minha vida durante dois anos e que nossa relação acabou quando a

encontrei na cama com meu pai. Ao ouvir isso, ela assente e entende também por que não gosto de falar de meu falecido pai.

Explico a ela a minha relação difícil com Betta. Digo que não aceita o fim do relacionamento e fica me perseguindo. Por isso, tantas vezes o nome dela está na tela do meu celular. Mas deixo claro que não quero nada com ela.

Também explico o motivo pelo qual não quis que ela me acompanhasse de volta ao chalé em Zahara. Eu sabia que Betta estava lá e não queria que ela presenciasse a cena que a outra com certeza faria.

Conto que Marta é minha irmã mais nova e que suas ligações são para falar sobre Flyn, o incontrolável filho de minha falecida irmã mais velha, Hannah, e que ele mora comigo em Munique.

Judith me escuta com atenção. Em dado momento, com o coração na mão, digo:

— Ouça, Jud, eu te amo, mas também amo Flyn e não posso abandoná-lo. Posso passar vários dias com você aqui, mas cedo ou tarde terei que voltar à Alemanha.

Ela assente, respirando fundo. Eu prossigo:

— Não posso me mudar. Os psicólogos acham que outra mudança não fará bem a Flyn. E… talvez seja uma loucura precipitada, mas gostaria que você fosse morar comigo na Alemanha.

Quando digo isso, vejo seus olhos se arregalarem. E, antes que responda, acrescento depressa:

— Eu sei, pequena, eu sei. Sei que é uma loucura, mas eu a amo, você me ama, e gostaria que pensasse, está bem?

Judith assente. E eu, mais seguro agora que lhe confessei a verdade sobre mim e meus sentimentos, sorrio. Abraçamo-nos, mas sei que devo continuar. Digo:

— Jud… tenho um problema. Evito pensar nele, mas sei que se agravará no futuro.

Ela olha para mim, pisca e pergunta:

— Um problema? Que problema?

Sei que chegou o momento que eu mais temia, porque não gosto que tenham pena de mim nem que me tratem como um deficiente.

— Tenho um problema nos olhos. Um glaucoma, uma doença herdada de meu pai maravilhoso. Estou tratando e por ora estou bem, mas, sem dúvida, ela vai se agravar com o tempo e, para minha infelicidade, é irreversível. Talvez eu fique cego no futuro — explico.

Noto que ela para de respirar.

Minhas palavras a surpreendem.

Não sabe do que estou falando. Quando reúne forças, ela pergunta:

— O que é um glaucoma?

— É uma doença crônica do olho. Uma doença do nervo óptico que às vezes deixa a visão embaçada, causa dor nos olhos e na cabeça ou náuseas e vômitos. Acho que agora que já sabe, vai entender muitas coisas sobre mim.

Quando termino, ela fica me olhando… olhando… olhando…

Fico nervoso.

Ela não diz nada. Só processa a informação que acabei de lhe dar, e eu fico angustiado. Confuso.

E se agora, depois de saber de tudo, ela decidir se afastar de mim?

Então, Jud se levanta da cama e me faz perguntas.

Respondo como posso, sentindo o medo tomar conta de mim. Até que ela se senta de novo ao meu lado e, pegando minhas mãos, diz:

— Maldito cabeça-dura, como pôde esconder isso de mim? Eu… eu fiquei brava com você. Eu o recriminei por suas ausências, suas mudanças de humor, e… você… você não disse nada. Meu Deus, Eric… por quê?

Ela começa a chorar e eu tento consolá-la. Se tem algo que não posso ver é uma pessoa que eu amo chorar, e menos ainda ela. Mas, de repente, vejo como ela me olha. Observa-me aflita. E, como preciso ser totalmente sincero para evitar problemas no futuro, declaro:

— Estar ao meu lado fará você sofrer, querida. Sou um homem com muitas responsabilidades: uma empresa para administrar, um garoto problemático para criar e, como se não bastasse, um problema de saúde. Acho que chegou a hora de você decidir o que quer fazer. Aceitarei sua decisão, seja ela qual for. Já me sinto culpado o suficiente.

Ao ouvir isso, Judith solta minhas mãos e pergunta:

— Você não está tentando dizer o que imagino, não é?

Assinto, e ela diz:

— Você é um idiota, para não dizer babaca!

Sorrio, não posso evitar. Então, ela abre totalmente seu coração e pronuncia as mais lindas palavras de amor que um homem frio e intransigente como eu adoraria escutar.

Olho para ela emocionado.

Nem no melhor dos meus sonhos eu teria imaginado que uma linda mulher como ela poderia me dizer isso.

— Jud, quando a doença avançar, minha qualidade de vida será muito limitada — insisto. — Chegará uma hora em que serei um estorvo para você e…

— E? — pergunta ela com arrogância.

— Você não entende?

Ela nega com a cabeça, pega minha mão e, depois de me dar um doce beijo na boca, diz:

— Não, não entendo. E não entendo justamente porque você vai continuar ao meu lado. Vai poder me tocar, beijar, fará amor comigo. O que é que o faz duvidar de mim?

Sua declaração de amor me emociona.

Como um sujeito frio e altivo como eu pôde tocar o coração de uma linda jovem como ela?

E, abraçando-a, sorrio e a beijo. Adoro essa mulher.

29

Meu relacionamento com Judith vai de vento em popa.

No trabalho, disfarçamos, e eu passo mais tempo do que nunca dentro de meu jatinho particular. Tento estar com Flyn o máximo que posso, mas reconheço que minha impaciência para ver minha pequena me faz cometer loucuras noturnas para amanhecer em Madri. E o arquivo no escritório da Müller se tornou nosso ponto de encontro para nos abraçarmos e nos beijarmos várias vezes ao longo do dia.

Certo dia, estou no escritório de Madri quando recebo uma ligação e vejo que é de minha irmã Marta. Falo com ela e, para minha surpresa, diz que está em Madri, mais precisamente no escritório da Müller, perto do elevador.

Incrédulo, saio de minha sala. E, ao vê-la, dirijo-me a ela sem olhar para Judith.

— O que está fazendo aqui? — pergunto.

Marta olha ao redor e diz:

— Oi, Eric! Que alegre ficou ao me ver…

Suspiro. Minha irmã é especialista em me tirar do sério.

— Tenho dois dias livres — explica. — Vim com um amigo a Madri e decidi visitá-lo, já que agora você passa mais tempo aqui que em Munique.

Vou protestar, mas ela pergunta em voz baixa:

— Esta situação vai se estender muito?

Não respondo, e ela insiste:

— Pergunto porque, assim sendo, saiba que nosso querido sobrinho vai matar mamãe de desgosto. Isso sem falar nos exames que você deveria ter feito e não fez.

Suspiro. Minha irmã é um pé no saco. Respondo:

— Marta, quer fazer o favor de…

— Não — interrompe ela. — Não quero fazer o favor de nada. Só preciso

que você se concentre e pense em duas coisas: primeiro, em ir ao médico, e segundo, estar em Munique para que Flyn possa se centrar.

Olho para ela. Sei que tem razão.

— Você conheceu uma mulher aqui e por isso passa tanto tempo na Espanha? — pergunta então.

Penso em Jud. Talvez eu deva dizer a verdade a Marta, mas nego com a cabeça.

— É só que tenho muito trabalho aqui — explico.

Marta assente. Dá-me um beijo, dá meia-volta e exige:

— Faça o favor de voltar a Munique no fim de semana. Mamãe e eu precisamos de um descanso de Flyn e temos muitas coisas para fazer. Nem vou lhe contar porque você faria um escândalo, como sempre…

Olho para ela boquiaberto. Ela é maluca.

Marta entra no elevador e, com um sorriso maroto, acena um tchauzinho.

Suspiro. Essa minha irmã…

Ao voltar para minha sala, vejo a expressão de Jud. Sem dúvida está se perguntando quem é a loura com quem me viu falando. Ela não tarda a entrar na sala em busca de explicações, que eu adio até chegarmos a sua casa.

Sua vingança por não ser sincero me mantém aceso o resto do dia. Em sua mesa, ela não para de se insinuar, de mostrar as pernas, de me deixar louco. E quando vejo meu celular e leio: “A depravada está ansiosa pelo castigo”, tenho que sorrir.

Ao chegar a sua casa à noite, jogo-me sobre ela. Depois de beijá-la, dou-lhe um tapinha e murmuro:

— Depravada! Que negócio é esse de ficar me provocando no escritório?

Entre risos e beijos, vamos para o quarto. Como uma menina, ela começa a pular em cima da cama. E eu, satisfeito, desabotoo a camisa e a calça e murmuro:

— Pule… pule… que, quando eu a pegar, você vai ver.

Então, com um salto, ela desce da cama, mas a intercepto no corredor. Enfiando a língua em sua boca, devoro-a enquanto sua roupa cai no chão e ela fica só com a linda calcinha, que eu arranco com um puxão e digo:

— Meu Deus, passei o dia todo querendo fazer isso.

Nus no corredor, nos beijamos, nos tocamos, nos desejamos. Até que a ergo em meus braços e, colocando meu pênis duro em sua fenda úmida, mergulho

totalmente nela. Dou-lhe o que ela pede e recebo o que desejo.

O sexo entre nós é ardente, fogoso.

Quando estamos com tesão, somos dois animais querendo brincar, querendo carícias, experiências e, acima de tudo, paixão.

Curtimos como loucos, até que um orgasmo nos domina e gritamos de prazer.

Minutos depois, deixo-a no chão e vamos para a cozinha. Estamos morrendo de sede. Bebemos água e Jud, brincalhona, cospe-a em meu peito para depois chupar meus mamilos. Curto, feliz, enquanto me entrego a ela.

Rindo, voltamos para a sala. De manhã, vi Judith tomando café muito animada com Miguel. Enciumado, pergunto a respeito. Contudo, ela mostra que se trata só de um amigo.

Beijos… carícias… desejo…

Continuamos nus. Eu a pego no colo a fim de fazer amor de novo com ela. Dou-lhe um tapinha na bunda e, nesse momento, ouvimos alguém exclamar:

— Pelo amor de Deus, o que estão fazendo?!

Surpresos, olhamos para a porta e vemos Raquel, irmã de Jud, cobrindo os olhos da filha, Luz, e depois se virando.

Judith e eu nos olhamos e caímos na risada. Então, ela diz:

— Vamos nos vestir. — E, dirigindo-se a sua irmã, pede: — Raquel, dê-nos um instante. Já voltamos.

— Tudo bem, fofinha.

Achando graça do apelido de Jud, entro no quarto. Recolhemos nossa roupa do chão e nos vestimos depressa.

Como a irmã de Jud e a sobrinha entraram sem que percebêssemos?

De novo na sala, noto a cara contrariada de Raquel. Judith, sem hesitar, a leva para a cozinha.

Enquanto isso, fico a sós e em silêncio com sua sobrinha. Se bem me lembro, ela é bem falante. Cumprimento-a chamando-a pelo nome:

— Oi, Luz. Como vai a escola?

A menina me olha, olha e olha, e não responde. O que é que há com ela?

Penso em como fazê-la falar. Digo:

— Sua tia me disse que…

— Se você der outro tapa em minha tia, dou-lhe um chute no saco e suas bolas vão virar gravata.

Olho para ela boquiaberto. Que sobrinha!

Sem saber o que dizer depois do que acabo de ouvir, fico olhando para ela. Então, Jud e sua irmã entram na sala. Segundos depois, Raquel me dá um beijo, mas a menina se nega. E, depois, vão embora.

Ainda chocado pelas palavras da menina, olho para Jud e sussurro:

— Sabe o que sua sobrinha me disse?

Ela olha para mim e sorri. Acho que ela imagina.

— Literalmente, disse: “Se você der outro tapa em minha tia, dou-lhe um chute no saco e suas bolas vão virar gravata” — conto.

Ela leva a mão à boca e cai na gargalhada. Então, eu a pego no colo e a levo para o chuveiro, onde com prazer ela exige que eu a penetre enquanto murmura em meu ouvido que quer coisas sujas, mas feitas com elegância.

E, sem hesitar, eu lhe dou o que quer!

30

Fico feliz de voltar a Munique, mas é desesperador me afastar de Judith. Gosto de estar com meu sobrinho, mas reconheço que sinto falta de minha pequena.

No sábado, depois de passar um dia só de homens com Flyn jogando PlayStation e fazendo tudo que ele quer, não deixo de pensar em Jud e no que deve estar fazendo. Quando, por fim, ele vai dormir e fico sozinho, Simona entra na sala e anuncia:

— Sua mãe está aqui.

Surpreso, levanto-me e vou a seu encontro.

Desde quando minha mãe aparece sem avisar quase às nove da noite?

Vejo-a estacionar o carro com destreza. Quando ela desce, vou até ela e pergunto, alarmado:

— Aconteceu alguma coisa?

Ela sorri, fica na ponta dos pés para me dar um beijo e murmura:

— Calma, filho. Só vim falar com você.

— A esta hora?

Sem deixar de sorrir, ela pega meu braço e assente:

— Sim, filho. Agora.

Entramos e vamos para a sala. Quando ela se senta, pergunto:

— Quer beber alguma coisa?

— Não.

Preparo um uísque para mim, sento-me ao seu lado e, sem perder tempo, ela diz:

— Querido, Marta está brava porque você tem que voltar ao centro cirúrgico e não volta.

Suspiro. Praguejo. Minha irmã é um saco.

— Mamãe, se veio falar sobre isso, acho que não é o momento.

— Mas, Eric…

— Mamãe — interrompo. — Eu vou operar, prometo, mas, agora, há outras coisas mais importantes que requerem toda minha atenção.

Ficamos em silêncio. É estranho ela não perguntar o que há de tão importante. E, então, fitando meu pulso, ela diz:

— Gostei de sua pulseira de couro.

Ao olhar para a pulseira, sorrio. Usá-la me deixa mais perto de Jud.

— Sim. Também gosto — respondo.

Absorto, estou pensando em minha pequena quando minha mãe faz um carinho em meu cabelo e sussurra:

— Você nunca usou pulseira nem nada disso, e o fato de usar essa me faz supor que a mulher que lhe deu é muito especial.

Olho para ela surpreso e, quando vou responder, ela insiste:

— E não negue, porque não vou acreditar.

Fico boquiaberto. Sempre ouvi dizer que as mães têm um sexto sentido com os filhos.

— Por que está dizendo isso? — pergunto.

Ela sorri, pega minha mão e, dando uns tapinhas, afirma:

— Sou sua mãe e, pode não acreditar, mas minha intuição me diz. Estou muito feliz por vê-lo feliz e…

— Mamãe, não exagere!

— Não estou exagerando, filho. Você é o homem mais sério e com o pior senso de humor que já conheci na vida, mas, ultimamente, sua seriedade anda suavizada e o vejo sorrir mais do que já vi em toda sua vida. E isso, querido, é porque alguém especial tocou seu coração.

É absurdo negar. Quero que Jud se mude para a Alemanha, e quanto antes todos souberem, melhor. De modo que, fitando minha mãe, afirmo:

— Tem razão. Conheci alguém muito especial.

— Ah, filho, que alegria!

A felicidade dela me faz sorrir. E a fim de lhe dar outra alegria, digo:

— Ela é espanhola.

Ao ouvir isso, minha mãe se levanta e aplaude. Fica encantada de saber que é espanhola como ela. A seguir, bebe um gole de meu uísque e pergunta:

— E como se chama?

— Jud — respondo.

E, deixando-me levar pelo que sinto quando penso nela, pergunto, ciente do que isso significa:

— Mamãe, você iria comigo comprar um lindo anel para ela?

Minha mãe sorri, fica emocionada, e eu, por fim, sorrio com ela.

Passo vários dias em Munique resolvendo problemas da Müller e, na sexta-feira, antes de partir para Madri, pego o telefone e encomendo um buquê de flores para que entreguem a Judith no escritório. No cartão, mando colocar:

Estou morrendo de vontade de beijá-la, moreninha.

Impaciente, chego ao escritório da empresa em Madri na hora do almoço. Judith não está, mas, quando passo por sua mesa, seu cheiro me invade. Sorrio.

Quando ela aparece, fico feliz. Como sempre, ela está linda. Não me aproximo, só pego o celular e escrevo:

Espero você em meu hotel. Vá bem bonita. Te amo.

À noite, quando chego ao hotel, passo pela recepção, onde me informam que a srta. Flores me espera em minha suíte. Vou subir, mas, antes de chegar ao elevador, ouço a voz de minha mãe:

— Eric!

Volto-me e dou de cara com ela.

— Comprei outro vestido para o jantar — diz. — Quero que essa garota tenha uma boa impressão de mim.

Assinto. Pensar na surpresa que estou preparando para Jud me deixa nervoso. Sei que ela me ama, mas não sei como vai reagir ao ver minha mãe.

— Está pronta para conhecê-la? — pergunto.

— Claro que sim, filho.

Nervoso, entro no elevador com minha mãe. Subimos até a cobertura. Quando chegamos, ouvimos uma música a todo volume vinda de minha suíte.

— Adoro essa música! — sussurra ela. — Você sabe disso, não é?

Assinto.

É “September”, da banda Earth, Wind & Fire, e sei que minha mãe adora. Nervoso, abro a porta da suíte e ouço Judith cantarolar.

— Parece que Jud adora também — sussurro.

A música está a todo volume. Minha mãe e eu ficamos parados observando Judith cantar e dançar descalça, sem perceber nossa presença.

Minha mãe me olha com um sorrisinho. Eu, sem saber o que fazer, vou até o aparelho de som e abaixo o volume. Então, Jud para e olha para nós, desconcertada. Nesse momento, minha mãe se aproxima e diz:

— Confesso que escutar essa música me faz dançar… Oi, sou Sonia, mãe de Eric. E você é…

Judith olha para mim, confusa. Não está entendendo nada.

Mas, afastando o cabelo do rosto, finalmente responde:

— Prazer em conhecê-la, senhora. Sou Judith.

Minha mãe olha para mim meio nervosa, e esclareço depressa:

— Mamãe, esta é Jud.

— Ah, como sou tola, claro! Judith, Jud… Você é a namorada de Eric!

Ao ouvir isso, Jud, que está apoiada em uma mesinha pondo os sapatos, perde o equilíbrio e cai no chão.

Acho que se surpreendeu ao ouvir minha mãe usar a palavra *namorada*.

Rapidamente, a ajudamos a se levantar e ela, envergonhada, afirma que está bem.

Pouco a pouco, vejo minha pequena relaxar. Minha mãe facilita as coisas e Jud fica grata por isso. E, quando vinte minutos depois vejo as duas conversando tranquilamente, sei que fiz bem em apresentá-las.

Mais tarde, minha mãe vai para seu quarto se trocar para o jantar e eu fico a sós com Judith. Ela me olha e pergunta:

— Eric, sua mãe disse que sou sua namorada?

— Sim.

— E como ela sabe disso antes que eu?

Olho para ela. Não sei o que dizer. Sem dúvida me precipitei. Tentando usar meu pouco senso de humor, pergunto:

— Você não sabia que você era minha namorada?

Ela nega com a cabeça e diz:

— Não. Não sabia.

Encantado ao ver o desconcerto em seus olhos, mas notando seu sorrisinho, me aproximo dela e sussurro:

— Não esqueça que no Moroccio você mesma disse que era a sra. Zimmerman.

Rimos, e então eu pergunto:

— Você se lembra de nossa música?

Meu amor sorri – como poderia esquecer essa música? – e sussurra:

— Ora, sr. Zimmerman, o senhor está muito romântico. O que está acontecendo?

Nervoso como poucas vezes na vida, embora ela não note, sei que chegou a hora de dar o passo. E, tirando do bolso uma caixinha de veludo vermelho, digo:

— Abra. É para você.

Com as mãos trêmulas, ela a abre, e eu a observo, feliz. Ao ver o lindo anel

de diamantes, histérica, ela murmura, sem tocá-lo:

— Ma… ma… mas isso é demais, Eric. Eu não preciso de nada disso.

Satisfeito por sua reação, tão diferente da de outras mulheres quando lhes dava joias, tiro o solitário da caixa e, colocando-o no dedo dela, replico:

— Mas eu preciso lhe dar isso. Quero mimar minha namorada.

Nós nos beijamos, nos mimamos, nos acariciamos. Desejamo-nos de tal maneira que, sabendo que minha mãe nos espera para o jantar, temos que fazer grandes esforços para não nos despir e fazer amor.

31

No restaurante, minha mãe e Jud continuam se conhecendo melhor. E, de repente, percebo que essas duas espanholas juntas podem ser minha perdição. Mesmo assim, fico feliz. Elas conversam, riem, fazem graça… o gênio espanhol as une.

Em determinado momento, meu telefone toca. Ao ver que é Björn, me levanto para atender.

— Onde você está? — pergunta ele.

Com um sorriso, olho para as duas, que continuam rindo, e respondo:

— Na Espanha.

— Outra vez?

— Sim.

Enquanto falo com meu amigo, que me ligou para nos encontrarmos no Sensations, de repente vejo Marta entrar no restaurante.

Minha irmã! O que ela está fazendo aqui?

Rapidamente, me despeço de Björn e combino de ligar quando voltar a Munique. Vou até minha irmã.

— O que está fazendo aqui?

Por sua expressão tranquila, sei quem lhe contou onde estaríamos. Ignorando-me, ela se encaminha a nossa mesa. Vou atrás dela e a ouço dizer:

— Mamãe, não me importa se esse cabeça-dura me mandar para longe outra vez. Vim buscá-lo, e não volto à Alemanha sem ele.

Sem perder tempo, diante da cara de surpresa de Jud – e para evitar problemas –, eu me aproximo e digo:

— Querida, esta é minha irmã Marta.

Judith olha para ela.

Minha irmã sorri e, surpreendendo-me, diz:

— Olá, Judith. Ouvi falar de você. Pouco, mas bem. A propósito, você e eu

temos que conversar sobre o cabeça-dura de meu irmãozinho.

Olho para minha mãe. A única pessoa que sabia da existência de Judith era ela. Ao vê-la desviar os olhos, praguejo em pensamentos. O que minha mãe anda contando por aí?

Marta e eu discutimos, até que minha mãe, contrariada, manda-nos ficar quietos. Furioso pela intromissão, repito, diante da surpresa de minha irmã:

— Sim, ela é minha namorada.

Jud e ela se entreolham e, de repente, Marta pergunta:

— Como você consegue suportar esse resmungão?

— Puro masoquismo — responde Jud.

Estou fitando-a, ainda incrédulo com sua resposta, quando Marta volta ao ataque:

— Bem, já fizemos as apresentações. Quando você volta para a Alemanha, Eric? Mamãe e eu já não aguentamos mais Flyn, e a babá qualquer dia vai estrangulá-lo. Esse menino vai nos matar de desgosto. E ainda tem a sua cirurgia. Você tem que operar. É necessário baixar a pressão intraocular. Qual é o problema? Por que não volta para fazer isso? Tenho certeza de que sua namorada vai entender que você tenha que viajar, não é?

Surpresa diante do discurso de Marta, Jud olha para mim. Vejo recriminação em seu olhar.

Depois de trocar algumas palavras com minha irmã, sibilo:

— Meu Deus! Quando você dá uma de médica falando com paciente me dá nos nervos!

Depois do jantar, meu humor já desapareceu, graças às recriminações de Marta, aos comentários de minha mãe sobre Flyn e o internato e à cara de reprovação de Judith. Preciso de espaço e mando Tomás acompanhar minha mãe e minha irmã até o hotel.

Imediatamente Jud demonstra que está contrariada, mas eu replico com frieza:

— Ouça, querida. Sei o que estou fazendo, acredite. Sobre Flyn, sei que elas têm razão. Preciso voltar para a Alemanha e cuidar dele, mas não vou colocá-lo em um internato. Hannah não me perdoaria, e eu também não. Quanto a mim, fique tranquila, sou o principal interessado em não ficar cego, entendido?

Quando pronuncio a palavra *cego,* sinto-a se encolher. Sei que ela tem tanto medo disso quanto eu. Como preciso dela e de seu carinho, pego sua mão e murmuro:

— Fique tranquila, pequena… estou bem.

Pegamos um táxi e chegamos ao hotel em silêncio. Vamos para o quarto. Sinto a frieza que nos envolve.

— Escute, Jud… — murmuro.

— Não, escute você, maldito cabeça-dura. Quanto a Flyn, o que você decidir está bom: é seu sobrinho e você melhor que ninguém sabe o que fazer com ele. Mas quanto a sua doença, se você me ama e quer continuar comigo, faça o favor de voltar com sua família para a Alemanha e fazer o que tiver que ser feito.

Ver as lágrimas correndo por seu rosto por minha culpa me mata. Tento me aproximar dela, mas Judith se afasta e prossegue:

— Não sei por que você está adiando isso, mas, se é por mim, garanto que estarei esperando você quando voltar, entendeu? Você me concedeu o título de sua namorada e, como tal, exijo que se cuide, porque eu amo você e quero ficar com você ainda por muitos anos. Se quiser, vou com você, ficarei ao seu lado o tempo que for necessário, mas, por favor, preciso saber que você está bem. Porque, se acontecer alguma coisa ruim com você, eu… eu…

Comovido, abraço-a.

Suas palavras me fazem muito bem, mas preciso tranquilizá-la. Por minha culpa, ela está nervosa. Faço-a se sentar na cama. Não quero sufocá-la, então me acomodo em frente a ela. Quando fica brava, Judith precisa de espaço, assim como eu. Ficamos vários minutos em silêncio, até que ela se levanta e se senta montada em cima de mim. Quando vai me beijar, eu me afasto.

Ela pestaneja, surpresa, e, com sua graça habitual, pergunta:

— Você me fez a cobra?

Sorrio. Não era minha intenção, mas respondo:

— Eu tinha que fazer uma vez, não?

Felizes, nós nos beijamos, mimamos, desejamos e, como é natural para nós, acabamos fazendo amor selvagem.

32

Faço o que as três mulheres de minha vida querem, senão vou ter que matar as três. Volto para a Alemanha para tratar os meus olhos.

Meu humor é péssimo, negro, terrível, mas todos me aguentam. Sei que estou me comportando como um verdadeiro demônio, mas não me importo.

Passam-se os dias e minha mãe diz que Judith quer vir da Espanha para me ver. Recuso. Do jeito que estou, não quero que ela venha. Não quero que me veja assim.

Sei que se fosse o contrário eu iria mesmo que ela dissesse não, mas, por sorte, Jud respeita minha decisão. Embora doa ficar longe dela, sei que é melhor. Especialmente para ela.

Durante esses dias meu sobrinho continua aprontando. Cada dia que passa seu comportamento deixa mais a desejar. E começo a entender o desespero de minha mãe, da babá e de minha irmã.

Converso com ele e, embora pareça me entender, tenho a sensação de que me ouve, mas não me escuta. Parece que o que digo entra por um ouvido e sai pelo outro. Quando falo com o psicólogo dele, este diz que Flyn se sente assim por minha causa. Isso me dói na alma, e decido resolver isso assim que estiver melhor.

Por sorte, Björn, Frida e Andrés estão ao meu lado. Suas visitas conseguem me tirar da rotina, e as ligações de Dexter me fazem sorrir. Reconheço, tenho amigos que não mereço e ainda não sei por que gostam tanto de mim.

Depois de uma semana, decido escrever para Judith. Estou tão fraco e dolorido que não quero nem falar ao telefone.

De: Eric Zimmerman
Data: 17 de outubro de 2012, 20h38 Para: Judith Flores

Assunto: Saudades
Odeio o tratamento e a minha irmã. Fico de muito mau humor. Quanto a Flyn, não sei o que fazer com ele.
Saudades.
Eu te amo,
Eric

Ainda não me levantei da cadeira quando o notebook apita. Ao ver que se trata de um e-mail dela, rapidamente o abro.

De: Judith Flores
Data: 17 de outubro de 2012, 20h50
Para: Eric Zimmerman
Assunto: Re: Saudades
Você de mau humor? Tem certeza? Não acredito… impossível! Um homem como você não sabe o que é isso. Quanto a Flyn, dê um tempo a ele. Ele é muito pequeno.
Eu te amo… te amo… te amo…
Jud

Ler suas palavras me reconforta como nada no mundo. Saber que ela está esperando minha recuperação me dá forças para prosseguir, para lutar por tudo. Sorrindo, vou para a sala para ficar com meu maldito sobrinho.

No dia seguinte, depois de passar um dia horrível morrendo de dor de cabeça e de ainda discutir com Flyn porque tirou outra nota ruim na escola, quando estou em frente à lareira de meu escritório, pensativo, ouço chegar um e-mail.

Levanto-me para ver de quem é e meu coração dispara. É minha pequena.

De: Judith Flores

Data: 18 de outubro de 2012, 23h12
Para: Eric Zimmerman
Assunto: Olá!!!
Oi, é sua namorada!!!
Como está hoje, meu querido?
Espero que um pouquinho melhor. Ande, sorria, aposto que está de testa franzida. E, tudo bem, já entendi a indireta… você não quer que eu vá vê-lo, vou aguentar.
Aqui em Madri está começando a fazer frio. Hoje no escritório foi uma loucura, cheguei há pouco em casa. Estou com tanto trabalho que quase não tenho tempo para respirar.
Espero que Flyn esteja colaborando.
Beijos, querido, tenha uma boa noite. Eu te amo. Vai me responder amanhã?
Sua moreninha

Acabo de ler o e-mail com um sorriso nos lábios.

Ela, e só ela, faz brotar em mim esse lado doce que todo mundo tem. E, como se suas palavras fossem um bálsamo para mim, fecho o notebook, vou para a cama e durmo.

Acordo às seis da manhã, vou para a cozinha e, depois de cumprimentar Simona e tomar um café, às sete me despeço de Flyn, que vai para a escola com Norbert.

Assim que fico sozinho, folheio um jornal e, depois, vou para meu escritório, onde escrevo:

De: Eric Zimmerman
Data: 19 de outubro de 2012, 08h19
Para: Judith Flores
Assunto: Olá
Odeio ver você trabalhar tanto.
Isso são horas de chegar em casa? Quando eu voltar a Madri, vou falar muito seriamente com a idiota da sua chefe.

Eu te amo, moreninha.
Eric

Os e-mails de Judith chegam diariamente. Recebê-los é a melhor parte do dia.

Ela me pede, suplica que eu ligue para ela, mas não ligo. Apesar da vontade que tenho de ouvir sua voz, resisto. Sou cabeça-dura assim mesmo. Contudo, resisto só dois dias. No terceiro, depois de pedir a minha mãe que cuide de Flyn, pego o jatinho particular e vou para Madri sem avisar.

Quando o motorista me deixa em frente ao edifício da mulher que adoro, sinto meu coração bater forte no peito.

Um morador sai para tirar o lixo e entro correndo. Depois, com segurança, bato à sua porta.

Espero que ela goste da surpresa. Quando me vê no corredor, seus olhos vivos se arregalam e ela se lança em meus braços. Sou o homem mais feliz do planeta.

À noite, desejando um ao outro, fazemos as coisas sujas de que tanto gostamos, mas com elegância.

33

Retomo as atividades na empresa e minha vida transcorre de novo entre Madri e Munique.

Pouco a pouco, tanta viagem começa a cobrar seu preço, mas me recuso a parar. Quando estou em Munique, quero estar em Madri e, quando estou em Madri, quero estar em Munique.

Minha vida é um caos!

Meu ciúme reaparece um dia, quando vejo Judith conversando animadamente com Miguel na lanchonete do escritório e, certa manhã, quando ligo para ela e ela me chama de *papai* para que ninguém saiba com quem está falando.

Papai?! Eu, pai dela?

Realmente quero isso?

Realmente quero que ninguém saiba que estamos juntos?

Então, uma das manhãs, quando fico a sós com ela em minha sala, fitando-a, digo:

— Esta noite você vai dormir no hotel comigo.

Ela assente, sorri, e eu pergunto, com cumplicidade:

— O que acha de brincarmos com companhia?

Desde Zahara, nunca mais brincamos com ninguém. Ela me diz o que pensa, e eu pergunto:

— Excitada?

Ela assente com um sorriso. Pegando-a pelo braço, entro com ela no arquivo. Nosso arquivo.

Com desejo, introduzo a mão por baixo de sua saia e, tocando suas coxas, sussurro em seu ouvido:

— Faz muito tempo que não a ofereço, e não vejo a hora.

— Eric… — murmura ela, acalorada.

Satisfeito ao ver sua excitação, passo minha boca pela sua. Recordando o ataque de ciúmes por causa de Miguel, sussurro:

— Continuo bravo, e você merece um castigo.

— Um castigo?

— Sim, minha pequena. E hoje à noite você vai saber qual é.

Com carinho, continuo passando a mão entre suas pernas. Ela estremece.

— Seu castigo a espera em meu hotel — sussurro com frieza. — Quando sair do escritório, pegue seu carro e vá direto para lá.

Então, dou-lhe um tapinha, desses de que ela gosta, e a beijo. Quando a solto, repreendo-a:

— Srta. Flores, quer parar de me provocar para que eu possa dirigir esta empresa?

Judith sorri, ajeita a saia, sai do arquivo e de minha sala e, do jeito que dá, continuamos trabalhando.

Encontro meus amigos Mario e Marisa, sua mulher, em meu hotel. Imediatamente subimos para minha suíte. Enquanto bebemos alguma coisa, deixamos claros os termos do jogo. Ela fala de fazer coisas com Judith e, por mim, tudo bem, desde que ela queira. Somos todos jogadores experientes, exceto minha garota. E simplesmente desejamos nos divertir.

Quando Jud entra no hotel, a recepção me avisa. E, quando as portas do elevador se abrem e ela aparece, vou a seu encontro. Sem lhe mostrar quem vai brincar conosco, levo-a a meu quarto e fecho as portas.

— Em cima da cama está o que quero que você vista — digo. — Tome um banho e, quando estiver pronta, venha para a sala.

Vinte minutos depois, minha linda garota aparece vestindo a mesma roupa que Marisa.

— Judith, estes são Mario e sua mulher, Marisa. Amigos meus.

Ela os cumprimenta. Embora costume ser afetuosa, noto certa frieza de Jud em relação a Marisa. Mas não dou importância. Talvez ela esperasse brincar com dois homens, e não com uma mulher.

Feitas as apresentações, noto que Marisa não tira os olhos de Jud.

— Morro de vontade de saboreá-la, Judith — comenta.

Acho engraçado ouvir isso. Como estou a fim de me divertir, respondo:

— Tenho uma namorada muito… muito desejável.

Fico desconcertado ao ver a expressão de Judith, mas, como ela não diz

nada, prosseguimos com a diversão. Bebemos, rimos, fazemos gracinhas e, quando sinto que ela está mais relaxada, conto-lhe que meu castigo se chama Marisa.

Ela se recusa categoricamente.

Tento falar com ela. Procuro saber qual é o problema, mas, vendo que é impossível e contrariado por, às vezes, ela ser tão fechada, digo:

— Tudo bem, Jud. Vá para o quarto trocar de roupa. Tomás a levará para casa.

No entanto, ela não se mexe. Demonstra que não quer ir embora. Pronuncia meu nome e olho para ela, que pergunta:

— Se eu ficar, meus beijos serão só seus e os seus só meus?

Ao ouvir isso, que é tão importante para mim – para nós –, assinto.

— Sempre, querida… sempre.

Beijamo-nos. Por nada neste mundo desejo que ela faça algo que não queira. Então, ela olha para Marisa e murmura:

— Tudo bem.

Sento-me com Mario pronto para ver nossas mulheres se tocando e se dando prazer diante de nós. Marisa, que foi testemunha da mudança de ideia de Judith, sussurra olhando para mim:

— Eric, dê-me cinco minutos a sós com ela.

— Trinta segundos — pontuo.

Marisa olha para nós e, dando uma piscadinha, murmura:

— Esperamos vocês no quarto.

Quando elas fecham a porta, Mario me dirige um sorriso e afirma:

— Mulheres!

Sorrio também.

Sirvo um pouco mais de champanhe para mim e, inquieto, fico olhando para a porta do quarto. O que Marisa quer com minha mulher?

Com paciência, dou-lhes trinta segundos. E, quando não aguento mais, digo a Mario:

— Vamos entrar.

Sem demora, entramos no quarto. Mas fico parado quando, ao abrir a porta, vejo diante de mim duas mulheres na cama, nuas e transando. Boquiaberto, observo Marisa, que com a língua brincalhona dá leves toques no clitóris de Judith, fazendo-a se contrair de prazer.

Esse jogo me excita. Sentando-me na cama, inclino-me e sussurro no ouvido de minha pequena:

— Estou gostando de ver isso.

Ávida de desejo, Marisa a desfruta, a saboreia. E, quando vê a tatuagem de

Jud, demonstra que acha excitante. Carícias ardentes e inesperadas de Judith a deixam agitada.

Ver o desejo de Jud, o prazer em seus olhos, em sua expressão e em sua boca me deixa louco. Marisa, que é uma jogadora ávida, explora o corpo de minha garota e eu permito, ciente de que meu amor está adorando.

Mario e eu, que estamos duros como pedras, observamos as duas, deleitamo-nos, até que Marisa murmura:

— Venham, rapazes… Participem de meu jogo.

Excitado, olho para Jud, que assente.

Com o olhar, ela me pede que brinque, que brinquemos, e, sem hesitar nem um segundo, junto-me a elas e beijo Jud, enquanto Mario chupa seus mamilos e Marisa, que continua entre suas pernas, chupa seu sexo com desejo.

Jud se remexe, arqueia o corpo, entrega-se a nós satisfeita por ser nosso brinquedo no momento em que Mario e eu afastamos suas coxas para dar melhor acesso a Marisa.

Ondas de prazer nos percorrem quando ele se levanta e olha para mim. Eu assinto, e ele aparece segundos depois com um consolo preto de duas cabeças.

— Quero ver vocês se comerem — diz, fitando as mulheres.

Beijo Judith. Ela está totalmente entregue a nós enquanto os dedos de Marisa a masturbam e ela me entrega seus suspiros, seus gritos de prazer e eu os absorvo, devoro-os com cada beijo.

Desejo mais, então sento-me atrás dela e Mario atrás de sua mulher.

Vendo o peito de meu amor subir e descer de excitação, pego o consolo preto e levo uma das cabeças a minha boca.

Chupo-a e, quando a tiro da boca, dirijo-a a sua vagina. Está bem molhada e, com facilidade, a introduzo em Jud e, excitado, murmuro em seu ouvido:

— Isso… assim…

Marisa pega a outra cabeça do consolo e a enfia em si mesma. Agora ela também arfa e geme. E, quando empurra a pelve em direção a Judith, olho para meu amor e a ouço gritar.

Esse jogo é novo para Jud, e ela se mexe, curte, até que por fim avança também a pelve e faz Marisa gritar. As duas estão unidas por esse brinquedinho de duas cabeças.

— Isso… fode a minha mulher — murmura Mario, excitado.

Enquanto seguro minha garota, incito-a a comer Marisa, incentivo-a a curtir e me fazer curtir. Até que elas não aguentam mais e, depois de uma última investida que faz as duas gritarem em uníssono, Mario e eu sabemos que chegaram ao clímax.

Durante alguns instantes, permitimos que recuperem o fôlego, mas

desejamos mais.

— Vamos, garotas — diz Mario —, agora é nossa vez.

Sem perder nem um segundo, coloco um preservativo, pego Judith pela mão e digo:

— Vou amarrar você na cama e oferecê-la a Mario para que ele a coma. Fique de bruços.

Excitada, ela faz o que lhe peço. E Marisa se coloca na mesma posição.

A seguir, Mario e eu imobilizamos as mãos das duas com lenços de seda e, depois, as amarramos à cabeceira da cama.

O momento é excitante. Vamos fazer uma troca de casais e ter prazer.

Quando elas estão do jeito que queremos, contemplo o lindo bumbum de minha garota e lhe dou um tapinha. Ela me olha. Sinto fogo em seus olhos e, ao vê-la balançando sua bunda maravilhosa para mim, exijo:

— Abra as pernas para que ele possa penetrá-la bem e eu possa ver. Entendeu, querida?

Dizer isso me deixa muito excitado e, quando vejo Mario penetrar minha mulher, enlouqueço e faço o mesmo com a dele. Mas olho para a minha.

Gosto do que vejo, mas gosto mais de ver como ela se entrega obedientemente ao jogo e aproveita, parecendo estar gostando muito enquanto abre as pernas para que ele a penetre e eu veja.

Tesão.

Tesão em estado puro é o que me provoca ver Mario entrar e sair de minha mulher enquanto ela suspira pedindo mais.

Depois de alguns minutos, todos chegamos ao clímax. Mas, para mim, só importa minha mulher. Afastando-me de Marisa, desamarro as mãos de Judith, beijo-as e sussurro:

— Vamos, querida. Você precisa de um banho.

No banheiro, a jacuzzi está cheia de água. Preparei tudo antes de o jogo começar. Deixo Judith dentro dela e murmuro:

— Incline-se e se segure na borda.

Com carinho e doçura, eu a ensaboo e a lavo. Quando acabo, dou-lhe um beijo no ombro e sussurro:

— Pronto, querida…

Saímos da jacuzzi, mas a ter lavado e tocado me deixou excitado, e ela me convida a sentar sobre a tampa do vaso. Em seguida, se senta sobre mim e, pegando meu pênis, coloca-o em sua umidade e desce com cuidado sobre ele, olhando-me nos olhos.

— Meu Deus, Jud…

Suspiro. O que ela faz me deixa trêmulo. Sem afastar os olhos dos meus,

ela murmura:

— Agora você… Agora você…

Judith contrai a pelve e eu me entrego. Permito que ela comande e curto seus movimentos, sentindo um imenso prazer percorrer todo meu corpo.

— Isso, menina… possua-me. Você é minha.

Minhas palavras a incitam.

Seu sexo me suga e eu estremeço, curto e suspiro; encaramo-nos e nos olhos dela vejo o prazer que ela vê nos meus. Quando chego ao clímax, tremo, me arrepio, desmancho-me em seus braços.

— Meu. Você é só meu — diz ela.

Sim, sou seu, só seu. Disso não tenho a menor dúvida.

Esgotado, suado, respiro fundo. Depois, dou-lhe centenas de beijos no rosto.

As sensações que ela me provoca são maravilhosas, incrivelmente vívidas. E, quando nossos olhos se encontram de novo, pergunto:

— Meu castigo foi duro demais?

Ela sorri.

Não sei o que aconteceu com Marisa, mas sei que, seja o que for, foi resolvido.

— Seus castigos me deixam louca — murmura.

Entre beijos e sorrisos, nos beijamos, até que de repente ela diz:

— Na Alemanha vamos continuar brincando?

Isso me pega de surpresa.

Nunca mais falamos do que eu propus, mas está mais que claro que ela andou pensando no assunto. Pensou bastante e já tomou uma decisão.

E, ciente do que isso significa e ansioso por beijá-la, afirmo com segurança:

— Na Alemanha, prometo que você vai ter tudo que quiser.

34

No escritório, mando de novo flores para Judith. Esse nosso jogo secreto nos dá tesão, e me divirto perguntando-lhe na frente dos outros funcionários se algum admirador secreto lhe mandou as flores.

Se eles soubessem!

Algumas noites depois, quando volto de Munique, saímos para jantar. Estou com dor de cabeça, mas não quero alarmar Judith. E, sem dizer nada, me aguento.

À saída do restaurante, encontramos meu amigo Víctor e sua nova namorada. Vejo como ele olha para minha garota e sorrio disfarçadamente. Então, quando Víctor está falando com sua namorada e não pode nos ouvir, pergunto a Jud:

— O que acha de eu convidar Víctor ao hotel para brincarmos nós três?

Judith me olha e sorri. Segundos depois, afasto-me dela e da namorada dele. Víctor gosta de minha proposta, mas me informa que sua garota não gosta desses jogos.

Nesse instante, meu celular toca. Atendo e, depois de ouvir algo que não me agrada nem um pouco, dirijo-me de novo a Víctor.

— Sinto muito, vamos ter que deixar para outro dia. Surgiu um imprevisto.

Ele assente. Voltamos até as garotas. Fitando Judith, digo, com seriedade:

— Vamos indo.

Despedimo-nos e voltamos para o hotel. Durante o trajeto estou sério e calado e, pelo jeito que me olha, Judith não está entendendo nada.

Ao chegar a minha suíte, peço bebidas e vamos para o quarto. Tiro o paletó, que coloco com cuidado no mancebo, e, segundos depois, aparece um garçom com duas taças e uma garrafa de champanhe.

Abro a garrafa quando ficamos sozinhos, encho as taças e começamos a conversar. Falo de nossos jogos, de nossos apetites, até que não aguento mais e

sibilo:

— Por que você não me disse que conhecia Marisa?

É óbvio que minha pergunta a surpreende tanto quanto surpreendeu a mim descobrir que as duas se viam e brincavam juntas. Jud não entende minha pergunta, não entendo por que ela me escondeu isso. Furioso, digo:

— Caramba, Judith! Não suporto mentira. Por que você não me disse que já se conheciam quando ela veio outro dia aqui?

Desconcertada, ela afasta o cabelo do rosto e responde:

— Não… não sei… eu…

Mas não a deixo continuar.

Estou decepcionado e furioso.

Pensei que havia confiança cega entre nós, especialmente em se tratando de sexo, mas vejo que não. Ela andou escondendo coisas.

— É melhor você ir embora — sibilo. — Estou furioso e não estou a fim de conversar.

Mas ela se nega. Não quer ir embora. Quer conversar, eu não. No fim, ela cede.

Entre a dor de cabeça e a raiva, acho melhor que ela vá embora e me deixe sozinho. Sem aceitar suas negativas, falo com Tomás para que a leve para casa e digo com frieza:

— Até amanhã, Jud.

Quando ela vai embora, tomo um banho, checo meus e-mails, tomo dois comprimidos e vou para a cama. É o melhor a fazer.

Fico horas tentando dormir, mas é impossível. Não consigo sem Jud ao meu lado. Arrependido por mandá-la embora, pego meu celular e escrevo:

> Sinto sua falta. E me sinto o homem mais idiota do mundo. Você me perdoa?

Dou “Enviar” e não se passam nem dois segundos quando o telefone toca. Sorrio ao ver que é Jud. Sem dúvida, ela me perdoou.

Mas, quando atendo ao celular, meu sorriso se paralisa ao ouvir uns balbucios incontroláveis que dizem:

— Eric… é Raquel, irmã de Judith. Estou ligando porque minha irmã sofreu um acidente de carro. Ai, meu Deus… Ai, meu Deus, Eric… Coitada! Coitada!

Ao ouvir isso, sinto todo o sangue de meu corpo se paralisar. Fico tonto e, quase sem respirar, pergunto:

— Onde ela está?

Soluçando, Raquel me dá o endereço do hospital. Esquecendo tudo, me visto o mais rápido possível e vou para lá. Sinto-me asfixiado. Angustiado.

Não, por favor…

Não pode acontecer nada com ela… por favor… por favor… minha pequena… não.

Já no hospital, enlouquecido e angustiado, vejo Raquel.

Ela me apresenta seu marido, que parece um idiota, e me conta em lágrimas que a culpa do acidente é dela. Ela ligou para Judith de madrugada para que fosse a sua casa depois de uma discussão com o marido, e foi quando Jud sofreu o acidente.

Durante horas, espero notícias, preocupado.

Várias vezes explodo, encolerizado, porque demoram muito para nos dizer algo. E, quando tenho certeza de que vou explodir outra vez nessa sala, abre-se a porta do pronto-socorro e vejo Judith sair com uma cara péssima e um colar cervical.

Minha pequena!

Sinto meu coração parar.

Não posso suportar que aconteça alguma coisa com alguém que amo. Corro para ela e a abraço com cuidado ao ver um galo em sua cabeça e seu lábio rasgado.

— Eric, estou bem, querido, de verdade.

Quero acreditar nela, preciso acreditar. Desfaço o abraço para permitir que sua irmã e seu cunhado também se aproximem.

Ligo para Tomás para que vá até a porta do hospital. Não me interessa o que digam, Jud vem comigo. Vou cuidar dela. Por fim, a levo para sua casa.

Com carinho, cuido dela, ajudo-a. Ela pergunta sobre minha dor de cabeça. Sinto tanta culpa pelo que aconteceu que isso me mata. Ela, que já me conhece, diz:

— Eric, você não tem culpa de nada.

Nego com a cabeça. Se eu não a tivesse mandado embora daquela maneira, isso não teria acontecido.

— Não concordo. Estou péssimo — digo.

Ela me dá um beijo no canto dos lábios.

— Você está bem? — pergunto.

Ela mostra que sim. E, abraçados, cochilamos no sofá.

À tarde, aparecem sua irmã, seu cunhado e sua sobrinha com um monte de comida pronta. Raquel me dá instruções sobre os potes e, para não a incomodar, simplesmente assinto, embora não preste atenção.

Judith me pede um tempo a sós com a irmã e o cunhado. Volto para a sala de jantar, onde está Luz, e sento para ver um jogo de basquete que passa na TV. Segundos depois, Judith aparece e diz:

— Deixei os dois sozinhos para conversar.

Luz, sua sobrinha, que até esse momento ficou em uma cadeira sem se mexer, levanta-se, senta-se entre nós dois no sofá e pergunta, dirigindo-se a mim:

— Você é o namorado de minha tia?

Olho para essa fedelha, que da última vez que me viu me ameaçou, e respondo:

— Sim.

— E vai se casar com ela?

Olho para Judith, que está vermelha como um tomate.

— Não falamos sobre isso ainda — respondo.

— E por que não?

Essa menina!

— Porque não — respondo, sem saber mais o que dizer.

— E por que não? — insiste.

Sem afastar o olhar da minha pequena, respondo de novo e Luz pergunta outra vez.

Mas que menina mais perguntona!

Caralho!

Jud tenta intervir, mas a sobrinha não deixa. Até que, por fim, Judith propõe:

— Luz, quer ir para o meu quarto ver desenho?

A menina assente. Quando ela sai, agradeço a Jud por tirá-la do meu pé.

— Flyn não é assim? — pergunta ela.

Ao pensar em meu sobrinho, suspiro. Flyn é imensamente introvertido.

— Não — respondo. — É totalmente diferente. Você vai ver.

Na segunda-feira, quando chego à Müller, dou duas notícias. A primeira é que a srta. Flores é minha namorada e a segunda, que está de licença porque sofreu um acidente.

Todos ficam chocados! E eu sorrio. Finalmente, todo mundo sabe que ela é minha namorada.

35

Judith passa três semanas sem ir ao escritório. As duas primeiras porque o médico mandou e a terceira porque eu insisti. Quero que ela se recupere totalmente. Além do mais, gosto de vê-la guardando suas coisas em caixas para se mudar para Munique.

Jud me fala de seu apartamento. Não sabe o que fazer com ele, mas sabe que não quer vendê-lo. Ela é a proprietária e quer continuar sendo. Não digo nada. O que ela decidir, sem dúvida, será o mais acertado.

Quando conversamos sobre sua mudança para Munique, fico contente. Acho que morar com ela será um grande passo em nossa relação. Decidimos que será dali a um mês e meio, depois do Natal.

Durante esse tempo, continuo indo e vindo sempre que necessário para cuidar de Flyn e de Judith. Por eles, faço qualquer coisa.

Enquanto Jud está de licença, contrato outra secretária e, quando ela volta ao trabalho, não fica muito contente. Mas não importa: seus dias na Müller estão contados e a empresa precisa de uma nova secretária.

Jud não diz nada, mas sei que não gostou de eu contar que ela é minha namorada. Agora todos a tratam de forma diferente e, conhecendo-a, sei que isso não a deixa muito feliz.

No começo de dezembro, minha mãe vai para Madri e, com ela, preparo uma surpresa para Jud. Eu e minha mãe organizamos um jantar. Trago Manuel de Jerez e convido sua irmã, seu cunhado e sua sobrinha.

Frida e Andrés, que estão de novo em Madri em razão do trabalho dele, também são convidados; e, de última hora, Marta e um amigo. Minha irmã não perde uma festa.

A alegria de minha pequena essa noite ao ver o pai, à mesa, é insuperável. Seus olhinhos, seu sorriso, tudo nela demonstra como está feliz, e fico extremamente contente.

Durante horas rimos, conversamos, brindamos e nos divertimos. Quando os outros vão dormir, decidimos sair com Marta e seu amigo. Como era de esperar, minha irmã e Judith dançam como loucas.

Essas duas!

No bar, observo como Jud me olha e sei o que ela está me pedindo com os olhos.

Satisfeito, pego meu celular. Ligo para uma amiga chamada Helga, que coincidentemente está hospedada no mesmo hotel que nós, e marco com ela em meu quarto. Guardo o celular. De repente, a música muda, fica mais íntima. Ao reconhecer essa música tão importante para Judith e para mim, quando ela se aproxima, pergunto:

— Srta. Flores, gostaria de dançar esta música comigo?

— Claro, sr. Zimmerman.

De mãos dadas, vamos até a pista e a abraço.

Desde quando eu danço?

Sinto seu perfume…

Sinto sua pele…

Sinto sua excitação…

Quando a música acaba, já estou decidido a curtir a noite com minha pequena.

— Acho que chegou a hora de levar você para o hotel — murmuro.

— Finalmente! — diz ela, satisfeita.

Despedimo-nos de minha irmã e de seu amigo e Tomás nos pega na porta. Dentro do carro, fecho o vidro que nos separa do motorista e, fitando-a, exijo:

— Jud… sente-se em cima de mim, agora!

Ela senta. Levo minhas mãos até sua calcinha e a arranco. Ao ver sua expressão contrariada, sussurro, passando minha boca pela sua:

— Vou lhe comprar centenas de calcinhas, não se preocupe. Agora, abra-se para mim.

Com ímpeto e desejo, penetro nela enquanto o carro percorre as ruas de Madri.

Mergulhado em meu amor, curto o prazer sem pensar em mais nada. Tenho

certeza de que Tomás está nos ouvindo, pois o carro não é à prova de som. E deve ouvir os tapas que dou em Judith cada vez que penetro nela, seus suspiros e seus gritos.

Quando o clímax nos alcança, penso na noite que nos espera e sussurro:

— Esta noite, você vai ser toda minha. Toda.

— Não vejo a hora — afirma ela.

Quando chegamos ao hotel, estamos excitados. Ao entrar no quarto, vejo alguns brinquedinhos em cima da cama e deduzo que Helga já chegou. Olho para Judith e pergunto:

— Pronta para brincar?

Ela assente e, com uma sensualidade que me deixa de boca seca, começa a se despir diante de mim, até ficar só com um sugestivo sutiã preto. Não está de calcinha: eu a arranquei no carro.

Estou observando minha garota quando uma porta se abre e vejo minha amiga ruiva.

— Esta é Helga — explico. — É uma colega de Björn que, por acaso, está hospedada neste hotel. Está de passagem pela Espanha.

Jud assente. Imediatamente vejo em seu rosto o tesão e a vontade de brincar. Gosto disso. Depois de cumprimentar Helga, digo:

— Para começar, quero olhar vocês. Tudo bem, querida?

Minha garota assente, já está pegando fogo. Aproximando-se de Helga, pede que a toque, o que minha amiga não tarda a fazer.

Durante um tempo, observo Helga curtir Judith, que, olhando para mim, murmura:

— E se for eu quem oferecer você?

Olho para ela, surpreso.

Em todos esses anos em que faço sexo livre, nunca ninguém me ofereceu. Sinto um prazer estranho, insólito. Ela me entrega um preservativo e me ordena:

— Ponha-o.

Enquanto o coloco, observo Helga, que continua acariciando o corpo de Judith. Minha loucura se transforma em delírio.

Minha garota diz, dirigindo-se a Helga:

— Foda por cima, para que eu veja.

Enlouquecido, olho para ela.

Suas palavras são ardentes e possessivas. Quando Helga me faz sentar na cama e introduz meu pênis dentro dela, vibro de prazer.

Sem afastar os olhos de meu amor, vejo que ela sobe na cama. Acaricia meus ombros com carinho e, colocando-se atrás de mim, sussurra em meu ouvido:

— Chupe os mamilos dela.

Obedeço com submissão, enquanto Helga me cavalga e Judith me sussurra no ouvido as coisas mais ardentes que alguém já disse.

Minha temperatura sobe…

Minha impetuosidade também. Pegando Helga pelos quadris, afundo nela sem parar, enquanto Judith me diz coisas arrebatadoras e beija meus ombros.

Calor…

O calor é delirante. E, então, Helga goza, e eu, depois dela, enquanto Judith morde meus lábios.

Segundos depois, Helga desaparece no banheiro. Eu me deito na cama e murmuro ao sentir minha garota ao meu lado.

— Nunca uma mulher me ofereceu.

— Fico feliz por ser a primeira e garanto que não será a última vez.

Sorrio. Acho que Judith é mais pervertida que eu.

— Você é muito perigosa, srta. Flores — sussurro. — Nunca para de me surpreender.

— Eu gosto de ser e de fazer isso, sr. Zimmerman.

Enroscamo-nos em um beijo abrasador e, quando separamos os lábios, sussurro:

— Vou tomar um banho, querida.

Vejo Helga, que está saindo do chuveiro, e dou uma piscadinha. Deixo claro que, se Jud quiser, tudo bem. Entro no chuveiro. Preciso me refrescar.

Minutos depois, saio ainda molhado e as vejo brincando, tocando-se, provocando-se. Quando me sento na cama, Helga faz Judith ir até mim e me oferecer seus seios.

Satisfeito, tomo-os, curto-os. E, quando seus mamilos estão duros como pedras, levo a cabeça até seu monte de Vênus. E, depois de contemplar essa tatuagem que me apaixona, beijo-a, e ela arfa.

Então, Helga deita Judith na cama e sua boca toma minha ereção.

Que prazer!

Helga, que é experiente com mulheres, masturba Jud, e ela responde. Está extasiada. Então, depois de trocar um olhar com minha amiga, pego minha garota pelas axilas, levanto-a, sento-a sobre mim, passo as mãos por baixo de seus joelhos e, abrindo suas coxas, ofereço-a.

Agora sou eu quem sussurra a Judith palavras ardentes, palavras delirantes, excitantes, enquanto a outra a toma com a boca, chupa-a, mordisca com deleite seu clitóris, e minha pequena arfa.

Ardente, Helga sobe na cama. Intuo o que ela quer. Pondo Judith de lado, coloco seu sexo contra o da outra e elas se esfregam com força e delírio.

Suspiros, gritos, prazer, tudo isso se apodera de nós. E, então, Helga, pegando um vibrador vermelho que está em cima da cama, o introduz na vagina de Judith. Vejo o aparelhinho se mexer dentro dela, até que minha amiga se aproxima do rosto dela e sussurra:

— Agora, vou pôr em seu cuzinho apertado.

Observo, permito, aceito.

Com cuidado e destreza, Helga introduz no ânus de Judith um pequeno vibrador em forma de chupeta, sem tirar o vermelho de sua vagina.

— Não se mexa — exijo de meu amor. — Não abra as pernas. Não quero que nada saia de você, só suspiros e gemidos.

Ela gosta de minha ordem. Vejo isso em seu olhar. O prazer de se sentir preenchida a faz arfar e se arquear por causa dos movimentos do vibrador de sua vagina.

Helga e eu a observamos. Quero mais e enfio minha dura ereção na boca de minha amiga. Ela a chupa com prazer, suga-a, enquanto eu seguro sua cabeça. Não paro de olhar para Judith, que, vermelha, não para de suspirar, e mexo os quadris, cravando-me em Helga.

Depois que me alivio nela, a alemã, que é uma mulher muito ardente e fogosa, tira os vibradores de Judith. Ao ver que coloca algo na cintura, explico:

— É uma cinta com um consolo de dezesseis centímetros. Ela vai comer você.

Quando acabo de dizer isso, vejo Helga colocar a ponta do consolo na boca de Jud para que o chupe. Durante alguns segundos, fode sua boca. Excitado, murmuro, dirigindo-me a meu amor:

— Agora eu é que vou oferecer você a ela. Ela vai comer você, querida, e depois nós dois vamos.

Judith aceita…

Judith deseja…

E, quando Helga se deita sobre ela e chupa seus mamilos, eu, de novo duro como uma pedra, exijo:

— Abra-se para recebê-la, Jud.

Sem afastar o olhar, observo Helga introduzir o consolo na úmida fenda de minha garota. Curto tanto ou mais que elas.

Seus gemidos se tornam meus. Suas sensações são as minhas. E, quando Jud goza, beijo-a com ardor.

Depois de oferecer um pouco de champanhe às duas, vejo Judith se levantar da cama e ir ao banheiro. Sigo-a. Ela entra no chuveiro, e eu entro com ela. Feliz, sussurro em seu ouvido:

— Agora eu e ela vamos comer você.

Eu explico com detalhes o que vamos fazer e deixo claro que tentarei fazer que a dor seja leve e breve. Mas sei que, inevitavelmente, por um segundo ela a sentirá. Ela me escuta e em nenhum momento diz não ao que proponho. Beijo-a e pergunto:

— Confia em mim?

— Sempre, você sabe — afirma ela com segurança.

Suas palavras me tranquilizam, deixam-me calmo. A última coisa que quero é fazer algo que ela não queira.

Quando voltamos encharcados ao quarto, sento-me na cama e digo:

— Vamos, srta. Flores. Atenda a meus caprichos. Sente em cima de mim.

Ela obedece sem hesitar e, surpreendendo-a, pego-a e a deito na cama. Curto seu corpo, acaricio-a e sussurro lindas palavras de amor. Quando chego a seu monte de Vênus, beijo-o e murmuro, lendo a tatuagem:

— Peça-me o que quiser.

Satisfeito, possuo-a com a boca e a sinto se desmanchar. Quando o anseio me domina, subo por seu corpo, enfio meu pênis duro nela de uma estocada só e, fitando-a nos olhos, exijo:

— Olhe para mim.

E, sentindo-me ao mesmo tempo seu dono e seu escravo, faço amor com ela.

Afundo nela sem parar, enquanto escuto seus gemidos maravilhosos. Até que, pegando-a pelos quadris, mudo de novo de posição e a deixo sentada sobre mim.

Minhas penetrações continuam. Gostamos disso. E, então, sinto a cama afundar. Helga está esperando sua vez. Pegando o queixo de Jud, digo:

— Deite em cima de mim, pequena… e relaxe.

Ela vira a cabeça para olhar para trás, momento em que vejo Helga passar lubrificante no ânus de Jud. Os olhos assustados de Judith me observam em busca de tranquilidade. Olho para ela e a acalmo, e com as mãos separo suas nádegas para dar melhor acesso a Helga. Murmuro:

— Toda minha… hoje você será toda minha.

Instantes depois, ao ver a expressão de Judith, sei que Helga colocou o consolo em seu ânus. Minha amada está tensa, percebo que está angustiada.

A alemã continua com os movimentos circulares sobre o ânus de Jud. Olhando para mim, balança a cabeça quando ele começa a se dilatar. Sem soltar minha pequena, eu a beijo, a mimo, demonstro que estou com ela. E, então, sinto que vai ficando excitada.

Meus movimentos avivam os de Helga, até que um grito de agonia de Judith me faz parar de repente. Vejo que Helga está colada no bumbum de Jud.

Minha amiga prossegue com os movimentos. E eu, ao ver que Jud me exige com o olhar, retomo também os meus. O prazer vai fazê-la esquecer a dor. Sussurro:

— Pronto… já passou, querida… Assim… entregue-se… relaxe para dilatar e me receber.

O barulho de um tapinha me faz voltar à realidade. Helga diz:

— Está totalmente penetrada, Judith. Mexa-se.

Ao olhar para meu amor, vejo uma expressão estranha que não sei como interpretar.

Não sei se é prazer ou dor. Parando de novo, murmuro:

— Querida, não me assuste. Você está bem?

Ela faz que sim.

Fico mais tranquilo, ainda mais quando a vejo se mexer entre nós cada vez com mais decisão.

Assim ficamos um tempo. Jud se reanima, exige, se mexe. Quando sinto que estou à beira do orgasmo, paro o jogo. Helga e eu saímos de Jud e, pondo-a de quatro, passo lubrificante de novo no ânus dela e a faço minha.

Meu Deus!

Com os olhos fechados, aproveito. Seu cu é estreito, muito estreito, e o prazer que isso me proporciona é incrível, perfeito, terrivelmente perfeito!

Seus movimentos exigindo que eu me mexa me fazem despertar do prazer em que estou mergulhado. Inclinando-me para a frente, sussurro em seu ouvido:

— Agora, sim, você é toda minha… toda…

Meus movimentos se aceleram, assim como os dela. Helga nos observa enquanto nos deixamos levar pelo mais puro prazer com o sexo anal, arfamos, extasiados, e Jud pede:

— Forte… penetre-me forte.

Eu me contenho. Quero fazer isso, mas me contenho. Dando-lhe um tapinha, sussurro:

— Não… não quero machucar você.

Mas Judith é Judith e, ignorando meus conselhos, dá um impulso e se cola de supetão em minha pelve. Imediatamente dá um grito. Deve ter doído. Parando, censuro-a:

— Não seja bruta, querida… vai machucar você.

A seguir, a paixão se aviva entre nós. Fazemos amor por trás, com carinho, enquanto ela curte uma nova experiência. E, quando chegamos ao clímax, eu a abraço e murmuro, orgulhoso da mulher que tenho em meus braços:

— Eu te amo, Jud, te amo como nunca pensei que poderia amar.

36

Quando acordo, Judith está dormindo ao meu lado. Com carinho, observo-a e retiro uma mecha de cabelo escuro de seu rosto. Percebo que essa mulher chegou como um turbilhão na minha vida para alegrá-la.

Meu celular toca. É minha mãe, para ver se tomo o café da manhã com ela. Como sei que é muito cedo ainda e Jud vai dormir mais um bom tempo, levanto-me da cama sem fazer barulho, visto-me e desço para encontrar minha mãe.

Passo um tempo curtindo sua companhia. Minha relação com Judith a deixa muito feliz, e adoro isso.

Juntos, ligamos para a Alemanha. Na casa de minha mãe, a babá atende ao telefone e o passa para Flyn. O menino não está muito contente e, quando lhe digo que logo conhecerá Judith, ele não fica muito animado. Quando desligamos, minha mãe olha para mim e me adverte:

— É melhor ficar de olho em Flyn quando Judith estiver lá.

— Mamãe, por favor! Como se ele fosse fazer alguma coisa com ela.

Ela suspira, é óbvio que não confia nele. Insiste:

— Bem, matá-la não vai, mas tome cuidado com Flyn. O garoto está acostumado a viver sozinho com você e não sei como vai aceitar que uma mulher entre na vida de vocês.

Sorrio. Não posso evitar. Dando um beijo na cabeça de minha mãe, digo:

— Tudo bem, mamãe, fique tranquila. Estarei atento.

Depois de me despedir, passo pela academia; preciso correr e relaxar um pouco.

Então, volto à suíte, certo de que Jud continua dormindo. Mas me surpreendo ao entrar e ver a cama vazia. Logo ouço a água do chuveiro correr e deduzo onde está. Estou esperando-a sentado quando ela sai. E, ao ver sua expressão, pergunto:

— Que foi?

Ela suspira e confessa, franzindo a testa:

— Meu cu está doendo.

Não quero rir. Não devo. Mas sua cara é tão engraçada que tenho que fazer um grande esforço para não rir.

— Querida… eu disse para não ser tão bruta.

Ela assente, sabe a que estou me referindo. Sussurra:

— Meu Deus, Eric… acho que vou ter que sentar em cima de uma boia.

Solto uma gargalhada, mas, ao ver sua testa franzida, paro e murmuro:

— Desculpe… desculpe…

De bom humor, continuamos conversando, até que meu telefone toca. Atendo e, depois de desligar, digo:

— Era minha mãe. Vai nos esperar ao meio-dia e meia no restaurante do hotel.

— Para almoçar?

— Sim.

Ao me ouvir, Judith franze de novo a testa e murmura:

— Esse horário gringo de vocês me mata. Eu tomaria o café da manhã a essa hora.

Sorrio. Os horários das refeições na Espanha e na Alemanha são muito diferentes. Espero que quando estejamos em Munique ela se adapte.

Jud anda pelo quarto, procura uma roupa no armário e de repente reclama:

— Caralho, não tenho nem uma maldita calcinha!

Peço-lhe que não diga palavrão porque me incomodam quando saem de sua boca. Ela reclama que eu rasgo todas as suas calcinhas e agora não tem o que vestir.

Eu a escuto, achando graça, quando ela pega uma cueca minha e a veste. Feliz com a linda visão que ela me oferece, exclamo:

— Caramba! Até de cueca você me dá tesão, fofinha. Venha aqui.

Ela recusa, rindo. Não quer se aproximar. Vou atrás dela. Estamos brincalhões.

Judith corre pelo quarto, sobe na cama e, quando a pego e a derrubo, gargalhamos e acabamos nos possuindo, do jeito que gostamos.

Vinte minutos depois, já vestidos, ela olha seu celular e eu ouço o som de uma notificação em meu notebook. Recebi um e-mail.

Com um sorriso nos lábios por essa mulher me fazer feliz, vou até o computador. Abro um e-mail e meu sorriso desaparece.

De: Rebeca Hernández

Data: 8 de dezembro de 2012, 08h24
Para: Eric Zimmerman
Assunto: Sua namorada
Adoro saber que continuamos tendo os mesmos gostos.
Anexo umas fotografias. Sei que você gosta de olhar. Divirta-se.

Receoso, releio a mensagem que Betta acaba de me mandar. O que será que ela sabe de Judith?

Então, abro o arquivo anexo e fico sem palavras. Nas fotos que estão a minha frente vejo Judith com Betta. Em uma delas estão tomando um drinque, em outra Jud está nua e Betta toca seus seios.

Pisco, boquiaberto. Isso é a última coisa que eu poderia esperar.

— Jamais teria imaginado isso de você — sibilo, furioso.

Judith me olha. Por sua expressão, vejo que ela não sabe do que estou falando. Mostro-lhe as fotos que congelaram meu ânimo e meu coração e grito, alterado:

— Pode me dizer o que significa isso?!

Ela pisca, incrédula. Depois, olha de novo e sussurra:

— Não… não sei. Eu…

Furioso, fora de mim, observo-a fixamente. Por acaso não é ela na foto com Betta?

E, contrariado, grito:

— Pelo amor de Deus, Jud… que diabos você está fazendo com Betta?

— Betta?!

Então, ela fica paralisada. Treme… balbucia… não sabe o que dizer, e eu quero morrer.

A mulher que amo está rindo às minhas custas com Betta. Não quero ouvir nenhuma explicação. Estou prestes a dizer algo quando meu celular toca e vejo o nome de Betta na tela.

Isso me deixa ainda mais furioso. Muito mais.

Atendo e troco umas palavras nada agradáveis com essa víbora. A seguir, jogo o celular no chão e, sério, frio e desolado, murmuro:

— O jogo acabou, srta. Flores. Pegue suas coisas e vá embora.

Judith me olha. Ela mal consegue respirar. Sussurra:

— Eric… querido, você tem que me ouvir. Isso é um erro, eu…

Não a deixo continuar. Não quero ouvir mais nada.

— Primeiro Marisa e agora Betta… — insisto. — O que mais você está escondendo de mim?

— Nada! — grita. — Se me deixar, eu…

Mas não, não a deixo.

Estou tão furioso que a melhor coisa que posso fazer é sair do quarto. Com raiva, sibilo friamente:

— Quando eu voltar do almoço com minha mãe, não quero que você esteja aqui.

Judith não se mexe, nem sequer pisca. Em seguida, diz, segura de suas palavras:

— Se você sair sem falar comigo, sem me dar uma chance de explicar, assuma as consequências.

Irritado, furioso, respondo com grosseria e ela replica. Podemos ficar assim por horas, mas, como não estou disposto a continuar, dou meia-volta e saio do quarto. Não quero ouvir mais nada.

Desço à recepção e, sem me deter, saio do hotel. Ainda faltam várias horas para almoçar com minha mãe, e decido dar uma volta. Preciso arejar a cabeça.

Caminho sem rumo durante um tempo pelo centro de Madri pensando no que aconteceu.

Como pude não perceber?

Como me deixei enganar assim por uma mulher?

A raiva me domina, mas, ao meio-dia, volto para o hotel.

Durante um tempo não sei se subo para a suíte ou não. Contudo, preciso saber se ela foi embora, então subo. E, ao entrar, sinto minha alma desfalecer.

Jud foi embora, como lhe pedi. Sem dúvida, tudo acabou. Aproxima-se a hora de almoçar com minha mãe e decido que preciso sair de Madri. Depois de avisá-la de minha decisão, vou buscá-la e, inventando uma desculpa para a ausência de Judith, voltamos para a Alemanha. Quero me afastar deste lugar.

Durante alguns dias, fico atormentado em minha casa. Não saio. Não vou trabalhar. Sua ausência dói demais.

Mas, passados alguns dias, sei que tenho que voltar a minhas obrigações profissionais.

Eu sou Eric Zimmerman, sou o chefe e aguento isso e muito mais.

37

Na segunda-feira, chego cedo a Madri em meu jatinho e vou para o escritório.

Tenho duas reuniões extremamente importantes, não posso faltar. Com tranquilidade, olho os documentos e, depois de anotar alguns números, decido ir para a lanchonete tomar um café.

Estou inquieto…

Estou nervoso…

Verei Judith e não sei como vou reagir…

Quando volto da lanchonete, me enfio de novo em minha sala.

Logo chega Claudia, a nova secretária. Depois de trazer umas pastas que lhe pedi, ela me oferece um café. Eu aceito e ela vai buscá-lo. Instantes depois, de soslaio, vejo Jud chegar a sua mesa.

Ela me olha. Eu não disse nada a ninguém sobre nossa ruptura e, certamente, ela também não. Tento me acalmar. Mas minha tranquilidade não dura muito, pois ela vem até minha porta e bate. Pergunto:

— O que deseja, srta. Flores?

Ela me olha… aperta as mãos e, por fim, entra e fecha a porta.

— Eric, precisamos conversar — diz. — Por favor, você tem que me escutar.

Seu tom de voz e suas olheiras revelam que não está bem. Mas não quero dar o braço a torcer. Reclino-me na poltrona e, com uma voz implacável e fria, replico:

— Já deixei bem claro que não temos nada que conversar. E, agora, faça a gentileza de voltar a sua mesa antes que me tire do sério e eu a ponha no olho da rua, como merece.

Mas ela não se mexe e insiste. Então, Claudia entra e, suavizando o tom, murmuro, fitando-a com um sorriso:

— Claudia, fique para que possamos terminar o que estávamos fazendo. A

srta. Flores já está de saída.

Ao ouvir isso, Judith pragueja baixinho. Ela nunca gostou de Claudia e, sem se importar com sua presença, exige falar comigo. Contrariado diante de sua teimosia, me levanto, apoio as mãos na mesa e sibilo com meu pior olhar:

— Pretende ser demitida?

Judith não se acovarda. Expulsa Claudia da sala debaixo do meu nariz e, olhando para mim com toda sua arrogância, diz:

— Pode me expulsar, pode me demitir, mas não pode me calar.

— Não quero escutar. Já disse que…

Judith, que não saiu do lugar, dá um tapa na mesa com tanta força que deve ter doído. E, quando olho para ela sem acreditar, ameaça:

— Você vai me escutar, droga, nem que seja a última coisa que eu faça na vida.

Estou quase chamando a segurança. Ninguém nunca ousou falar assim comigo, mas, quando vou fazer isso, ela prossegue:

— Essa tal de Betta, Marisa e uma tal de Lorena um dia apareceram na academia que eu frequento. Marisa as apresentou, e em nenhum momento me contou que Betta era sua ex. Simplesmente me disse que se chamava Rebeca. Como eu ia saber que Betta era Rebeca? Quando acabamos de malhar, decidimos tomar uma Coca-Cola em um bar. Trocamos telefones para algum dia sairmos para jantar com nossos respectivos namorados. Depois, Lorena propôs ir ao apartamento de uma conhecida dela para pegar umas roupas, e o lugar era uma loja de lingerie. Experimentei aquelas roupas pensando em você, por isso estava nua! E foi ali que a tal de Rebeca tentou algo comigo, mas não conseguiu. Eu recusei! Agora sei que essa imbecil armou tudo e a única coisa que ela queria era provocar você.

Não respondo. Não quero acreditar nela, mas Judith insiste:

— Por que acredita nela e não em mim? Por acaso ela é mais confiável que eu?

Olho para ela. A dúvida começa a se instalar em minha cabeça, mas replico:

— E por que eu deveria acreditar em você?

Judith pragueja. Minha expressão ainda é dura e pouco conciliadora.

— Porque você conhece nós duas e sabe muito bem que eu não sou mentirosa — responde. — Posso ter mil defeitos, mas nunca menti para você. E, antes que torne a me expulsar de sua sala, quero que saiba que estou magoada, furiosa, morrendo de raiva por não ter percebido o jogo sujo dessas bruxas. Mesmo assim, a raiva que sinto delas não se compara à que sinto de você. Eu ia abandonar minha vida, minha família, meu trabalho e minha cidade para ir atrás de você, e você, o homem que supostamente ia cuidar de mim e me mimar,

desconfia de mim na primeira oportunidade. Isso dói, parte meu coração, e quero que saiba que desta vez a culpa é sua, sim. Sua e só sua.

Suas palavras calam fundo em mim. Ela ia abandonar tudo por mim. No entanto, não posso ignorar o que aconteceu. Não posso acreditar cem por cento no que ela está me contando.

Judith tira o anel que lhe dei de presente, olha para ele com certo pesar e, deixando-o sobre a mesa, diz:

— Tudo bem, sr. Zimmerman, o que havia entre nós acabou. Fique feliz por Rebeca, ela ganhou.

E, sem mais, dá meia-volta e sai da sala, deixando-me confuso.

Algo me diz que devo acreditar nela, que ela nunca mentiu para mim, mas outra parte de mim grita que não devo confiar em ninguém, porque ninguém é de confiança.

De imediato, Claudia entra em minha sala, vê o anel que Judith deixou em cima da mesa e pergunta com um sorrisinho que me incomoda profundamente:

— Posso ajudar em alguma coisa?

Nego com a cabeça. A seguir, estendo a mão, pego o anel, guardo-o no bolso e ordeno:

— Pode sair. Se eu precisar, chamo.

Claudia sai de minha sala. Sem conseguir tirar os olhos de Judith, espero que os seus se voltem para mim. Mas isso não acontece.

Pouco depois, vejo Jud entrar na sala de Mónica e me levanto da poltrona, inquieto.

Estou confuso. Terrivelmente confuso.

Penso em Judith e em Betta, em como é cada uma, e sei que Jud pode estar falando a verdade. Por que mentiria para mim?

Relembro o que Judith me contou. Conhecendo Betta, sei que ela é bem capaz de armar essa cilada. Sei que devo falar com Judith e lhe dar a oportunidade de se explicar, então sigo em direção à porta de minha sala. Estou pensando no que dizer a ela quando ouço gritos.

Abro a porta e vejo que está vindo da sala de Mónica. Judith e ela estão discutindo, dizendo coisas nada agradáveis uma à outra. E, então, Jud ergue ainda mais a voz e grita:

— E agora, sua imbecil, ligue para o RH e mande preparar minha demissão! Eu mesma subo para assinar. Estou tão contente com tudo que acabei de dizer que não me importa porra nenhuma o que venha depois.

A seguir, Judith sai enlouquecida da sala de Mónica. Trocamos um olhar.

Ela sabe que ouvi o que sua chefe disse de nós dois. Mas, mordendo a língua, não pronuncia nem uma palavra e se dirige, furiosa, a sua mesa e começa

a recolher suas coisas.

— Entre em minha sala, Jud — digo, tentando conter sua fúria.

Ela me olha, aperta os olhos e, com a mesma frieza e distância com que a tratei, sibila:

— Não. Nem em sonhos. E lembre-se, senhor, agora sou srta. Flores, entendeu?

Fico revoltado.

Levanto a voz e repito que entre em minha sala, mas ela se recusa. Aproximando-se para que ninguém mais me ouça, sussurro:

— Jud, querida, sou um imbecil, um babaca. Por favor, entre na sala. Você tem razão, temos que conversar.

Nesse instante, Mónica sai de sua sala. Olho para ela com cara de poucos amigos e digo:

— Não gostei do que ouvi e, antes que diga qualquer coisa, devo dizer que talvez a palhaça seja você.

De braço dado com Claudia, Mónica volta para sua sala. Olho de novo para Judith.

Ela está transtornada, não sei como detê-la sem fazer um escândalo no escritório. Isso me deixa angustiado. Sou o chefe e preciso me comportar diante dos outros.

De soslaio, vejo vários funcionários nos observando. E, quando vou dizer algo a Judith, ela olha para mim fixamente e sibila:

— Sabe, sr. Zimmerman? Agora quem não quer saber do senhor sou eu. Acabou-se a Müller e muitas outras coisas. Não aguento mais. Arranje outra para enlouquecer com seu constante mau humor e desconfianças, porque eu cansei.

Ela fecha a gaveta de sua mesa com toda a raiva do mundo, sem me dar oportunidade de réplica. Dá meia-volta, pronta para ir embora.

— Aonde você vai, Jud? — pergunto.

Com uma frieza que me deixa arrasado, ela me olha e replica:

— Ao RH. A partir deste instante, sou uma funcionária a menos em *sua* empresa, sr. Zimmerman.

E, dizendo isso, segue para o elevador e eu fico paralisado. Não posso correr atrás dela.

Furioso, entro de novo em minha sala, ligo para o RH e ordeno que peçam a srta. Flores que volte.

Durante alguns minutos espero, mas ela não volta.

Ligam do RH para dizer que Judith quer assinar uma carta de demissão. Nervoso, recuso. Não pretendo demiti-la. Não quero que por minha culpa ela seja mais uma desempregada em um país onde a economia não é grande coisa.

Então, ordeno que lhe deem férias, mas que ela não assine nenhuma carta de demissão.

Dez minutos depois, o chefe de RH entra em minha sala e, com cara de idiota, mostra-me a carta de demissão que Judith assinou.

Fico ainda mais furioso quando me comunicam que ela foi embora.

Como assim, foi embora? Para onde?

Sem me importar com o que os outros pensam, vou até a garagem, mas encontro o carro dela.

Ligo para o seu celular, mas ela não atende.

Olho meu telefone e, de repente, me dou conta de que tenho duas reuniões importantes. Praguejo. Não posso adiá-las nem cancelá-las. Muitos escritórios da Espanha dependem dessas reuniões, então, tentando me acalmar, decido participar.

Quando acabar, vou atrás de Jud para lhe pedir desculpas.

38

Minha fúria está em nível máximo. Demiti Mónica, a chefe de Judith, depois de pegá-la na lanchonete debochando dela. Não vou permitir isso!

Faz quatro dias que Jud foi embora, que se afastou de mim, e não consigo localizá-la nem falar com ela.

Ligo, mas ela não me atende. Está me evitando, e isso me deixa ainda mais furioso.

Não consigo trabalhar…

Não consigo respirar…

Não consigo viver…

Não saber dela me está matando. Sei que o erro foi meu, ainda mais depois de falar com Marisa. Eu liguei para o marido dela e marquei com eles. E ela, tremendo de medo de minhas perguntas, confirmou tudo o que Judith me contou.

Maldita Betta!

Enquanto respondo aos e-mails da empresa, recebo um de Amanda Fisher. Como sempre, ela fala de trabalho e termina me perguntando quando nos veremos novamente.

Em outras circunstâncias, eu teria respondido que em breve, mas estou tão arrasado por causa de Judith e pelo vazio que sinto sem ela que digo que por enquanto me esqueça. Há uma pessoa especial em minha vida e quero me concentrar nela. Amanda não responde, e fico feliz.

Pouco depois, quando estou na varanda de minha suíte em Madri, meu celular toca e vejo que é Manuel, pai de Jud. Liguei mil vezes para ele, que ficou de me avisar quando soubesse algo dela. Atendo apressado.

— Olá, Manuel.

— Eric — diz ele baixinho. — Como prometi, estou avisando que minha moreninha está aqui, mas, por favor, dê-lhe espaço.

Fecho os olhos, aliviado. Finalmente, sei onde ela está.

Saber onde está e que está a salvo me faz relaxar. Murmuro:

— Como ela está?

— Furiosa, rapaz. Não sei o que aconteceu entre vocês, mas ela está com muita raiva. E, quando fica assim, tem um gênio difícil.

Eu sei. Infelizmente, sei.

Praguejo em silêncio.

Não posso nem devo contar a seu pai nosso problema, mas sussurro:

— A culpa é minha, só minha, Manuel.

O homem não diz nada, ficamos alguns segundos em silêncio, até que digo:

— Amanhã cedinho estarei em sua casa. Tenho que ver Judith.

— Não sei se é uma boa ideia, rapaz.

Tenho a mesma opinião que ele, mas sou incapaz de ficar mais tempo longe dela.

— Eu também não sei, mas preciso dela — insisto.

Despeço-me de Manuel e lhe agradeço por me ligar. Desligo e, depois de ir para meu quarto, pego de novo o telefone e entro em contato com o comandante que pilota meu jatinho particular. Quero que esteja pronto bem cedo.

Quando chego ao aeroporto de Jerez, alugo uma moto. Minha impaciência aumenta à medida que me aproximo de Judith.

Quando me vê, ela fica uma fera.

Maldito gênio espanhol!

Grita, insulta-me, recusa-se a falar comigo. Acho até que vai me dar um soco!

Sou incapaz de fazê-la usar a razão e reconheço que fico assustado.

Por acaso ela não sente minha falta como sinto a dela?

Como nunca fiz na vida, falo através de uma porta. Quando me viu, Judith se trancou no quarto e se recusa a sair. E eu me sinto ridículo, terrivelmente ridículo, mas não posso sair dali nem derrubar a porta.

Fico assim durante horas até que Manuel, que a conhece melhor que ninguém, pede com delicadeza que eu vá embora. Segundo ele, sua filha precisa que eu lhe dê espaço para pensar e meditar. No fim, decido fazer o que ele diz, mas, antes, novamente me aproximo da porta e murmuro:

— Pequena, estou voltando para a Alemanha. Mas quero dizer de novo que eu errei e pedir perdão. Por favor, pense e… e… não se esqueça de mim, assim como eu não me esquecerei de você.

Depois de dizer isso, sentindo-me o homem mais ridículo do mundo por escancarar meus sentimentos na frente dos outros desse jeito, dou meia-volta, despeço-me de Manuel e, com uma sensação de fracasso, subo na moto, volto para o aeroporto e para Munique em meu jatinho.

Passam-se os dias e ela não me liga.

A tensão me faz ter dores de cabeça terríveis. Eu continuo ligando para Jud, mas ela não me atende. Ela me ignora.

Não sei se pensa em mim.

Não sei se me dará outra chance, e a incerteza está me matando.

Os dias passam devagar. Frida fala com ela e não vejo graça no que me conta. De novo, minha pequena vai arriscar a vida em outra corrida de motocross.

Vou para Madri. Preciso resolver alguns problemas na empresa e tenho várias reuniões programadas.

Ao saber que estou na Espanha, Frida me conta que dali a alguns dias vão a Zahara de los Atunes para o Natal e planejam visitar Judith.

Saber que eles vão vê-la e eu não me deixa revoltado. Depois de pensar com muito cuidado, decido ir também, ciente de que isso significa uma escolha entre passar a véspera de Natal sozinho ou em Zahara, com meus amigos e longe de Flyn.

Chega o sábado da corrida. Minhas mãos suam. Acompanhado por Andrés, Frida e o pequeno Glen, vamos até Puerto de Santa María, onde será a corrida solidária para arrecadar fundos para o Natal de crianças carentes.

Frida e Andrés ficam emocionados com o que veem, mas eu não. Eu estou horrorizado. Nervoso. Inquieto. Temo pela segurança de Judith.

Estou procurando minha pequena no meio das pessoas quando, de repente, Frida dá um grito e a vejo correr até ela. Jud usa um macacão de couro e, inevitavelmente, fico inquieto. Ela está linda, como sempre, e evita olhar para mim. Mas sua irmã, Raquel, não. Ela me olha, e leio em seus olhos que sente pena de mim.

Eu me sinto patético!

Judith beija Frida, Andrés e o menino e, quando chega minha vez, diz com frieza e sem olhar para mim:

— Bom dia, sr. Zimmerman.

Contenho a vontade que sinto de abraçá-la e beijá-la. Vendo como todos nos observam, murmuro:

— Oi, Jud!

Ela olha para a irmã e diz:

— Raquel, estes são Frida, Andrés e o pequeno Glen, e este é o sr.

Zimmerman.

Todos olham de novo para mim, constrangidos, e ouço alguém dizer:

— Judith, você sai no próximo grupo.

Essa voz…

Essa maldita voz!

Ao me virar dou de cara com Fernando.

Caralho… caralho!

Ambos nos olhamos com raiva. Não nos gostamos nem um pouco. Sem nos tocarmos e com frieza, cumprimentamo-nos.

— Tenho que ir. Vou largar — diz Judith. — Frida, sou o número 87. Deseje-me boa sorte.

Em seguida, ela se afasta de nós acompanhada de sua irmã e de Fernando. Depois, vejo-a cumprimentar um garoto que, como ela, parece que vai competir.

Protegido por trás de meus Ray-Ban modelo aviador, observo à distância tudo o que acontece. Minha impaciência só aumenta enquanto a busco entre os competidores.

Diferente da outra vez, faço um esforço para ver a corrida, mas é impossível.

Cada vez que a moto dela derrapa ou parece que vai cair, minha cabeça lateja e tenho que parar de olhar. Frida, emocionada, grita e diz que ela passou para a rodada seguinte. Quando a vejo sair da pista, observo que de novo cumprimenta o mesmo corredor de antes. Isso me incomoda.

Quem é esse?

Vou ter que considerar Fernando e esse sujeito como rivais?

Manuel, que soube que estou ali, vem me cumprimentar.

Ele é um bom homem. Baixando a voz, diz para eu não sufocar sua moreninha, para continuar lhe dando espaço. Decido ouvi-lo, mas, em duas ocasiões, tento me aproximar dela. Ao me ver, ela foge.

Maldição!

Procuro manter a calma, a paciência – que não tenho –, o humor, que também não tenho. Mas, então, vejo-a falando de novo com o sujeito da moto e ele, com intimidade, coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha dela.

Caralho… caralho… caralho!

Sinto que vou explodir de ciúmes e me afasto deles.

Vou até a organização e decido doar uma boa quantia para as crianças. No Natal, nenhuma delas deveria ficar sem brinquedos.

Quando volto, minutos depois, vejo Judith e o outro corredor fazendo um high-five e voltando para a pista. Paro de olhar. Não consigo vê-la correr.

Frida, que está ao meu lado junto com Andrés e Glen, vai me contando o

que acontece. Até que a ouço dizer que Jud chegou em segundo lugar. E, ao olhar, vejo que o vencedor foi o sujeito para quem ela passou a manhã toda sorrindo e descubro que se chama David.

Observo-os, preciso saber se existe algo entre eles. De repente, eles tiram os óculos, os capacetes e se abraçam empolgados demais.

Por acaso, Judith está me provocando?

Na hora da entrega dos prêmios no pódio, decido não perder. E, ao ouvir o nome de Judith e vê-la celebrar com o troféu nas mãos, aplaudo, orgulhoso.

Batem várias fotos dos ganhadores, e, a seguir, ela desaparece nos vestiários. Reflito se devo entrar ou não, mas, no fim, decido que é melhor não.

Espero-a em frente à porta e, quando a vejo sair, um sentimento de posse me faz estender a mão, pegá-la e puxá-la para mim. Durante alguns segundos, nos olhamos. Provocamo-nos. Desafiamo-nos.

Tê-la perto de mim e sentir seu cheiro e o toque de sua pele me faz perder a razão. Sem poder evitar, levo minha boca perto da dela e murmuro:

— Estou morrendo de vontade de beijá-la.

Ela não diz nada e, ao ver que me aproximo de sua boca e ela não se afasta, não hesito e a beijo. Tomo sua boca para lhe mostrar quanto a desejo e quanto senti sua falta.

De repente, alguém começa a aplaudir a nossa volta, sei que é para nós. Noto-a desconcertada e feliz. Sussurro:

— É como nas corridas, querida: quem não arrisca, não petisca.

Ela assente. Acho que gostou do que ouviu, mas replica com segurança:

— Efetivamente, sr. Zimmerman. O problema é que o senhor já me perdeu.

E, com brusquidão, ela me empurra e vai embora, deixando-me totalmente atordoado.

Maldita cabeça-dura!

Por um segundo, enquanto a beijava, senti que ela estava gostando como eu. Mas, pelo visto, não era isso. Sem sair do lugar, observo-a se afastar. Dou-lhe espaço, como Manuel me pediu. Porém, meia hora depois, já estou ligando para ela.

Tenho que falar com ela!

Judith não atende ao telefone, ignora-me. Decido lhe mandar um lindo buquê de rosas vermelhas. Em uma loja vejo um curioso estádio de futebol feito de doces. Imagino que ela vá gostar e decido mandá-lo também.

Para ela, tudo é pouco!

No entanto, meus presentes não parecem agradar-lhe, pois continua não atendendo ao telefone. Transtornado, decido pegar a BMW preta que aluguei e ir até a casa dela.

Ela também não está lá. Quando Manuel me diz que ela começou a trabalhar como garçonete em um pub, meu sangue congela.

Minha mulher, trabalhando de garçonete?

Mal-humorado, vou até o pub, sentindo falta de ar. Quando entro e a vejo atrás do balcão, caminho até ela e sibilo com todo meu mau humor:

— Jud, saia daí agora mesmo e venha comigo.

Imediatamente, reconheço o garoto que está ao lado dela, o tal de David, o mesmo que competia com ela no circuito. Ele olha para ela e pergunta:

— Você conhece esse sujeito?

Louco da vida, olho para Jud e esclareço com rudeza:

— Ela é minha mulher. Tem algo mais a perguntar?

Ao me ouvir, Judith começa a contestar que não é minha mulher e, como era de esperar, discutimos.

Somos muito bons nisso!

— Quero que você me esqueça e me deixe trabalhar — protesta ela. — Quero que arrume outra para atormentar e me deixe em paz, entendeu? Não gosto nem um pouco de ouvir isso.

Se ela me pede para arrumar outra é porque já não sente nada por mim. Mesmo assim, recuso-me a acreditar. Recuso-me a acreditar que ela não sente o mesmo que eu. Decidido a saber se o que penso é verdade ou não, olho para ela e digo:

— Tudo bem, Jud. Vou fazer o que você está me pedindo.

Furioso, vou para a ponta do balcão e peço um uísque a outro garçom.

Estou nervoso, alterado.

Vê-la conversando com esse sujeito me incomoda, mas decido me aguentar até saber a verdade. Se ela não me ama mais, se não sente mais nada por mim, saberei rapidamente e prometo a mim mesmo que, se for assim, vou embora. Mas, se eu vir que o que vou fazer a incomoda, também prometo que vou lutar por ela.

Olho ao redor tentando relaxar e logo encontro o que busco. A poucos metros está uma jovem muito bonita, da idade de Judith. Ela me olha, e sua expressão me diz que quer minha atenção.

Dou-lhe minha atenção.

Sei perfeitamente o que tenho que fazer para que ela se aproxime. Dois minutos depois, ali está ela.

Com meu melhor sorriso, digo-lhe o que ela quer ouvir. Isso nunca falha. Ofereço-lhe uma bebida. Conversamos, ela acha engraçado meu sotaque ao falar espanhol. Rimos. Quando ela passa o dedo em meu rosto, vejo Judith apertar a mandíbula.

Sim! Era isso que eu queria ver.

A garota, cujo nome é Irene, se aproxima cada vez mais de mim, e eu permito. Quero que Jud sinta o mesmo que eu quando a vejo com outro homem. Disfarçadamente, observo minha pequena ficar irritada, incomodada pelo que vê.

Minutos depois, como não estou a fim de continuar flertando com Irene e sei o que tenho que fazer para acabar com isso, pego-a pela mão, diante do olhar atento e furioso de Judith, e saímos do pub.

Durante alguns minutos caminhamos, afastando-nos do pub. Irene olha para mim. Espero poder me livrar logo dela. Então, para espantá-la, digo de forma atrevida:

— Você tem um bumbum delicioso.

Não digo mais nada, simplesmente ponho sua mão em minha virilha e a deixo imaginar.

Como eu esperava, ela se assusta com minha indireta tão direta. Dizendo que está com pressa, vai embora, deixando-me sozinho.

Acho engraçado. Enquanto caminho para meu carro, pego o celular e, antes de voltar para a casa onde estou hospedado, digito:

> Arrumar uma transa é fácil como respirar. Não faça nada de que possa se arrepender.

Leio o que escrevi e envio a mensagem a Judith.

Espero que ela não faça bobagem.

39

Passo uma noite horrorosa, sem parar de pensar nela. E, quando acordo, ligo para minha mãe.

Converso um pouco com ela e consigo falar com Flyn. Ele está bravo comigo porque o deixei com minha mãe, a babá e minha irmã na véspera de Natal.

Consigo sentir sua raiva ao telefone. Com tristeza, falo de novo com minha mãe e desejo uma boa noite a todos.

Quando desligo, decido ligar para Judith. Mas ela continua não me atendendo. Estou começando a achar que estou fazendo papel de idiota.

Manuel me liga. Ele quer saber com quem vou jantar. Quando digo que sozinho, ele protesta e pragueja por sua filha ser tão cabeça-dura.

Sentir o carinho desse homem, que mal me conhece, deixa-me reconfortado. Ele já se preocupou comigo mais que meu pai em sua vida toda. Sorrio quando ele me diz que posso ir a sua casa quando quiser.

Mas janto sozinho. Não quero estragar a noite de Judith e de sua família.

Quando acabo meu sanduíche, decido passar pela casa dela.

Ao chegar, toco a campainha. Manuel abre. Dá-me um abraço caloroso e, baixando a voz, murmura:

— Paciência. Paciência com minha moreninha!

Rio. Esse homem me faz sorrir. Ao entrar na sala, vejo que Jud não está, mas sua irmã, sua sobrinha e seu cunhado. Imediatamente, eles me cumprimentam.

Estou conversando com eles quando, de repente, aparece a deusa de minha vida, mais linda do que nunca, com um vestido preto sexy e provocante.

Aonde ela vai vestida assim?

Olho para ela alucinado, pisco e, sem medir as palavras, murmuro:

— Oi, querida!

Ao ver sua expressão séria, quando ela já está saindo da sala, me corrijo:

— Bem, talvez *querida* tenha sido desnecessário.

Raquel me olha com dó. Sinto que ela me entende. Tenta deixar o ambiente mais agradável. A campainha toca e seu marido vai abrir. De repente, junto com ele entra o imbecil que estava com Judith no pub, o tal de David.

Que diabos esse sujeito está fazendo aqui?

Ele me olha com o mesmo desconcerto que eu sinto. Sem dúvida, deve estar se perguntando o que estou fazendo ali. O marido de Raquel dá um jeito de puxar conversa. O sujeito responde, mas eu, que não estou a fim de suportar isso, vou para a cozinha, onde está Judith. Entrando, sem me importar com a presença de Raquel, sibilo:

— Jud, você não vai sair com esse sujeito. Não vou permitir.

Minha pequena se vira rapidamente. Olha para mim com essa expressão espanhola que tanto me desespera e, com arrogância, pergunta:

— E quem vai me impedir? Você?

Ah, não, srta. Flores, não. Não gosto que fale assim comigo… E, fitando-a, respondo:

— Se eu tiver que jogar você em meu ombro e levá-la comigo para impedi-la, farei isso.

Judith solta uma de suas respostas e sua irmã sorri. Com seu sorriso, Raquel me dá forças para continuar lutando por Jud. Depois que ela diz que está farta de mim e que não tem mais paciência, sussurro:

— Eu te amo.

Mas fico boquiaberto quando ela replica:

— Azar o seu.

Azar o meu?! Isso dói.

Sua indiferença e arrogância me machucam. Mas, certo de que a deixaria inclusive pisar em mim, sussurro:

— Não posso viver sem você.

Um “Ohhhhh!” escapa da boca de Raquel. Sem sombra de dúvida, ela gosta de minhas palavras.

Em seguida, Judith se aproxima de mim, fica na ponta dos pés e sibila em meu rosto:

— Nós terminamos. Que parte dessa frase você não entendeu?

Imóvel, olho para ela.

Caralho, essa espanhola me deixa enlouquecido!

Eu achava que eu era a pessoa mais cabeça-dura do planeta, mas não. Sem dúvida, é minha pequena.

Sua irmã a repreende, tenta mostrar-lhe que não está portando-se bem. Sem

dar-me por vencido, me aproximo e, dirigindo-me a Judith, afirmo:

— Você vai comigo.

Ela recusa, mas eu insisto. Se tiver que suplicar, suplicarei. Por ela, faço o que for preciso.

Aguento.

Aguento seus ataques, suas recriminações, suas queixas. E, quando não aguento mais, pego-a em meus braços e a beijo. Tomo sua boca maravilhosa e a saboreio com avidez, com desespero e sem medida. Sinto meu coração palpitar. E, quando a deixo tomar ar, ela murmura:

— Cansei de suas imposições…

Calo-a de novo com outro beijo. Quando nossos lábios se separam, ela insiste:

— De suas ceninhas, de sua irritação e…

Beijo-a de novo.

Minha pequena é obstinada demais, mas sei que minha boca a aplaca; assim como seu olhar me aplaca. Então, ela solta a frigideira que havia pegado um momento antes, e que durante alguns segundos pensei que acabaria em minha cabeça, e murmura:

— Não faça isso comigo, Eric…

Não a deixo ir, não quero. Apoiando minha testa na sua, suplico:

— Por favor, meu amor, por favor… por favor… por favor, escute. Uma vez, você me fez ficar com raiva para que eu fosse atrás de você, mas não sei fazer isso. Eu não tenho sua magia, nem sua graça, nem seu carisma para conseguir esses golpes de efeito. Sou apenas um alemão insosso que está diante de você pedindo… suplicando uma nova chance.

Conversamos…

Por fim, nos comunicamos. E, embora ela ainda não esteja cem por cento de acordo comigo, sinto-a mais próxima, mais receptiva.

— Tenho que falar com David — murmura ela.

Não a solto.

Não entendo por que ela tem que falar com esse homem, mas ela me faz entender que ele merece uma explicação.

Gostando ou não, eu sei que ela tem razão. Por fim, a solto. Olhamo-nos em silêncio quando ela dá meia-volta e se dirige à sala.

Sigo-a. E, quando ela e o sujeito saem para conversar a sós, fico sem saber o que fazer. A pequena Luz se aproxima de mim e, chamando minha atenção, pergunta:

— Quer pendurar seu desejo?

Olho para ela. Não entendo. Que negócio é esse de desejo?

Então, ela me mostra uma árvore de Natal de plástico verde, horrorosa, cheia de enfeites, um mais feio que o outro, e diz, apontando para algo que não adivinho o que é:

— Você pode pendurar o desejo que quiser.

De imediato, nego com a cabeça. Sei muito bem qual é meu desejo e não preciso pendurá-lo. Dirigindo-me um sorriso, Raquel pega a filha e a leva dali.

Nervoso, olho para a porta.

Não vejo graça nenhuma em saber que Judith está atrás dela com esse sujeito.

— Tudo bem, rapaz? — pergunta Manuel, aproximando-se.

Suspiro e afirmo:

— Acho que sim.

Ele balança a cabeça e murmura:

— Já falou da casa?

Nego com a cabeça. Não pude falar com ela. Então, ele me aconselha, com um sorriso:

— Paciência, Eric. Minha moreninha é uma mulher com um gênio dos diabos. É igualzinha à mãe!

Olhamo-nos e sorrimos. Nesse momento, Judith entra na sala e o silêncio reina. Todos olham para nós esperando que façamos algo. Estendendo a mão à mulher que conseguiu me jogar a seus pés como um trapo, pergunto:

— Vem comigo?

Ela não responde, não diz nada. E já estou me preparando para o assalto seguinte.

Surpreendentemente, sua sobrinha a incentiva a ir comigo. No olhar de todos leio que, em silêncio, eles desejam o mesmo. Sem dúvida, essa família vai com a minha cara.

De repente, Judith diz:

— Por ora, você e eu vamos conversar.

— O que você quiser, querida — afirmo, emocionado, e ela desaparece pelo corredor.

Ao ver que a filha não pode vê-lo, Manuel faz o gesto da vitória para mim. Sorrimos.

Minutos depois, saio da casa com minha mulher em uma das mãos e sua mochila na outra. Em silêncio, caminhamos até o carro. Quando chegamos, solto a mochila e, na escuridão da noite, murmuro enquanto a abraço, agradecido:

— Eu vou conquistar você todos os dias.

40

Calmo pela primeira vez em muito tempo, dirijo até a casa de Jerez.

Ao descer do carro, pego a mão de Judith e sua mochila. Em silêncio, entramos na casa, e noto que ela para e olha ao redor.

A casa, que aluguei a primeira vez que vim a Jerez no verão passado, mudou por completo. Agora é uma casa moderna, com todo conforto.

Sua cara de surpresa me mostra que ninguém lhe contou nada. Depois de pôr uma música – que, como disse ela uma vez, amansa as feras –, olho para ela e declaro:

— Eu comprei a casa.

Judith pisca, sem acreditar. Nunca me cansarei de ver sua expressão quando algo a surpreende.

— Você comprou esta casa? — pergunta.

— Sim. Para você.

— Para mim?

— Sim, querida. Era minha surpresa de Natal.

Boquiaberta, ela continua olhando ao redor, enquanto eu me sento. O vestido preto que ela usa é sexy demais, extremamente sensual. Murmuro:

— Você está linda com esse vestido.

Ela se senta ao meu lado. Noto-a mais tranquila. Jud responde:

— Obrigada. Pode não acreditar, mas eu o comprei para você.

Gosto de saber disso. Passo o olhar por seu belo corpo e replico:

— Mas era a outros que você pretendia agradar com esse vestido.

Ela assente. Entende perfeitamente o que estou dizendo. E responde com sua arrogância habitual:

— Como eu lhe disse uma vez, não sou santa. E, quando estou sozinha, dou de mim o que quero, a quem quero e quando quero. Sou minha única dona, e isso tem que ficar bem claro de uma vez por todas.

Sua arrogância me deixa louco, mas não quero discutir, de modo que só aponto:

— Exato: quando está sozinha, que não é o caso.

Noto que ela não gosta muito de minhas palavras. Olhamo-nos, desafiamo-nos como tantas outras vezes, a música tocando de fundo. Como preciso de um sorriso dela, digo:

— Minha mãe e minha irmã mandam lembranças. Esperam vê-la na Alemanha na festa do dia 5, lembra?

— Sim, mas não conte comigo. Não vou.

Suspiro. Evidentemente, seu gênio dos diabos continua latente. Tento dialogar com ela. Busco em mim toda a tranquilidade, a paz e a calma necessárias para falar sem erguer a voz, por mais que ela me provoque. Mas, no fim, digo:

— Não vou permitir que você continue trabalhando como garçonete nem aqui nem em nenhum outro lugar. Odeio ver como os homens olham para você. Sou muito territorial com minhas coisas e você…

Ela me responde torto. Mas talvez seja o que me mereço.

Conversamos… conversamos… e conversamos, e, quando menciono o anel que lhe dei de presente, ela diz que não o quer e que posso enfiá-lo naquele lugar.

Deus, dai-me paciência!

Insisto, insisto até o limite, mas ela se mantém obstinada. No fim, desisto.

Ela me mostra como a fiz se sentir mal da última vez que nos vimos, no escritório. Eu lhe peço desculpas. Sinto vergonha ao lembrar. Então, ela murmura, deixando-me ver um pequeno raio de esperança:

— Você vai ver, sr. Zimmerman, porque, a partir deste instante, cada vez que eu ficar furiosa com você, haverá um castigo. Cansei de só você ter o direito de castigar.

Olho para ela incrédulo.

Ela pretende me castigar?

Acho graça e pergunto:

— E como pretende me castigar?

Com sensualidade, ela se levanta do sofá.

Minha mulher é linda! Devoro-a com o olhar. Voltando-se para olhar para mim, ela responde:

— Por enquanto, privando-o do que você mais deseja.

Franzo a testa e também me levanto. Não vejo graça em ser privado de nada. E do alto de minha estatura, insisto:

— O que quer dizer exatamente?

Judith começa a andar. Rebola. E, quando uma mesa está entre nós, responde:

— Você não vai usufruir de meu corpo. Esse é seu castigo.

Minha alma se congela, enquanto minha mente pensa com rapidez em como fazê-la mudar de ideia.

Sei que neste instante minha expressão não é das mais conciliadoras. Eu pretendia passar a noite nu com ela na cama. Queria fazer amor com ela em mil posições e de mil maneiras, mas suas palavras acabam de apagar todos os meus planos. Contrariado, sibilo:

— Você quer me deixar louco?

Ela não responde, então prossigo:

— Você fugiu de mim. Fiquei louco por não saber onde você estava. Você não atendeu ao telefone durante dias. Bateu a porta em minha cara e ontem à noite a vi sorrindo para outros homens. E, mesmo assim, quer me castigar ainda mais?

— Isso mesmo! — diz ela com tranquilidade.

Praguejo em pensamentos.

Estou furioso, muito.

Digo que quero fazer amor com ela, beijá-la, possuí-la, e ela responde que quando eu a castigava ela respeitava e que agora é minha vez de respeitar.

Caralho!

Praguejo e praguejo de novo e, frenético, pergunto:

— E até quando vai durar meu castigo?

— Até que eu decida.

Permanecemos em silêncio alguns segundos. Em seguida, ela pergunta:

— Onde fica meu quarto?

— Seu quarto?! — exclamo, surpreso.

Ela assente. E, com um sorriso malicioso, sussurra:

— Eric, você não pretende que durmamos juntos…

Assim já é demais! Vou explodir. Mas, quando vou protestar, essa bruxinha de olhos escuros como a noite diz:

— Não, Eric, não. Quero minha privacidade. Não quero dividir a cama com você. Você não merece.

Incrível! Isso é inacreditável. Furioso, sibilo:

— Você sabe que a casa tem quatro quartos. Escolha o que quiser. Dormirei em qualquer um que estiver livre.

Ela assente. Pega sua bolsa e vai exatamente para o quarto onde eu dormi, que é o mesmo onde ficamos no verão.

Sem entender por quê, aceito. Dou meia-volta e me dirijo à cozinha. Com

sede, bebo água. Vejo no relógio que são duas e meia da madrugada.

Submetendo-me a seus desejos, ando pela casa e acabo em frente à lareira. Estou contemplando o fogo arder quando, de repente, um barulho chama minha atenção. Levanto os olhos e a vejo ali… tentadora… sedutora… irresistível.

Durante alguns segundos nos encaramos:

— Posso lhe pedir um favor? — diz ela.

Assinto. Pode pedir mil.

— Claro — digo.

Encantadora, ela se aproxima de mim. Com sensualidade, afasta o cabelo escuro para um lado e, com uma voz que faz todos os pelos de meu corpo se arrepiarem, murmura:

— Pode abrir o zíper do vestido para mim?

Sim… sim… sim!

A seguir, ela me dá as costas e eu paraliso.

Com as mãos trêmulas devido à ansiedade que sinto por possuí-la, seguro o zíper. E, aproveitando o momento, o calor e o perfume de seu corpo, desço-o lenta e pausadamente, com todos os meus instintos em alerta, louco para pular em cima dela à menor sugestão de sua parte.

Mas ela não diz nada. Resiste. Fitando seu pescoço tentador, murmuro:

— Jud…

— Sim, Eric…

Aproximando a boca de seu ouvido, sinto meu pênis inchar.

— Eu desejo você — digo.

Sinto sua pele se arrepiar. Estou com os olhos fixos na tirinha da calcinha escura dela.

— O que você deseja? — pergunta ela.

Satisfeito por senti-la um pouco mais receptiva, abraço-a por trás. E, apertando meu desejo contra seu bumbum, sussurro, enfeitiçado pelo que ela me faz sentir:

— Desejo você.

Extasiado, sinto-a apoiar a cabeça em meu peito, e meus quadris se movem. Com uma voz rouca e apaixonada, ela pergunta:

— Gostaria de me tocar, de me despir e de fazer amor comigo?

— Sim.

— Possessivo?

Isso me faz recordar como ela e eu somos quando nos possuímos.

— Sim — respondo.

Satisfeito, beijo seus ombros e a sinto esfregar o bumbum em meu corpo.

— Gostaria de me dividir com outro homem? — pergunta ela.

Imaginar-me abrindo suas coxas para outro me faz soltar um suspiro. Quando recupero a compostura, digo:

— Só se você desejar, querida.

— Eu desejo — afirma. — Eu o encararia e saborearia sua boca enquanto outro me possui.

— Sim… — gemo, afundando o nariz em seu lindo cabelo.

— Você lhe dará acesso a meu interior, me abrirá para ele e observará enquanto ele se encaixa em mim sem parar, enquanto eu suspiro e olho em seus olhos.

Caralho… sim!

Suas palavras, seu tom de voz, o que ela me faz imaginar, tudo isso está me deixando a mil. Minha excitação não poderia ser maior, quando, de repente, ela se solta de minhas mãos e, virando-se e mudando de tom, diz:

— Não, Eric… você está de castigo.

Olho para ela receoso.

Essa bruxa está brincando comigo de novo.

Sinto-me um tolo. Um idiota.

E, antes que eu possa dizer o que penso, ela segura o vestido para que não caia e, saindo da sala, diz com todo seu descaro:

— Boa noite.

Não posso acreditar no que ela fez.

A sem-vergonha, não satisfeita com seu castigo, ainda veio me provocar, me excitar, me deixar louco, para depois me largar duro como uma pedra e… sozinho.

Transtornado, vou até a porta do quarto. Não pretendo permitir que ela brinque assim comigo.

Seguro a maçaneta e, quando estou prestes a entrar e possuí-la, querendo ela ou não, algo em mim me faz compreender que Judith não me deseja. Dando meia-volta, entro em outro quarto e me masturbo pensando nela.

41

Depois de um dia em Zahara de los Atunes com meus amigos Frida e Andrés, voltamos para casa e, de novo, Judith me obriga a dormir sozinho.

Até quando vai durar essa tortura?

Minha fúria vai aumentando, mas decido não suplicar. Se ela quer assim, assim será, por mais difícil que seja e por mais que eu tenha que me masturbar todos os dias.

De manhã, bem cedo, recebo uma ligação de minha mãe, que me pede que volte a Munique. A babá que cuida de Flyn decidiu voltar para Viena com a família.

Problemas!

Falo com a babá, tento fazê-la ponderar, imploro que espere alguns dias até minha volta, mas ela se recusa e encerramos a conversa de forma nada amigável.

Contrariado pela forma como o dia começou, vou para a cozinha preparar um café. Dexter, meu grande amigo mexicano, liga para me desejar Feliz Natal. Como sempre, seu humor é excelente e, embora o meu não seja dos melhores, reconheço que ele me faz sorrir. Dexter é assim.

Despedimo-nos e combinamos de nos ver mais para a frente. Assim que largo o celular, ele volta a tocar. É minha irmã.

Ela também não está de bom humor. Exige que eu volte para a Alemanha para que ela e minha mãe possam aproveitar seus planos para o réveillon. Discuto com ela e, depois, também com Flyn, que pega o telefone.

Eles vão me deixar louco! Claramente, hoje não é meu dia.

Quando Judith se levanta, não diz nada. Sei que ela me ouviu falar com metade da Alemanha.

Mais tarde, depois de um dia extenuante cheio de ligações e de discussões com minha família, olhando para mim, ela diz:

— Acho que devemos ir para a Alemanha.

Olho para ela. Não sei se ouvi bem, então pergunto, surpreso:

— Você iria comigo?

Ela assente, sorri e, dando-me um pouco de carinho depois de vários dias, afirma:

— Claro que sim, querido.

Emocionado por não ter que a deixar, apoio a testa na sua e a abraço.

O gesto de Judith me faz acreditar que estamos indo por um bom caminho.

Um pouco depois, vamos para a casa de Manuel. Judith lhe conta o que aconteceu e promete estar de volta para o dia 31. Passará com eles a última noite do ano, como sempre fez, e seu pai assente, satisfeito.

Quando aterrissamos em Munique com meu avião particular, noto que nevou bastante e está muito frio. Norbert está nos esperando. Apresento-lhe Judith, que lhe sorri, encantada.

Ao chegar diante de minha casa, ela olha ao redor com curiosidade e, quando o portão de entrada se abre, ouço-a murmurar:

— Que belo jardim!

Assinto. O terreno é grande mesmo.

— Espero que goste da casa também — digo.

Norbert para o veículo. Estou nervoso. Nunca pedi a Betta que fosse morar comigo, mas pedi a Judith, quase sem a conhecer direito.

Ela desce do carro e olha ao redor, surpresa.

— Bem-vinda — digo.

Pego sua mão e a puxo. Está frio demais para ficar do lado de fora. Quando chegamos em frente à porta, Simona a abre e eu faço as apresentações:

— Judith, esta é Simona. Ela cuida da casa, junto com o marido.

Ambas sorriem. E, quando Norbert chega com a bagagem, digo:

— Norbert é o marido dela.

Nesse instante, Judith faz algo que os deixa boquiabertos. Dá dois beijos em cada um e, com seu alemão perfeito, diz:

— É um prazer conhecê-los.

Achando graça, observo Norbert e Simona se olharem depois desse arroubo de efusividade espanhola. Ela responde:

— Igualmente, senhorita.

Quando os empregados se retiram, Judith olha ao redor com curiosidade.

— Na Alemanha não somos tão beijoqueiros. Você os surpreendeu —

comento.

Norbert e Simona deixam nossa bagagem em um quarto do andar de cima, descem e, ao passar por nós, nos dão boa-noite.

— Eles vivem na casa que fica na entrada — explico a Judith.

Ela assente. Feliz, mostro-lhe a casa. Quando ela vê a piscina interna, quase dá pulos de alegria. Fica contente demais.

Depois, mostro-lhe a sala de jogos de Flyn, e Jud se surpreende ao ver como está limpa e arrumada. Explico a ela que eu sou igual. Ela sorri e, com sua expressão característica, diz que nisso teremos conflitos.

Saímos da sala de jogos e entramos em outro quarto praticamente vazio. Digo que esse será para as coisas dela. Flyn tem seu espaço, eu tenho o meu em meu escritório e, claro, ela também terá o seu. Isso a surpreende.

Continuamos a visita pela casa até chegar a meu quarto, todo em tons de azul, com uma cama gigante que espero aproveitar ao máximo com ela. Judith assente, satisfeita, e, quando vê o enorme banheiro com a grande jacuzzi e a ducha com hidromassagem, tenho que rir. Sua cara de espanto é muito divertida.

Saímos desse quarto que será nosso e passamos pelo de Flyn. De novo, chama sua atenção ver como é organizado.

Continuo mostrando-lhe o resto dos aposentos. Vejo-a observar tudo ao redor e sinto que ela acha minha casa sem graça. Realmente, comparada com a dela, que é só cor e vida, ou com a de seu pai, cheia de guirlandas, uma árvore de plástico verde horrorosa e luzes coloridas por todo lado, imagino que a minha, com seus tons escuros, não deve deixá-la muito animada.

Ela não comenta nada. Descemos a escada de mãos dadas e entramos na linda cozinha de aço e madeira.

É a última coisa que redecorei. Noto que ela gosta.

— Espero que tenha gostado da casa — digo, soltando sua mão.

— É linda, Eric.

Conversamos um pouco, rimos, até que a pego pela cintura e a coloco em cima do balcão. E, fitando-a nos olhos, pergunto, esperançoso:

— Já terminou o castigo?

Ela não responde. Intuo que está lutando contra seu próprio castigo. Sentindo desejo por ela, exijo:

— Beije-me.

Ela não se mexe e não me beija. Insisto:

— Beije-me, pequena.

Mas ela continua parada. Cabeça-dura!

E disposto a tudo para poder possuí-la, levo minha boca à sua, passo a língua por seu lábio superior, depois com carinho pelo inferior e, quando lhe dou

uma mordidinha, sinto sua respiração se acelerar. Por fim, ela me beija, apertando-me contra seu corpo. Devora-me. Demonstra o quanto me deseja, e eu respondo com prazer.

O anseio me consome, a consome, nos consome. Mas, de repente, Judith murmura:

— Não… você não está perdoado.

Olho para ela sem acreditar.

Está de brincadeira, não é?

Mas não, não é uma brincadeira. E, como ela insiste e me pede um quarto para dormir sozinha, faço o que pede. Subimos a escada e a indico o mais afastado do meu.

Sem olhar para ela nem a beijar, dou-lhe boa-noite e saio do quarto sem olhar para trás. Eu não esperava isso em um momento tão bonito como o que estávamos vivendo. Furioso, fecho a porta de meu quarto.

Maldita cabeça-dura espanhola!

Horas depois, quando acordo, ainda é cedo. Cedo demais para Judith estar acordada. Decido ir para a piscina e nadar. Um pouco de atividade física pela manhã sempre cai bem.

Quando acabo, Simona já está andando pela casa. Digo-lhe que Judith está dormindo no quarto do fundo. Seu olhar incrédulo demonstra que isso a surpreende tanto quanto a mim, mas ela desaparece sem comentar nada. Tem coisas a fazer.

Já passam das dez da manhã quando Jud entra na cozinha. Estou lendo o jornal e a cumprimento sem beijos nem carinhos. Se ela quer distância e frieza, é o que terá.

Querendo agradá-la, Simona lhe oferece de tudo. Mas, no fim, Judith só toma um café com leite e come um pedaço de bolo feito pela própria Simona.

— Hmmm, está uma delícia, Simona! — exclama Jud, saboreando-o.

Feliz, observo enquanto as duas conversam.

Jamais uma mulher que não fosse minha mãe ou minhas irmãs dormiu em minha casa. Reconheço que gosto muito de ver Judith ali. Aproveito o momento em que Simona sai e murmuro:

— Ainda não acredito que você está sentada na cozinha de minha casa.

Ela sorri. Eu também. Mas, ao recordar sua frieza, mudo o tom de voz e digo:

— Quando acabar, vamos à casa de minha mãe. Preciso pegar Flyn, então almoçaremos por lá mesmo. Depois, tenho um compromisso, um jogo de basquete.

Isso a surpreende. Ela não imaginava que eu jogasse basquete.

Com um sorriso que me acaricia a alma, ela me olha e pergunta:

— Quando você disse que os alemães não são muito efusivos nos cumprimentos, queria dizer que também não haverá beijos de bom-dia?

Finjo surpresa. Alegra-me saber que ela sente falta dos beijos que antes trocávamos ao acordar. Mas, sem olhar para ela, respondo enquanto folheio o jornal:

— Haverá beijos sempre que nós dois quisermos.

Jud assente e não diz nada. Estranho… estranho…

Horas depois, quando vamos sair de casa, observo seu casaco. É muito fino para o frio da Alemanha, e digo que ela precisará fazer compras. Rapidamente, ela me tira essa ideia da cabeça dizendo que ficará apenas alguns dias. Suspiro ao pensar nisso.

Com o humor um pouco melhor, entramos em minha Mitsubishi. Arrancamos e ligo o rádio. Começa a tocar Maroon 5. Judith cantarola. Adoro!

Feliz, ouço-a enquanto dirijo pelo distrito de Riem até chegar ao elegante bairro de Bogenhausen, onde mora minha mãe.

Já em frente a sua casa, desligo o motor e descemos do carro. Então, minha mãe sai pela entrada e vem nos receber. Beija nós dois, emocionada, depois diz, dirigindo-se a Judith:

— Bem-vinda à Alemanha e a sua casa, querida. Vamos amar muito ter você aqui.

Fico feliz por minha mãe a receber assim. Sorrio quando Jud replica, contente:

— Obrigada, Sonia.

Ao entrar em casa, um barulho estrondoso me diz que meu sobrinho está jogando PlayStation na tevê da sala de jantar. Vou reclamar com minha mãe por mimá-lo quando uma das jovens que trabalham na casa se aproxima e solicita sua atenção.

Judith me olha. Não entende que barulho é esse. Aproximando-me dela, pergunto, aos gritos:

— Está pronta para conhecer Flyn?!

Ela assente e, de mãos dadas, nos dirigimos à sala.

Ao abrir a porta de correr, os decibéis do jogo se multiplicam por cem. Eu já disse mil vezes a meu sobrinho que não deve jogar assim, ou vai ficar surdo. De repente, ele me vê e, soltando o controle do PlayStation, grita, correndo para

mim:

— Tio Eric!

Emocionado por sua recepção, eu o abraço. Mesmo que eu fique bravo com ele mil vezes, Flyn é meu menino. Animado, ele logo me conta os avanços que fez no jogo.

Eu o escuto, contente, e o parabenizo pelos progressos. Satisfeito por vê-lo feliz, digo, abaixando o volume da TV:

— Flyn, quero lhe apresentar Judith.

Ao dizer isso, vejo sua expressão ficar sombria. Isso não é bom.

Judith caminha até ele e o cumprimenta alegremente em alemão:

— Olá, Flyn!

Meu sobrinho a olha. Fixa os olhos nela. Tiro seu boné da cabeça e bagunço seu cabelo, e ele responde com voz intimidadora:

— Olá, srta. Judith!

Ela se surpreende. Vejo isso em sua expressão e no modo como olha para ele.

Sem dúvida, ela esperava o típico alemão, louro, de pele e olhos claros, e não um menino com cem por cento dos genes coreanos do pai.

— Flyn, pode me chamar de Jud, ou Judith, está bem?

Observo como ele olha para ela. Está desconfiado, e eu entendo. Ele não a conhece. Não sabe quem ela é e, quando vou dizer algo, minha mãe entra na sala.

— Meu Deus, que maravilha poder falar sem gritar! — exclama. — Vou ficar surda! Flyn, meu querido, você pode jogar com o volume mais baixo?

— Não, Sonia.

Incomoda-me o fato de ele sempre chamar minha mãe pelo nome. Preferiria que a chamasse de *yaya* ou *vovó*. Mas, bem, isso é entre minha mãe e ele, e é melhor eu não me meter.

— Vamos jogar uma partida, tio?

Minha mãe sai da sala quando ouve o telefone dela tocar, e, então, Judith pergunta:

— Posso jogar?

Ao ouvi-la, Flyn nem sequer a olha e responde com desdém:

— Meninas não sabem jogar.

Disfarçando um sorriso, observo a expressão de Judith. É óbvio que essa doeu. Mas ela insiste:

— E por que você acha que as meninas não sabem jogar?

Flyn suspira, fixa seus olhos escuros e rasgados nela e diz:

— Porque é um jogo de homens, não de mulheres.

Parece que estou assistindo a uma partida de tênis. Uma fala e o outro responde. O outro fala e a outra responde. Até que, contrariada, ela replica:

— E se eu mostrar que mulheres também sabem jogar Mortal Kombat?

Meu sobrinho me olha de soslaio, balança a cabeça e sibila:

— Não jogo com garotas.

Está claro que ele não quer saber dela. Judith me dirige um olhar contrariado. Noto que a atitude de Flyn a irrita. Ela resmunga em espanhol com um falso sorriso:

— Que tipo de educação machista você está dando a esse pirralho resmungão? Sorte que ele é seu sobrinho, porque, se outro me dissesse isso, eu ia lhe dizer umas poucas e boas, por mais jovem que fosse.

Sorrio. Não posso evitar, principalmente quando o garoto olha para ela.

— Não se assuste, pequena. Ele está fazendo isso para impressioná-la. E, a propósito, Flyn fala um espanhol perfeito — explico.

A expressão de Jud ao ouvir isso é indescritível.

— Não sou um pirralho resmungão — replica meu sobrinho em castelhano —, e se não jogo com você é porque quero jogar só com meu tio.

— Flyn… — faço-o calar.

Não quero que se exceda.

Segundos depois, o jogo volta a ecoar na sala. Atendo ao pedido de meu sobrinho e jogo com ele. E me divirto!

Instantes depois, vejo minha irmã entrar e levar Judith. Olho para meu sobrinho e digo, sem parar de jogar:

— Posso lhe pedir um favor?

— Claro, tio.

Depois de passar para outra fase do jogo, prossigo:

— Gostaria que você fosse educado com Judith.

— Por quê?

— Porque eu estou pedindo.

Flyn olha para mim, nega com a cabeça e resmunga:

— Que coisa chata!

Suspiro. Sinto que isso vai me trazer mais de um desgosto.

— Há alguns dias, eu falei com você e lhe disse que gosto muito dela e que minha intenção é que more conosco — insisto.

Flyn não responde, continua jogando. E, quando lhe dou um cutucão para que se lembre de que estou falando com ele, diz:

— Mas, tio, você e eu vivemos muito bem sozinhos. Por que ela tem que ficar na nossa casa?

Sorrio. Flyn sempre considerou a casa em que vivemos seu feudo.

— Acabei de dizer: porque gosto muito dela — repito.

Ele suspira. Não vê graça no que está ouvindo.

— E vocês vão dormir juntos em seu quarto? — pergunta, contrariado.

— Esse é o plano — afirmo, convicto.

Ele resmunga. Fica bem contrariado com isso e murmura:

— Desmancha-prazeres.

— Flyn…

— Viver com garotas é uma chatice!

— Flyn! — recrimino-o.

— Mas, tio, ela vai atrapalhar nossas noites de homens.

Sorrio. Acho engraçada sua percepção de uma mulher vivendo conosco. Sem parar o jogo, que nós dois adoramos, insisto:

— Comporte-se bem com ela e lhe prometo que nada mudará entre nós.

Vinte minutos depois, minha mãe, minha irmã, Flyn, Jud e eu nos reunimos ao redor da mesa para almoçar. As mulheres não param de falar, conversam sobre tudo. Essas três se parecem mais do que jamais pensei. O menino me olha, horrorizado, e não abre a boca.

Depois do almoço e da sobremesa, Flyn, Jud e eu vamos para o ginásio poliesportivo de Oberföhring, onde vou jogar basquete com Björn e outros amigos.

Ao chegar, encontramos Frida, Andrés e o pequeno Glen. Judith sorri ao vê-los, feliz. Quando Andrés e eu nos despedimos deles e vamos para o vestiário, ele sussurra, olhando para mim:

— Ora, ora! Fico feliz de ver que fizeram as pazes.

Assinto. De um jeito ou de outro, Judith está comigo.

Entramos no vestiário. Encontro Björn, que, ao me ver, sorri. Fazemos um high-five e ele diz:

— Eu não tinha certeza de que você viria.

Assinto com um sorriso. Troco de roupa. Vamos para a quadra para aquecer. Björn segue meu olhar e murmura:

— Essa não é a garota de Zahara que…

— Sim — interrompo.

Meu amigo sorri e, recordando nossa última conversa, pergunta:

— Mas você não disse que havia sido um erro?

Assinto, sei o que disse. E, sem deixar de olhar para ela, todo bobo, declaro:

— Foi um erro afirmar isso. A propósito, eu lhe propus morar comigo.

Björn me olha, surpreso. Joga a bola e exclama:

— Morar com você?!

Volto a assentir.

Sei que é uma loucura, mas afirmo:

— Sim, amigo, você ouviu bem. Inclusive, estou pensando em levá-la à Riviera Maya.

Por sua expressão, fica claro que Björn não está entendendo nada.

— Ela me disse que é a viagem dos seus sonhos — sussurro.

Meu amigo assente e, olhando para Judith, pergunta:

— E o que o levou a tomar a decisão de viver com ela?

Vejo Jud sorrir para Frida e sua expressão me faz sorrir como um bobo.

— Percebi que preciso dela em minha vida — respondo.

Björn meneia a cabeça, está totalmente surpreso. Sussurra:

— Eric, sinceramente, não o entendo. Você disse que depois de Betta não…

— Eu sei — interrompo-o —, mas, acredite, Judith é diferente. Ela vale a pena. Quando a conhecer, você vai ver que é verdade.

Meu amigo sorri. Não tem certeza do que digo, nem acho que me entenda. Mas, como sempre, dando-me um voto de confiança, afirma:

— Tudo bem. Vamos conhecê-la.

— Mas de longe — aponto.

Björn cai na gargalhada. Vai replicar quando me antecipo e reconheço:

— Eu sei. Desnecessário.

O jogo começa. Empenho-me ao máximo, enquanto o tempo todo olho para a arquibancada e vejo que Judith continua ali e que está bem. Sua simples presença me faz feliz, e nem os empurrões nem nada estragam o jogo. Quando, no fim, ganhamos por doze pontos, sei que será um bom dia!

Com Flyn sobre meus ombros, comemoro nossa vitória. E, no momento em que me sento e ele vai atrás de Björn, que o provocou, de repente Judith se acomoda sobre meus joelhos e, surpreendendo-me, beija-me com paixão.

Hmmm… adoro sua impetuosidade!

Sua demonstração de afeto em frente a meus colegas de time não me incomoda em absoluto. Na verdade, adoro! Depois de nos beijarmos, vejo como as mulheres que costumam assistir a nossos jogos nos olham; sorrio, intuindo o motivo.

Meu olhar se fixa na mulher que é dona de minha boca e murmuro:

— Pequena, se eu soubesse, teria trazido você antes a uma quadra de basquete.

Ela sorri. Adoro esse sorriso. E aproveito para perguntar disfarçadamente:

— Isso significa o fim do castigo?

Judith assente com uma expressão engraçada, eu sorrio abertamente e ela me beija de novo.

Sem dúvida, é um grande dia!

42

Ao deixar o ginásio, decidimos ir ao Jokers, o restaurante de Klaus. Como sempre, o pai de Björn nos atende maravilhosamente bem. Quando lhe apresento Judith e lhe conto que ela é espanhola, ele diz: *Paella… Olé… Torero*. Ela me olha, alegre, e tomamos umas cervejas no balcão. E, quando Klaus abre um salãozinho para nosso grupo, vamos para lá.

Durante o jantar, de vez em quando pego a mão de Judith. Preciso de seu contato, e ela não nega. Aproximando-me de seu ouvido, murmuro:

— Desde que sei que o castigo acabou, não vejo a hora de chegar em casa, pequena. Você deseja o mesmo?

Ela assente. Mostra que me deseja tanto quanto eu a ela. Disfarçadamente, olho para meu amigo Björn e lhe pergunto, baixando a voz:

— Acha que eu poderia entrar no escritório?

Ele sorri, olha para Jud, que está falando com Frida e não percebe o que estou planejando, e se levanta.

Segundos depois, volta e discretamente me entrega uma chave.

— Divirta-se, amigo — diz e, levantando a voz, completa: — Eric, quando contei à nova cozinheira de meu pai que Judith é espanhola, ela exigiu que a apresente.

Levanto-me sem perder tempo. Faço um high-five de cumplicidade com meu grande amigo e comento:

— Façamos o que pede a cozinheira, ou não poderemos voltar a este restaurante.

Todos soltam uma gargalhada. Ninguém sabe o que tenho em mente, só Björn. E este, ao ver que Flyn se levanta para ir conosco, o detém e diz:

— Se você sair, vou comer todas as batatas.

Meu sobrinho defende seu prato. Se tem algo de que ele gosta é de batata frita.

Aproveitando o momento, pego Judith pela mão e saímos. Caminhamos em silêncio pelo restaurante até que chegamos em frente a uma porta. Pego a chave que Björn me deu, abro a porta e entramos. Fecho-a e tiro o paletó, sussurrando para Judith:

— Não aguento mais, querida. Estou faminto e não quero a comida que me espera sobre a mesa.

Ela me observa boquiaberta. Deixo bem claro que a história de ir conhecer a cozinheira era uma desculpa para ficar a sós com ela. Sento-a em cima da mesa do escritório e a beijo, percorro com a língua seus lábios magníficos, e ela se lança e me devora.

Sim! Ela me deseja!

O frenesi se apodera de nós…

A loucura nos domina…

E, quando ela deixa bem claro que não quer que eu rasgue sua calcinha nem suas meias, contenho meu apetite desmedido, tiro suas botas e olho para ela.

Sorrindo, Judith desce da mesa, tira as meias com cuidado e eu caio de joelhos a seus pés.

Sou seu escravo!

Sabendo o que quero, ela se aproxima. Sua calcinha fica em frente a meu nariz. Pego-a pelas coxas e murmuro:

— Você não sabe quanta saudade senti de você.

Por sua expressão, sei que ela também sentiu minha falta. Satisfeito, aspiro seu perfume, esfregando minha bochecha em seu monte de Vênus. Desejo mais. Abaixo sua calcinha e o cheiro de seu sexo me enlouquece. É maravilhoso, inebriante.

Com prazer, passo a boca pela tatuagem que ela fez para mim. E, sentindo Jud vibrar em minhas mãos, murmuro:

— Peça-me o que quiser, pequena… o que quiser.

Olhamo-nos.

Tenho plena consciência do que eu disse e de que, por ela, farei qualquer coisa.

Acabo de tirar a calcinha dela e me levanto. Sento-a sobre a mesa, abro-lhe as pernas e, fitando com prazer aquilo que tanto anseio, seguro meu pênis ereto e sussurro, cheio de desejo:

— Fico louco de ler essa frase em seu corpo, pequena. Eu passaria horas saboreando-a, mas não temos tempo para preâmbulos. Por isso, vou comer você agora mesmo.

E o faço.

Introduzo minha ereção em sua umidade e, com uma única estocada

certeira, faço-a minha. Ela morde os lábios para não gritar, arqueia as costas e me mostra o quanto está gostando.

Judith me olha com esse tipo de olhar que diz: “faça comigo o que quiser, o que deve, o que deseja”, e minha loucura aumenta mais e mais.

Com prazer, entro e saio dela em busca de prazer. A intensidade de nossos movimentos aumenta a cada segundo. Jud se contorce, ergue-se, segura minhas nádegas com as duas mãos e, pelo jeito que me aperta, sei que ela quer força.

O prazer que sua exigência me provoca me faz tremer enquanto a penetro sem compaixão, e vejo em seus olhos que um orgasmo abrasador se aproxima. E ela exige:

— Agora… querido… mais forte agora.

Redobro minha potência.

Duro… forte… implacável…

Desejo que ela tenha prazer, que goze, que se delicie com o momento. Ela é minha dona, meu amor, minha mulher, e vou lhe dar tudo que pedir. Quando o clímax nos assalta com fúria, aproximo minha boca da dela e a beijo.

Excitado, tento respirar, assim como ela, e murmuro, fitando-a nos olhos:

— Não posso viver sem você. O que você fez comigo?

Ela sorri, dá-me um maravilhoso beijo nos lábios e responde:

— Fiz o mesmo que você comigo. Fiz você se apaixonar! Maravilhado, eu a contemplo.

A palavra *amor* sempre foi muito distante para mim, especialmente porque nunca acreditei nele. Mas Judith me fez mudar de opinião.

Depois de soltá-la a contragosto, porque, se fosse por mim, ficaria horas dentro dela neste escritório, nos vestimos e ela debocha, mostrando sua calcinha intacta.

Juro que quando chegar em casa vou rasgá-la!

Quando abro uma gaveta e pego papel para nos limparmos, ela pergunta se eu já estive ali em outras ocasiões. Digo que sim. Sem mais mentiras. Estive nesta sala muitas vezes, sozinho ou com Björn, curtindo a companhia feminina.

— Espero que a partir de agora você sempre conte comigo — diz ela.

Assinto. Tenho certeza de que, a partir de agora, vou querê-la sempre ao meu lado. Assim, respondo:

— Não tenha dúvidas, pequena. Você sabe que é o centro de meu desejo.

Ela gosta de minhas palavras, seu sorriso me diz. E, aproximando-a de mim, murmuro:

— Logo abrirei suas pernas para que outro a coma na minha frente, enquanto eu beijo seus lábios e bebo seus gemidos de prazer. Só de pensar, já fico duro de novo.

Noto que o que digo a deixa quente. Com tesão.

Sem dúvida, Judith está tão ansiosa quanto eu por brincar, e só de falar nisso queremos imediatamente!

Acabamos de nos vestir e, com calor, saímos da sala e nos dirigimos a nossa mesa, onde os outros continuam jantando.

Björn nos recebe com um sorriso de cumplicidade. Ele distraiu meu sobrinho em minha ausência. Depois que, disfarçadamente, lhe entrego a chave da sala, continuamos jantando.

Entretanto, meu desejo por Judith só aumenta, e estou ansioso para chegar em casa, onde vou rasgar sua calcinha e, pela primeira vez, possuí-la em minha cama.

43

No sábado, 29 de dezembro, falo com Judith e lhe digo que hoje darei mais atenção a Flyn, pois o menino anda me olhando com desconfiança.

Ela aceita sem hesitar. Entende minha preocupação, e eu fico muito grato.

Procuro fazer com que meu sobrinho se sinta bem com ela, e parece que consigo, ainda que em várias ocasiões saiba que ele tenta se livrar dela.

Disposto a fazer Flyn entender como Jud é importante para mim, quando ela vai ao banheiro, falo com ele. Explico que a presença de Judith não vai diminuir minha atenção nem meu carinho por ele. Embora ele assinta com a cabeça, não sei se acredita. Acho que não.

Quando minha garota volta, propõe jogar Wii ou PlayStation. Flyn diz que não, malcriado, e eu tenho que lhe dar uma bronca.

O que foi que acabamos de conversar?

Flyn se recusa a dividir qualquer coisa com Judith. Não quer jogar videogame com garotas. Mas, como quero que ele compreenda que seu conceito sobre as mulheres é errado, decido jogar com ela uma partida de Moto GP para mostrar que ela também sabe jogar. E, surpreendentemente, Judith ganha de mim!

Ela joga Moto GP melhor que eu?

Caralho, essa Jud!

Isso, junto com os deboches e as dancinhas que ela faz se exibindo por ser tão boa no videogame, alfinetam meu orgulho. Então, Flyn a desafia a jogar Mario Bros. E, boquiaberto, olho para ela quando ganha de novo!

Impressionante!

Essa mulher é uma máquina!

Flyn rosna, contrariado. Não vê graça nenhuma em perder para uma garota. Ela, depois de me dar uma piscadinha, incentiva-o a jogarem Mortal Kombat. Sei que ela o deixa ganhar.

Ainda bem, porque, caso contrário, ele ficaria arrasado.

Flyn pula, emocionado, em frente a ela. Dando de ombros, Jud demonstra que sabe ganhar e perder.

Eu fico grato a ela pela consideração.

Durante o dia todo procuro fazer de Flyn o centro das atenções. Ele exige isso. Quando me aproximo de Judith, ele rapidamente se coloca entre nós dois para nos separar. Só pude lhe dar um beijo uma vez que ele foi correndo ao banheiro. Apesar de tudo, reconheço que, na hora do jantar, Flyn me surpreende enchendo o copo de Coca-Cola de Jud quando ela o esvazia.

Bom sinal!

Quando meu sobrinho vai finalmente para a cama, estou esgotado. Mas, assim que fecho a porta do quarto e Judith sorri para mim, fico animado. A hora é nossa!

Decididos a aproveitar o tempo que temos juntos e sozinhos, tiramos a roupa, provocamo-nos e fazemos amor olhando-nos nos olhos e dizendo coisas excitantes e ardentes que nos incendeiam até a alma.

Com cumplicidade, contemplamo-nos. Brincando, ela diz que quer que façamos coisas sujas e ardentes, mas com elegância; e as fazemos. E como fazemos!

No dia seguinte, quando acordo e vejo Jud dormindo ao meu lado, sinto-me plenamente feliz, como poucas vezes me senti na vida. Fico observando-a por um tempo, até que ouço meu estômago roncar e decido descer para tomar café da manhã.

Na cozinha, encontro Simona, que está olhando uns papéis. Pergunto do que se trata e me surpreendo ao ver que ela está tentando fazer churros para o café da manhã de Judith. E ela consegue!

Orgulhosa, meia hora depois, ela me mostra o que preparou. E eu, para que Judith veja quanto essa mulher se esforça para fazê-la feliz, preparo uma bandeja de café da manhã, ponho debaixo do guardanapo uma coisa que é importante para mim e subo para o quarto.

No caminho, cruzo com Flyn. E, ao notar sua expressão de censura quando me vê com a bandeja, prometo a ele que estarei de volta em poucos minutos.

Ao entrar no quarto, encontro Judith acordada.

— Bom dia, moreninha — cumprimento de bom humor.

Ela sorri. Vou até a cama, saboreio o beijo que ela me dá e sussurro:

— Como está minha namorada hoje?

— Exausta, mas feliz.

Ouvir isso ilumina meu dia. Adoro saber que a noite passada foi colossal para nós dois. Reparando na bandeja, ela dá um salto e exclama:

— Churros? Isso são churros?

Sorrio, e, quando vou falar alguma coisa, ela pega um, passa-o no açúcar e, depois de dar uma mordidinha, murmura:

— Hmmm, que delícia! Com a gordurinha e tudo!

Solto uma gargalhada.

Sua expressividade, sua paixão e sua franqueza me fazem feliz. Conto que foi Simona quem os fez para ela. Depois de um segundo churro, ela pega o guardanapo para limpar a boca e zás! Embaixo está o anel que ela me devolveu.

Nós nos entreolhamos. Judith nem o toca, nem se mexe. Eu afirmo:

— Você é de novo minha namorada e quero que o use.

Olho para ela…

Ela me olha…

Sorri…

Sorrio…

E, por fim, pego o anel e o ponho em seu dedo. Depois, dou-lhe um beijo na mão e afirmo:

— Você é toda minha de novo.

Rimos, beijamo-nos, e, animada, ela pergunta:

— Por que você não me disse que seu sobrinho é chinês?

Solto uma gargalhada. Se Flyn a ouvisse, odiaria Jud pelo resto da vida.

— Ele não é chinês, é alemão — pontuo. — Não o chame de chinês, senão ele vai ficar louco da vida.

Ela zomba, e eu prossigo:

— Minha irmã Hannah morou na Coreia durante dois anos e lá conheceu Lee Wan. Quando engravidou, Hannah decidiu voltar para a Alemanha para ter Flyn aqui. Portanto, ele é alemão!

Surpresa com o que acaba de descobrir, ela assente e depois pergunta:

— E o pai de Flyn?

Recordar esse sujeito e, especialmente, o fato de ele ter ignorado o meu sobrinho quando nasceu faz com que eu franza as sobrancelhas.

— Ele era casado e nunca quis saber do filho — explico.

Judith assente, e eu prossigo:

— Ele teve um pai na Alemanha durante dois anos. Minha irmã namorava um sujeito chamado Leo. O menino o adorava, mas, quando aconteceu o acidente com minha irmã, o imbecil não quis mais saber do garoto. Ele deixou

claro o que eu sempre soube: que estava com minha irmã por dinheiro.

Assim que digo isso, noto meu tom de voz endurecer. Para mim, não é fácil recordar esses dois. Judith me olha e sussurra:

— Eric, amanhã é réveillon e eu…

Não lhe permito continuar. Com cuidado, cubro sua boca com a mão.

Dói pensar que ela tem que ir embora, mas, ciente de que ela quer passar a última noite do ano com a família, digo:

— Sei o que você vai dizer. Quer voltar para a Espanha para passar o réveillon com sua família, não é?

Jud assente. E, embora chateado, murmuro:

— Quero que saiba que, apesar de querer que você fique aqui comigo, entendo. Mas, desta vez, não vou poder acompanhá-la. Preciso ficar com Flyn. Minha mãe e minha irmã têm planos e eu quero passar a noite com ele em casa. Você também entende, certo?

Ela assente.

Em seus olhos vejo certa tristeza, mas não quero entrar nessa. Não pretendo que sinta pena de mim, nem ela nem ninguém. Minhas circunstâncias são como são, e assim as aceito.

Eu digo que ela pode ir para a Espanha em meu jatinho, mas ela recusa. Procuro convencê-la, mas ela recusa de novo. Quer pegar um voo comercial. No fim, desisto e me encarrego de lhe arranjar a melhor passagem.

Depois que compramos a passagem na internet, Jud me beija. Quando me afasto, deixo bem claro que, assim que ela voltar, farei todo o possível para cuidar dela, protegê-la e amá-la. Ela me beija de novo e diz:

— Eric, eu te amo.

Ao ouvir isso, fecho os olhos. E, quando os abro e olho para ela, sussurro:

— Eu te amo tanto, pequena, que ficar longe de você me deixa louco.

Não dá para abrir meu coração mais que isso. No momento em que vou beijá-la, ouço a porta do quarto se abrir e a voz de meu sobrinho, que grita:

— Tio, por que está demorando tanto?!

Em um sobressalto, nos afastamos.

Caralho, esse Flyn!

Fico louco por ele interromper esse momento tão especial entre mim e ela.

— Quer um churro, Flyn? — pergunta Judith.

Ele faz cara de nojo. Evidentemente, está de má vontade com ela de novo. Antes de sair do quarto, ele murmura:

— Tio, espero você lá embaixo para jogar.

Contrariado, observo a porta fechada.

— Não tenho a menor dúvida de que Flyn ficará muito contente com minha

partida — comenta Jud, com um sorriso.

Olho para ela e, beijando-a, digo:

— Ande, coma e vamos aproveitar as horas que nos restam juntos.

Mas, as horas, quanto mais devagar queremos que passem, mais depressa passam, e às seis e meia estamos no aeroporto. Jud, meu sobrinho e eu.

Conforme vai se aproximando a hora da despedida, levanto a barreira de frieza e indiferença que uso para me proteger quando sei que algo pode me ferir.

Um sujeito como eu sabe se controlar, e essa será mais uma ocasião.

Judith faz graça com Flyn, despede-se dele. Com um olhar, peço a meu sobrinho que me deixe alguns segundos a sós com ela. Ele se afasta.

— Eric, eu… — diz ela, olhando-me nos olhos.

Mas não a deixo continuar e a silencio com um beijo.

Quero que sempre recorde esse beijo, saiba que a espero em Munique.

— Divirta-se, pequena. Mande lembranças minhas a sua família, e não esqueça que pode voltar quando quiser. Estarei esperando sua ligação para vir ao aeroporto buscá-la. Quando for e à hora que for — murmuro.

Com emoção no olhar, ela assente. Vejo seus olhos úmidos. Ela vai chorar?

Mas, por fim, me beija de novo, dá uma piscadinha para Flyn e, dando meia-volta, caminha em direção ao portão de embarque.

Dói vê-la ir embora, por isso, pegando a mão de meu sobrinho, acabo com esse calvário e partimos sem olhar para trás.

Quando entramos no carro, Flyn está radiante.

Estamos sozinhos e juntos de novo, e, embora eu esteja feliz por ele, sinto um grande vazio dentro de mim. Já estou com saudades de Judith.

Ao chegarmos em casa, Simona nos espera com o jantar servido. Comemos os dois sozinhos na sala de jantar e me esforço para conversar, mas sinto a vida se esvair longe de Jud.

Depois, vemos um pouco de televisão, até que Flyn boceja e o faço ir se deitar. Preciso ficar sozinho.

A seguir, vou para meu escritório, esse grande refúgio que eu mesmo criei há anos e que me serve de retiro para refletir e me acalmar.

Em silêncio, acendo o fogo da lareira pensando na mulher que a cada segundo se afasta mais de minha vida. Suspirando, ponho música. Como ela diria, a música amansa as feras!

Enquanto escuto a encantadora voz de Norah Jones, decido me servir uma dose de uísque. Depois, vou até a lareira, sento-me em frente a ela em uma poltrona e fico hipnotizado observando o fogo enquanto penso em Judith.

Não posso tirá-la da cabeça. Ela disse que me ama. Ama! E eu disse o mesmo a ela.

Será que isso é suficiente para que ela volte para mim depois das festas?

Não sei quanto tempo se passa, até que ouço um barulho. E, ao me virar, fico sem palavras.

A poucos metros de mim, minha pequena, a mulher que adoro e pela qual sofro, está parada olhando para mim, encharcada. Levanto-me.

Com a pulsação acelerada, deixo o copo de uísque na mesinha e ela solta sua bagagem e murmura:

— Papai manda lembranças e o desejo de que tenhamos um feliz Ano-Novo. Você disse que eu podia voltar quando quisesse, portanto, aqui estou! E…

Enfeitiçado e feliz como nunca estive, caminho até ela e a abraço. Abraço-a com amor, com desejo e carinho, enquanto murmuro em seu ouvido:

— Você não sabe quanto desejei que isso acontecesse.

Olhamo-nos. É real! Ela voltou para mim de livre e espontânea vontade. E a beijo.

Devoro-a, faço-a minha. Mas, de repente, noto algo e digo:

— Pelo amor de Deus, Jud! Você está congelando, querida! Venha para perto do fogo.

Eu a levo depressa para perto da lareira. Tenho medo de que fique doente.

Pergunto-lhe se jantou. Ela diz que não. Ajudo-a a tirar o casaco molhado e gelado enquanto digo:

— Tire essa roupa. Você está encharcada, vai ficar doente.

Ela assente. Treme de frio. E, quando vai pegar sua bagagem, digo:

— Deve estar tudo molhado e gelado dentro de sua mochila.

Rapidamente tiro meu moletom cinza e sugiro:

— Tome, vista isto enquanto vou buscar roupa seca no quarto.

Sem perder um segundo, corro até meu quarto radiante que ela tenha voltado para mim. Ela voltou!

Emocionado, quase sem poder acreditar, pego uma cueca, uma calça, um par de meias e, depois de vestir um moletom azul, volto para junto dela.

Quando chego ao escritório, Judith me encara com meu moletom na mão. Sem dizer nada, com carinho, eu a dispo.

Quero cuidar dela…

Quero mimá-la…

Eu a amo…

Quando ela está totalmente nua diante da lareira de meu escritório, rapidamente coloco nela meu moletom cinza para que não pegue frio. Então, com a voz de Norah Jones ecoando ao fundo, ela sussurra:

— Dance comigo.

Não posso negar seu desejo. Se ela quer que eu dance, eu danço!

Ela voltou, voltou para mim, e isso é importante demais.

Dançamos, apaixonados e em silêncio. E, quando a música acaba, olho para ela e murmuro, depois de um doce beijo com sabor de mel:

— Termine de se vestir, Jud.

Ela ri, alegre, ao ver a cueca Armani e as macias meias brancas. Vou apressado à cozinha para preparar alguma coisa para ela comer.

Não sei cozinhar.

Nunca me interessei em aprender. Pensando no pouco que sei fazer, abro a geladeira e pego o caldo que Simona fez. Coloco-o em uma xícara e o aqueço no micro-ondas enquanto preparo um sanduíche de presunto e queijo e ponho uma banana de sobremesa na bandeja.

Antes de sair, procuro uma flor. Andrés diz que esse detalhe sempre é importante em uma bandeja. Mas não encontro nenhuma e praguejo.

Quando volto ao escritório, vejo-a sentada no tapete em frente à lareira, brigando com seu cabelo. Sorrindo, solto a bandeja em cima da mesa, vou até ela e, depois de desembaraçar esse cabelo escuro de que tanto gosto com todo o amor de que sou capaz, dou-lhe um beijo no topo da cabeça e murmuro:

— Pronto, seu lindo cabelo está bom. Agora, é hora de comer.

Sem lhe dar tempo de protestar, pego a bandeja, deixo-a sobre o tapete e, sentando-me ao seu lado, vou dizer algo quando ela pergunta:

— Ficou surpreso, não é?

Feliz, assinto. E, tirando uma mecha de cabelo de seu rosto delicado, afirmo:

— Muito. Você nunca deixa de me surpreender.

Depois, incentivo-a a tomar o caldo e a comer o sanduíche. Enquanto come, ela me conta o que a fez mudar de ideia. Sorrio ao notar que, mais uma vez, seu pai jogou a meu favor e, mesmo sentindo saudades dela, incentivou-a a ficar comigo.

Sem dúvida, ele é um grande homem, e a melhor maneira de agradecer o que faz por mim é cuidando de sua linda filha e amando-a com todo meu amor.

Eu a escuto, emocionado.

— Você é a mais bonita, a mais maravilhosa e a melhor coisa que me aconteceu na vida — murmuro.

Ela sorri, bem no momento em que a obrigo a comer a banana. Mas minha linda namorada me olha e sussurra:

— De sobremesa… prefiro você.

Contente, permito que me empurre.

Caio de costas no tapete. E, quando ela se senta sobre mim, sussurro, extasiado:

— Ainda não acredito que você está aqui, pequena.

Judith sorri, fixa seus lindos olhos nos meus e sussurra:

— Toque-me e veja que é verdade.

O tesão aquece nosso corpo. Ela se apressa a tirar meu moletom azul.

Totalmente a sua mercê, vou curtindo o jeito como ela me toca, beija, provoca, até que não aguento mais e tiro a cueca e o moletom dela e, fitando seus seios, exijo:

— Ofereça-os.

Excitada, ela os entrega a mim, me oferece seus seios, e eu os chupo, enquanto seus gemidos ecoam pela sala. Decido ir mais além. Para isso, coloco-a na posição que quero e, quando a deixo sentada sobre minha boca, murmuro:

— Vou saboreá-la. Relaxe e aproveite.

Com avidez, sugo seu clitóris maravilhoso e tentador.

Seus gemidos são música celestial para mim. Quando sinto suas coxas tremendo de excitação, tremo também.

Guloso, levo-a várias vezes às portas do clímax, mas cada vez que noto que ela vai cruzar o limiar, detenho meus movimentos. Jud reclama.

— Quero brincar, Eric… — sussurra, enlouquecida —, quero brincar de tudo que você quiser.

Excitado, agitado, dou um tapinha em seu belo bumbum. Dois minutos depois, fico com dó dela e permito que chegue ao orgasmo. Mas, uma vez que seu corpo para de tremer de prazer, olho para ela e exijo, totalmente enlouquecido:

— Foda comigo, Jud.

E ela fode comigo. E como fode.

Sentada sobre mim, ela introduz meu pênis duro em sua fenda úmida e, movendo os quadris, Jud me possui. Sinto meu corpo se libertar, e ela curte.

O prazer é imenso! Colossal!

Suspiro, movimento o corpo embaixo de minha mulher, dou-lhe outro tapinha e exijo:

— Olhe para mim.

O tom severo de minha voz a faz obedecer. Ela fixa seu olhar escuro no meu e, antes que eu possa pedir, contrai as paredes internas de seu sexo de tal forma que me tem a sua mercê.

Sou seu escravo!

Sem dizer nada, ela repete o movimento e eu suspiro. Suspiro como poucas vezes na vida. E, pegando minhas mãos, ela entrelaça seus dedos nos meus e murmura com certa exigência:

— Não… não se mova. Deixe comigo.

Meu Deus!

Os movimentos de Judith são titânicos, incríveis!

Aproveito, oh, sim! Até que a vejo sorrir e, arfando, sussurro:

— Meu Deus, pequena… você me deixa louco!

Minhas palavras a estimulam e ela faz o mesmo que eu fiz minutos antes: leva-me quase até o limite, mas não deixa que eu chegue ao clímax.

Minha impaciência por gozar me faz querer controlá-la, mas ela não deixa, não permite. Olho para ela… Mesmo assim, ela ganha o jogo e continua fazendo o que quer comigo. Até que o prazer supremo se apodera de ambos, sinto-a tremer sobre mim e, por fim, extravaso e gozo.

Exausta, Judith cai sobre meu corpo. Sua respiração está tão acelerada quanto a minha. Louco de amor, murmuro em seu ouvido:

— Adoro você, moreninha.

Ela sorri. Estou feliz.

Os minutos se passam e vamos nos recuperando pouco a pouco.

Nossa respiração se acalma. Levantamo-nos do chão. Ao notar que ela está com frio, cubro-a com uma manta que está em cima da poltrona. Depois, sento-me e a acomodo em cima de mim.

— O que passava por sua cabecinha quando você disse que queria brincar de tudo que eu quisesse?

Ao vê-la corar, insisto:

— Vamos, Jud. Você sempre foi sincera.

Sem tirar os olhos dela, dou-lhe uma mordidinha carinhosa no ombro. Ela diz:

— Bem… eu… na verdade, não sei…

Sorrio. Vê-la desconcertada por causa do assunto é engraçado. Sem estar excitados, não vemos os momentos de luxúria do mesmo modo. Mas, quando vou dizer algo, ela diz:

— Tudo bem… vou contar. Adoro fazer amor com você, é maravilhoso e excitante. É o melhor. Mas, enquanto pensava isso, ocorreu-me que, se fôssemos três no tapete, tudo teria sido ainda mais excitante.

Assinto. Surpreso, ergo uma sobrancelha. Sem dúvida, minha pequena entendeu o significado de luxúria.

— Mas, querido… — prossegue, acelerada —, não pense coisas estranhas, está bem? Adoro fazer sexo com você. Adoro! E não sei por que estranha razão esse pensamento surgiu em minha cabeça. Como você disse para eu ser sincera, eu… eu… eu falei. Mas, de verdade… de verdade, adoro estar só com você…

Não aguento mais e rio.

Judith, por fim, reconhece que a luxúria é uma parte importante de sua vida.

Abraçando-a, afirmo:

— Fico louco de saber que você deseja brincar, querida. O sexo entre nós é fantástico, e os jogos são um suplemento em nossa relação.

Beijamo-nos.

O fato de ela entender o sexo como eu o entendo é a melhor coisa que podia acontecer. Decidido a brincar com Jud de tudo que ela quiser, murmuro:

— Por enquanto, linda, eu te amo exclusivamente para mim. Incluiremos os complementos outro dia.

E, sem mais, com ela nua em meus braços debaixo da manta, abandonamos o escritório e seguimos para nosso quarto, onde pretendo desfrutar de uma longa noite de paixão.

44

Na manhã seguinte, quando acordo, a primeira coisa que faço é olhar para o lado com a esperança de que tudo que aconteceu na noite anterior não tenha sido um sonho. E, por sorte, ela está ali, ao meu lado.

Não foi um sonho!

Olho para ela…

Gosto de contemplá-la enquanto dorme. Quando vejo que vou me jogar em cima dela, levanto-me e desço até a cozinha, onde Flyn está tomando o café da manhã. Jud precisa descansar.

Feliz, mando uma mensagem a meu amigo Orson. Depois, tomo um café e comento com meu sobrinho que Judith voltou. Fica evidente que a notícia não o deixa muito entusiasmado. Quero voltar para ela e, assim que o menino sai com Norbert para comprar algo, retorno correndo para o quarto.

Volto a observá-la enquanto dorme, saboreio a paz que seu rosto reflete enquanto meu coração aproveita a sua proximidade.

— Bom dia, lindo — diz ela de repente.

Lindo?!

Em toda minha vida, jamais alguém me chamou assim. Quando vou beijá-la, ela sai desesperada da cama. Quer escovar os dentes antes de me beijar.

Quando volta e pula na cama, pego-a e a beijo, aproximando-a de mim. Depois, ela diz que pode cuidar de Flyn, se for necessário, enquanto eu trabalho.

Surpreso, olho para ela. Será que não percebeu como meu sobrinho é complicado?

— Tem certeza, pequena?

Judith assente, sorri e, com humor, responde:

— Sim, grandalhão. Tenho certeza.

Satisfeito, beijo-a de novo, aprecio seu cheiro, sua presença.

Mais tarde, estamos conversando quando a porta se escancara e meu

sobrinho entra.

— Tio, seu celular está tocando — anuncia ele de cara feia.

Ele me passa o telefone, que deixei na cozinha quando desci para tomar o café. Vejo que é Orson, o amigo a quem mandei uma mensagem antes. Levanto-me da cama e vou até a janela para falar com ele.

Enquanto isso, observo a reação de meu sobrinho quando Judith o cumprimenta:

— Oi, Flyn! Que bonito você está hoje.

— Está parecendo uma louca com esse cabelo — diz ele antes de desaparecer.

É evidente que meu sobrinho não está tão entusiasmado quanto eu por ela estar de novo na nossa casa e, pela primeira vez, penso no que minha mãe disse sobre ele e Jud. Terei que observar o comportamento dele.

Quando desligo o telefone, sigo Judith, que entrou no banheiro. Abraçando-a por trás, murmuro:

— Pequena, você tem que se vestir. Estão nos esperando.

Não quero revelar a surpresa que preparei para ela. Dou-lhe um beijo na cabeça e acrescento:

— Espero você na sala. Ande logo.

No andar de baixo, encontro Flyn, que, para variar, está jogando video game. Sento-me com ele e, quando vou falar, ele se antecipa:

— Joga comigo?

Olho para ele. Sempre atendo à maioria de seus pedidos, mas, dessa vez, desligo a TV. E, quando ele vai reclamar, digo:

— Flyn, não quero que você trate mal a Judith.

O menino me olha e não responde.

— Meu amor por você não vai mudar nem nossa vida, só que… — insisto.

— É mentira. Desde que Jud está aqui você não faz nada além de ficar de beijinhos com ela. Que nojo!

Ao ouvir isso, suspiro. Seu nojo é uma bênção para mim, mas ele tem razão. Judith é tão tentadora que não posso parar de beijá-la. Tentando fazê-lo entender o que sinto por ela, digo:

— Se a beijo é porque… porque… gosto muito dela, e ela é minha namorada.

— Garotas são chatas!

— Flyn — insisto —, você é pequeno para entender certas coisas. Só espero que…

— Eu só espero que ela vá embora.

Praguejo. Incomoda-me muito ouvir isso, mas mantenho a paciência.

— Ela não vai embora. E não vai porque quero que fique com a gente e ela também quer ficar. E agora, por favor, se quiser ir ao Orson, vá até seu quarto e troque essa camisa — insisto.

Ele sobe. Sinto a tensão entre nós. Fico desesperado ao sentir a rejeição de Flyn a Judith, mas decido ir devagar. Se outras crianças se acostumam às mudanças da vida, por que ele não se acostumaria?

O dia está chuvoso, com raios e trovoadas, mas levo Judith para fazer compras. Deixo-a no apartamento de Orson, um famoso estilista amigo meu, para que ela experimente e compre tudo que quiser. Quero fazer todos os seus caprichos, já que posso me permitir isso.

Quem vai me impedir?

Horas depois, voltamos para casa cheios de sacolas. Ao entrar, o cheiro da comida que Simona está preparando para a noite de réveillon inunda nossas narinas. Que delícia!

Esta é a última noite do ano e quero que tudo seja bonito. Vamos jantar só Flyn, Judith e eu. Sem dúvida, o fato de tê-la este ano conosco será algo muito especial. Imensamente especial.

Dou espaço a Jud para que se arrume como quer. Acabo de vestir meu terno escuro e vou procurar Flyn. Ele também está de terno. Ao vê-lo, sorrio e murmuro:

— Você está cada dia maior. Já é um homenzinho.

Meu sobrinho assente, sorri e, dando uma piscadinha, diz:

— Gostei de Orson ter feito ternos iguais para nós dois.

Assinto. Não vejo muita graça, acho uma breguice, na verdade, mas era um desejo de Flyn fazia muito tempo. E, como eu disse antes, por que não?

Meu sobrinho e eu descemos à sala. Ele entra correndo. Noto que, diferente da casa do pai de Judith, que tinha uma árvore de Natal e bolas coloridas a torto e a direito, na minha não há nem um único enfeite natalino.

Será que Judith acha a casa sem graça?

Deixei de decorar a casa no ano em que minha irmã Hannah morreu, e se faço a ceia de fim de ano ou comemoro o Dia de Reis é por Flyn. Ainda é muito menino, e não posso lhe negar que aproveite esses momentos.

Estou pensando nisso quando a porta da sala se abre e aparece ela, minha deusa, minha luz. Com orgulho, observo que ela pôs o vestido vermelho que comprou de Orson.

— Você está linda, Jud. Linda.

Alegre, caminho até ela. Olhamo-nos e, quando a estou beijando com doçura, ouço Flyn resmungar:

— Parem de se beijar! Que nojo!

Minha expressão se endurece.

Por acaso meu sobrinho é surdo?

Mas, diferente de mim, Judith sorri e comenta, fitando-o:

— Flyn, vestido assim você está muito parecido com seu tio. Está muito bonito.

Surpreendentemente, ele sorri. Mas, segundos depois, resmunga de novo, dirigindo-se a ela:

— Vamos… você está atrasada e estou com fome.

Suspiro. Preciso ter paciência com ele.

Judith repara na linda mesa adornada que Simona e Norbert prepararam para nós três. Sentamo-nos ao redor dela, e Jud pergunta:

— Muito bem, o que se come na Alemanha na última noite do ano?

Nesse instante, aparecem Simona e Norbert com duas sopeiras, que deixam sobre a mesa. Surpresa ao ver que são lentilhas e sopa, Jud faz uma piadinha.

— A sopa é de carne de porco com salsicha, srta. Judith — murmura Simona —, e está muito saborosa. Posso lhe servir um pouquinho?

Não sei se lhe apetece ou não, mas ela aceita, encantada. E, quando vemos sua expressão de satisfação ao prová-la, sorrimos.

Durante um tempo, um ambiente agradável reina na sala. Norbert brinca com Flyn e Simona bagunça seu cabelo com carinho. De repente, Judith sussurra, aproximando-se de mim:

— Por que não diz a Simona e Norbert que se sentem conosco para jantar?

Eu olho para ela, surpreso.

Ficou maluca?

Observo por alguns instantes o casal que faz tanto por meu sobrinho e por mim durante o ano todo. E, ao entender a mensagem que Judith me transmitiu, sugiro:

— Simona, Norbert, gostariam de jantar conosco?

Tão surpresos quanto eu segundos antes, eles me olham. Acho que pensam que enlouqueci! Entre nós sempre existiu cordialidade, mas isso é algo mais. De imediato, Norbert recusa minha oferta, dizendo que já jantaram.

Judith me fuzila com o olhar. Sei que deseja jantar cercada de gente. E, antes que eu insista, ela se antecipa:

— Eu adoraria que se sentassem conosco para a sobremesa. Prometem?

O casal se entreolha. Não entendem a razão disso, mas, por fim, Simona

assente e Judith sorri.

Durante o resto do jantar, como era de esperar, a preocupação de ambos é que aproveitemos. Com um atendimento perfeito e um trabalho excelente, eles nos servem pratos maravilhosos. Judith aplaude, encantada, quando vê os lagostins, o queijo e o presunto ibérico.

— Não esqueça que minha mãe é espanhola. Temos muitos costumes que herdamos dela — sussurro, beijando-lhe a mão.

— Hmmm, adoro presunto cru! — afirma Flyn, enchendo a boca.

Mais tarde, percebo que é Judith quem fala o tempo todo e nos faz interagir. Ela carrega o peso todo e, quando vê que Flyn pretende ignorá-la, muda de assunto e fala de jogos para Wii e PlayStation e o menino entra em cheio na conversa.

Simona chega com as sobremesas e Jud me olha. Sei perfeitamente o que ela está pensando. Depois de comentar com a mulher sobre o maravilhoso *Bienenstich* que ela fez, Jud se levanta e diz:

— É hora da sobremesa, vocês têm que se sentar conosco, como prometeram!

Eu me levanto apressadamente, puxo a cadeira que está ao meu lado e, fitando Simona, deslocada, insisto, polidamente:

— Simona, por gentileza, sente-se.

Ela me contempla desconcertada. Depois, olha para o marido e, quando ele puxa uma cadeira e se senta, ela o imita. Nesse momento, Judith pergunta:

— Isso se corta como se fosse um bolo, não é?

Simona assente, e Jud, surpreendendo-os ainda mais, sorri e afirma:

— Muito bem, eu vou servir este fantástico *Bienenstich* a vocês. Flyn, pode trazer mais dois pratinhos para Simona e Norbert?

Meu sobrinho, feliz, corre para a cozinha e volta com os pratos. Parece que gostou dessa mudança de planos. Judith serve a sobremesa em cinco pratos e, sentando-se, olha para nós e diz com um sorriso fantástico:

— Vamos, ataquem, antes que eu coma tudo sozinha.

Simona e Norbert sorriem diante dos comentários de Jud. Percebo que de novo ela é a única que puxa assunto, e dessa vez inclui também o casal.

Quando ela propõe cantar uma canção natalina alemã, Norbert imediatamente começa com “O Tannenbaum”. Eu não sou de cantar essas coisas, mas o ambiente festivo que há muito tempo não existia em minha casa me faz cantar com os outros.

Depois, Flyn, animado, pede a Judith que cante uma espanhola, e ela, empolgada, canta “Los peces en el río”, uma música que ouvimos minha mãe cantar a vida toda. Meu sobrinho e eu a acompanhamos e todos sorriem.

Depois de seguir certas tradições, como não tirar a mesa antes de a madrugada estar bem avançada para garantir que o novo ano nos traga uma despensa cheia, assistimos na TV à comédia *Jantar para um*.

Se há algo de que me lembro de meus finais de ano quando era pequeno é de minha mãe cantando, minhas irmãs dançando e nós juntos assistindo ao curta-metragem *Jantar para um*.

Como é tradição também em minha casa por causa de minha mãe, comemos uvas na virada. Quando ponho no canal internacional, que transmite ao vivo da praça Puerta del Sol em Madri, vejo que Judith se emociona e seus olhos se enchem de lágrimas.

Minha pequena!

Sem dúvida, nesse momento, ela está pensando em sua família.

Com carinho, sussurro em seu ouvido:

— Não chore, querida.

Ela sorri, mas sinto a tristeza em seu sorriso, e isso me dói muito.

Quero ser especial para ela. Quero vê-la feliz, mas não fiz uma coisa, e praguejo. Praguejo por não haver pensado nisso antes.

Quando o sino começa a tocar, estou de olho nela. Não me interessa comer as uvas; só quero que Jud esteja bem. Quando enfiamos na boca a última uva e vou abraçá-la, Flyn se interpõe em meu caminho e, olhando para mim com seus olhinhos rasgados, exclama:

— Feliz 2013, tio!

Com um sorriso, olho para ele e lhe dou um beijo no rosto. De soslaio vejo que Norbert e Simona abraçam Judith. Agradeço a eles do fundo da alma.

Depois que se abraçam, ela dirige toda sua atenção ao menino. Agachando-se para ficar da altura dele, dá-lhe um beijo e diz:

— Feliz Ano Novo, lindo. Que este ano que começa seja maravilhoso e espetacular para você.

No começo, Flyn não se mexe, mas logo retribui o beijo e sorri.

“Muito bem, Flyn!”

Ver isso me deixa imensamente feliz.

Norbert pega o menino no colo e sei que é hora de abraçar minha mulher.

— Feliz Ano Novo, meu amor — sussurro em seu ouvido. — Obrigado por fazer desta noite algo muito especial para todos nós.

Judith sorri e, depois de me beijar, declara:

— Nem lhe conto como pretendo comemorar com você mais tarde.

Sorrio. Sem dúvida, começar o ano com ela é interessante, além de maravilhoso.

45

Dia 2 de janeiro, depois de me despedir de Judith, que está saindo para fazer compras com Marta, decido passar no escritório. Mas, ao sair de casa, tenho que frear com brusquidão quando um cachorro magrelo e desnutrido sai assustado de trás das lixeiras.

Malditos animais!

Antes de chegar ao escritório, desvio e entro em uma loja. É a loja de Adalia, um estabelecimento muito especial onde podemos comprar brinquedinhos sexuais diferentes dos habituais.

Depois de cumprimentar Adalia, digo-lhe o que busco, e rapidamente ela me mostra o que há disponível. Tenho várias joias anais diante de mim. Depois de ler "Joia de aço cirúrgico com cristal Swarovski. Ideal para decorar e estimular a área anal", escolho a que tem a pedra verde. Sem dúvida, Judith vai gostar.

Adalia a coloca em uma caixinha e, depois de pagar, guardo-a no bolso de meu paletó e vou para o escritório.

Minha secretária me informa dos assuntos pendentes e, durante horas, tento resolvê-los. Em um determinado momento, recebo um e-mail:

De: Amanda Fisher
Data: 2 de janeiro de 2013, 10h55
Para: Eric Zimmerman
Assunto: Feliz Ano Novo!

Espero que este ano que começa seja produtivo no âmbito profissional e que você e eu tornemos a nos encontrar.

Ligue para mim. Para você sempre estou disponível.

Amanda

Quando acabo de ler o e-mail, me sinto mal. O que há entre Judith e mim é mais forte que um simples jogo sexual, de modo que, decidido a deixar as coisas claras com Amanda, respondo:

De: Eric Zimmerman
Data: 2 de janeiro de 2013, 10h59
Para: Amanda Fisher
Assunto: Re: Feliz Ano Novo!
Eu lhe desejo um feliz Ano Novo em todos os sentidos, Amanda.
Como deixei claro em um e-mail de meses atrás, estou com alguém especial, e ela, sua proteção e seu bem-estar vêm em primeiro lugar.
Vamos focar no trabalho.
Atenciosamente,
Eric Zimmerman

Assim que aperto “Enviar”, atendo a uma ligação que minha secretária me passa. Em seguida, recebo outro e-mail.

De: Amanda Fisher
Data: 2 de janeiro de 2013, 11h02
Para: Eric Zimmerman
Assunto: Re: Re: Feliz Ano Novo!
Que mulher de sorte. Eu só quero sexo ardente. Por acaso isso já não é possível?
Amanda

Quando desligo, respondo, meio contrariado:

De: Eric Zimmerman
Data: 2 de janeiro de 2013, 11h06
Para: Amanda Fisher
Assunto: Re: Re: Re: Feliz Ano Novo!
Sua atitude vai ter que mudar, ou vamos ter problemas. E não. Não é possível.
Atenciosamente,
Eric Zimmerman

Durante alguns segundos, transtornado, fico olhando para a tela do computador com a esperança de que Amanda entenda o que eu disse e pare de insistir. E, por sorte, não recebo mais nenhum e-mail.

Na hora do almoço, o tempo começa a fechar. Recebo uma mensagem de Judith. Minha irmã a levou para almoçar na Hofbräuhaus, a cervejaria mais antiga do mundo. Feliz por ter notícias dela, respondo a sua mensagem. Depois, continuo trabalhando, tenho muito que fazer.

Aproveito para ligar para Dexter no México e, depois, para Björn, Frida e Andrés, e fico feliz de saber que todos passaram a última noite do ano com a família.

Quando por fim acabo as ligações e os assuntos mais urgentes, decido ir embora da Müller. Por hoje, já foi o bastante.

Ao sair da empresa, vejo que está caindo um dilúvio. Pensando em alguns assuntos da empresa, chego ao portão de minha casa e, enquanto espero que se abra, olho para a direita e vejo o cachorro com que cruzei ao sair. Ele está comendo alguma coisa debaixo da chuva.

Quando o portão se abre, paro de olhar para o animal ossudo e entro em meu lar.

Estaciono o carro na garagem, entro e, depois de cumprimentar Simona, ela me informa que Judith e Flyn estão na sala.

Vou direto atrás deles e, ao entrar, encontro meu sobrinho jogando videogame e Judith perto da janela. Ao seu lado vejo algo horroroso que parece uma árvore.

Mas que diabos ela enfiou em minha casa?

E, aproximando-me, pergunto:

— O que é isso?

Ao me ver, Jud se levanta, tira os fones de ouvido e, quando vai responder, meu sobrinho se antecipa:

— Para ela, uma árvore de Natal. Para mim, uma porcaria.

Contrariado e irritado com o mundo em geral, olho para ela. E, pensando o mesmo que Flyn em relação a essa tranqueira vermelho berrante, sibilo:

— Por que não me ligou para me consultar?

Assim que digo isso, sei que cometi um erro.

Que bobagem acabei de dizer?

Ao ver sua cara de raiva, para tentar acalmá-la, pego sua mão e acrescento:

— Olha, Jud, o Natal não é minha época do ano preferida. Não gosto de árvores nem dos enfeites que todo mundo insiste em ter. Mas, se você queria uma árvore, eu poderia ter encomendado um lindo pinheiro.

Minhas palavras não parecem lhe agradar. Depois de me fazer sentir mal por querer enfiar um abeto natural na sala, ela insiste, apontando para a árvore:

— Não acha mesmo linda e original?

Olho para aquilo. Mais feia não poderia ser.

— Não — respondo.

Lamento, mas preciso ser sincero. E a verdade é que me dá arrepios! Meu sobrinho dá sua opinião, que é a mesma que a minha, e Judith insiste:

— Não gosta nem se eu disser que é nossa árvore dos desejos?

Ao ouvi-la, me calo. Mas meu sobrinho resmunga:

— Ela quer que a gente anote cinco desejos, que pendure aí e, depois do Dia de Reis, leia para que se realizem. Mas eu não quero fazer isso. Isso é coisa de menina.

— Seria uma surpresa se você quisesse — debocha Judith com acidez.

Ao ouvi-la, volto a cabeça para ela e lhe peço com o olhar que tenha paciência com o menino. Ele continua protestando, irritado.

Eu o escuto. Olho para Jud. Voltei com o pé esquerdo do escritório e não sei que fazer. Mas ela lança mão de sua paciência e insiste:

— Ora, meninos, até o Dia de Reis ainda é Natal! E um Natal sem árvore não é Natal!

Ouvi-la dizer isso e ver o lindo biquinho que faz em busca de ajuda me faz sorrir. Pegando o braço de Flyn, lhe peço que escreva os desejos em um papel. Ele se recusa, mas eu insisto:

— Por favor, gostaria muito que você fizesse isso. Este Natal é especial para todos nós e seria um bom começo com Jud em casa, está bem?

Judith nos encara, enquanto Flyn responde:

— Odeio que ela cuide de mim e me mande fazer coisas.

— Flyn — advirto.

O cabeça-dura de meu sobrinho não se move, e eu intensifico meu olhar duro. Ele tem que aprender que não pode fazer sempre o que quer. Por fim, ele cede e faz o que lhe peço.

— Obrigada — murmura Judith.

Eu sorrio e, fitando-a, pergunto:

— Você quer mesmo essa coisa horrorosa na sala?

Ela se volta para a árvore vermelha e assente, sorrindo:

— Claro, é linda!

Olho para a árvore. Linda, na concepção da palavra, não é.

Quando Flyn pendura nela seus desejos e volta a jogar videogame, eu pego um caderno no chão e, disposto a agradar minha mulher, pergunto:

— Posso pedir qualquer coisa?

Ela sorri. Eu também. E ela sussurra:

— Sim, sr. Zimmerman, mas lembre que depois do Dia de Reis nós os leremos todos juntos.

Ouço-a dizer isso e a desejo. Desejo-a com todas as minhas forças e demonstro com o olhar enquanto toco em meu bolso o presente que lhe comprei. Se meu sobrinho não estivesse ali nesse instante, sem dúvida eu a despiria por completo e faria amor com ela na frente dessa árvore horrorosa até deixá-la totalmente extenuada.

Mas, sem poder realizar meus desejos, anoto-os em um papel, que dobro e penduro na árvore. A seguir, vou até Jud e sussurro, colocando meu presente em seu bolso.

— Meu desejo é ter você nua esta noite em minha cama para usar seu presente.

Ela me observa surpresa. Quando a vejo abrir disfarçadamente a caixa e olhar o presente, tenho que me esforçar para não rir. Parece que é a primeira vez que ela vê um plugue anal.

Durante o resto da tarde continua chovendo forte. Como sempre, Flyn morre de medo de trovões e relâmpagos. Desde pequeno ele tem pânico de tempestade e, como eu sei, tento distraí-lo. Mas minha vontade de possuir Judith aumenta a cada segundo e, quando Flyn vai para a cama depois do jantar, desejo-a com loucura.

Segundos depois, ela sai da sala. Feliz, dou alguns minutos a ela. Sem dúvida, vaidosa como é, deve querer se preparar. Mas, como paciência não é meu forte, antes do que deveria vou para o quarto. Ao abrir a porta, vejo-a deitada na cama com o plugue anal e o lubrificante ao lado.

Como minha mulher é linda e sexy!

Com prazer, caminho até ela e tiro minha camiseta cinza.

Ela olha meu torso. Sei o quanto ela gosta dele, apesar de eu ser tão branquelo.

— Seu desejo o está esperando onde você queria — diz ela.

— Perfeito! — assinto, e exijo, excitado: — Dobre as pernas e abra-as.

Judith obedece.

Satisfeito, subo na cama e beijo a parte interna de suas coxas. Sinto sua respiração acelerar.

Ela me deseja!

Subo por seu lindo corpo, esse corpo que me deixa louco e, antes de minha boca e a sua se unirem, sussurro, fitando-a nos olhos:

— Peça-me o que quiser.

Com prazer, chupo seu lábio superior, em seguida, o inferior e, depois de dar essa mordidinha que ela espera e deseja, beijo-a com dureza, com força, com paixão.

Provocamo-nos…

Curtimo-nos…

E, quando meus lábios quentes descem por seu corpo e beijo seu monte de Vênus enquanto passo o dedo por essa tatuagem que tanto adoro, peço, excitado:

— Abra-se com os dedos para mim. Feche os olhos e fantasie. Ofereça-se como quando estivemos com outras pessoas.

Minhas palavras a enlouquecem. Ela faz o que lhe peço. Vejo-a arfar de olhos fechados enquanto curte o que imagina, fazendo-me enlouquecer também.

O cheiro de seu sexo é incrível, incomparável.

— Ofereça-se, Jud — insisto.

Ela arqueia o corpo, minha boca a devora, e Jud se aperta contra mim, satisfeita com o que a faço sentir. Ansioso, brinco com seu clitóris úmido e inchado e ela arfa para mim, até que se levanta e, beijando-me com avidez, exige:

— Me foda.

Fico louco ao ouvi-la dizer isso, porque sei quanto esse pedido excitante significa para nós em um momento assim.

Pronto para lhe dar o que me pede, faço-a virar e, dando um tapinha nesse bumbum moreno de que tanto gosto, pego o lubrificante, abro-a, coloco um pouco no dedo e o passo em seu ânus.

Que maravilha!

Ela se encolhe ao sentir meu dedo. Mas, sem lhe dar trégua, introduzo um dedo para dilatá-la e, segundos depois, o plugue anal.

O espetáculo que isso me oferece é colossal. Depois de beijar com desejo suas nádegas, afirmo:

— Lindo.

Insaciável pela quantidade de coisas que ela me faz sentir, desfruto-a. Eu a masturbo faminto, ambicioso. Mexo no plugue anal e a faço vibrar. Viro Jud e murmuro, encarando-a:

— Logo você será comida por dois, pequena… primeiro um, depois o outro, e depois os dois ao mesmo tempo. Vou aprisionar você entre meus braços e abrir suas coxas. Vou deixar que outro a foda enquanto eu olho, e só permitirei que goze para mim, entendeu?

Extasiada, meu amor me olha e arfa:

— Sim… sim…

Ardente, prestes a perder o controle, tiro os dedos de sua vagina e, com uma só investida, entro nela. O prazer é extremo. Segurando-a com força, sento-a sobre mim. Sussurramos coisas que excitam nós dois.

— Beije-me — pede Judith.

E a beijo. Claro que a beijo. Eu a beijaria o dia todo.

Ela aumenta o ritmo do movimento dos quadris, sinto que estou no ponto, mas a detenho. Saio dela, ponho-a de quatro em cima da cama e, depois de penetrá-la outra vez, olho o plugue anal e sussurro com um fio de voz:

— Quero seu lindo cuzinho, querida. Posso?

Ela me olha, provoca e, por fim, com uma sensualidade que me enlouquece, afirma:

— Sou toda sua.

Sinto que ela confia totalmente em mim. Tirando com cuidado o plugue anal, passo mais lubrificante em seu ânus e vou introduzindo meu pau lentamente… bem lentamente.

Meu Deus, que prazer!

Judith estremece. Eu tenho que parar em várias ocasiões e lembrar que esse cuzinho acabou de ser estreado. Que eu saiba, ela não fez sexo anal depois da noite que passamos com Helga, por isso tenho cuidado. Todo o cuidado do mundo.

Como eu já esperava, seu ânus se dilata com minha intromissão.

— Com força… Com força, Eric — pede ela.

Não faço o que ela pede; não quero machucá-la. Só lhe dou um tapinha no bumbum para demonstrar que farei o que tiver que fazer. Enquanto isso, a chuva bate com violência contra o vidro.

Ficamos assim durante vários minutos, usufruindo-nos de um jeito incrível. Quando sinto que estou totalmente cravado em seu bumbum, inclino-me sobre

ela e murmuro:

— Deus, pequena, você é tão apertadinha!

A sensação é indescritível, delirante!

— Eric… é gostoso…

Enlouqueço. Tremo ao ouvir o que ela diz enquanto a sinto vibrar em meus braços e invado por completo seu ânus estreito.

Não sei quanto tempo ficamos parados. Quando começo a me movimentar, nós dois suspiramos. Pego-a pela cintura e, com carinho, entro e saio dela curtindo nosso jogo ardente.

Ambos esquecemos o cuidado e a delicadeza do início e, quando Jud se movimenta em busca de mais profundidade, sem hesitar lhe ofereço tudo. Um relâmpago ilumina o quarto enquanto ela exige e arfa:

— Mais… mais, Eric…

O tempo se detém para nós.

O instante que vivemos se torna terrivelmente ardente e quando, depois de uma última investida, nós dois chegamos ao clímax e saio dela ejaculando em seu bumbum, desabo na cama e digo a meia-voz:

— Meu Deus, pequena… você vai me matar de prazer!

Um trovão retumba, furioso. Continua chovendo forte lá fora.

Depois de recuperarmos o fôlego, penso em Flyn e murmuro:

— Vamos tomar um banho e vestir uma roupa, pequena.

— Uma roupa? — pergunta ela, rindo.

Assinto. Sei o que meu sobrinho costuma fazer em noites de tempestade e insisto:

— Vamos pôr uma roupa. Um pijama, ou algo assim.

Judith ri e se levanta nua da cama. Debocha do que digo, provoca-me, enquanto eu pego o plugue anal e o lubrificante e insisto para que se vista.

Mas ela continua me ignorando, até que, de repente, depois de um relâmpago azulado que ilumina o quarto, a porta se abre. Judith, de pé, ao ver Flyn, cobre-se como pode com o lençol e reclama:

— Você não sabe bater na porta?

Meu sobrinho não responde. Vejo em seu rosto o medo da tempestade. Puxando Jud, enfio-a no banheiro e digo:

— Desde pequeno ele tem medo de trovões, mas não diga que eu lhe contei. Eu sabia que ia vir para minha cama. Ele sempre faz isso.

Um novo trovão me faz recordar que Flyn está sozinho em meu quarto. Então, soltando Judith e o plugue anal, ponho a cueca e digo antes de sair:

— Não demore, pequena.

No quarto, Flyn continua onde o deixei.

— Ande, amigão, venha aqui — digo.

Ele corre para mim. Ouve-se outro trovão, e ele se sobressalta. Com carinho, eu o abraço e sussurro, vendo que ele treme de medo:

— Calma, não é nada.

O menino me olha, balança a cabeça e, encolhido na cama, diz baixinho:

— Agora que estou com você, eu sei.

Comovido, eu o abraço. Meu pequeno resmungão toca meu coração com esse tipo de comentário.

Durante alguns segundos, conversamos com tranquilidade, até que Judith sai do banheiro. Neste instante, sinto Flyn ficar tenso. E, quando ela sobe na cama, ele olha para mim e pergunta:

— Ela tem que dormir com a gente?

Assinto. Por nada deste mundo quero Judith longe de minha cama. Cobrindo-se com o edredom, fingindo-se de menininha medrosa, ela sussurra:

— Ah, sim! Tenho medo de tempestades, especialmente de trovões.

Eu sorrio, agradecendo sua compreensão.

De repente, ela pergunta:

— Vocês gostam de cachorro?

Um “não” categórico sai da boca de Flyn e da minha, e meu sobrinho pontua:

— São sujos, mordem, cheiram mal e têm pulgas.

Judith os defende.

Sei o quanto ela gosta de animais, mas, lamento, nem Flyn nem eu gostamos de cachorros. A fim de deixar bem claro que em minha casa não entrará nenhum, declaro:

— Nunca tivemos animais de estimação aqui.

Ela me dá seu ponto de vista, que eu respeito, mas do qual não compartilho.

— O cachorro de Leo me mordeu, e doeu — diz meu sobrinho.

Judith se surpreende, mas, ao ver a cicatriz que Flyn tem no braço, insiste:

— Nem todos os cachorros mordem, Flyn.

Mas meu sobrinho, que tem muitas certezas, entre elas a questão dos animais, sentencia:

— Eu não quero um cachorro.

Segundos depois, Judith me encara e Flyn se põe entre nós dois. Decido apagar a luz, sorrindo ao ver o olhar furioso de minha mulher.

Vou ter trabalho com esses dois.

46

No dia 5 de janeiro, uma data importante para minha mãe, vamos a seu famoso jantar de Dia de Reis.

Quando chegamos, minha irmã nos saúda.

— Que bom que já chegaram!

Suspiro.

Não gosto das festinhas de minha mãe, com gente que não me interessa nem um pouco. Mas ali estou mais um ano, nesse caso, para agradar a Flyn, minha mãe e, claro, Judith.

Apresento Jud como minha namorada a alguns convidados e noto que vários a despem com o olhar. Isso me incomoda e, segurando-a, possessivo, deixo claro a esses homens que tenham cuidado ou terão problemas comigo.

Eles parecem entender minha mensagem, afastam-se de nós e começo a falar de negócios com algumas pessoas enquanto observo que Judith sai com Marta e que Flyn vai brincar com um amigo de minha mãe. Será o namorado dela?

Estou entretido na conversa quando meu sobrinho chama minha atenção e, com o dedo, faz sinal para que eu me aproxime. Peço licença aos homens com quem estou conversando, vou até Flyn e ele diz:

— Peguei Judith fumando com tia Marta.

Eu assinto, surpreso.

Judith fuma? Como assim, fuma?

E, fitando Flyn, pergunto:

— Onde ela está?

Satisfeito, ele me guia até a cozinha de minha mãe e, quando abro a porta, fico sem palavras ao ver as duas desmioladas.

— Vocês estão fumando? — sibilo.

Minha irmã me ignora, mas Judith assente, com certa arrogância.

Péssimo… péssimo… Isso me deixa louco e tiro o cigarro dela com brusquidão.

Ela me olha… fuzila-me com o olhar. E, quando apago o cigarro, ela diz, iritada:

— Que seja a última vez que você faz uma coisa dessas.

Sem se importar com meu olhar, ela pega outro cigarro do maço que está em cima da mesa e o acende, provocando-me.

Caralho!

A desfaçatez dela me revolta.

Essa espanhola não vai me dobrar. E, tirando o cigarro dela de novo, jogo-o na pia. Mas minha surpresa é enorme quando Judith acende outro. Que cabeça-dura! E eu torno a arrancá-lo dela.

Nenhum dos dois está disposto a ceder. Quando Jud vai pegar outro cigarro, Marta protesta, pegando o pacote:

— Vocês querem acabar com meu maço inteiro?

Jud e eu nos entreolhamos. Estamos ambos furiosos. Meu sobrinho, aproveitando o momento, insiste:

— Tio, Jud fez coisa errada.

Ao ouvi-lo, ela o repreende, irritada, mas Flyn não se cala. Começam a discutir, e eu, ficando do lado do menino, sibilo:

— Não desconte nele, Jud. Ele só fez o que tinha que fazer.

— Ser dedo-duro é o que ele tinha que fazer?

A fúria de Judith só aumenta, e recordo da vez em que seu pai me advertiu sobre seu gênio. Contudo, eu também tenho personalidade forte, e entramos em uma daquelas nossas discussões quando ela me informa que esses cigarros não serão os últimos de sua vida.

Arrogância para cima de mim?

Então, é assim?

Fico furioso, doente.

— Tio, você disse que não se pode fumar, e ela e tia Marta estavam fumando — insiste Flyn.

— Cale a boca, Flyn! — protesta Judith.

Vendo que ela não me entende, com minha pior expressão de raiva, sentencio:

— Jud, você não vai fumar. Não vou permitir.

Ao dizer isso, noto sua expressão. Ô-ou… a coisa vai ficar feia! E não tenho música de que ela goste para amansar a fera.

Sem dúvida, o que eu disse a deixa fora de si. Olhando para mim com desdém, ela sibila:

— Não me encha o saco, cara. Nem que você fosse meu pai e eu tivesse dez

anos.

Sua resposta me deixa furioso, exasperado. Fico alterado ao ver como minha irmã e meu sobrinho olham para mim. Não estou a fim de brincadeira.

— Jud… não me provoque! — advirto.

Mas acho que ela vai me provocar. Sua expressão a delata.

Segundos depois, aparece minha mãe. Era só o que faltava! E, como era de esperar, além de querer fumar um cigarrinho também, troca umas palavras rudes comigo, até que Marta, ao ver a situação que se criou, leva Flyn e minha mãe dali.

Judith e eu nos encaramos e, por fim, ela diz:

— Nunca mais fale assim comigo na frente dos outros.

— Jud…

— Nunca mais me proíba de nada — insiste.

Meu nível de tolerância é zero.

— Jud… — sussurro.

Discutimos. De novo. Ela me diz que é dona de sua vida e de suas ações, como eu sou das minhas. E chama Flyn de *velho prematuro* e a mim de tolo por entrar no jogo do menino e permitir que discutamos por causa dele.

Suas palavras, sua raiva e seu jeito de me explicar o que sente me fazem perceber meu erro. Sou um idiota! Eu me julgo tão esperto, mas, às vezes, como diz Jud, é incrível como posso ser idiota. Por fim, horrorizado, vou até ela por trás e sussurro:

— Desculpe.

Judith não se move. Sei que errei. Ela afirma:

— Tem que se desculpar mesmo, porque você se comportou como um babaca.

Ao ouvir isso, sorrio e digo:

— Adoro ser *seu* babaca.

Ela não se move. Não sorri. Insisto:

— Desculpe por ser tão idiota e não ter percebido o que você disse. Você tem razão, eu agi mal e me deixei levar pela má intenção de Flyn. Você me perdoa?

E, por sorte, ela me perdoa.

Vira-se e me beija, e eu aceito esse beijo excepcional cheio de carinho e amor. Amor puro.

Minha espanhola está quebrando todos os meus paradigmas, porque, por mais que discutamos, segundos depois, desejo beijá-la e fazer amor com ela.

Um beijo leva a outro…

Uma carícia leva a outra…

E, quando percebo que consegui fazê-la relaxar, tomo as rédeas. Aperto-a contra a cristaleira enquanto minha mão desaparece por baixo de seu vestido elegante. Quando toco sua entrada úmida por cima da calcinha, olho para ela, que arfa:

— Querido, estamos na cozinha de sua mãe e, por trás daquela porta, estão os convidados. Acho que não é hora nem lugar para fazer o que estamos pensando.

Eu sei, sei que ela tem razão. Tiro a mão de baixo de seu vestido, dou-lhe um último beijo e voltamos à festa. Segundos depois, trovões tornam a retumbar e sei que, infelizmente, essa noite seremos três na cama de novo, mas não precisamente para jogos sexuais.

47

A manhã do Dia de Reis era sempre especial para mim quando era criança. Minha mãe nos acordava cedo e nos fazia correr para a sala para ver se Melchior, Gaspar e Baltasar haviam deixado algo. E, por sorte, os maravilhosos Reis Magos sempre se lembravam de Hannah, Marta e eu, ainda que fôssemos as únicas crianças que eles visitavam em nosso bairro na Alemanha.

Eu não tenho a graça, a imaginação nem a fantasia necessárias para criar o mundo que minha mãe criava para nós, e nunca fiz isso para Flyn em minha casa.

Enquanto espero que Judith se levante, jogo PlayStation com meu sobrinho. Ele está feliz e motivado. De repente, a porta da sala se abre e vejo Judith entrar com uma grande sacola.

— Os Reis Magos deixaram presentes para vocês — anuncia com um sorriso radiante.

Flyn reclama, solta bruscamente o controle do PlayStation e resmunga:

— Espere acabarmos o jogo.

Mas ela não lhe dá ouvidos e prossegue com sua alegria.

Segundos depois, entram Norbert e Simona, a quem Judith chamou, e me olham desconcertados. Com minha expressão demonstro a eles que não sei nada do que ela inventou.

— Vamos nos sentar perto da árvore. Tenho que entregar seus presentes — diz ela.

Nós quatro suspiramos. Às vezes, a loucura e a vivacidade de minha mulher são demais para nós. Quando Flyn reclama de novo, tenho que brigar com ele. Não gosto de fazer isso, mas ele não pode ser tão desagradável com Judith.

A seguir, tentando suavizar o clima, tiro do bolso da calça vários envelopes e, entregando um a cada, digo:

— Feliz Dia de Reis!

Sabendo o que contêm, Simona e Norbert me agradecem com um sorriso e guardam os envelopes sem abri-los. Vejo que Judith observa Flyn, e ele, depois de olhar dentro do envelope, exclama com um sorriso:

— Dois mil euros! Obrigado, tio!

Eu assinto, contente. Fui prático! De meu ponto de vista, para evitar problemas, o melhor é dar dinheiro.

Judith me olha, surpresa, e me pergunta:

— Você deu um cheque de dois mil euros a uma criança?

Assinto e, quando vou dizer algo, Flyn diz:

— Não precisa fazer essa bobagem de presentes. Eu já sei quem são os Reis Magos.

Ela pisca, incrédula. Não acha isso certo. E, olhando para mim, insiste:

— Pelo amor de Deus, Eric! Como pode fazer uma coisa dessas?

Suspiro. Está claro que há várias coisas com as quais ela e eu não concordamos.

— Sou prático, meu amor — respondo.

Olhamo-nos.

E de novo nos olhamos sérios, quando Simona, para amenizar o clima, entrega uma caixa a Flyn. Dois segundos depois, ele grita, feliz, ao ver o jogo de Wii que queria.

Como Simona o conhece!

Vejo que esse presente acalma um pouco Judith. A seguir, ela entrega seus pacotes a Norbert e a Simona. Diante disso, eles não sabem o que fazer; não têm nada para ela. Mas minha pequena rapidamente diz que não é necessário e pede que, por favor, peguem seus presentes porque foram escolhidos com amor.

Os empregados me olham em busca de aprovação e, quando sorrio em sinal de aceitação, eles os pegam. Observo Judith e sinto que morro de amor por ela. Ela é fantástica!

Depois que eles abrem seus presentes e demonstram que gostaram, minha garota tira da grande sacola outros para mim e para Flyn.

Sem hesitar, abro os meus e sorrio ao ver uma linda camisa e um cachecol, e imediatamente digo que adorei. Qualquer coisa que venha dela eu recebo com amor.

Jud olha feliz para Flyn. O menino continua com seus pacotes nas mãos, sem abri-los, e ela o estimula:

— Vamos, meu amor. Abra-os. Espero que goste!

Estou orgulhoso da boa vontade de Judith com ele. Ela sempre sorri para ele, apesar de, às vezes, Flyn não ser muito comunicativo nem carinhoso com ela.

O menino olha para nós, e Jud continua insistindo que ele abra seus presentes. Eu, sem dizer nada, incentivo-o com o olhar. Estou feliz, gosto da sensação que tudo isso me provoca.

Então, Flyn abre um de seus presentes e minha felicidade desaparece imediatamente.

Jud não o conhece em absoluto!

Nas mãos Flyn segura um skate verde. Algo perigoso. Algo que, se ele não usar direito, pode machucá-lo. De imediato, tirando-o das mãos dele, coloco-o na caixa e digo:

— Jud, devolva isto.

Ela me olha sem entender nada.

Pergunta o que houve, mas não respondo. E, tirando o skate de novo da caixa, ela insiste:

— Qual é o problema com o skate?

Transtornado, porque isso pode implicar um risco para Flyn, por fim, eu esclareço:

— É perigoso. Flyn não sabe usar isso e, em vez de se divertir, vai é se machucar.

Ela me olha boquiaberta.

Zomba de mim chamando-me de quadrado.

Diz que ensinou sua sobrinha Luz a andar, que não é difícil, que o truque é manter o equilíbrio. Contudo, não me importa o que diga. Levantando-me, tiro-o das mãos dela e sibilo de mau humor:

— Quero isso longe de Flyn, entendeu?

Meu sobrinho não diz nada. Só olha para nós e, pelo modo como observa o skate, sei que gostou do presente. Mas não, não vou permitir.

De repente, Jud o arranca de mim de novo e diz:

— É meu presente para Flyn. Não acha que ele deveria dizer se o quer ou não?

Olho para ela com irritação. Será que não percebe que no menino mando eu?

Disposto a começar uma de nossas batalhas, vou dizer algo não muito agradável quando meu sobrinho intervém:

— Não quero, é perigoso.

Judith se levanta e olha para todos. Eu me aproximo dela, tiro-lhe o maldito brinquedo das mãos e digo:

— Jud, ele acabou de dizer que não quer. O que mais você precisa ouvir?

Transtornada, ela arranca de novo o brinquedo de mim e censura minha atitude. Insiste e insiste, dizendo a Flyn que pode ensiná-lo a andar sem perigo.

— Chega! Eu disse não, e é não! — grito, furioso.

Ela me olha. Sua expressão é tão séria quanto a minha.

— Simona, Norbert, levem Flyn da sala. Preciso falar com Judith — exijo.

O alto astral e os risos de minutos antes desapareceram. Dá para cortar a tensão com uma faca. Quando ficamos sozinhos, sibilo:

— Ouça, Jud, se não quiser que discutamos na frente do menino ou dos empregados, fique calada! Eu disse não ao skate, por que você insiste?

Ela me olha, fixa seus olhos escuros impressionantes em mim e replica, gesticulando:

— Porque ele é um menino, caralho! Não viu os olhos dele quando o tirou da caixa? Ele gostou. Você não percebeu?

Ela tem razão. Claro que eu percebi.

Sem vontade de ceder, respondo:

— Não.

Ela se desespera, vejo que morde o lábio para não dizer o que realmente quer.

— Ele não pode passar o dia inteiro no Wii, no PlayStation ou no… Que tipo de menino você está criando? — censura ela. — Não percebe que no futuro ele vai ser um garoto retraído e medroso?

— Prefiro que seja assim a que aconteça alguma coisa com ele — respondo.

Judith grita, demonstra que continua não concordando comigo, e eu, transtornado e sem pensar em mais nada, digo:

— Ter você comigo e com ele nesta casa é a melhor coisa que me aconteceu em muitos anos, mas não vou pôr Flyn em perigo porque você acha que ele deve ser diferente. Aceitei que você trouxesse para casa essa árvore vermelha horrível, obriguei o menino a escrever seus absurdos desejos para decorá-la, mas não vou ceder no que diz respeito à educação de Flyn. Você é minha namorada, ofereceu-se para cuidar de meu sobrinho quando eu não estiver presente, mas ele é minha responsabilidade, não sua. Não se esqueça disso.

Quando concluo a frase, vejo a expressão séria de Judith. Uma expressão sisuda, preocupada e cheia de perguntas a que eu não estou disposto a responder.

Sem dizer nada, observo-a recolher os presentes que deu ao garoto.

— Muito bem. Eu farei um cheque a *seu* sobrinho. Com certeza ele vai gostar mais — diz ela de mau humor.

Dói muito sentir sua frustração.

— Você disse que o quarto vazio deste andar era para mim, certo? — prossegue ela.

Assinto. Estou desconcertado pelas coisas terríveis que sei que lhe disse. Com todo seu mau humor, Jud abre a porta e, fitando Flyn, que está ao lado de

Norbert e Simona, diz:

— Pode entrar. O que *seu* tio e eu tínhamos para falar já está falado.

Essa frase me faz ver como ela está transtornada. Nesse momento, Flyn entra e olha para mim. Segundos depois, Judith aparece de novo na sala com as mãos vazias e diz para o menino:

— Depois lhe dou um cheque. Mas não espere que seja tão gordo quanto o de seu tio, pois, primeiro, não acho certo lhe dar tanto dinheiro e, segundo, não sou rica!

Dito isso, ela tira do bolso o envelope que eu lhe dei, abre-o e vê um cheque em branco. Sorri com amargura e, devolvendo-o, diz:

— Obrigada, mas não quero. Não preciso de seu dinheiro. Já me sinto presenteada com as coisas que me comprou outro dia.

Sua voz demonstra toda sua irritação.

Ela parece um tsunami quando propõe, com todo seu mau humor, ler os desejos que penduramos na árvore.

— Não quero ler esses desejos tolos! — grita Flyn, devido a toda a tensão.

Judith me olha, sorri de um jeito que não me agrada e, sem se importar com o que meu sobrinho ou eu dizemos, insiste:

— Muito bem… eu começo e vou ler um desejo de Flyn!

A tensão entre os três é enorme. Flyn pula em cima dela, arranca-lhe o envelope com o desejo que ela pegou na árvore e, quando o papel cai no chão, declara:

— Odeio este dia, odeio esta árvore e odeio seus desejos! Você irritou meu tio e, por sua culpa, o dia de hoje está sendo horrível.

Judith me encara em busca de um apoio que não lhe dou.

Olho para ela, mas não me movo.

As palavras de meu sobrinho machucam, mas ele tem razão. Ela não para de se intrometer em nossas coisas e de arranjar problemas.

Judith pragueja, xinga como o pior dos caminhoneiros e, furiosa, pega a árvore vermelha com todo seu mau humor e a arrasta para fora da sala.

Caralho… ela está furiosa!

Ao ver isso, Flyn me olha, alterado, e diz:

— Eu avisei. Garotas são um saco.

De onde estou, vejo que Judith coloca a árvore no mesmo quarto onde minutos antes guardou o skate. Depois de trocar algumas palavras com Simona, sobe a escada. Certamente está indo para nosso quarto.

Flyn segue meu olhar e se aproxima. Pega minha mão e murmura:

— Podemos jogar o jogo que Simona e Norbert me deram?

Estou desconcertado. Não sei o que fazer. Quero ir atrás de Judith, mas não

posso deixar meu sobrinho em um dia assim. No fim, sentindo que devo atender ao menino, assinto com um sorriso:

— Muito bem, vamos jogar.

Jogo com Flyn durante horas, sem conseguir parar de pensar em Judith. Ela não volta para a sala, e imagino que adormeceu ou está tomando banho. Mas, quando chega a hora do almoço e subo para chamá-la, fico em choque ao ver que ela não está.

Aonde ela foi?

Nervoso, ligo para ela. Por sorte, ela levou o celular. E, quando atende, pergunto, ansioso:

— Onde você está?

— Com sua irmã e uns amigos.

— Que amigos? — insisto, mal-humorado.

— Não sei, Eric… alguns amigos. Sei lá!

Sua má vontade ao me responder faz minha raiva aumentar. Exijo que volte para casa. Mas ela se recusa. Era só o que me faltava!

Eu lhe peço que me diga onde está para ir buscá-la, mas ela zomba de mim.

Maldita espanhola cabeça-dura!

Respiro fundo, evitando gritar o que penso, o que sinto.

— Vou desligar. Quero aproveitar o lindo Dia de Reis e acho que com eles vou conseguir. A propósito, espero que você também o aproveite na companhia de *seu* sobrinho. Vocês nasceram um para o outro. Tchau — diz ela.

Sem me dar tempo de dizer mais nada, desliga.

Desliga na minha cara! Na minha cara! Isso me irrita ainda mais.

Nunca ninguém teve a desfaçatez de desligar na minha cara, até ela chegar.

Maldita cabeça-dura!

A fim de dizer a última palavra e obrigá-la a voltar, ligo de novo, mas ela rejeita as ligações. Até que o telefone perde o sinal.

Muito bem!

Não pretendo ligar de novo!

Meu dia escurece.

Passam-se as horas e ela não liga nem volta para casa, e meu humor fica

ainda mais negro.

Com o telefone ao meu lado, passo um Dia de Reis horrível com meu sobrinho, que está feliz porque Jud não está conosco. E, embora eu brigue com ele quando faz comentários a esse respeito, Flyn tem razão: ela foi embora.

Ela nos deixou!

O tempo continua passando, chega a hora do jantar e ela não voltou.

Flyn e eu jantamos sozinhos e eu estou com um humor de cão.

Uma vez que Flyn termina de jantar, Simona e Norbert, que me conhecem, levam-no para cima e o colocam na cama. E eu, com o pior mau humor do mundo, fico andando pela sala de um lado para o outro até que vejo um papel jogado no chão. Percebo que é o desejo de Flyn que Jud ia ler horas antes. Agacho-me, pego-o e, abrindo-o, leio:

Desejo que meu tio mande Jud embora. Não precisamos dela.

Ler isso me deixa louco. Esse Flyn!

Furioso, rasgo o maldito desejo e vou para meu escritório, onde jogo os pedaços de papel no lixo. Se Jud ler isso, sem dúvida a coisa vai ficar pior.

Em meu escritório, espero… espero e espero, e quando não aguento mais, sem cumprir o que prometi, torno a digitar seu número e o telefone dela toca… toca e toca… até que, por fim, ela atende:

— Diga, chatinho, o que você quer?

Caralho… caralho… caralho!

Suspiro.

— Chatinho? Você acabou de me chamar de *chatinho*?! — sibilo.

Ouço música ao fundo. Ao imaginar Jud dançando e outros homens olhando para ela, fico enciumado. Soltando uma risada, ela diz:

— Sim, mas, se quiser, posso chamá-lo de outra coisa.

Atormentado, troco umas palavras com ela, até que Jud diz:

— Você já sabe, meu *amol*!

Isso faz disparar todos os meus alarmes, e pergunto, apressado:

— Jud, você está bêbada?

— Nããããoooo. Iceman, o que você quer?

A música, sua voz e sua indiferença fazem meu lado selvagem ficar alerta.

— Jud, quero que me diga onde está para ir buscá-la — exijo.

— Nem pensar. Você vai estragar tudo.

Caralho… caralho… essa mulher! Transtornado, grito:

— Pelo amor de Deus! Você saiu de manhã e são onze da noite!

— Câmbio e desligo, metido.

Ouvir essas palavras, a música, e ela gritando “Azúcar!” me deixa louco. E, quando também ouço a voz de minha irmã, grito, fora de mim:

— Marta, você tem duas opções: a primeira é trazê-la já para casa e a segunda, arcar com as consequências!

— Pelo amor de Deus, Eric, como você é desmancha-prazeres!

E, sem dizer mais nada, minha irmã, de forma bastante ousada, desliga. Fico como um imbecil olhando para o nada.

Puta que o pariu!

Passam-se as horas, minha tolerância já acabou, e meu humor é aterrador.

Em toda minha vida, ninguém, absolutamente ninguém, fez com que eu me sentisse tão idiota.

Sem saber o que fazer, fico andando pela casa no escuro. Sinto que preciso de ar e decido ir para o jardim. Não sei onde está Judith nem com quem. Isso me preocupa mais a cada segundo que passa.

De repente, ouço o barulho de um carro e me dirijo ao portão.

Escondido entre as sombras, observo minha irmã e Judith gargalhando. Sem poder me aguentar, caminho até elas pela neve. Quando me aproximo, noto que Judith está meio bêbada.

— Depois falo com você… irmãzinha — digo, fitando Marta.

Ela sorri, mostra a língua e, sem dizer nada, dá partida e vai embora.

Como diria minha mãe, “Deus as cria e elas se juntam”.

Em silêncio, Jud e eu nos olhamos e nos desafiamos. Pego-a pelo braço e sibilo:

— Vamos entrar.

Ela se desvencilha de mim com brutalidade, e ouço um grunhido estranho.

Olho para os lados, mas não vejo nada. Até que, de repente, de trás das latas de lixo sai o cachorro ossudo que eu vi em várias ocasiões.

— Calma, Susto, não é nada — diz Jud.

O animal se aproxima dela. Eu dou um passo para trás e pergunto:

— Você conhece esse cachorro?

Judith lhe faz carinho, sorri e afirma:

— Sim. É o Susto.

Boquiaberto, olho para o galgo magrelo com olhar triste que está em frente

a mim e pergunto de novo:

— Que pano é esse que ele tem no pescoço?

Judith se agacha, ajeita o pano e diz:

— Ele está resfriado e fiz um cachecol para ele.

Surpreso, observo esse cachorro feio de cachecol e perco o controle:

— Não toque nesse cachorro sujo, Jud, pelo amor de Deus!

Ela solta uma risada enquanto o animal geme. A seguir, Judith acaricia a cabeça dele e murmura:

— Não ligue para o que ele diz, está bem, Susto? E venha, vamos dormir. Não foi nada.

O cachorro me olha. Está claro que estou sobrando ali. Quando se afasta, vejo que ele entra em uma espécie de casinha. Desde quando essa casinha está aí?

Judith também olha para ele e, quando o animal se deita, ela me pergunta:

— Posso levar Susto para casa?

Mas ela ficou louca?!

Não estou a fim de brincadeira e respondo, furioso:

— Não. Nem pense nisso.

Ela insiste muito. Diz que está frio, que a neve é terrível, que o animal tem mais coração que eu… Mas não, me recuso! Nenhum cachorro vai entrar em minha casa, não me importa o que ela diga.

Dou meia-volta e volto para casa, verificando o tempo todo se Jud está me seguindo. Até que, de repente, zás! Levo um tapa na bunda.

Arde!

Furioso, paro, olho para ela com minha pior expressão e, dizendo que não gostei do que ela fez porque não é hora para isso, sigo meu caminho. Mas ela torna a me surpreender quando me joga uma bola de neve.

Caralho!

Irritado, paro e praguejo em alemão, mas, por fim, continuo andando para casa. Está frio e não quero que Judith pegue um resfriado.

Mas ela está brincalhona, e zás! Uma bola de neve me acerta agora na cabeça. Ao ouvir suas gargalhadas, olho para ela e digo com todo meu mau humor:

— Jud… você está me irritando de um jeito que não pode nem imaginar.

Sua cara de deboche me deixa louco, especialmente porque sinto que não lhe importa o que eu digo. Fico doente de raiva, mas continuo caminhando.

Quando entramos em casa, ela fica no hall e vou para meu escritório. Chocado diante de sua desfaçatez, me sento diante do computador e dou uma olhada nos últimos e-mails recebidos. Até que a porta se abre e ela entra.

Com um sorriso, ela se aproxima. Mas não sorrio, não estou a fim. Sem se importar com minha seriedade, ela se senta em cima de mim e, de repente, noto que está só de camiseta.

Quando foi que ela tirou a calça?

Sem dizer nada, demonstro que não estou de bom humor, mas parece que para ela dá no mesmo. Ela pousa seus lábios nos meus, mas não respondo ao beijo. Estou furioso.

Judith se esfrega em mim, provoca-me, beija-me de novo e, apesar de minha frieza, ela não se dá por vencida.

— Vou foder você porque você é meu — murmura ela, desinibida.

Deus… ela está me deixando excitado!

Mas não, tenho que me manter firme, quero que ela saiba que não gostei do que fez hoje. Mas, quando me beija, sem poder evitar, dessa vez meus lábios se movem. Respondem.

Caralho… ela consegue me amolecer!

Querendo me envolver nesse momento ardente, ela morde meu lábio, puxa-o e, olhando em meus olhos, provoca-me e murmura:

— Eu desejo você, querido, e você vai realizar minhas fantasias.

Meu corpo reage mesmo sem eu querer.

— Jud… você bebeu — replico.

Ela diz que bebeu uns mojitos, chama-me de "meu *amol*" e se levanta. Com sensualidade, movimenta o corpo na minha frente. Quando fica olhando para a mesa e sua boca se curva em um sorriso, nego com a cabeça. Não sei se ela está pensando o que eu acho que está, mas já vou dizendo não antes que ela tire tudo de cima da mesa.

Com um autocontrole que eu não sabia que tinha, permaneço imóvel, mas ela me toca e me provoca de mil e uma maneiras. Pegando minha mão, passa-a por cima de sua calcinha.

Meu Deus, que tentação! Sinto sua umidade, e isso me faz estremecer.

Ela, ao notar, murmura:

— Quero que você me devore. Quero que enfie a língua dentro de mim e me faça gritar porque meu prazer é seu prazer, e somos donos do corpo um do outro.

Minha excitação aumenta. Eu disse essa frase no passado.

— Toque-me — exige ela. — Vamos, Iceman, você deseja tanto quanto eu. Vamos!

Não posso. Não aguento mais!

E, esquecendo minha irritação e minha fúria, lanço-me a seus seios sem pensar em mais nada.

O prazer nos invade, apodera-se de nós, vibramos enquanto saboreio minha mulher, a mulher que amo e desejo possuir mil vezes. Digo que ela foi uma garota má, dou-lhe vários tapinhas no bumbum, que nos excitam ainda mais. De repente, ela dá meia-volta, enfia as mãos dentro de minha calça e, olhando para mim, murmura, acariciando meus testículos:

— Quer que eu mostre o que eu faço com os meninos maus?

Olho para ela. Só eu quero ser seu menino. Ela acrescenta:

— Você também foi mau hoje de manhã, meu amor. Muito… muito mau.

A seguir, só me dá tempo de dizer seu nome quando, com um puxão, abaixa primeiro minha calça e depois minha cueca, e diante dela fica minha impressionante ereção.

Judith sorri. Eu estremeço.

Ela me empurra com força e caio na cadeira. E, montando sobre mim, ela exige:

— Arranque minha calcinha.

Não hesito. Arranco-a com prazer, com paixão, com vontade… Arranco-a! Então, assumindo o controle da situação, ela pega meu pau duro e o introduz nela.

Deus… que prazer!

— Olhe para mim — ordena.

A partir desse instante, nossos instintos sexuais se apoderam de nós. Tornamo-nos os rudes animais que somos quando nos deixamos levar pela paixão. Cravo-me totalmente nela. Ambos arfamos sem nos movermos. Provoco esses segundos de êxtase entre nós enquanto nos olhamos, até que preciso me levantar com ela e o faço. Levo-a até a escada da biblioteca e exijo, fitando-a:

— Segure-se em meu pescoço.

Judith se segura. Abre-se por completo para mim e torno a possuí-la, fazendo-a subir e descer sobre meu volumoso pênis. Arfamos com deleite.

Eu a empalo.

Empalo-a como o garanhão que ela gosta que eu seja.

Empalo-a com a força que ela exige e que eu estou disposto a lhe dar, enquanto nossos suspiros ecoam na sala. Até que não aguentamos mais e, em poucos minutos, nos deixamos levar pelo prazer.

Quando o assalto colossal termina, sinto minhas pernas tremendo. Volto para a cadeira e, sentando-me sem sair de dentro de Jud, murmuro:

— Continuo bravo com você.

— Que bom!

Sua resposta me deixa desconcertado. Ao ver minha surpresa, ela me beija, dá uma piscadinha e, com uma sensualidade que me deixa louco, afirma:

— Hmmm! Sua raiva promete uma noite interessante pela frente.

Ao ouvir isso, não posso evitar sorrir. E, dando um tapinha em seu lindo bumbum, afirmo:

— Você é uma bruxa, uma verdadeira bruxa, e vai pagar pelo dia horrível que me fez passar.

Sem mais, levo-a para meu quarto, fecho a porta e faço amor com ela com força e desejo.

48

Passam-se os dias e minha raiva pelo que aconteceu no Dia de Reis se esvai. Não digo a Flyn que li seu desejo, melhor me calar.

Nesses dias, recebemos em casa a mudança de minha pequena, que chega de Madri enviada por sua irmã. Jud liga para ela e Raquel diz que não se preocupe com nada: ela cuidará de sua casa até que Judith decida o que fazer com ela.

Ter suas coisas alegra Jud, e ela demonstra sua felicidade com seu eterno sorriso. E estou feliz porque entre essas coisas não chegaram nem sua moto nem seu macacão de motocross. Isso me dá certa tranquilidade. Quero que Jud esqueça isso e, não tendo nada disso por perto, sem dúvida esquecerá, ainda que, uma vez ou outra, pegue minha BMW para dar uma volta.

Depois das datas festivas, retomo meu trabalho na Müller, enquanto Judith organiza seus pertences em minha casa e se habitua à vida na Alemanha, a Flyn e a meus amigos.

Às vezes, ela vai fazer compras com Frida, bem como com minha irmã e minha mãe. Noto que de imediato ela simpatiza com Björn. Eles se dão muito bem, e isso me agrada. Ele é como um irmão para mim, e sei que nunca seria desleal comigo. Eu sei. Confio nele e em Judith.

Algumas pessoas da Müller complicam minha vida. É uma empresa em expansão, mas alguns funcionários da época de meu pai, em vez de ajudar, só atrapalham. Sei que tenho que me livrar deles, mas preciso fazer as coisas direito. Não quero nem prejudicá-los nem que eles me prejudiquem, mas estão com os dias contados na Müller.

Estou examinando uma papelada quando toca o telefone e minha secretária me passa uma ligação.

— E aí?! — diz Dexter quando atendo.

— E aí, amigo!

Conversamos por um tempo. Reconheço que sua positividade me deixa sempre de bom humor. Ele fala de sua empresa, de como vão as coisas, e diz que em breve virá a Munique a negócios e para conhecer a mulher que, segundo ele, me nocauteou. Fico feliz, quero vê-lo e lhe apresentar Judith. Conhecendo Dexter, tenho certeza de que ele ficará louco para dar uns tapinhas no bumbum de minha mulher.

No domingo, decido ir ao campo de tiro, e Flyn e Judith me acompanham.

Ao entrar, vários sócios me cumprimentam, e suas mulheres olham para Judith com curiosidade. Sem dúvida, pensam que ela conseguiu o que até o momento nenhuma outra havia conseguido.

Orgulhoso, apresento Jud, e a maioria, ao saber que ela é espanhola, diz "olé, torero, paella". Judith sorri, mas a cada dia que passa noto que isso está começando a incomodá-la. Segundo ela, os espanhóis são mais que "olé, torero, paella".

Minutos depois, quando vamos para a área de tiro, me divirto exibindo-me para minha mulher. Ela me observa com atenção e eu, como bom atirador que sou, não erro a pontaria, apesar do problema que tenho nos olhos.

Incentivo-a a atirar, mas ela não quer. Não gosta de armas e se recusa categoricamente.

Passamos parte do dia fora de casa. Quando voltamos, está frio, muito frio devido à neve que caiu.

Entro na sala com Flyn, mas Judith desaparece. Onde está?

Mas, antes que eu vá buscá-la, ela já está de volta, e nós três jogamos Wii.

No dia seguinte, quando acordamos, proponho a Jud que me acompanhe ao escritório. Quero que ela conheça meu local de trabalho, especialmente a sede da Müller.

Ela aceita, encantada, e, esquecendo sua inseparável calça jeans, coloca um terninho escuro com uma camisa branca. Fica linda.

Em frente à empresa, ela observa o edifício com curiosidade. Ao entrar pelas catracas, os funcionários da segurança a detêm. Depressa, explico que ela é minha namorada e que, a partir de agora, tem livre acesso.

A seguir, com profissionalismo e seriedade, sem nos tocarmos, entramos no

elevador. Ali eu sou o *big boss*, o mandachuva, e tenho que manter minha vida pessoal afastada para preservar minha imagem e a da empresa.

Quando chegamos ao andar da presidência, vejo que tudo a deixa espantada. O lugar tem pouco a ver com o escritório de Madri, onde ela trabalhava.

Ao chegar à mesa de minha secretária, cumprimento-a:

— Bom dia, Leslie. Esta é minha namorada, Judith. Por favor, vamos a minha sala.

Elas se cumprimentam com cordialidade e eu entro na sala seguido pelas duas.

Durante alguns minutos, Leslie me informa das ligações e me entrega vários documentos para assinar. Quando ela sai, olho para Judith, que até o momento esteve calada, e pergunto:

— O que acha do escritório?

Ela diz que gostou e sorri quando digo que eu gostava mais do de Madri, porque tinha um arquivo interessante. Rimos ao pensar nisso.

Quando a sento sobre minhas pernas, percebo seu desconforto e lhe asseguro:

— Ninguém entra sem avisar. É uma norma importantíssima aqui.

Ela assente e, olhando para mim, pergunta:

— Importantíssima desde quando?

Ao ver sua expressão e entender por que ela está perguntando isso, afirmo:

— Desde sempre.

E ciente de que não devo esconder nada dela, acrescento:

— Sim, Jud, isso que você está pensando é verdade. Já tive relações nesta sala, mas isso acabou faz tempo. Agora, só desejo você.

Sua expressão deixa transparecer que isso a incomoda. Vou beijá-la, mas ela se afasta.

— Acabou de me fazer a cobra? — pergunto, surpreso.

Ela assente. Não fala. Noto que o ciúme a consome.

— Com Betta, não é? — pergunta ela de repente.

— Sim.

Quero que minha relação com ela seja transparente, perfeita. Não quero mentiras inúteis e absurdas entre nós. Então, ela me pergunta se fui para a cama com minha secretária, com a morena do elevador ou com a loura da recepção.

Olho para ela boquiaberto. Está mesmo com tanto ciúme?

Depressa esclareço que não tive nada com nenhuma delas. Vejo que seu pescoço está começando a ficar vermelho. Sua coceira! Como quero esclarecer tudo, lhe conto que no passado fiz sexo com várias mulheres da empresa, mas

sempre em outros lugares, e que as únicas com quem transei nesta sala foram Amanda e Betta.

Ela assente. Processa toda a informação que estou lhe dando sobre meu passado. E, quando vejo que está mais tranquila, pergunto:

— Se eu tentar beijá-la, vai me fazer a cobra de novo?

Ela não responde, e eu insisto:

— Você confia em mim?

Ela me olha, olha… olha…

Cada vez se parece mais comigo quando fica me encarando. Por fim, com uma expressão que não compreendo muito bem, ela afirma:

— Totalmente. Sei que você não me esconde nada.

Olho para ela. Observo-a. Suas palavras me dão o que pensar.

— Veja como ficou meu pescoço por sua causa! — provoca ela.

Ao ver as brotoejas, sorrio, esqueço tudo e, abraçando-a, digo que estou pensando em mandar construir um arquivo em minha sala para que ela venha me visitar. E meu amor, sorrindo, beija-me e afirma:

— É uma excelente ideia, sr. Zimmerman.

49

Os dias passam e Judith está cada vez mais integrada a minha rotina. Pensar em minha vida sem ela é totalmente impossível, e, embora às vezes ela deixe a mim e a Flyn loucos quando nos faz abandonar nossas noites de homem com o videogame, reconheço que ir ao cinema ou passear com ela é muito melhor, mesmo que meu sobrinho fique bravo.

Às vezes, tenho fortes dores de cabeça causadas pela minha doença, mas costumo controlá-la. Porém, um dia, a dor é tão insuportável que não me resta outra alternativa que não ir ao hospital.

Como sempre, Marta é a primeira a saber de tudo que acontece comigo. Ela diz que vão ter que pôr um *micro-bypass* trabecular, que não sei nem o que é. Praguejo, mas sei que não tenho outra opção.

Se minha irmã concorda, é porque é bom para mim.

Quando começo o tratamento, fico desesperado. Sinto que não controlo minha vida nem meus movimentos, e isso me deixa de muito mau humor.

Eu sou Eric Zimmerman, um homem que não se deixa amedrontar por nada nem ninguém, que decide o que fazer ou não, mas reconheço que essa maldita doença me deixa acovardado. Coisa que nunca admitirei na frente de ninguém.

Judith e Björn estão ao meu lado. Não me deixam nem um segundo, apesar de, às vezes, eu não ser a melhor companhia, porque fico irritado com eles.

Cada vez que tenho que pingar o colírio, meu humor fica péssimo. Mas, curiosamente, Judith me aguenta. Aguenta-me como nunca ninguém me aguentou, e isso faz com que eu a ame mais e mais a cada segundo. Mas não sei se isso é bom para nós.

Se eu ficar cego, que vida poderei lhe dar?

Jud é uma mulher linda, alegre e divertida que merece o melhor, e estou começando a questionar se sou o melhor para ela.

Tenho que reconhecer que não sou um homem nem alegre nem divertido,

pelo contrário. Costumo ser resmungão e não tenho muito senso de humor.

Isso me angustia. Será que estou agindo bem com Judith?

Certa noite, deitados no escuro em nosso quarto, quando sua mão segura a minha, murmuro:

— Jud, minha doença está avançando. O que você vai fazer?

Durante alguns segundos, ela não diz nada. Talvez esteja pensando o mesmo que eu.

— Por enquanto, beijá-lo — diz ela.

Então, sua boca busca a minha, e eu, incapaz de negar, entrego-a. Entrego-me por completo a ela, até que Judith afirma:

— E, claro, continuar amando você como amo agora, querido.

Suas palavras me emocionam, fazem-me sentir o homem mais sortudo da face da terra e meu coração se acelera. Mas a minha ansiedade não me deixa viver em paz.

— Se eu ficar cego, não serei um bom companheiro — digo, voltando à realidade.

Ela não diz nada, mas sua respiração se acelera ao ouvir minhas palavras.

— Serei um estorvo para você, alguém que limitará sua vida e… — prossigo.

— Chega! — interrompe ela.

Não quer enxergar a realidade, o que pode acontecer.

— Temos que falar sobre isso, Jud — insisto. — Por mais que doa, temos que falar sobre isso.

Na escuridão, noto que ela se abana com a mão. Sua angústia fica evidente. Sentando-se na cama, ela sibila:

— Dói ouvir você dizer isso. E sabe por quê? Porque me faz sentir que, se um dia acontecer algo comigo, terei que deixar você.

Ouvir isso me assusta.

Nem pensar!

Por nada neste mundo quero que Jud se afaste de mim. E, depois de deixar claro que não, que eu não ia querer isso, ela insiste:

— Por acaso eu sou diferente de você? Não. Se eu tenho que pensar em abandoná-lo, você tem que pensar em me abandonar se eu ficar doente.

Sento-me na cama. Eu jamais aceitaria isso. Ela é minha vida.

— Meu Deus! Espero que nunca aconteça nada comigo, porque, se além de ficar doente eu tiver que viver sem você, sinceramente, não vou saber o que fazer — continua ela.

Ouvir suas palavras e o tom triste com que as pronuncia faz todos os meus pelos se arrepiarem. Sem dúvida, Jud sente por mim a mesma loucura

incontrolável que eu sinto por ela.

— Isso nunca vai acontecer, porque… — murmuro, abraçando-a.

Mas ela não me deixa terminar a frase e levanta-se.

Na escuridão da noite, ela anda pelo quarto. Frustrado, deito de novo. Quero protestar, quero dizer a ela que estamos falando de coisa séria, mas, então, ouço uma gaveta se abrir e, segundos depois, sentando-se sobre mim, ela diz:

— Posso fazer uma coisa?

Surpreso com a mudança de rumo de conversa, pergunto:

— O quê?

Ela me dá um beijo doce nos lábios, com um sabor maravilhoso.

— Confia em mim? — acrescenta.

Assinto. Se confio plenamente em alguém, é nela.

— Levante a cabeça — diz ela.

Sem hesitar, faço o que Jud me pede. Então, sinto a suavidade do tecido que cobre meus olhos. Depois, meu amor o amarra.

— Agora você não está vendo absolutamente nada, não é? — pergunta.

Assinto. Com a meia preta ao redor dos meus olhos, a escuridão é total. Em seguida, Judith se deita sobre mim e murmura, banhando-me com beijos doces e sensuais.

— Mesmo que um dia você não me veja mais, eu adoro sua boca, adoro seu nariz, adoro seus olhos e adoro seu lindo cabelo. E, especialmente, adoro seu jeito de resmungar e de ficar bravo comigo.

Sorrio sem poder evitar.

Minha menina… minha pequena!

Saber que meus resmungos não lhe deixam magoada me faz o homem mais feliz do universo.

Ela se senta de novo sobre mim e, pegando minhas mãos, coloca-as sobre seu corpo quente.

— Mesmo que um dia você não me veja mais, suas mãos fortes poderão continuar me tocando. Meus seios continuarão se excitando com seu toque, e seu pênis… — insiste ela.

Meu corpo se rebela.

Tocá-la do jeito que ela exige e sentir minha excitação aumentar junto com a dela me faz vibrar. E ela, apertando-se contra mim, prossegue:

— Meu Deus, seu pau duro, alucinante e enlouquecedor! Ele vai me fazer gemer, perder o controle e dizer: “Peça-me o que quiser”.

Sorrio. Com suas palavras, com seu toque e com sua alegria, Judith levanta meu ânimo, além de outras coisas. Em seguida, pega minha mão e me entrega algo que, pelo tato, sei que se trata do plugue anal.

— Chupe-o — murmura.

Excitado, com a respiração acelerada, enfio o plugue na boca. Sinto a luxúria tomar conta de nós. Depois, ela leva minha mão com o plugue até seu bumbum e sussurra:

— Mesmo que um dia você não me veja mais, continuará introduzindo o plugue no “meu lindo bumbum”, como você diz. E fará isso porque você gosta, porque eu gosto e porque é nosso jogo, querido. Vamos, faça isso.

Extasiado, mordo o lábio.

Judith está me deixando completamente louco. Está me fazendo sentir que, sem enxergar, podemos continuar curtindo nossos jogos de prazer. Tateando sua bunda, chego até onde tenho que chegar. Quando introduzo o plugue anal, ambos suspiramos. Ela começa a se movimentar para me fazer sentir sua excitação e pergunta em meu ouvido:

— Gosta disso, querido?

Satisfeito e feliz, assinto. Tocando com propriedade seu bumbum tentador enquanto movimento o plugue como quero, afirmo:

— Sim… muito…

Ouço sua risada, que me alegra a alma.

— Mesmo que um dia você não me veja mais, poderá continuar me devorando como quiser. Abrirei minhas pernas para você e para quem você quiser, e juro que curtirei você e o farei curtir como sempre. E isso porque você vai guiar, tocar, mandar. Sou sua, querido, e sem você nossas brincadeiras não existem para mim — completa ela.

Suas palavras… Suas palavras me enchem de vida como nunca nada me encheu.

Judith é maravilhosa, é fantástica. Eu a adoro, amo, desejo… Quando meu corpo estremece e um suspiro escapa de minha boca, ela insiste:

— Vamos, brinque comigo.

Então, sinto que ela se afasta de meu corpo. Não… não quero que me deixe.

Mas ela não me deixa. Deita-se ao meu lado, puxa-me e, satisfeito, deito-me sobre ela.

Beijo-a com desejo, devoro-a, faço-a minha. A meia escura continua me impedindo de ver, mas meus sentidos a desejam. Com prazer, chupo seus mamilos e deslizo por seu corpo. Ao tocar com o nariz seu maravilhoso monte de Vênus e suas pernas com as mãos, ela pergunta:

— Mais abertas?

Ao imaginar suas coxas abertas para mim, um calafrio me percorre de cima a baixo.

— Sim — afirmo.

Sinto que ela abre mais as pernas. Sem precisar ver seu monte de Vênus, eu o sinto ao percorrê-lo com a língua, sei que estou lambendo com prazer nossa frase, que ela tatuou e que diz “Peça-me o que quiser”.

Tomando as rédeas do corpo de Jud e da situação, minha boca absorve seu doce clitóris. Movo seu corpo, enquanto sinto suas mãos em meu cabelo.

Minha boca devora sua virilha. Pressionando seu corpo contra o meu, ela murmura:

— Você não precisa me ver para me dar prazer. Para me fazer feliz. Para me deixar louca. Assim… querido… assim.

Enlouquecido ao sentir que o que ela está dizendo é verdade, dedico-me a lhe dar prazer.

Ela é minha mulher, minha vida, meu tudo. Ela está me fazendo ver que o amor pode superar tudo. E quero acreditar nela. Preciso acreditar nela.

Enlouquecido, pego minha ereção com a mão e ela diz:

— Estou encharcada para você, querido. Só para você.

Suspiro… estremeço…

Judith faz com que eu me sinta o homem mais másculo do mundo com suas ações e suas palavras. Guiando meu pênis até seu sexo, a faço gritar de prazer quando a penetro e suas mãos me pressionam contra ela.

Sim… essa é a reação que eu quero…

Essa é a reação de que necessito para saber que ela gosta de fazer sexo comigo e por mim.

Com cuidado para não a esmagar, movo os quadris. Afundo nela sem parar. Nossos gemidos de prazer se unificam e curtimos a experiência. Judith morde meu ombro e murmura, arfando:

— Mesmo que um dia você não me veja mais, continuará me possuindo com paixão, com força e com entusiasmo, e eu o receberei sempre, porque sou sua.

Deus… as palavras de meu amor estão me deixando louco.

— Você é minha fantasia, e eu sou a sua. E, juntos, curtiremos agora e sempre, querido — completa ela.

Eu me sinto incapaz de falar.

Nunca imaginei que ela pudesse me levar aonde me levou. Segundos depois, quando nossos corpos estremecem e chegamos ao clímax, ciente de que minha vida sem ela já não seria vida, abraço-a e afirmo:

— Sim, querida. Agora e sempre.

50

Nos dias seguintes, Judith me ajuda em casa com os e-mails.

Por causa do maldito colírio que tenho que pingar nos olhos antes da cirurgia, não enxergo muito bem. Ela lê as mensagens que recebo e digita o que lhe dito. Judith não só é uma excelente companheira mas também uma secretária perfeita.

À noite fazemos amor e, dependendo do dia, com delicadeza ou com brutalidade. Eu rio quando ela sussurra em meu ouvido que quer seu garanhão. Sem hesitar, dou-lhe o que deseja. Pego-a em meus braços, apoio-a na parede e a penetro.

Durante esses dias, minha mãe tenta nos ajudar, e eu a agradeço por isso. Preciso saber que ela estará ao lado de Judith quando eu não puder. Sei que as duas se apoiarão mutuamente.

A cirurgia se aproxima. Reconheço que estou tenso.

E se algo der errado?

E se eu não recuperar a visão?

E se, depois de tanta preparação, não adiantar nada?

E se…?

Não paro de pensar. Converso com Björn. Meu amigo tenta me tranquilizar, mas a angústia não diminui.

Estou me torturando com o que pode vir a acontecer, deitado na cama com uma máscara de gel gelada sobre os olhos. Sinto que Judith se deita ao meu lado. Ela se aproxima de minha boca e diz:

— Oi, sr. Zimmerman!

Ouvir isso me faz sorrir. Jud e eu só nos chamamos assim em momentos pontuais.

Quando vou tirar a máscara para ver seu lindo rosto, ela me impede. Eu digo que assim não a vejo.

— Para o que vou fazer, você não precisa me ver — murmura ela, beijando meus lábios.

Sorrio. Jud está brincalhona e, segundos depois, quando sinto uma pena suave percorrer meu nariz, ela explica que vamos brincar de “Passar a pena”, entre outros jogos, para ver quem aguenta mais tempo sem rir.

Assinto. Sem dúvida vou ganhar, porque ela tem cócegas até nos cílios.

— O segundo jogo se chama “A caixa dos desejos e dos castigos” — prossegue.

Sorrio. E, pegando-a pela cintura, digo:

— Acho que desse vou gostar.

Eu a beijo, animado. Ela gargalha.

— E o terceiro jogo é eu fazer o que quiser com você — diz depois. — Portanto, quietinho, senão terei que amarrar você. O que acha?

Brincar com ela é sempre um prazer. Assinto, excitado.

— Perfeito!

Entre beijos, deixo que ela tire minha camiseta branca, a calça e a cueca. Sinto sua respiração se acelerar ao ver minha ereção. Então, ela murmura em meu ouvido:

— Um dia, vou pôr um trinco na porta, porque, quando estou excitada, quero você só para mim — murmura em meu ouvido.

Não posso evitar ficar duro. Desejo que ela me toque, mas não. Ela se levanta, faz algo que não sei o que é e depois se deita de novo ao meu lado. Ela me deixa completamente louco ao passar com sensualidade a pena por meu corpo.

Quando não aguento mais, detenho-a e exijo que tire a roupa. Não posso enxergá-la, mas por sua risadinha e seus movimentos intuo que está fazendo o que pedi.

— Desejo concedido, senhor — diz ela.

Preciso tocá-la, e vou tateando até que a encontro. Seu corpo logo aquece minha mão e seu calor chega ao meu coração. Adoro essa mulher.

Brincamos…

Provocamo-nos…

Aproveitamos…

Decidimos continuar com o jogo dos desejos. Ela me faz pegar um papelzinho de uma caixa e lê:

— Desejo uma moto. Importa-se, senhor, se eu trouxer a minha da Espanha?

Ao ouvir isso, minha expressão muda. Não quero que Jud traga sua moto. Não quero vê-la saltar e se arriscar no motocross.

Ao ver que não respondo, ela diz:

— Muito bem, sr. Zimmerman. Como não vai satisfazer meu desejo, tem que pegar um papelzinho de castigo.

Minha expressão se suaviza. Ela não insiste, e fico grato. Agradeço imensamente, pois não tenho forças para discutir. Nem vontade.

O castigo que pego é não a tocar enquanto ela me pinta com chocolate. Mas o jogo fica complicado quando ela, mal-intencionada, pinta meus mamilos, fazendo-os se arrepiarem.

Ouço sua risada no momento em que o pincel desce por meu abdome.

Hmmm… faz cócegas. Eu me encolho ao senti-lo percorrer meu pênis. Fico inquieto e, de repente, sinto sua língua passando por onde segundos antes estava o pincel. Quando vou tocá-la, ela não deixa.

Embora enlouquecido, evito tocá-la, porque assim o jogo exige. Permito que ela assole meu corpo, que me chupe, que me morda. Permito tudo que ela deseja. Quando sua boca envolve meu pênis duro, estremeço, feliz, e me deixo levar. Ela sabe do que gosto.

Durante um bom tempo, aproveito enquanto ela saboreia meu membro, até que não aguento mais e exijo, com voz rouca:

— Fim do jogo, pequena. Agora, foda comigo.

E ela fode. E como fode!

Ela se senta sobre mim e, sem uma palavra, meu pau a penetra.

Caralho… que gostoso!

Encaixados perfeitamente, damos prazer um ao outro. Movido pela loucura, tiro a maldita máscara de gel e, fitando Jud, seguro-a possessivamente e murmuro:

— Agora quem manda sou eu. Vamos passar para o terceiro jogo. Já sabe, amor: fique quietinha ou vou ter que amarrar você.

Ela me olha. Deixa-se manipular por mim. Movido por meu instinto animal, tiro meu pênis de seu corpo e, com uma única estocada, torno a penetrá-la ao perceber que há uma câmera nos filmando. Vai ser bem interessante assistir ao vídeo depois.

Horas mais tarde, vemos a gravação na cama e rimos, abraçados. Sem dúvida, Judith organizou isso tudo para me fazer esquecer a cirurgia que se aproxima. Eu lhe agradeço, feliz.

***

Dois dias depois, chegamos ao hospital onde farei a intervenção. Noto que Judith está nervosa. Muito nervosa. Mal fala e quase não sorri, mas não solta minha

mão. Quando nos acomodamos no quarto e minha mãe sai com Marta, olho para Jud e digo:

— Querida, se você não está bem, vá para casa.

— Nem pensar!

— Jud…

Quando digo seu nome, ela sorri como não o fez a manhã toda e diz:

— Daqui só saio com você, entendeu?

— Querida… se bem me lembro, vou ter que passar a noite aqui, e combinamos que você iria para casa descansar.

Ela assente. Depois, fixa seus impressionantes olhos escuros nos meus e pergunta:

— Se fosse o contrário, você me deixaria aqui?

Sorrio. Ela me conhece muito bem e sabe que dali ninguém me tiraria.

— Pois, se você ficaria, faça o favor de me deixar decidir, está bem? — continua ela.

Assinto. Em momentos como este, sua sinceridade me transmite segurança.

Neste instante, entram no quarto minha irmã e minha mãe.

— Vamos… você tem que tirar a roupa — diz Marta.

Assinto. Pego o que ela me entrega.

— Mamãe e eu vamos esperar lá fora enquanto você se troca — murmura ela.

Judith, que está ao meu lado, não se move. Quando ficamos sozinhos, manda:

— Vamos, comece a tirar a roupa.

Em silêncio, tiro a roupa. Pela primeira vez na vida, o fato de ela me pedir para tirar a roupa não me excita.

Estamos tensos. Quando tiro a cueca e ponho aquele avental de hospital horroroso aberto atrás, ela me dá um tapa na bunda. Olho para ela, que dá uma piscadinha e sussurra:

— Não pude resistir, Iceman.

Sorrimos e nos abraçamos. Não está sendo uma manhã fácil para nenhum dos dois.

— Fique tranquilo, meu amor — sussurra, transmitindo-me coragem. — Vai dar tudo certo.

Nós nos beijamos. É a única coisa que podemos fazer. Estamos nos beijando quando ouvimos umas batidinhas na porta e a voz de minha mãe:

— Vamos… vamos… deixem os beijinhos para depois.

Jud e eu nos olhamos. Depois, minha irmã entra e me pede, indicando a cama:

— Deite-se. Vamos para o centro cirúrgico.

Vejo a expressão de Judith. Pegando-lhe a mão, pergunto:

— Promete que vai ficar tranquila?

Ela sorri e afirma:

— Prometo.

Segundos depois, entra um homem que, depois de nos cumprimentar, puxa a minha cama.

Judith não solta minha mão, caminha ao meu lado pelo corredor. Ao chegar diante de uma porta, minha irmã diz que ela não pode entrar.

— Espero você aqui — murmura Jud.

Ela me beija e diz:

— Eu te amo.

Não sei quanto tempo se passou, mas acordo no meio da noite.

Está tudo escuro e minha visão está desfocada. Durante um bom tempo não me movo, até que ouço um suspiro e sei que é Judith. Virando a cabeça, localizo-a. Não a enxergo com clareza, mas tê-la ao meu lado me conforta. Percebo que ela se move, levanta-se, e eu sorrio. Quero que saiba que estou bem.

Horas depois, voltamos para casa. Nosso lar.

51

Assim como em outras ocasiões, minha recuperação é boa. Como dizem, tenho uma saúde de ferro e me recupero rapidamente. Isso me alegra, pois posso começar a trabalhar.

A Müller precisa de mim, e me concentro em minha empresa. Nesses dias, sinto Judith feliz. Sua relação com Simona é maravilhosa. Seguro o riso quando ela me confessa que assistem juntas a uma novela chamada *Loucura esmeralda*.

Que coisa mais brega assistir a novelas!

Jud aproveita os dias em que trabalho para tomar banho de piscina, andar com minha moto, sair com Frida, ligar para sua família ou conversar com Björn. Ela também sai com minha mãe e minha irmã para ir a um spa fazer massagens de chocolate e coco. Estão viciadas nisso!

Certa tarde, quando chego do trabalho, ao entrar na garagem, vejo pegadas no chão. Sei de quem são. Sem dúvida, Judith enfiou aquele cachorro ossudo em casa. Agacho-me e o vejo escondido entre umas caixas.

Ele me olha… eu olho para ele… Penso na tempestade que está caindo lá fora, mas, transtornado com a desobediência de Judith, vou atrás dela. Em que idioma tenho que falar para ela entender que não quero cachorros dentro de casa?

Simona e Norbert, ao me ver, desaparecem depressa.

Isso é um mau sinal.

Não vão me dizer que o cachorro esteve na sala!

De repente, a porta da sala se abre e Flyn surge furioso.

Ao me ver, ele balança a cabeça e resmunga, aproximando-se:

— Judith está transformando nosso lar em uma casa de meninas.

Sem entender a que se refere, eu o acompanho. Quando abro a porta, fico sem palavras ao ver minha sala austera, com poltronas de couro escuro, transformada em um lugar colorido e cheio de luz. Está tão iluminada que quase

tenho que pôr os óculos escuros para não ficar cego.

O que ela fez?

Judith me olha sorridente, afasta o cabelo do rosto com graça e pergunta, abrindo os braços:

— O que achou?

Eu olho para ela sem saber o que dizer.

Almofadas verdes, vasos de flores, cortinas coloridas e, o absurdo dos absurdos, ela tirou os bonequinhos de ação que eu tinha em cima da lareira e, no lugar, colocou porta-retratos… com fotos de família!

Pelo amor de Deus!

A seguir, observo as paredes. Encolho-me ao ver que meus quadros austeros foram substituídos por outros com tulipas verdes e galhos com purpurina.

Na verdade, não sei o que dizer!

— É um desastre! Qualquer dia, ela vai nos obrigar a usar saia e maria-chiquinha — sussurra meu sobrinho.

Sorrio ao ouvi-lo. Ao ver pela janela como chove, decido deixar o cachorro onde está e não dizer nada. Por enquanto, vou ficar calado.

Sem sombra de dúvida, a passagem de Judith por minha casa e nossas vidas não está nos deixando indiferentes. Apesar da cara emburrada de Flyn, olho para ela e, como preciso fazê-la feliz, sem saber se estou fazendo bem ou não, afirmo:

— Adorei!

No dia seguinte, depois de uma maravilhosa noite com minha mulher, quando vou levar Flyn à escola, Judith insiste em nos acompanhar. Quer que depois eu a deixe sozinha para voltar para casa passeando por Munique.

No começo, eu nego. Não quero que ande sozinha pela cidade. Mas ela é tão insistente que, no fim, só tenho duas opções: matá-la ou ceder. Opto pela segunda.

Que paciência tenho que ter com ela!

No trajeto para a escola, paramos para pegar dois amiguinhos de Flyn, Robert e Timothy. Noto que eles têm nas mãos um skate, justamente o brinquedo que fiz Judith devolver. Contudo, ela não comenta nada. Estranho… muito estranho…

Quando chegamos à escola e os garotos descem do carro, Judith sussurra, brincando, ao ver Flyn se afastar:

— Ora, ele nem me deu um beijinho!

De bom humor, digo que eu lhe darei todos os beijinhos que ela quiser. Insisto em levá-la para casa, mas Jud recusa. Está com vontade de passear e voltar a pé. No fim, depois de me certificar de que seu celular está com a bateria completa, que ela está com dinheiro na carteira e vários cartões de crédito, deixo-a descer, dou partida e vou embora.

Sigo viagem inquieto, olhando pelo espelho retrovisor enquanto ela acena para mim.

Essa bruxa!

No escritório, minha secretária me entrega vários documentos para assinar, mas, antes, ligo para Judith. Preciso saber se está bem.

Depois de falar com ela, assino os papéis e entro em uma reunião. Uma hora mais tarde, mais ou menos, mando uma mensagem, e Jud responde que continua viva. Sem poder evitar, sorrio e penso no que conversamos na cama na noite anterior. Queremos brincar. Faz muito tempo que não fazemos nossos joguinhos, e talvez já seja hora.

No meio da manhã, ligo de novo. Fico inquieto com ela andando sozinha por Munique. Ao saber que continua bem, desligo.

De repente, a porta de minha sala se abre e entra Betta, seguida de Leslie, apressada.

Durante alguns segundos, minha ex e eu nos olhamos. Até que, fazendo um sinal a minha secretária, digo:

— Leslie, pode nos deixar a sós.

Quando ela sai, levanto-me e sibilo:

— Está querendo arrumar problema, não é?

Ela não responde; caminha até mim e, quando chega a minha mesa e começa a falar, eu ameaço:

— O que você fez com Judith foi um ato desprezível. Nunca mais chegue perto dela ou juro que sua vida vai se transformar em um inferno.

Betta sorri, olha para suas unhas e sussurra:

— Ora… nem que eu a tivesse matado…

Suas palavras me irritam. Por culpa dela, Judith e eu nos separamos. Furioso, digo:

— Você conseguiu me fazer duvidar dela, mas, graças a Deus, percebi que só quem joga sujo aqui é você. Se tornar a fazer alguma coisa, juro que…

— Eu vou me casar, Eric. Vim lhe dizer isso.

Acho graça. Incapaz de não me compadecer do coitado que se deixou enganar por ela, sussurro:

— Pobre homem, não sabe onde está se metendo.

Betta levanta o queixo. Sem dúvida, não gostou do que acabou de ouvir.

Dando um passo para trás, ela murmura:

— Só você pode impedir… meu amor.

Dito isso, dá meia-volta e vai embora.

Ela acha mesmo que me interessa o que ela faz com sua vida?

Continuo transtornado quando ligo de novo para Judith. No terceiro toque, ela diz:

— Mas como você é chatinho, Iceman!

Sua voz me faz relaxar. Ela não tem nada a ver com Betta.

— Onde você está? — pergunto.

— Ui, que sério, sr. Zimmerman! O que aconteceu?

Sua voz… Sua alegria… Seu jeito de se dirigir a mim me faz sorrir. Não quero lhe contar da visita desagradável que recebi.

— Querida, que está fazendo? — pergunto.

Ela me conta que passeou pela ponte Kabelsteg e que se surpreendeu com a quantidade de cadeados coloridos com os nomes de pessoas apaixonadas. Pelo jeito que fala, intuo que deseja que ponhamos o nosso. Mas não, não sou homem de fazer esse tipo de bobagem.

Continuo fazendo lhe perguntas. Ela sussurra que está comprando um presente para mim e que, quando eu voltar para casa, vai me mostrar. Fico inquieto, mas, quando vou fazer mais perguntas, ela me informa que não foi raptada por nenhum bando de albano-kosovares e se despede.

Assim que deixo de ouvir sua voz, sorrio. Judith tem esse efeito sobre mim.

Depois de mais duas reuniões, ligo para Björn. Minha secretária disse que ele ligou enquanto eu estava em reunião.

Conversamos um pouco sobre assuntos profissionais e, como em outras ocasiões, falamos do Heine, Dujson e Associados, um escritório de advocacia famoso na Alemanha inteira com escritórios em Nova York, Londres e Cingapura. Meu amigo está interessado em ser sócio faz tempo.

— Você sabe o que faz, Björn, mas acho que não precisa deles. Seu escritório é bom e está cheio de profissionais incríveis.

Ele suspira. Sabe que tenho razão.

— Eu sei. Mas esse escritório sempre chamou minha atenção e… — insiste Björn.

— Por acaso está querendo deixar Munique?

— Não!

Ao ouvir sua negativa, sorrio. Não quero mais falar desse assunto e proponho, baixando a voz:

— O que acha de hoje à noite Jud e eu jantarmos em sua casa?

Björn pensa. Para bom entendedor, meia palavra basta, e, por fim, diz:

— Para mim, perfeito. Falou com ela?

— Mais ou menos.

Ao recordar o que conversamos na noite anterior na cama, sussurro:

— Sei que ela gosta tanto quanto nós.

Björn e eu rimos.

— Fale com ela e depois me avise — acrescenta ele.

Quando desligo, fico excitado pensando na possibilidade. Sexo com Judith e Björn pode ser divertido, mas preciso falar com ela antes. Agora, meus jogos dependem dela.

À noite, depois de um dia bastante agitado na Müller, volto para casa e vejo de novo as pegadas úmidas do cachorro na garagem. Agacho e vejo o animal escondido no mesmo lugar que da outra vez.

— Nem pense em sair daí, pulguento — sibilo.

Por alguns segundos, seus olhos esbugalhados e os meus se encontram.

— Não quero você aqui — insisto.

Em seguida, saio da garagem e entro em casa.

Na sala, meu sobrinho pula em meus braços. Estou falando com ele quando Judith entra.

Aceno com a mão para ela, solto Flyn e me aproximo de Jud disposto a lhe dizer que tire o cachorro da garagem. Mas, em vez disso, ao beijá-la nos lábios, pergunto:

— Está molhada? O que aconteceu?

Judith olha para Flyn.

Flyn olha para Judith.

Sem sombra de dúvidas, aconteceu algo entre eles que estão me escondendo.

— Fui abrir uma Coca-Cola, explodiu e me molhei inteira — diz ela.

Agora entendo por que está molhada.

— Só com você acontecem essas coisas — brinco, afrouxando a gravata.

Jud olha para mim. Flyn também.

O que há com esses dois?

Quando vou perguntar, Simona entra na sala.

— O jantar está pronto. Quando quiserem.

Depois de alguns instantes, Flyn sai com Simona. Quero dizer a Judith que tem que tirar o cachorro da garagem, mas ela volta a falar da ponte Kabelsteg.

Sem dúvida, gostou muito, e procuro entender sua empolgação.

Estou sorrindo sozinho com ela na sala quando baixo a voz e pergunto:

— O que acha de irmos jantar na casa de Björn hoje e…

Judith me olha.

Em seus olhos posso ler o que está pensando.

Ela sabe perfeitamente a que me refiro.

— Acho uma ideia fantástica — murmura com segurança, sem deixar de me olhar.

Eu assinto, animado. Gosto de saber que ela deseja isso tanto quanto eu.

Depois de lhe dar um beijo rápido, esqueço do cachorro e vou para a cozinha. Peço desculpas a Simona, dizendo que Judith e eu não vamos jantar em casa.

Flyn fica bravo ao me ouvir. Não quer que eu saia. Diz que acabei de chegar.

Então, depois de lhe prometer que no domingo jogaremos videogame o dia todo, volto para o amor de minha vida. Pegando-lhe a mão, caminhamos para o quarto.

— Vamos nos vestir — digo.

Entramos no quarto rindo, e me surpreendo quando me mostra que ela mesma colocou um trinco na porta.

Um trinco!

No começo, não gosto da ideia. Nunca houve trincos em minha casa, mas, ao ver minha expressão, ela diz que só o usaremos em momentos pontuais. Ao ouvir sua explicação e vê-la levantar as sobrancelhas, sorrio. Entendo a que momentos ela está se referindo e percebo que, na realidade, é uma ideia excelente.

Então, Judith comenta, animada:

— Comprei uma coisa que quero lhe mostrar. Sente-se e espere.

Alegre por vê-la tão contente, observo-a entrar no banheiro enquanto me sento na cama. Aguardo e, segundos depois, ela sai totalmente nua, exceto por tapa-mamilos de lantejoulas pretas com borlas penduradas.

Rio, não posso evitar, e murmuro:

— Uau, menina! Veja só o que você comprou!

Judith sorri, aproxima-se e, dando de ombros, sussurra, enquanto as borlas balançam:

— São para você.

Olho para ela animado. Só ela para ter essas ideias!

A fim de estrear esse negócio que ela instalou sozinha, levanto-me da cama, passo o trinco na porta e faço amor com ela com força e paixão.

52

Uma hora depois, minha mulher e eu estamos no carro indo para a casa de Björn. Judith está nervosa, ansiosa, e mais uma vez evito falar do maldito cachorro que está na garagem, pois não estou a fim de estragar este lindo momento.

Pedi a ela que não tirasse os tapa-mamilos. Ela ficou uma graça com eles, e quero surpreender meu amigo.

Quando chegamos, Björn nos recebe com alegria. Noto seu jeito de olhar para Judith. Um olhar de lobo faminto me mostra que ele a deseja tanto quanto eu, e isso me excita, e muito.

Sei que muita gente não entenderia nossa relação.

Sei que ninguém vai para a cama com a mulher dos meus outros amigos.

Mas também sei que Björn é totalmente de confiança e que só brinca com Judith porque eu lhe dou permissão.

Meu amigo mostra sua linda casa a minha mulher e ela a percorre encantada, mas noto impaciência em seu rosto. Ela está nervosa!

Satisfeito, Björn lhe mostra sua coleção de discos de vinil e de HQS. Se há algo de que ele se orgulha é dessas duas coisas. Depois, ele abre outra porta e, convidando-a a entrar, diz:

— Por aqui vou todos os dias ao trabalho. Como vê, meu escritório e minha casa estão separados só por esta porta.

Judith me olha boquiaberta. Entramos no escritório e, ao passar por uma mesa, pego a mão de minha mulher e digo:

— Helga trabalha aqui… Lembra-se dela?

Björn me olha. Não lhe contei isso. Quando vou falar, Judith, que está nervosa e ansiosa, replica:

— Claro. É a mulher com quem fomos para a cama aquela noite no hotel, não é?

Sorrio. Adoro quando ela fala tão abertamente sobre sexo.

Björn nos convida a entrar em seu escritório. Aproveitando a visita, vou assinar uns documentos pendentes.

O ambiente é clássico. Como eu, Björn é tradicional no trabalho, conservador ou, como diria Judith, antigo ou velhote! Ela e suas palavras estranhas…

Durante alguns instantes, enquanto Jud olha tudo ao redor, concentramo-nos nos documentos. Eu os leio, Björn me explica certos termos e, de repente, surpreendendo-nos, ela me tira os papéis da mão, pega-me pelo pescoço e me beija. Beija-me com um descaro e uma propriedade que me deixam de boca seca. Ela não aguenta mais e quer começar o jogo imediatamente.

Björn nos observa. Aproxima-se. Espera ser convidado a jogar, enquanto eu aproveito a animação que minha mulher demonstra.

— Tire minha roupa. Brinque comigo. Entregue-me — diz ela, com os olhos brilhando de desejo.

Oh… my… God!

Ouvi-la dizer isso nesse tom, com esse olhar, me deixa louco. Sem hesitar, abro o zíper de seu vestido.

Sim… quero diverti-la!

Quando o vestido cai a seus pés, vejo que Björn olha os tapa-mamilos pretos e a calcinha provocante. É evidente que gostou.

Excitado, sento Judith em cima da mesa marrom do escritório e, aproximando minha dura ereção, pressiono meu corpo contra o dela para lhe mostrar que neste instante quem manda sou eu.

Quero que ela sinta… que deseje… que anseie o que quero lhe dar e que sinta como me deixa duro.

Deito-a em cima da mesa.

Beijo seus maravilhosos seios e continuo descendo até chegar a seu monte de Vênus. Seu cheiro de sexo ardente me enlouquece. Pegando a calcinha com força, rasgo-a com um puxão.

Judith me olha, ofegante. O meu lado primitivo, animal e rude a deixa a mil.

O sexo úmido e brilhante de Jud fica totalmente exposto diante de mim. Quero que Björn participe de nosso jogo e faço um sinal para que se aproxime. Ele passa seu olhar sensual pelo corpo de minha mulher, pega um pedaço da calcinha rasgada e murmura:

— Excitante.

Meu coração dispara.

Acho que Judith não sabe como me enlouquece quando seu lado mais selvagem vem à tona. No momento em que coloca os pés na mesa, chupa um

dedo e o introduz em si mesma, acho que vou morrer!

Ela se masturba lenta e pausadamente para nós, e babamos como dois lobos famintos.

— Jud você trouxe o… — começo a perguntar.

Não chego a concluir a frase quando ela assente. Feliz pela boa conexão que existe entre nós, pego sua bolsa e não só encontro o vibrador em forma de batom que lhe dei de presente como também o plugue anal.

Ela e eu nos olhamos. Sorrio, satisfeito e, desejando mais, murmuro:

— Vire e fique de quatro em cima da mesa.

Dois segundos depois, ela está na posição que lhe pedi.

Ao ver sua linda bundinha, Björn lhe dá um tapinha, aperta-a, e eu enfio o plugue anal na boca de minha garota e, depois, no bumbum.

Ele entra sem esforço. Girando o plugue, consigo arrancar os primeiros gemidos de minha mulher.

— Sim… quero ouvi-la assim — sussurro perto de sua orelha.

Björn continua acariciando o bumbum moreno de minha mulher, até que ordeno:

— Jud, fique como estava antes.

Minha pequena deita na mesa do escritório e eu abro suas pernas para deixar seu sexo exposto por completo para nós. Durante alguns instantes, olhamos, admiramos, até que não aguento mais e beijo o centro de seu desejo. Mas o beijo me faz querer mais e minha boca busca seu clitóris para fazê-la vibrar. Enquanto isso, Björn segura suas coxas.

Judith se move.

— Não feche as pernas — pede meu amigo.

Satisfeito, aproveito minha mulher enquanto ela se segura na mesa com força, não fecha as pernas e se oferece por completo a mim. O prazer é imenso, colossal, e fica ainda maior quando vejo que Björn já tirou a calça e está pondo um preservativo.

Minha excitação me mostra que, se eu continuar, vou gozar. Então, paro. Pego o vibrador em forma de batom e o entrego a meu amigo. Ele o pega, ocupa meu lugar e eu, com desejo, mimo e beijo Judith.

Ela é linda. Maravilhosa.

Então, ouço o zumbido do vibrador. Dirigindo-me à mulher que me olha totalmente entregue ao momento, sussurro:

— Vamos brincar com você e depois comê-la.

Judith arfa, grita, curte, movimenta-se inquieta enquanto ao mesmo tempo Björn estimula o clitóris com o vibrador. Ele sabe muito bem o que está fazendo, e eu adoro assistir. Aproveito tanto quanto eles, bebendo os gemidos de meu

amor.

— Não feche as pernas, linda — insiste ele.

Ouvir isso e ver minha mulher entregue ao prazer me deixa duro como uma pedra. Nunca pensei que os jogos com a pessoa amada pudessem multiplicar por mil o prazer, mas é assim. O que Frida e Andrés haviam comentado comigo em muitas ocasiões é verdade. Ver Judith nua, submissa e entregue a nós dois é incrivelmente excitante.

Quando Björn a penetra, enlouqueço e, beijando-a, murmuro:

— Assim… pequena… assim.

Judith se entrega a nós, enquanto minha boca faz amor com a dela. Nossa boca é só nossa e só nós podemos tê-la. Sinto o corpo dela se mover com as investidas de meu amigo e gosto, gosto muito.

Entre beijos abrasadores, sussurro coisas ardentes, coisas que sei que ela gosta de ouvir, coisas que em outros momentos ela me pede que diga, e tudo isso junto leva nós três a um clímax avassalador.

Com calor e sede, pego Jud no colo, saio do escritório e entro em um dos banheiros da casa de Björn. Ali, ela brinca sobre o prazer que tenho de rasgar sua lingerie. Depois de beijá-la, digo-lhe que tirarei o plugue anal dali a alguns minutos. Só mais alguns minutos.

Em seguida, abro a torneira do chuveiro. Tiro os tapa-mamilos e, enquanto a água percorre nossos corpos nus, olho para a dona de minha vida e pergunto:

— Você está bem, querida?

Ela demonstra que sim, que está bem e que deseja mais.

Depois de enrolá-la em uma toalha enorme, saímos do banheiro e vamos para o quarto de Björn.

Quando chegamos, Björn está saindo do banheiro, tão molhado quanto nós. Trocamos um olhar de cumplicidade e nos entendemos perfeitamente: o jogo continua. Com um sorriso, meu amigo vai até o aparelho de som e começa a tocar “Cry Me a River”, interpretada por Michael Bublé.

— Eric comentou que você gosta muito desse cantor, é verdade? — pergunta ele.

Judith olha para mim e sorri.

— Sim, adoro.

Björn assente, satisfeito e, aproximando-se, sussurra:

— Comprei esse CD especialmente para você.

Sem um pingo de ciúme por saber que meu amigo comprou o disco por causa de Judith, deixo-a no chão. Ela tira a toalha, sobe na cama e, ao compasso da música, começa a dançar enquanto acaricia os seios.

Judith é sensualidade em estado puro!

Admirados, Björn e eu a observamos, devorando-a com os olhos. Como se estivesse em um show de striptease, Jud nos provoca, nos incita. Ela se toca… nos toca e, com sensualidade, fica de quatro na cama e nos mostra o plugue anal.

De novo fico de boca seca.

A ereção e o desejo de nós dois estão prontos. Meu amigo e eu queremos afundar no corpo de Judith, mas ela continua rebolando ao compasso da música e nos provocando, excitando, deixando-nos loucos.

Como uma sereia, ela desce da cama e nos chama. Minha pequena me olha nos olhos, pega minha cintura e convida Björn a pegá-la por trás. Sinto necessidade de beijá-la. Devoro sua boca e meu amigo devora seu pescoço enquanto as mãos de ambos percorrem o corpo de Jud.

Luxúria. O que fazemos é luxúria em estado puro.

Nós três estamos nus, excitados e entregues à diversão.

— Brinque comigo — diz Judith. — Toque-me.

Björn me olha e eu assinto. Quero que minha garota aproveite. Segundos depois, a mão dele acaricia o sexo de Jud e a masturba, enquanto eu, com prazer, mordisco o ombro dela e movimento o plugue anal.

Jud estremece. Estremece de prazer e se entrega em nossas mãos.

Quando a música acaba e começa “Kissing a Fool”, não aguento mais e exijo:

— Björn, ofereça Jud a mim.

Judith já sabe a que me refiro. Quando nosso amigo se senta na cama, ela se senta sobre ele e permite que abra suas pernas e a ofereça a mim.

Com o coração disparado, contemplo minha linda mulher; essa mulher que me convida a tomá-la. Ao ver como está molhada, preciso sentir seu sabor. Levo minha boca até ela. Judith se remexe, grita, enlouquece. Com a língua, dou toquezinhos em seu clitóris já inchado, e isso a enlouquece.

Então, ouço a voz ardente de Björn dizendo em seu ouvido:

— Gosto de ouvir você gritar de prazer.

Os gritos de Judith se intensificam quando ele abre mais suas pernas para que eu a tome como quiser; até que meu desejo fica descontrolado. Levantando-me, penetro-a de uma só estocada. E, pegando-a pelas coxas, entro e saio dela sem parar.

— Vou comer você, linda. Não vejo a hora de mergulhar em você de novo — diz Björn.

Isso aumenta meu desejo. Ver o olhar velado de prazer de Jud e senti-la totalmente entregue a minhas investidas me deixa louco. Pegando-a pela cintura, faço Björn se levantar da cama e deixá-la suspensa entre nós dois. Continuo penetrando-a disposto a levá-la ao céu.

Como se fosse uma boneca, a manipulamos os dois, e ela tem um orgasmo atrás do outro. Até que eu, que não quero gozar ainda, saio dela.

Björn a deita na cama e coloca um preservativo. Ela estremece e, fitando minha ereção, abre a boca e me mostra o que quer. E eu lhe dou. Entro em sua boca enquanto Björn lhe abre as pernas e a penetra.

Prazer…

Luxúria…

Delírio…

Brincamos… curtimos… divertimo-nos, até que, por fim, tiro meu pau de sua boca e gozo em seus seios.

Tudo é loucura, excitação… E, quando Björn chega ao clímax, estou duro como pedra outra vez. Sento-me na cama, pego Jud e a faço sentar em cima de mim.

Deus, que prazer!

Judith se mexe, sinto que deseja gozar. Enlouquecida, ela exclama olhando para mim:

— Não pare, Eric. Quero mais. Quero os dois dentro de mim.

Olho para Björn.

Ele permanece imóvel, até que demonstro que chegou a hora de tirar o plugue anal. Ele abre uma gaveta e pega um tubo de lubrificante, e eu, parando um instante, olho para Judith, suada, e digo:

— Ouça, amor. Björn vai passar lubrificante. Fique calma… eu nunca permitiria que nada a machucasse. Se doer, avise que paramos, está bem?

Ela assente, aperta-se contra mim e a beijo quando meu amigo tira o plugue anal do bumbum de Jud, dá-lhe um tapinha e passa lubrificante.

— Você não sabe quanto a desejo, Judith — diz ele, então. — Não vejo a hora de penetrar essa sua linda bundinha. Vou brincar com você, vou comer você e você vai me receber.

Jud me olha. Sei que o desejo do momento a deixa cega.

— Você é minha, pequena, e eu a ofereço. Faça-me feliz com seu orgasmo — sussurro, perdidamente apaixonado por ela.

Enquanto digo coisas doces e ardentes, Björn põe uma camisinha e, quando me faz um sinal, pego as nádegas de Judith e as separo. Ofereço-a enquanto a beijo e mordo seu lábio inferior.

Meu amigo avança lenta e cuidadosamente, sua ereção entra sem dificuldade. Neste momento, solto o lábio de minha pequena e, olhando-a nos olhos, murmuro:

— Assim, querida… pouco a pouco. Não tenha medo. Dói?

Ela nega com a cabeça. Isso me dá tranquilidade.

— Aproveite, meu amor… aproveite… — prossigo.

Jud arfa, estremece em meus braços, e sei que gosta da dupla penetração.

— Não deixe de olhar para mim, querida — peço.

Ela obedece. Crava seus olhos escuros em mim e sentindo Björn entrar pouco a pouco nela, murmuro:

— Assim… assim… encaixe-se na gente… Devagar… aproveite…

E ela curte. E como curte!

Vejo isso em seus olhos, em seu rosto, em seus gestos.

Sinto em seus gemidos, em seus gritos, em seus suspiros. E em seus tremores e espasmos.

Ela gosta de ser possuída tanto quanto nós gostamos de possuí-la. Quatro mãos a seguram, a movimentam e dois pênis a preenchem.

A respiração dos três se acelera junto com nossos movimentos. O prazer que isso nos proporciona não tem comparação. Aproveitamos, arfamos e gememos, até que meu amigo e eu chegamos ao clímax e, depois, Judith.

Ficamos imóveis por alguns instantes, até que Björn sai dela e eu me jogo para trás na cama. Jud cai sobre mim e, neste momento, meu amigo se deita ao nosso lado, ofegante, enquanto a voz de Michael Bublé continua no ambiente.

Foi incrível. Tão incrível que nenhum de nós é capaz de dizer nada. Passados alguns minutos, Björn pega a mão de minha garota, beija-a e diz:

— Com sua licença, vou tomar um banho.

Quando ele desaparece, eu, que estou com os olhos semicerrados, percebo que Judith está me olhando. Mordendo meu queixo, ela diz:

— Obrigada, amor.

Feliz por tudo, mas surpreso por suas palavras, pergunto:

— Por quê?

Ela me olha. Adoro quando me olha assim. Depois de me dar um beijo suave na ponta do nariz, responde:

— Por me ensinar a jogar e a curtir o sexo.

Não consigo evitar uma gargalhada.

— Você está começando a ficar perigosa. Muito perigosa — afirmo.

Jud sorri. Eu também, e nos beijamos de novo.

Segundos depois, Björn sai do chuveiro.

— Não estão com fome? — pergunta ele.

Em um sobressalto, minha garota se levanta e exclama:

— Estou faminta!

Em seguida, vamos para a bela cozinha de Björn, onde nos espera o delicioso jantar que ele encomendou. Alegres, degustamos tudo, enquanto, com total liberdade, conversamos sobre sexo. Surpreso, ouço Judith expor algumas

dúvidas. Meu amigo e eu respondemos a suas perguntas como podemos. Perguntas inusitadas que me fazem rir e que me mostram que, com ela, minha vida vai melhorar, e não só no terreno sexual.

Duas horas depois, nosso jogo luxurioso recomeça e nós três nos deleitamos com um sexo ardente, divertido e desinibido no balcão da cozinha.

53

Passam-se os dias, e o maldito cachorro ossudo continua em minha garagem.

Está nevando muito outra vez e, no domingo, Judith insiste em irmos para o jardim brincar com bolas de neve. Flyn e eu nos recusamos. Não queremos nos molhar nem passar frio. No fim, ela põe sua jaqueta de náilon vermelha, sai sozinha e faz um lindo boneco de neve. E o batiza de Iceman.

Ela quer me provocar!

No dia seguinte, no escritório, recebo uma ligação da escola. Parece que Flyn aprontou de novo. Fico furioso. Será que meu sobrinho não vai aprender nunca?

Estou assimilando a notícia quando Amanda entra em contato comigo via Skype para tratar de um problema na empresa. Dois homens que trabalhavam para meu pai estão criando problemas e tenho que deixar claro que quem manda agora sou eu e que as coisas têm que ser feitas do meu jeito. No fim, tenho que marcar uma reunião de emergência para o dia seguinte em Londres.

Isso, mais o problema na escola de Flyn, provocam-me um grande mal-estar. Quando saio da Müller, sinto que estou com um humor do cão. Só espero que Judith não me provoque. Hoje não.

Ao chegar ao portão de minha casa, suspiro. Espero encontrar o descanso de que preciso, mas minha indignação só aumenta quando, ao entrar, encontro Judith, Flyn, Simona e Norbert brincando com um trenó e o maldito cachorro com eles.

O que meu sobrinho está fazendo? E o que esse cachorro está fazendo no jardim?

Já não era o bastante tê-lo alojado na garagem?

Meu olhar fica fixo em Judith.

Quero que ela saiba que estou furioso. Depois de estacionar, meu mau humor me faz bater violentamente a porta.

Todos me olham.

Todos, inclusive o cachorro, ficam paralisados. Têm medo de mim. E eu caminho para eles com uma atitude intimidadora.

Estou furioso! Terrivelmente furioso!

Se meu dia já estava ruim, sem dúvida Judith acaba de piorá-lo.

— O que esse cachorro está fazendo aqui?! — grito, ao me aproximar.

Judith fica na frente de todos e responde:

— Estávamos brincando na neve, e ele está brincando conosco.

Desde quando um cachorro brinca em meu jardim?

Praguejo. Fico ainda mais furioso e, pegando meu sobrinho pelo braço, sibilo:

— Você e eu temos que conversar. O que você aprontou na escola?

Flyn me olha assustado. Vai responder, mas eu mando que se cale.

No fim, depois de um olhar meu, Simona e Norbert o levam para dentro.

Contrariado, olho as marcas do trenó no chão e fecho os olhos. Flyn poderia ter sofrido um acidente. Respiro, tento me acalmar antes de olhar para Judith, que não se mexeu e está com o animal ao seu lado.

— Quero esse cachorro fora de minha casa, ouviu? — ordeno, por fim.

Ela pisca, olha para mim e murmura:

— Mas, Eric… escute…

Irritado por tudo, ergo a voz e grito:

— Não, não vou escutar, Jud!

Como sempre, ela replica, não sabe ficar calada. Olhamo-nos com rivalidade, com desgosto, com hostilidade.

Infelizmente, Judith e eu não temos meio-termo: ou nos adoramos ou nos odiamos. Quando vejo que ela não dá nem um passo, grito, colérico, apontando para o animal:

— Eu disse fora!

Jud acaricia a cabeça do cachorro e, com o mesmo tom que eu, diz:

— Escute aqui! Se você chegou irritado do escritório, não desconte em mim. Seu grosso!

Caralho… caralho!

Por que ela não pode se calar?

Por que não pode fazer o que eu mando para acabar de uma vez com o problema?

Olho para ela… ela me olha…

Eu a desafio… ela me desafia…

E, incapaz de me calar, digo de novo:

— Eu disse que não queria ver esse cachorro aqui, e, que eu saiba, não dei

permissão para que meu sobrinho suba em um trenó. E menos ainda ao lado desse animal.

Ela ergue as sobrancelhas, dá um sorrisinho que me deixa ainda mais furioso e diz:

— Acho que não tenho que lhe pedir permissão para brincar na neve, certo? Porque, se tiver, a partir de hoje pedirei permissão até para respirar… Caralho, era só o que me faltava ouvir isso!

Sei que a Judith boca suja vai aparecer em décimos de segundo.

— E quanto ao Susto, quero que ele fique aqui — diz. — Esta casa é grande o bastante para que você não precise vê-lo se não quiser. Este jardim parece um parque de tão grande. Posso construir uma casinha para que ele, e, assim, cuidará da nossa casa. Não sei por que você insiste em expulsá-lo, com o frio que está fazendo! Você não vê? Não tem dó dele? Coitadinho, está muito frio, nevando, e você pretende que eu o deixe na rua. Ora, Eric, por favor.

Recuso.

Nego com a cabeça. Incapaz de continuar me segurando, replico:

— Jud, você acha que sou tonto? Esse animal já está faz tempo na garagem.

Ela arregala os olhos. Eu a surpreendi com minha declaração.

— Você sabia? — pergunta ela.

Assinto e, puxando meu casaco azul, acrescento:

— Acha que sou tão tonto assim para não perceber? Claro que eu sabia. Eu disse que não o queria dentro de *minha* casa, mas, mesmo assim, você o colocou e…

— Se disser *minha* casa de novo… vou ficar nervosa — interrompe ela, furiosa. — Você fica dizendo que devo considerar esta casa como minha, e agora, porque eu dei abrigo a um pobre animal em sua maldita garagem para que ele não morra de frio e de fome na rua, você se comporta como um… um…

Tudo bem… sei o que ela vai dizer e intervenho:

— Babaca.

— Exato — afirma. — Você mesmo disse: um babaca!

Desesperado, levo as mãos ao meu cabelo molhado de neve. Então, mudando de assunto, Jud me pergunta o que meu sobrinho fez na escola. Furioso, conto que ele se meteu em uma briga e que o outro garoto teve que levar pontos na cabeça. Isso a surpreende, mas, ao ver que ela continua acariciando a cabeça do cachorro, grito, fora de mim:

— Quero esse cachorro fora daqui, já!

Judith me olha. Seu queixo treme.

— Se Susto for embora, eu vou junto — afirma, estreitando os olhos.

Olho para ela boquiaberto.

Sei que não se atreverá a fazer uma coisa dessas. Sem me importar com seus sentimentos de tão enfurecido que estou, digo, dando meia-volta para entrar em casa:

— Faça o que quiser. Afinal de contas, você sempre faz.

Sem olhar para trás, me afasto dela enquanto sinto meu coração gritar "pare!". Sei que estou descontando no ossudo e nela toda a raiva que sinto por causa de Flyn e dos funcionários de meu pai. Mas meu orgulho me impede de parar, de olhar para ela e dialogar.

Entro em casa e vou para meu escritório. Quando fecho a porta, sinto-me um imbecil.

Como pude dizer uma coisa dessas a Judith?

Como posso ser tão frio com ela?

Mais tarde, vou para a sala falar com Flyn. Sou firme com ele, acho que a ocasião exige isso. Disfarçadamente, pela janela vejo Judith se dirigir à cancela da casa com o animal.

Ela não estava falando sério quando disse que iria embora também, falou?

Flyn não diz nada. Eu brigo com ele, grito, mas ele também continua olhando para Judith. Quando não aguento mais, ordeno que vá para seu quarto.

Incapaz de não fazer nada, saio da sala e, ao entrar na cozinha, vejo Norbert e Simona sussurrando. Não digo nada. Abro a geladeira para pegar uma cerveja e, segundos depois, Simona sai.

Norbert e eu ficamos em silêncio, até que, sabendo que espero uma explicação, ele diz:

— Senhor, meu amigo Henry trabalha na Sociedade Protetora dos Animais, e Simona está levando o telefone a srta. Judith para que ela ligue e eles venham buscar o cachorro.

Assinto sem dizer nada. Sentindo-me uma pessoa má, saio da cozinha e volto para meu escritório. Isolo-me do resto do mundo.

O tempo passa e continuo inquieto. Anoiteceu, não para de nevar, e sei que Judith continua lá fora com o cachorro. Ligo para ela, mas ela rejeita a ligação. Embora isso me irrite, sei que tem suas razões.

Incapaz de continuar no escritório, ponho um casaco e vou para o jardim. Meus pés me levam para a rua, onde ela está, mas paro antes de chegar porque vejo uma van se aproximar.

De onde estou, observo um homem descer e tocar a cabeça do ossudo. Depois, entrega a Judith uns papéis, que ela lê e, abrindo a porta traseira do veículo, ele diz:

— Despeça-se dele, já vou indo. E, por favor, tire isso do pescoço dele.

Jud olha para o cachorro. Está com os olhos inchados e vermelhos de tanto

chorar, e eu me sinto péssimo.

Ela pede para deixar o cachecol no animal. Diz ao homem que o cachorro fica mais quentinho assim, mas ele insiste que o tire. No fim, ela cede, com uma tristeza infinita.

Eu me sinto terrivelmente mal, péssimo. Principalmente quando ela se agacha e, com a voz embargada, murmura:

— Sinto muito, meu bem, mas esta casa não é minha. Se fosse, garanto que ninguém tiraria você daqui. Vão encontrar uma linda casa para você, um lugar quentinho onde vão tratá-lo muito bem.

Meu coração fica apertado enquanto observo Judith beijar a cabeça do animal e chorar. Ela está arrasada, e eu não faço nada.

Sou um monstro!

O funcionário da Sociedade Protetora dos Animais pega Susto, e ele resiste, não quer ficar longe da dona. Mas, por fim, com destreza, o homem o coloca na van e fecha as portas diante de Judith, inconsolável.

Não me mexo. Continuo parado.

O veículo parte, e o choro de Jud me acovarda. Só a vi chorar assim quando seu gato, Trampo, morreu, e me sinto mal. Muito mal.

Caminho em sua direção. Preciso abraçá-la, consolá-la. Mas, então, ela se vira e nossos olhares se encontram.

Abro o portão para que entre e, quando passa por mim, murmuro:

— Jud…

Ela me olha. Olha com raiva e sibila:

— Pronto. Não se preocupe, Susto não está mais em *sua* maldita casa.

Eu mereço. Mereço que ela fale assim comigo.

— Escute, Jud… — sussurro.

— Não, não quero escutar. Deixe-me em paz — interrompe ela.

Como seu pai me aconselhou um dia, eu lhe dou espaço. Ela tem que se acalmar. Em silêncio, caminho atrás dela em direção à casa.

Quando entramos, pego sua mão. Está gelada, mas ela se afasta e sobe as escadas correndo.

Sentindo-me a pior pessoa do mundo, eu a sigo e encontro meu sobrinho no caminho. Ele também me olha de cara feia, e eu digo:

— Vá dormir.

Assim que ele entra em seu quarto, me encaminho ao meu e de Judith. Ao entrar, vejo sua calça jeans úmida e suas botas jogadas no chão, e sei que está no banheiro. Ouço a água do chuveiro e ela chorando.

Não… por favor… não chore mais. Disposto a lhe pedir desculpas, abro a porta do banheiro. Quando nossos olhos se encontram através do boxe, intuo que

a última coisa que ela quer é me ter ao seu lado. Saio do banheiro e do quarto.

Quando volto, horas depois, e deito na cama, ela está dormindo tranquilamente. Eu a observo. Gosto de vê-la dormir. Desejando seu contato, levo minha mão a sua cintura, mas ela sussurra:

— Deixe-me. Não me toque. Quero dormir.

Sua rejeição…

Sua recusa me dói. E, no momento em que ela se vira para não olhar para mim, fico como um idiota contemplando suas costas e me perguntando como vou lhe dizer que tenho que ir para Londres em poucas horas.

54

Depois de uma noite sem pregar o olho, só observando Judith dormir, levanto-me com dor de cabeça, mas não digo nada. Ficar sem dormir nunca me faz bem.

Desço até a cozinha e, ao ver que não há ninguém, tomo dois comprimidos para a dor.

Instantes depois, chegam Simona e Norbert. Eles me cumprimentam e preparam o café.

Ela prepara uma massa e, imediatamente, me dou conta de que vai fazer churros para Judith. Sem dúvida, está preocupada com ela.

Passam-se alguns minutos e entra Flyn. Olhando para ele, cumprimento-o:

— Bom dia, Flyn.

Meu sobrinho me dá bom-dia. Quando se senta ao meu lado e observa Simona fritar a massa dos churros, murmura:

— Susto parecia um bom cachorro.

Olho para ele boquiaberto.

Ele nunca gostou de cachorros!

Neste momento, a porta da cozinha se abre e Judith aparece. Continua com os olhos vermelhos. Eu me sinto péssimo por vê-la assim.

— Bom dia, Jud — cumprimento-a.

— Bom dia — responde ela com seriedade.

Em silêncio, ela se senta e Simona lhe oferece café e os churros.

Ela sorri e agradece. Mas nada é como antes. Reina na cozinha um silêncio sepulcral, e tenho certeza de que todos nós estamos sentindo falta das brincadeiras e dos risos matinais de nossa espanhola.

No momento em que Norbert sai para levar Flyn à escola, o celular de Jud toca. Curioso, olho para ela. Ao ver que ela atende e sai da cozinha, fico inquieto.

Quem está ligando? Por que ela se afastou de mim para falar?

Com paciência para não a sufocar, espero que ela volte para a cozinha. Mas, ao ver que não volta, vou atrás dela, entro no quarto e, ao ouvi-la falar com minha irmã Marta, fico mais tranquilo.

Permaneço imóvel junto à porta. Ela encerra a conversa e, quando se vira, pergunto:

— Vai sair com minha irmã?

— Vou.

Sem me olhar, ela passa por mim. Sem conseguir me controlar, seguro seu braço e pergunto:

— Jud… não vai mais falar comigo?

Devagar, ela pousa seu olhar em mim e murmura:

— Acho que estou falando.

Durante alguns minutos, dizemos tudo que desejamos, que necessitamos, até que ela, furiosa, diz:

— Você descontou no pobre Susto, não é? E, de quebra, me lembrou que esta é a *sua* casa e que Flyn é *seu* sobrinho… Olha, Eric, vai à merda!

Tudo bem.

É normal que me diga isso, ela tem razão, eu me arrependo por ser tão idiota. Preciso engolir certos comentários. Agora ela mora comigo.

Com tato, tento resolver o problema, mas é impossível. Procuro fazê-la entender que a casa é dela também, mas Judith não acredita, questiona, e volto a me sentir péssimo.

Ela me pede que me cale. Ficamos alguns segundos em silêncio, até que, fitando-a, murmuro:

— Tenho que viajar. Eu ia lhe dizer ontem, mas…

Com incredulidade no olhar, ela me mostra sua contrariedade. E, quando fica sabendo que vou para Londres, pergunta:

— Vai ver Amanda?

Assinto, claro que a verei…

Mas, ao levar um tapa, compreendo que ela entendeu errado.

— É uma viagem de negócios. Amanda trabalha para mim e… — esclareço, puxando-a para mim.

O ciúme a domina. Ela está furiosa, fala tudo e mais um pouco.

— Jud… — murmuro, interrompendo-a.

— O quê?! — grita ela, fora de si.

Consigo deitá-la na cama e, segurando seu lindo rosto entre as mãos, sussurro com todo o amor de que sou capaz:

— Por que acha que vou fazer alguma coisa com ela? Ainda não percebeu que só quero você e só desejo você?

Mas ela insiste. E eu, querendo acabar com esse ciúme absurdo, peço-lhe que me acompanhe. Se ela estiver lá, se não se afastar de mim, verá que o que digo é verdade.

— Lamento — murmura —, mas eu…

Não a deixo continuar. Beijo-a. Devoro-a.

Quero que ela sinta quanto a desejo e a amo. Quando por fim ela me abraça, exige, olhando para mim:

— Me foda.

Disposto a cumprir seu desejo, eu me levanto, fecho o trinco da porta e, enquanto tiro a gravata e desabotoo a camisa, digo:

— Farei isso com prazer, srta. Flores. Tire a roupa.

Ela faz o que lhe peço enquanto eu me sento na cama. Peço que venha até mim e, levando meu rosto a seu excitante monte de Vênus, cheiro-o, beijo-o e, depois de lamber essa frase tatuada, sento-a sobre mim. Abrindo seus lindos lábios vaginais, enfio-me nela enquanto murmuro, encarando-a:

— Você… é a única mulher que eu desejo.

Movo o quadril com força, Judith arfa.

— Você… é a coisa mais importante da minha vida — insisto.

Luta de poderes. Como em outras ocasiões, ambos queremos ter o controle. Quando ela me faz tremer e quase consegue me fazer perder a cabeça, exijo, totalmente encaixado nela:

— Olhe para mim.

Ela me olha, e eu me encaixo ainda mais em seu corpo. Ela arfa, enlouquecida.

— Só com você posso fazer amor assim, só desejo você, e só com você quero jogar — afirmo.

Jud balança a cabeça.

Percebo que ganhei a partida. Enquanto a penetro, digo-lhe o que sinto, quanto a amo, e exijo que me diga que confia em mim. E ela diz.

Excitado por senti-la de novo minha, me levanto com ela no colo e a apoio com delicadeza na parede. Sei que ela adora o meu lado garanhão, como ela diz.

Pegando-a com força, entro nela sem parar, com firmeza, pois sei o quanto ela gosta. Seu olhar, seus gemidos e o jeito como suas pernas se enroscam em minha cintura me confirmam isso.

Sem parar, entro e saio dela com força, até que Jud, excitada, grita de prazer, revelando que chegou ao clímax. Simplesmente me deixo levar, aproveitando.

Louco de desejo, eu me apoio na parede sem soltá-la. Quando por fim a deixo no chão, olho para ela e murmuro:

— Eu te amo, Jud… Por favor, não duvide disso, querida.

Ela sorri, me beija e me promete que não voltará a duvidar.

A seguir, vamos para o banheiro e entramos no chuveiro. Satisfeito por vê-la sorrir, faço amor de novo com ela. Somos dois animais do sexo e aproveitamos ao máximo.

Depois de uma manhã feliz, em que, graças ao sexo e ao amor que sentimos um pelo outro, conseguimos aparar as arestas, combino de voltar em dois dias. Judith assente e se despede de mim com um beijo. Vou embora. Não há outro jeito.

Quando, horas depois, aterrisso em Londres, ligo para ela para avisar que cheguei. Ela, feliz, deseja-me uma boa sorte. Não menciona Amanda, e isso demonstra que confia em mim.

No novo escritório da Müller, vou imediatamente ao encontro de Amanda. Conversamos sobre o que aconteceu com os funcionários. Preciso que ela me ponha a par antes de entrar na reunião. Sua secretária nos traz um café e, enquanto o tomamos, Amanda comenta:

— Reservei um quarto para você no hotel de sempre.

Assinto. Gosto desse hotel.

Ela me olha.

Sei o que esse olhar pretende transmitir, e, olhando fixamente para ela, esclareço:

— Judith é o centro de minha vida e, pela primeira vez em muito tempo, posso dizer que sou feliz.

Amanda não diz mais nada. Minutos depois, sai da sala. Então, decido telefonar para minha mulher de novo. Falo com ela e minha alma se alegra. Antes de desligar, prometo ligar quando chegar ao hotel.

Depois, entramos na reunião. Como era de esperar, as coisas se complicam muito. Como eu tinha imaginado, quando acabamos a reunião, decido demitir aqueles dois. É difícil tomar a decisão, mas, depois de avaliar os prós e os contras, acho que é o melhor.

Quando a sala de reuniões se esvazia e ficamos sozinhos, Amanda comenta:

— Parabéns, você fez o certo.

Assinto, sorrio e afirmo:

— Eu sei. Como também sei que me custou, financeiramente falando, mais do que deveria. Mas foi necessário para evitar mais problemas no futuro.

Em seguida, ambos nos levantamos e nos dirigimos à porta. Mas, antes de chegar, ela para, olha para mim e murmura:

— Eric… vamos brincar.

Em silêncio, eu a observo. Amanda sempre foi uma hábil jogadora. Ela sabe do que eu gosto, o que me excita, o que desejo… mas, como em minha vida tenho uma mulher que vem acima de qualquer outra coisa, respondo:

— Sinto muito, Amanda, mas não. Judith vem em primeiro lugar.

Em silêncio, ela aceita, não insiste. Despeço-me dela e recolho minhas coisas em sua sala. Vou para o hotel. Estou esgotado.

Ao chegar, afrouxo o nó da gravata, sento-me na cama e, com vontade de falar com minha pequena, ligo para ela. Mas ela não atende. Acho estranho. Ligo de novo, e o telefone toca, toca, mas ela não atende. Preocupado, ligo para casa. Por sorte, no segundo toque, Simona atende.

— Simona, sou eu. Onde está minha mulher?

Um silêncio desconfortável me diz que algo não está bem. Levantando-me da cama, pergunto quase sem voz:

— O que aconteceu?

Simona me explica que Judith escorregou no jardim, no gelo, e caiu. Bateu o queixo e teve que levar alguns pontos. Fico muito nervoso ao ouvir isso e, assim que desligo, ligo para o piloto de meu avião particular.

— Prepare tudo — peço. — Vamos voltar para Munique assim que eu chegar ao aeroporto.

Passo as horas seguintes angustiado.

Saber que minha pequena teve que ir para o hospital sem mim faz meu coração disparar. Quero vê-la e saber que está bem. Preciso ter certeza de que Simona não me escondeu nada.

Estou assustado!

Quando chego ao aeroporto de Munique, está caindo uma forte tempestade.

Norbert está me esperando e, depois de me contar o mesmo que sua mulher, leva-me para casa o mais rápido possível. Ao entrar, largo meu casaco e a carteira no hall e Simona me informa que Judith está dormindo no quarto de Flyn. Surpreso, subo a escada correndo.

Flyn permitiu que ela se deitasse em seu quarto?

Quando chego à porta, paro. Minha respiração parece uma locomotiva. Se eu abrir, sei que vou acordá-los, então espero alguns segundos para me acalmar.

Quando consigo, entro e os vejo no escuro. Os dois estão dormindo na cama de Flyn.

Eu me sento em uma cadeira e os observo. Meu sobrinho e Judith são o sentido de minha vida, e vê-los dormindo juntos pela primeira vez me emociona.

Preocupado, contemplo minha pequena e vejo o enorme curativo embaixo de seu queixo. A dor dela é minha dor. Odeio vê-la sofrer. Se eu pudesse, sofreria em seu lugar.

De repente, Flyn se vira e seu cotovelo vai parar no queixo de Jud, que acorda sobressaltada com a pancada. Eu me assusto e, quando meus olhos e os dela se encontram, eu praticamente morro de amor.

Sem querer esperar nem mais um segundo, levanto-me e me aproximo.

Olhamo-nos.

Sem dizer nada, ela demonstra que está bem, e eu, espantado pelo curativo no queixo, dou-lhe um beijo na testa, pego-a no colo e a levo para nosso quarto.

Ela insiste que está bem e eu lhe conto que depois de falar com Simona e de ela me contar o que havia acontecido, decidi voltar.

— Eu estava no jardim, escorreguei e bati o queixo — explica ela. — Você sabe que sou meio desajeitada na neve. Mas, calma, estou bem. O ruim é a marca que vai ficar. Espero que não se note muito.

Enfeitiçado por ela, por minha mulher, sussurro:

— Vaidosa.

Eu me deito ao seu lado. Mostro que estou orgulhoso dela e que a amo muito. Incapaz de não dizer o que penso, murmuro:

— Nunca vou me perdoar por minha ausência. Jamais.

Sem querer falar mais nada, desejando apenas que Judith descanse e se recupere logo, eu a aproximo de mim, ela se aconchega e, satisfeito, observo-a adormecer protegida por meus braços.

55

Na manhã seguinte, quando Jud acorda e se olha no espelho, assusta-se tanto quanto eu me assustei quando a luz do dia começou a iluminar seu rosto. Seu rosto, seu lindo rosto, está de todas as cores. Embora eu tente não dar importância a isso, ela dá.

Está horrorizada, diz que parece um monstro!

Dou um sorriso forçado.

— Você não fica horrível nem querendo, meu amor — digo, tentando animá-la.

Minhas palavras parecem acalmá-la e, no fim, ostentando esse lado guerreiro que eu sei que ela tem, Jud me olha e diz:

— A parte boa disso é que daqui a alguns dias vai passar.

Essa é minha garota!

Se tem algo de que sempre gostei nela é de sua positividade.

Entramos rindo no banheiro. Ela escova os dentes e eu entro no chuveiro. Quando acaba, ela se senta sobre a tampa do vaso sanitário e me observa.

Com seu olhar escuro, ela percorre meu corpo, parando em certa parte que – intuo – lhe dá um prazer extremo. Sorrio.

Fecho a torneira do chuveiro, saio e pego a toalha que ela me entrega. Volto a sorrir ao vê-la estender a mão e tocar meu pênis.

Eu a conheço, conheço seu olhar e sei que logo vai exigir seu garanhão.

— Pequena, hoje você não pode fazer muito esforço — digo, sorrindo.

Rimos e, ao ver seu olhar excitado, pergunto:

— Diga-me, taradinha, o que está pensando?

Judith pisca. Não sei se quero saber o que ela está pensando.

— Você nunca teve experiência com um homem? — pergunta ela.

Quando ela fala, percebo por que não queria ouvir o que ela estava prestes a dizer. Tirando da mente a imagem de outro homem, respondo:

— Não gosto de homens, querida, você sabe.

Judith sorri. Sem tirar os olhos de mim, diz:

— Eu também não gosto de mulheres, mas reconheço que não me importo que brinquem comigo em determinados momentos.

Assinto. Posso entender o que ela está dizendo. Mas não, homens não me apetecem.

— Pois eu me importo que brinquem comigo em certos momentos — insisto.

Rimos.

Nunca permiti que um homem chegasse muito perto de mim durante os jogos.

— E se eu quiser oferecer você a um homem? — pergunta ela.

Ao ouvi-la, encaro-a, surpreso.

Eu, sendo oferecido a um homem?

Judith me olha com essa cara que diz que não posso esperar nada de bom dela. Mas, seguro de mim, respondo:

— Eu me negaria.

Ela sorri. É uma bruxa mesmo.

— Por quê? — insiste. — É só um jogo. E você é meu.

Caralho!

— Jud, eu disse que não gosto de homens — insisto.

Ela olha para mim. Eu a conheço e sei que não vai se dar por vencida.

— Você se excita vendo uma mulher pôr a boca entre minhas pernas, não é? — diz ela.

Afirmo com a cabeça, não posso negar.

— Pois eu gostaria de ver um homem com a boca entre suas pernas — prossegue ela.

Olho para ela, incrédulo.

Em toda minha vida, nenhuma mulher me propôs nada tão absurdo.

Eu sou um macho alfa, gosto de mulheres, e em meus jogos nunca tive nada com um homem. Não. Definitivamente, não.

Jud me olha, sorri, e eu, contrariado, pergunto:

— Você está bem?

Ela volta a sorrir e demonstra que está muito bem. Insiste no tesão que lhe provoca a imagem de outro homem entre minhas pernas.

— Não — repito.

Tento me afastar dela, mas Jud se levanta, abraça minha cintura e, olhando para mim, murmura:

— Lembre-se, querido: seu prazer é meu prazer, e nós somos donos do

corpo um do outro. Você me mostrou um mundo que eu desconhecia, e agora eu quero, anseio e desejo beijá-lo enquanto um homem ch…

Interrompo-a. Não estou a fim de continuar falando desse assunto.

— Bem — digo —, falaremos disso outra hora.

Ela assente. Sei que falaremos!

Coloco a toalha na cintura, abraço-a e comento:

— Sabe, moreninha? Você está começando a me assustar.

Rindo, faço cócegas nela. Saímos do banheiro e fazemos amor com delicadeza.

Horas depois, eu me visto e vou para o escritório. Preciso resolver alguns assuntos.

Leslie, minha secretária, ao me ver chegar, pergunta sobre a reunião de Londres, e lhe informo que correu tudo como eu esperava.

Quando abro meu computador, vejo que recebi vários e-mails de Amanda. Ela fala de assuntos profissionais, exceto no último, que diz: “Quando quiser, estou aqui”.

Deixo escapar um suspiro. As mulheres são mesmo teimosas, muito teimosas. Decido não responder, não vale a pena.

Duas horas depois, com vários assuntos pendentes já resolvidos, decido voltar para casa. Quero estar com Judith e me certificar de que está bem.

Em frente ao portão, vejo as latas de lixo e de repente fico triste por não ver o ossudo ali deitado em sua casinha. A cancela se abre e dirijo até a garagem.

Ao entrar, sem saber por quê, olho para o chão em busca das pegadas úmidas do animal. E, surpreso, murmuro:

— Mas o que é que estou pensando?

Entro em casa e deixo as chaves do carro no hall. O silêncio do lugar me faz estremecer. Onde estão Flyn e Judith?

Vou para a sala. Não estão ali. Quando dou meia-volta, Simona, que sai da cozinha, olha para mim e diz com um sorriso:

— Flyn está no quarto da bagunça de Judith.

— Juntos?! — pergunto, surpreso.

Ela assente e afirma, feliz:

— Sim, senhor, juntos!

Boquiaberto, assinto.

O que está acontecendo aqui?

Quando cheguei, na noite anterior, Judith estava dormindo com Flyn no quarto dele. Agora, o menino está com ela no quarto da bagunça.

Sem dúvida, está acontecendo alguma coisa que ninguém me explicou. Disposto a descobrir o quê, vou atrás deles. Abro a porta e encontro os dois sentados tranquilamente no chão.

Olho para eles… eles me olham…

— Está acontecendo alguma coisa? — pergunto.

De repente, meu sobrinho se levanta, abraça-me e responde:

— Jud me explicou uma coisa da escola.

Olho para minha garota. Minha garota de rosto multicolorido. Ela balança a cabeça e, instantes depois, Flyn sai do cômodo.

Judith se levanta e fito a árvore dos desejos. Aquela árvore vermelha horrorosa que no Dia de Reis ela tirou da sala com irritação continua ali.

Meus olhos olham ao redor do quarto bagunçado cheio de cacarecos e caixas de Judith. Ela me abraça e, com o rosto cheio de hematomas, mas mais bonita que nunca, diz:

— Você vai ver como um dia desses eu consigo um beijinho de seu sobrinho.

Sorrio. O que Judith não conseguir, ninguém mais consegue. Abraçando-a com força, com cuidado para não encostar em seu queixo, levo meus lábios aos seus e murmuro:

— Por enquanto, pequena, fique com meus beijos.

56

Hoje, pela primeira vez na vida, vou comemorar uma data que sempre considerei uma bobagem. De repente, estar com Judith me fez querer celebrar o Dia dos Namorados. Depois de passar a noite pensando em como surpreendê-la, levanto-me e desço para tomar café da manhã.

Ligo várias vezes para um número que Norbert me fornece, mas ninguém atende. Isso está começando a me irritar. Não sou um homem paciente. Quando quero as coisas, quero para já!

Depois de tomar vários cafés e me despedir de meu sobrinho, que vai com Norbert para a escola, de repente, ouço música vindo do quarto.

Sem dúvida, minha pequena acordou.

Subindo os degraus de dois em dois para vê-la, chego à porta e, ao abri-la, usufruo do espetáculo que ela me oferece.

Diante de mim está a versão maluquete de minha pequena, dançando e cantando em cima da cama “Satisfaction”, dos Rolling Stones.

Feliz, eu a observo dançar e pular na cama. Meu pé bate no chão ao ritmo da música. Mas, de repente, ela se vira e, ao me ver, para. Sorrimos.

— Adoro ver você feliz assim — digo.

Judith sorri e desce da cama. Diz que essa música lhe traz recordações. Quando eu, curioso, pergunto a que recordações se refere, ela começa a citar nomes de pessoas que imagino serem seus amigos. E, de repente, ouço o nome de Fernando!

Então, lhe dou um tapinha, e depois outro. Ela ri.

E me faz sorrir.

— Não brinque com fogo, pequena, ou vai se queimar — murmuro.

Nós nos beijamos. Adoro beijá-la. Espero que ela se lembre que dia é hoje, mas, de duas uma: ou ela não se lembra, ou não quer lembrar. E não seria culpa dela. Eu mesmo me encarreguei de lhe dizer mil vezes que não acredito nesse

dia consumista.

Cinco minutos depois, após passar escondido pelo quarto da bagunça de Judith para pegar algo que ela guarda ali, vou trabalhar; tenho muitas coisas para fazer.

Na Müller, tenho uma reunião com a diretoria. Durante um tempo debatemos o que aconteceu em Londres. São mencionados outros funcionários da época de meu pai que talvez tenham o mesmo destino dos dois que não estão mais conosco.

Sem dúvida, seria o mais recomendável. No entanto, quero dar um voto de confiança a esses homens que continuam comigo e que ainda não causaram problemas. Acho que é o mínimo que posso fazer.

Às onze e meia, mando uma mensagem para Judith. Quero saber o que ela está fazendo. Ela diz que está esperando Frida, que vão almoçar juntas em casa.

Gosto disso!

Ao meio-dia, recebo uma ligação e me alegro ao ouvir a voz de Henry, amigo de Norbert da Sociedade Protetora dos Animais. Ele me diz que o cachorro que levou da porta de minha casa continua na associação. Combino de passar por lá às duas e meia.

Quando desligo, fico fitando uma foto de Jud que tenho sobre a mesa.

Estou mesmo disposto a ter um cachorro em minha casa?

Surpreso, sorrio. Está mais do que provado que Judith está conseguindo o inimaginável.

Às duas, despeço-me de minha secretária e saio.

A Sociedade Protetora dos Animais fica na periferia de Munique e o lugar é, no mínimo, deprimente. Depois de descer do carro, olho em volta. Ainda não entendo bem por que estou ali, mas, sem pensar mais no assunto para não desistir, decido entrar.

Ouço centenas de latidos. Estou olhando em volta quando uma jovem se dirige a mim:

— O que deseja?

— Estou procurando Henry. Marquei com ele aqui às duas e meia.

— É o sr. Zimmerman?

Assinto. Ela sorri, afasta-se e, segundos depois, o tal Henry, um homem da idade de Norbert, aparece sorrindo e diz:

— Entre, sr. Zimmerman. Venha a meu escritório, por aqui.

Evitando encostar em qualquer coisa, sigo-o e entramos em uma salinha que ele chamou de *escritório*. Sentamo-nos e, olhando para mim, ele diz:

— Falei com Norbert, e ele me disse que você quer adotar o galgo que levei há alguns dias da porta de sua casa. É isso mesmo?

Com segurança, assinto.

— Sim. Quero levar o cachorro para casa.

— Por quê? Por que quer o cachorro se me fez tirá-lo de lá?

Eu olho para ele e, com sinceridade, digo:

— Porque minha mulher adora esse cachorro, e eu quero vê-la feliz.

— Um animal não é um capricho, sr. Zimmerman. E se digo isso é porque estou farto de pessoas irresponsáveis que dão bichinhos de presente e, quando os donos se cansam ou eles crescem, abandonam os animais a sua própria sorte.

Acho que ele sente que os animais e eu não somos amigos íntimos. Mas, para lhe mostrar que o bicho estará muito bem cuidado em minha casa, tiro do bolso o cachecol colorido que Susto usava no pescoço e acrescento:

— Minha mulher se chama Judith e lhe garanto que é mais fácil que abandone a mim que a ele.

Henry sorri.

— Ela conheceu Susto antes que eu, cuidou dele e… — acrescento.

— Susto?!

Ao ver a expressão do homem, sorrio.

— Judith pôs esse nome nele. E, como eu disse, ela o adora! — explico.

Ele sorri. Preciso levar o cachorro comigo e prossigo:

— Tenho um jardim enorme para o Susto e, conhecendo minha mulher, sei que ela o mimará e o fará plenamente feliz.

Durante um tempo conversamos sobre animais, ou melhor, ele fala sobre os animais, enquanto percebo que, assim como Judith, o homem tem uma perspectiva diferente da minha em relação ao assunto. Henry, como ela, pensa que os animais, além de deixar as pegadas na roupa e no chão, deixam-nas no nosso coração para sempre.

Segundo ele, os cachorros não falam, mas são a melhor companhia no silêncio. Dão todo seu amor sem pedir nada em troca, e quem já teve um não consegue mais viver sem eles.

Tudo isso é novo para mim. Nunca me dei a oportunidade de conhecer um animal, e talvez seja hora.

Ele me conta do trabalho realizado pela instituição graças às doações de

pessoas anônimas, e decido colaborar. Quero que suas instalações sejam melhores. Henry me olha emocionado ao saber que eu, Eric Zimmerman, vou fazer uma doação mensal à Sociedade Protetora dos Animais. Sem dúvida, minha pequena vai gostar.

Depois de um tempo conversando, o homem e eu vamos a um lugar cheio de gaiolas com cachorros. Como são escandalosos!

Ao chegar diante de uma, me agacho para olhar e vejo o animal que minha mulher chama de Susto. Ele está deitado. Ele me observa, não se mexe, mas abana o rabo.

— Ele o está reconhecendo e está feliz com sua visita — afirma Henry.

Surpreso, olho para o cachorro.

Na verdade, não sei por que ele se alegra em me ver. Sempre o tratei com frieza e indiferença. Resolvo agir de forma diferente e tiro o cachecol colorido do bolso. Assim que o vê, Susto se levanta. Depois, olha para mim com seus olhos redondos e o movimento de seu rabo se acelera. Neste momento, Henry sussurra:

— Esse cachecol deve lhe trazer muito boas recordações. Viu como ele ficou contente?

Assinto. O homem abre a portinha, eu dou um passo para trás e Susto sai com cuidado. Olhamo-nos. Ele me cheira e se senta diante de mim.

Seus olhos, esses olhos esbugalhados que nunca fitei como faço agora, mostram-me sua grande nobreza. Então, me agacho para ficar a sua altura e, pela primeira vez na vida, o toco. Eu me surpreendo ao sentir sua pelagem macia.

O animal me olha, aproxima o focinho de meu rosto, mas eu ordeno com voz autoritária:

— Não, Susto. Não me lamba.

O animal me olha com as orelhas para trás. Acho que o assustei. Acho que minha voz seca e ríspida o deixou com medo.

— Olá, garoto. Desculpe por ter sido tão idiota — murmuro.

Quando digo isso, a língua rosada do animal me atravessa o rosto.

Caralho!

Morrendo de nojo, me limpo e sussurro:

— Tudo bem. Acho que estou perdoado.

Henry ri, e eu, com cuidado, amarro o cachecol no pescoço fino e comprido do cão.

— Prepare-se, porque, quando Judith o vir, acho que não vai parar de abraçá-lo — afirmo.

Susto olha para trás.

Henry diz que tenho que passar pelo escritório para preencher um

documento. Então, o animal volta para a gaiola e se deita. Surpreso, olho para ele.

— Vamos, Susto… vamos para casa!

Mas ele não se mexe. Só me olha com o cachecol no pescoço. De repente, ele pega algo no chão com a boca, levanta-se de novo e sai do canil. Com curiosidade, olho, e Henry me explica com um sorriso:

— Ele não quer ir sem seu filhote. Há alguns dias, colocamos o cãozinho na gaiola com ele. Foi encontrado no lixo com seus irmãos, todos eles mortos. No começo, pensamos que este também morreria, mas Susto cuidou muito bem do pequenino e ele sobreviveu.

Surpreso, agacho-me de novo para olhar para ele. Com curiosidade, vejo uma bolinha de pelo branca. Henry tira o filhotinho da boca de Susto e o animal vai atrás dele. Sem tirar o olho do filhote, o galgo anda em círculos, inquieto, e Henry diz:

— Susto é um bom pai e vela pela segurança de seu filhote. Mas não se preocupe, leve só Susto. Com um pouco de sorte, encontraremos um lar para este pequeno.

Surpreso, vejo Susto seguir Henry angustiado. Quando o homem coloca o filhote em outra gaiola, o galgo se deita ali em frente. E dali não sai.

Durante um tempo tentamos fazer com que Susto venha conosco, mas ele se recusa. Não sai da frente da gaiola onde Henry colocou o cachorrinho. Eu entendo. Ele cuidou desse filhote e agora não quer deixá-lo sozinho. Eu me identifico com ele: jamais abandonaria Flyn.

Então, ao ver como Susto me olha, sei o que tenho que fazer.

— Vou preencher os papéis para Susto e o filhote — digo, dirigindo-me a Henry.

— Vai levar os dois?

Tocando a cabeça de Susto, que parece me entender, assinto.

— Quer que ele vá conosco para casa? — pergunto, fitando o cachorro.

De repente, Susto se levanta e dá uma pirueta. Está contente, e eu, surpreso ao ver que o animal me entende tão maravilhosamente bem. Então, olho para Henry e digo:

— Como vê, vou levar os dois.

Meia hora depois, já preenchidos os papéis e paga a quantia indicada, abro a porta de trás de meu carro de luxo.

— Por favor, Susto, tente fazer o mínimo de sujeira — murmuro ao ver meu casaco cheio de pelo.

O animal pula no banco de trás, e eu, deixando ao seu lado a bolinha branca, que continua dormindo, sussurro:

— Vamos para casa.

Estou nervoso. No carro levo dois animais que vão fazer parte de minha família. Ainda não consigo acreditar.

Por acaso fiquei louco?

Com um sorriso, olho para trás mais vezes do que deveria, e em todas as ocasiões os olhos de Susto me fitam, e ele até parece sorrir. Está feliz, e sinto que eu também.

Uma vez em casa, com a cumplicidade de Norbert e Simona, levo o galgo e o filhote para a cozinha.

Simona fica louca de contente ao ver o animal e sorri como poucas vezes a vi sorrir.

— Ah, senhor… não vai se arrepender! Que felicidade! Que felicidade! — exclama.

Suspiro. Espero não me arrepender e, sorrindo, digo:

— Fique com eles aqui até que eu venha com Judith, está bem? Simona, que adora Susto, já o está enchendo de beijinhos e lhe dando presunto, que o cão come com verdadeiro delírio.

Esperto, esse bichinho!

Depois de passar uma escova no casaco azul e no terno escuro para tirar os pelos dos cachorros, pego o buquê de rosas vermelhas que pedi a Norbert para comprar e vou ao quarto da bagunça de Judith. Abro a porta.

Como sempre, encontro-a sentada no chão com seu notebook, falando pelo Facebook com as amigas que conheceu no grupo das Guerreiras Maxwell. Contente ao vê-la e pela surpresa que preparei, pergunto:

— Por que não se senta em uma cadeira?

Ela sorri e me diz que adora ficar no chão. E, alegre, me agacho e a beijo. Depois, dou-lhe a mão e, quando se levanta, ponho diante dela o lindo buquê de rosas vermelhas.

— Feliz Dia dos Namorados, pequena.

Boquiaberta, com o rosto ainda multicolorido, ela me olha.

Acho que não esperava que eu me lembrasse. Quando vejo a culpa em seu rosto por não ter me dito nem comprado nada, rapidamente digo:

— Meu melhor presente é você, moreninha. Não preciso de mais nada. Ela me beija, entrega-me sua paixão e me mostra um pacote de chicletes que tira do bolso. Rimos. Com um olhar que me deixa louco, ela abre um chiclete de

morango e o enfia em minha boca. Feliz, sabendo o que isso representa para nós, pergunto:

— Agora vão sair manchas em seu pescoço e sua cabeça vai começar a girar como a da menina de *O exorcista*?

Rimos e nos beijamos. Devoramo-nos.

Depois, Judith me conta como foi o almoço com Frida e me fala da festa de hoje à noite no Nacht. Olho para ela, surpreso, e rindo digo que, pelas manchas roxas de seu rosto, é melhor não irmos. Rimos de novo, e ela me pergunta se eu já fiz *boygang*.

Vendo que ela espera uma resposta, assinto:

— Sim.

Já fiz muitas coisas na vida no que se refere a sexo.

— Uau! — sussurra ela.

Eu rio, não posso evitar.

— Querida, há mais de catorze anos pratico um tipo de sexo que para você, por enquanto, é uma novidade. Já fiz muitas coisas e garanto que algumas delas nunca vou querer que você faça — digo.

Ela me olha, e acrescento:

— Sadomasoquismo.

Judith nega com a cabeça. Sei que não vê graça nisso.

— E o que acha de *gangbang*? — pergunta ela, então.

Sorrio. Sobre o que Frida e ela andaram conversando durante o almoço? Olho para ela. Está esperando uma resposta. Seguro do que digo, porque é o que sinto, respondo:

— Homens demais entre mim e você. Preferiria que você não propusesse isso.

Ela continua olhando para mim. Acho que vai continuar perguntando sobre isso, então, para mudar de assunto, digo, querendo lhe mostrar sua surpresa:

— Estou com sede. Quer beber alguma coisa?

Finalmente, consigo tirá-la de seu desastroso quarto. Ela olha, encantada, seu buquê de rosas vermelhas, mas, quando abro a porta da cozinha, o rosto de meu amor se transforma.

— Susto! — diz, emocionada.

O animal corre em direção a ela. Vai derrubá-la! Consigo detê-lo.

Do seu jeito, o cachorro demonstra felicidade pulando na nossa frente e se esfregando. Parece estar chorando de felicidade.

Judith está feliz. Susto está feliz. Que mais posso pedir?

Vejo a mulher de minha vida abraçar o animal com todo seu amor e lhe dizer coisas bonitas. Quando nossos olhares se encontram, ela o solta, levanta-se

e, me abraçando, murmura em espanhol para que Simona não entenda:

— Que *gangbang* que nada! Você é a coisa mais linda do mundo, e juro que eu me casaria com você agora mesmo de olhos fechados.

Feliz, olho para ela…

Feliz, beijo-a…

Feliz…

Tonto diante da quantidade de coisas bonitas que essa mulher me faz sentir, afirmo:

— Você é a coisa mais linda. E quando quiser… nos casamos.

Ela me olha. Ri.

Sei que casamento não é para mim, menos ainda para ela. Ela leva na brincadeira. Mas eu não.

Susto, que está enlouquecido de felicidade, dá um pulo para chamar a atenção de Jud, mas eu o detenho.

— Como pode ver, coloquei o cachecol que você fez para ele. A propósito, ele está bem rouco — digo.

Judith me beija, sorri e sussurra:

— Ai, vou devorar você, Iceman!

De novo nos beijamos. Mas, de repente, ela nota que Simona, sorridente, tem alguma coisa nas mãos.

— E essa coisinha fofa? — pergunta.

Sem soltá-la e sem querer que esse momento tão feliz acabe, vamos até Simona.

— Estava na mesma gaiola que Susto. Pelo visto, é o único que sobreviveu de sua ninhada e deve ter um mês e meio, pelo que me disseram. Susto não queria vir comigo sem o pequeno. Você tinha que ver como o pegou com a boca e saiu da gaiola com ele quando o chamei.

Jud me olha, está orgulhosa de mim. Então, Simona diz:

— O senhor é muito humano.

— Ele é o melhor — afirma Judith.

Dirigindo-se a Susto, acrescenta:

— E você, um paizão.

Durante um tempo, conversamos sobre os cachorros. Quando Simona vai em busca de Norbert e ficamos sozinhos, Jud deixa o filhotinho no chão. Enquanto seguro o galgo para que não a derrube, pergunto:

— Gostou de seus presentes?

Ela me diz que sim, diz coisas lindas, mas, quando me sugere que os animais vivam dentro de casa, a coisa muda. E, ao ver que o cachorro fez xixi no chão, começo a questionar se fiz bem ao trazê-lo. Então, Judith me olha com sua

linda carinha multicolorida e diz:

— Você acabou de aumentar a família. Já somos cinco.

Gosto de ouvir isso… mas o cachorro mijou na cozinha!

Jud sorri. Não para de sorrir ao ver minha cara fitando o xixi. A seguir, pegando o cachorro, estende a mão e diz:

— Vamos, Eric. Vamos fazer uma surpresa a Flyn.

Ao ouvir isso, fico tenso. Meu sobrinho também não é muito fã de animais.

— Ele não vai ficar com medo de Susto? — digo.

Judith nega com a cabeça. Disposto a lhe dar uma oportunidade, deixo-me guiar até o quarto de jogos de Flyn. Assim que chegamos, permito que Judith abra a porta e, quando o animal entra, ouço a voz de meu sobrinho, que grita:

— Susto!

E corre para abraçá-lo.

Ora, mas ele não tinha medo de cachorro?!

Susto deita no chão de barriga para cima e meu sobrinho lhe faz cócegas. Que momento encantador!

Gosto de ver os sorrisos de Flyn e de Judith. Olhando para mim, meu sobrinho pergunta o que Jud tem nas mãos.

— E esse, quem é?

Rapidamente, explico o mesmo que expliquei a minha garota. Ela deixa o cachorrinho nas mãos de Flyn e diz:

— Este pequenino vai ser seu superamigo e sua mascote. Portanto, você é quem deve escolher o nome dele.

O menino me olha. Está atônito por eu ter permitido animais em casa. Surpreendendo-me, diz de repente:

— Ele vai se chamar Calamar.

Calamar? Que tipo de nome é esse?

Ao ver Judith e ele se entreolharem e baterem as mãos, intuo com mais força que aconteceu algo entre eles que não me contaram, mas que quero saber.

Alegres, rimos. Enquanto Flyn faz cócegas na barriga de Susto e segura Calamar no colo, eu beijo o pescoço da mulher de minha vida e sussurro, feliz:

— Quando quiser, já sabe… eu me caso com você.

57

A chegada dos cachorros causa tal rebuliço que às vezes acho que vou ficar louco. Temos um enorme jardim onde eles podem correr à vontade, mas Susto e Calamar ficam correndo o tempo todo pela casa. E o pior: odeio encontrar surpresinhas de cachorro por todo lado.

Que cachorro mais cagão!

Mas, mesmo que me irritem as mijadinhas e as cagadinhas de Calamar, tenho que reconhecer que a presença deles enche todos de felicidade. E, quando digo *todos*, estou me incluindo.

Quando chego em casa, os cachorros me seguem, parece que gostam de mim! E todas as manhãs, antes de eu ir para o trabalho, Susto me traz um pedaço de pau para eu jogar para ele. Satisfeito, jogo e aproveito o momento especial entre nós.

Nunca imaginei que animais pudessem preencher tanto a alma e o coração.

Agora entendo o pranto de Judith quando Trampo morreu, ou quando, por causa de minha cabeça-dura, mandei Susto embora. Fui cruel. Como bem me disse Henry, depois de dividir a vida com um bichinho, já não se pode mais viver sem eles.

Durante esses dias, observo Judith e Flyn. Não sei o que aconteceu entre eles, mas agora vejo uma camaradagem que antes não existia. Pergunto mil vezes aos dois separadamente, mas nenhum deles me conta a verdade. Só dizem que agora se dão bem e que gostam da companhia um do outro.

Dexter me liga. Está na Alemanha, e combinamos de nos encontrar para jantar com Andrés e Björn. Gostamos dos nossos jantares de “machinhos idiotas”, como diz Dexter, e decido marcar só com ele outro dia para lhe apresentar Judith.

Jantamos no restaurante do pai de Björn e, durante horas, conversamos. Até que Dexter e Björn começam a debochar de Andrés e de mim por termos uma

mulher nos esperando em casa.

Segundo eles, a vida é muito curta para ficar com uma só quando há tantas. Segundo Andrés e eu, a vida com uma é melhor que com muitas.

Nós os escutamos, bem-humorados. Há certas coisas que só quando se sente se entende. Eu que o diga, que nunca tinha entendido o que Andrés dizia e agora compreendo perfeitamente.

Depois de muita risada, Björn e Dexter vão passar um tempo no Sensations, ao passo que Andrés e eu voltamos felizes para casa.

No trabalho, as coisas estão fluindo muito bem. Desde que demitimos os funcionários que causavam problemas, tudo se resolveu, e a Müller está em pleno funcionamento.

Certo dia, Andrés me liga. Eu tinha me esquecido de que hoje à noite temos um jogo de basquete.

Rapidamente, ligo para Judith e lhe peço que mais tarde leve minha mochila ao ginásio.

Estou esperando com paciência minha mulher, apoiado em meu carro, quando chega um táxi. Eu me aproximo do veículo, pago a corrida e, depois de dar um beijo em Jud e lhe dizer que está linda com essa calça jeans e essas botas altas pretas, vamos em direção ao vestiário. Despedimo-nos com um beijo e ela vai para a arquibancada, onde também está Frida.

Quando entro no vestiário, Björn me olha e pergunta, debochado:

— Sua pequena chegou?

Sorrio e assinto.

— Judith fez uma lavagem cerebral em você? — brinca ele.

— Não diga bobagens! — Rio, enquanto tiro o moletom.

Björn e Andrés riem de mim.

Dizem que Judith está amolecendo meu coração e, quando vou protestar, Andrés aponta, dirigindo-se a Björn:

— Não ria tanto, que quando chegar sua mulher… você vai cair como um patinho.

Solto uma gargalhada.

Björn olha para nós dois e, com arrogância, afirma:

— Sinto lhes dizer, mas isso não vai acontecer. Gosto demais de mulheres para ficar só com uma, como vocês fizeram.

Andrés e eu nos olhamos e rimos.

— Torres mais altas já caíram. Olhe só para mim! — digo.

— A propósito, combinei com Dexter depois do jogo — sussurra Andrés. — Frida, ele e eu vamos nos divertir no hotel dele.

Agora nós três rimos. Entre empurrões, como se fôssemos moleques, vamos para a quadra dispostos a nos divertir.

Mas, dessa vez, perdemos por três pontos. Nem sempre se pode ganhar!

No vestiário, Andrés recebe uma ligação.

— Merda. Vou ter que cancelar com Dexter — diz ao desligar.

— Por quê?

Então, ele fala de uma reunião sobre um trabalho que lhe interessa. E, quando acabamos de nos vestir, sussurro:

— Espero que consiga esse trabalho que tanto deseja, mesmo que isso signifique ter que ir embora de Munique.

Ele sabe que eu falo de coração.

Quando saímos do vestiário, Andrés diz a Frida que não podem ir ao encontro com Dexter. Ela suspira. Judith, ao nos ouvir, quer saber:

— Quem é Dexter?

Frida lhe conta que é um amigo do grupo que vive no México. E, baixando a voz, diz que é um exímio jogador. Então, Jud me olha e, piscando, pergunta:

— Por que não vamos nós a esse encontro?

Björn, Andrés e Frida me olham. Todos sorriem, e Judith insiste:

— Estou a fim de brincar. Vamos…

Olho para ela. Adoro seu rosto cheio de desejo, mas digo:

— Jud, não sei se você vai gostar do tipo de jogo de Dexter.

Ela quer saber se ele gosta de sadomasoquismo. Que implicância ela tem com isso! Frida, como jogadora experiente, explica sem detalhes que Dexter é dominador, exigente e insaciável. Judith balança a cabeça, e eu digo para irmos para casa. Mas, no fim, ela insiste tanto que acabo cedendo e vamos ver Dexter.

Chegamos ao hotel onde ele nos espera. Saímos do carro depressa, pego a mão de minha mulher e entramos. Na recepção, perguntamos pelo quarto de Dexter Ramírez, e ligam para ele.

No elevador, noto que Judith está nervosa, ansiosa. O pouco que ouviu falar de Dexter chamou sua atenção. Suspiro. Só espero que ela goste.

Em frente ao quarto, bato à porta e ouço a voz de meu amigo, que diz:

— Eric, entre.

Entramos no amplo quarto com sala. Vejo que Judith olha a enorme cama ao fundo, chego mais perto dela e pergunto:

— Excitada?

A excitação está escrita em seu rosto.

— Eric, amigão! Como está? — diz Dexter.

Sorrio ao ver meu amigo. E noto a surpresa de Judith ao encontrar um sujeito sentado em uma cadeira de rodas. Isso ela não esperava. Contente por ver Dexter, nos cumprimentamos. Ele diz, fitando Jud:

— E você deve ser Judith, a deusa que deixou meu amigo abobalhado, para não dizer apaixonado, não é?

Minha garota sorri e, surpreendendo-me, diz:

— Exato. E que fique registrado que adoro tê-lo abobalhado e apaixonado. Dexter me olha, dá uma piscadinha com cumplicidade e, pegando a mão de minha garota, sussurra:

— Deusa, eu sou Dexter, um mexicano jogado a seus pés. Satisfeito, noto que meu amigo e Judith se dão bem. Gosto disso. Instantes depois, preparamos umas bebidas enquanto Dexter comenta que adora as botas altas de Judith. Ela sorri.

— Querida, tire a roupa — peço, depois de lhe beijar o pescoço.

Ela me olha, surpresa. Não esperava que eu dissesse isso. Mas, sem se intimidar, ela se despe, e Dexter e eu a observamos. Quando ela acaba, meu amigo murmura:

— Quero que ponha as botas de novo.

Judith torna a olhar para mim, e eu assinto com os olhos. Então, nós a contemplamos enquanto, com sensualidade, ela põe de novo as lindas botas pretas que chegam até as coxas.

Excitante!

Dexter lhe pede que caminhe até o fundo do quarto; quer observá-la. Ele nota a tatuagem que ela tem no púbis e murmura:

— Bela tatuagem. Como dizemos em meu país, *muy padre*!

Eu assinto, feliz. Observo minha mulher e, depois de beber um gole de uísque, afirmo:

— Maravilhosa.

Instantes depois, a luxúria nos domina. Levo Jud até a cama, peço que fique de quatro e abra as pernas e exijo:

— Não se mexa.

Sei que minha exigência a excita. Dexter se aproxima da cama e toca a parte interna das coxas de Judith. Por fim, faz o que tanto gosta: dá-lhe um tapa no bumbum, depois outro, e outro… e outro…

— Adoro traseiros vermelhos.

É engraçado. Não há nada de que Dexter goste mais que ver uma bunda bem vermelhinha de tapas.

— Sente-se na cama e olhe para mim — pede ele.

Judith obedece, observa-o, e ele, sem constrangimento, explica:

— Deusa… meu aparelhinho não funciona, mas eu me excito tocando, ordenando e olhando. Eric sabe do que eu gosto. Sou meio mandão, mas espero que a gente se divirta. E seu namorado já me advertiu de que sua boca é só dele.

Judith assente e, a seguir, pergunta, surpreendendo-me:

— Eric sabe do que você gosta, mas eu quero saber de que jeito gosta das mulheres.

Ora!

Eu não esperava isso de minha mulher. Isso faz meu pau pulsar com mais força. E mais ainda quando ouço Dexter responder:

— Ardentes e excitantes.

Depois ele olha para mim e diz:

— Eric, sua mulher é assim?

Apaixonado, bobo, ardente e excitado pelo que Judith me faz sentir, afirmo:

— Sim, é.

Jud sorri, rebola para nós e, mergulhada no jogo, olha para meu amigo e pergunta:

— O que é que deseja de mim, Dexter?

Ele sorri.

— Quero tocá-la, amarrá-la, chupá-la e masturbá-la. Vou dirigir a brincadeira, pedir posições e curtir muito vendo o que vocês vão fazer. Está disposta?

A expressão de Judith me mostra sua resposta antes de ela dizer:

— Sim.

A partir desse instante, a luxúria nos domina. Dexter abre uma bolsa que contém vários brinquedinhos sexuais. Quando Judith lhe entrega seus seios, ele põe uns grampos neles.

Noto que ela gosta dos objetos nos seios, principalmente quando Dexter puxa a correntinha e vários suspiros escapam de seus lábios tentadores.

Delírio!

Com ousadia, amarro as mãos de minha mulher na cabeceira da cama e, depois, com seu consentimento, seus tornozelos de cada lado da cama. Deixo-a vulnerável, exposta e de pernas abertas para nós.

Dexter, animado, puxa a correntinha enganchada nos mamilos dela e ela geme, arfa, mostra como gosta.

— Eric… você tem uma mulher muito ardente — diz meu amigo. Olho para ela… Ela me olha com os olhos cintilantes de excitação. Afirmo:

— Eu sei.

Brincamos…

Curtimos…

Tocamo-nos…

Então, Dexter, que passa com prazer um dos consolos pela vagina úmida de Judith, pergunta:

— Deseja que eu a use e desfrute de você?

Ela se contorce. Tudo isso a está levando ao delírio. Pede:

— Me use e desfrute de mim.

Caralho! Ouvi-la dizer isso faz com que todo meu ser deseje penetrá-la com brusquidão e paixão. Ela está diante de mim, amarrada, por puro prazer, oferecendo-nos seu corpo e pedindo prazer.

Ansioso por ela, por minha mulher, pego a correntinha de seus seios e a puxo. Quando ela arfa, enfio a língua em sua boca e a beijo. Beijo-a com luxúria, prazer e loucura.

Paro. Preciso parar, ou juro que não respondo por mim. Dexter acaricia a parte interna das coxas trêmulas dela e, pondo diante do rosto de Jud um consolo azul-claro, pede:

— Abra.

Judith abre a boca, meu amigo introduz o consolo e sussurra:

— Chupe.

Ela faz o que pedimos.

— Eric… quero que ela chupe você — pede Dexter.

Satisfeito, pego minha dura ereção e a levo a sua boca.

Meu Deus, o prazer é extremo!

Judith, de pés e mãos amarrados, entregue a nossos desejos, chupa meu pau e permite que eu foda sua boca. Até que Dexter diz “Stop!” e tenho que parar.

Com desejo de continuar, observo meu amigo passar lubrificante no consolo.

Intuo o que ele quer. Sem dizer nada, sento-me na cama e, com as mãos, abro os lábios vaginais de minha mulher. Dexter introduz o consolo, Judith arfa, olha para mim e se oferece.

— Que delícia! — exclama ele.

Estimulado pelo que vejo, o cheiro de sexo toma totalmente meus sentidos. O mexicano põe e tira o consolo do corpo de Jud e ela treme e grita.

Eu acaricio meu membro. O formigamento que sinto nele me pede ação, muita ação. Dexter sussurra:

— Eu gosto de cheiro de sexo. Assim… vamos, deusa, goze para mim! Judith grita com os joguinhos dele, e eu, que não aguento mais, retiro a mão de Dexter, tiro o consolo e, enfiando-me entre as pernas de meu amor, faço-a gritar.

Dexter sorri. Gosta do que vê. Enquanto eu assolo minha mulher, que me

olha entregue ao prazer, vejo que ele pega a correntinha que descansa sobre os seios dela e a puxa. Os mamilos de Judith se esticam, e seu grito demonstra como está gostando.

— Deusa, levante os quadris… Vamos… receba-o. Sim… assim — exige Dexter.

Sua voz…

Os gritos de meu amor…

O momento…

Tudo isso me enlouquece, me deixa a mil por hora. Como um animal, fodo minha mulher, ciente do quanto ela gosta do que faço. Judith grita, me olha, exige mais. Eu lhe dou o que pede. Até que Dexter, tão excitado quanto nós, também exige:

— Eric… forte… forte.

Louco…

Perco o controle bem no momento em que sinto Judith também perder, e chegamos ao clímax juntos. Sempre juntos.

Esgotado, apoio uma das mãos para não cair em cima dela. Olhamo-nos. Ela sorri, dou um beijo doce em sua linda boca e desamarro suas mãos. Enquanto isso, Dexter a lava e desamarra seus tornozelos.

Jud me abraça. Eu a beijo com todo o amor de que sou capaz.

— Deusa, você é muito ardente. Tenho certeza de que vai me fazer curtir muito. Venha, levante-se — murmura meu amigo.

Solto Judith. Ela quer se levantar. Observo os dois.

Ela fica de frente para Dexter, e ele leva a boca à tatuagem dela. Chupa-a. Jud arfa. Disposto a continuar com a luxúria, eu me coloco atrás dela e, com as mãos, separo os lábios de seu sexo e a ofereço a meu amigo.

Jud me olha bem no momento em que Dexter roça seu clitóris com a língua e ela geme. Instantes depois, sem que eu precise lhe dizer nada, ela se oferece de novo. Subindo nos ombros de meu amigo, encaixa a vagina na boca de Dexter. Ele a saboreia enquanto eu a seguro e o ouço dar tapinhas nas nádegas dela.

Os suspiros de Judith e as chupadas de Dexter ecoam pelo quarto. Eu os observo. Diante de mim está um de meus melhores amigos, sedento da vagina de minha mulher, e ela dando-lhe de beber. O espetáculo é excitante, sugestivo, provocante.

Jogamos.

Brincamos de mil maneiras, e eu aproveito como um louco, principalmente por saber que minha mulher está gostando.

Dexter introduz o plugue anal no bumbum já vermelho de Jud e, depois, eu e ele a possuímos, um de cada vez, de maneira ardente e demolidora.

Estamos suados, e proponho a Judith que tomemos um banho. Ela aceita. Uma vez sozinhos, eu a beijo, faço carinho nela e pergunto:

— Tudo bem, pequena?

Ela me olha e assente.

Eu nunca faria nada que ela não quisesse. Enquanto tomamos banho, respondo a suas perguntas sobre a razão de Dexter estar em uma cadeira de rodas. Aflito, eu lhe conto que foi um acidente de parapente. Ela fica comovida.

Mas, como não estou a fim de estragar o momento provocante, introduzo de novo o plugue anal no bumbum de meu amor e ela sorri. Quer brincar mais.

Quando saímos do banheiro, Dexter continua onde o deixamos. Judith se aproxima dele e murmura:

— Agora você vai me *coger*, Dexter.

Sorrio. No México, *coger* significa foder.

Dexter se surpreende. Mas Judith me explica o que quer fazer para que eu a ajude. Sem hesitar, concordo. Sentamos Dexter em uma cadeira sem braços e colocamos nele um cinto com um consolo. Ao vê-lo, ele ri, faz piadinhas, e acabamos todos rindo quando, fitando o pênis ereto, exclama:

— Meu Deus, há quanto tempo não me vejo assim!

Judith me beija.

Ela pede que eu separe suas nádegas para que Dexter veja o plugue anal. Quando faço isso, meu amigo se cala. Não fala nada, só mexe o plugue ao ver os movimentos de minha mulher.

Satisfeitos, ela e eu nos olhamos. Eu a beijo e, incapaz de não cair a seus pés, murmuro:

— Você me deixa louco, querida.

Instantes depois, Jud está sentada sobre Dexter. Ele lhe abre as pernas e a oferece para mim. Embriagado pelo desejo, eu me agacho e brinco com a quente e úmida vagina de minha mulher enquanto ela grita de prazer:

— Sim… Aí… Continue… Continue… Mais! Oh, sim!… Gostoso… Sim… Sim!

Enlouquecido, pego suas coxas e introduzo a língua nela. Mordo seu clitóris, sugo, brinco com ele, enquanto ela nos mostra como está quente e disposta.

Mas a impaciência me vence e, arrancando-a dos braços de meu amigo, eu a faço minha de uma só estocada. Rude e varonil, afundo nela enquanto Judith me encara e me incita a continuar.

Agitado, sou o garanhão de que tanto gosta. E ela sorri enquanto eu a como. Eu a como do jeito que ela exige, do jeito que gosta, do jeito que pede, até que nós dois gozamos.

Suado de novo, deixo Judith no chão. Então, ela se aproxima de Dexter, ofegante e, encarando-o, murmura:

— Agora você.

Ele me olha.

Eu olho para Jud. Ela monta nele, introduz pouco a pouco o consolo e, depois de apertar um botão no controle remoto, ele começa a vibrar dentro dela. A seguir, ela dá o controle a Dexter, que sorri.

Minhas pernas tremem. Sou incapaz de entender a vitalidade de Judith. Sento-me na cama para observá-los enquanto minha mulher arqueia os quadris, movimenta-se sem parar sobre Dexter em busca de um prazer que não sei se ele obterá.

Contudo, curiosamente, percebo que isso está sendo diferente para Dexter. Ver sua expressão, como se movimenta e pega Judith pela cintura, me faz notar, sentir e viver algo que aposto que meu amigo não experimenta faz tempo.

Os olhos do mexicano se arregalam enquanto ela, em seu empenho por fazer com que ele sinta algo, movimenta os quadris sobre Dexter, que, cada vez com mais força, empala-a sem parar no pênis da correia.

— Assim… foda comigo assim… Oh, sim! — grita Judith.

As palavras de minha mulher o enlouquecem, avivam-no.

Dexter fecha os olhos, treme e solta um gemido de satisfação que toca minha alma. Quando ela por fim para, meu amigo murmura com um sorriso:

— Deusa! Fazia tempo que não sentia isso.

Horas e horas de jogos…

Horas e horas de luxúria…

Horas e horas de sexo…

A noite com Dexter se estende até bem tarde. E, quando chegamos em casa e vamos direto para a cama, Jud comenta:

— Estou esgotada.

Sorrio. Lógico.

Mas minha mulher tem uma resistência que me deixa bobo. Abraço-a, beijo seu pescoço e, antes que adormeça, murmuro:

— Eu te amo, pequena… adoro você.

— E eu, você, Iceman… e eu, você — diz ela.

58

Hoje não estou tendo um bom dia. Estou no escritório e minha cabeça dói horrores.

Tomo os comprimidos que me receitaram e a dor melhora um pouco, o que me permite participar de uma reunião com Amanda, que vem de Londres. Desde minha última visita, ela não tornou a se insinuar nem comentou nada. Eu agradeço. E, quando termina a reunião, sem me dar mais atenção que o normal, ela parte. Precisa pegar o voo de volta.

Às quatro da tarde, depois de falar com o pai de Judith para organizar a surpresa que quero fazer a ela em seu aniversário, ele passa o telefone para a irmã dela.

— Olá, cunhado.

— Olá, Raquel — cumprimento.

— Ai, Eric, preciso que você me ajude com uma coisa. Mas tem que prometer que não vai contar para Judith. Senão, juro por meu pai que vou até Munique com a faca de açougueiro dele e fatio você inteirinho!

Suspiro. Ninguém diria nada diante de uma ameaça dessas!

No entanto, não gosto de esconder nada de Jud. Mas, quando protesto, Raquel insiste com um sussurro:

— Por favor, é importante para mim. Prometo que eu mesma lhe contarei quando estiver pronta para falar disso.

Reflito. Quero ajudá-la. No fim, murmuro:

— Tudo bem. Não vou dizer nada. O que foi?

Ela me conta que, apesar de estar grávida, tomou a decisão de se separar do marido e me pergunta se conheço um bom advogado em Madri. Eu a escuto sem poder acreditar. Ela chora, conta que tem mais chifres que um alce, e eu tento consolá-la.

Coitadinha! O marido dela me pareceu mesmo um idiota nas vezes que o vi.

Quando ela se acalma, respondo que nesse momento não recordo o nome de nenhum advogado, mas lhe prometo ligar no dia seguinte. Tenho certeza de que Björn conhece alguém.

Depois de lhe jurar pela enésima vez que não contarei a Judith o que está acontecendo para que ela não se preocupe, estando tão longe, desligo. Minha dor de cabeça volta com força, e decido ir para casa. Deitar no sofá de olhos fechados vai me fazer bem.

Quando chego, os primeiros a me cumprimentar são Susto e Calamar. Como sempre, estão dentro de casa. E, como estão em frente à porta da piscina, Judith ou Flyn devem estar por ali.

Abro a porta da piscina interna e fico alucinado ao ver Judith e meu sobrinho dentro dela vestidos dos pés à cabeça.

Ficaram loucos?

Mas, longe de querer me estressar com eles, pergunto:

— Desde quando se entra na piscina de roupa?

Eles se olham e explicam que foi uma aposta. Mas, depois, Flyn acusa Jud de trapacear. Sorrio e, sem entender o que andam tramando ultimamente com tanta intimidade, vou até a beira da piscina. Depois de receber o beijo de minha linda namorada a quem tanto desejo, pergunto:

— Como está a água?

— Maravilhosa! — respondem os dois.

Acaricio a cabeça morena de meu sobrinho e me dirijo de novo à porta. Penso no que estou escondendo de Jud, mas, recordando que prometi a Raquel que não contaria, digo:

— Ponham uma roupa de banho se quiserem continuar na água.

Eles riem. Incentivam-me a pôr uma sunga e entrar com eles. Acho melhor não, estou com dor de cabeça. Contudo, minto para que Judith não se alarme.

— Tenho coisas a fazer, Jud — digo.

Fecho a porta e vou para o quarto. Preciso de um banho. Quando termino, só de toalha, me jogo na cama e fecho os olhos. Esse tempinho de paz e tranquilidade me faz bem, mas, certo de que Judith virá atrás de mim, visto-me e vou para o escritório.

Respondo a e-mails enquanto ao fundo toca Norah Jones. A dor parece estar diminuindo. Então, de repente, abre-se a porta e entram Jud e Susto.

Ela se senta em minhas pernas e, com a vivacidade de sempre, conta-me o que fez durante o dia. Depois, sussurra que Flyn e Calamar foram para a casa de minha mãe e que temos a casa toda para nós.

Eu a escuto, satisfeito, até que, de repente, ela pergunta:

— O que você tem?

Devo mentir, preciso mentir.

— Estou com dor de cabeça — respondo, ao ver como me olha.

Ao dizer isso, noto que o mundo desaba sobre ela.

Fica preocupada!

Converso com ela. Tranquilizo-a e acho que acredita em mim. No fim, decido subir para o quarto e deitar um pouco. Estou precisando.

Não sei quanto tempo dormi, mas acordo com a sensação de que é muito tarde. Olho o relógio e, surpreso, percebo que se passaram quase três horas. Três horas!

Sabendo que Judith deve estar entediada na sala, lavo o rosto e desço. Mas ela não está. Olho na cozinha, na piscina, em seu quarto da bagunça e não a encontro. Chamo Simona, e ela me diz que Jud saiu para dar uma volta pelo bairro com Susto.

Mal-humorado, ponho o casaco. Essa mulher é louca?

O que está fazendo na rua escura com esse frio?

Pego o carro e saio atrás dela, mas não a encontro. Isso me preocupa. Até que, ao fundo, vejo um carro parado e um cachorro.

É Susto!

Quando me aproximo, vejo Judith com… com… Leonard?!

Que diabos ela está fazendo com esse desgraçado?

Sem tempo a perder, paro meu veículo e desço. Susto vem me cumprimentar, mas eu, sério, vou até Judith, pego-a pela cintura e, depois de beijá-la, digo:

— Estava preocupado…

Fitando o homem que nos observa, cumprimento de má vontade:

— Olá, Leo. Como vai?

Ele nos olha, surpreende-se ao me ver.

— Vejo que já conheceu minha namorada — digo, disposto a deixar as coisas bem claras.

Leo olha para mim… Eu olho para ele…

Trocamos poucas palavras, e fico sabendo que Judith trocou um fusível do carro dele. Fico contrariado. Não estou à vontade. E quero que esse sujeito perceba.

Segundos depois, ele entra em seu carro e vai embora.

Em silêncio, Jud e eu caminhamos até meu carro. Começa a nevar. Quando entramos, junto com Susto, pergunto, irritado:

— O que estava fazendo sozinha com Leo?

Ela me dá suas explicações e, por fim, pergunta:

— De onde você o conhece?

Olho para ela. Praguejo.

— Esse imbecil cujo carro você arrumou é Leo, o namorado de Hannah de quando aconteceu tudo. E o que se livrou de Flyn sem pensar nele — sibilo.

Vejo sua expressão mudar. E eu, que não estou em meus melhores dias, propenso a discutir, com todo meu mau humor insisto:

— Você parecia bem à vontade com ele.

Assim que digo isso, sei que deveria ter me calado. Que estupidez acabo de dizer?

Judith não entra em meu maldito jogo. Não quer. E, tentando sorrir, pergunta:

— Está com ciúmes?

Caralho… caralho… Agora me vem com essa?

E, mais furioso ainda, pergunto com frieza:

— Deveria?

Judith sorri. Não dá a mínima para a minha frieza.

Sem responder, ela liga o som do carro. Sorri ao ver que eu estava escutando a música dela. Luis Miguel canta “Sabor a Mí”.

Caralho! Por acaso está tentando amansar alguma fera?

— Melhorou da dor de cabeça?

Ao compreender que ela está preocupada comigo, suspiro e respondo:

— Sim.

Judith me olha e, então, diz de repente:

— Desça do carro.

Eu a observo boquiaberto. Quer que eu desça do carro, com esse frio?

Mas ela insiste. Quer que eu saia do carro. Pergunto, contrariado:

— Para quê?

Sem querer se deixar levar pelo meu mau humor, ela repete:

— Saia do carro e verá.

Caralho, que chatice!

Contrariado, irritado e furioso, saio do veículo e bato a porta.

Espero que minha reação a faça entender que não estou para brincadeiras. Como ela costuma dizer, hoje o mar não está para peixe.

Já fora do carro, olho para ela, desconfiado. Ela continua dentro do veículo e, de repente, aumenta a música. Susto se sobressalta, dá um pulo e sai pela janela aberta.

Jud também desce do veículo. Olha para mim, sorri e, abraçando-me, pede:

— Dance comigo.

Cético, olho para ela. Por acaso ficou louca?

Eu não danço, e muito menos no meio da rua.

Mas Judith insiste. Quer que eu dance. Sem um pingo de humor, pergunto:

— Aqui?

— Sim.

Caralho… Caralho… Essa mulher me leva ao limite.

— No meio da rua?

— Sim… — Ela sorri. — E debaixo da neve. Não acha romântico?

Caralho!

Sem dúvida, quando ela quer me irritar, sabe fazê-lo perfeitamente. Já vi que hoje não é meu dia. Eu me solto de Judith e vou dar meia-volta quando ela puxa meu braço e, dando-me um tapinha no bumbum, exige, franzindo a testa:

— Dance comigo!

Olho para ela…

Não quero discutir, mas ela me leva… leva-me direto para uma discussão.

Penso no que dizer, no que fazer nessa situação absurda, quando a vejo franzir o nariz e sorrir. De repente, minha raiva desaparece e percebo que ela está fazendo isso para me fazer relaxar e esquecer o mau momento que passei. Deixando-me levar, eu a abraço.

Como ela diz, esse instante sob a neve tem sua magia. Por fim, sorrio e danço com ela enquanto esse cantor de que tanto gosta minha mulher canta: “Pasarán más de mil años… muchos más…”.

Por fim relaxado, curto seu cheiro, seu abraço, sua presença.

— É bonitinho ver você com ciúme, querido, mas não precisa. Para mim, você é único e inigualável — sussurra Jud, olhando para mim.

Única e inigualável é ela.

Ainda não sei como um sujeito insosso e chato como eu conseguiu atrair uma mulher como Judith. Quando, com uma de suas lindas carinhas, ela diz que me ama, eu a beijo e murmuro contra seus lábios:

— Eu é que te amo, fofinha.

59

Chega o aniversário de meu amor.

É dia 4 de março, e quero lhe fazer uma surpresa.

Quando ela se levanta, seu pai e sua irmã ligam. Ela se emociona, tenta se fazer de durona, mas sei que sente saudades deles.

No viva-voz, ela lhes conta que à noite haverá um jantar para ela na casa de minha mãe, com os amigos. Eles ficam felizes por Judith.

Quando desliga, minha linda pequena me olha. Noto que está se esforçando para não chorar. É seu primeiro aniversário longe da família, e ela lamenta por isso. Eu sei.

Vamos para a cozinha. Flyn a surpreende dando-lhe um lindo pingente de cristal que comprou com a ajuda de minha mãe. Fico feliz por sua delicadeza e, principalmente, pelo abraço que trocam.

Eu lhe dou uma pulseira de ouro branco. Jud adora joias, e terá tudo que eu puder lhe dar. Mas reconheço que se emociona mais ainda quando digo que tire o anel e leia o que está escrito dentro dele.

Então, ela me olha e lê:

— “Peça-me o que quiser, agora e sempre.”

Ela me fita de olhos arregalados e pergunta com um sorriso:

— Quando você gravou isso?

Sou feliz. Vê-la sorrir assim faz com que eu me sinta o sujeito mais sortudo do mundo.

— Uma noite, enquanto você dormia. Tirei o anel, Norbert o levou a um joalheiro amigo meu e, quando o trouxe de volta, duas horas depois, eu o coloquei de novo em seu dedo. Eu sabia que você não ia tirá-lo e não veria — digo.

Judith me olha boquiaberta e me abraça. Conhecendo-a como a conheço, sei que gosta mais desse tipo de surpresas que de coisas materiais. Enquanto

curto seu abraço caloroso, murmuro:

— Não esqueça, pequena: agora e sempre.

Depois de um dia maravilhoso tentando fazer minha garota feliz, chega a hora de trocar de roupa para ir ao jantar na casa de minha mãe. Convidamos Frida, Andrés, Björn e minha irmã.

Quando Judith entra no chuveiro, saio depressa do quarto. Nesse momento, Norbert entra em casa com Manuel, Raquel e Luz. Estão tão emocionados quanto eu. Manuel, olhando para mim, dá-me um abraço e diz:

— Obrigado pelo convite, rapaz. Minha moreninha vai adorar!

Assinto. Sei quanto nossa moreninha vai gostar.

— Que casa maravilhosa você tem, Eric! — diz Raquel, olhando ao redor.

Eu olho para ela e, aproximando-me, pergunto:

— Vai contar a Jud sobre sua separação?

Raquel faz uma careta e, baixando a voz para que a filha não ouça, murmura:

— Não. Não vou estragar seu aniversário. Depois eu conto.

Não fico muito contente ao ouvir isso. Não quero continuar escondendo isso de Judith. Quando vou protestar, a pequena Luz diz:

— Minha tia vai fazer xixi na calça quando nos vir!

Rio do que a menina diz, pois imagino Judith igualmente sem-vergonha quando era pequena.

— Esperem com Simona na sala — digo. — Judith vai descer quando estiver pronta.

A seguir, subo depressa para o quarto e entro no chuveiro com minha mulher.

Depois de passarmos um tempo maravilhoso juntos, enquanto ela acaba de se depilar, passar creme e toda essa parafernália feminina, eu me visto e desço de novo. Estamos todos nervosos e ansiosos pela reação de Judith.

Meia hora depois, volto a subir. Ao entrar no quarto, encontro meu amor com um lindo vestido de gaza preta e o cabelo solto. Está linda!

Satisfeito, me aproximo, e ela pergunta:

— Como estou?

Avalio a possibilidade de despi-la e possuí-la antes de nos reunirmos com sua família, mas nos atrasaríamos, e me contenho. Percorrendo com olhar de desejo a mulher que eu adoro, afirmo:

— Sexy. Excitante. Maravilhosa.

Minha aniversariante sorri, e eu a abraço.

Beijamo-nos, tocamo-nos, excitamo-nos. Mas, quando percebo que suas mãos tentam desamarrar minha gravata-borboleta, afasto-a de mim e murmuro:

— Vamos, moreninha. Minha mãe está nos esperando.

Ela olha o relógio. Ainda é cedo.

— Vamos tão cedo assim para a casa de sua mãe? — insiste.

Suspiro. Se não estivessem nos esperando na sala, o vestido de gaza preto e minha gravata-borboleta já estariam pendurados na luminária.

— Melhor cedo que tarde, não acha? — respondo.

Ela me olha, surpresa, sabe que não gosto de festas. Mas, por fim, diz:

— Dê-me cinco minutos e desço.

Contente, desapareço do quarto.

Vai ser uma surpresa enorme!

Passo para buscar Flyn em seu quarto. O menino também não sabe de nada. Ao descer, diante da expressão de surpresa de meu sobrinho ao ver esses estranhos na sala, aviso a todos que Jud já está quase chegando.

Nesse instante, observo Flyn. Noto o modo como ele e a sobrinha de Jud se olham. Maus presságios.

Mas esqueço de tudo quando a luz de minha vida abre a porta da sala e para atônita. Seu rosto se transforma, ela leva a mão à boca e, emocionada ao ver sua família, começa a chorar, enquanto sua irmã grita: “Fofinhaaaaaaaaaaaa!”.

Comovida, Jud abraça seu pai, que vai a seu encontro, sua irmã e sua sobrinha. Eu os contemplo, feliz, constatando o de sempre: como os espanhóis são barulhentos!

Flyn e eu permanecemos imóveis. Observamos a todos e, com cumplicidade, levo a mão aos ombros de meu sobrinho, que está sério demais.

Quando Judith me olha e sorri, sei que esse foi seu melhor presente. Sua família.

Durante um tempo, minha pequena pergunta e eles respondem. Rindo, eles conversam e se emocionam quando a pequena Luz diz:

— O avião de titio Eric é demais! A aeromoça me deu chocolate e frapê de baunilha.

Eu sou titio Eric?!

Boquiaberto, escuto a conversa. Ao perceber que Judith me quer ao seu lado, não hesito e vou até ela.

— Eu falei com seu pai e sua irmã… Está contente? — pergunto, pegando suas mãos.

Seu olhar demonstra como está feliz. Essa é a felicidade que eu quero ver

em seu rosto.

Mas, de repente, meu sobrinho exige:

— Quero ir agora para a casa de Sonia!

De imediato, peço-lhe calma com o olhar. Somos muitos, e ele precisa se adaptar ao que a maioria quer. Intuo que está com ciúmes por não ser o centro das atenções e, com paciência, murmuro:

— Já vamos. Calma.

Contrariado, ele se senta no sofá, de costas para nós. Jud me olha, mas eu não dou muita importância. Não quero que ela se preocupe com nada, só quero que aproveite a surpresa.

Feliz, Judith lhes mostra a casa. Todos se surpreendem e me dizem o quanto gostam de tudo, mas concluo que o que mais os impressiona é a piscina interna, como aconteceu com Jud da primeira vez que a viu.

Enquanto continuam o tour, decido voltar para a sala com Flyn. E, para fazê-lo mudar o humor, proponho que joguemos videogame.

Durante a partida, ele conta que não gosta de Luz, a quem chama de *menina tagarela*. Eu o repreendo. Luz é uma menina curiosa e está feliz por ver a tia, e ele tem que tratá-la bem.

— Meninas são um saco, tio.

— Não são — replico, alegre.

Tenho certeza de que, daqui a alguns anos, sua percepção sobre as garotas vai mudar e elas passarão de um saco a uma louca distração que me dará problemas.

— Elas são burras e choronas — insiste ele. — Só querem beijinhos e ouvir coisas bonitas, não vê?

Sorrio, não posso evitar. De repente, Judith aparece atrás da orelha de Flyn e diz:

— Um dia, vai adorar beijar uma garota e lhe dizer coisas bonitas, você vai ver!

Solto uma gargalhada, e meu sobrinho, irritado, sai apressado da sala. Evidentemente, o tema garotas, por enquanto, não é o seu favorito.

Quando ficamos sozinhos, Jud desliga a estridente música do jogo, senta-se sobre meus joelhos e, enroscando os dedos em meu cabelo, olha para mim e murmura:

— Vou beijar você.

— Perfeito — assinto, feliz.

Meu amor me olha, do jeito que sabe que eu gosto, e acrescenta:

— Vou lhe dar um beijo explosivo!

Enfeitiçado por ela, sussurro:

— Hmmm! Gostei da ideia.

E, depois de dizermos mais umas coisinhas, ela me beija. Introduz sua língua maravilhosa em minha boca e me dá um beijo cheio de emoção. Depois, rimos. Digo como gostei de seu beijo explosivo e ela replica:

— Você nunca ouviu dizer que, quando uma espanhola beija, beija de verdade?

Rio.

Ouvi um milhão de vezes minha mãe dizer isso. Quando vamos nos beijar de novo, meu sobrinho aparece diante de nós com cara de bravo. Luz, que vem atrás dele, pergunta, desinibida:

— Por que o chinês não fala comigo?

Ai, ai, ai… já sei por que Flyn não gosta de Luz!

Ao ouvir isso, Judith se levanta e esclarece, dirigindo-se a sua sobrinha:

— Luz, o nome dele é Flyn. E ele não é chinês, é alemão.

Eu também me levanto e vou dar atenção a meu sobrinho, percebendo como a menina olha para ele. Temo o pior. Então, a menina, fitando sua tia, sussurra:

— Mas ele tem olhos de chinês… Você viu, tia?

Judith está constrangida.

Não sabe o que dizer…

Não sabe o que fazer…

Disposto a lhe dar uma mão para que Flyn veja que intercedo, eu me agacho na frente de Luz e explico:

— Meu bem, Flyn nasceu na Alemanha, é alemão. Seu papai é coreano e sua mãe era alemã como eu, e…

— Se ele é alemão — interrompe ela —, por que não é louro como você?

Flyn suspira, eu suspiro, e Jud diz:

— Ele acabou de explicar, Luz. O pai dele é coreano.

A menina olha para nós. E, quando acho que entendeu, ela contra-ataca:

— E os coreanos são chineses?

Caralho… caralho… que menina tagarela dos infernos… não se cala!

— Não, Luz — responde Judith.

— E por que ele tem os olhos assim? — insiste.

Amaldiçoo o momento em que a menina começou a fazer perguntas sobre esse assunto. De repente, a irmã e o pai de Jud entram na sala. Manuel, ao ver minha situação, pega a pequena endiabrada no colo e nos livra dela. Ainda bem!

Judith e eu olhamos para Flyn. Seu desconforto é imenso. Ele sussurra em alemão para que só nós entendamos:

— Não gosto dessa menina.

Dez minutos depois, estamos todos em meu Mitsubishi indo para a casa de minha mãe.

Ao entrarmos, ela beija Judith, dá-lhe os parabéns e cumprimenta a família dela, feliz, e Flyn se afasta de nós. Obviamente, está fugindo de Luz.

Na festinha, além dos amigos que eu sabia que estariam presentes, Trevor, o namorado de minha mãe, também está presente. Não que eu goste muito dele, mas respeito as decisões dela, assim como ela respeita as minhas. Faz alguns anos que chegamos a esse acordo.

Observo minha mãe e Judith cochichando. Do que estão falando?

— O que as duas mulheres mais importantes de minha vida estão planejando? — pergunto, curioso.

Minha mãe sorri. Judith não.

Ai, ai! O que estarão aprontando?

Finalmente, minha mãe me dá um beijo no rosto, depois um tapinha, e responde, bem-humorada:

— Conhecendo você, querido, nada que lhe agrade.

Atônito, vejo-a se afastar. Do que está falando?

Não entendo, e olho para Judith em busca de explicações. No entanto, ela coça o pescoço e diz:

— Não entendi por que ela disse isso…

Assinto. Então, ela me conta que Frida lhe disse que haverá uma festa privada no Nacht, mas eu já fico com a pulga atrás da orelha.

O que minha mãe e Judith estão planejando?

Depois do jantar, todos os convidados entregam presentes a Jud, que os recebe emocionada e agradecida.

***

Esta noite, quando voltamos para casa e todos vão se deitar, meu amor e eu vamos para nosso quarto e fechamos a porta.

Jud passa o trinco. Desejamo-nos. Ela passa os braços ao redor de meu pescoço e sussurra:

— Peça-me o que quiser, agora e sempre.

Beijo-a. Preciso dela. Desejo-a. E, sem afastar minha boca da sua, repito:

— Agora e sempre.

60

Judith não poderia estar mais feliz.

Diferente de outros dias, levanta-se bem cedo. Quer aproveitar ao máximo o tempo que sua família vai passar conosco em Munique.

Durante horas, brinca com sua sobrinha na piscina.

Tanto ela quanto eu incentivamos Flyn a participar, mas ele se recusa. Não quer nada com essa menina perguntona.

Ao meio-dia, noto que minha pequena está conversando com a irmã. Parecem cochichar, e eu me pergunto se Raquel lhe está contando nosso segredo. Mas não, não conta, porque Jud, quando me vê, não diz nada. Isso me incomoda.

Depois do almoço, Judith veste seu casaco de náilon vermelho e vai com o pai dar uma volta pelo jardim. Da janela, observo-os caminhar com Susto e Calamar, absortos em sua conversa. Gosto de vê-los sorrir.

Às cinco da tarde, todos nós, exceto Flyn, vamos para o aeroporto. Manuel, Luz e Raquel vão voltar para a Espanha em meu avião particular. E, quando o jatinho começa a se movimentar pela pista de decolagem, a expressão de minha pequena é de cortar o coração.

Tristeza, melancolia, desolação, saudade… Sua expressão mostra tudo isso. Pegando seu braço, com delicadeza, sugiro sairmos dali.

Dirijo em silêncio, enquanto a voz de seu amado Alejandro Sanz toca no carro. Judith permanece pensativa. Quando não suporto mais seu silêncio, digo, quando paramos em um semáforo:

— Vamos, pequena, sorria. Eles estão bem. Você está bem. Não tem por que ficar triste.

Ela me olha, tenta sorrir e, dando de ombros, responde:

— Eu sei. Mas sinto muita saudade deles.

Morro.

Sua desolação e seu olhar triste me desesperam, e não sei o que fazer.

O semáforo fica verde e arranco com o carro.

Então, penso que, se eu estivesse tão triste, ela faria algo por mim. Penso… penso o que fazer, até que, de repente, olho para o som, mudo a música e, quando começa “Highway to Hell”, do AC/DC, sem um pingo de vergonha, começo a cantar a plenos pulmões.

Imediatamente, Judith me olha. Ótimo! Isso chamou sua atenção. Mas acho que pensa que fiquei louco.

Ao ver que ela começa a sorrir, exagero meus movimentos. Balanço a cabeça ao compasso da música como em meus tempos de roqueiro. E, quando paro o veículo, faço um *air guitar*.

Judith me olha…

Judith está surpresa…

Sem lhe dar trégua, convido-a a me acompanhar.

Preciso que cante e dance para me sentir menos ridículo. Por sorte, ela entra no jogo. Canta, balança a cabeça, dança no banco. E, quando a música acaba, caímos na gargalhada.

— Eu sempre gostei dessa música — digo.

Ela me olha, pisca e pergunta, alucinada:

— Você gostava de AC/DC?

Sua expressão incrédula me faz sorrir.

Eu sempre fui muito ajuizado, mas também tive minha época rebelde e heavy metal.

— Claro. Nem sempre fui tão sério — afirmo.

Rindo, lhe conto sobre minhas aventuras quando tinha cabelo comprido como um roqueiro, e ela ri muito. Até que para, e sei que de novo está pensando em sua família.

Não posso. Não posso ver a tristeza em seu olhar. Preciso fazê-la esquecer. Então, paro o veículo e digo:

— Saia do carro.

Ela me olha.

— Saia do carro — insisto.

Instantes depois, ela obedece e sorri. Sem dúvida, sabe o que vou fazer. Ligo o rádio com a esperança de que toque uma música linda. E dou graças aos céus quando começa a tocar “You Are the Sunshine of My Life”, do maravilhoso Stevie Wonder.

Aumentando o volume o máximo que posso, desço do carro e olho para meu amor, ciente de que as pessoas que passam pela rua estão nos observando. Tento ignorar.

Sorrio… ela sorri. Caminho até ela e, quando me aproximo, peço:

— Dance comigo.

Judith não se faz de rogada e rapidamente se lança em meus braços.

Para ela tanto faz dançar onde estamos, ou no aeroporto, ou no meio de uma sala de espera cheia de gente. E, abraçando-me, começa a dançar comigo.

Com certo pudor, olho para as pessoas que, paradas, nos observam. Decido ignorá-las. Se pensar nelas, não vou conseguir continuar com essa loucura.

— Como diz a música — afirmo, sussurrando em seu ouvido —, você é o sol de minha vida, e, se vejo você triste, não posso ser feliz. Eu prometo, pequena, que iremos para a Espanha sempre que você quiser, e que sua família virá a nossa casa sempre que quiser. Mas, por favor, sorria. Se eu não a vejo sorrir, não consigo ser feliz.

Noto que ela gosta de minhas palavras. Ela me abraça, sorri e, quando a música acaba, olha para mim e sussurra:

— Eu te amo com toda a minha alma, meu amor.

Sou feliz!

Ouvi-la dizer essas palavras e vê-la sorrir ilumina minha vida. Depois de lhe dar um doce beijo nos lábios, murmuro:

— Continuo esperando que você queira se casar comigo.

Judith tosse. Engasga.

Diz que não liga para casamento e que, se me disse aquilo outro dia, foi por um impulso. Rio, e ela acrescenta que podemos continuar vivendo juntos sem passar pela igreja.

— Temos uma maravilhosa garrafa de Moët Chandon rosé na geladeira. O que acha de bebermos e conversarmos sobre esse impulso?

Ela ri e pergunta:

— Essa de rótulo rosa com cheiro de morango silvestre?

Assinto. Isso me faz recordar a primeira vez que levei uma garrafa dessas a sua casa.

— Sim, pequena — confirmo.

Olhamo-nos…

Provocamo-nos…

Desejamo-nos…

— Por enquanto, vamos beber — murmura minha garota.

Satisfeito, dou-lhe um beijo nos lábios com sabor a glória.

Quando entramos no carro, vejo que meu celular tocou. Olho.

— Amor, tenho que passar rapidinho no escritório, você se importa? — murmuro, contrariado.

Ela sorri, não se importa, e vamos para lá.

Às dez da noite estamos entrando no hall da Müller. Os seguranças nos cumprimentam. Subimos até o andar presidencial. Quando saímos do elevador, Judith me pergunta onde fica o banheiro.

Quando ela se afasta, vou depressa até minha sala, onde, ao entrar, encontro Amanda. Ela chegou há umas horas e quer falar comigo com urgência de um assunto de trabalho.

Depois de cumprimentá-la, fico apoiado em minha mesa e conversamos.

Ela me conta uma coisa interessante que surgiu e que beneficiaria muito a empresa, e eu fico muito contente. É maravilhoso! Depois, mostra-me os documentos que recebeu, que explicam detalhadamente o que ela acabou de me contar. Leio-os com avidez, enquanto Amanda, tão feliz quanto eu, pousa a mão em meu ombro.

Enquanto conversamos, ela se senta ao meu lado na mesa. De repente, ouço a porta bater e, ao levantar o olhar, encontro Judith, que olha para nós transtornada.

Incrédulo, observo-a se aproximar com certa arrogância.

— Amanda, há quanto tempo não a vejo! — diz Jud.

Amanda desce da mesa, sorri e responde:

— Querida Judith, que prazer em vê-la.

Mas, quando Amanda vai lhe dar um beijo, minha pequena se joga para trás e sibila, sem muito bom humor:

— Nem se atreva a me tocar, entendeu?

Boquiaberto, eu me levanto.

Que bicho a mordeu?

Eu conheço Judith e, quando ela gesticula como está fazendo agora, sei que aí vem coisa. No instante em que vou falar, ela me olha e, no mesmo tom com que falou com Amanda, diz:

— Cala a boca. Estou falando com Amanda. Depois falo com você. Caralho, o que deu nela?!

Sem entender nada, observo-a enquanto ela olha com cara de nojo para Amanda e diz:

— Não preciso me vestir como uma vagabunda para enlouquecer um homem. Para começar, porque já tenho um, que, veja só que coincidência, é o mesmo para o qual você estava se insinuando, sua cadela!

Amanda me olha em busca de ajuda. Vou protestar quando Judith acrescenta:

— Você trabalha para Eric. Para meu namorado. Limite-se a isso, a trabalhar, e não tente mais nada.

Furioso, balanço a cabeça. O que Judith está fazendo é inadmissível.

— Jud… — rosno.

Mas ela me ignora. Como sempre, me ignora e prossegue:

— Se eu tornar a ver você tentar qualquer outra coisa com ele, juro que vai se arrepender. Dessa vez não vai acontecer como da última que nos vimos. Dessa vez, eu não vou embora. Se alguém vai sair daqui é você, entendeu?

Ouvir esse seu tom me deixa furioso. Do que ela está falando?

— Acho… acho que você está enganada, querida — diz Amanda.

Judith sorri. Mas seu sorriso me causa um mau pressentimento. E, com arrogância, ela põe o dedo no peito de Amanda e sibila:

— Chega de *querida* e de bobagens. Afaste-se de Eric, sua vadia, entendeu?

— Jud… — repreendo-a com mais contundência.

Ela está passando dos limites. Amanda me olha pedindo calma e, pegando sua bolsa de cima da mesa e seu casaco, diz, dirigindo-se para a porta:

— Ligo para você amanhã.

Uma vez a sós, olho para Judith. Estou tão transtornado quanto ela. Então, com todo seu mau humor, Jud ameaça:

— Se me disser que não percebeu que essa vadia estava se insinuando para você, juro que pego essa estatueta de cima de sua mesa e quebro sua cabeça.

Caralho… caralho… o que ela está dizendo?

Eu só estava falando de negócios com Amanda, em nenhum momento percebi nada disso.

— Você me decepcionou, imbecil! — solta ela. — Essa idiota estava pondo os peitos na sua cara e você permitiu.

O quê?! Mas o que ela está dizendo? Cada vez mais furioso, replico:

— Você está enganada!

Judith se vira. Temo o pior. Quando olha para mim de novo, encontro a garota boca-suja que me tira do sério.

— Não, não estou enganada. Você e Amanda têm tanta intimidade que nem percebe, não é? Que ótimo… vamos por esse caminho! Quando eu vir Fernando da próxima vez, como há intimidade entre nós, sem me importar com o que você pense ou sinta, vou me sentar no colo dele para conversar ou pôr os peitos na cara dele, o que acha? — continua.

Ouvir isso me tira do sério. Sou incapaz de entender a raiva dela, e ainda mais incapaz de processar o que ela está dizendo de Fernando.

— Você se excedeu, Jud — digo.

Discutimos. Perdemos a compostura.

Ela fala… eu falo…

Na opinião de Jud, pela atitude de Amanda, eu teria acabado rolando na mesa com ela. Na minha, isso nunca teria ocorrido.

Nossa fúria só aumenta. E, sem vontade de continuar discutindo, enfio os papéis na maleta e saio da sala sem olhar para ela. Espero que me siga.

Em silêncio, pegamos o elevador. Eu me pergunto onde foi parar o alto astral de quando chegamos.

Eu a observo em busca de um olhar de cumplicidade, mas não vejo nada. Ela é tão orgulhosa quanto eu, ou mais. Portanto, decido fazer o mesmo e não olho para ela!

Durante a viagem de volta para casa, o silêncio é nosso companheiro. Estamos ambos absortos em nossos pensamentos, ruminando a raiva. Ao chegar em casa, cada um toma diferentes direções. Eu me enfio em meu escritório, mas, antes, observo que ela vai para o quarto da bagunça, o lugar de que tanto gosta.

Transtornado, tiro o casaco. Odeio quando Judith fica tão cabeça-dura.

Que bicho a mordeu, se estávamos tão bem?

Preparo um uísque e, enquanto o tomo, contemplo a lareira acesa. Por que tudo é sempre tão difícil com ela?

Instantes depois, sento-me em frente a minha mesa, abro a maleta e me concentro nos documentos que Amanda me entregou. Sem dúvida, isso pode fazer a Müller lucrar muito.

Enquanto penso nos benefícios que obteríamos, quero contar a Judith. Se não lhe puder contar, se não puder dividir coisas assim com ela, de que adianta?

Ela me importa, o dinheiro não.

— Pequena… preciso de você — murmuro, suspirando.

Reflito sobre o que aconteceu.

Penso em Amanda usando aquele vestido vermelho sensual e me dou conta de que ela se sentou na mesa ao meu lado e cruzou as pernas segundos antes de Judith entrar.

Pensando friamente, se Judith agisse como Amanda na frente de Fernando, eu também ficaria furioso. Suspirando, de repente compreendo que tenho que pedir desculpas. É evidente que ela notou algo que eu não reparei, e preciso pedir-lhe desculpas. Abro meu notebook e escrevo:

De: Eric Zimmerman
Data: 6 de março de 2013, 02h11
Para: Judith Flores

Assunto: Não posso continuar sem falar com você
Querida, sei que você tem razão em tudo que disse, mas eu nunca a trairia, nem com Amanda nem com nenhuma outra.
Eu te amo louca e apaixonadamente,
Eric, o babaca

Ao dar "Enviar", amaldiçoo o momento em que decidi passar no escritório. Ela e eu pretendíamos voltar para casa e…

Depois de dez minutos, ao ver que ela não responde, insisto:

De: Eric Zimmerman
Data: 6 de março de 2013, 02h21
Para: Judith Flores
Assunto: Peça-me o que quiser
Pequena, sinceridade e confiança entre nós é primordial. As palavras "Peça-me o que quiser, agora e sempre" englobam absolutamente tudo entre nós.
Pense nisso.
Eu te amo,
Eric, um babaca atormentado

Dou "Enviar" de novo, com a esperança de que dessa vez meu e-mail obtenha algum resultado. Jamais me imaginei escrevendo e-mails como esses. Jamais me imaginei tão apaixonado e bobo como estou por Judith.

Ao ver que não recebo resposta, volto ao ataque.

De: Eric Zimmerman
Data: 6 de março de 2013, 02h30
Para: Judith Flores
Assunto: Diga que sim
Está a fim de uma taça de Moët Chandon rosé? Espero você

na sala.

Eric, um louco, apaixonado e atormentado babaca

Envio o e-mail e sorrio.

Por que sorrio?

Espero… espero sua resposta, mas também não chega. Caramba, por que ela é tão cabeça-dura?

Furioso, decido não enviar mais mensagens. Acho que por hoje ela já pisou em outras coisas minhas além de no meu coração. Agora é ela quem tem que dar o próximo passo.

Deprimido, saio do escritório e encontro Susto. Ao me ver, ele se aproxima, e eu o recebo, feliz. Falo com ele, mimo-o e, no fim, sedento, vou até a cozinha. Susto me acompanha.

Abro a geladeira, pego água e bebo. Está fresquinha. Mas, ao guardar a água, vejo a maldita garrafa de rótulo rosa. Incapaz de não a tocar, pego-a, olho para ela e, fechando a geladeira, sento-me à mesa da cozinha e deixo a garrafa de champanhe na minha frente.

Susto se senta ao meu lado, no chão e, sem saber por quê, acariciando sua cabeça, digo:

— Nunca se apaixone, amigo. Se você se apaixonar, está perdido!

O galgo me olha, parece me entender. De repente, a porta da cozinha se abre e ela aparece. Meu amor.

Susto se levanta, vai recebê-la, e ela sorri para ele.

Por que não sorri para mim?

Contrariado, observo-a ir de um lado para o outro da cozinha, enquanto repito a mim mesmo sem parar que, depois do que fiz, é ela quem tem que dar o próximo passo. Mas, quando Jud vai abrir a geladeira, não aguento mais. Vou até ela e, sem lhe permitir abrir a porta, passo as mãos por sua cintura e sussurro em seu ouvido:

— Não quero, não posso, não desejo ficar bravo com você.

Quando digo isso, noto seu corpo relaxar. Ela murmura:

— Eu também não.

Seu cheiro me embriaga…

Sua proximidade me deslumbra…

Sua receptividade me estimula. E, mordiscando o lóbulo de sua orelha e precisando que ela acredite em mim, sussurro:

— Eu nunca cairia no jogo da Amanda. Amo demais você para perdê-la.

Desejando sua boca, viro-a e a beijo. Devoro-a.

Ansiosos, nos beijamos, nos abraçamos. Com Judith em meus braços, chegamos ao quarto, onde passo o trinco ao entrar. Ela sorri. Com delírio, despimo-nos, e minha mulher, meu amor, minha companheira, deita-se na cama e sussurra, olhando para mim:

— Me foda.

Satisfeito, eu me deito sobre ela.

Tudo bem… consertamos tudo com sexo, mas é o que funciona para nós!

Nesse momento, as preliminares são desnecessárias. Quando já estou entrando nela, Jud geme de tal forma que, fitando-a, digo:

— Não existe um “te amo” mais sincero que o que me transmitem seus gemidos.

Judith sorri. Gosta do que acaba de ouvir.

— Eu desejo meu garanhão — sussurra ela ao me dar um tapinha na bunda.

Rio. Jud está me pedindo força, potência, luxúria. Pegando-a de forma rude, levanto-a da cama e, apoiando-a na parede, enfio minha ereção nela e exijo:

— Diga o que quer e olhe para mim.

Judith arfa, sente-se preenchida por mim.

— Empale-me — pede, encarando-me.

Enlouquecido, esqueço os mimos e as delicadezas e lhe dou o que ela quer, o que me pede, o que exige. Entro nela sem parar, com força, com ímpeto, com vivacidade, enquanto a movimento a meu bel-prazer, e ela se desmancha em minhas mãos, satisfeita e feliz.

Momentos como esses nos dão vida.

Momentos como esses nos encantam.

Momentos como esses eu só quero viver com ela.

61

Os dias passam e Judith e eu estamos bem de novo.

No sábado à noite, vamos a uma festa privada no Nacht. Queremos nos divertir.

Nossos amigos estão lá, inclusive Dexter, que continua na Alemanha.

Em dado momento, decido entrar com Judith no quarto escuro. Ela nunca esteve em um. Danço com ela entre as pessoas enquanto nos acariciamos e curtimos a luxúria. Pouco depois, aproxima-se uma terceira pessoa – parece uma mulher – e me abraça. Passa a mão em minha bunda, minhas pernas, meu pênis, e noto que Judith sorri. Segundos mais tarde, quando começa a tocar “Cry Me a River”, a mulher se afasta e ouço a voz de Björn, que diz:

— É nossa música, linda.

Sem um pingo de ciúmes, permito que ele dance conosco. Agora são quatro mãos que percorrem o corpo de meu amor, e ela suspira, satisfeita. Fico excitado. Imensamente excitado. Pego sua calcinha, arranco-a com um puxão e afirmo:

— Aqui você não precisa disso.

Pouco depois, quando a música acaba, Björn desaparece e eu fico dançando com minha mulher “My All”, canção de Mariah Carey que ambos adoramos. Depois de um tempo nos excitando mutuamente, murmuro, saindo do quarto escuro:

— Você é minha fantasia, moreninha. Minha louca fantasia.

Jud sorri, gosta disso, e se oferece para realizar meus desejos. Sejam quais forem.

Instantes depois, aparece Diana, uma amiga. Eu lhe apresento minha mulher e noto como a olha. Não há nada de que Diana goste mais que de uma mulher, e sinto que adorou a minha. Isso me excita.

— Abra as pernas — murmuro, quando Jud se senta em um banquinho.

Ela as abre sem titubear e adora ser minha fantasia. Quando dirijo um olhar de cumplicidade a Diana, ela não hesita e acaricia minha mulher.

— Gosto das depiladas — diz ela.

Sorrio. Bebo um gole de minha bebida e afirmo:

— Ela está totalmente depilada.

Quero começar a jogar, estou ansioso. Então, Diana, tão desejosa quanto eu, masturba Judith e depois se afasta.

Com o coração a mil, levanto minha moreninha do banquinho e, sabendo que ela quer continuar brincando, dirigimo-nos a um quarto. Pouco depois, entra Diana, nua, com um vibrador duplo nas mãos. Troco algumas palavras com ela e peço:

— Tire a roupa de minha mulher.

O olhar de Judith se turva de desejo. Ela não curte mulheres, mas, como disse uma vez, não se importa que brinquem com ela.

O vestido de Jud cai no chão, e ela fica só de sutiã, cinta-liga e salto alto. A calcinha eu arranquei antes.

Quando Diana lhe pede que se sente sobre um balcão que há no quarto, eu a levanto, preparo-a e lhe abro as coxas. De onde estou, observo Diana assolar o corpo de minha mulher e Jud aproveitar.

Tiro a roupa também. Quero estar pronto para ela. Ao ouvi-la soltar um grito de prazer, acaricio meu pênis duro.

Durante alguns minutos, Diana brinca com o clitóris de Judith. Morde, suga, sorve, lambe… Ela é especialista em dar prazer a mulheres. Quero que ela faça tudo com Judith, e meu desejo aumenta quando a vejo introduzir o vibrador.

Enlouquecida, Jud grita, contorce o corpo, mostra quanto gosta do que a outra faz, e observo Diana subir no balcão e, com destreza, e sem tirar o vibrador do corpo de Judith, colocar a outra ponta em si mesma e se deitar sobre Jud.

Judith se move.

De onde estou, vejo que trocam algumas palavras e Diana sorri.

Segundos depois, observo as duas se comerem. Seus movimentos se intensificam, e minha excitação cresce. Ouço-as gritar quando gozam.

Excitado, observo Diana tirar o consolo de seu sexo, descer do balcão e, abrindo as coxas de Judith, exigir:

— Dê-me seu suco…

Com anseio, ela a lambe, chupa, suga. Deseja a essência de Judith e eu lhe dou o que pede, entrego Jud e percebo que ela leva minha mulher ao clímax de novo com a língua, com suas lambidas, suas sucções. A luz violeta que nos envolve torna o momento mais especial.

Então, desço minha garota do balcão e a deito na cama. Diana e eu a

tocamos, desfrutamos dela, até que, de repente, a porta se abre e entra o sujeito que estava com Diana. Ele se apresenta como Jefrey, e permitimos que entre no jogo.

— Gostou de Diana?

Judith me olha, sorri, diz que gostou e depois sussurra:

— Posso lhe pedir uma coisa?

Enfeitiçado por ela, afasto com carinho o cabelo de seu rosto e declaro:

— O que quiser.

Ela sorri. Então, levanta-se da cama, pede que eu me sente e, montando em mim, beija-me e murmura:

— Quero que Jefrey masturbe você.

O quê?!

Olho para ela receoso.

Ficou maluca?

Nunca na vida permiti que um homem tocasse certas partes de meu corpo. Já vou negar, dizer não, quando ela acrescenta:

— Sou sua mulher, não sou?

Assinto… Claro que ela é minha mulher!

— E você é meu marido, não é?

Assinto de novo. Mas aonde ela quer chegar?

Então, ela me beija com sensualidade, roça meu nariz no seu e, olhando para mim, sussurra:

— Entregue-se a mim e a minhas fantasias, querido. Ele só vai masturbar você. Prometo.

Caralho… caralho… caralho!

Fecho os olhos, como se dessa forma pudesse desaparecer. Não curto homens, isso não é comigo. Mas, quando os abro de novo e vejo esses olhos escuros que adoro, sei o que tenho que fazer.

Ela realiza minhas fantasias, meus desejos. Como poderia me negar a realizar os dela?

Hesito… hesito durante mais alguns segundos, mas, por fim, cedo. Quero que Judith curta o sexo tanto quanto eu.

Ela sorri, beija-me, sai de cima de mim e, acariciando-me, diz:

— Jefrey, dê prazer a meu marido.

Quando ele se agacha e se ajoelha diante de minhas pernas, fico tenso. Nenhum homem jamais tocou o meu pau.

Os olhos do sujeito e os meus se encontram e, sem dizer nada, comunico que não estou muito de acordo com isso. Contudo, olho para meu pênis e o vejo duro e pulsante.

Por que estou tão duro?

Sem se importar com meu olhar, Jefrey pega minha ereção com a mão. Eu dou um pulo, mas Jud murmura em meu ouvido pedindo que eu relaxe, dizendo que vamos gostar.

Durante alguns segundos, observo esse homem me tocar e, ao sentir certo prazer, fecho os olhos. Tenho vergonha do prazer que ele me faz sentir. Sinto sua mão subir e descer e meu coração se acelera.

Neste instante, ouço um suspiro de Judith e, ao abrir os olhos, vejo que Diana, insaciável, está atrás dela, tocando-a, enquanto minha garota observa o que Jefrey faz comigo.

Transpiro… Começo a suar quando ele enfia minha ereção em sua boca.

Meu Deus… que prazer!

Estremeço…

O prazer é extremo, maravilhoso!

Não! Não posso pensar isso. Não devo!

Mas o prazer se intensifica e algo explode dentro de mim, principalmente quando Jud sussurra em meu ouvido:

— Abra as pernas, querido.

Ouvi-la me pedir o que já lhe pedi centenas de vezes me faz estremecer. Então, sinto o homem se acomodar entre minhas pernas para ter melhor acesso.

Neste instante, porém, não me afasto, não me mexo. Permito que ele se aproprie de meu pênis e que Jud ordene e exija o que desejar.

Jefrey me chupa, lambe, devora, e um formigamento prazeroso se apodera de meus testículos. Ele parece perceber e os aperta com as mãos. Depois os toma com a boca, excitado e entregue.

Satisfeita com o que vê, Judith me beija. Nesse momento, Diana, a pedido de Jud, chupa meus mamilos excitados.

O prazer é extremo.

Judith se tornou dona e senhora de meu corpo e ordena o que deseja para que todos nós obedeçamos.

Jefrey continua me chupando enquanto suas mãos sobem por minhas pernas e param onde começam minhas nádegas. Tremo. Ele me aperta, eu me contraio, e Jud, que está atenta a tudo, pega meu queixo e pede:

— Olhe para mim.

Ouvir sua voz de comando e ver a exigência em seu olhar me deixa louco.

Tão louco que permito que Jefrey continue apertando minhas nádegas.

Tão louco que curto enquanto esse homem lambe meu pênis.

Tão louco que, se Jud me pedir a lua, ela terá.

O prazer que Jefrey me proporciona consegue me fazer arfar, e Judith sorri.

Adora o que está vendo. A luxúria me domina. Sua fantasia de me ver com outro homem se tornou realidade, e eu, levado ao êxtase pelo que esse indivíduo faz, suspiro, tremo e me arqueio, gostando de meter meu pau em sua boca.

Sentir sua rudeza, seu jeito de me possuir sob o olhar poderoso de minha mulher me deixa louco. Tão louco que nem me reconheço e, desejando mais, ponho a mão na cabeça de Jefrey e o obrigo a me chupar, enquanto sussurro:

— Isso… assim… continue…

E Jefrey continua.

Continua me desfrutando, enquanto eu gosto do que ele faz e Jud gosta do que vê. Nosso jogo é estranho, avassalador, mas, sem dúvida, é nosso.

Minha garota, satisfeita com minha resposta, sorri, e eu digo a Jefrey que quero que aperte meus testículos.

Prazer… o prazer é imenso. Enquanto ele faz o que peço, eu me deixo levar pelo tesão do momento sem pensar em mais nada. Então, de repente, imensamente excitada, Judith faz Jefrey parar e se senta em cima de mim com brusquidão.

Ambos gritamos!

Instantes depois, ao ver o desejo em seu olhar, pego-a pelos quadris e a aperto contra mim, movimento-a a meu bel-prazer. Com rudeza, penetro nela sem parar, enquanto Diana e Jefrey nos observam.

Prazer… loucura… êxtase… tudo isso junto é nossa luxúria, nosso jogo, e curtimos o máximo que podemos e mais um pouco. Até que, finalmente, solto um louco gemido de prazer, e minha pequena, deixando-se levar como eu, aperta-se contra mim, e juntos experimentamos o mais incrível orgasmo.

Em silêncio, eu me jogo para trás na cama sem soltá-la e ela me beija.

— Tudo bem, querido? — pergunta ela, curiosa.

Sorrio. Essa é a pergunta que eu sempre faço a ela quando brincamos, mas dessa vez, como dona e senhora do momento, é Jud quem faz.

— Sim, pequena — afirmo. — No fim, você conseguiu.

Ela me olha. Sorrimos de novo, e eu ainda não acredito que me deixei masturbar, chupar e tocar por um homem.

Incrível!

Entre confidências, Judith me diz que gostou de ver sua fantasia e que, sem dúvida, vai querer repetir. Olho para ela. E a verdade é que agora tenho a mesma opinião que ela: não gosto de homens, mas acho que aceito certas brincadeiras.

Estamos felizes.

De repente, a porta do quarto se abre e Dexter aparece.

O jogo recomeça.

A luxúria se intensifica.

E todos nós aproveitamos a experiência.

Durante horas, minha pequena e eu jogamos com Diana, Dexter e Jefrey.

Esgotados, depois de tomar um banho, Judith e eu nos vestimos e voltamos à sala onde estávamos no começo da noite.

Pedimos uns drinques, saciamos nossa sede e trocamos centenas de carícias. Judith é muito carinhosa, e eu adoro seus carinhos.

Depois de várias cubas-libres, Jud precisa ir ao banheiro. Eu lhe digo onde fica e, com prazer, observo-a se afastar do balcão.

Estou tranquilo bebendo meu uísque quando ouço duas mulheres brigando no banheiro. Sem saber por quê, saio correndo. Judith está lá!

Ao abrir a porta, fico sem palavras. Diante de mim está Jud torcendo o braço de Betta, que grita. Entro correndo no banheiro, pego Judith para que a solte e pergunto:

— Pelo amor de Deus, Jud! O que está fazendo?

Betta responde, furiosa:

— Sua namorada é uma assassina.

Judith pragueja, suspira e grita:

— Sua vadia!

Sem saber o que fazer, testemunho uma briga absurda, até que não aguento mais e, quando Betta me chama de *querido*, grito:

— Cale a boca, Betta!

Judith, que ouviu o que Betta disse, fica furiosa e grita, fora de si, tentando se soltar de meus braços:

— *Querido?!* Você o chamou de *querido*? Não o chame assim, cadela!

Caralho… caralho… caralho! Ela ficou louca?

Como uma fera, ela tenta arranhar Betta, e, se não a seguro, o rosto da minha ex nunca mais seria o mesmo. Jud está furiosa, frenética. Fitando-a, exijo:

— Não entre no jogo dela, meu amor. Olhe para mim, Jud. Olhe para mim.

Mas ela não olha. Está cega de raiva. Simplesmente me ignora e continua gritando com Betta, que diz:

— Já é a segunda vez que ela me ataca em Munique. Qual é o problema com sua namorada? É um animal?

Sem poder acreditar, olho para Judith. Segunda vez? Ela encontrou Betta e não me contou?

Agora quem está furioso sou eu. Olho para minha mulher à espera de uma

explicação e, como ela não diz nada, pergunto:

— Segunda vez?

Ela não responde. Pragueja em espanhol, e as coisas que saem de sua boca são cada vez piores.

— Sim — insiste Betta. — Na loja de Anita. Sua irmã Marta estava junto e também me atacou. As duas me atacaram e me bateram, e…

Boquiaberto por descobrir a mafiosa silenciosa que vive comigo, a seguro e pergunto, irritado:

— Você fez isso?

Judith me olha e, com uma expressão que não sei se é de altivez ou de vergonha, diz:

— Sim. Eu lhe devia essa. Por causa dela você e eu terminamos, e…

Boquiaberto, solto-a.

Não posso acreditar!

Levo as mãos à cabeça e sibilo:

— Pelo amor de Deus, Jud! Somos adultos. Como foi fazer uma coisa dessas?

Ela me olha. Não está gostando nada de minha reação. E, olhando para Betta, a fim de repetir o que fez, ela grita:

— Aprontou comigo, tem que pagar. E essa vadia aprontou comigo.

Ou a detenho, ou, sem dúvida, Jud vai sair no tapa de novo com Betta.

Neste instante, a porta do banheiro se abre e entram Frida e Björn, que nos observam em silêncio. Mas, antes que eu possa fazer alguma coisa, vejo Frida dar uma sonora bofetada em Betta e dizer:

— Vadia! O que está fazendo aqui?

Mais uma vez está armada a confusão.

Mulheres!

O banheiro se transforma em um verdadeiro campo de batalha. Andrés, que aparece também, começa a discutir com Frida. Não gosta que sua mulher se comporte dessa maneira.

Todos discutem, todos dão sua opinião, e fico cada vez mais furioso com Judith. Até que Björn, que me conhece muito bem, diz:

— Chega. Vamos para a sala.

Indignado com a situação, saio do banheiro. Não quero ficar nem mais um segundo ali. Noto que Judith me segue, mas, no fim, fica conversando com Björn.

Pela primeira vez na vida fico furioso com meu amigo. Por que Jud está conversando com ele?

Observo-os do balcão, onde estou bebendo meu uísque. Eles conversam,

riem e, quando vejo que ele abraça minha mulher, solto o copo e, aproximando-me muito irritado, sibilo:

— Vou para casa. Você vem comigo ou vai ficar com Björn para continuar brincando?

Meu amigo me olha sem conseguir acreditar, não entende minha reação e, quando vai dizer algo, Judith dispara:

— Babaca.

Tudo bem… meu humor está péssimo e, talvez, eu esteja imaginando coisas.

— Jud… — murmuro, fitando-a.

Mas ela, que há um bom tempo já passou de todos os limites, grita:

— Jud o caralho! O que está querendo insinuar?

Olho para ela… ela me olha.

Levanto uma sobrancelha. Ela também. Então, Björn a empurra suavemente em minha direção e diz:

— Vamos, pombinhos, terminem a discussão em casa, na cama!

Irritado, dou meia-volta e saio andando. Judith me segue.

***

Durante o trajeto permanecemos em silêncio, só se ouvem nossos celulares apitando. Devem ser nossos amigos querendo saber se já nos matamos.

Chegando à garagem, Jud sai do carro e bate a porta de tal maneira que sinto tremerem os alicerces da casa.

Bruta! Ah, não… Isso não! Que não me venha com essa, se foi ela quem arrumou confusão.

Furioso, estou prestes a falar quando ela me olha e me pergunta com sua arrogância habitual:

— Que foi?

Caralho… caralho… ainda por cima me pergunta que foi?

A passos largos, chego perto dela.

— Pode ser menos bruta e fechar a porta com cuidado? — sibilo.

— Não!

Caralho… caralho… caralho… Ainda por cima diz não!

Se tem alguém que sabe me tirar do sério com suas palavrinhas e seus modos, é Judith. Quando brigo com ela por causa desse “Não!” que acaba de soltar, Jud grita:

— Não, não quero ter cuidado! E não quero porque estou com muita raiva de você. Primeiro, por gritar comigo na frente de Betta, aquela retardada.

Segundo, pela idiotice que você disse sobre mim e Björn.

Discutimos… discutimos e discutimos, enquanto continuam chegando com insistência mensagens de nossos amigos.

Caralho, que chatos!

Não concordo com o que ela diz, mas reconheço que fico furioso quando Judith diz que, por conta de um anel que Betta usava, percebeu que foi ela a mulher que me abraçou e me tocou no quarto escuro.

Betta sempre joga sujo!

Inquieto, caminho pela garagem de um lado para o outro. Não gosto da discussão que estamos tendo nem de acabar a noite assim.

De repente, meus olhos pousam em um vulto no fundo da garagem. O que é isso?

Preciso saber. Principalmente depois de ver que Jud olha para o objeto e depois para mim. Então, me aproximo do maldito vulto, que está coberto por um plástico azul, e quando o tiro… Surpresa! A moto de minha falecida irmã Hannah aparece diante de mim.

— O que esta moto está fazendo aqui? — pergunto.

Receoso, olho para Judith no momento em que meu celular volta a tocar.

Olhamo-nos, tensos.

— É minha moto — responde ela.

Sua moto?

Como sua moto?!

Eu digo que sei que essa moto é de minha irmã.

— Sua mãe me deu de presente. Ela sabe que faço motocross — diz ela.

Como?!

Minha mãe deu-lhe a moto?!

Sabe que faz motocross?!

Furioso, me afasto dela. Jud mentiu para mim. Anda me escondendo coisas.

Eu lhe proibi que trouxesse sua moto de Jerez. Mesmo assim, já tem uma moto em Munique, que não é outra senão a de minha irmã, e, ainda por cima, escondida em minha garagem?

Inacreditável!

Olho para ela exasperado.

Agora entendo os sussurros e por que minha mãe disse aquilo. Caralho!

A discussão se agrava.

Como sempre, se eu digo *branco*, ela diz *preto*. Transtornado, a proíbo de fazer motocross.

Judith ri, debocha de mim, e eu fico ainda mais furioso.

Insisto e, pela maneira como me olha, sei que minhas palavras vão me sair

caras.

— Você está enganado. Vou continuar fazendo motocross. Aqui, lá e onde me der na telha. E para você saber, fui umas vezes com seu primo Jurden e seus amigos correr. Aconteceu alguma coisa? Nãããão! Mas você, como sempre, tão dramático!

Praguejo, não posso acreditar. Grito ainda mais enfurecido.

Eu confiando nela e ela fazendo tudo isso escondida?

Grito, protesto, jogo-lhe na cara que achava que entre nós havia sinceridade absoluta. Então, percebo que ela começa a coçar o pescoço.

Ruim… péssimo!

As brotoejas começam a aparecer em seu pescoço por causa do nervosismo. E, quando vou dizer algo, a porta da garagem se abre e entram minha mãe e Marta.

— Para que vocês têm celular? — pergunta minha mãe.

Irritado e surpreso, olho para as duas.

O que estão fazendo em minha casa a esta hora?

Mas, sem querer pensar nisso, recrimino minha mãe, indicando o fundo da garagem.

— Mamãe, como pôde dar a moto para Judith?!

Ela me oferece suas explicações, que eu não aceito.

Irritado, grito, peço que não se meta em minha vida, e, então, Judith, disposta a me irritar ainda mais, interrompe-me e sibila:

— Desculpe, Eric, mas é *minha vida*!

Praguejo de novo.

Importa-me bem pouco que as três estejam olhando para mim desse jeito. E Marta, que é incapaz de ficar calada, diz:

— Primeiro, não grite assim com mamãe. Segundo, Judith já é bem grandinha e sabe o que pode ou não pode fazer. Terceiro, que você queira viver em uma bolha de cristal não significa que os outros também têm que viver.

Mando minha irmã se calar, não quero escutá-la.

— Não vou me calar — insiste ela. — Estávamos ouvindo vocês de dentro de casa, e devo dizer que é lógico que Judith não lhe conte sobre a moto e outras coisas. Como poderia contar? Não dá para conversar com você. Você só sabe dar ordens e mandar. Se a pessoa não faz o que você quer, aí vem bronca. — E olhando para Judith: — Contou a ele sobre mim e mamãe?

Jud rapidamente nega com a cabeça, e eu pisco, surpreso.

O que mais está me escondendo? Mais segredinhos?

Estou olhando para Judith boquiaberto quando minha mãe sussurra:

— Filha, pelo amor de Deus, cale a boca.

Com calor, tiro o casaco. Essas três me tiram do sério! Atiro-o com força sobre o capô do carro, levo as mãos à cintura e digo, exigente, fitando Judith:

— O que não me contou sobre minha mãe e minha irmã? Quais outros segredos me esconde?

Ela me olha assustada. Minha mãe me repreende por gritar assim.

— Para você saber, mamãe e eu estamos fazendo aula de paraquedismo há meses. Pronto, falei! Agora, pode ficar furioso e gritar. É sua especialidade, irmãozinho — explica Marta.

Suspiro…

Suspiro…

Pisco…

Sem dúvida, quando diziam que estavam indo para o spa fazer massagens de chocolate, estavam indo para outro lugar. Quando me dou conta do que Marta acabou de me dizer, olho para minha mãe e minha irmã e exclamo:

— Paraquedismo?! Vocês ficaram loucas?

Caralho… caralho… caralho… malditas mulheres de minha família.

Por acaso querem me deixar louco?

E, quando vou despejar todos os impropérios possíveis, a porta da garagem se abre de repente e Simona diz, atônita:

— Senhor, Flyn está chorando. Quer que o senhor suba.

Ao ouvir isso, estranho e pergunto:

— O que Flyn está fazendo acordado a esta hora?

Ninguém responde. De repente, me dou conta da situação. Não é muito normal que minha mãe e minha irmã estejam em minha casa a esta hora da madrugada. Então, sentindo meu mundo desabar, insisto:

— O que aconteceu? Por que vocês estão aqui a esta hora?

A impaciência me vence e, antes que elas respondam, saio da garagem em disparada. Preciso ver Flyn. Preciso saber o que houve com ele.

Subo os degraus de dois em dois. Sinto que meu coração vai sair do peito. Quando entro no quarto dele e o vejo, quero morrer.

Encontro-o com um braço engessado, hematomas no rosto, um dente quebrado e os olhos marejados. Nervoso e preocupado, eu me sento ao seu lado, não sei nem como abraçá-lo, e ele, olhando para mim, sussurra:

— Desculpe, tio… não fique bravo com Judith.

Não entendo nada. Até que, de repente, vejo do outro lado da cama o maldito skate verde que pensei que Jud havia devolvido à loja.

Logo somo dois mais dois e recordo a quantidade de vezes que encontrei Jud e Flyn juntos ao chegar do trabalho. Então, de soslaio, vejo Judith entrar no quarto seguida de minha irmã e minha mãe. Sua preocupação é evidente. Mas,

quando ela vai se aproximar do menino, eu a impeço.

— Como pôde me desobedecer? Eu disse nada de skate — sibilo, encarando-a.

Observo seu desconcerto, seu sofrimento, sua tristeza. Ela murmura, nervosa:

— Sinto muito, Eric.

Assinto. Não duvido que sinta.

— Não tenha dúvidas, Judith, de que vai sentir mesmo — digo, alterado.

Então, olho-a com frieza. Ela se afasta de mim e caminha em direção a Flyn. Dá-lhe um beijo na testa e pergunta:

— Você está bem?

Meu sobrinho me olha, está arrasado, e responde com um lamento:

— Desculpe, Jud. Eu estava entediado, peguei o skate e caí.

Não quero ouvir mais nada. Quero que Jud desapareça de minha vista. Pegando-a pelo braço com brutalidade, faço-a sair do quarto junto com minha mãe e minha irmã.

— Vão dormir — digo. — Depois conversamos. Vou ficar com Flyn.

Dito isso, dou meia-volta e volto para o quarto de meu sobrinho, fechando a porta.

Sento-me ao seu lado, toco com carinho sua franja, que cai sobre sua testa, e murmuro:

— Descanse.

— Não brigue com Jud… Ela não tem culpa — insiste.

Tento sorrir, embora não acredite que consiga. Para acalmar o menino, que já tem o bastante com o braço quebrado e os hematomas, repito:

— Durma e não se preocupe com nada.

Quando ele fecha os olhos, praguejo em pensamentos. Não sei se estou acabando ou começando mal o dia.

62

De manhã cedo, já estou na cozinha com Susto e Calamar. Não consegui dormir.

A preocupação com meu sobrinho ferido quase me impede de respirar, e minha raiva de Judith só aumenta por ela ter o deixado usar o skate.

Minha mãe e Marta, que dormiram em um dos quartos de hóspedes, aparecem na cozinha. Ao me ver, minha mãe diz:

— Está vendo, Marta? Eu disse que seu irmão já estaria aqui.

Irritado, olho para elas. As duas também andaram me escondendo coisas.

— Acham bonito arriscar inutilmente a vida pulando de um avião? — pergunto, com sarcasmo.

Elas trocam um olhar. Enquanto minha mãe tenta me explicar, ouço Marta murmurar:

— Acho que vou precisar de um café triplo.

Durante horas, discutimos, não conversamos. Simona entra e sai da cozinha, sem saber o que fazer. Falamos de Judith, de Flyn, da moto, do skate… e, quanto mais coisas dizemos, mais furioso fico.

— Mas, filho, Judith é jovem, é normal que goste de moto, e…

— Mamãe, por favor, não se meta nisso.

Marta sorri. Eu olho para ela, que diz:

— Justo você dizendo isso, que sempre se mete em tudo… Ora, Eric, faça-me o favor!

Como era de esperar, minha irmã e eu começamos uma de nossas discussões intermináveis. Até que a porta se abre e Judith entra. Não está com uma cara boa, não deve ter dormido bem. Mas não me importa: a minha noite também foi terrível.

Ela nos olha, senta-se ao meu lado e pergunta:

— Como está Flyn?

Olho para ela. Sua cara triste pelo que aconteceu com o menino não me

comove nem um pouco.

— Graças a você, com dores — respondo, com crueldade.

Judith assente e baixa a cabeça.

— Caramba, Eric, não é culpa de Judith! Por que insiste em culpá-la? — exclama minha mãe.

De novo discutimos. Elas me deixam exausto! Então, Marta diz:

— Como assim ela não devia? Não vê que o menino mudou graças a ela? Não vê que Flyn não é mais o menino introvertido que era antes de ela chegar? Você devia lhe agradecer por ver Flyn sorrir e se comportar como um menino da idade dele. Porque, sabe de uma coisa, irmãozinho? Crianças caem, mas se levantam e aprendem. Algo que, pelo visto, você ainda não aprendeu.

Eu me levanto da mesa. Era só o que me faltava, Marta me dando lição de moral! Sem vontade de ouvir mais nada, saio da cozinha.

Preciso de sossego!

Vou para meu escritório, meu refúgio de paz, e suspiro aliviado.

Sento diante de minha mesa, abro meu computador e, tentando esquecer todos os problemas que estão me deixando louco, checo meus e-mails. Com certeza isso vai me distrair.

Estou lendo os e-mails quando batem à porta. Segundos depois, Jud aparece. Não quero falar com ela. Acabo de descobrir que ela me escondia coisas demais e tenho que processar tudo.

— O que você quer, Judith? — pergunto, com indiferença.

Ela se aproxima. Não gosto de vê-la com essa atitude tão submissa, mas não estou com humor para outras coisas. Sou incapaz de abraçá-la.

— Desculpe por não ter contado que…

Não lhe permito continuar. Interrompo-a. Digo o que penso de suas mentiras e ela me responde. Mas, quando me dou conta de que vou gritar, encerro o assunto:

— Ouça, Judith, estou muito furioso com você e comigo mesmo. Melhor você sair e me deixar tranquilo. Quero pensar. Preciso relaxar, senão, do jeito que estou, vou fazer ou dizer algo de que me vou arrepender depois.

Ela me olha, assente e, levantando o queixo, pergunta:

— Já está me expulsando de sua vida como faz sempre que fica com raiva?

Olho para ela.

Acho melhor não responder, porque sou capaz de dizer coisas nem um pouco bonitas. Por fim, ela dá meia-volta e sai do escritório.

Depois do almoço, minha mãe e minha irmã por fim vão embora. Já não era sem tempo. Elas são como duas moscas-varejeiras que não param de me questionar. E disso é do que eu menos preciso agora.

Quando elas saem pela porta, decido ir ao quarto de Flyn para ver como está e passo a tarde toda com ele. Quando desço, Simona me diz que Judith foi passear com os cachorros.

O tempo passa, a noite chega e, como na noite anterior não descansei, vou para a cama cedo. Estou cansado e quero dormir. Ela que volte quando quiser.

Passa-se um bom tempo, até que ouço a porta do quarto se abrir.

É Judith.

Abrigado pela escuridão, observo-a se despir, colocar um pijama suave e entrar na cama.

Normalmente, dormimos abraçados, mas hoje não, hoje não estou a fim de abraçá-la.

Permanecemos um tempo em silêncio na cama, deitados, até que ela se aproxima de mim em busca de aconchego. Mesmo assim, recuo. Já disse que não a quero abraçar!

— Eric, sinto muito, querido. Por favor, me perdoe.

Não me mexo.

Não me viro.

Não a abraço.

E, secamente, respondo, mentindo:

— Está perdoada. Durma. É tarde.

63

No trabalho, por sorte, tudo vai bem. No entanto, estou inquieto, em casa as coisas não vão nada bem depois do que aconteceu com Flyn. E sei que grande parte da culpa é minha, que sou muito intransigente.

Não sou um sujeito fácil, sou frio quando quero e, desta vez, estou muito, mas muito bravo com Judith por tudo que ela andou me escondendo.

O que ela estava pensando?

Quando volto para casa depois de um dia estressante na empresa, não a beijo nem me aproximo. Jantamos juntos em silêncio e, quando acabamos, sem dizer nada, cada um vai para o seu quarto.

Sinto sua ausência, mas não a procuro, assim como ela também não me procura. Até que, certa noite, não aguento mais e vou ao seu quarto.

— Precisamos conversar — digo, ao abrir a porta.

Ela assente. Eu lhe peço que me espere em meu escritório e vou ver Flyn.

Demoro umas duas horas para voltar. Não sei se foi de propósito ou não, mas o caso é que Flyn estava muito comunicativo, e eu, simplesmente, decidi dar atenção ao meu sobrinho.

Quando entro no escritório, Judith já não está com o mesmo olhar calmo de duas horas atrás. Sem dúvida, a longa espera a fez se revoltar. E, por ter sido idiota, agora vou ter que aguentar a sua raiva.

Durante alguns instantes nos olhamos. Depois, me sento em minha poltrona e, sem tirar os olhos dela, digo:

— Pode falar.

Então, ela abre a boca, inclina-se para a frente e protesta:

— Eu?!

Tudo bem. Eu a estou provocando, mas insisto, com certa arrogância:

— Sim, pode falar. Eu conheço você, sei que deve ter muito a dizer.

Sua expressão muda.

E ela começa. Acusa-me de ser um homem frio, um imbecil, de a estar torturando e de deixá-la louca.

Eu não respondo; é melhor me calar.

— Sua irmã Hannah morreu e você cria o filho dela. Acha que ela aprovaria o que você está fazendo com ele? — prossegue ela.

Suspiro. Irrita-me muito que ela fale de minha irmã sem a ter conhecido. Como se Jud pudesse ler minha mente, acrescenta:

— Eu não a conheci, mas, pelo que sei dela, tenho certeza de que teria ensinado Flyn a fazer tudo que você lhe nega. Como disse sua irmã outro dia, as crianças aprendem. Elas caem, mas se levantam. Quando você vai se levantar?

Ouvir isso faz meu sangue ferver.

— A que está se referindo? — pergunto.

Judith balança a cabeça. Sua expressão é tão severa e cruel quanto a minha quando diz:

— Refiro-me a que pare de se preocupar com as coisas que ainda não aconteceram. Refiro-me a que deixe os outros viverem e entenda que nem todos gostam da mesma coisa. Refiro-me a que aceite que Flyn é um menino e que deve aprender centenas de coisas que…

— Chega! — grito, colérico.

Adoro Judith, amo-a, mas nem ela nem ninguém tem o direito de me dizer como criar meu sobrinho. Não… isso não!

Levantou-se um muro entre nós. Um muro gigante que a cada segundo fica mais alto.

— Eric, você não sente minha falta? — pergunta ela de repente. — Não tem saudade de mim?

Olho para ela. Avalio minha resposta e, por fim, afirmo:

— Sim.

Judith pisca, afasta o cabelo do rosto e pergunta:

— E por quê? Estou aqui. Toque-me. Abrace-me. Beije-me. O que está esperando para falar comigo e tentar me perdoar de coração? Caralho, eu não matei ninguém!

Judith fala… fala e fala. Diz coisas que me doem, que me fazem mal. Fala da Betta, de Flyn, do skate, de minha mãe e de minha irmã, da moto de Hannah. E, quando não aguento mais, grito:

— Cale-se! Já ouvi o bastante.

Ela assente, para de falar e depois murmura:

— Está esperando que eu vá embora, não é?

Olho para ela sem conseguir acreditar. Como vou querer que ela vá embora?

Estou pensando no que responder quando ela, histérica, pergunta:

— Por que disse a Flyn que seria melhor se eu fosse embora daqui? É o que vai me pedir que faça e já está preparando o menino?

O quê?! O que ela está dizendo?

Eu falei de outras coisas com Flyn.

— Eu não disse isso a Flyn. Do que está falando? — digo.

— Não acredito.

Quando ela diz isso, nego com a cabeça. Ela acredita mesmo que eu poderia querer que fosse embora? Eu a adoro…

— Não sei o que fazer com você, Jud — respondo, fitando-a. — Eu amo você, mas você me deixa louco. Preciso de você, mas você me exaspera. Adoro você, mas…

— Seu babaca!

A raiva com que ela diz isso me irrita ainda mais. E grito, levantando-me:

— Chega! Não me insulte nunca mais.

Ao dizer isso e ver sua expressão, sei que despertei a fera. Levantando-se também, ela me encara e diz, furiosa:

— Babaca, babaca e babaca.

Caralho!

Ela está passando dos limites.

Tento me acalmar. Não quero ser o filho da mãe frio e insensível que sei que sou capaz de ser. E discutimos, como sempre, discutimos!

Ela me acusa de querer tirá-la de minha vida e, como posso, rebato. De repente, a porta se abre e Björn aparece diante de nós com uma garrafa de champanhe nas mãos e seu eterno sorriso.

Em silêncio, ambos olhamos para ele durante alguns segundos. Então, Judith chega perto dele, agarra-o pelo pescoço e o beija… Beija-o na boca!

Mas que diabos está fazendo?

Olho para os dois boquiaberto.

Observo-os sem poder acreditar no que estou vendo. Ela empurra Björn com todas as suas forças para afastá-lo e, olhando para mim com raiva, diz:

— Acabei de violar sua grande regra: a partir deste instante, minha boca não é mais só sua.

Meu amigo, que não está entendendo nada, olha para mim sem saber o que dizer.

Eu praguejo, e Judith, que já perdeu completamente as estribeiras, grita:

— Vou facilitar as coisas para você! Não precisa me mandar embora, porque agora quem vai sou eu. Vou pegar todas as minhas coisas e desaparecer de *sua* casa e de *sua vida* para sempre. Já estou de saco cheio. Estou de saco

cheio de precisar esconder as coisas de você. De saco cheio de suas regras. De saco cheio! Só vou lhe pedir um último favor: preciso que seu avião leve a mim, Susto e minhas coisas para Madri. Não quero enfiar Susto em uma gaiola no compartimento de carga de um avião e…

— Por que não cala a boca? — interrompo.

O que ela está dizendo é ridículo. Por que vai embora e vai levar Susto?

Mas Judith ignora minhas palavras, como tudo que digo ultimamente.

— Porque não estou a fim! — responde.

Em pânico, olho para ela. E Björn, que não sabe o que está acontecendo, diz:

— Gente, por favor, calma. Acho que estão exagerando…

Mas Jud não o deixa falar, continua se queixando do tratamento que lhe dispensei nos últimos dias. Eu não digo nada. Embora sinta que parte do que ela diz é verdade, estou cada vez mais irritado. Desafio-a:

— Por que vai levar Susto?

Judith me olha. Arqueia as sobrancelhas e, aproximando-se de mim de forma intimidadora, questiona:

— Que foi? Vai brigar comigo pela guarda dele?

Assinto. Sem dúvida pretendo brigar.

— Nem ele nem você vão embora — afirmo. — Esqueça isso!

Ela começa a gritar. Diz que vai embora de qualquer jeito e que vai levar Susto.

Não aguento mais, olho para ela, e o filho da mãe frio que há em mim grita:

— Pois vá, maldição! Vá embora!

Björn me olha, incrédulo. Quando Judith sai do escritório feito uma fera e ficamos só eu e ele, meu amigo pergunta:

— O que você está fazendo?

Transtornado, suspiro. Essa maldita espanhola sabe me tirar do sério.

— Não sei, Björn… — murmuro, levando a mão à testa. — Não sei.

Meu amigo não tira os olhos de mim. Deixa a garrafa que tem nas mãos em cima da mesa e acrescenta:

— Eu sei: está sendo um babaca.

Olho para ele com raiva. Judith me chama assim, por que ele tem que me chamar também?

Então, conto a Björn tudo que aconteceu, e ele me escuta com tranquilidade.

Quando acabo, meu grande amigo se aproxima de mim e, pondo a mão em meu ombro, declara:

— Você sabe que, faça o que fizer, estarei ao seu lado. Mas também quero

que saiba que existem poucas mulheres como Judith, e você, com sua frieza e teimosia, a está deixando ir embora.

Assinto. Sei que ele tem razão.

À noite, Judith janta na cozinha, não quer jantar na sala comigo. Quando chega a hora de ir para a cama, vai para o seu quarto.

Não pretendo dissuadi-la. Não vou tentar fazê-la mudar de ideia.

E passo a noite em claro, jogado em uma cama que, sem ela, é grande e solitária demais.

64

No dia seguinte, quando acordo e vejo a cama vazia, fico com vontade de descer até o quarto onde essa cabeça-dura está dormindo e levá-la para cima à força. Mas, sabendo que isso faria mais mal que bem, visto-me e vou para a cozinha tomar café da manhã.

Quando passo em frente ao quarto de Judith, chego perto da porta para tentar escutar alguma coisa. Não se ouve absolutamente nada. Deve estar dormindo. Então, arriscando, abro a porta com cuidado e praguejo quando a vejo deitada no chão, em cima do tapete, cercada pela árvore dos desejos, o skate de Flyn, o capacete amarelo da moto e centenas de outras coisas.

Preciso de seu contato e me aproximo. Ela está linda. Quando dorme, parece uma boneca. Com cuidado, me agacho e acaricio com delicadeza seu cabelo escuro. Não toco seu rosto como gostaria para não a acordar.

Então, suspiro, frustrado. Saio do quarto com o mesmo cuidado com que entrei e vou para a cozinha tomar um café.

Meia hora depois, quando vou para a garagem, encontro Susto. O cachorro corre para me saudar. Eu me agacho, encarando-o, e murmuro:

— Fique tranquilo. Nem você nem ela vão embora.

O cachorro parece me entender e me dá uma lambida no rosto. Já me acostumei a seus beijos. Depois de me limpar com a mão, sorrio, entro no carro e vou trabalhar.

Depois de um dia complicado no escritório, quando volto para casa, já tarde da noite, Simona me diz que Judith saiu de manhã com minha irmã e que ligou para avisar que não vai dormir em casa.

Não vai dormir em casa?

E onde ela vai dormir?

Fico irado, mas não ligo para ela.

Ela já é grandinha, deve saber o que faz.

***

Depois de outra noite maldormida pensando onde ela poderia estar, me levanto decidido a não ir trabalhar. Quero esperá-la. E ela aparece no meio da manhã de óculos de sol.

Furioso, me aproximo de Judith.

— Posso saber onde você dormiu?

Ela me olha. Seu rosto entrega que dormiu pouco.

— Posso garantir que não foi no meio da rua — diz ela, levantando a mão.

Sua arrogância me deixa louco. Rosno, blasfemo, mas ela não me dá bola.

Meu coração dispara quando vejo umas caixas de papelão e me dou conta de que ela vai usá-las para guardar suas coisas.

Vou atrás dela e, quando chego a seu quarto, ela tem a desfaçatez de bater a porta na minha cara… Na minha cara!

Caralho!

Fico sem vê-la durante horas, mas sei que está encaixotando suas coisas. Fico desesperado. A que ponto chegamos!

Ouço-a subir ao nosso quarto e a sigo. Durante um bom tempo, escondido no corredor, vejo-a colocar suas coisas em caixas. Meu coração fica acelerado e eu não faço nada.

Estou paralisado! Não sei o que está acontecendo comigo.

Só sei que o macho alfa frio e distante que há em mim não me permite reagir.

Por fim, ela se vira e me vê. Está com a fisionomia cansada, assim como eu também devo estar. Tenho certeza de que nenhum dos dois está bem.

— Na verdade, estas luminárias não combinam com a decoração do quarto — diz. — Se não se importar, vou levar a minha.

Assinto. Olho para as luminárias que compramos em El Rastro, em Madri, que têm nossos lábios marcados.

— Leve. É sua — digo.

Em silêncio, e de soslaio, vejo que ela a guarda. Está claro que a dor nos corrói. Precisamos conversar. Olho para ela e murmuro, sem impedir que vá embora:

— Judith, sinto muito por tudo acabar assim.

Ela assente, morde os lábios e diz:

— Eu sinto mais ainda, posso garantir.

Nervosa, ela vai de um lado a outro do quarto. Olho para ela, tento ser correto e, sem chamá-la de *querida*, *linda* ou *pequena*, pergunto:

— Podemos conversar um instante como adultos?

Ela assente, do outro lado da cama.

Controlando a necessidade que sinto de abraçá-la, começo a dizer:

— Ouça, Judith. Não quero que por minha culpa você fique sem emprego. Falei com Gerardo, chefe do RH do escritório da Müller em Madri, e você tem seu cargo de volta. Como não sei quando vai querer começar, eu disse que dentro do prazo de um mês você entrará em contato com ele.

Ao ouvir isso, ela nega com a cabeça e diz que não quer trabalhar na Müller. Insisto, não quero que ela trabalhe como garçonete de bar, e minha insistência é tal que por fim ela concorda em falar com Gerardo. Isso me acalma.

Durante alguns instantes ficamos calados, quando, não sei por quê, digo:

— Espero que viva sua vida, Judith, porque eu vou retomar a minha. Como você disse quando beijou Björn, não sou mais dono de sua boca nem você da minha.

Com certa frustração, ela me olha e pergunta:

— E por que isso agora?

Furioso por tudo e ciente de que minhas palavras não são pacíficas, enfatizo:

— Só para deixar claro que agora você pode beijar quem quiser.

— Você também pode. Espero que jogue muito.

Ouvi-la dizer isso me irrita, porque entendo que ela vai jogar sem mim.

— Não tenha dúvidas — afirmo, com o sorriso mais falso do mundo.

Olhamo-nos…

Desafiamo-nos…

Mas, diferente de outras ocasiões, não nos beijamos. Ela dá meia-volta e, depois de garantir que vai voltar para buscar Susto, sai, deixando-me totalmente arrasado.

Sei que esta noite ela vai dormir na casa de minha mãe. Não quer ficar comigo, quer ficar longe de mim, e eu permito. Se ela assim quer, quem sou eu para impedi-la?

O barulho da porta da garagem chama minha atenção e, como estou em meu quarto – nosso quarto até pouco tempo –, olho pela janela. Em silêncio, testemunho Judith abraçar e beijar Norbert e Simona. Ela se despede deles e tenta consolar a mulher, que chora desconsolada.

Estou observando quando ela levanta os olhos. Não posso me esconder, não posso me afastar da janela, ela já me viu. Durante alguns segundos nos olhamos e eu sinto meu coração disparar. Quando ela levanta o braço e me dá adeus, repito o movimento e sinto que vou morrer.

Segundos depois, Judith liga a moto de minha irmã, põe o capacete, monta

nela e vai embora sem olhar para trás. Vai embora de minha vida.

À noite, quando desço para jantar, estou sozinho. Terrivelmente sozinho.

Flyn está na cama, continua com dor por causa do braço quebrado, e Judith foi embora.

Em silêncio, olho em volta.

A mulher que já não está mais comigo encheu de luz, risos e cor a sala de jantar, que antes era sem graça, mas, sem ela, a partir de agora faltam os risos também.

Suspiro, não quero ficar sozinho. Abrindo a porta, dou um assobio e, dois segundos depois, Susto aparece. Olha para mim com seus olhos esbugalhados. Sei que sente a falta de Judith tanto quanto eu.

Agachando-me, encosto minha cabeça na dele e murmuro:

— Lamento… sinto muito.

Sua proximidade me reconforta, faz com que eu me sinta acompanhado. Sento-me à mesa para jantar enquanto Susto se deita a meus pés.

De repente, vejo um envelope ao lado de meu prato. Está escrito “Eric” com a letra de Jud. Meu coração se acelera. Olho o envelope, mas não o toco. Sinto medo de um maldito envelope fechado.

Simona entra com uma sopeira, que coloca sobre a mesa, e me serve.

— O envelope… a srta. Judith deixou para o senhor — diz.

Assinto.

Então, ela sai. Pego o envelope e, ao abri-lo, cai em minha mão o anel que eu lhe dei de presente. Triste, fecho os olhos e praguejo. Praguejo por tudo que aconteceu. Segundos depois, outra coisa também cai. É um bilhete que diz apenas: “Adeus, cuide-se”.

Ainda não posso acreditar na frieza de nossa despedida, assim como não acredito que Judith já não está aqui comigo. Com tristeza, olho o anel e, segurando-o com os dedos, leio o que está escrito dentro dele: “Peça-me o que quiser, agora e sempre”.

Dor.

A dor é insuportável. Levanto-me, vou para meu quarto, e Susto me segue. O cachorro entra comigo neste lugar que já não lhe é proibido. Quando apago a luz, ele pula na cama e se deita ao meu lado.

Olho para ele… ele me olha… e concluo que Judith me escondia mais coisas.

65

Passam-se os dias e não tenho notícias dela.

O orgulho é mais forte que eu, e decido não ligar, não procurá-la nem perguntar por ela, uma vez que ela também não entrou em contato.

Minha mãe está brava comigo…

Minha irmã não fala comigo…

Meu sobrinho está estranho…

E meus amigos chamam minha atenção por ter deixado escapar uma mulher como Judith.

Meu humor está péssimo, terrível, mas, quando chego em casa do trabalho, procuro sorrir, por Flyn.

Passam-se mais dias e fico sabendo pela minha mãe que Judith está em Jerez. Alegra-me saber que ela está com o pai, mas, ao mesmo tempo, imagino-a saltando naquela maldita moto como uma louca e fico angustiado. Fico ainda pior ao pensar que o tal Fernando está por perto.

Os dias se passam e Judith e eu continuamos sem nos falar. Mas ao menos fico feliz por saber que ela voltou para a Müller. Gerardo me ligou para contar.

Contente por ela ouvir a voz da razão no que diz respeito ao trabalho, sem hesitar, pego o telefone e encomendo flores. Peço que entreguem no escritório da Müller em Madri, junto com um cartão dizendo:

Cara srta. Flores,
Bem-vinda à empresa,
Eric Zimmerman

Não escrevo mais. Adoraria lhe dizer mil coisas, mas sei que não devo. Tenho que ser profissional.

Nos dias seguintes, saio com meus amigos. Eles se divertem e eu tento, mas é impossível. Nada é divertido sem Judith.

Certa noite, quando saio do trabalho com a cabeça atordoada devido à maldita convenção anual da Müller que fazemos em Munique, decido ir ao escritório de Björn. Preciso consultá-lo sobre certos assuntos legais.

Como sempre, ele me recebe feliz. Implica com minha barba incipiente e me atende fora do horário. Amigo é para essas coisas!

Depois que seus funcionários vão embora e ficamos sozinhos, ele serve dois uísques e, entregando-me um, pergunta:

— Como foi seu dia?

Dou um gole, olho para ele e respondo:

— Uma merda.

Björn assente. Senta-se ao meu lado e, deixando seu copo em cima da mesa, acrescenta:

— E pretende fazer alguma coisa para resolver isso ou vai continuar sendo um babaca?

Ao ouvir isso, suspiro.

Como se não bastassem minha mãe, Flyn, minha irmã e Frida, agora também Björn?

Não estou a fim de discutir. Levanto-me e me dirijo à janela. Meu amigo se aproxima e diz:

— Seu orgulho está começando a me irritar. Acorde, homem! Boquiaberto, olho para ele. Antes que eu possa responder, ele me dá um soco no estômago.

Caralho!

Dobro-me ao meio.

O que esse maluco está fazendo?

Furioso, olho para ele e, quando vejo que vai me dar outro soco, reajo. Reajo com toda a raiva que tenho acumulada, e dois segundos depois estamos rolando pelo chão trocando socos a torto e a direito. Mas, de repente, começamos a rir como dois idiotas. E, com as costas no chão, olhando para o teto, digo:

— Você bate como uma menina.

— E você como um ursinho de pelúcia — debocha Björn, olhando para a barba que uso ultimamente.

Durante alguns instantes ficamos no chão. Em todos esses anos que nos conhecemos, nunca aconteceu uma coisa dessas. Então, eu falo dela, da mulher que levo em meu coração com desespero e de quem gosto de lembrar.

— Vou dar uma festinha privada em casa daqui a alguns dias, o que acha? — pergunta ele depois de um tempo.

Suspiro.

— Legal — respondo.

— Convidei Chandra e Louisa — conta Björn —, e você sabe que as duas morrem por você.

Assinto. Sem dúvida, tenho carta branca para fazer com elas o que me der na telha.

— Acho que o que aconteceu é o melhor para Judith e para mim — digo de repente.

Björn franze a testa e replica:

— Não diga bobagens, caralho!

Volto a suspirar.

— Judith e eu somos duas bombas-relógio. É impossível que nós… — acrescento.

— Impossível é que você seja tão cabeça-dura e não perceba que precisa dela — diz ele, levantando-se.

Eu também me levanto. Vou contestar quando ele continua:

— Essa mulher largou tudo para vir para a Alemanha com você. Tudo bem! Eu entendo que você tenha ficado bravo por ela lhe esconder certas coisas, mas, pelo amor de Deus, vale a pena perdê-la?

— Ela mentiu para mim, Björn, e se tem algo que eu odeio é mentira.

— Eu sei, mas…

— Nós dissemos que seríamos sinceros um com outro e ela me escondeu tudo isso que você já sabe e mentiu sobre o skate. Ela me disse que o tinha devolvido, e…

— Eric, você está sozinho. É isso que quer?

— Björn…

— Não se importa que outro homem que não seja você esteja com Judith?

Olho para ele. Fecho os olhos e, sem vontade de responder, dou meia-volta e vou embora.

Não quero pensar nesse assunto. Não, não posso.

Passam-se dois dias e, certa manhã, quando ainda estou em casa, recebo uma mensagem de Björn, que diz:

Ontem estive em Madri com Judith. Continue assim e outro

vai ocupar seu lugar.

Sem poder acreditar, leio vinte vezes a mensagem.

Björn foi para Madri e esteve com Judith?

Para quê? Por quê?

Transtornado, respondo e agradeço pela informação. A seguir, ligo para o piloto de meu jatinho particular e digo que em duas horas quero partir para a Espanha.

Durante o voo, estou nervoso. Björn faz muito sucesso com as mulheres, e lembrar a boa sintonia que existe entre ele e Judith me deixa com ciúme. Muito, muito ciúme.

Uma vez em Madri, um carro me pega no hangar e me leva até o escritório da Müller. Estou nervoso. Vou ver Jud depois de muitos dias, e a impaciência me faz tremer.

Quando entro no edifício, os seguranças ficam em posição de sentido. Sem dúvida, minha cara séria deve impressioná-los. Pego o elevador e chego ao andar onde fica minha sala. Logo a vejo. Ela está no fundo da sala, inclinada sobre sua mesa, escrevendo. Obrigo-me a ficar calmo. Preciso estar tranquilo. Então, caminhando em direção a ela, passo por sua mesa e, tocando-a levemente com a mão, digo com um tom de voz duro demais:

— Srta. Flores, venha a minha sala.

Judith me olha boquiaberta. Não me esperava, e não sai do lugar.

Entro na sala que foi de meu pai e que agora é minha e me sento. Olhamo-nos através do vidro. Quando vejo que ela não se mexe, pego o telefone, digito seu ramal e digo:

— Srta. Flores, estou esperando.

Ela assente desconcertada. Levanta-se. Vejo que coça o pescoço, mas vem e entra em minha sala.

— Feche a porta — digo.

Nós nos olhamos. Meu olhar é feroz, o dela, de desconcerto. E, sem rodeios, pergunto:

— O que estava fazendo ontem à noite com Björn em Madri?

Desconfiada e receosa, ela pisca e murmura:

— Senhor, eu…

— Eric — interrompo-a, mal-humorado. — É Eric, Judith. Pare de me chamar de senhor.

Sei que estou me excedendo. Essa mulher não tem que me dar nenhuma explicação sobre sua vida e, como imagino, ela não vai demorar a deixar isso

claro.

— Você saiu com ele em Munique sem eu saber? — insisto, furioso e desconfiado.

Judith nega com a cabeça, murmura algo e, no fim, diz:

— Babaca!

Discutimos. Somos bons nisso! E eu, contrariado, pergunto:

— Você brinca com ele, Judith? — pergunto.

Minha pergunta a deixa furiosa.

— Simplesmente faço o que você faz. Nem mais nem menos — responde ela.

Sua resposta não me convence. Não sei o que entender.

— No próximo fim de semana vou a Munique — aponta ela, então.

Praguejo. Sei o que vai haver no próximo fim de semana em Munique, especificamente, na casa de meu amigo.

— Vai à festa de Björn? — pergunto, furioso.

Judith me olha. Ela me conhece. Sabe como estou contrariado.

— E o que importa isso a você? — responde.

Caralho… caralho… caralho… Pois claro que me importa!

Claro que me importa que ela vá a essa festa para jogar. Mas, quando vou dizer algo que com toda certeza não deveria, o telefone toca e ela atende.

— Bom dia, é Flores falando. Em que posso ajudar?

Furioso, olho para ela. Não quero que brinque com Björn nem com nenhum outro.

Ouço-a falar com o sujeito ao telefone:

— Eu sei, Pablo… eu sei. Tudo bem, podemos jantar, se quiser. Em sua casa? Ótimo!

Pablo?! Quem diabos é esse sujeito e por que ela vai jantar na casa dele?

Agitado e irado, olho para ela. Jud, com arrogância, diz que Björn é um amigo, coisa que Pablo não é. E, sem mais, dá meia-volta e sai da sala me deixando boquiaberto, exasperado e terrivelmente transtornado.

Vinte minutos depois, vou à lanchonete, estou morrendo de sede. Judith também está lá, falando ao telefone com alguém enquanto bebe uma Coca-Cola. Eu me sento do outro lado do balcão como um imbecil. Sim, dessa vez eu mesmo assumo.

Quando desliga, Judith termina sua Coca-Cola e sai. Instantes depois, volto

para minha sala e, por sorte, vejo-a ali. Fico olhando para ela. Quero deixá-la nervosa, fazê-la se sentir incomodada, como ela faz com que eu me sinta.

Quando a vejo entrar no arquivo, sinto um nó na garganta.

Esse lugar foi testemunha de nossos primeiros encontros. E, como se fosse atraído por um ímã, me levanto, entro no arquivo e fico atrás de Judith.

Seu cheiro…

Seu perfume…

Sua presença…

Tudo nela me enlouquece.

Quando ela se volta e tromba comigo, olha para mim e pergunta:

— Deseja alguma coisa, sr. Zimmerman?

Olho para ela…

Desejo-a…

Sem poder conter esses instintos selvagens e primitivos que ela desperta em mim, beijo-a. Deixando de lado as sutilezas, introduzo a língua em sua boca e a desfruto, e sinto que ela me desfruta também. Até que separamos as bocas e, olhando para mim, ela sussurra antes de me empurrar para me afastar:

— Lembre-se, senhor, minha boca não é mais só sua.

Ela me deixa sozinho e atônito no arquivo. Não sei o que dizer nem o que fazer. Sinto-me um idiota, um verdadeiro idiota.

Depois de passar um dia infernal no escritório de Madri observando a mulher de que necessito para respirar, vou para o aeroporto, pego meu avião particular e volto a esse lugar que, sem ela, já não é mais um lar.

66

No sábado, estou com um humor terrível. Sei que Judith vem para Munique e que não estou em seus planos.

Na hora do almoço, minha mãe me liga, nervosa, e me pede que leve Flyn à casa dela depois do almoço, mas que não lhe diga que Judith estará lá. Quer fazer uma surpresa.

E para mim?

Instantes depois, minha irmã Marta também liga e eu fico furioso. Sim, já sei, tenho que levar Flyn! Que chatice!

Diante da insistência de ambas, levo o menino à casa de minha mãe, deixo-o na porta e vou embora. Judith não veio para me ver.

Ao voltar para casa, com vontade de ficar sozinho, dou o resto do dia de folga a Norbert e Simona. Afinal, estou sozinho.

Quando saem, vou para meu escritório. Escrevo dois e-mails de trabalho e, depois, vou para o chuveiro. Pretendo ir à festa que meu amigo vai dar esta noite, quer Judith vá ou não, e decido tirar a barba que me acompanhou nas últimas semanas. Quando me olho no espelho, torno a me reconhecer. E a palavra que sai de minha boca nesse momento é “babaca”.

As horas não passam. O relógio anda lento e, mesmo não querendo, mesmo tentando evitar, acabo não conseguindo conter meus impulsos. Entro no carro e vou até a casa de minha mãe. Preciso ver Jud.

Ao entrar, minha mãe me olha, sorri e sussurra:

— Ah, filho, que bom que veio… Judith está linda. Tenho certeza de que vai ficar feliz em vê-lo.

Suspiro. Duvido que fique feliz.

— Mamãe, não invente — sibilo de cara feia.

Ela suspira.

Sinto que para minha mãe isso também não é fácil. Acompanhando-a, entro

na sala, onde Judith e Flyn, apesar do gesso no braço, estão jogando Wii com o som no volume máximo.

Acho que já vi isso antes…

Em um primeiro momento, ela não me vê. Está concentrada no jogo. Sorrio ao ouvir os dois rindo enquanto jogam. Isso me traz muitas recordações!

De repente, Judith vira a cabeça e nossos olhares se encontram. Sua expressão endurece. A minha também.

Aproximando-me, dou-lhe dois beijinhos por pura educação – e porque preciso –, enquanto minha mãe, Marta e Flyn nos olham. Observam-nos com curiosidade.

A tensão entre nós pode ser cortada com uma faca. Em seguida, todos desaparecem, deixando-nos sozinhos.

— Você veio para a festinha de Björn? — pergunto, irritado.

Judith não responde. Olha para mim… provoca-me… fustiga-me.

Como não estou disposto a permitir que ela continue olhando para mim com esse sorrisinho que não tem nada de bom, dou meia-volta, saio da casa de minha mãe, pego minha BMW e vou embora.

Desapareço!

Foi uma ideia terrível ir vê-la.

Depois de passar parte da tarde rodando por Munique em busca de um pouco de tranquilidade, decido ligar para uma amiga chamada Siena. Preciso de distração. E, especialmente, preciso ir acompanhado à festa. Não quero que, se Judith for, me veja como um perdedor. Isso nunca.

Quando chego à casa de Björn, meu amigo olha para mim, depois para Siena, e sussurra:

— Você não perde tempo.

Não gosto de seu comentário. Incomoda-me. Passei a tarde toda com Siena e não toquei em um fio de cabelo dela.

Eu me aproximo dele e exijo:

— Não brinque comigo e diga se ela vem.

Björn suspira, balança a cabeça e, fitando o bumbum de Siena enquanto ela cumprimenta uns conhecidos, diz:

— Convidada está, mas não sei se virá.

Praguejo… Protesto…

E, sem muito humor, preparo uma bebida.

Instantes depois, Siena se afasta com Björn. Não me importa o que façam, na verdade. Então, umas mulheres que conheço se aproximam. Provocam-me e se oferecem. Tento ser gentil com elas, mas, por fim, o ogro desagradável que existe em mim dá as caras e elas não tornam a me olhar.

Caralho… estou esperando Judith!

As horas passam e a festa está no auge. Há gente fazendo sexo, em suas diferentes modalidades, por toda a casa.

Transtornado, ligo para Jud, mas ela não me atende. Frida, que está na minha frente bebendo, vai dizer algo, quando sibilo:

— Onde diabos está Judith?

Ela não aparece nem atende ao telefone, e isso me preocupa.

E se aconteceu alguma coisa?

Quando chego em casa, às seis e meia da manhã, cumprimento Susto e Calamar e, como um zumbi, fico andando de um lado para o outro. Não tem ninguém, exceto os animais e eu. Entro naquele que foi o quarto da bagunça de Judith.

Ela levou quase todas as suas coisas, mas a árvore vermelha dos desejos continua ali. Simona me perguntou em várias ocasiões se queria que a jogasse fora, mas eu disse que não.

Não quero que nada dela desapareça. Já basta ela haver desaparecido.

Cansado, sento-me no tapete macio de que tanto Judith gostava e olho em volta. Essas quatro paredes eram seu refúgio cada vez que ela e eu discutíamos. Suspiro. Suspiro por ter perdido tanto tempo discutindo com ela.

Com curiosidade, olho de novo a árvore vermelha e vejo que continua com os desejos pendurados. Então, estendendo o braço, pego um. É de Judith. Leio:

Desejo que Flyn, Eric e eu formemos uma família.

Fecho os olhos. Isso rompe minha dura couraça.

Deito-me no tapete e logo Susto e Calamar se deitam ao meu lado. Fico grato, muito grato. Como disse Henry, os animais não falam, mas me fazem companhia em silêncio.

Obrigado, Susto. Obrigado, Calamar.

Permaneço ali deitado durante horas, enquanto continuo ligando para Judith e ela não atende. Fico preocupado. Fico muito preocupado quando, de repente, depois de uma nova ligação, ouço sua voz. Em um sobressalto, pergunto, aos gritos:

— Onde você está?!

Noto que o tom de minha voz a incomoda.

— Neste momento, na cama. O que você quer? — responde ela.

Saber disso me incita, provoca. Como um louco, pergunto:

— Sozinha?

Como era de esperar, ela responde:

— E o que lhe importa?

Praguejo, protesto e, depois de um silêncio constrangedor, digo:

— Quero vê-la, por favor.

Ela pensa. Sei que pensa por alguns instantes.

— Às quatro no Jardim Inglês, ao lado de onde compramos os sanduíches naquele dia que fomos com Flyn, *okay*? — diz ela.

Assinto. Contente, despeço-me e desligo o telefone.

Olho o desejo de Judith, que ainda está em minha mão. Durante um bom tempo, fico jogado no tapete, pensando no que lhe dizer quando a vir. Inesperadamente, adormeço.

Quando abro os olhos, tenho um sobressalto.

Desmaiei!

Olho o relógio e suspiro aliviado ao ver que ainda são 12h20.

Levanto-me do chão. Estou com dor nas costas… não sou mais um garoto!

Ao sair do quarto e não ver Norbert e Simona, lembro que estão de folga. Então, preparo um café, levo Susto e Calamar para passear e decido tomar um banho. Tenho um encontro com Judith.

Às três e meia da tarde já estou lá. Vou dar uma volta pelo jardim com a esperança de que meu nervosismo absurdo desapareça.

Às 15h45 a vejo chegar. Está linda.

Sem tirar os olhos dela, eu me aproximo. Quando estamos a um palmo de distância, Jud murmura, tentando sorrir:

— Aqui estou. O que quer?

Nem um beijo…

Nem um abraço…

Nem um “oi”…

Sem deixar de olhar para ela, comento:

— Está com cara de quem dormiu pouco.

Judith sorri. Não gosto desse seu sorrisinho. Então, começamos a nossa dança de recriminações, de “eu disse”, “você disse”. E está armada a confusão.

No fim, não chegamos a nenhum entendimento. Não sei onde ela passou a

noite nem com quem.

— Meu avião sai às sete e meia. Diga logo o que quer, pois tenho que passar no hotel, pegar a mala e embarcar — diz ela.

Sua pressa me irrita. Furioso, insisto:

— Não vai me contar com quem esteve ontem à noite?

Ela se nega. Acusa-me de ser frio e intransigente, e também de ter escondido dela a separação da irmã. Quando me canso de ouvir recriminações, sem nenhum remorso, digo:

— Adeus, Judith!

E vou embora.

Afasto-me dela antes que meu lado implacável e excessivamente canalha complique ainda mais as coisas.

67

Chega o dia da maldita convenção anual da Müller. Pessoas dos diversos escritórios vêm todos os anos a esse evento que meu pai começou e que se institucionalizou de tal maneira que é impossível deixar de fazê-lo.

Nesses dias, os funcionários da empresa, provenientes de diversas partes da Europa, conhecem as pessoas com quem trocam e-mails ou falam ao telefone durante o ano. Todos se divertem.

Sei que Judith está aqui.

Veio da Espanha com alguns chefões e com Miguel, seu antigo colega, que agora é chefe de departamento em Madri.

Sentado na primeira fila ao lado de Amanda e de outras pessoas com quem trabalho no escritório de Munique, olho para a frente. Amanda, animada, fala comigo e tenta me fazer sorrir.

Quando o apresentador contratado para a ocasião diz meu nome, subo ao palco. As luzes focam em mim e ouço o clamor e os aplausos das mais de três mil pessoas reunidas no evento.

São meus funcionários, e eu sou o chefe, aquele que paga mensalmente seus salários.

Com profissionalismo, leio meu discurso e, quando o concluo, os aplausos voltam. Neste instante, chamo Amanda e outras pessoas ao palco para não me sentir tão sozinho. Ela se coloca ao meu lado e, como preciso de proximidade, pego-a pela cintura.

Amanda me olha, sorri e saúda a todos.

— Continuo a sua disposição… não esqueça — sussurra.

Assinto. Sei o que ela quer dizer com isso. Embora sinta falta de carinho, desde que Judith me deixou sou incapaz de me aproximar de outra mulher.

Nesse tempo saí com meus amigos, fui ao Sensations, fui tentado por lindas mulheres, mas ninguém chamou minha atenção. Por incrível que pareça, embora

ficasse olhando enquanto os outros brincavam, não sucumbi à tentação.

Quando descemos do palco, todos nos cercam. Todos querem nos cumprimentar. Amanda e eu, sem perder o sorriso, posamos para milhares de fotos com todos que nos pedem.

Sedento, pego uma taça de champanhe que os garçons estão servindo e olho em volta em busca de alguém que não encontro.

Procuro sem descanso o grupo de espanhóis e, quando o vejo, eu e Amanda nos aproximamos. Ela colou em mim como um carrapato.

De imediato, vejo Judith.

Vejo a mulher que procuro ao lado de Miguel, e meu sangue ferve. No entanto, tentando ser profissional, tentando ser o Big Boss que supostamente sou, não foco nela. Nem sequer a olho. Todos sabem o que aconteceu entre nós, e olhar para ela com atenção seria motivo de novas fofocas.

Assim, depois de cumprimentar a todos, inclusive Judith, desapareço de novo com Amanda e continuo falando com os demais presentes.

Em determinado momento, uma italiana se apresenta e depois não se afasta mais de mim.

Sem perder o sorriso, continuo posando para fotos, até que ela, que é uma ruiva deslumbrante, pega-me pelo braço e murmura:

— Sr. Zimmerman, eu tinha muita vontade de conhecê-lo.

Fitando-a, sorrio. Em outras épocas, sem dúvida ela teria acabado nua em minha cama.

— É um prazer — murmuro.

De soslaio, observo a expressão de Judith. Está incomodada por me ver falando com essa mulher. E, disposto a incomodá-la o máximo que puder, a partir deste instante passo a cortejar a italiana e qualquer mulher que se aproxima de mim para tirar fotos.

Eu sou Eric Zimmerman, um macho alfa. O que ela está pensando?

Sem me afastar muito de onde ela está, vejo as horas passarem, até que volto para perto do grupo de espanhóis e faço graça com uma garota de Sevilha. Todos sorriem com o que dizemos.

Como quero que Judith vá ao evento desta noite, digo:

— Judith os levará até o local da festa. Ela conhece Munique.

Entregando um cartão a ela, que me olha contrariada, acrescento:

— Espero todos vocês lá.

Ao dizer isso, dou meia-volta e me afasto, sabendo que a deixei total-mente vendida com seus colegas e sem nenhuma chance de se recusar a ir à festa à noite.

Em meu caminho encontro de novo a italiana. Ela se insinua. Diz em que

quarto de hotel está, mas dou um jeito de me livrar dela.

A última coisa que quero agora é sexo!

Já fora da convenção, vou decidido até o estacionamento para pegar meu carro. Quero ir para casa, tomar um banho e reunir forças para a maldita festinha.

Estou chegando a meu veículo quando, de repente, ouço o som de saltos atrás de mim. Sinto certa impaciência. Será Judith?

Sem poder esperar nem mais um segundo, olho para trás. Eu me decepciono quando vejo Amanda, que corre até mim.

— Pode me levar até o hotel? — pergunta.

Assinto. Dizer não seria muito indelicado de minha parte.

Quando entramos no carro, ela tira os sapatos e murmura:

— Estavam me matando.

Acho graça e lembro de Judith. Vou dizer algo quando, de repente, sinto em minha virilha a mão de Amanda, que sussurra, tocando-me por cima da calça:

— O que acha de você e eu brincarmos um pouco em minha suíte?

Olho para ela, sentindo certo formigamento dentro de mim. É a primeira vez desde muitos anos que levo uma vida tão monástica. Quando vou dizer algo, ela acrescenta:

— Você não está mais com Judith. Sei que vocês terminaram. Não pode me dizer não.

Ela tem razão. Estou sozinho de novo, sou livre para decidir o que quero ou não fazer.

O problema é que fisicamente não estou com Judith, mas emocionalmente ela continua dentro de mim.

— Amanda… não — respondo, sorrindo.

Ao ouvir isso, ela retira a mão de onde estava, ajeita-se no banco e diz:

— Tudo bem, Eric. Por favor, leve-me até o hotel.

Em silêncio, ligo o carro, dirijo e a deixo no hotel onde estão hospedados os participantes do evento.

Assim que ela desce do carro, ligo o som. Está tocando U2. Mas quero ouvir outra coisa então aperto o botão até que consigo chegar ao CD que Judith deixou. E a voz de Alejandro Sanz começa a soar.

Vou dirigindo… Escutando as músicas… E cantarolando…

Cantarolo uma música em meu espanhol peculiar, prestando atenção na letra. Sorrio ao recordar como Judith a cantava enquanto gesticulava e apontava

para mim. Sem dúvida, no que diz respeito a sexo, como diz a letra, eu fui seu mestre e ela a minha aprendiz.

Ao chegar em casa, distraio-me com Flyn. Ele está brincando no jardim com Susto e Calamar. Esquecendo o desconforto devido à convenção, aproveito a companhia de minha família.

Às oito, depois de jantar com Flyn, tomo um banho, visto meu smoking preto e a gravata-borboleta e me despeço de meu sobrinho, de Simona e de Norbert. Preciso ir à festa da empresa.

Uma vez no local onde vai acontecer a festa, cumprimento vários diretores enquanto, disfarçadamente, procuro por Judith, mas não a vejo.

Maldição!

Impaciente, e esperando que ela apareça, vou até o balcão, onde peço uma bebida e cumprimento Amanda, que se aproxima de mim. Quando olho para a porta, vejo entrar o grupo da Espanha e, finalmente, ela também entra.

Enfeitiçado por seu cabelo escuro e o magnetismo que ela irradia, sigo-a com o olhar. Jud está linda com um vestido preto de *strass* na cintura. No momento em que a vejo sorrir por algo que seu amiguinho Miguel diz, encaminho-me para eles. Eles não me veem, estão distraídos. Transtornado, me aproximo mais e mais, quando, de repente, a ruiva italiana que me perseguiu o dia inteiro cruza meu caminho. Sorrio para ela. Sorrio com malícia, a fim de fazer Judith ver que eu também tenho outras que podem me fazer sorrir.

Depois de trocar umas palavras com essa mulher que me olha fascinada, de cujo nome não me lembro, peço que me acompanhe, e ela aceita encantada.

Logo após cumprimentar o grupo de espanhóis com a ruiva pendurada em meu braço, sigo meu caminho. Não demora muito e tenho que evitar que me beije duas vezes. Pelo amor de Deus, que insistente!

Por fim, para que ela sossegue, tiro-a para dançar, e ela fica emocionada.

Nunca gostei de dançar, mas nesse tipo de evento tenho que me mostrar cortês. Quando a música acaba, outra mulher pede para dançar comigo e, ao ver a expressão tensa de Judith, aceito. Quero que ela sinta o que eu sinto quando outros põem as mãos nela.

Amanda me observa. Sei que está contrariada pelo que eu disse a ela no carro horas antes. Quando acaba a música, ela se aproxima e, sorrindo, pede para dançar. Judith aperta a mandíbula. Eu a conheço, está muito incomodada.

Amanda e eu deslizamos com os outros pela pista.

— Acho que tem mais de duas mulheres desejando você esta noite — diz ela.

Olho para ela. Não sei se entendi o que ela quis dizer. E, passando a mão por meu pescoço, ela esclarece:

— Judith está nos olhando. Calma, isto vai deixá-la com mais ciúmes.

Boquiaberto, não sei o que lhe dizer. Então, vejo Judith dar meia-volta e sair da sala.

Disfarçadamente, observo o lugar por onde ela desapareceu. Minutos depois, vejo-a voltar. Está falando com Xavi Dumas, o diretor de Barcelona, e logo estão dançando perto de nós na pista.

Minha dança com Amanda acaba. Tento fugir, mas outra mulher se aproxima e não me resta mais remédio que seguir dançando.

Caralho… caralho… caralho!

Tento ser cavalheiro e atencioso com ela, mas é difícil. Meus olhos seguem Jud, que dança sorridente, e eu morro de ciúmes. Sem perdê-la de vista, continuo dançando. Quando acaba a música, vejo que ela muda de par e dança com outro homem.

Incapaz de permanecer impassível, e sem soltar a mulher que está em meus braços, disfarçadamente me aproximo de Judith. Sem nada a perder e muito a ganhar, digo, dirigindo-me a ele:

— Importa-se se trocarmos de par?

O homem me olha. Sou o Big Boss, e, evidentemente, ele não nega.

Sem olhar para a mulher que solto e entrego a ele, pego Judith pela cintura, ao som de “Blue Moon”.

— Está se divertindo, srta. Flores? — pergunto com certa arrogância.

Com um sorriso fingido, ela diz que sim. Mas eu a conheço, sei que está irritada. Muito irritada.

Conversamos. Tentamos nos comunicar, mas com nossas perguntas e respostas nos irritamos. Até que ela ameaça se soltar de mim com brusquidão, e eu, em atitude intimidadora, sibilo, segurando-a com força:

— Termine esta dança comigo, srta. Flores. Depois, faça o que lhe der na telha. Seja profissional.

Ela cede e pragueja em espanhol. Em silêncio, continuamos nos movimentando ao ritmo da música. Eu estou apreciando seu cheiro, seu toque, sua companhia. Mas sinto que ela não está.

Quando termina, com frieza, antes de soltá-la, beijo-lhe a mão e me despeço, olhando-a nos olhos:

— Como sempre, foi um prazer vê-la de novo. Espero que se divirta.

Dito isso, dou meia-volta e, com o coração gelado, sorrio para outra mulher

que se aproxima. Sem hesitar, começo a dançar com ela.

Quando acabo a dança com essa mulher, outra se aproxima com um sorriso cativante. Eu lhe digo que vou beber alguma coisa no bar e que mais tarde dançaremos. A mulher sorri, dou-lhe uma piscadinha e, sem vontade de que nenhuma outra ponha suas malditas garras sobre mim, caso contrário vou perder o controle, dirijo-me ao balcão.

Amanda se aproxima, sorri e afirma:

— Você é mau, Eric… Muito, muito mau.

Olho para ela. Ela se afasta e eu praguejo em pensamentos.

Durante um bom tempo observo Judith. Não está se divertindo. Eu a conheço. Se estivesse, estaria dançando na pista.

De onde estou, vejo que um homem, que não sei quem é, começa a falar com ela. E, pela expressão de Jud, intuo que é um chato. Isso me agrada. Sou um maldito egoísta. Prefiro que ela tenha que suportar um chato a que fique planejando levar alguém para seu quarto.

Estou observando-a quando dois conselheiros da Müller se aproximam e começamos a falar de trabalho. Até que volto a olhar em direção a Jud e vejo que ela já não está onde a vi pela última vez.

Pedindo licença, caminho pela sala em busca de Jud. Não a vejo em lugar nenhum. Quando, meia hora depois, me certifico de que também não está no banheiro feminino, fico alarmado e saio atrás dela. Sei onde está hospedada.

***

Já no hotel, pego o elevador. Chegando ao andar dela, caminho depressa até a porta de seu quarto. Antes de bater, escuto. Silêncio. Quieto demais. Com urgência, bato à porta.

Espero não a encontrar com ninguém!

Segundos depois, Judith abre a porta com um sorriso no rosto, que desaparece quando me vê. E eu, mordido de ciúmes, sibilo:

— Ora… vejo que não era a mim que esperava, srta. Flores.

Sem esperar que me convide, entro no quarto.

— O que deseja, senhor? — pergunta ela, sem sair da porta.

Olho para ela terrivelmente irritado.

Já não somos Eric e Jud. Agora somos srta. Flores e sr. Zimmerman. Magoado por causa dessa distância entre nós, respondo com toda a indiferença de que sou capaz:

— Não a vi ir embora da festa e queria saber se você estava bem.

Ela continua parada à porta me olhando com uma expressão fria que me

dói. Demonstra que dificilmente poderemos nos comunicar de forma calorosa.

— Se veio ver com quem vou me divertir no hotel, sinto decepcioná-lo, mas não saio com gente da empresa. Sou discreta. E quanto a estar ou não bem, não se preocupe, senhor, sei me cuidar muito bem. Portanto, pode ir — diz.

Fico furioso ao ouvir isso. Ela está me expulsando de seu quarto e de novo de sua vida sem pensar que se estou ali como um ciumento patológico é porque sinto falta dela, porque a amo e preciso dela.

Ao perceber que não me mexo, ela insiste:

— Saia de meu quarto agora mesmo, sr. Zimmerman.

Eu continuo imóvel.

Não quero… não quero ir embora. E, quando vou dizer o que sinto por ela, Jud diz, endurecendo o tom:

— O senhor não é ninguém para entrar aqui sem ser convidado. Certamente está sendo esperado em outros quartos. Corra, não perca tempo, tenho certeza de que Amanda ou qualquer outra das suas mulheres deseja ser o foco de sua atenção. Não perca tempo aqui comigo e vá se divertir.

Fico furioso. Suas palavras, seu olhar e sua atitude me deixam louco, e não quero mais lhe dizer o que sinto. Por isso, disposto a fazer tudo que não fiz durante todo esse tempo, saio de seu quarto sem olhar para trás.

Quando estou saindo do hotel, um táxi para e Amanda desce.

Olho para ela, ela me olha. A tensão é palpável quando ela diz:

— Suíte 816.

Furioso, assinto. Pego sua mão e nos dirigimos a sua suíte.

Assim que entramos, Amanda sussurra:

— Me foda.

Cego de raiva e frustrado pelo que Judith me disse e me fez sentir, faço o que ela me pede: fodo-a sem pensar em mais nada.

Duas horas mais tarde, depois de vários assaltos só pensando em meu próprio prazer, eu me visto e volto para casa.

Em meu quarto, olho-me no espelho. A fúria continua estampada em meu olhar. Com o coração frio devido à raiva que sinto por tudo, sibilo:

— Maldito Eric Zimmerman, você é patético.

68

Dois dias depois da convenção, recebo uma ligação de Madri. É Gerardo, para me dizer que a srta. Flores pediu demissão.

Como?

Eu o escuto sem poder acreditar. E, com frieza, quando desligo, penso que se é isso que Judith quer, que vá embora!

Com o passar das horas, a minha couraça de frieza vai se rachando.

Onde essa desajuizada pretende trabalhar?

Como pode sair da Müller?

E por que estou permitindo que se afaste de minha vida?

À noite, quando volto para casa, Susto e Calamar me recebem com carinho enquanto Flyn brinca com eles.

Meu sobrinho continua estranho. Desde que Judith foi embora, noto que algo nos separa. Ele não se comunica, não quer ter o nosso dia de homens, e já não sei o que fazer.

Quero passar algum tempo com ele e o convido para entrar na piscina comigo. Mas ele não quer, e eu não insisto. Estou farto de mendigar carinho. Decido entrar na piscina sozinho. Estou precisando.

Como imaginei, o mergulho me faz muito bem. Mas, ao entrar no quarto e fechar a porta, fico fitando o trinco que Judith colocou para preservar nossa intimidade.

Desmorono. As forças me abandonam e, sem poder conter as lágrimas, choro.

Não aguento mais… Não… aguento… mais…

Estou chorando porque sou um babaca, um imbecil e um egoísta.

Minha vida é uma merda.

Minha vida sem Judith não é vida.

Choro. Fico desesperado. Sinto raiva de mim mesmo.

Realmente quero viver sem ela?

Estou enxugando as lágrimas com as mãos quando olho para a luminária que um dia compramos juntos sobre o criado-mudo. Vê-la ali e ver a marca de seus lábios faz com que eu me sinta ainda mais sozinho.

Sei que minha irmã Marta tem razão. Sou um maldito imbecil chato e amargurado!

Preciso do cheiro de Judith. Abro o armário, onde, por sorte, ela deixou algumas camisetas. Pego uma, levo-a ao meu nariz e aspiro seu perfume.

Jud! Minha pequena!

Em décimos de segundo, sinto paz. A camiseta tem o cheiro dela, de minha moreninha, de minha cabeça-dura espanhola. Com o coração apertado por me sentir tão sozinho sem ela, dirijo-me ao banheiro.

Não quero ficar assim!

Tiro a roupa e entro no chuveiro. Isso vai me fazer relaxar e parar de chorar como um idiota. Mas, quando a água cai sobre meu corpo, passam por minha mente imagens dela nesse chuveiro. Penso em nossos lindos momentos e na quantidade de vezes que, ali naquele canto, entre risos e carinhos, Jud me pedia para ser seu garanhão.

Triste por causa das recordações, saio do chuveiro, visto-me e, secando as lágrimas, vou em busca de Flyn, Susto e Calamar. Preciso deles. Não quero ficar sozinho.

Mas, à noite, quando entro de novo no quarto, a dor volta. Imagens de Judith rindo, brincando, pulando na cama, correndo ou morrendo de rir pelo quarto me deixam arrasado.

Não posso tirá-la da cabeça.

Não sei se vou saber viver sem ela!

Eu a amo.

Eu a adoro e me dou conta de que tenho que fazer o que for para tê-la de volta. Se tiver que me jogar no chão e deixar que ela pise em mim… que assim seja!

***

Depois de uma noite na qual só consigo pensar que preciso de Jud em minha vida, porque a amo, necessito e desejo, às sete da manhã, prestes a perder o controle, pego o telefone e ligo para ela.

— O que você fez? — pergunto.

Durante alguns instantes, Judith não reage. Imagino-a com cara de sono. Insisto:

— Por que pediu demissão, Judith?

Ela continua sem responder. E eu, acelerado devido à noite horrível que passei, digo sem controlar meu tom de voz:

— Pelo amor de Deus, pequena, você precisa do emprego! O que pretende fazer? Onde vai trabalhar? Quer ser garçonete outra vez?

Ouço-a suspirar. Acabei de acordá-la. Isso não é bom.

— Não sou sua pequena e nunca mais me ligue — diz ela.

Não. Isso eu não vou aceitar.

Ela é minha pequena, minha moreninha, minha luz, meu sol e, claro, minha mulher! Entre nós existe algo muito especial, imensamente especial e bonito.

— Jud… — murmuro.

— Esqueça que eu existo.

E desliga.

Caralho… caralho… caralho!

Tenho que falar com ela! Ligo de novo.

Ela recusa a chamada.

Difícil! Muito difícil. Então, ligo para sua casa, mas não atende. Conhecendo-a, com certeza já tirou o telefone da tomada.

Penso em ir para a Espanha, para a casa dela. Quero, desejo ir, mas algo me diz que não devo, ou vou piorar as coisas. Preciso ser cauteloso. Agora só ela importa.

Durante o resto do dia tento falar com ela diversas vezes, mas é impossível.

Em uma das mensagens que lhe mando, mesmo consciente de que o que vou lhe contar pode jogar contra mim, confesso a ela o que aconteceu com Amanda na noite da festa e por que fiz o que fiz. E com a consciência limpa, mas o coração arrasado, decido seguir o conselho que seu pai me deu e lhe dou espaço.

Sem dúvida, depois de minha última confissão, Jud vai ter que pensar.

Espero que me perdoe!

Mas, no dia seguinte, quando me levanto, sinto necessidade de que ela saiba que é minha mulher e que, independentemente de qualquer coisa, continuo apaixonado por ela. Então, ligo para uma floricultura, encomendo um lindo

buquê de rosas vermelhas e mando incluir um cartão dizendo:

> *Como já lhe disse faz tempo, levo você em minha cabeça desesperadamente. Eu te amo, pequena.*
> *Eric Zimmerman*

Falo com Björn. Apareço em sua casa e me abro com ele. Meu amigo, sorrindo, me dá um leve soco no estômago e afirma que estou fazendo o certo. Se quero algo, tenho que lutar. E quero Judith. Eu a amo!

Passam-se as horas e ela não dá sinal de vida. Nem me manda uma mensagem me esculachando pelo que aconteceu com Amanda. Isso começa a me angustiar.

E se ela não me perdoar?

E se já me esqueceu?

E se eu fui só um passatempo para ela?

E se…

A angústia me domina, acaba comigo. Sem aguentar nem mais um segundo, ligo para o piloto de meu jatinho e aviso que em uma hora, no máximo uma hora e meia, estarei no aeroporto. Preciso ir para a Espanha.

Uma vez em Madri, vou direto para a casa dela. Ninguém atende o interfone.

Espero a noite toda em frente a seu prédio, mas ela não dá sinal de vida. Fico angustiado, então, às nove da manhã ligo para Manuel. Preciso saber se ela está em Jerez. Ao ficar sabendo que Judith foi viajar, mas que não disse para onde, praguejo em pensamentos.

Sem dúvida, ela fez isso para evitar que eu a encontre. Arrasado, volto para Munique, mas lhe envio centenas de mensagens, no celular e no e-mail:

> **De:** Eric Zimmerman
> **Data:** 25 de maio de 2013, 09h17
> **Para:** Judith Flores
> **Assunto:** Perdoe-me
> Estou preocupado, querida.

Eu agi mal. Acusei você de me esconder coisas quando eu sabia sobre sua irmã e não lhe contei. Sou um idiota. Estou ficando louco. Por favor, ligue para mim.
Eu te amo,
Eric

Espero resposta.

Acabo de lhe dizer que a amo, que estou ficando louco e nenhuma resposta. De noite, escrevo de novo:

De: Eric Zimmerman
Data: 25 de maio de 2013, 22h32
Para: Judith Flores
Assunto: Jud… por favor
Apenas diga-me que você está bem. Por favor… pequena.
Eu te amo,
Eric

Não durmo. Passo a noite toda em frente ao computador para ver se ela responde, mas nada. E escrevo de novo:

De: Eric Zimmerman
Data: 26 de maio de 2013, 07h02
Para: Judith Flores
Assunto: Mensagem recebida
Sei que você está muito brava comigo. Eu mereço, fui um idiota (além de babaca). Eu me comportei muito mal e me sinto péssimo. Eu estava contando os dias para vê-la na convenção de Munique e, quando a tive diante de mim, em vez de lhe dizer quanto a amo, me comportei como um animal acuado. Desculpe, querida. Desculpe, desculpe,

desculpe.
Eu te amo,
Eric

Envio a mensagem e tento dormir, mas com um olho aberto, porque, quando ela responder, quero que saiba que estou ali.

Mas nada. O dia passa e ela não responde. Então, em meu escritório, nessa madrugada, enquanto escuto esse cantor que minha mulher tanto adora, insisto:

De: Eric Zimmerman
Data: 27 de maio de 2013, 02h45
Para: Judith Flores
Assunto: Saudades
Estou escutando nossas músicas. Penso em você. Vai me perdoar um dia?
Eu te amo,
Eric

Quando acordo, no dia 27, estou cansado, esgotado. Estou com dor de cabeça, nos olhos e na alma. Nesse dia não vou trabalhar, não posso. Ligo para minha secretária e aviso que, para qualquer eventualidade, estarei em casa. Então, vou para a cama. Depois de tomar um comprimido, fecho os olhos com a esperança de que a dor de cabeça desapareça.

Quatro horas depois, acordo, e, por sorte, a dor passou e me sinto muito melhor.

Ligo para Manuel. Preciso saber dela. Ele, como nos demais dias, diz que não sabe onde ela está, mas que está bem. Pelo menos ela liga para ele.

Diariamente Simona faz as comidas de que mais gosto.

— Obrigado, Simona — digo.

Ela sorri. Não sou homem de agradecer, mas insisto:

— Obrigado por estar sempre aqui quando preciso e por ter estado ao lado de Judith sempre que ela precisou. Garanto que, sem você, esta casa não seria a mesma.

Simona me olha boquiaberta, pisca e murmura:

— Senhor… obrigada por suas palavras. — E toma coragem e diz: — O senhor vai conseguir. Vai reconquistar a srta. Judith, porque todos nós nesta casa precisamos dela.

Assinto. Como preciso acreditar em mim mesmo, declaro:

— Estou cuidando disso, Simona. Estou cuidando disso.

Quando ela sai da sala de jantar, levo à boca um pedaço do bife que ela fez. Está uma delícia.

Horas depois, Flyn volta com Norbert da escola. Vou recebê-los, e me surpreendo ao ver meu sobrinho com o lábio cortado. Sem poder acreditar, me aproximo, mas, quando vou perguntar, o menino não olha para mim e corre para o quarto.

Fico observando-o, imóvel, sem saber o que fazer. Norbert sussurra:

— Ele está bem, senhor, não se preocupe.

Assinto, mas tenho que saber o que aconteceu. Vou ao quarto dele, entro e fecho a porta.

Antes que eu diga alguma coisa, Flyn me olha e diz com os olhos marejados:

— Quero que Judith volte.

Ouvir isso faz meu coração amolecer mais ainda.

— Flyn… — murmuro —, escute…

— Quero que ela volte para nós, e você tem que dar um jeito — insiste ele.

Sei que ele tem razão. Preciso resolver isso.

— Um menino xingou a menina de quem eu gosto e eu a defendi — explica ele.

Isso me surpreende. Flyn gosta de uma menina?

Meu garoto está crescendo. Está descobrindo que as meninas não são um saco.

Quando vou falar, ele prossegue:

— Eu contei para Judith que gostava de Laura, mas pedi que guardasse segredo. E agora ela vai fazer aniversário, e não sei o que comprar. Preciso de Jud!

Tudo bem, era um segredo entre Judith e ele. Não há razão para eu ficar com raiva.

O importante agora é que Flyn precisa de ajuda para comprar um presente para uma menina de quem gosta.

— As mulheres sempre gostam de uma pulseirinha ou de um brinco — digo.

Ele me olha, mas quando vou abraçá-lo, ele se afasta e admite:

— Muitas coisas foram culpa minha, mas, para me proteger, ela não lhe contou.

Surpreso, observo-o se sentar na cama e continuar:

— Eu sempre chacoalhava a Coca-Cola porque sabia que ela ia beber e que ia explodir na cara dela, e Judith nunca lhe disse nada.

Eu me sento em uma cadeira e afirmo:

— Nunca. Juro.

Flyn enxuga uma lágrima que escorre pelo rosto e prossegue:

— Foi por minha causa que ela machucou o queixo.

— O quê?!

Meu sobrinho me olha. Noto a culpa em seu rosto. Ele diz:

— Por minha culpa ela teve que costurar o queixo no hospital.

Isso chama minha atenção.

— Eu não gostava dela. Queria que fosse embora, por isso fiz que saísse na neve e depois fechei a porta e não a deixei entrar. E… e… ela, tentando entrar por outro lugar, subiu… e… e escorregou e caiu — insiste ele.

— Flyn… — murmuro, comovido.

— Ela disse que eu não precisava contar para você — continua ele, enxugando as lágrimas —, que era um segredo entre mim e ela. E, depois, certa tarde, vi o skate e quis aprender. Todos os meus amigos sabem andar de skate, e eu queria ser igual aos outros…

O que Flyn me conta está partindo meu coração e me faz perceber os erros que cometi com ele.

Ele me olha. Preciso lhe pedir desculpas. Então, cobre os olhos e choraminga:

— Quero que Judith volte. Quero que Jud volte para casa.

Comovido pela necessidade que Flyn sente dela, eu o abraço. Sem dúvida, sente a falta dela tanto quanto eu.

À noite, quando meu sobrinho vai dormir, desço a meu escritório e escrevo:

De: Eric Zimmerman

Data: 27 de maio de 2013, 20h55
Para: Judith Flores
Assunto: Você é incrível
Flyn acabou de me contar sobre a Coca-Cola e sobre quando você caiu na neve. Por que você não me disse?
Se antes eu já a amava, agora amo mais ainda.
Eric

Envio a mensagem e fecho os olhos.

Não sei se Deus existe, mas, pela primeira vez na vida, desejo que exista e que me ajude com Judith. Preciso disso.

Quando chego ao trabalho, no dia seguinte, depois de atender a várias ligações de fornecedores, minha irmã e minha mãe aparecem no escritório. Com paciência, escuto suas queixas referentes à partida de Judith. Sua ausência afeta a todos nós. Como posso, dou um jeito de me livrar delas. Adoro as duas, mas odeio que se metam em minha vida, ainda mais se for para me insultar, como Marta costuma fazer.

Depois que elas vão embora, alterado devido a nossa conversa, mando outro e-mail para Judith. Sua teimosia já está me irritando.

De: Eric Zimmerman
Data: 28 de maio de 2013, 16h19
Para: Judith Flores
Assunto: É uma ordem
Caramba, Jud! Exijo que você me diga onde está. Pegue o maldito telefone e ligue para mim agora mesmo. Ou mande um e-mail. Agora!
Eric

Meu nível de desespero só aumenta, mas minha cabeça-dura espanhola não

me liga nem me escreve.

Mal durmo essa noite. As palavras de minha mãe e minha irmã dizendo como sou intransigente não me permitem. Na manhã seguinte, quando chego ao escritório, começa um dia enrolado que complica ainda mais minha existência.

Com um humor gélido e sangrento, vou a reuniões e ninguém me contesta. Sou o chefe, quem manda aqui sou eu.

Ela não responde a minhas mensagens, e me recuso a lhe mandar mais e-mails ou a ligar para ela.

Não aguento mais!

À tarde, quando chego em casa, saio com Flyn para comprar um presente de aniversário para a tal Laura. Depois de muito olhar, ele decide comprar uma pulseira de pedrinhas coloridas. Noto que está nervoso e emocionado. Reconheço que vê-lo assim me faz sorrir.

À noite, depois do jantar, quando ele vai dormir, estou em meu escritório escutando música para, como diz Jud, amansar a fera que existe em mim. Com vontade de lhe contar como Flyn está feliz, decido lhe escrever de novo:

De: Eric Zimmerman
Data: 29 de maio de 2013, 23h11
Para: Judith Flores
Assunto: Boa noite, pequena
Desculpe por meu último e-mail. O desespero devido a sua ausência me dominou.
Hoje foi um grande dia para Flyn. Laura o convidou para o aniversário dela e ele queria lhe contar.
Também não vai ligar para ele?
Te amo e sinto saudades,
Eric

Depois de enviar a mensagem, vou para a cama.

Quando me levanto, checo os e-mails, e nada. Não recebi nada dela.

Vou trabalhar. Nesse dia, falo com muita gente ao telefone, inclusive com Manuel, pai de minha cabeça-dura espanhola. E, quando tenho um tempo livre, escrevo para ela:

> **De:** Eric Zimmerman
> **Data:** 30 de maio de 2013, 15h30
> **Para:** Judith Flores
> **Assunto:** Não sei o que fazer
> O que tenho que fazer para você responder a minhas mensagens?
> Sei que você as recebe. Eu sei, querida.
> Sei por seu pai que você está bem. Por que não me liga? Minha paciência está acabando dia a dia. Você me conhece: sou um alemão cabeça-dura. Mas, por você, estou disposto a fazer o que for preciso.
> Eu te amo, pequena.
> Eric, o babaca

Leio a mensagem antes de enviá-la. Sinto-me um total e absoluto babaca!

69

A maldita semana passa toda sem eu ter notícias dela. Não sei onde Jud está, o que está fazendo nem com quem.

Fico louco, desesperado, sou um ogro com todo mundo. Quando penso nela, em minha pequena, em minha cabeça-dura espanhola, o chão some sob meus pés.

Na sexta-feira de manhã, Amanda me chama por Skype para resolver um assunto da empresa. Ao redor da mesa, seis pessoas e eu conversamos com ela. Em uma pausa para tomar um café, quando todos saem da sala de reuniões, exceto eu, coloco os fones de ouvido para uma conversa mais íntima e lhe peço desculpas pela última vez que nos vimos.

— Eric… você não tem que me pedir desculpas.

Sua voz é sincera. Do outro lado da tela, sua expressão também parece sincera. Entendo o que diz, que naquela noite não fizemos nada que já não tivéssemos feito em outras ocasiões. Mas certo de que eu, sim, fiz, replico:

— Amanda, fui um egoísta e…

— Eric — me interrompe ela —, eu sei perfeitamente o que você fez aquela noite, e foi o que eu queria. Eu lhe pedi que me usasse, que me comesse, que brincasse comigo, e foi o que você fez. Fez como outras vezes. Por que está me pedindo desculpas?

Ao ouvi-la dizer isso, percebo que tem razão. Nosso jogo é esse. Mas nem um pouco orgulhoso de meu egoísmo, digo:

— Amanda, eu amo Judith, e o que aconteceu não pode voltar a acontecer. E se lhe peço desculpas é porque naquele dia não fiz aquilo por prazer, e sim por vingança.

Ela fica em silêncio.

Eu não digo mais nada. Tiro os fones de ouvido e, cinco minutos depois, todos entram de novo na sala de reuniões e continuamos falando de trabalho.

***

Depois do almoço, assim que me sento em minha sala, decido escrever para Judith mais uma vez.

De: Eric Zimmerman
Data: 31 de maio de 2013, 14h23
Para: Judith Flores
Assunto: Não me deixe

Sei que você me ama, mesmo que não me responda. Vi isso em seus olhos na última noite no hotel. Você me expulsou, mas me ama tanto quanto eu a amo. Pense bem, querida. Agora e sempre, você e eu.

Eu te amo. Eu te desejo.

Saudades.

Preciso de você.

Eric

À noite, em casa, tomo um banho de piscina. Em seguida, quando estou subindo a escada para tomar uma ducha, ouço meu celular tocar. Surpreso, vejo que é o pai de Judith. Atendo depressa:

— Manuel…

— Está sentado, rapaz?

Estremeço ao ouvir isso. Sentando-me em um degrau, digo:

— Manuel, não me assuste.

Ele ri e isso me dá certa tranquilidade.

— Minha moreninha já está em Madri — diz ele.

Levanto-me em um sobressalto e, com o olhar fixo no chão, pergunto:

— Onde ela está?

— Na casa dela, rapaz… na casa dela.

Assinto… sorrio… E, quando vou dizer algo, ele acrescenta:

— Acabou de voltar de viagem e continua meio cabeça-dura, mas…

— Preciso vê-la.

— Rapaz, dê-lhe espaço.

Acabo de subir a escada.

— Espaço? Já lhe dei todo o espaço do mundo, Manuel. Estava ficando louco sem saber onde ela estava, e… — respondo.

— Eric…

Ao ouvi-lo dizer meu nome, me calo.

— Pode ser que você tenha razão, mas, se vai ver minha moreninha, permita-me estar por perto para lhe dar uma ajuda. Você vai precisar de reforços, porque, embora eu saiba que ela o ama e que morre de vontade de estar com você, não vai facilitar as coisas. Ela é muito cabeça-dura. Por acaso não a conhece? — diz ele.

Claro que a conheço!

Disposto a tudo por ela, afirmo:

— Ligo para você mais tarde e digo a que horas o pego no aeroporto de Jerez. E, Manuel…

— Sim, rapaz.

Com meu coração batendo como o de um idiota apaixonado, afirmo:

— Custe o que custar, não vou aceitar um não dela.

Depois de desligar, ligo para o piloto de meu jatinho. Marco com ele às quatro da manhã. Temos que ir a Jerez pegar Manuel e, depois, a Madri.

Penso no que ele me disse. Sem dúvida, Judith não vai facilitar as coisas. Pegando o telefone, ligo para minha mãe e minha irmã. Elas têm que ir comigo. Serão um excelente reforço.

Animadas, elas aceitam de imediato. Marco com elas no aeroporto às três e quinze da manhã. Ligo de novo para Manuel. Vamos pegá-lo às oito em Jerez.

Tomo um banho e desço para a sala de jantar. Ao cruzar com Simona, olho para ela e pergunto:

— Onde está Norbert?

A mulher para, olha para mim e diz:

— Na cozinha, esperando por mim. Deseja alguma coisa, senhor?

Assinto. Vamos para a cozinha e digo aos dois:

— Vocês se importariam de ir comigo esta noite à Espanha, em meu avião particular?

Norbert e Simona se olham, surpresos. É evidente que não estão entendendo nada.

— Vocês dois são importantes para Judith e estou decidido a reconquistá-la e pedi-la em casamento. Porém, conhecendo-a, tenho certeza de que precisarei de toda a ajuda possível — explico.

Simona sorri, assente e de imediato afirma:

— Conte conosco, senhor.

— E, por favor, Simona — insisto, fitando-a —, chame-a de Judith, como ela quer. Você sabe que isso é importante para ela.

A mulher sorri de novo e assente, e Norbert diz, boquiaberto:

— Iremos com o senhor com prazer.

Quando eles saem da cozinha, entra Flyn de pijama, seguido de Susto e Calamar.

— O que acha de ir se vestir agora mesmo e irmos para a Espanha buscar Jud? — pergunto.

Ele para, olha para mim e, esboçando um sorriso, murmura:

— Está falando sério?

— Totalmente sério.

Em zero vírgula três segundo, meu sobrinho desaparece da cozinha. Sorrio. A seguir, dirigindo-me aos cachorros, que olham para mim, afirmo:

— E vocês também vêm. Jud vai adorar vê-los.

Quando chegamos ao hangar onde está meu jatinho particular, minha mãe e minha irmã, que já nos esperam, sorriem. Flyn, feliz, vai cumprimentá-las.

Enquanto meu sobrinho conversa com elas, abro o porta-malas do Mitsubishi e pego a árvore vermelha dos desejos de Judith. Minha mãe se aproxima e, antes que ela fale alguma coisa, digo:

— Com Jud nunca se sabe, mamãe… Toda ajuda é pouca.

Ela sorri, sem poder acreditar.

Nervoso, espero a chegada de Björn, Frida e Andrés com o pequeno Glen. Eles também não podem faltar.

Durante a viagem, quase todos dormem.

— Vai fazer mesmo? — pergunta Björn em determinado momento.

Sei a que se refere.

— Sim. Vou pedi-la em casamento — respondo, pegando o anel que Jud já me devolveu em duas ocasiões.

Meu amigo sorri, pousa a mão em minha perna e murmura:

— Fico feliz por ver você apostar tudo por ela.

Olho o anel em minha mão e afirmo:

— Por ela, aposto a minha vida.

***

Às quinze para as oito da manhã estamos aterrissando no aeroporto de Jerez. Chegamos ao hangar e Manuel aparece pouco depois com Raquel e a pequena Luz.

Quando desço do avião, a menininha sai correndo em minha direção, gritando:

— Tio Eric!

Sorrio. Gosto de ser tio dessa pequena perguntona. Ela me abraça, olha para mim e pergunta:

— Tio, vou poder passar o verão com vocês e tomar banho na sua piscina?

Adorando sua efusividade, tão parecida com a de meu amor, respondo:

— Claro que sim.

Neste instante, Flyn aparece ao nosso lado. Noto como as duas crianças se olham. Isso não é bom… Mas, então, meu sobrinho, surpreendendo-me, pergunta:

— Você sabe jogar Mario Kart?

Olho para Luz. Ela pisca e, tirando com arrogância a franja do rosto, afirma:

— Eu sou campeã, garoto.

Rio. Fico surpreso ao ver meu sobrinho dar a uma menina a chance de jogar com ele. Vou dizer algo quando ouço:

— Ah, Eric! Espero que minha irmã tome juízo e entenda de uma vez por todas que fui eu quem o proibiu de lhe contar sobre minha separação.

Olho para Raquel e suspiro.

— Eu também espero — digo, dando-lhe um beijo no rosto.

A seguir, Manuel se aproxima, dá-me um abraço e murmura:

— Vamos, rapaz, você tem que reconquistar minha moreninha!

Feliz, assinto. Entramos todos no avião e, minutos depois, decolamos rumo a Madri.

70

Quando aterrissamos em Madri, estou com os nervos à flor da pele, embora tente ser o sujeito forte e impassível de sempre. Um micro-ônibus que aluguei nos pega no aeroporto e nos dirigimos ao bairro de Judith.

Em frente ao edifício, todos olham para mim esperando que eu diga algo.

— Muito bem, o plano é o seguinte. Subimos, vocês se escondem e eu tento falar com ela. Se a coisa ficar difícil, vocês vão aparecendo um por um na ordem que combinamos e me ajudam. Tudo bem? — explico.

— Ótimo, querido! — afirma minha mãe.

Com um sorriso, olho para ela e dou uma piscadinha. Ela sabe melhor que ninguém como me sinto.

Enquanto abre o portão com sua chave, Manuel diz:

— Vamos, rapaz… Você consegue!

Em silêncio, entramos todos no edifício, seguidos de Susto e Calamar, que farejam tudo. Quando chegamos ao andar de Jud, olho para todos e sussurro, nervoso:

— Esperem-me aqui.

Todos assentem.

— Boa sorte com a fofinha! — diz Raquel, baixinho.

Feliz, mas angustiado devido ao touro espanhol que vou enfrentar, caminho até a porta de Judith. Ouço música do outro lado. Bom! Isso vai amansar a fera.

Com o coração a mil, olho para a frente.

E se ela não quiser me ver?

Como preciso de respostas, me encho de coragem e toco a campainha. Instantes depois, a mulher mais bonita do mundo está diante de mim.

Olhamo-nos…

Piscamos…

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ela tenta fechar a porta. Mas sou

rápido e coloco a perna para impedi-la. Sentindo a madeira ferir meu pé, murmuro:

— Querida, por favor, escute.

— Não sou sua querida, nem sua pequena, nem sua moreninha nem nada. Fique longe de mim.

A pressão que ela faz com a porta é descomunal.

Que força!

Quando acho que ela vai quebrar meu pé, digo:

— Por Deus, Jud, está acabando com meu pé!

Ela pede que eu o retire, mas eu não obedeço. Digo que ela é meu amor, minha querida, minha namorada, minha vida…

Sem parar de empurrar a porta, Judith me pede que vá embora, que desapareça. Mas eu me recuso. Não quero! E ela continua aprisionando meu pé com a porta.

— Deixe-me entrar.

— Nem pensar.

Pressiono. Insisto o máximo que posso e mais.

— Por favor, Jud. Eu sou um babaca, o homem mais babaca do mundo, e permitirei que você me chame de babaca todos os dias de minha vida, porque eu mereço — suplico.

De repente, a força com que ela tenta fechar a porta se suaviza. Sem dúvida, minhas palavras finalmente fazem efeito. Então, abro a porta por completo e insisto, retirando o pé:

— Escute, pequena…

Olho ao redor e vejo o apartamento de ponta-cabeça. Com um sorriso, pergunto:

— Limpeza geral? Ora, você deve estar muito, muito furiosa!

Judith suspira. Olha para mim incrédula e sibila:

— Não se atreva a entrar em minha casa. Antes que continue com essa avalanche de palavras bonitas, quero que saiba que não vou tornar a hipotecar minha vida para que tudo dê errado de novo. Você me deixa desesperada. Não consigo ficar com você. Não quero deixar de fazer as coisas de que gosto porque você quer me manter em uma gaiola de cristal. Não, eu me recuso!

Ela tem razão. Tenho que mudar. Não posso sufocá-la, asfixiá-la, como estava fazendo. Preciso que ela sinta que vou mudar por ela, então olho para ela e murmuro:

— Eu te amo, srta. Flores.

Judith me olha. Balança a cabeça, não quer acreditar em minhas palavras.

— Até parece! Deixe-me em paz! — exclama.

Olho para ela. Preciso que me olhe nos olhos, olhos azuis pelos quais um dia ela se apaixonou. Mas, de repente, zás! Ela fecha a porta no meu nariz.

Olho para a porta, boquiaberto. Balanço a cabeça quando minha irmã, minha mãe, Raquel e todos os outros começam a sussurrar:

— Toque de novo… toque a campainha outra vez.

Peço que se calem, que não façam barulho, mas estão agitados. Tanto quanto eu.

Sem perder tempo, toco de novo e insisto para que fiquem calmos. Então, Simona aproxima-se e, levantando a voz, diz:

— Não pode se dar por vencido, senhor. Tem que convencer a srta. Judith.

— Estou tentando, Simona, não percebe?

A mulher assente e seu marido se aproxima também. Neste instante, Judith abre a porta, olha para nós boquiaberta e Norbert diz:

— Senhorita, desde que foi embora, nada mais é igual. Se voltar, prometo que a ajudarei a arrumar a moto sempre que quiser.

Agora o surpreso sou eu. Por acaso eu pedi a Norbert que dissesse isso?

Quando vou dizer algo, Simona entra na casa de minha pequena e a abraça, e eu as observo do lado de fora.

— E eu prometo chamá-la de Judith. O patrão me deu permissão. Judith, sinto sua falta e, se não voltar, o patrão vai nos infernizar pelo resto de nossos dias. Você nos deseja isso? — diz Simona.

Norbert olha para sua mulher, surpreso, enquanto eu evito sorrir. Bela jogada, Simona!

— Além disso — prossegue a mulher —, assistir a *Loucura esmeralda* sozinha não tem a mesma graça de quando a víamos juntas. A propósito, Luis Alfredo Quiñones pediu Esmeralda Mendoza em casamento outro dia. Gravei o capítulo para vermos juntas.

Maravilhosa. Simona é maravilhosa. E Judith, minha linda Jud, leva as mãos à boca, emocionada, e murmura:

— Ah, Simona!

Suas palavras tocam o coração de minha pequena. Então, Manuel solta Susto e Calamar, e eles entram como dois loucos na casa.

A expressão de Jud ao vê-los é indescritível.

Olha para mim. Olha para Simona, para Norbert e para os cachorros.

— Susto! — grita.

O galgo pula sem parar. Está tão feliz quanto ela. Rapidamente, Jud o abraça.

O animal, feliz, lambe o rosto dela. Até que Jud o solta, dá-lhe um beijo no focinho e, fitando Calamar, murmura:

— Como você cresceu, anão.

Feliz por ver sua felicidade, eu me apoio na porta. Então, vejo minha mãe se aproximar. Ela também entra e, surpreendendo Jud de novo, diz:

— Minha querida, se não vier conosco depois do que Eric armou, você é tão cabeça-dura quanto ele. O meu filho a ama, ele me confessou isso.

Judith me olha. Por fim um olhar sem ódio!

Depois, abraça minha mãe e trocam beijinhos. De soslaio, vejo Manuel avançar e, entrando no apartamento para pressionar ainda mais a filha, dizer:

— Sim, moreninha, este rapaz a ama muito. Eu disse que ele ia voltar para você! E aqui está. Ele é seu guerreiro e você, a guerreira dele. Vamos, minha querida, eu a conheço. Se você não gostasse deste homem, já teria retomado sua vida e não estaria com essas olheiras.

— Papai… — murmura meu amor, comovida.

Manuel, tão emocionado quanto ela, dá-lhe um beijo e sussurra:

— Seja feliz, meu amor. Aproveita a vida por mim. Não me faça ser um pai preocupado pelo resto dos meus dias.

Judith chora.

Todos se emocionam com o momento. Quando sinto que estou me emocionando também, Raquel passa ao meu lado e, entrando na casa, grita tão emocionada quanto o resto:

— Fofinhaaaaaaaaaa! Ai, que coisa linda que Eric fez! Ele reuniu todos nós para lhe pedir desculpas. Que romântico! Que maravilhosa prova de amor!

Sorrio. Gostei de ouvir Raquel dizer isso.

— É de um homem assim que eu preciso, não de um bruto. E, por favor, desculpe-o por não lhe contar de minha separação. Eu ameacei trucidá-lo se ele contasse — acrescenta ela.

Os olhos de Judith me buscam, fixam-se em mim. Sinto que algo está acontecendo. Sem dúvida, todas essas pessoas e suas palavras não a estão deixando indiferente.

A seguir, minha irmã passa ao meu lado e se posiciona em frente a Jud, que sorri ao vê-la.

— Se disser não ao cabeça-dura do meu irmão, juro que vou trazer todo o pessoal do Guantanamera para convencê-la enquanto bebemos shots de tequila e gritamos: *azúcar*. Pense no que custou para ele pedir ajuda a todos nós. Este homem se abriu totalmente, e você vai ter que recompensá-lo. Ande, ame-o tanto quanto ele a ama.

Judith a abraça. Abraça-a como abraça aos outros enquanto me olha. E, neste momento, disfarçadamente, faço um gesto e entra o terremoto Luz, dizendo:

— Titiaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa! Tio Eric prometeu que vou passar os três meses do verão com vocês na piscina.

Surpreso, olho para a fedelha. Os três meses? Eu prometi isso?

— E quanto ao chi… a Flyn — prossegue a menina —, ele é muito legal. Gosto dele! Precisa ver como joga Mario Kart. Ele é muito bom!

Judith abraça sua sobrinha, sorrindo, e faço um sinal a Flyn, que também entra no apartamento. Ele olha para Jud, pula em seu pescoço e começa a beijar seu rosto como poucas vezes o vi fazer.

Ela se deixa beijar, encantada. Então, Flyn sai e entra de novo arrastando a árvore vermelha dos desejos que levamos de Munique, coloca-a no meio da sala lotada e diz:

— Jud, ainda não lemos os desejos que fizemos no Natal.

Boquiaberta, impressionada, Judith olha para a árvore. Depois, olha para mim.

— Eu mudei meus desejos. Os que escrevi no Natal não eram muito bonitos. Além do mais, confessei a meu tio que eu também escondia segredos. Eu lhe contei que fui eu que chacoalhei a Coca-Cola aquele dia para que explodisse em sua cara e que por minha culpa você caiu na neve e machucou o queixo — diz Flyn, pegando a mão de Jud.

Sem se afastar dele, Judith sussurra para ele algo que não consigo entender. Mas ouço a resposta de Flyn:

— Eu tinha que contar. Você sempre foi boa comigo, e ele tinha que saber.

De novo Jud e eu nos olhamos.

Algo me faz entender que seu nível de fúria está bem menor.

— Ah! A propósito, querido, a partir deste ano, vamos celebrar o Natal juntos. Chega de celebrar separados — diz minha mãe.

— Muito bem, vovó! — afirma Flyn.

— E nós estaremos presentes também — acrescenta Manuel.

Olhamos todos para Luz quando ela aplaude e grita:

— Muito bem, *yayo*!

Então, Björn, Frida e Andrés, com o pequeno Glen, entram também, e Jud se joga em seus braços, feliz. Acho que a surpreendi, e fico feliz.

Durante um tempo, os observo conversarem. Todos dão sua opinião, seu ponto de vista, eles dentro da casa e eu no corredor. Até que Judith vai até a porta com uma expressão que me deixa desconcertado.

Ah, não! Não gosto nem um pouco dessa expressão. Quando acho que vai fechar a porta em minha cara, murmuro:

— Eu te amo, pequena. Digo isso a sós, diante de nossa família e diante de quem for preciso. Você tinha razão. Depois do que aconteceu com Hannah,

entrei em um processo que não fez bem nem a mim nem a minha família. Foi errado, especialmente com Flyn. Mas, então, você entrou em minha vida, em nossa vida, e tudo mudou para melhor. Acredite, amor, você é o centro de minha existência.

Judith pisca enquanto todos os outros murmuram, felizes. Mas a expressão de minha moreninha não muda. Com medo de que me rejeite, insisto:

— Sei que não fiz as coisas direito. Tenho um gênio ruim, sou frio às vezes, chato e intratável. Vou tentar corrigir isso. Não prometo porque não quero decepcioná-la, mas vou tentar. Se você me der outra chance, voltaremos a Munique com sua moto, e prometo que serei o que mais vai aplaudi-la e gritar em suas competições de motocross. Se quiser, com a moto de Hannah eu a acompanharei pelos campos ao lado de casa. Por favor, pequena, dê-me outra chance.

Sei que não tem muito mais o que dizer para convencê-la. Judith me olha. Todos nos olham, e eu nem me mexo.

De repente, ela me empurra e me afasta da entrada de sua casa. Fico alarmado. Todos ficam, quando, aproximando-se de mim, ela me encurrala contra a parede, fica na ponta dos pés e murmura:

— Você não é chato. Eu gosto de seu gênio ruim e de sua cara de mau humor, e não vou permitir que mude.

Ao ouvir isso, uma paz que jamais conheci se instala dentro de mim.

Ao ouvir isso, uma alegria perdida me inunda.

Ao ouvir isso, sei que minha pequena voltou para mim, e não vou permitir que se afaste de novo. Abraçando-a com todo o amor de que sou capaz, encosto minha testa na dela e sussurro:

— Tudo bem, querida.

Olhamo-nos… devoramo-nos, e, por fim, ela murmura:

— Eu te amo, Iceman.

Sorrio. Desejo ser seu Iceman, seu babaca, seu… o que for! Nós nos beijamos, e todas as pessoas que nos amam aplaudem, felizes.

Sem dúvida, essa parte acabou bem. Mas eu, que preciso de mais que isso, afasto-me um pouco e sussurro:

— Pequena, você me devolveu duas vezes este anel. Espero que não haja uma terceira.

Sem pensar duas vezes, tiro o anel do bolso de minha calça, fico de joelhos e, depois de lhe dizer o que penso, pergunto:

— Srta. Flores, quer se casar comigo?

Ninguém, exceto Björn, esperava por isso. Todos gritam, entusiasmados, e eu não tiro os olhos da mulher que adoro.

Ela começa a coçar o pescoço. Está nervosa!

Não responde. Só se coça. Então, levantando-me, levo a boca a seu pescoço e começo a soprar, dando-lhe tempo para processar meu pedido.

Sou o primeiro a saber que casamento não está nos planos de Judith. Mas, de repente, ela me olha nos olhos e declara, deixando-me louco:

— Sim, sr. Zimmerman, eu quero me casar com você.

Todos pulam, felizes, ao redor, enquanto Jud e eu nos olhamos fascinados. Então, ela fecha a porta da casa para que fiquemos a sós no corredor e pergunta:

— Você armou tudo isso para mim?

Eu digo que sim, que, por ela, faço tudo que for necessário e mais. Rimos, e ela diz que sentiu falta de umas garrafas de rótulo rosa.

Incrível! Minha futura mulher é incrível!

Feliz e contente, digo-lhe que, quando voltarmos a Munique, ela terá todas as que quiser na geladeira. E ela sorri e me beija.

Meia hora depois, quando todos já foram embora, meu amor, rindo, murmura que vai me castigar.

Disposto a tudo, assinto. Que me castigue!

Tão excitada quanto eu, ela me pede que vá até a cama e tire a roupa.

Estou gostando do jeito que começa meu castigo!

Feliz, obedeço, passando por cima das caixas ainda fechadas que têm que voltar para Munique imediatamente! Quando tiro a roupa e me jogo na cama, Judith aparece fantasiada de policial malvada.

Mãe do céu… mãe do céu!

Eu a contemplo, brincalhão, enquanto ela caminha diante de mim, excitando-me e me provocando, até chegar ao aparelho de som. Divertida, ela olha para mim e, ao apertar um botão, começa a tocar “Highway to Hell”, do AC/DC, a todo volume.

Feliz, sorrio. Ela ri e, tirando o cassetete do cinto, murmura, olhando para mim:

— Você foi muito mau, Iceman.

— Eu assumo, policial — assinto.

Em seu papel de policial malvada, Judith dá dois golpes secos na mão com o cassetete e sussurra:

— Como castigo, você sabe o que eu quero.

Sou incapaz de não rir. Sei muito bem o que ela quer. Pegando-a, coloco-a

sob meu corpo. Pronto para fazer da luxúria algo especial, tórrido e único em nossa vida, olho para ela e sussurro:

— Primeira fantasia: abre as pernas, pequena.

E ela abre. E como abre!

71

Depois de passar três dias em Madri, nos quais aproveitamos para mostrar a Simona e Norbert a maravilhosa cidade, voltamos todos juntos para a Alemanha. Uma semana depois, as coisas de Judith chegam de novo.

Sua volta é motivo de felicidade contínua, especialmente porque estamos preparando o casamento, que se aproxima.

Beijamo-nos… acariciamo-nos… fazemos amor… e eu mal passo pelo escritório, pois, quando fico mais de duas horas longe dela, parece que vou morrer.

Passam-se os dias e Luz chega a Munique com sua mãe gravidíssima e seu avô. Eles vão passar as férias de verão conosco antes do casamento.

De não se suportar, Luz e Flyn passaram à fase de não poder se separar, e a ideia que um não tem, tem o outro. Às vezes o que aprontam é épico, maaaaaaas… como vejo que Judith encara tudo com tranquilidade, decido fazer o mesmo. Não quero estragar tudo de novo por causa de minha irritação e de minhas manias.

Flyn se irrita quando Jud e Luz ganham de nós no Mortal Kombat. Boquiabertos, depois da surra que as duas nos dão, meu sobrinho e eu ficamos olhando para elas enquanto gritam e cantam: “Weeee are the champions, my friend…”.

Feliz… sou feliz. Desde que ela voltou a nosso lar, tudo voltou a ser como deve ser.

Quando Flyn e Luz vão correndo para a cozinha beber alguma coisa, aprisiono minha moreninha na poltrona e murmuro, animado:

— Temos um minuto, dois, no máximo. Vamos, tire a roupa!

Judith ri, nós nos beijamos e, de repente, ouvimos:

— Fofinhaaaaaaa!

De imediato, sentamos direito.

É Raquel, que nos olha da porta e murmura, assustada:

— Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Acho que a bolsa estourou!

Preocupados, levantamo-nos. Corremos até ela e vemos a poça que está se formando a seus pés.

Oh… isso me deixa angustiado! Não estávamos esperando.

Raquel, desesperada, grita descontroladamente:

— Não pode ser. Não posso entrar em trabalho de parto. Falta um mês e meio! Não quero entrar em trabalho de parto! Não. Eu me recuso!!!

Judith me pede ajuda com o olhar, mas eu não posso fazer nada. Nem sou médico nem sei como deter um parto.

— Fique calma, Raquel — murmuro, enquanto pego meu telefone para pedir ajuda.

Ela se solta de nós e grita:

— Não posso parir aqui. A menina tem que nascer em Madri. Todas as coisas dela estão lá, e… e… Onde está papai? Temos que ir para Madri… Onde está papai?

De repente, Jud cobre a boca com a mão e ri. O que está fazendo?

Olho para ela boquiaberto enquanto tenta fazer a irmã usar a cabeça. Mas nada. Diga o que disser, Raquel não a escuta.

Jud pretende fazê-la entender que a menina vai nascer na Alemanha, ela querendo ou não. Mas Raquel fica brava e começa a dar tabefes a torto e a direito. Até que me pega pelo pescoço e, olhando-me com os olhos fora das órbitas, exige:

— Chame seu avião. Mande que nos pegue e nos leve a Madri. Tenho que dar à luz lá.

Jud dá gargalhadas. Sem dúvida, é a tensão que a está fazendo reagir assim.

Então, Raquel, ao notar que me pegou pelo pescoço, solta-me e protesta, fitando sua irmã:

— Por favor, não ria!

Mas Jud continua rindo, e a situação está começando a me tirar do sério.

Consigo me afastar dessas duas loucas e falo com Simona. Ela vai ter que ficar com as crianças até Norbert voltar com Manuel. A seguir, sem me importar com os protestos de Raquel, pego-a no colo, enfio-a no carro à força e Judith e eu a levamos para o hospital onde minha irmã trabalha.

Uma hora depois, chegam Norbert e Manuel. O homem está preocupado, nervoso, e eu lhe digo que Raquel está em boas mãos. E acompanhada de Judith, o que parece tranquilizá-lo.

Passam-se as horas e, quando vou me levantar para pedir notícias, as portas se abrem e aparece minha pequena, que, fitando seu pai e a mim, sussurra:

— Meu Deus, foi horrível!

Preocupado com ela, abraço-a.

— Foi horroroso, Eric… horroroso. Veja como está meu pescoço! — insiste Jud.

Assinto. Seu pescoço está terrível. Então, Manuel, que nos observa, protesta, impaciente:

— Moreninha, deixe de bobagens e diga como está sua irmã.

Judith olha para seu pai, suspira e sussurra:

— Ah, papai, desculpe! Raquel e a menina estão ótimas. A bebê pesa quase três quilos, e Raquel chorou e riu quando a viu. Está ótima!

Manuel se alegra, abraça a nós dois. É o homem mais feliz do mundo. Mas, então, Jud se agarra a mim e noto que está muito pálida.

O que houve com ela?

Está tonta. Assustado, eu me preocupo. Faço-a sentar em uma cadeira. Seu pai começa a abaná-la com uma revista, e ela, olhando para mim, sussurra:

— Por favor, querido. Não permita que eu passe por isso.

Olho para ela, surpreso, até que entendo que está me dizendo que não quer ter filhos. Manuel e eu trocamos um olhar, e ele, morrendo de rir, diz:

— *Ojú*, *miarma*, até nisso você é igualzinha a sua mãe!

Agora quem sorri sou eu. Nunca pensei em ter filhos. Beijando Judith, cuido dela até que, finalmente, fica bem.

Uma hora depois, quando estamos no quarto que providenciei para Raquel, estão todos felizes. Ela está bem, e a pequena Lucía é uma preciosidade. Com carinho, olho a menina e peço permissão a Raquel para pegá-la. Ela concede, com um sorriso.

Judith me olha e lhe dou uma piscadinha. E com uma habilidade que não sei de onde saiu, tiro a bebê do berço. Quando a coloco em meus braços, sinto-me o homem mais gigante do mundo.

A menina é linda, pequenininha, moreninha e tem uma boquinha apaixonante. Sem poder evitar, contemplo minha pequena e digo:

— Querida, eu quero uma!

Raquel e Manuel soltam gargalhadas, mas Judith não.

— Nem morta! — sibila ela.

Sua cara e o modo como me olha indicam que não vê graça nenhuma. Sorrindo, não insisto mais. Contudo, acabei de dizer que quero filhos. Certamente vão ser parecidos com ela.

***

À noite, quando voltamos para casa, Judith está calada. Chega a me assustar. Vamos nos casar em poucos dias.

Parando o veículo quando chegamos a nosso bairro, peço:

— Desça do carro.

Ela sorri. Sabe por que estou fazendo isso e obedece.

Procuro uma música que é especial para nós e aumento o volume. A seguir, desço do carro, olho para a mulher que me observa e, enquanto a voz de Malú canta “Blanco y Negro”, pergunto:

— Dança comigo?

Judith sorri. Enquanto dançamos abraçados, eu falo de crianças.

Ela se nega. Diz que não quer filhos, recusa-se a passar pela dor que a irmã passou.

— Meu Deus, Eric! Se você tivesse visto o que eu vi, entenderia por que eu não quero ter filhos — murmura.

Sorrio, não posso evitar. Gesticulando, ela insiste:

— Fica assim… enorme… enooooorme, e deve doer uma barbaridade. Não, definitivamente, eu me recuso. Não quero ter filhos. Se quiser cancelar o casamento, vou entender. Mas não me peça que pense em ter filhos neste momento porque não quero nem imaginar.

Ótimo! Ela disse “neste momento”. Isso dá margem para que pense mais para a frente. Dando-lhe um beijo carinhoso e doce na testa, murmuro:

— Você vai ser uma mãe excepcional. Basta ver como trata Luz, Flyn, Susto, Calamar, e como olhava para a pequena Lucía.

Judith continua dançando, olha para mim e não diz nada.

— Ninguém vai cancelar casamento nenhum. Agora, feche os olhos, relaxe e dance comigo a nossa música — afirmo.

Jud relaxa. Relaxa, e sinto que aproveita o momento.

72

Na manhã do casamento, minha mãe aparece e insiste que dá azar os noivos saírem da mesma casa.

Jud e eu nos olhamos. Não acreditamos nessas coisas. Mas, depois que Raquel se junta a minha mãe, para que parem de falar, decido pegar meu terno e minhas coisas e ir para a casa dela. Se quiser evitar que estraguem meu dia, é o melhor a fazer.

Com minha mãe passo uma manhã tranquila, até que meu telefone toca. Ao ver que é Jud, atendo depressa:

— O que foi, querida?

— O que foi?! O que foi?! — grita ela, fora de si. — Foi que tenho uma irmã muito chata, mas muito… muito… muito… e uma sobrinha que é um pé no saco. Juro que estou quase afogando as duas na piscina, e depois quem vai se afogar sou eu.

Suspiro. Tentando fazê-la relaxar, murmuro:

— Querida, fique calma.

Judith suspira, pragueja e, por fim, sussurra:

— Eric… acha que estamos fazendo o certo?

Sem poder evitar, sorrio. Já me fiz essa pergunta mil vezes nos dois últimos meses.

— Acho que sim, minha vida — respondo. — Acho que estamos fazendo o melhor para nós.

Jud suspira. Antes que o pessimismo se apodere completamente dela, tento fazê-la ver como seremos felizes depois do casamento.

Sempre que conversamos sobre o assunto, acabo convencendo-a, mas fico preocupado. Ainda faltam duas horas para a cerimônia, e o ânimo de Jud pode mudar de novo.

Organizei o dia com muito cuidado para fazê-la feliz e quero que ela

aproveite.

Sem que ela saiba, contratei a cantora que ela tanto admira para que interprete nossa música, aquela que nos deixa apaixonados cada vez que a escutamos.

Também tentei contratar outro cantor que ela adora, mas ele me informou que seria impossível devido a outros compromissos. Mas me garantiu que da próxima vez que estiver em Munique vai ligar para dar um alô a Judith. Não quero nem imaginar a cara dela no dia que isso acontecer.

Com a ajuda de Manuel, convidei alguns amigos importantes de Jerez e, sem nenhuma ajuda da parte de ninguém, também chamei algumas Guerreiras Maxwell. Pelo que sei, estão todos no hotel, prontos para surpreender a noiva na cerimônia.

As duas horas passam mais depressa do que eu esperava. Quando entro na igreja de São Caetano vestindo meu fraque escuro, cumprimento a todos.

Meia hora depois, com o coração cheio de alegria, vejo a noiva chegar com o pai. Judith está linda, é a noiva mais bonita que já vi na vida e quero que ela veja isso em meu olhar. Seu sorriso me diz que, de fato, vê, como também me diz que está ali porque quer e que está feliz.

Depois de uma cerimônia curta, saímos da igreja já como marido e mulher, e todos nos cobrem de pétalas de rosas brancas e de arroz. Beijamo-nos. Feliz, olho para ela e murmuro:

— Adoro saber que, por fim, você é oficialmente a… sra. Zimmerman.

Judith sorri. Está tão radiante quanto eu e me beija. Sua expressão é de absoluta felicidade ao ver as Guerreiras Maxwell – as loucas estão de camiseta branca com letras prateadas que dizem “Eu quero um Eric Zimmerman” – e os vários amigos de Jerez e de Madri. Ela não esperava!

O jantar é agradável, garanti que não faltassem as garrafas de champanhe de rótulo rosa. Surpreendo outra vez minha mulher quando, para abrir o baile, aparece Malú no palco, que interpreta a nossa música: “Blanco y negro”.

A festa dura horas – mais do que eu jamais imaginei que poderia suportar – mas aguento e aproveito.

Apaixonado, olho para minha mulher, que dança salsa na pista com minha irmã e seus amigos enquanto gritam *azúcar!* como loucas. E eu tenho que rir. Não posso evitar!

Quando chegamos em casa, eu a desejo com todas as minhas forças.

Estamos sozinhos, minha mãe ficou com Flyn. Fecho a porta, e Jud, que agora é minha mulher, vai me despindo peça por peça.

— Coloque a gravata-borboleta, Iceman — sussurra ela, indicando a gravata do fraque.

Feliz, coloco. Isso e o que ela quiser. E, puxando-me, Judith me leva até o escritório. Na porta, olhamo-nos e, antes de entrar, ela murmura:

— Quero que rasgue minha calcinha.

Assinto. Adoro essa ideia!

Como um louco, me agacho diante do esvoaçante vestido de noiva e tento levantar a volumosa saia. Mas parece não ter fim.

Quanto tecido tem isso?

Judith me encara, faz com que me levante e, entrando em meu escritório, pede, alegre:

— Venha… sente-se em sua poltrona.

Obedeço, enquanto, excitado, vejo-a desabotoar a saia de seu lindo vestido, que cai a seus pés.

Colossal!

Jud me olha, aproxima-se vestindo apenas o corpete do vestido e a calcinha. Apoiando-se com sensualidade na mesa de meu escritório, exige:

— Agora, rasgue-a!

E a rasgo. Claro que rasgo!

Rasgo a linda calcinha e de imediato a tatuagem que tanto significa para nós fica diante de mim. Com a voz rouca de desejo, passo o dedo por cima dela e sussurro:

— Peça-me o que quiser.

Jud e eu nos olhamos e, ao ver sua expressão, sei o que quer. Eu a conheço muito bem. Pegando-a no colo, levo-a até a escada da biblioteca e a apoio contra ela.

— Sim… sim… sim… — arfa ela. — Quero meu Iceman garanhão.

Satisfeito e feliz, realizo a fantasia de Judith.

Ela se abre para mim e exige força e profundidade. Entro e saio de seu corpo sem compaixão, mas com carinho e ousadia. Judith se mexe, se contorce em meus braços, aproveita o ataque, e ao mesmo tempo me encara com os olhos velados de desejo e sussurra:

— Mais… quero mais.

E lhe dou. Dou-lhe tudo de mim, enquanto o fogo, a luxúria e a paixão se apoderam de nós e trazem à tona esse lado animal de que tanto gostamos e que curtimos com loucura.

Força… êxtase… luxúria…

Tudo isso, somado ao nosso amor, a nossa devoção, transforma o ato em algo único, selvagem e especial. Quando atingimos o clímax, beijamo-nos com amor.

— Você é minha vida, pequena — digo, ao separar minha boca da sua.

Jud sorri e enrosca as pernas em minha cintura. Satisfeito e sem soltá-la, caminho para minha mesa, abro uma gaveta, pego um envelope e, entregando-o a ela, digo:

— É o destino de nossa lua de mel.

Sorrindo com doçura, minha linda mulher olha as passagens e, arregalando os olhos, exclama:

— Riviera Maya! Adorei!

Eu sei… eu sei que ela sempre quis ir para lá. E, uma vez mais, seu desejo é uma ordem.

Continua…

Referências às canções

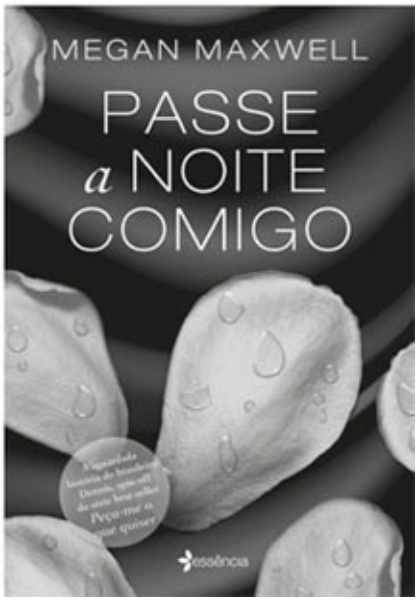
- “Blanco y Negro”, Armando Ávila, María Bernal, Aitor García, Jules Ramllano; Sony Music, 2010. Sony Music Entertainment Espanha, S. L., interpretada por Malú.
- “Me Muero”, Natalia Jiménez, Armando Ávila; Norte, 2006. Sony Music, interpretada por Quinta Estación.
- “Kiss”, Prince; Warner Bros., 1986.
- “September”, Albert McKay, Maurice White, Allee Willis; Legacy/Columbia, 1978. Interpretada por Earth, Wind & Fire.
- “Cry Me a River”, Arthur Hamilton; 143 Records/Reprise, 2009. Interpretada por Michael Bublé.
- “Kissing a Fool”, George Michael; 143 Records/Reprise, 2003. Interpretada por Michael Bublé.
- “(I Can’t Get No) Satisfaction”, Mick Jagger, Keith Richards; ABKCO Records, 1965. Interpretada por The Rolling Stones.
- “Sabor a Mí”, Alvaro Carrillo; WEA Latina, 1997. Interpretada por Luis Miguel.
- “Highway to Hell”, Bon Scott, Angus Young, Malcolm Young; Legacy/Epic, 1979. Interpretada por AC/DC.
- “You Are the Sunshine of My Life”, Stevie Wonder; Motown, 1972.
- “My All”, Walter Afanasieff, Mariah Carey; Columbia, 1997.
- “Aprendiz”, Alejandro Sanz; WEA International, 2004.
- “Blue Moon”, Lorenz Hart, Richard Rodgers; Verve/PolyGram/Universal, 1952. Railroad/Blackdog, interpretada por Billie Holiday.
- “We Are the Champions”, Freddie Mercury; Island, 1977. Virgin EMI, interpretada por Queen.

Leia também:


MEGAN MAXWELL
DESEJO CONCEDIDO
primeiro volume de Guerreiras,
a série mais esperada pelas fãs da autora
essência


MEGAN MAXWELL
FÚRIA DOMADA
segundo volume da série Guerreiras
essência


MEGAN MAXWELL
Adivinhe quem sou
essência


MEGAN MAXWELL
PASSE
a NOITE
COMIGO
essência

Louras…

Morenas…

Ruivas…

Altas…

Baixas…

Magras…

Cheinhas…

Todas… Gosto de todas as mulheres sexualmente ativas. Adoro seus corpos, suas curvas e seu jeito de curtir o sexo, e enlouqueço quando se entregam completamente a meus desejos.

Enquanto tomo um drinque no Sensations, um bar de Munique que frequento com regularidade e que tem um ambiente bem liberal, noto que todas me observam.

Sou um macho alfa!

Todas querem que eu as deixe nuas.

Todas me desejam entre suas coxas. Todas morrem de vontade de ser escolhidas esta noite.

Os clientes assíduos do Sensations sabem muito bem por que estão ali. Gostam de sexo ardente, inflamado e cheio de tesão, e querem curti-lo de mil maneiras. E eu sou um deles.



Arquivo pessoal

MEGAN MAXWELL, nascida na Alemanha e radicada na Espanha, se dedica aos romances femininos e eróticos há mais de uma década, tendo publicado seu primeiro livro, *Te lo Dije*, em 2009.

Vencedora de mais de dez prêmios literários, entre eles o Prêmio Internacional de Seseña – em 2010, 2011 e 2012 –, atraiu fãs no mundo inteiro com seus relatos contemporâneos e históricos.

É autora de mais de 20 títulos, entre eles *Adivinhe quem sou*, *Adivinhe quem sou esta noite*, *Pela lente do amor* e a série Guerreiras – publicados no Brasil pela Planeta –, e vive em Madri com o marido, os filhos, o cão Drako e as gatas Julieta e Peggy.

Mais informações sobre Megan Maxwell e sua obra estão disponíveis no site oficial: www.megan-maxwell.com

PlanetaLivrosBR
planetadelivrosbrasil
PlanetadeLivrosBrasil
planetadelivros.com.br

Meu nome é Eric Zimmerman e eu sou um poderoso empresário alemão. Sou conhecido por ser um homem frio e impessoal, que gosta de sexo sem amor e sem compromisso.

Em uma das minhas viagens à Espanha, conheci a jovem Judith Flores. Ela me fez rir, me fez cantar, até me fez dançar, e eu não estava acostumado com nada disso. Quando percebi que estava sentindo mais do que deveria, achei que era hora de me afastar. Mas acabei voltando. Essa mulher me atraía como um ímã.

Nosso relacionamento foi, desde o início, marcado por altas doses de fantasia e erotismo, e eu queria ensinar Judith a curtir o sexo de uma maneira que ela nunca havia imaginado. E você? Se atreve a descobrir o lado submisso, dominante e *voyeur* que existe dentro de todos nós?




MEGAN MAXWELL
FÚRIA DOMADA
segundo volume da série Guerreiras
essência

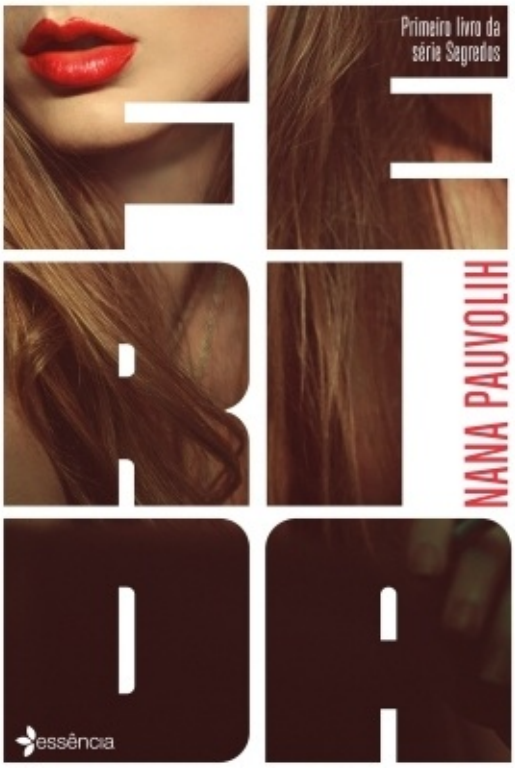
Fúria Domada

Maxwell, Megan
9788542211894
363 páginas

Compre agora e leia

Gillian é conhecida entre os membros de seu clã como "a Desafiadora" por seu caráter indomável – sua principal qualidade e também sua grande maldição. Apaixonou-se por Niall na infância e viveu com ele uma bela história de amor, interrompida quando o rapaz partiu para lutar junto ao rei da Escócia sem dizer adeus. Gillian jurou que nunca o perdoaria.Tão teimoso e orgulhoso quanto sua amada, Niall está de volta, mas não é mais o mesmo homem, disposto a qualquer coisa para reconquistá-la. Agora que se reencontraram, nenhum dos dois quer dar o braço a torcer. Mas a paixão dopassado os domina novamente.

Compre agora e leia


Primeiro livro da
série Segredos
LIRIO
NANA PAUVOLIH
essência

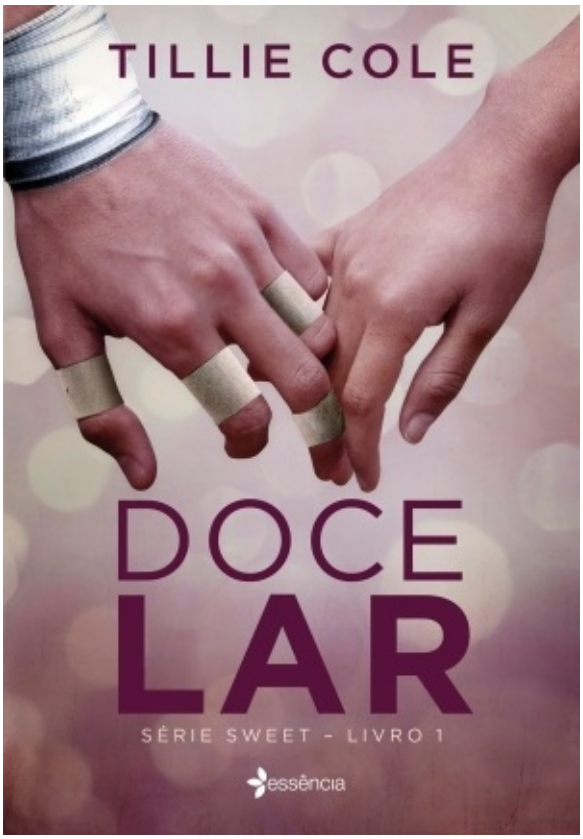
Ferida

Pauvolih, Nana
9788542212624
352 páginas

Compre agora e leia

"Em sua inexperiência e doçura, deixava-me mais doido do que jamais estive. E eu, que pensava que já tinha visto tudo, que me guiava pela força e pela violência, estava domado pela sua delicadeza." – TheoTheodoro é o mais velho dos irmãos Falcão e assumiu os negócios da família após uma grande tragédia. Com personalidade marcante, dura e impositiva, tornou-se um homem acostumado ao poder e a ter a última palavra. Até que em seu caminho entra Eva, uma jovem com metade da sua idade que quer a qualquer custo se vingar da família Falcão. Trazendo com ela segredos do passado e usando uma identidade falsa, Eva está disposta a tudo para seduzir Theo e lutar contra uma grande injustiça cometida com seus avós e sua mãe.Mas, quando em meio ao ódio de Eva e aos fetiches de Theo surge uma poderosa atração, eles precisarão decidir quem irá ceder nessa disputa de gerações.

Compre agora e leia


TILLIE COLE
DOCE
LAR
SÉRIE SWEET - LIVRO 1
essência

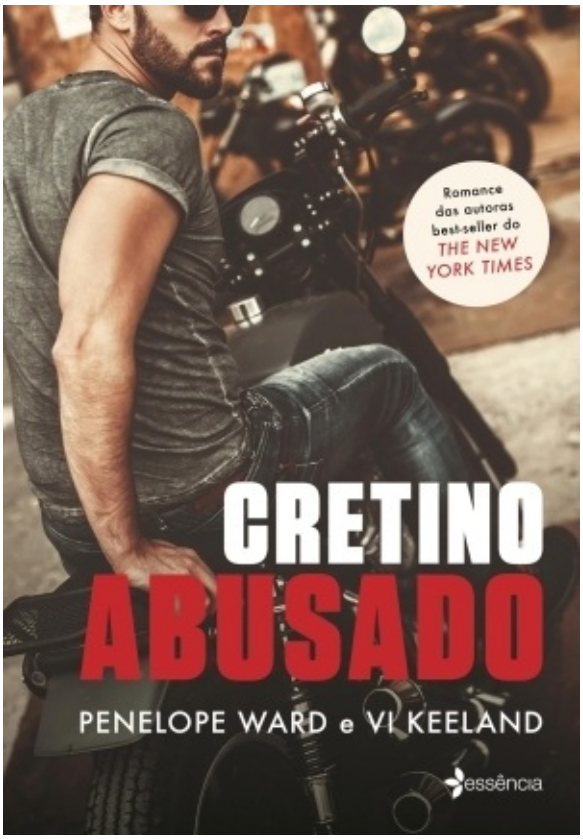
Doce lar

Cole, Tillie
9788542213133
320 páginas

Compre agora e leia

Aos vinte anos, Molly Shakespeare acha que já sabe de tudo. Ela leu Descartes e Kant. Ela estudou em Oxford. Ela sabe que as pessoas que te amam também te deixam. Mas quando Molly se muda da cinzenta Inglaterra para começar uma nova vida nos Estados Unidos, ela descobre que ainda tem muito a aprender. No Alabama os verões são mais quentes, as pessoas mais intimidantes e os alunos de sua nova escola muito mais viciados em futebol. Após conhecer o famoso quarterback Romeu Prince, Molly só consegue pensar em seus olhos castanhos, cabelos loiros, físico perfeito... e em como sua vida tranquila e solitária parece estar a ponto de mudar drasticamente.

Compre agora e leia


Romance das autoras best-seller do THE NEW YORK TIMES
CRETINO ABUSADO
PENELOPE WARD e VI KEELAND
essência

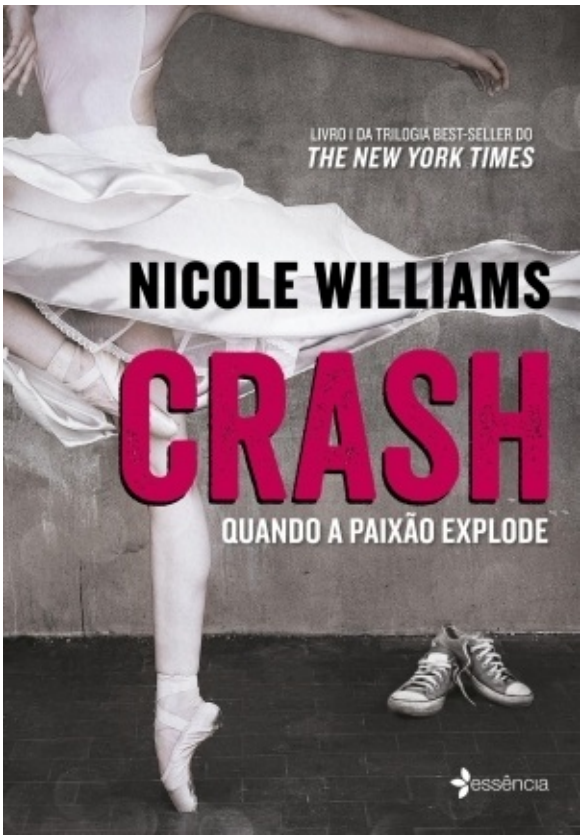
Cretino Abusado

Ward, Penelope
9788542211610
217 páginas

Compre agora e leia

Após ser traída pelo ex-namorado – chefe da firma de advocacia em que trabalhava – Aubrey decide que precisa de um recomeço. Deixa tudo para trás e aceita um emprego em uma startup na Califórnia, Estados Unidos, e parte em uma viagem de carro que mudará toda a sua vida.Em uma parada na estrada, Aubrey conhece Chance, um homem atraente que viajava de moto. Com o corpo perfeito e sotaque australiano, o ex-jogador de futebol era bem convencido e arrogante.Quando sua moto quebra, Chance precisa da ajuda de Aubrey. Ele promete levá-la em segurança até seu destino em troca de uma carona, e os dois decidem seguir viagem juntos.Aubrey está traumatizada após seu último relacionamento, mas sente uma atração incontrolável por aquele cretino abusado. Apesar da ligação cada vez mais forte entre os dois, Chance guarda um segredo que poderá separá-los para sempre.

Compre agora e leia


LIVRO I DA TRILOGIA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES
NICOLE WILLIAMS
CRASH
QUANDO A PAIXÃO EXPLODE
essência

Crash

Williams, Nicole
9788542210668
219 páginas

Compre agora e leia

Para a adolescente Lucy, nada é mais importante que o balé. A dança a transporta para um mundo onde a dor, as lembranças ruins e a violência não existem. Um mundo só dela. Um dia, porém, aquela garota certinha é obrigada a mudar de escola. E é nesse novo ambiente, repleto de descobertas e inseguranças, que conhece um garoto que só usa cinza e vive com uma toca de lã na cabeça. Jude, o maior bad boy da escola, é lindo e seria o sonho de toda garota, e talvez até o genro que todo pai pediu a Deus... se não tivesse sido preso várias vezes e não morasse num abrigo para garotos desajustados. Lucy não liga para a opinião dos outros: o mais importante é o que Jude sente por ela. E o rapaz parece disposto a abrir seu coração, ainda que um segredo que assombra o passado e o presente dos dois esteja prestes a estraçalhar essa paixão.

Compre agora e leia

Table of Contents

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35

36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72